

O SERTÃO

E SUAS VEREDAS

Fontes para a história indígena do antigo sul
de Mato Grosso e regiões adjacentes
(1829-1871)



Textos, aquarelas e mapas de
João Henrique Elliott, Joaquim Francisco Lopes e do
Barão de Antonina (João da Silva Machado)
organizados, apresentados e comentados por

**PABLO ANTUNHA BARBOSA, GRACIELA CHAMORRO E
PROTASIO PAULO LANGER**

O SERTÃO

E SUAS VEREDAS

Fontes para a história indígena do antigo sul
de Mato Grosso e regiões adjacentes
(1829-1871)

Pablo Antunha Barbosa
Graciela Chamorro
Protasio Paulo Langer
(orgs.)

O SERTÃO E SUAS VEREDAS

Fontes para a história indígena do antigo sul
de Mato Grosso e regiões adjacentes
(1829-1871)

Textos, aquarelas e mapas de
João Henrique Elliott, Joaquim Francisco Lopes e do
Barão de Antonina (João da Silva Machado)
organizados, apresentados e comentados por
Pablo Antunha Barbosa, Graciela Chamorro
e Protasio Paulo Langer

DOURADOS (MS) E ARRAIAL D'AJUDA (BA)



São Leopoldo
2024

© Autores – 2024

PROJETO GRÁFICO
Giovane Silva (Giovane Design) / Editora Oikos

TEXTOS / AQUARELAS / MAPAS
João Henrique Elliott, Joaquim Francisco Lopes e
Barão de Antonina (João da Silva Machado)

ARTE-FINALIZAÇÃO
Jair de Oliveira Carlos

REVISÃO
André Dick

IMPRESSÃO
Impressos Portão

CONSELHO EDITORIAL
Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)
Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)
Eunice S. Nodari (UFSC)
Haroldo Reimer (UEG)
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)
João Biehl (Princeton University)
Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)
Marluza Marques Harres (Unisinos)
Martin N. Dreher (IHSL)
Oneide Bobsin (Faculdades EST)
Raúl Fornet-Betancourt (Intern. Schule für Interkult. Philosophie Aachen/Alemanha)
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)
Vitor Izecksohn (UFRJ)

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau – CEP 93120-020 – São Leopoldo / RS
Tel.: (51) 35682848 – contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

S489 O sertão e suas veredas. Fontes para a história indígena do antigo sul de Mato Grosso e regiões adjacentes (1829-1871). / Organizadora/es: Pablo Antunha Barbosa, Graciela Chamorro e Protasio Paulo Langer. – São Leopoldo: Oikos, 2024. 356 p.; il.; color.; 20 x 28cm. ISBN 978-65-5974-255-4
1. Indígena – História – Brasil. 2. Historiografia indígena. 3. Antropologia histórica. I. Barbosa, Pablo Antunha. II. Chamorro, Graciela. III. Langer, Protasio Paulo.

CDU 981(=1-82)

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

A g r a d e c i m e n t o s

O *Sertão e suas veredas* foi possível graças ao apoio de inúmeras pessoas, na árdua tarefa de compilar e transcrever os documentos. Destacamos aqui as instituições onde elas trabalham e desde onde elas colaboraram conosco na compilação.

Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo

Arquivo Público do Estado do Paraná, Curitiba

Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, Cuiabá

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Biblioteca Central do Museu Nacional, Rio de Janeiro

Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro

Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro

Museu do Índio, Rio de Janeiro

Biblioteca Francisca Keller, Museu Nacional, Rio de Janeiro

Museu Paranaense, Curitiba

Centro de Documentação Regional, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados

Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo

Instituto Geológico, São Paulo

Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, Campo Grande

Museu de Arqueologia, Campo Grande

Museu Andrés Barbero, Assunção – Paraguai

Estiveram presentes conosco, impulsionando a organização deste livro com os documentos compilados, as/os colegas, mestras e mestres Isabelle Combès, Paulo Cimó, Carlos Barros Gonçalves, Alexis Zelensky, Levi Marques Pereira, Alexandra Barbosa, João Pacheco de Oliveira, Bartomeu Melià (em memória), Fabio Mura, Rubem Thomaz de Almeida (em memória), Tônico Benites, Daniel Pierri, Diego Milos, Nicolas Richard, Joaquin Bascope e estudantes de História e Historiografia Indígena do PPGH/UFGD. A todas essas pessoas também nossos agradecimentos.

Agradecemos à Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul/FCMS que, pelo Edital nº 11/2023, para Fomento a Ações Culturais de Audiovisual Lei Paulo Gustavo – Mato Grosso do Sul, auspiciou a publicação da presente obra.

Não menos importantes, agradecemos a nossos familiares, amigos e amigas, que nos acompanharam com seu incentivo e afeto.

Siglas

AHI – Arquivo Histórico do Itamaraty

AN – Arquivo Nacional

APEP – Arquivo Público do Estado do Paraná

APESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo

APMT – Arquivo Público do Estado do Mato Grosso

BN – Biblioteca Nacional

DGI – Diretoria Geral dos Índios

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IHGMS – Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico do Paraná

IHGSP – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

RIHGB – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

SPI – Serviço de Proteção aos Índios



Prólogo <i>Isabelle Cambès</i>	11
Apresentação do “livro de fontes” <i>Pablo Antunha Barbosa, Graciela Chamorro e Protasio Paulo Langer</i>	13
Parte I	25
João Henrique Elliott ou a biblioteca invisível de Nímuendajú: um ensaio de antropologia histórica sobre os estudos guarani contemporâneos <i>Pablo Antunha Barbosa</i>	25
Parte II - Fontes históricas	49
Escritos - Cartas, diários de viagem e novelas	49
Derrotas de Joaquim Francisco Lopes pelos sertões das províncias de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso (1829 a 1841) <i>Joaquim Francisco Lopes</i>	49
Informações que pude obter do alferes Antônio Pereira Borges, Comandante da Companhia exploradora formada em Campos Gerais de Curitiba, na demanda dos campos denominados Paiquerê, Freguesia da Ponta Grossa, 30 de outubro de 1842 <i>João da Silva Machado</i>	99
Participação oficial, que em data de 2 de setembro de 1843 dirigiu João da Silva Machado (hoje barão de Antonina) ao governo da província, acerca dos alojamentos de indígenas no município de Itapeva <i>João da Silva Machado</i>	109
Resumo do itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema e seus afluentes, pelo Paraná, Ivaí e sertões adjacentes, empreendida por ordem do Exmo. Sr. Barão de Antonina <i>João Henrique Elliott</i>	117
Itinerário das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto da vila de Antonina e o Baixo Paraguai na província de Mato Grosso: feitas nos anos de 1845 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descritas pelo Sr. João Henrique Elliott <i>João Henrique Elliott</i>	137
Itinerário de Joaquim Francisco Lopes encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a província de São Paulo e a de Mato Grosso pelo Baixo-Paraguai <i>Joaquim Francisco Lopes</i>	157
Aricó e Caocochee ou uma voz do deserto. História fundada em fatos, dedicada ao Ilmo. e Exmo. Sr. Barão de Antonina <i>João Henrique Elliott</i>	175
A emigração dos Cayuaz. Narração coordenada sob apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliott. Pelo sócio efetivo o Sr. brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira <i>João Henrique Elliott</i>	193

O enfeitado. Romance original <i>T. (João Henrique Elliott)</i>	209
Itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Iguatemi, Amambai e parte do Ivinheima, com os terrenos adjacentes começada no dia 3 de agosto de 1857, por Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott <i>João Henrique Elliott</i>	225
Diário da exploração realizada por Joaquim Francisco Lopes ao rio dos Dourados entre 14 de abril e 2 de julho do ano de 1858 <i>Joaquim Francisco Lopes</i>	253
Memória sobre a vereda mais fácil da estrada para Mato Grosso pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes <i>Joaquim Francisco Lopes</i>	273
Álbum iconográfico - Desenhos e Planta de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso <i>João Henrique Elliott</i>	297
Mapas <i>João Henrique Elliott</i>	327
Mapa 1. Mapa corográfico de parte da província de S. Paulo, incluindo também parte das províncias circunvizinhas de Mato Grosso, Santa Catarina, São Pedro do Sul e dos Estados vizinhos de Corrientes e Paraguai, mostrando o verdadeiro curso de alguns rios que deságuam no Paraná e margem setentrional do Uruguai e cujas junções são melhor conhecidas pelo resultado das explorações mandadas fazer pelo Barão de Antonina nos sertões de Paranapanema, Tibagi, Ivaí nos anos de 1844 e 1845.	329
Mapa 2. Mapa corográfico de parte das províncias de São Paulo e Mato Grosso, mostrando a nova via de comunicação do Porto da Vila de Antonina ao território de Cuiabá e República do Paraguai em consequência das explorações feitas pelos Sertanistas Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott desde o ano de 1844 até os fins de 1847 em serviço do barão de Antonina.	330
Mapa 3. Mapa corográfico de parte das províncias de São Paulo e Mato Grosso para mostrar a nova via de comunicação desde o Porto da Vila de Antonina à cidade de Cuiabá. Oferecido ao Ilmo. e Exmo. Sr. Visconde de Monte Alegre por seu amigo o barão de Antonina.	331
Mapa 4 . Corográfico da Província do Paraná.	333
Mapa 5. Esboço da estrada que vai da Cidade de Castro para a colônia Militar de Jataí, e Aldeamento de São Pedro de Alcântara e Pirapó para a melhor inteligência das plantas dos terrenos pertencentes ao Aldeamento de São Jerônimo, mostrando a posição relativa deste, e a utilidade de um estabelecimento aqui para o socorro de dita colônia e Aldeamentos, e do comércio que por aqui transita para a Província de Mato Grosso.	334
Mapa 6. Planta corográfica da fazenda das Congonhas, pertencente ao Exmo. Snr. Barão de Antonina; incluindo também parte dos terrenos dos aldeamentos indígenas de São Jerônimo, e das terras nacionais circunvizinhas.	335
Mapa 7. Mapa corográfico da província do Paraná, incluindo também parte das Províncias circunvizinhas, República de Paraguai e Confederação Argentina, aumentado com as últimas explorações feitas nos Rios Paraná, Amambai, Escopil e Iguatemi por Lopes e Elliott no ano de 1857. Desenhado por João Henrique Elliott e oferecido ao Ilmo. e Revmo. Snr. Frei Timóteo de Castelnuovo, Digno. Diretor do Aldeamento de S. Pedro de Alcântara do Jataí.	337

Mapa 8. Mapa corográfico da Província do Paraná, incluindo também parte das Províncias circunvizinhas, República do Paraguai e Confederação Argentina, aumentado com as últimas explorações feitas nos rios Paraná, Ivinheima, Amambai, Escopil e Iguatemi por J. F. Lopes e J. H. Elliott, e por eles oferecido ao Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Antonio Barboza Gomez Nogueira, Digno. Presidente da Província do Paraná. 339

Mapa 9. Mapa corográfico da província do Paraná, incluindo também parte das províncias circunvizinhas, República do Paraguai e Confederação Argentina, aumentado com as últimas explorações feitas nos rios Paraná, Amambai, Escopil e Iguatemi por Lopes e Elliott no ano de 1857. Desenhado por João Henrique Elliott e oferecido ao Ilmo. e Revmo. Snr. Frei Timotheo de Castel Novo, Digno. Diretor do Aldeamento de São Pedro de Alcântara de Jataí. 341

Mapa 10. Mapa corográfico da Província do Paraná, incluindo também parte das Províncias circunvizinhas; República do Paraguai e Confederação Argentina; mostrando a nova via de comunicação entre a Província do Paraná e a de Mato Grosso desde a Colônia Militar do Jataí até o Presídio de Miranda e aumentada com as últimas explorações nos rios Paraná, Ivinheima, Amambai e Iguatemi feitas por J. F. Lopes e J. H. Elliott no ano de 1857. Desenhado por João Henrique Elliott e por ele oferecido ao Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Domiciano Leite Ribeiro, Ministro e Secretário do Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. 343

Mapa 11. Planta da 1ª secção da estrada que segue da Província do Paraná para a de Mato Grosso, desde a Fazenda do Vorá (8 léguas, N. NO. da Cidade de Castro) até a Colônia Militar do Jataí, incluindo também parte das propriedades particulares, e terras nacionais circunjacentes; pelo Ajudante da Comissão João Henrique Elliott, 1870. 344

Mapa 12. Planta dos Campos de Xerés da Vacaria desde o Rio Paraná até a Vila de Miranda, mostrando por onde deve seguir a projetada estrada da Província do Paraná para a de Mato Grosso, com as fazendas mais notáveis que existiam antes da invasão paraguaia. 345

Índice remissivo 347

Sobre a organizadora e os organizadores 356



Prólogo

A pocos años de empezar la Segunda Guerra Mundial, Marc Bloch comenzó a escribir –y nunca logró terminar– una obra seminal que marcaría generaciones enteras de estudiosos: la *Apología para la historia*. En esta verdadera Biblia del oficio, sostenía: “Todo libro de historia digno de este nombre debería comportar [...] una sucesión de párrafos que se llamarían más o menos: ‘¿Cómo puedo saber lo que les voy a decir?’”¹.

Bloch, Lucien Febvre y tantos otros autores de la llamada escuela de los Anales fueron los fundadores de la “nueva historia”. Dejando atrás las letanías de fechas, batallas épicas y sucesiones de reyes, crearon “otra historia”: una historia social, atenta a los usos y costumbres, a las creencias, sentando las bases de lo que, hoy, llamamos antropología histórica o etnohistoria. Ya lo decía Claude Lévi-Strauss: se trate de los *Roís Thaumaturges* de Bloch o del *Problème de l’incroyance au XVIIe siècle* de Febvre², “todo buen libro de historia está impregnado de etnología”³. En una época en la que no pocos antropólogos e historiadores discutían ásperamente sobre la identidad y los terrenos reservados de sus respectivas disciplinas, estos libros volvían caduco el debate abrevándose de ambas.

Invirtiendo la propuesta de Lévi-Strauss y respondiendo al pedido de Bloch, Pablo Barbosa, Graciela Chamorro y Protasio Langer nos muestran hoy con esta compilación que todo buen libro de antropología también está (debería estar) impregnado de historia. En este caso, de la materia prima de la historia: los documentos escritos, iconográficos y cartográficos, que esta compilación nos ofrece ahora en el caso de Mato Grosso do Sul y de los indígenas que allí moran.

Los compiladores han escogido un periodo clave del pasado de Mato Grosso do Sul: la época previa a la Guerra de la Triple Alianza hasta el final de la misma, es decir, a grandes rasgos, las décadas escalonadas entre 1830 y 1870. Esta elección está lejos de ser casual. De hecho, se admite tradicionalmente que toda la región recién empezó a ser colonizada al finalizar la guerra. De esta manera, para los antropólogos, el contacto entre los indígenas y “los blancos” dataría de los años 1870. Pero ocurre que no es cierto: y los documentos están ahí para demostrarlo.

Mapas y diarios de viajes que se remontan a los años 1840 evidencian que el proceso de colonización del actual Mato Grosso do Sul empezó en la primera mitad del siglo XIX; por ende, también en esta época empezó a tener consecuencias entre los indígenas de la región: los Ava-Guaraní o Ñandeva y los Kaiowá de habla guaraní, los Terena, los Guaykurú, etc. Los documentos están repletos de detalles: la ubicación de los campamentos indígenas, los nombres de los caciques; preciosos dibujos de las casas kaiowá, de la vestimenta de la gente; relatos extensos y de primera mano sobre las famosas (e)migraciones guaraníes que, desde Curt Unkel Nimuendajú⁴, se suelen atribuir sin demasiados miramientos a la búsqueda de una “Tierra sin Mal”.

Esta profusión de datos e informaciones tiene sus consecuencias sobre el abordaje de la historia indígena en Mato Grosso do Sul y, más aún, sobre el abordaje de su antropología. Con

¹ BLOCH, Marc. *Apologie pour l’histoire, ou Métier d’historien* [1949]. París: Armand Colin, 2002. p. 82.

² BLOCH, Marc. *Les Roís Thaumaturges* [1924]. París: Gallimard, 1983; FEBVRE, Lucien. *Le problème de l’incroyance au XVIIe siècle. La religion de Rabelais*. París: Albin Michel, 1942.

³ LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introduction: histoire et ethnologie” [1949]. *Anthropologie Structurale I*. París: Plon. p. 31.

⁴ NIMUENDAJÚ, Curt Unkel. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da Religião dos Apapocíva-Guaraní* [1914]. São Paulo: HUCITEC/Universidade de São Paulo, 1987.

estos documentos uno de los compiladores logró cuestionar y reubicar en su tiempo y lugar las migraciones guaraníes y el papel de Nimuendajú en la difusión del mito de la Tierra sin Mal⁵; con estos documentos, la segunda autora nos regaló hace pocos años con una *História kaiowá* renovada⁶.

Las tesis desarrolladas y sustentadas en las fuentes históricas pueden variar: dos personas nunca leen el mismo documento con los mismos ojos. Incluso pueden llegar a conclusiones opuestas entre sí. Lo importante es, una y otra vez, volver al documento, con nuevas miradas, con nuevas preguntas. Esto es lo que hoy permite esta compilación. Reedita fuentes por demasiado tiempo olvidadas, infravaloradas, publicadas a medias y, en todos los casos, difícilmente accesibles hoy para el público; en el caso de otros documentos, se trata más bien de una primera edición para otras fuentes que hasta hoy han permanecido encerradas en diversos archivos brasileños. Un gran regalo sin duda, no sólo para los investigadores especializados sino para la gente de Mato Grosso do Sul en general y, en especial, a los indígenas de esta región. Porque la historia no sólo pertenece a tiempos remotos: también nos ayuda a entender el presente, también puede tener impactos en la actualidad – pienso en la superación del racismo, o los problemas territoriales que agobian tanto a los pueblos indígenas de Mato Grosso do Sul en la actualidad. A su vez, el agudo conocimiento antropológico de los compiladores de esta obra es el que permite entender mejor las fuentes antiguas y señalar sus muchos puntos de interés. Historia o antropología, o mejor ambas cosas a la vez en un vaivén constante y cada vez más rico entre los tiempos que fueron y los que hoy nos toca vivir: “La incompreensión del presente proviene fatalmente de la ignorancia del pasado. Mas tal vez sea igual inútil intentar comprender el pasado si no se sabe nada del presente”⁷.

Santa Cruz, Bolivia, 5 de febrero de 2023

Isabelle Combès

Instituto Francés de Estudios Andinos
Centro de Investigaciones Históricas y Antropológicas

⁵ BARBOSA, Pablo Antunha. *(En)quête de la 'Terre sans Mal'*. Histoire et migration d'un mythe. Thèse de doctorat en anthropologie sociale. École des Hautes Études en Sciences Sociales-Paris/Museo Nacional de la Universidad Federal de Río de Janeiro, 2014.

⁶ CHAMORRO, Graciela. *História kaiowa*. Das origens aos desafios contemporâneos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2015.

⁷ BLOCH. *Apologie*, p. 63.

Apresentação do “livro de fontes”

Quando Bartomeu Melià prefaciou a obra *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: História, Cultura, Transformações Sociais*⁸, dizia categoricamente: “Mato Grosso é um estado indígena, não pelo volume de sua demografia, mas pela quantidade de povos indígenas que nele habitaram e cultivaram formas de vida próprias [...]”⁹. A obra *O Sertão e suas veredas*, que agora apresentamos aos leitores (estudantes, professores e pesquisadores indígenas e não indígenas), reforça essa perspectiva na medida em que reúne um notável conjunto de textos, imagens e mapas que evidencia que, em meados do século XIX, havia uma extensa e diversa ocupação indígena no espaço que hoje constitui os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo.

Sabemos que a entrada colonial, nesta região, remonta ao estabelecimento dos espanhóis em Assunção, na década de 1530. Desde então, diversos modos de conquista colonial – expedições em busca da *Sierra de la Plata*, vilas com base na *encomienda*, missões franciscanas e jesuíticas, captura de mão de obra pelos bandeirantes – se abateram, sucessivamente, sobre os povos originários do vasto território das antigas províncias do Guairá e do Itatim. A partir de meados do século XVII, a presença colonial espanhola se retrai enquanto o bandeirantismo luso-brasileiro avança e faz surgir Cuiabá, em 1719. Minas de ouro, expedições monçoeiras, vilas administrativas, fazendas e engenhos, fortificações e bandeiras punitivas contra indígenas tornaram-se a ponta de lança do domínio colonial luso sobre esta vasta região que outrora pertencia à coroa espanhola.

O formidável dossiê de fontes históricas que aqui apresentamos abrange um período crucial (1829-1871) do gradativo processo de incorporação das terras do sul de Mato Grosso ao recém-constituído Império do Brasil. A ruptura política com a metrópole, sabemos, não alterou o caráter colonial das práticas em relação às alteridades autóctones. Expedientes como expedições de extermínio contra os “índios bravios”, bandeiras exploratórias com o fito de abrir caminhos e conectar vilas e localidades, deslocamentos e agrupamentos de indígenas em aldeias sob a tutela de missionários e/ou leigos, descrições “etnográficas” para mensurar o grau de civilidade ou barbárie (a índole pacífica ou belicosa), demarcações e estabelecimentos de vastas fazendas em terras imemorialmente ocupadas por povos indígenas, produção de imagens e mapas, zelo para com as fronteiras (sobretudo com o Paraguai) constituem um *modus operandi* que perpassa o Brasil colonial, Império e República. Nas fontes que ora apresentamos esse rol de ideias e procedimentos coloniais/imperialistas, manifesta-se a todo o momento, circunscrito pelas inquietações e pela conjuntura política do Segundo Reinado do Império do Brasil.

A ideia de organizar este “livro de fontes”, como carinhosamente o chamamos entre nós, surgiu por volta de 2010, quando conversamos sobre a importância desse *corpus* para a historiografia sul-mato-grossense e, sobretudo, para o campo dos estudos guarani contemporâneos. Nosso objetivo central é propor que as fontes históricas, da segunda metade do século XIX, aqui reunidas, comentadas e apresentadas, merecem destaque ao colocarmos o passado em diálogo

⁸ CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (orgs.). *Povos Indígenas em Mato Grosso: História, cultura e transformações sociais*. Dourados: UFGD Editora, 2019.

⁹ MELIÀ, Bartomeu. Memória, história e futuro dos povos indígenas. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (orgs.). *Povos Indígenas em Mato Grosso: História, cultura e transformações sociais*. Dourados: UFGD Editora, 2019. p. 15.

com o presente, para abordar, sobretudo, a temática indígena e a ocupação dos seus territórios. Para pensarmos esse diálogo entre temporalidades, numa perspectiva historiográfica, organizamos o livro em duas partes.

Assim, além desta breve apresentação, em que apresentamos a composição do livro e contextualizamos as fontes que o compõe, publicamos, na primeira parte, o texto de Pablo Antunha Barbosa, um dos organizadores do livro, fruto de suas pesquisas de doutorado¹⁰. Neste texto, intitulado *João Henrique Elliott e a biblioteca invisível de Nimuendajú: ensaio de antropologia histórica sobre os estudos guarani contemporâneos*, o autor reflete justamente sobre a importância dessas fontes e sua atualidade para a historiografia do Mato Grosso do Sul e, mais especificamente, para os estudos guarani.

Na segunda parte, transcrevemos e (re)editamos quarenta e cinco documentos, entre cartas, diários (itinerários, roteiros, derrotas, relatórios de viagens¹¹), novelas indianistas, aquarelas e mapas. Nesta parte do livro, cada fonte é aberta com uma breve apresentação de sua história editorial e acompanhada de uma série de notas de rodapé explicativas, que cuidadosamente elaboramos.

Das fontes do “livro de fontes”

Esta segunda parte está organizada, por sua vez, em três seções, intituladas *Escritos*, *Álbum iconográfico* e *Mapas*. O objetivo delas é respeitar a natureza dos documentos originais.

A seção *Escritos* compõe-se de doze textos: duas cartas (de 1842 e 1843), oito derrotas ou relatórios de viagem (de 1829 a 1871) e duas pequenas novelas indianistas (de 1851 e 1857).

A segunda seção, por sua vez, gira em torno de um *Álbum iconográfico*, datado de 1863. Ele contém vinte duas folhas, com dezenove pinturas e dois mapas, tudo em aquarela.

Já a terceira seção da segunda, *Mapas*, estrutura-se em volta de doze mapas (rabiscados e aquarelados) que abrangem o período de 1840 a 1871, aproximadamente.

Todos os documentos, portanto, foram produzidos entre 1829 e 1871. Dentro de cada uma das seções, as fontes estão organizadas de forma cronológica. Isso visa facilitar a compreensão de como elas dialogam entre si, de como uma, de alguma forma, é o fruto da anterior ou a semente da que segue.

Embora as fontes abarquem quatro décadas, a grande maioria delas se concentra, sobretudo, nas décadas de 1840, 1850 e 1860, justamente aquelas que antecedem, de forma mais imediata, o início da guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). No ensaio de Pablo Antunha Barbosa (*infra*), ele volta de forma mais detida a esse ponto crucial, já que a “questão Platina” é um marco histórico e político, que contextualiza a produção das fontes.

Alguns textos que ora (re)editamos, já tiveram publicações anteriores; algumas, aliás, bem recentes¹². No entanto, outras ainda são inéditas ou tiveram apenas uma edição, quando de sua publicação original na segunda metade do século XIX ou no início do século XX¹³.

¹⁰ BARBOSA, Pablo Antunha. *(En)quête de la ‘Terre sans Mal’. Histoire et migration d’un mythe*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

¹¹ Usaremos todas essas expressões como sinônimas, tendo em vista que todas elas são assim usadas pelos próprios autores das fontes.

¹² CAMPESTRINI, Hildebrando. *As derrotas de Joaquim Francisco Lopes*. Campo Grande: IHGMS, 2007.

¹³ As principais revistas ou jornais que publicaram, originalmente, os textos que reeditamos aqui, são: a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, o *Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo*, o *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense*, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, a *Revista Guanabara* e o jornal *O Jasmim*.

Apesar do número expressivo de fontes (quarenta e cinco no total), elas foram produzidas por apenas três autores. São eles: João Henrique Elliott (Filadélfia, 1809 - São Jerônimo da Serra, 1884), Joaquim Francisco Lopes (Freguesia da Mata, 1805 - São Jerônimo da Serra, 1884) e João da Silva Machado (Taquari, 1782 - São Paulo, 1875). Este último é mais conhecido como Barão de Antonina, título de nobreza que lhe foi concedido em 1843, por sua participação na repressão da Revolta Liberal¹⁴.

Na segunda e próxima parte do livro, Pablo Antunha Barbosa discute mais sobre (o que sabemos de) cada um deles e, sobretudo, da relação deles na produção dessa documentação toda. No entanto, é possível antecipar que, embora a maioria das fontes seja de autoria de Elliott¹⁵ (seguido por Lopes), foi o Barão de Antonina o grande “mentor intelectual” do conjunto todo.

O que estamos afirmando quando dizemos que o Barão de Antonina foi o “mentor intelectual” do conjunto todo? Estamos dizendo que foi ele quem tomou a iniciativa de contratar Elliott e Lopes para elaborar os diários, mapas e aquarelas, que ora (re)editamos, para registrar e dar publicidade a um projeto mais amplo que ele engenhou a partir de 1840.

Nesse momento, o Barão de Antonina começou a pensar (e a pôr em prática) um novo projeto de integração territorial do sul da então província de Mato Grosso. A espinha dorsal desse projeto girava em torno da construção de uma via de comunicação alternativa às que existiam até então entre o oceano Atlântico e o distrito do Baixo Paraguai.

Assim, ao invés de subir o Rio da Prata e o Rio Paraguai ou descer o Rio Tietê, caminhos que se usavam até então para chegar ao Mato Grosso, o Barão de Antonina propôs outra rota, alternativa a essas. Segundo ele, esse novo caminho, que cruzaria o interior das províncias de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, seria mais direto e, sobretudo, mais seguro para os viajantes que o empreendessem.

Foi justamente para encontrar, desenhar e construir essa rota alternativa que o Barão contratou Elliott e Lopes, dois sertanistas que já tinham bastante experiência na exploração das “veredas dos sertões desconhecidos” desse vasto território¹⁶. O Barão de Antonina os contratou não apenas para que eles explorassem os vales e afluentes dos rios Paranapanema, Paraná, Ivinheima e Miranda, por onde o caminho acabou se estruturando. Mas também para que eles elaborassem os diários, os mapas e as aquarelas que ora (re)editamos, visando, assim, dar visibilidade ao seu projeto de integração do sul da então província de Mato Grosso.

As fontes do presente livro narram (através das cartas, diários e romances), ilustram (através das aquarelas) e cartografam (através dos mapas) esse amplo projeto de colonização e, sobretudo, suas múltiplas faces.

Diversas faces, porque, por trás de um projeto que se vendeu como público (de interesse patriótico, nacional, “filantrópico” e “humanista”), ao argumentar integrar o interior do país para povoar “desertos desconhecidos”, integrar um território periférico, exercer soberania em uma região fronteiriça com litígios históricos e “civilizar” povos indígenas que eram vistos como “inferiores” através da catequese e do aldeamento, se escondia também um projeto privado e, sobretudo, mesquinho, de enriquecimento particular do próprio Barão de Antonina.

¹⁴ BORGES, Luiz Adriano Gonçalves. O Barão bandeirante: João da Silva Machado e os interesses públicos e privados nas questões indígenas de meados do século XIX. *Anais do 5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, p. 3, 2011.

¹⁵ Elliott é autor de trinta e nove das quarenta e cinco fontes publicadas aqui.

¹⁶ BARBOSA, Pablo Antunha, *op. cit.*, 2014.

Através do erário público, o Barão acabou se apossando de uma vastidão de terras “devolutas”¹⁷, sobretudo no sul do atual Mato Grosso do Sul, usando mão de obra de africanos livres e de indígenas por ele mesmo aldeados, sobretudo Guarani, Kaiowá e Kaingang, como alternativa à mão de obra escrava que estava com os dias contados e monopolizando o comércio que se abria com a nova rota até Cuiabá.

O brasão do barão de Antonina (que reproduzimos abaixo) ostenta um rico simbolismo com o qual a nobreza luso-brasileira, colonial e imperial, procurava se adornar, autoatribuindo-se virtudes e valores que ecoavam magnanimidade, bravura, autoridade, serviços, prodigalidade e esplendor.



Imagem 1. Brasão de armas do barão, com honras de grandeza, de Antonina
Fonte: Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Ref. BR_RJANRIO_0D_0_0_0070_00001de0001.

¹⁷ O Barão de Antonina já era um político importante na época de suas explorações em Mato Grosso, ele sabia exatamente o que estava sendo debatido na Assembleia desde 1842 sobre o acesso à terra. Portanto, é mais do que provável que ele também conhecesse os melhores mecanismos para transformar “posses” em propriedade privada antes que essa medida fosse proibida. A documentação legal relativa à sua herança comprova isso: no início do século XX, os herdeiros do Barão de Antonina solicitaram ao governo de Mato Grosso nada menos que 90.000 km² de terras, abrangendo quase a totalidade dos distritos de Nioaque, Bela Vista e Ponta Porã, no sul do atual estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com Astolpho Rezende, advogado que defendeu os interesses do Estado de Mato Grosso, essas terras eram, na verdade, “supostas” propriedades que o Barão havia registrado em seu nome durante as obras de construção da estrada entre São Paulo e Mato Grosso (REZENDE, Astolpho. *O Estado de Matto-Grosso e as supostas terras do barão de Antonina*. Rio de Janeiro: Papelaria Sta. Helena/S. Monteiro & Cia. Ltda., 1924).

Um vistoso aparato heráldico – uma coroa de *Barão com Grandeza*, plumas e duas medalhas (1ª Ordem da Rosa e Oficial da 1ª Ordem do Cruzeiro) – contorna e envolve o plano central do brasão que estampa, iconograficamente, um ideário e um projeto político que o Barão de Antonina pretendia personificar: o desbravamento, a catequese e a colonização dos “sertões bravios”. A descrição do brasão, que figura em diversos registros da nobiliarquia brasileira, tem o seguinte teor:

Em campo de prata, um leão de púrpura armado de goles, tendo na mão direita um catecismo e um rosário de ouro e na espádua um machado do mesmo (metal); acompanhado à direita de um Índio ao natural, virado para a esquerda, depondo as armas, que são de ouro¹⁸.

Os elementos heráldicos – metais (ouro e prata), esmaltes (goles, púrpura), iconogramas (leão, machado, catecismo, rosário, um indígena resignado) – compõem uma narrativa que dignifica o processo de apropriação das terras indígenas, pelo senhorio colonial, em nome de um projeto de catequese, civilização e desenvolvimento do Império e da nação brasileira.

Como bem observou Carvalho:

Ao ceder a Fazenda de São Jerônimo, posseda nos antigos campos do Cacique Inhonhô, para o governo implantar o Aldeamento Indígena de São Jerônimo (1859) o barão agiu como nobre benemérito, em um típico processo de intercâmbio de poder entre Estado e senhorios de terra no Brasil do período – a terra, que era dos povos autóctones, após a expropriação fundiária e o despojamento uma porção dela a eles retorna, fragmentada e ressignificada¹⁹.

Das derrotas e diários de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott

Como já dissemos, a primeira seção das fontes, *Escritos*, conta com doze textos. São oito diários, duas cartas e duas novelas que vão de 1829 a 1871, que optamos por organizar de forma cronológica, e não por gênero narrativo, para não perder a concatenação entre eles.

Os diários, roteiros, itinerários, etc., todos de autoria de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott, têm, basicamente, o mesmo formato: narram o dia a dia das expedições de exploração (sobre as quais temos registros) que empreenderam em nome do Barão de Antonina entre 1844 e 1858.

Dentre esses diários, os únicos que destoam são *Derrotas de Joaquim Francisco Lopes pelos sertões das províncias de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso (1829 a 1841)* e *Memórias sobre a vereda mais fácil da estrada para Mato Grosso pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes*, textos que abrem e fecham a seção *Escritos* do livro. Esses diários, que na verdade compilam vários diários, relatam justamente diversas expedições que Lopes empreendeu entre 1829 e 1871, isto é, no período prévio e posterior a conhecer o Barão de Antonina. Optamos por incluí-los no conjunto, exatamente por que achamos que eles nos informam sobre como Lopes veio a trabalhar com o Barão (justamente por que ele já tinha uma vasta experiência como sertanista na região) e como continuou atuando após a implementação da estrada entre São Paulo e Mato Grosso. É essa vasta experiência que está descrita nestes textos.

Os demais diários, por sua vez, ajudam a reconstruir com mais detalhes a história do projeto do Barão entre 1840 e 1860. Os primeiros e mais antigos narram expedições mais tímidas, dos entornos do distrito de Itapeva da Faxina, onde o Barão se instalou na década de 1840, na sede de sua fazenda chamada Perituva, justamente na tentativa de pôr em prática seu projeto e assim assentar os primeiros pilares para consolidar o novo caminho para o “sertão”.

¹⁸ Arquivo Nacional. Coleção Brasões, Processo Brasão de Armas, Notação BR.AN.RIO.OD.0.0 70, Ano 1859, Folhas n. 1, 1v.

¹⁹ CARVALHO, José Luiz de. *Terra à Vista: a obra do viajante-artista John Henry Elliott e a formação da Província do Paraná no Segundo Reinado*. Tese de Geografia, UFPR, Curitiba, 2018, p. 106.

No entanto, os últimos diários, os da década de 1850, e sobretudo os de 1857 e 1858, este último ainda inédito, já apresentam um cenário bem diferente: expedições muito mais destemidas, um território muito mais amplo e mapeado e, sobretudo, uma via de comunicação já estruturada, que combinava trechos fluviais com outros terrestres até o distrito do Baixo Paraguai, com uma malha de estabelecimentos coloniais já consolidada em torno de colônias e fortes militares, fazendas particulares e nacionais e, sobretudo, aldeamentos indígenas regulares administrados por funcionários da Diretoria Geral dos Índios (DGI) e missionários capuchinhos.

Abaixo, colocamos duas imagens para ilustrar parte desses estabelecimentos coloniais e seus dirigentes: uma fotografia de missionários capuchinhos, Frei Timóteo de Castelnuovo e Luiz de Cimitille, e uma aquarela do aldeamento de São Pedro de Alcântara, de Franz Keller.



Imagem 2. Freis Timóteo de Castelnuovo e Luiz de Cimitille com crianças indígenas aldeadas, séc. XIX.

Fonte: José Luiz de Carvalho. Terra à vista: a obra do viajante-artista John Henry Elliott e a formação da província do Paraná no segundo reinado. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curitiba, 2018.



Imagem 3. Morada de Frei Timóteo de Castelnuovo. Diretor do Aldeamento de S. Pedro de Alcântara no Tibagy. Autor: Franz Keller, 1867.

Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro – http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=35584. Acesso em: 26 Apr. 2024.

Das cartas do Barão de Antonina

Ainda na seção *Escritos* da segunda parte do livro, além dos diários, reeditamos também duas cartas escritas pelo Barão de Antonina em 1842 e 1843. Essas cartas são cruciais, pois elas nos ajudam a entender, um pouco melhor, as possíveis origens de seu interesse pelos povos indígenas, sobretudo pelos falantes de línguas guarani, no seio do seu projeto de colonização. Esse interesse parece ter sido despertado antes mesmo de ele iniciar suas explorações em direção ao sul de Mato Grosso e, com isso, estabelecer contatos regulares com os grupos guarani falantes – e não o contrário, como poderíamos supor²⁰.

Na primeira carta, datada de 30 de outubro de 1842, João da Silva Machado, ainda sem o título de barão, enviou ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), um resumo da “descoberta” dos Campos de Paiqueré, região localizada pouco ao norte da então Vila Nova do Príncipe²¹, pela “Companhia Social”²² dirigida pelo Alferes Antonio Pereira Borges.

Esse resumo foi publicado no ano seguinte na revista do IHGB (RIHGB), acompanhado de um anexo também elaborado pelo Barão²³. Trata-se de uma breve cronologia, intitulada *Noções do território de Guairá, hoje por corruptela chamado Paiqueré, tiradas das histórias moderna e antiga do Paraguai, Rio da Prata, e outras*, na qual ele reconstrói a história da fundação de várias das missões jesuíticas da antiga província de Guairá²⁴.

Esse anexo mostra que, mesmo antes de conhecer Lopes e Elliott, e enviá-los para explorar novo caminho para o Mato Grosso, o Barão de Antonina já vislumbrava um papel muito específico para os indígenas (sobretudo os falantes de línguas guarani) da região dentro de seu projeto mais amplo.

A explicitação desse papel fica ainda mais claro na segunda carta que também reeditamos. Datada de 2 de setembro de 1843 e endereçada ao governo da província de São Paulo, o Barão de Antonina não apenas relata a chegada de nove indígenas de língua guarani à sede de sua fazenda, e a conversa que mantiveram, como ele também delinea, com grandes detalhes, os principais pontos do que viria a ser seu projeto indigenista privado ou particular. É paradigmática a semelhança entre seu projeto, de 1843, e o decreto nº 426 de 1845, promulgado pelo Segundo Reinado dois anos mais tarde, e que regulamentou toda a política indigenista de “Catequese e Civilização dos Índios” do Império.

Das novelas indianistas de João Henrique Elliott

Estamos reeditando também duas pequenas novelas indianistas de autoria de João Henrique Elliott, publicadas pela primeira vez em 1851 e em 1857. Vale a pena ressaltar que a segunda novela é assinada por um tal T., pseudônimo que podemos facilmente identificar como sendo de Elliott²⁵. Optamos por incluir essas novelas no presente livro por dois motivos.

²⁰ BARBOSA, Pablo Antunha. “Histoire d’un projet indigéniste aux frontières du public et du privé (Brésil, 1840-1860)”. *Cahiers des Amériques Latines*. Paris: IHEAL, 2017. v. 87, p. 147-166.

²¹ Atual município de Lapa, no Paraná.

²² A expressão “Companhia Social” é usada por João da Silva Machado (futuro Barão de Antonina) para se referir a um grupo de pessoas “auto-organizadas”, em uma Companhia Social, para explorar regiões para sua futura colonização. Talvez, de forma um pouco anacrônica, uma espécie de bandeira decimonônica. Colocamos a expressão auto-organizadas entre aspas, justamente para pontuar que essa organização não se formava de maneira espontânea, mas contava com o apoio de atores políticos, do exército e da elite local que, por sua vez, tinham interesses ligados aos empreendimentos de colonização.

²³ O IHGB será a principal instituição a dar publicidade aos textos do Barão de Antonina.

²⁴ Assim como as da antiga Itatim, as missões jesuíticas de Guairá foram destruídas pelos bandeirantes nas primeiras décadas do século XVII. Veja, a esse respeito, Antonio Ruiz de Montoya. *La Conquista Espiritual del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1996 [1639].

²⁵ HARDIN, Jerry W. *O Cocar Quadrado*. Duas histórias indígenas de John Henry Elliott. Atlanta-Curitiba: Ipê Alliance Press, 1994.

Em primeiro lugar, elas têm um claro interesse para a história literária, e mais especificamente para a história do romantismo indianista. A primeira novela, *Aricó e Caocochee ou uma voz no deserto*, é anterior ao *O Guarani* de José de Alencar e seu título, uma clara referência à novela *Atala, ou les Amours de deux sauvages dans le désert*, de François-René de Chateaubriand, de 1801. Embora seja nítida a inspiração romântica e indianista das novelas de Elliott, elas foram elaboradas a partir das experiências concretas que ele teve com os povos de língua kaingang e guarani, mesclando, assim, ficção com dados históricos e vice-versa, o que denota, talvez, certo pioneirismo literário desse personagem²⁶.

Em segundo lugar, da mesma forma que a primeira derrota de Lopes, que narra sua experiência entre 1829 e 1841, portanto prévia ao contato com o Barão, essas novelas também nos ajudam a entender por que o Barão de Antonina achou interessante a contratação de Elliott. Se, como vimos, Lopes foi contratado por sua longa experiência como sertanista, Elliott, por sua vez, parece ter sido contratado por sua erudição e habilidades técnicas, podendo exercer, assim, funções essenciais no projeto do barão: elaborar diários, cartografar o território, ilustrar cenas das expedições em pinturas de aquarela e escrever novelas.

Das aquarelas de Elliott

As aquarelas pintadas por Elliott estão na seção *Álbum iconográfico* da segunda parte do livro. Originalmente, essas aquarelas formam um álbum, intitulado *Desenhos e planta de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso*. Este álbum, datado de 1863, foi doado por Elliott a Frei Timóteo de Castelnuovo (Imagem 2), fundador e diretor do aldeamento de São Pedro de Alcântara (Imagem 3), principal aldeamento do sistema indigenista criado pelo Barão de Antonina. Frei Timóteo, por sua vez, doou o álbum a Frei Caetano de Messina, então Comissário Geral das Missões da Ordem no Brasil e no Uruguai. Atualmente, este álbum está conservado na Mapoteca do Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro.

Esse álbum tem vinte e duas folhas. As duas primeiras têm a função de apresentar a descrição corográfica das províncias do Paraná e de Mato Grosso. De fato, as folhas 3 e 22, que abrem e fecham o álbum, são mapas das referidas províncias (e regiões adjacentes).

O miolo do álbum (folhas 4 a 21) é composto por pinturas em aquarela. Elas representam cenas e acontecimentos importantes que ilustram e resumem alguns momentos das expedições realizadas por Elliott e Lopes em nome do Barão. Por exemplo: a travessia de rios e cachoeiras, a exuberância da natureza, a criação de estabelecimentos coloniais (fazendas, colônias militares, aldeamentos indígenas) e o encontro com inúmeras famílias indígenas guarani, kaiowá, guató, kaingang e kadivéu que já povoavam aquilo que, paradoxalmente, chamavam de “sertão desconhecido”.

Do trabalho cartográfico de Elliott

Além dos dois mapas do *Álbum iconográfico*, publicamos também outros doze mapas, também de autoria, todos eles, de João Henrique Elliott. Estes mapas vão provavelmente do início da década de 1840 a 1871. Provavelmente, pois em alguns deles a data não está informada, embora em seus títulos ou legendas haja referências explícitas às expedições feitas em nome do Barão de Antonina na década de 1840.

²⁶ TREECE, David. *Exilados, Aliados, Rebeldes: O Movimento Indianista, a Política Indigenista e o Estado-Nação Imperial*. São Paulo: Edusp, 2008.

Esses mapas são riquíssimos em informações e detalhes que, se bem observados, nos ajudam a reconstruir, parafraseando Mário Monteiro de Almeida, “episódios históricos da formação geográfica”²⁷ da região aqui em pauta durante a segunda metade do século XIX. Encontramos nomes de fazendas, fortes e colônias militares, aldeias e aldeamentos indígenas, ruínas arqueológicas, estradas, caminhos, varadouros, cidades, vilas e freguesias.

Parafraseando o etnólogo Curt Nimuendajú, autor sobre o qual Pablo Antunha Barbosa falará mais no ensaio que segue, esses mapas também nos ajudam a reconstruir o cenário “etno-histórico” da região, através de inúmeras indicações de áreas etnográficas: “Índios Dorins”, “famílias errantes de Caiuás”, “Índios Chavantes”, “Índios Guaicurus”, “Índios Cadiveu”, “Índios Enimás”, etc.

Poderíamos, também, parafrasear botânicos e geólogos imaginários para mostrar como esses mapas também nos ajudam a reconstruir a “paisagem natural” da região. Elliott não economiza detalhes para indicar, com cores e símbolos diferentes, regiões de campo alto, faxinais, capoeiras, ervais, terras de cultura, rios, lagoas, saltos, cachoeiras, baixios, morros e serras.

Todas essas informações que estão colocadas nos mapas nos mostram os múltiplos usos que eles tiveram na época. Dessa forma, esses mapas não são importantes apenas hoje, como registros históricos de um passado. Na época mesmo em que foram produzidos, eles já eram referências, tendo sido usados em diferentes instâncias. Por exemplo, eles foram consultados por Cândido Mendes de Almeida para elaborar o *Atlas do Império do Brasil* de 1868²⁸ ou mesmo por diplomatas e ministros durante as tratativas para assinatura dos tratados de fronteira com a República do Paraguai²⁹.

Das fontes que faltam

Antes de concluir essa apresentação e passar para a segunda parte do livro com o texto *João Henrique Elliott e a biblioteca invisível de Nimuendajú*, que reflete sobre a atualidade dessas fontes para a antropologia e para a história, é importante ressaltar que se trata da primeira vez que todo esse material, disperso por arquivos e bibliotecas de diferentes Estados do país (e até de países do mundo), por publicações da época, por reedições mais recentes, por reproduções parciais em dissertações e teses, é publicado em conjunto e, sobretudo, *como* um conjunto. Em 2007, Campestrini organizou uma coletânea com textos de Lopes e Elliott³⁰. Sem dúvida, é um esforço louvável. No entanto, ele publicou apenas quatro textos, enquanto nós estamos publicando quarenta e cinco fontes, entre escritos, aquarelas e mapas.

É importante ressaltar também que esse conjunto é maior e que, portanto, esse livro poderia ser mais extenso. Por diversas razões, sobretudo, relacionadas com limites editoriais e orçamentários, com manuscritos perdidos ou não localizados³¹, com dificuldades de digitalização, etc., tivemos de optar por não incluir vários destes documentos.

²⁷ ALMEIDA, Mario Monteiro de. *Episódios Históricos da Formação Geográfica do Brasil*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1951.

²⁸ ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Atlas do Império do Brasil compreendendo as respectivas divisões administrativas, eclesíásticas, eleitorais e judiciárias*: dedicado a Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, destinado á instrução publica do Imperio, com especialidade á dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico, 1868.

²⁹ Ver, por exemplo, o fundo “Arquivo particular de Duarte da Ponte Ribeiro” conservado no Arquivo Histórico do Itamaraty no Rio de Janeiro. Neste fundo, há várias referências feitas pelo diplomata aos trabalhos cartográficos de Elliott.

³⁰ CAMPESTRINI, *op. cit.*

³¹ Nunca localizamos, por exemplo, um manuscrito de Simon Sanches de 1851, personagem sobre quem Elliott fala no texto *A Emigração* dos Cayuáz (*infra*) e sobre o qual não sabemos muito coisa, a não ser que o pesquisador Reinrev diz ter localizado o referido manuscrito, embora ele não o transcreva, no Arquivo Municipal da cidade de Filadélfia (Pensilvânia), de onde Elliott era originário. Ver Oguh Reinrev. Das verlorene Manuskript von Simon Sanches. *Historisches Journal der Flusserkundungen*, t. XVII, 1952, p. 456-471.

Por exemplo, optamos por deixar alguns mapas de fora. Essa escolha se deu, sobretudo, por motivos materiais muito concretos, relacionados à dificuldade e custos de digitalizar mapas de dimensões muito grandes, que se encontram em péssimo estado de conservação ou ainda não digitalizados pelas instituições de custódia³².

Mas, sobretudo, optamos por deixar de fora uma série de cartas de Elliott, Lopes e do Barão de Antonina, trocadas entre eles e com outras autoridades, principalmente presidentes de província, diretores-gerais de Índios e missionários capuchinhos, como o já citado Frei Timóteo de Castelnuovo, para quem Elliott doou suas aquarelas³³.

Essas cartas, conservadas, sobretudo, no Arquivo Público do Estado Paraná (APEP) em Curitiba³⁴, no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), em São Paulo, no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT), em Cuiabá, na Biblioteca Nacional (BN) e no Arquivo Histórico do Itamaraty (AHI), ambas instituições localizadas na cidade do Rio de Janeiro, são muito volumosas e mereceriam uma publicação à parte³⁵. Esse trabalho ainda deve ser feito. Contudo, para tentar mitigar a exclusão dessas cartas, tentaremos, na medida do possível, recuperar alguns elementos delas no ensaio de Pablo Antunha Barbosa.

Para preservar ao máximo a unidade e homogeneidade do conjunto, também optamos por deixar de fora escritos de Elliott e Lopes que não se relacionam diretamente com o projeto do Barão de Antonina da construção da rota São Paulo – Mato Grosso, como relatórios de viagem que fizeram, na década de 1860, nos rios Barigui e Iguaçu³⁶.

Para concluir essa apresentação, gostaríamos de dizer que, para reeditar os textos que ora se publicam, decidimos realizar uma série de atualizações visando facilitar a leitura. Atualizamos a grafia dos textos, embora tenhamos mantido a grafia original dos nomes próprios. Antes de cada fonte, fazemos também uma breve apresentação, buscando retratar a história editorial da mesma. Além do mais, elaboramos uma série de notas de rodapé. Quando elas forem seguidas

³² Por exemplo os mapas: 1) PROVÍNCIA DO PARANÁ – Copiado do mapa corográfico feito pelo piloto João Henrique Elliot em serviço do Barão de Antonina em 1850/51, copiado no Archivo Militar pelo Cap Antonio Américo Pereira da Silva em 1881, colorido, nanquim, tinta colorida, aquarela, papel canson telado, bom estado, medindo 62cm x 50cm (Ver Catálogo do acervo cartográfico do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro); 2) Mappa Corographico de parte das províncias de S.Paulo e Matto Grosso e Província de Corrientes: mostrando a nova via de comunicação desde Cuyabá, e augmentado com as ultimas explorações feitas no baixo Paraguay. 1852. 1 mapa ms., 108 x 92 cm em f. 124,5 x 97,3cm. (Biblioteca Nacional, ref. Cartografia - ARC.017,05,009in Cartografia); 3) Mappa Corographico de parte das províncias de S.Paulo e Matto Grosso incluindo também parte da Republica do Paraguay e Província de Corrientes: mostrando nova via de comunicação desde o Porto de Antonina até a cidade de Cuyabá / augmentada nas últimas explorações feitas no Baixo Paraguay pelo piloto João Henrique Elliot em serviço do Barão de Antonina nos annos 1850 e 1851 [ca.1854]. 1 mapa ms., col., 113cm x 96cm em f. 106cm x 88 cm. (Biblioteca Nacional, Ref. Cartografia – ARC.017,05,010in Cartografia).

³³ CASTELNUOVO, Frei Timóteo de. “Princípio e Progresso do Aldeamento de S. Pedro de Alcântara”. *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná*, v. 37, 1980 [1855-1894].

³⁴ O Arquivo Público do Estado do Paraná publicou dois catálogos de documentos referentes aos Indígenas no Paraná Provincial entre 1853 e 1892, em que grande parte destas cartas estão listadas. Ver Arquivo Público do Paraná. Catálogo seletivo de documentos referentes aos indígenas no Paraná provincial: 1853-1870. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007 e Catálogo seletivo de documentos referentes aos indígenas no Paraná provincial: 1871-1892. Curitiba: Imprensa Oficial, 2009.

³⁵ Boa parte desse material foi levantado por Pablo Antunha Barbosa no âmbito de seu projeto de pós-doutorado (*Os Guarani de Mato Grosso do Sul e o século XIX: a história de um esquecimento*) e doado ao Centro de Documentação Regional da Universidade Federal da Grande Dourados em 2018.

³⁶ Ver Joaquim Francisco Lopes. *Relatório circunstanciado da exploração do rio Bariguy, pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes*. Relatório do presidente da província do Paraná. Curitiba: Tipografia do Correio Oficial, 1862, Anexo J. Em 1995, Maria Cristina Cortez Wissenbach publicou trabalho pioneiro sobre as expedições do Barão de Antonina. No final do texto, ela apresenta uma listagem de várias referências de Lopes e Elliott. Essa listagem é um ponto de partida inicial fundamental para quem quiser continuar procurando mais textos de Elliott e Lopes. Ver Maria Cristina Cortez Wissenbach. “Desbravamento e Catequese na Constituição da Nacionalidade Brasileira: as Expedições do Barão de Antonina no Brasil Meridional”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 137-155, 1995.

de [n.d.e], significa que foram elaboradas por nós. Quando as notas forem seguidas de [n.d.a], significa que se trata de notas originais dos autores, ou seja, notas que já constavam dos originais e que apenas as reproduzimos. O objetivo das notas dos editores [n.d.e] é facilitar a leitura, explicando, por exemplo, expressões já não usadas hoje em dia, termos em língua indígena ou também passagens pouco claras ou que tenham relações com outros acontecimentos prévios ou posteriores.

Em tempo: os pesquisadores que transitam pelas veredas epistemológicas da História e da Antropologia entendem que a origem oligárquica das fontes em questão em nada deprecia seu valor histórico, antropológico, literário e geocartográfico. Pelo contrário, as fontes coloniais, quando lidas a contrapelo e desnudadas quanto aos projetos e pressupostos que as justificam e permeiam, constituem recursos valiosos para se confrontar inúmeras dimensões da realidade atual com o passado remoto, por meio de um diálogo historiográfico.

Esperamos que aproveitem a leitura!

Pablo Antunha Barbosa (CFCHS/UFSB)

Graciela Chamorro (UFGD)

Protasio Paulo Langer (UFGD)

Parte I

**João Henrique Elliott ou a biblioteca invisível de
Nimuendajú: um ensaio de antropologia histórica
sobre os estudos guarani contemporâneos**

Pablo Antunha Barbosa
(CFCHS/UFSB)

Há pouco mais de cem anos atrás...

Em 1914, há exatamente cento e dez anos, o etnólogo de origem alemã, Curt Unkel Nimuendajú (1883-1945), publicava sua primeira monografia acadêmica intitulada *Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani*³⁷ ou *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*³⁸.

Com este trabalho, nasciam os estudos guarani contemporâneos. Nascia também e, sobretudo, um dos dossiês fundadores dos estudos guarani: o da “Terra sem Mal”, desde então inextricavelmente associado ao problema das chamadas “migrações históricas” dos Tupi-Guarani.

Para formular essa categoria, Nimuendajú se sustentou em dois elementos principais. Em primeiro lugar, ele observou uma relação central entre o mito guarani (ou ao menos apapocúva-guarani) da criação e destruição iminente do mundo e a crença na “Terra sem Mal” – uma espécie de paraíso terrestre que poderia ser encontrado mediante cantos, danças, jejuns e “migrações”. Em segundo lugar, Nimuendajú reconstruiu a história de alguns movimentos bem específicos em busca desta “Terra sem Mal”, que teriam tido origem durante o século XIX entre os grupos de língua guarani (Apapocúva, Oguauíva e Tañyguá) das antigas províncias de São Paulo, Paraná e Mato Grosso. Para reconstruir a história desses movimentos, Nimuendajú usou tanto a literatura antropológica, histórica, etc., existentes na época quanto uma série de relatos orais que ele pôde compilar principalmente entre os Apapocúva do oeste do Estado de São Paulo durante as pesquisas de campo e estadias que realizou entre 1905 e 1913.

A partir disto, Nimuendajú tentou inserir-se dentro de um debate muito mais vasto e complexo sobre a dispersão e a expansão dos grupos tupi-guarani na América do Sul, aberto pelo menos desde a primeira metade do século XIX. Assim, Nimuendajú sugeriria que os germes das “migrações” do século XIX já estavam presentes nas “migrações que *“conduziram os Tupi-Guarani da época colonial até seus assentamentos ao longo da costa oriental”*³⁹ do Brasil. Esses movimentos não se deviam a razões externas, como pensavam alguns de seus contemporâneos, mas provavelmente por motivos religiosos, fundamentalmente ao *“medo da destruição do mundo”* e à *“esperança de alcançar a Terra sem Mal”*⁴⁰.

Como se sabe, a hipótese da “Terra sem Mal” de Nimuendajú foi adotada e tomada ao pé da letra pela maioria dos pesquisadores que o sucederam, começando por Alfred Métraux. A obra deste último representa, de fato, um elo indispensável para entender o processo de popularização da temática da “Terra sem Mal”. Depois da leitura feita por Métraux, a sugestão de Nimuendajú se transformou em uma “evidência” sempre repetida: a “Terra sem Mal” é não somente o principal motor das “migrações históricas dos Tupi-Guarani”; ela é também o pilar da religiosidade daquilo que Métraux chamou de “civilização tupi-guarani”⁴¹. Autores mais modernos, como Léon Cadogan, Egon Schaden e, sobretudo, o casal Pierre e Hélène Clastres, seguiram as pegadas de Métraux. Assim a “Terra sem Mal” se transformou em um capítulo obrigatório dos estudos guarani e a crença apapocúva, primeiro em um mito “tupi-guarani” e depois em um mito “antropológico”.

³⁷ NIMUENDAJÚ, Curt. “Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani”. *Zeitschrift für Ethnologie*, 46, p. 284-403, 1914.

³⁸ NIMUENDAJÚ, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1987 [1914].

³⁹ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 107.

⁴⁰ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 102.

⁴¹ MÉTRAUX, Alfred. *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*. Paris: Ernest Leroux, 1928a.

Apenas nas três últimas décadas que trabalhos críticos começaram a aparecer, principalmente os de Cristina Pompa⁴², Francisco Noelli⁴³ e Catherine Julien⁴⁴. Esses trabalhos críticos e reflexivos esforçaram-se em desconstruir a categoria “Terra sem Mal”, defendendo a ideia de que se tratava, antes de tudo, de um mito antropológico, construído, produzido e inventado por alguns antropólogos em um contexto muito específico da história da disciplina, o da inflexão culturalista do início do século XX. Esses trabalhos se insurgiram acertadamente contra o uso abusivo de uma crença apapocúva muito particular para interpretar religiosidades, sociedades e migrações muito afastadas no tempo e no espaço. No entanto, é um fato que essas críticas foram muito mais dirigidas contra Métraux e contra os Clastres, contra suas respectivas ideias de “civilização”, “messianismo” e “profetismo” tupi-guarani, ou ainda contra a filosofia política da “Sociedade contra o Estado”, do que contra a hipótese original de Nimuendajú. Em outras palavras, essas críticas se endereçaram a outros antropólogos e, sobretudo, a outros dossiês que fizeram uso da ideia de “Terra sem Mal”, deixando sempre intactas as bases da proposição formulada pelo jovem etnólogo alemão em 1914. Paradoxalmente, quanto mais a “Terra sem Mal” ficava conhecida, mais o relato original da crença na “Terra sem Mal” e das “migrações” guarani do século XIX, tais quais eles foram descritos por Nimuendajú, caíam no mais completo esquecimento.

Este ensaio se concentra justamente neste dossiê esquecido. Nesse sentido, eu não tentarei desconstruir o mito ou ao contrário defendê-lo face aos seus detratores. Eu tentarei, sobretudo, compreender como, a partir de uma experiência etnográfica muito concreta entre grupos guarani, Nimuendajú foi levado a formular tal categoria.

O ponto de partida é a constatação de certa ambiguidade ou de uma ambiguidade certa que atravessa todo o texto d’*As lendas*. Pois, além de um caso, as “migrações” que Nimuendajú acompanhou efetivamente durante os primeiros anos do século XX foram provocadas tanto por conflitos entre grupos guarani e colonos, por epidemias e pelo novo processo de territorialização implementado pelo recém-criado Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em 1910, onde Nimuendajú trabalhou por inúmeros anos.

Por que então, como etnólogo, atribuir às “migrações” do século XIX, que ele não conheceu pessoalmente, à busca da “Terra sem Mal”? A única “migração” religiosa que Nimuendajú observou em 1912 é certamente responsável pela inflexão do seu pensamento e pela formulação de sua hipótese. No entanto, essa “migração”, de forma paradoxal, não tinha nem os Apapocúva nem seus parentes como protagonistas.

Além desta ambiguidade, este texto nasceu igualmente da descoberta e da leitura de um texto de João Henrique Elliott intitulado “A emigração dos Cayuáz”, datado de 1856⁴⁵, e que ora é reeditado neste livro, junto com outros documentos de Elliott, Lopes e do Barão de Antonina.

Na verdade, Elliott, agindo sob as ordens do Barão de Antonina, não só acompanhou uma “migração” guarani em direção ao leste em 1852, como ele também a provocou, organizou e ajudou. Assim, a comparação entre *As lendas* e o texto de Elliott mostra que Nimuendajú

⁴² POMPA, Cristina. Religião como tradução. Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. Bauru: EDUSC, 2003; “O profetismo tupi-guarani: a construção de um objeto antropológico”. *Revista de Indias*, v. LXIV, p. 141-174, 2004.

⁴³ NOELLI, Francisco. “Curt Nimuendajú e Alfred Métraux: a invenção da busca da “Terra sem mal””. *Suplemento Antropológico*, v. 34, n. 2, p. 123-166, 1999.

⁴⁴ JULIEN, Catherine. “Kandire in Real Time and Space: Sixteenth-Century Expeditions from Pantanal to the Andes”. *Ethnohistory*, v. 54, n. 2, p. 245-272, 2007.

⁴⁵ ELLIOTT, João Henrique. “A emigração dos Cayuaz. Narração coordenada sob os apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliott, pelo sócio effectivo, o Sr. Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. XIX, p. 434-447, 1856.

conhecia esse relato, retomando, inclusive, diferentes trechos dele, no entanto, sem citá-los de forma clara. A tese de Nimuendajú sobre a “Terra sem Mal” se construiu assim, em filigrana, diretamente oposta à versão de Elliott sobre as “migrações” do século XIX.

Tentar entender o mito da “Terra sem Mal” exige, como já disse Hélène Clastres no seu livro clássico sobre o profetismo tupi-guarani, que voltemos “às origens” e que retomemos esse dossiê desde “*seu início*”. Se, por um lado, estou totalmente de acordo com essa proposta, por outro, me afasto dela sobre um aspecto fundamental. Segundo Hélène Clastres, as “origens” da “Terra sem Mal” se situariam no século XVI ou até mesmo antes, no passado pré-colonial dos grupos tupi-guarani. De fato, H. Clastres postula que a “Terra sem Mal” é um “*tema muito antigo, atestado no século XVI entre todos Tupi-Guarani*”. A primeira tarefa do pesquisador é, portanto, a de “*compreender o significado que ele tinha nesse momento*”⁴⁶. Quanto a mim, creio que as “origens” devem ser buscadas em outro momento histórico, especialmente no século XIX, nessas “migrações” esquecidas que foram uma das bases para a formulação da hipótese de Nimuendajú.

Contrariamente à opinião popular (cujo impacto da publicação *d’As Lendas* é a consequência), fontes escritas, legais, iconográficas, cartográficas e outras são numerosas e de alta qualidade sobre grupos Guarani das antigas províncias de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, no século XIX. Entre essas fontes, farei uso especialmente dos relatos de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott sobre as explorações que fizeram na época até a província de Mato Grosso, justamente as que são publicadas ao final deste livro. A leitura dessas fontes permite postular que as “migrações” dos Guarani no século XIX em direção ao Leste se deram em um contexto histórico específico. Elas se inscrevem, de fato, dentro de um amplo programa indigenista da época, projetado para “civilizar” os “Índios” e gerar, administrar e colonizar os territórios que anteriormente estavam sob seu controle. Isso não quer dizer que esses grupos indígenas, uma vez “dominados”, foram “forçados” a se deslocar, mas simplesmente que alguns desses grupos participaram do projeto indigenista da época, e contribuíram, assim, para a construção, colonização e integração de um vasto espaço territorial pensado à época como um grande “sertão desconhecido” a ser organizado. Esta é uma dimensão a mais, que não pode ser esquecida ou ignorada no momento de “pensar” ou “repensar” as “migrações” Guarani do século XIX.

Com base nestas preliminares, procederei em dois tempos ao longo deste ensaio. Na verdade, o que proponho é um duplo movimento de contextualização histórica. Por um lado, ressituar os movimentos Guarani do século XIX através das fontes que são publicadas ao final deste livro. Por outro, circunscrever o contexto da elaboração da categoria de “Terra Sem Mal” por parte de Nimuendaju. Entre a antropologia histórica e a história da antropologia, tentarei contextualizar as “migrações” do século XIX, para em seguida voltar ao contexto histórico e intelectual no qual se desenvolveram as pesquisas de campo de Nimuendaju entre os Apapocúva, com o objetivo de entender como a categoria de “Terra sem Mal” emergiu no campo antropológico. Este duplo movimento de contextualização histórica também aponta para um problema epistemológico ou metodológico que me parece central: o lugar que a história tem ocupado e que ocupa atualmente nos estudos Guarani. Porque favorecendo o aspecto religioso, e dizendo como Pierre Clastres que “*a substância da sociedade Guarani é o seu mundo religioso*”⁴⁷, parece-me que a história tem sido esquecida ou até mesmo negada. Portanto, é neste sentido que a reedição de fontes históricas deve ser entendida.

⁴⁶ CLASTRES, Hélène. *La terre sans mal: le prophétisme tupi-guarani*. Paris: Ed. du Seuil, 1975. p. 13.

⁴⁷ CLASTRES, Pierre. *Le grand parler. Mythes et chants sacrés des Indiens Guarani*. Paris: Editions du Seuil, 1974b. p. 8.

“Guarany”, “Cayuás”, etc.

Estudar os “Guarani” implica debruçar-se em primeiro lugar na própria categoria “guarani”: trata-se na verdade de uma categoria polissêmica que pode ser mais o produto dos “estudos Guarani” do que um reflexo da realidade.

Registrado pela primeira vez na década de 1530, nas margens do rio Paraná, o nome “guarani” foi então usado pelos espanhóis para se referir a todos os grupos que falavam, com algumas variações, a mesma língua. Ainda hoje, “Guarani” é o primeiro nome de uma língua, classificada na família Tupi-Guarani do tronco Tupi. Paralelamente, ela se cristalizou em etnônimo de alguns grupos: os Chiriguano da Bolívia, os Nandeva do Mato Grosso do Sul, entre outros. No entanto, o nome continua a funcionar como macrocategoria ou categoria genérica, geral e, em última instância, caricatural, que indica todas as pessoas que falam a língua Guarani e suas variantes. Este significado do termo deriva facilmente na direção da ideia da existência de uma única cultura e, às vezes, até mesmo de uma única civilização “Guarani” ou “Tupi-Guarani”, como aquela postulada por Alfred Métraux em seus trabalhos iniciais⁴⁸.

Neste ensaio, ao contrário, interesse-me por grupos guarani bem específicos: aqueles que, no século XIX e início do século XX, viviam nas províncias de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, nas margens e cabeceiras dos afluentes do médio rio Paraná. Eles foram divididos no século XIX e início do século XX entre “Guaranys” e “Cayuás”. Esta distinção é ainda válida para o estado de Mato Grosso do Sul. Atualmente, existem dois grandes grupos de língua Guarani no espaço compreendido entre o extremo sul de este Estado brasileiro e a região oriental do Paraguai: os “Kaiowá”, também conhecidos como “Pai-Tavyterá” no Paraguai; e os “Nandeva” (no Brasil) ou “Chiripá” (no Paraguai). Estes últimos também são conhecidos hoje simplesmente como “Guarani” ou “Avá-Guarani”.

O termo “Kaiowá” decorre da expressão guarani “caaiguá” derivada, por sua vez, da raiz “ka’a” que significa “floresta” ou “selva”. Neste sentido, o termo “caaiguá” pode ser traduzido como “aqueles da floresta ou do mato”. Este termo parece ter sido usado pela primeira vez pelas sociedades de língua guarani para designar todos aqueles que elas próprias consideravam como “selvagens”, independentemente de suas filiações linguísticas. Essas sociedades, portanto, não se referiam necessariamente apenas às sociedades de língua guarani. É apenas a partir da época colonial que o termo muda de sentido, passando a designar apenas os grupos guarani “selvagens”, sobretudo aqueles que permaneceram fora das missões jesuítas e do sistema colonial.

Segundo vários autores⁴⁹, os atuais Kaiowá podem ser considerados como descendentes dos grupos guarani anteriormente designados como “Itatim”, que viviam na margem oriental do rio Paraguai, a oeste da Serra de Amambai. O primeiro encontro desses grupos com os europeus se deu, de acordo com Combès, precisamente durante uma “migração” realizada na época colonial, por volta de 1530, pelo português Alejo Garcia⁵⁰. Partindo da costa do Atlântico, Garcia teria se dirigido para o oeste em companhia de outros grupos de língua guarani do litoral, em busca de metais preciosos, especificamente aqueles que estavam nas margens orientais do antigo império Inca. Sabemos que Garcia passou pelo porto de Itatim, recrutando populações dessa localidade.

Essa viagem reflete uma “migração” Guarani – em direção oeste – que, segundo Irala, não foi a primeira: o autor menciona de fato e de maneira muito explícita a existência de outras para

⁴⁸ MÉTRAUX, Alfred, *op. cit.*, 1928a. *La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.

⁴⁹ COMBÈS, Isabelle. *De la una y otra banda del río Paraguay*. Historia y etnografía de los Itatines (siglos XVI-XVIII). São Bernardo do Campo / Cochabamba: Nhanduti/Itinerários, 2014.

⁵⁰ COMBÈS, Isabelle, *op. cit.*, 2014.

a mesma região ocidental e que teriam ocorrido “antes que Garcia chegasse ao Brasil”⁵¹. Segundo Irala e seus contemporâneos, essas “migrações” pré-coloniais tinham o mesmo objetivo que a então liderada por Garcia: chegar aos metais do oeste.

De qualquer forma, essas “migrações” continuaram na época colonial. Grupos de língua guarani (muitos “Itatim”, mas também os “Cario” de Assunção do Paraguai) continuaram a apoiar os espanhóis instalados em Assunção a partir de 1537. Alguns desses grupos se estabeleceram a oeste do rio Paraguai, na atual Bolívia. Eles são hoje mais conhecidos como “Guarayo”.

Ao leste do rio Paraguai, na região do antigo porto de Itatim, as primeiras missões jesuítas foram fundadas em 1632. No entanto, elas foram atacadas e destruídas a partir do ano seguinte por diferentes expedições levadas a cabo por bandeirantes oriundos da província de São Paulo, com o objetivo de capturar “Índios” e vendê-los em seguida na costa atlântica como escravos⁵².

As bandeiras, por sua vez, provocaram novas “migrações” de grande envergadura dentre os grupos de língua guarani dessa região. Elas se dirigiram novamente em direção ao oeste (atravessando o rio Paraguai para fugir dos caçadores de escravos), mas também em direção ao sul. Sob pressão dos bandeirantes, os jesuítas tiveram de abandonar o projeto missionário na província de Itatim. Assim, as missões se trasladaram em direção ao sul, mais perto de Assunção, com inúmeros neófitos, mas nem todos. Muitos abandonaram definitivamente as missões e permaneceram na região, “refugiados” nas matas. É justamente neste contexto que o nome “Caaiguá” começa a se consolidar na literatura para designar os “Índios” de língua guarani que continuaram na região, e fora do sistema colonial.

A partir da segunda metade do século XVII e, sobretudo durante o século XVIII, os grupos guaycurú do Chaco começaram a atravessar o rio Paraguai e a se instalar, de maneira muito violenta, na região da margem esquerda do rio Paraguai. Para fugir, grupos de língua guarani se retiraram uma vez mais em direção das matas, mas desta vez mais a leste, aproximando-se cada vez mais dos tributários do rio Paraná. São essas guerras que Elliott narra em sua segunda novela, *O enjeitado*, que reeditamos neste livro.

A relação entre o significado do termo “Caaiguá” e o mundo colonial fica clara na *Viaje al Paraguay* de Johann Rudolph Rengger⁵³. Nesse livro, o autor distingue as “tribos selvagens de Guarani”, como os “Caaiguá” da Serra de Maracajú, dos Guarani das extintas missões jesuítas, “todos cristãos”. No entanto, ele mostra que esses “Caaiguá” não são tão “selvagens” e não estão tão afastados assim da sociedade colonial: eles trabalham muitas vezes nos ervais paraguaios e mantêm muitos contatos com os grupos guarani das missões, supostamente já “convertidos” ao cristianismo. Essas informações me parecem importantes no sentido em que elas permitem que seja relativizada aquela visão geralmente apresentada pela historiografia jesuíta segundo a qual os “Guarani cristãos” e os “Caaiguá selvagens” estariam localizados em espaços diferentes e impermeáveis⁵⁴. O que constatamos é que, apesar das diversas tentativas por parte dos jesuítas para controlar as relações entre os Índios das missões e os “selvagens das matas”, as afinidades entre ambos foram sempre constantes e tomavam forma seja por relações individuais, seja por agenciamentos familiares ou políticos.

O trabalho nos ervais ainda continuava funcionando na metade do século XIX. Essa época, conhecida como o “ciclo da erva”, é, sem dúvida nenhuma, um dos capítulos mais estudados

⁵¹ COMBÈS, Isabelle, *op. cit.*, 2014.

⁵² MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁵³ RENGGER, Johann Rudolph. *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826*. Asunción: Ed. Tiempo de Historia, 2010 [1835].

⁵⁴ WILDE, Guillermo. *Religión y poder en las misiones de Guaraníes*. Buenos Aires: Sb., 2009. p. 148.

pela antropologia e historiografia guarani sul matogrossense. No entanto, esses mesmos estudos consideram geralmente que o “ciclo da erva” só teria começado verdadeiramente após o término da guerra da Tríplice Aliança em 1870. A guerra, nesta perspectiva, é considerada como o ponto zero do contato entre indígenas e não indígenas. Antes dela, nada teria acontecido, e a suposta ausência de fontes históricas significaria a ausência de contato e de todo tipo de história. De fato, Melià escreveu, por exemplo, que o “*século XIX, até seu último quarto, representa um vazio quase total em relação a produção etnográfica de primeira mão sobre os Guarani*”⁵⁵. Mais ainda, a ausência de fontes seria acompanhada da ausência quase completa de colonos. Segundo Thomas de Almeida e Fabio Mura:

a região aqui considerada não abrigou colonos brancos, o que permitiu que ela se mantivesse intacta até o primeiro quarto do século XX, sem que os Índios tivessem que enfrentar condições intensas de contato⁵⁶.

Contudo, o *corpus* guarani do século XIX é muito vasto. Por “*corpus guarani*” entendo o conjunto de trabalhos existentes sobre essas sociedades, que vão desde o romance à poesia, da história à arqueologia, ou da linguística à antropologia. Esse *corpus* inclui ainda muitos outros formatos como a pintura, a cartografia, a música, as leis, a fotografia, a pintura, os filmes, os monumentos, etc., que desde a época colonial não param de pensar e repensar, de produzir e reproduzir, de fabricar e refabricar aqueles que nós geralmente e genericamente designamos como “Guarani”.

Na época que chamo “moderna”, ou seja, aquela logo posterior à independência do Brasil (1822) e que precede a publicação das *Lendas* de Nimuendajú em 1914, trabalho que marca uma ruptura importante, os “estudos guarani” eram compostos, por exemplo, de relatos de viagem como os de d’Orbigny⁵⁷, von Martius⁵⁸, Jean-Baptiste Debret, entre outros. Relatos de outros profissionais, como os dos engenheiros Thomas Bigg-Wither, Franz e Joseph Keller, que, entre 1860 e 1870, exploraram as províncias de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, também compõem o que chamo de “estudos guarani modernos”.

Esses estudos, no entanto, são também formados pela literatura indianista da época. Eles incluem, sobretudo, os trabalhos de Elliott, Lopes e do Barão de Antonina que estamos reeditando nesse livro. Trabalhos em sua maioria publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB). Publicações que tinham, ao mesmo tempo, uma utilidade científica e pragmática.

Os projetos do Barão de Antonina

Os projetos indigenistas do Barão de Antonina, que começam a se desenvolver a partir dos anos 1840, prolongam e concretizam, de certa forma, vários aspectos das políticas indigenistas do século XIX, mesmo se eles associam interesses pessoais inegáveis. Por indigenismo eu me refiro aqui a um conjunto de políticas públicas implementadas para os povos indígenas em diversas épocas.

⁵⁵ MELIÀ, Bartomeu; SAUL, Marcos Vinícius de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Angelo: Fundação Missionária de Ensino Superior, 1987. p. 31.

⁵⁶ ALMEIDA, Rubem Thomaz de; MURA, Fabio. “Historia y territorio entre los Guarani de Mato Grosso do Sul, Brasil”. *Revista de Indias*, v. LXIV, n. 230, p. 58-59, 2004.

⁵⁷ D’ORBIGNY, Alcide. *L’Homme Américain (de l’Amérique Méridionale) considéré sous se rapports physiologiques et moraux* (Vol. t. II). Paris: Pitois-Levrault et &, 1839.

⁵⁸ VON MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. “O passado e o futuro do homem americano”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 9, p. 534-562, 1904 [1838].

Desde a independência do Brasil em 1822, colocou-se a questão do “problema indígena”, ou seja, a questão sobre o novo lugar e espaço que as sociedades indígenas deveriam ocupar dentro de um Estado recentemente descolonizado, mas ainda em formação. Um novo projeto de integração para essa parte da população, agora nacional, deveria, idealmente, se definir opondo-se às práticas da época colonial. No entanto, e apesar das intenções aparentes, as políticas indigenistas da primeira metade do século XIX foram marcadas, ao contrário, por sua proximidade com as práticas coloniais.

Um dos primeiros projetos apresentados foi o de José Bonifácio de Andrada e Silva em 1821. Nesse projeto, José Bonifácio propunha que fossem garantidos espaços territoriais aos “Índios”, sob a forma de missões, colônias ou aldeamentos. No entanto, nenhuma lei foi votada ao nível nacional até 1845. Em 1831, uma lei foi aprovada para abolir as Cartas Régias de 1808 e 1809 que autorizavam que os “índios bravos” capturados durante as “guerras justas” fossem escravizados. No entanto, é possível duvidar do poder de ação desta lei em todo o território nacional⁵⁹. Segundo Fernanda Sposito, essa lei foi aplicada principalmente na província de São Paulo, justamente onde nasce a formulação do projeto de lei, para resolver uma situação bem específica entre os colonos da vila de Itapetininga e um grupo de língua guarani que vivia nesta época na região⁶⁰. Se evoco esse exemplo aqui, isso se deve ao fato de que mais adiante nos depararemos novamente com esses mesmos indígenas de Itapetininga.

Em julho de 1831, uns oitenta indígenas, provavelmente “Cayuás”, acamparam pacificamente nas proximidades da vila de Itapetininga, justamente na entrada da fazenda dos irmãos Paulino. A presença de mulheres e crianças no acampamento mostraria o caráter pacífico desta aproximação, sinalizando igualmente, segundo Sposito, uma espécie de nova estratégia por parte dos indígenas para se relacionarem com os colonos locais. Estes últimos, por sua vez, ao invés de atacarem ou escravizarem os indígenas, preferiram distribuir objetos e bens de subsistência, assim como recrutá-los como mão de obra. Segundo Sposito, é justamente a partir desta situação bem específica que o Conselho Geral da província de São Paulo teria começado a debater sobre novas formas de ação para gerir o “problema indígena”.

O momento mais importante da história do indigenismo do século XIX no Brasil é, sem dúvida, a promulgação em 1845 do decreto 426, mais conhecido como “Regulamento das Missões de Catequese e Civilização dos Índios”⁶¹. Dentre os principais artigos deste decreto, vale ressaltar a criação, em cada uma das províncias do país, de uma Diretoria Geral dos Índios (DGI). O “Regulamento das Missões” também alentava a criação de aldeamentos indígenas e instituiu a volta da atividade missionário (capuchinha) dentro desses espaços. Associa-se também aos aldeamentos aspectos militares (colônias militares próximas, funcionários do exército, etc.), econômicos, coloniais e civilizatórios. Nas regiões de fronteira, como aquela em litígio entre o Brasil e o Paraguai, os aldeamentos também tinham por função exercer soberania e fortalecer a ocupação brasileira.

Os projetos específicos de João da Silva Machado, promovido Barão de Antonina em 1843, retomam vários elementos destes distintos projetos descritos anteriormente. Seu programa indigenista, que nasce nos anos 1840, está ligado a outro: o de colonizar o interior das províncias de São Paulo, Paraná e Mato Grosso a partir da construção de uma nova via de comunicação que integraria esses territórios ao espaço nacional através do vale do rio Paranapanema.

⁵⁹ Cunha, Manuela Carneiro da. “Política indigenista no século XIX”. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992a. p. 148.

⁶⁰ SPOSITO, Fernanda. “Liberdade para os índios no Império do Brasil. A revogação das guerras justas em 1831”. *Almanack*, n. 1, p. 62, 2011.

⁶¹ CUNHA, Manuela Carneiro da. *Legislação indigenista no século XIX*. Uma compilação (1808-1889). São Paulo: CPI-Edusp, 1992b. p. 191-199.

O governo brasileiro via com muito bons olhos esse projeto. Além de desenvolver o comércio, a colonização e o povoamento das distintas províncias, ele também vislumbrava, apenas vinte anos antes da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), solucionar a delicada “questão platina” que opunha os diplomatas brasileiros e paraguaios em relação ao tema da livre navegação do Rio da Prata e Paraguai, principal via de acesso para se chegar à província de Mato Grosso⁶².

Por trás desses argumentos de caráter público, existiam também interesses privados por parte do Barão de Antonina. Um dos seus principais objetivos era estabelecer grandes fazendas agrícolas, antes da promulgação da “Lei de Terras” de 1850, a partir da posse das terras “descobertas”.

Além da colonização e da solução da “questão platina”, um terceiro argumento de interesse público, desta vez indigenista, foi usado pelo Barão de Antonina para legitimar ao governo suas explorações em direção à província de Mato Grosso. Aproveitando-se da construção da nova via de comunicação, era possível aldear distintos grupos de língua guarani da região em aldeamentos que seriam estabelecidos ao longo do caminho.

O aldeamento dos indígenas apresentava diversas vantagens para o governo. Por um lado, os aldeamentos poderiam servir como etapas do novo caminho. Por outro lado, com a criação dos aldeamentos e a redução dos indígenas, abriam-se vários espaços que antes eram ocupados por eles para a colonização. Assim, muitos dos aldeamentos criados se transformaram em pontos avançados da frente de colonização. Uma vez reunidos os indígenas, era também muito mais fácil implementar os projetos de “catequese” e “civilização” pensados pelo governo brasileiro desde o começo do século.

Para que o Barão de Antonina formulasse seu projeto, foi indispensável a visita que ele recebeu, em 1843, na sede de sua fazenda Perituva, de uma dezena de indígenas de língua guarani. Esses indígenas representavam na verdade um grupo maior, de aproximadamente duzentas pessoas, e buscavam a colaboração do futuro Barão de Antonina para obter terras mais abundantes em caça e mais protegidas dos colonos. Numa carta de 2 de setembro de 1843⁶³, que reeditamos neste livro, o Barão de Antonina relata essa visita e expõe também as vantagens de fundar um aldeamento para eles, que, segundo ele, estavam entre a “civilização” e a “barbárie”. No mesmo ano, e sem esperar a ajuda solicitada ao governo, o grupo guarani de duzentas pessoas foi transferido pelo futuro Barão à São João Batista do Rio Verde, o primeiro aldeamento, dentre muitos outros, que ele criaria até a década de 1860. Situado entre os rios Verde e Itararé, dois afluentes da margem esquerda do rio Paranapanema, São João Batista estava localizado em plena fazenda Perituva, principal latifúndio do Barão⁶⁴.

⁶² DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; ALMEIDA, Mário Monteiro de. *Episódios Históricos da Formação Geográfica do Brasil*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 2010 [1951].

⁶³ OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. “Notícia raciocinada sobre as aldeias de índios da Província de S. Paulo, desde o seu começo até a atualidade”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, p. 204-253, 1846.

⁶⁴ Na década de 1910, os indígenas da então “Fazenda dos Índios”, como passou a ser chamado o antigo aldeamento de São João Batista do Rio Verde, perdem seu território em disputa judicial com colonos locais (José da Matta Cardim. Apelação nº 7285 da Comarca de Itaporanga. São Paulo: Heitor & Alves, 1915). Eles são transferidos pelo SPI, através de Nimuendajú, ao Posto Indígena do Araribá. Na década de 1990, parte de seus descendentes retomam a Terra Indígena Itaporanga e Terra Indígena Barão de Antonina, atualmente em processo de identificação (Ver FUNAI, *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação das Terras Indígenas de Itaporanga e Barão de Antonina*, Brasília, FUNAI, 2007).

As “migrações históricas” dos Guarani

“A Emigração dos Cayuáz”

Para abrir o caminho projetado até a província de Mato Grosso, o Barão de Antonina organizou múltiplas expedições entre 1844 e 1858, todas elas dirigidas por dois de seus homens de confiança: os sertanistas João Henrique Elliott e Joaquim Francisco Lopes. Durante essas expedições, estabeleceram-se relações de aliança importantes com grupos guarani da região. Graças a numerosos relatórios publicados por eles na revista do IHGB, é possível conhecer com detalhe o teor dessas relações. Esses e outros relatórios estão sendo reeditados neste livro em seu conjunto.

Durante as expedições, Lopes e Elliott encontraram numerosos grupos “cayuáz” e/ou “guarany”, com os quais passaram a manter relações de amizade. Eles os convidam de forma sistemática para que se dirijam aos aldeamentos fundados pelo Barão de Antonina, e muitos deles aceitam tal convite. De fato, no discurso de vários caciques guarani, o Barão de Antonina era tratado como Paí-Guaçu, uma espécie de pai-patrão.

Dos diversos relatórios e novelas redigidos pelos exploradores, é possível reter que as guerras entre os Guarani e os Guaycurú ainda aconteciam⁶⁵, assim como era forte a relação entre os “cayuáz” e o Estado do Paraguai. De fato, em muitas vilas da região oriental do Paraguai, era possível abastecer-se de objetos de metal. O cacique Pedro Ivo, encontrado por Lopes e Elliott durante uma das expedições, estava vestido de uniforme militar e vinha voltando do Paraguai onde ele tinha ido trabalhar por muito pouco dinheiro.

Elliott estima que os indígenas da região devessem ser aproximadamente quatro mil⁶⁶, entre “Cayuáz” e “Guarani”, embora fosse difícil distingui-los sempre. Os dois grupos (se de fato estamos diante de apenas “dois grupos”) tiveram um passado comum dentro das missões jesuítas, passado cristão simbolizado pelas cruzes fincadas na entrada de inúmeras aldeias, os *chiru*, pelas pias batismais, ou pelo uso do violino. Ao todo, Elliott e Lopes visitaram ou tiveram notícias de mais de trinta aldeias habitadas por um número muito variado de indivíduos, indo de dezoito pessoas a mais de cem. Todas essas aldeias eram dirigidas por “capitães” ou “caciques” locais. No entanto, existiam também caciques mais importantes que outros, exercendo uma espécie de autoridade regional, como é o caso, por exemplo, do cacique Libânio ou Iguaçu que controlavam várias outras aldeias. Esses caciques tiveram um papel fundamental durante a instalação dos “Cayuáz” nos aldeamentos, e, portanto, também durante as “migrações” que os levaram até eles. Dos relatórios de Elliott e Lopes, percebe-se que tais caciques tinham nomes guarani (Mirim, Iguaçu, etc.), mistos (Antonio Uru), português e espanhol (Matias, Felipe, Inácio).

A décima primeira expedição, liderada por Elliott em 1852, foi relatada por ele em um artigo intitulado “A emigração dos Cayuáz”⁶⁷. Esse relato é fundamental, porque o retorno da expedição se deu em companhia de uma centena de “Cayuáz” que se instalaram na colônia militar do Jataí, na margem oposta de onde seria erguido o aldeamento de São Pedro de Alcântara. O relato de Elliott trata, assim, da temática das “migrações” guarani em direção do oriente. Em sua versão, o motor dos deslocamentos é consequência dos esforços do Barão de Antonina, o Paí-Guaçu, em transferir os “Cayuáz” da província de Mato Grosso aos aldeamentos recém-criados na província do Paraná. Outro motivo deste deslocamento seria a vontade dos “Cayuáz” de escaparem

⁶⁵ LOPES, Joaquim Francisco. “Itinerário de Joaquim Francisco Lopes, encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a província de S. Paulo e a de Mato Grosso pelo Baixo-Paraguai”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 13, p. 320-321, 1850.

⁶⁶ ELLIOTT, João Henrique, *op. cit.*, 1856.

⁶⁷ ELLIOTT, João Henrique, *op. cit.*, 1856.

de seus inimigos, principalmente os Guaycurú⁶⁸. Segundo Elliott, essa insegurança permanente já teria provocado separações anteriores entre os grupos “cayuz” no sentido de buscar lugares mais tranquilos. De fato, o primeiro exemplo de “migração” citado por Elliott data dos anos 1830, ou seja, mais de dez anos antes dos projetos do Barão de Antonina em aldeá-los. A novela *O enjeitado*, publicada por Elliott em 1857, conta justamente esses conflitos inter-étnicos.

De qualquer forma, em 1852 Elliott diz ter sido capaz de reunir um total de cento e setenta pessoas, para as quais ele renova o convite do Barão para que elas se dirijam aos aldeamentos da província do Paraná localizados “nas margens e matas do Tibagi”, ricas “em palmitos, frutas, caças e mel” e onde eles poderiam “encontrar a mão protetora e generosa do Pai-Guaçu que os protegeria dos inimigos”⁶⁹.

Elliott descreve o caminhar lento do grupo. Os indígenas param muito para pescar e caçar. Durante as noites, eles rezam, cantam e dançam, o que acarreta muito atraso durante as manhãs para dar sequência à viagem. Esta última informação é muito importante e a única onde Elliott evoca elementos religiosos ligados a esta “migração”. Como sabemos, Nimuendajú atribui às “migrações” um motivo religioso, e, nesse sentido, é verdadeiramente uma pena que Elliott não tenha explorado mais esta informação.

A “migração” à Iguape e a criação do aldeamento de Itariri

Mesmo que a “migração cayuz” de 1852 seja a melhor documentada, ela está longe de ser a única, e durante os anos seguintes muitos outros grupos guarani se instalaram nos aldeamentos. Ainda mais interessante é o fato de Elliott mencionar a existência de “migrações” muito anteriores realizadas pelos “Cayuz”: “migrações” que não foram motivadas pelo convite do Barão, mas que teriam sido motivadas, segundo Elliott, pela busca de lugares mais protegidos e melhor situados.

Concretamente, Elliott indica que por volta de 1830 “teria aparecido nas imediações da vila de Itapetininga um grupo de índios selvagens desconhecidos; eram os Cayuz que vinham da outra margem do rio Paraná”⁷⁰. Seus interlocutores descreveram detalhadamente o trajeto que esse grupo teria seguido. Uns sessenta anos depois, Nimuendajú transcreveria de forma quase literal esse mesmo trajeto nas *Lendas*, sem citar, no entanto, o texto de Elliott. Assim, ao invés de descrever essa peregrinação como um esforço dos “Cayuz” para fugir dos seus inimigos, Nimuendajú evoca o caminho percorrido para alcançar a “Terra sem Mal”⁷¹.

É mais do que provável que esses “Cayuz” sejam aquelas mesmas oitenta pessoas que se aproximaram da fazenda dos irmãos Paulino em julho de 1830. Esses mesmos indígenas tiveram em seguida um papel importante na história de outra “migração” realizada em 1835 em direção da cidade de Iguape, localizada no litoral sul da província de São Paulo⁷².

Esse deslocamento está muito bem documentado em cartas da época e em textos posteriores de Ernesto Young⁷³ e Nimuendajú⁷⁴. Depois de um conflito entre o grupo guarani

⁶⁸ ELLIOTT, João Henrique, *op. cit.*, 1856, p. 434.

⁶⁹ ELLIOTT, João Henrique, *op. cit.*, 1856, p. 440-441.

⁷⁰ ELLIOTT, João Henrique, *op. cit.*, 1856, p. 434.

⁷¹ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 9.

⁷² BARBOSA, Pablo Antunha. *Documento técnico final de caracterização histórica das áreas Guarani denominadas tekoa Pindoty, Guaviraty, Itapuã (Icapara I), Jetyty (Toca do Bugio), Itaoka (Icapara II) localizadas na região do Vale do Ribeira, Estado de São Paulo*. São Paulo: FUNAI, 2011.

⁷³ YOUNG, Ernesto. “História de Iguape”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 8, p. 222-375, 1903.

⁷⁴ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914].

recém-chegado e colonos de Iguape, relações de amizade se consolidaram entre os dois campos. Como prova de amizade, os indígenas receberam por volta de 1837 um aldeamento entre os rios do Peixe e Itariri. A criação do aldeamento de Itariri é muito importante, pois ela é anterior ao projeto do Barão de Antonina e representa o primeiro aldeamento criado sob o Império brasileiro na província de São Paulo para reunir grupos de língua guarani.

Para que relações de amizades fossem concretizadas, o guarani chamado João e originário das proximidades da vila de Itapetininga teve um papel fundamental como mediador. Assim, os “Cayuáz” de 1830 reaparecem na história. De fato, o índio João é o mesmo “capitão Guaçu” que Nimuendajú evoca na descrição que ele faz a respeito do conflito entre os Tañyguá e os colonos de Iguape.

Essas informações são centrais para se entender um pouco melhor o cenário das “migrações históricas” dos grupos de língua guarani no século XIX. Foi precisamente nas vizinhanças de Itapetininga que o Barão de Antonina criaria em 1843 o aldeamento de São João Batista do Rio Verde. No entanto, como é possível perceber, ao menos 15 anos antes da criação deste aldeamento, diferentes famílias guarani-falantes já mantinham relações rotineiras entre seus acampamentos da costa atlântica e aqueles localizados no planalto paranaense e paulista, particularmente no vale do rio Paranapanema. Mais importante ainda, esse episódio é uma referência imediata às “migrações” da “horda” dos “Tañyguá” que, segundo Nimuendajú, teria alcançado o litoral atlântico em busca da “Terra sem Mal” durante a primeira metade do século XIX.

Que se trate da “migração” de 1830 ou daquela de 1835, é possível perceber que de fato existem grandes deslocamentos “Cayuáz” antes mesmo da consolidação dos projetos do Barão de Antonina. Assim, não é possível atribuir somente a ele todas as “migrações” realizadas durante os três primeiros quartos do século XIX. Mesmo durante os deslocamentos motivados pela busca dos aldeamentos, Elliott também evoca elementos que parecem ser religiosos, como os cantos e as danças noturnas que atrapalham o caminhar da expedição de 1852. No entanto, como vemos também, o projeto do Barão de Antonina não pode ser obliterado no momento de explicar as “migrações” massivas que ocorreram na metade do século XIX. Elas tiveram origem em um contexto histórico bem preciso; foram motivadas em grande medida a convite dos brancos e realizadas com sua ajuda, em busca, é verdade, de um lugar farto, rico em frutas, mel e caça, e onde era possível contar com a mão generosa, protetora e interessada do Paí-Guaçu.

As “origens” da “Terra sem Mal”

As “migrações” que acabamos de evocar foram atribuídas por Curt Nimuendajú n’ *As lendas* à crença guarani da “Terra sem Mal” e à busca obstinada desse lugar de riquezas e delícias. Nesse mesmo livro, ele sugere a mesma hipótese para todas as “migrações históricas” dos grupos tupi-guarani.

A hipótese da busca da “Terra sem Mal” como motor de todas as “migrações históricas” dos Tupi-Guarani é, sem dúvida, ambiciosa. Ela destoa na obra de alguém que tinha por maior qualidade metodológica a descrição minuciosa e densa, e que é muitas vezes lembrado mais pelo seu “realismo etnográfico”⁷⁵ que por seu sentido de interpretação⁷⁶.

O debate sobre as “migrações históricas” dos Tupi-Guarani já tinha sido aberto por outros autores antes de Nimuendajú, como Von Martius, Von den Steinen e Ehrenreich, por exemplo.

⁷⁵ Comunicação pessoal Peter Schröder.

⁷⁶ MELATTI, Júlio Cezar. “Curt Nimuendajú e os Jê”. *Série Antropologia*, n. 49, p. 16, 1985.

Ao se inserir neste debate, Nimuendajú foi o primeiro a sugerir que as “migrações históricas” eram a consequência de motivações religiosas. Essa sugestão pioneira tem, contudo, sua própria história. Ela não surgiu como uma “revelação” por parte dos informantes de Nimuendajú. Ela não é tampouco fruto de uma experiência migratória vivida pelo próprio Nimuendajú. Ao contrário, ela se forjou, pouco a pouco, ao longo dos primeiros anos da trajetória profissional de Nimuendajú no Brasil.

Os Guarani e Nimuendajú

Curt Unkel chegou a São Paulo, Brasil, em 1903 quando tinha apenas 20 anos de idade. Em 1905, ele foi recrutado pela Comissão Geológica e Geográfica do Estado de São Paulo (CGGSP) para tomar parte de uma grande expedição que percorrerá parte dos rios Feio e Aguapeí. Desapontado com o seu caráter militar, o jovem Curt abandonou a expedição, começando logo em seguida sua primeira pesquisa de campo entre os Apapocúva, provavelmente por intermédio de alguns guias guarani que, também faziam parte da expedição do CGGSP, como José Francisco Honório Avacaujú, posteriormente pai adotivo de Nimuendajú⁷⁷.

As pesquisas de campo posteriores de Nimuendajú entre os Apapocúva e outros grupos guarani da região se dariam no contexto de sua nova atividade como indigenista do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), criado em 1910. Como indigenista, Nimuendajú demonstra um sólido trabalho de campo como etnógrafo. Ele pode ser considerado, assim, como um homem que praticava a “observação participante” e que buscava aprender a língua de seus anfitriões. Ele pregava, sobretudo, que era indispensável manter uma relação empática que permitiria que os indígenas o considerassem como “irmão de tribo e de crença”, “vivendo como um Índio entre os Índios”⁷⁸.

No contexto do SPI, a missão de Nimuendajú era convencer que os distintos grupos guarani que viviam no Estado de São Paulo abandonassem seus acampamentos e se transferissem definitivamente em direção do recém-criado Posto Indígena do Araribá: uma missão não tão diferente daquela empreendida por Lopes e Elliott uns sessenta anos antes em nome da Diretoria Geral dos Índios e do Barão de Antonina. Em 1912, Nimuendajú parece ter conseguido convencer parte dos Oguauíva em deixar Itaporanga para Araribá. Ele também convidou a “horda” dos Tañyguá, que vivia no litoral paulista, no aldeamento de Itariri ou Peixe, a se juntar aos outros grupos guarani que se dirigiam à Araribá. No entanto, diferentemente dos Apapocúva e Oguauíva, os Tañyguá não puderam ser convencidos por Nimuendajú.

Foi durante suas últimas pesquisas de campo entre os Guarani e, sobretudo entre os Apapocúva, que Nimuendajú coletou dados sobre os “fundamentos da religião” dos Apapocúva e suas relações com a crença na “Terra sem Mal”. Apesar de a literatura falar com frequência na existência de um *mito* apapocúva da “Terra sem Mal”, parece-me muito mais prudente falar de uma espécie de crença difusa sobre esse paraíso. Como o mesmo Nimuendajú afirma, os Apapocúva não tinham uma “lenda específica” a esse respeito, mas simplesmente “tradições dispersas que se referiam a cataclismas originais, assim como numerosas profecias de alguns xamãs sobre catástrofes futuras”⁷⁹. Dessa forma, penso que o tema da “Terra sem Mal” aparece unicamente como uma espécie de “mitema” no seio de uma epopeia muito maior e geral sobre a gênese e o fim do mundo. De forma geral, a “Terra sem Mal” representava para os Apapocú-

⁷⁷ NIMUENDAJÚ, Curt. “Nimongarai”. *Revista Mana*, v. 7, n. 2, p. 143-149, 2001 [1910].

⁷⁸ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 13.

⁷⁹ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 67.

va uma espécie de paraíso perdido – literalmente perdido, pois “os xamãs mais experientes”⁸⁰ divergiam quanto à sua localização geográfica. No entanto, apesar dessas divergências, existia, contudo, um acordo tácito e unânime sobre o objetivo final desta busca: fugir da iminente destruição do mundo (*mbaé meguá*) e salvar-se, assim, da prova da morte na terra.

Para Nimuendajú a crença na “Terra sem Mal” dependia, então, da crença no fim do mundo (*mbaé meguá*) que seria causado por diversas catástrofes, como incêndios, inundações, etc. Na verdade, era essa crença, e não a da “Terra sem Mal”, que representava a principal característica da religião dos Apapocúva. É por isso também que a religião dos Apapocúva e dos Guarani foi pensada geralmente como religiões escatológicas.

As “origens”

Mesmo que o termo “Terra sem Mal” ou *Yvy marãe’y*, sua tradução em língua guarani, apareça pela primeira apenas n’*As lendas*, a temática das “migrações” guarani e seu caráter religioso já vinha interessando Nimuendajú desde algum tempo. Em um pequeno texto de 1911, intitulado *Os buscadores do céu*, Nimuendajú já tratava do tema da “Terra sem Mal”, no entanto sem usar essa expressão: ele falava da “ilha das almas felizes”⁸¹. Em 1908, Nimuendajú esboçou também outro texto, intitulado *Apontamentos sobre os Guarani*, uma espécie de primeira sistematização dos dados coletados em campo entre os Apapocúva⁸². Esse texto é anterior às *Lendas* de seis anos, e ele retraza de forma cronológica, desde 1830 até 1906, os sofrimentos e obstáculos que várias famílias Apapocúva, Oguauíva e Tañyguá tiveram de enfrentar durante esse período. Entre outras coisas, esse texto trata da difícil situação dos Guarani durante a segunda metade do século XIX e começo do século XX em razão do desdobramento da frente de expansão colonial. Além de uma única alusão à “terra onde não mais se morre”⁸³, nenhuma outra menção é feita ao paraíso da “Terra sem Mal”.

Esses dois textos, anteriores às *Lendas*, são essenciais para entender a evolução não somente do pensamento de Nimuendajú, mas também da metodologia por ele aplicada para elaborar sua hipótese sobre a “Terra sem Mal”. Se os comparamos, percebemos que entre 1908, data da redação dos *Apontamentos*, e 1914, data da publicação d’*As lendas*, ele opera aquilo que poderíamos chamar, usando a expressão de Jean Bazin, de “inversão etnológica”. Ou seja, a ideia de que o antropólogo deveria ser iniciado sobre o “ponto de vista nativo” para ser capaz de entender o sentido daquilo que ele estuda⁸⁴.

No caso de Nimuendajú, esta suposta iniciação teria acontecido em algum momento entre 1908 e 1914. De fato, entre os *Apontamentos* e *As lendas*, passando ainda pelo *Buscadores do céu*, a densidade e a violência do período histórico, muito presente nas suas notas de campo de 1908, desaparecem no texto de 1914, dando espaço a um cenário vazio e cheio de detalhes etnológicos ao gosto da antropologia do início do século XX. Etnologizando a história é que Nimuendajú encontra o espaço adequado para postular sua hipótese religiosa sobre as “migrações” guarani.

Dessa forma, mesmo que a crença em uma terra prometida, que pode ser alcançada sem passar pela morte, existisse certamente entre os Apapocúva, não parece que a categoria *Yvy*

⁸⁰ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 97.

⁸¹ NIMUENDAJÚ, Curt. “Os Buscadores do Céu”. *Revista Tellus*, ano 13, n. 24, p. 303-310, 2013.

⁸² NIMUENDAJÚ, Curt. “Apontamentos sobre os Guarani”. *Revista do Museu Paulista*, v. 8, p. 9-57, 1954 [1908].

⁸³ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1954 [1908].

⁸⁴ BAZIN, Jean. “Interpréter ou décrire. Notes critiques sur la connaissance anthropologique”. *Des clous dans la Joconde*. L’anthropologie autrement. Toulouse: Anacharsis, 2008 [1996]. p. 407-433.

marãe'y tenha sido aquela que os informantes de Nimuendajú usaram na época para expressar tal crença. Na verdade, Nimuendajú não nos dá nenhuma informação clara a respeito da forma como ele teve acesso a essa categoria. Ele indica somente que *Yvy* significa “terra” e que *ey* representa a “negação, sem”⁸⁵. No entanto, o sentido do termo *marã* é muito mais delicado, pois, segundo Nimuendajú, essa palavra não existia mais na língua apapocúva no início do século XX. A tradução que ele nos dá foi então tirado do “*Guarani antigo*”, quando a palavra significava “doença”, “maldade”, “calúnia”, “luto-tristeza”, “etc.”⁸⁶.

Mesmo que Nimuendajú não deixe claro, é muito provável que, para fazer suas traduções, ele tenha se baseado no célebre *Tesoro* de Antonio Ruiz de Montoya. De fato, quase todos os sinónimos que ele cita para definir a noção *marã* estão presentes neste importante trabalho do missionário jesuíta. É importante notar igualmente que Montoya é a única pessoa que registrou essa categoria nativa antes de Nimuendajú. Não fui capaz de encontrar nenhuma outra menção a ela em outros dicionários, vocabulários ou léxicos. No entanto, se a expressão é a mesma, seu significado muda substantivamente. Como demonstrou Melià, no *Tesoro* de Montoya a noção *Yvy marãne'y* tem uma conotação mais econômica que religiosa: a de “*solo intacto (que não foi construído)*”⁸⁷.

Dessa forma, parece-me prudente supor que Nimuendajú traduziu a noção “Terra sem Mal” por *Yvy marãe'y* e não o contrário. Arriscar-me-ia a supor que inicialmente, a partir da categoria “Terra sem Mal” e sua tradução ao guarani, Nimuendajú tentou fazer uma tradução antropológica, elaborando uma categoria genérica para descrever e dar conta de uma série de crenças, mais ou menos difusas, sobre a relação entre o fim do mundo (*mbaé meguá*) e a existência de um paraíso que poderia salvar o futuro dos homens. Em outras palavras, antes de representar uma ontologia guarani – como ela foi pensada pela literatura americanista pós-Nimuendajú –, essa categoria pode ser datada historicamente com certa precisão, tendo sido elaborada por Nimuendajú entre 1908 e 1914. É neste contexto preciso de produção e enunciação que penso que ela deve ser pensada para não se cair em grandes generalizações sobre as “migrações” guarani, como o fez Nimuendajú em primeiro lugar e seus diversos sucessores em seguida.

Um dos elementos detonadores que ajudaram Nimuendajú a formular a hipótese da “Terra sem Mal” parece ter sido a única “migração” de caráter nitidamente religioso que ele pôde acompanhar em 1912, ou seja, precisamente entre a elaboração dos *Apontamentos* e das *Lendas*. De fato, é importante dissipar uma grande confusão que existe a esse respeito: contrariamente ao que muitos parecem pensar, Nimuendajú não acompanhou nenhuma “migração” religiosa em companhia dos Apapocúva. Na verdade, existe só um exemplo, ao longo de todo o texto d'*As lendas* de um deslocamento guarani que parece ter tido motivos religiosos e que Nimuendajú pôde acompanhar. No entanto, embora nitidamente religiosa, nessa “migração” não há nenhuma referência direta à busca da “Terra sem Mal”, somente a uma “*terra onde não mais se morre*” localizada a leste. Trata-se de um deslocamento realizado por “*um pequeno grupo de Guarani paraguaios*” encontrado por Nimuendajú “*apenas há 13 km. a oeste de São Paulo, num pântano sobre as margens do rio Tietê*”⁸⁸. Essa experiência parece ter marcado bastante o pensamento de Nimuendajú. Foi ela que parece ter permitido que ele estabelecesse a relação fundamental na sua hipótese entre aquilo que era uma crença (no fim do mundo e na “Terra sem Mal”) e as “migrações” concretas. Contudo, e se minha sugestão for certa, a hipótese emitida por Nimuendajú contém um problema inicial. De fato, como ele

⁸⁵ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 38.

⁸⁶ NIMUENDAJÚ, Curt, 1987 [1914], p. 38.

⁸⁷ MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Tesoro de la lengua guaraní*. Leipzig: Oficina y Fundería de W. Drugulin, 1876 [1639].

⁸⁸ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 105.

mesmo diz, os indígenas encontrados em 1912 eram paraguaios, provavelmente ascendentes dos atuais Mbyá do litoral atlântico⁸⁹. Assim, até esse momento, além de uma língua parecida, esse grupo ainda não mantinha nenhuma relação histórica com os “migrantes” do século XIX a partir dos quais Nimuendajú elabora sua sugestão. Eles não tinham também nenhuma relação com os Apapocúva do século XX.

Além deste episódio, Nimuendajú não acompanhou nenhuma outra “migração” religiosa durante seus distintos trabalhos de campo entre os Guarani. Ao contrário, ele observou e acompanhou, sobretudo, uma série de deslocamentos que tinham claramente outros objetivos: a transferência compulsória dos Guarani em direção ao Posto Indígena de Araribá, os conflitos com os colonos e as crises epidêmicas que dificultaram a vida dos Guarani no início do século XX⁹⁰.

Para explicar as “migrações” do século XIX, Nimuendajú se baseou nos relatos de alguns de seus informantes que contavam histórias que podiam ser datadas de “*menos de cem anos*”⁹¹. Em outras palavras, Nimuendajú coletou histórias sobre “migrações” que ocorreram justamente no período das expedições de Elliott e Lopes. Dessa forma, é difícil não postular a seguinte questão: Nimuendajú conhecia as fontes escritas sobre essas mesmas “migrações”? Além dos relatos orais, de que maneira a literatura disponível na sua época pôde influenciar a maneira de Nimuendajú pensar e formular sua hipótese?

No primeiro capítulo d’*As lendas*, Nimuendajú descreve de maneira aparentemente detalhada o caminho que os Tañyguá, Oguauíva e Apapocúva teriam seguido durante suas “migrações” do século XIX. Segundo ele, a primeira “horda” a abandonar “*sua pátria*” no rio Iguaçu teria sido a dos Tañyguá, por volta de 1830. No entanto, é possível perceber que, quando Nimuendajú descreve o caminho seguido por esse grupo, ele retoma, quase literalmente, a descrição feita por Elliott mais de meio século antes sobre a “migração” dos “Cayuáz” em 1830.

Se compararmos os textos de Elliott e de Nimuendajú, é possível afirmar, sem medo de cometer injustiças, que o segundo conhecia perfeitamente o texto do primeiro. Na verdade, ele transcreve textualmente, sem dar, no entanto, os necessários créditos. Da mesma forma, nos *Buscadores do céu* Nimuendajú transcreve, e mais uma vez sem fazer as referências necessárias, algumas informações publicadas por Elliott num texto de 1847⁹² e pelo Barão de Antonina num texto de Machado de Oliveira de 1846⁹³. Isso significa que Nimuendajú não somente conhecia a existência do Barão de Antonina, evocado também na tradição oral de seus informantes guarani, como também seus projetos para aldear grupos guarani da província de Mato Grosso em aldeamentos na província do Paraná.

Mais ainda, Nimuendajú sugere sua hipótese como uma resposta direta a Elliott e ao Barão de Antonina e não contra Von Martius, Von den Steinen e Ehrenreich. Como vimos, para Elliott, a “emigração” dos “Cayuáz” teria sido motivada pelos ataques constantes que os Guaycurú e os Terena faziam contra eles. No entanto, segundo Nimuendajú “*a razão pela qual novos grupos Guarani aparecem sempre vindos de oeste tem sido mal compreendida*”⁹⁴,

⁸⁹ LADEIRA, Maria Inês; AZANHA, Gilberto. *Os Índios da Serra do Mar*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista – Nova Stella, 1988.

⁹⁰ BARBOSA, Pablo Antunha. “A Terra sem Mal de Nimuendajú e a Emigração dos Cayuáz de João Henrique Elliott. Notas sobre as migrações guaranis no século XIX”. *Revista Tellus*, ano 13, n. 24, p. 144-145.

⁹¹ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 62.

⁹² ELLIOTT, João Henrique. “Resumo do itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema e seus afluentes, pelo Paraná, Ivaí e sertões adjacentes, empreendida por ordem do Exmo. Sr. Barão de Antonina”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 9, p. 17-42, 1847.

⁹³ OLIVEIRA, José Joaquim Machado de, *op. cit.*, 1846.

⁹⁴ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 100.

e, dirigindo-se diretamente ao argumento de Elliott, ele afirma, contrariando às fontes que mostravam o contrário, que os conflitos com os Guaycurú não existiam mais na época das migrações do século XIX em direção do oriente.

Dessa forma, parece ser necessário perguntar-se por que Nimuendajú não cita os textos de Elliott e do Barão de Antonina quando sabemos que ele toma exatamente a posição contrária para propor sua própria hipótese? Penso que a resposta a essa difícil questão deve ser buscada na concepção que Nimuendajú tinha da história e, sobretudo, sua concepção da história indígena.

Contrariamente a muitos antropólogos de sua época, Nimuendajú se interessou bastante pela história dos povos indígenas do continente sul-americano e, sobretudo, do Brasil. No entanto, ele criou uma espécie de (etno)história radical onde os brancos deveriam desaparecer radicalmente.

Os relatos de Elliott e de Nimuendajú são, na verdade, duas versões de um mesmo processo histórico. No entanto, elas foram escritas a partir de perspectivas, tradições e metodologias diferentes que terminam ao fim e ao cabo por inverter a importância dos atores implicados nesse processo. Por um lado, Elliott enfatiza sua colaboração efetiva com o Barão de Antonina para explicar a “emigração dos Cayuáz”, excluindo, assim, todo protagonismo indígena. Por outro lado, Nimuendajú inverte totalmente essa lógica e prefere dar mais importância à agentividade dos indígenas da própria versão que eles tinham sobre a “migração” em direção da “Terra sem Mal”.

Esse mesmo olhar de Nimuendajú não aparece somente nesta inversão. No último capítulo d’*As lendas*, ele interroga o problema da religião atual dos Apapocúva no intuito de compará-la com o que ela pôde ter sido no passado e entender sua transformação no tempo. Nimuendajú não encontra nenhum problema em compreender e entender os empréstimos que os Apapocúva puderam ter tomados de seus vizinhos indígenas. Esses empréstimos representam de fato uma série de contatos históricos entre grupos indígenas que Nimuendajú não tem dificuldade em pensar e aceitar. No entanto, quando se trata de pensar as relações entre a religião dos Apapocúva e a dos brancos, Nimuendajú tem mais dificuldade. É difícil não associar o tema do fim do mundo, do cataclismo, dos xamãs-profetas e do paraíso presente na religião apapocúva com o do apocalipse, da inundação, dos messias e da “Terra Prometida” descritos na Bíblia. Do ponto de vista histórico, essa relação é ainda mais legítima quando sabemos que diferentes grupos de língua guarani passaram períodos mais ou menos longos dentro de missões jesuítas e que os “Cayuáz” e os “Guarany” do século XIX estiveram nos aldeamentos capuchinhos, possuindo também pias batismais, *xiru* e violinos.

No entanto, mesmo se Nimuendajú levanta esses aspectos, ele termina por negar qualquer tipo de influência do cristianismo na religião apapocúva. A adoção da cruz representaria, na verdade, apenas uma espécie de “escudo” usado pelos Guarani para dissimular sua verdadeira religião. As crenças dos Apapocúva são para Nimuendajú “*autenticamente indígenas*”⁹⁵.

E se, por um lado, Nimuendajú sugere que o “*pessimismo*” apapocúva ligado à crença no fim do mundo não é alheio à história colonial desses grupos, ele nega, contudo, o papel do contexto pós-colonial. Nenhuma menção é feita ao longo d’*As lendas* da experiência Guarani dentro dos aldeamentos capuchinhos fundados sob a direção do Barão de Antonina.

A concepção histórica de Nimuendajú tem outra fonte. Em grande medida, o pessimismo que, segundo ele, definia tanto a religião guarani era talvez mais seu do que dos próprios Apa-

⁹⁵ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 131.

pocúva. Como muitos outros antropólogos da virada do século XX, Nimuendajú pensava que os indígenas iam desaparecer brevemente, e que seus estudos representavam, ao fim e ao cabo, os últimos registros que preservariam sua memória. Se Nimuendajú sente certo mal-estar em associar o relato dos Guarani de sua própria história com aquela dos brancos, isso se dá porque ele considera o momento do contato como o início do fim da história dos indígenas.

Os destinos da “Terra sem Mal”

A ideia de busca da “Terra sem Mal” tem uma data de nascimento – 1914 – e um pai: Curt Unkel Nimuendajú. Ela tem igualmente uma extensa descendência. Não se trata de compilar aqui todos os trabalhos que seguiram ou criticaram essa hipótese. Esse trabalho já foi feito por outros autores. Para concluir o ato de nascimento da “Terra sem Mal” gostaria de evocar simplesmente o impacto d’*As lendas* em outro nascimento, o dos estudos guarani contemporâneos.

Desde as primeiras linhas d’*As lendas* percebemos a que ponto Nimuendajú buscava instalar com esse texto um novo olhar sobre os Guarani. De fato, é com tom muito irônico que ele introduz seu texto: “os Índios Guarani são tão conhecidos que parece supérfluo escrever ainda alguma coisa sobre eles”⁹⁶. No entanto, essa “coisa” que Nimuendajú escreveu sobre eles mudou o rumo dos estudos guarani.

Em primeiro lugar, Nimuendajú inaugura com essa monografia a tradição de um verdadeiro trabalho de campo, tal como ele é concebido pela etnologia contemporânea. Foi sua estadia entre os Apapocúva, seu nome de batismo em guarani, etc., que outorgam tanta autoridade ao que ele escreveu, ao ponto que muitos pensam que Nimuendajú teria acompanhado as “migrações” apapocúva em busca da “Terra sem Mal”⁹⁷. Em seguida, essa primeira monografia da longa carreira de Nimuendajú opera um giro radical na história dos estudos guarani, sobretudo em relação ao modo como os Guarani haviam sido pensados até então. De fato, a visão que Nimuendajú dá dos Guarani é realmente nova.

Fazendo referência à *Conquista Espiritual* de Antonio Ruiz de Montoya⁹⁸, Nimuendajú menciona a visão relativamente triste que esse missionário deu sobre os Guarani, como se se tratasse de um conjunto de indígenas “pagãos convertidos”⁹⁹. Em relação aos trabalhos contemporâneos a Nimuendajú, o panorama era quase o mesmo: os Guarani eram pensados às vezes como gente “civilizada” que “mantinham as mais íntimas relações com Deus e todos os Santos” e outras vezes como “heróis de novelas”¹⁰⁰. Com Nimuendajú, ao contrário, ao invés de serem pensados como “animais miseráveis”¹⁰¹, os Guarani passam a ser vistos como um grupo que “conseguiu conservar com muita pureza até os dias de hoje sua velha religião”¹⁰².

Ao esboçar esse novo cenário, Nimuendajú fez com que as sociedades de língua guarani saíssem do papel ambíguo e contraditório que até então elas ocupavam: se na época colonial os Guarani foram pensados como gente “sem lei”; se na época moderna eles foram representados ora como sociedades decadentes, convertidas ao cristianismo, aculturadas e até mesmo extintas,

⁹⁶ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 13.

⁹⁷ MÜHLMANN, Wilhem. *Messianismes révolutionnaires du tiers monde*. Paris: NRF Gallimard, 1968.

⁹⁸ MONTOYA, Antonio Ruiz de. *La Conquista Espiritual del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1996 [1639].

⁹⁹ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 3.

¹⁰⁰ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 2001 [1910], p. 143.

¹⁰¹ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 2001 [1910], p. 143.

¹⁰² NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914], p. 3.

ora como protagonistas dos primeiros capítulos dos novos relatos nacionais; com Nimuendajú se opera aquilo que poderíamos chamar de “revolução religiosa”. Em outras palavras, com Nimuendajú os Guarani passam a ser pensados como pessoas intrinsecamente religiosas.

É justamente essa “revolução religiosa” que faz com que *As lendas* devam ser consideradas como a monografia que, ao redefinir a imagem sobre as sociedades guarani, inaugura ao mesmo tempo aquilo que Viveiros de Castro chamou de “*etnologia Guarani contemporânea*”¹⁰³.

No entanto, o sucesso do trabalho de Nimuendajú não teria sido o mesmo sem o entusiasmo de seus sucessores, sobretudo o de Alfred Métraux¹⁰⁴. Segundo Pompa, Métraux articulou nos seus trabalhos “*dados etnográficos sobre os Guarani modernos*” e “*fontes dos séculos XVI e XVII*” sobre os Tupi; ele consolida, assim, aquela metodologia regressiva que já estava presente no trabalho inicial de Nimuendajú. No entanto, com Métraux, os relatos coletados por Nimuendajú entre os Apapocúva no início do século XX se transformam, alguns anos mais tarde, na marca de uma antiga “civilização tupi-guarani”.

Uma visão muito parecida também emerge na obra de Hélène Clastres sobre o profetismo tupi-guarani¹⁰⁵. Junto ao seu marido Pierre Clastres e Métraux, ela é, sem dúvida, a pessoa que postulou com mais força que a “Terra sem Mal” era um tema muito antigo, que teria surgido provavelmente na época pré-colonial. Nem a crença e nem as “migrações” que ela teria provocado eram consequência da conquista. Tratava-se, segundo ela, de dinâmicas “*puramente indígenas*”¹⁰⁶.

Para H. Clastres, as “migrações” em busca da “Terra sem Mal” não poderiam ser interpretadas como uma forma de messianismo, como postulava Métraux, uma vez que elas não representavam uma resposta indígena à situação colonial. As “migrações” não eram uma fuga, pois nesse momento as sociedades Guarani eram elas mesmas colonizadoras. Eram as outras sociedades, e não as Tupi, que deveriam fugir. Em resumo, para H. Clastres, a decisão tomada por alguns grupos de língua guarani de partir em direção da “Terra sem Mal” em companhia de seus profetas, os *karai*, foi a solução nativa que essas sociedades “contra o Estado” encontraram para se oporem à emergência de um poder político autônomo que começava a brotar justamente antes da conquista.

A interpretação de H. Clastres contém o mesmo problema que a de Métraux. Ou seja, que o “*elemento étnico do mito e o parentesco linguístico se transformam em parentesco cultural*”¹⁰⁷. Através dessa espécie de atalho causal entre presente e passado, a história que os informantes apapocúva de Nimuendajú lhe contaram no início do século XX se transforma, uma vez mais, em um modelo aplicável ao “*conjunto da família linguística*”¹⁰⁸. Desta forma, uma outra vez, as histórias locais dos diferentes grupos de língua guarani desaparecem para dar lugar a uma História Geral dos “*tupi-guarani ou da civilização tupi-guarani*”¹⁰⁹.

Esse vaivém entre o passado e o presente, esse diálogo entre os Guarani atuais e os Tupi coloniais, esse olhar etnográfico através de um filtro histórico, também está presente em outros

¹⁰³ CASTRO, Eduardo Viveiros de. “Nimuendaju e os Guarani”. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1987. p. xxii.

¹⁰⁴ MÉTRAUX, Alfred. “Les migrations historiques des Tupi-Guarani”. *Journal de la Société des Américanistes*, v. 19, n. 1, 1-45, 1927; 1928a, *op. cit.*; 1928b, *op. cit.*

¹⁰⁵ CLASTRES, Hélène, *op. cit.*, 1978 [1975].

¹⁰⁶ CLASTRES, Hélène, *op. cit.*, 1978 [1975], p. 55.

¹⁰⁷ VILLAR, Diego; COMBÈS, Isabelle. “La Tierra sin Mal. Leyenda de la creación y destrucción de un mito”. *Revista Tellus*, ano 13, n. 24, p. 201-226, 2013.

¹⁰⁸ VILLAR, Diego; COMBÈS, Isabelle, *op. cit.*, 2013.

¹⁰⁹ VILLAR, Diego; COMBÈS, Isabelle, *op. cit.*, 2013.

autores como Schaden e Cadogan. Com eles, uma espécie de metonímia simples se constrói, e a crença apapocúva na “Terra sem Mal” se converte aos poucos em uma espécie de sinônimo da religião do conjunto dos povos Tupi¹¹⁰. De motor das “migrações” do século XIX, a “Terra sem Mal” se transformou no núcleo duro e na essência da religiosidade da “civilização tupi-guarani”. Uma religião que não teria, portanto, evoluído muito nos últimos cinco séculos, desde a época pré-colonial até os dias de hoje.

A hipótese levantada por Nimuendaju¹¹¹ sobre o motivo religioso da busca da “Terra sem Mal” – e posteriormente as releituras feitas por Alfred Métraux¹¹², Egon Schaden¹¹³ e Pierre e Hélène Clastres¹¹⁴ – possibilitou o postulado, de difícil verificação empírica, de uma continuidade cultural existente entre os Tupi-Guarani históricos e os Guarani contemporâneos. Tal hipótese exerceu tamanha influência sobre a etnologia guaranítica moderna ao ponto de que, uma vez assentada, ela foi retirada de seu contexto intelectual de produção, e tornou-se um dado objetivo para autores posteriores¹¹⁵.

Como fundamento das “migrações”, existiria então a crença na “Terra sem Mal” e, por sua vez, como fundamento da “Terra sem Mal” existiria o mito sobre o fim do mundo, elementos que comporiam a religião dos Apapocúva. No entanto, a partir de Métraux, eles se transformam em fundamentos da religião dos Tupi de forma geral. Muito rapidamente, esse “fundamento religioso” se transforma em fundamento do “ser Guarani”. Nessa direção, uma vez sedimentado no discurso antropológico, fez-se do complexo religioso uma teoria geral do “ser” Guarani, lançando os demais domínios, como sua própria inserção no tempo e no espaço, “apenas como meio de sua expressão”¹¹⁶.

Devido à longa história colonial dos Guarani e à influência dos jesuítas, a noção de “contato cultural”, por sua vez, reveste na literatura Guarani um espaço bastante central e ambíguo, que emerge justamente quando ela é pensada ou em termos de “desintegração cultural” ou, ao contrário, em termos de “resistência”. Em relação ao primeiro aspecto, pode-se dizer que se, por um lado, a visão “simbólico-religiosa” influenciou, como já foi visto, toda uma gama de mitos edificantes ligados à grandeza do homem Guarani; por outro, a literatura sobre a “aculturação” viabilizou e legitimou toda uma produção no âmbito das políticas de intervenção social. Uma vez que o “contato cultural” foi definido negativamente, temáticas como o suicídio ou o alcoolismo, por exemplo, foram majoritariamente pensadas da perspectiva da saúde pública, como decorrência de um estado de desequilíbrio ou mesmo de anomia social.

Frente à inclinação da antropologia em pensar a “mudança” e a “mistura”, sobretudo no caso indígena, em termos de perda¹¹⁷ – perda da tradição, perda da identidade, perda daquilo que poderia ser a morte da antropologia –, a ideia de “resistência” apareceu, num primeiro instante, como uma solução convincente, no entanto, analiticamente enganadora, uma vez que ela pressupõe que ao “resistir” os Guarani teriam sido capazes de manter seu “modo de ser” – seu *teko*, como diz a literatura – intacto. Dando sempre respostas nativas e pré-configuradas ao

¹¹⁰ VILLAR, Diego; COMBÈS, Isabelle, *op. cit.*, 2013.

¹¹¹ NIMUENDAJÚ, Curt, *op. cit.*, 1987 [1914].

¹¹² MÉTRAUX, Alfred, *op. cit.*, 1927; 1928b.

¹¹³ SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974 [1954].

¹¹⁴ CLASTRES, Pierre, *op. cit.*, 1974; CLASTRES, Hélène, *op. cit.*, 1978 [1975].

¹¹⁵ POMPA, Cristina, *op. cit.*, 2003.

¹¹⁶ POMPA, Cristina, *op. cit.*, 2003, p. 106.

¹¹⁷ OLIVEIRA, João Pacheco de. “Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais”. *Mana*, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998.

“contato cultural”, eles teriam sido incapazes, seguindo esse mesmo raciocínio, de reatualizar simbolicamente seus sistemas de significações e os conteúdos culturais a eles associados. Paradoxalmente a suas conclusões sobre a questão das migrações Guarani na época colonial, Hélène Clastres¹¹⁸ também apontou para a fragilidade analítica que as noções de “*síntese*” e “*pureza original*” revestem. A primeira, porque ela “*supõe que o pensamento religioso dos Índios oferece pouca coerência para admitir qualquer elemento estrangeiro*”¹¹⁹. A segunda, por “*supor que o discurso religioso [...] pode permanecer inalterado quando a sociedade mudou*”¹²⁰. Enfim, tanto uma quanto a outra reconstruem “*o passado Tupi-Guarani a partir do que sabemos, ou daquilo que pensamos saber hoje sobre a religião deles*”. A “*inclinação para o Além*”¹²¹, dessa forma, não foi pensada pela antropologia unicamente como “*um motivo de conversão*”¹²², mas sim como um apego ferrenho e obstinado à “*tradição*” e à “*memória*”¹²³. Aqui o círculo parece fechar e o sistema religioso visto tanto do ponto de vista “*simbólico*” como da perspectiva “*aculturativa*” volta exatamente ao seu lugar de início, em que a cultura é vista como o “*fundamento de uma identidade impermeável à mudança e à alteridade*”¹²⁴. E foi assim que o mundo religioso guarani serviu como a principal, senão única chave interpretativa para se refletir sobre outras temáticas importantes como a territorialidade, o messianismo, a organização social, etc. E é por esse mesmo motivo que, como defende Viveiros de Castro, os estudos guarani contemporâneos deixam pouco espaço para a sociologia, os estudos de parentesco, a história e a qualquer outra coisa que não seja imediatamente reduzida à religiosidade ou à eterna busca da “*Terra sem Mal*”¹²⁵.

História de uma bela história

Uma revolução religiosa e um verdadeiro mal-estar em relação à História são, sem dúvida, as maiores heranças que *As lendas* de Nimuendajú legaram aos estudos guarani contemporâneos. No entanto, se a hipótese da “*Terra sem Mal*” teve e tem ainda alguns discípulos, ela tem também alguns críticos. Contudo, eles criticaram muito mais a Métraux e ao casal Clastres do que a Nimuendajú. Concentrando-se em outros dossiês, eles deixaram intactas as bases da hipótese formulada pelo jovem etnólogo alemão. Ninguém, até os dias de hoje, retomou o dossiê das “*migrações originais*”, aquele do século XIX que permitiu que Nimuendajú elaborasse sua sugestão. De fato, parece-me que foi o sucesso sem precedente de *As lendas* que permitiu que autores contemporâneos falassem de um “*vazio*” do século XIX. De alguma forma, deu-se muita confiança a Nimuendajú, e a história guarani do século XIX resumiu-se exclusivamente às “*migrações*” em busca da “*Terra sem Mal*”. Em outras palavras, esse período histórico denso, às vezes até violento, foi relegado ao domínio do mito em detrimento da história. E foi por esse motivo que quisemos voltar a ele através do conjunto de fontes que ora reeditamos.

Dessa forma, o que tentei fazer, ao longo deste ensaio, pode ser resumido em uma frase: estabelecer a certidão de nascimento da “*Terra sem Mal*”. Para isso, inspirando-me em Nimuendajú, eu operei um duplo movimento de contextualização, retomando em primeiro lugar o dossiê das

¹¹⁸ CLASTRES, Hélène, *op. cit.*, 1978 [1975].

¹¹⁹ CLASTRES, Hélène, *op. cit.*, 1978 [1975].

¹²⁰ CLASTRES, Hélène, *op. cit.*, 1978 [1975].

¹²¹ FAUSTO, Carlos. “Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani”. *Mana*, v. 11, n. 2, 2005.

¹²² FAUSTO, Carlos, *op. cit.*, 2005.

¹²³ FAUSTO, Carlos, *op. cit.*, 2005.

¹²⁴ FAUSTO, Carlos, *op. cit.*, 2005.

¹²⁵ CASTRO, Viveiros de, *op. cit.*, 1987.

“migrações” guarani do século XIX, para me deter em seguida no contexto de surgimento da categoria “Terra sem Mal” no início do século XX. A grande diferença é que Nimuendajú reconstruiu o contexto do início do século XX a partir de relatos e mitos coletados entre os Apapocúva com os quais ele conviveu; para mim, esse contexto é o da trajetória pessoal e profissional do jovem etnólogo alemão, um contexto marcado pelo indigenismo implementado pelo SPI.

Ao comparar a “Emigração dos Cayuáz” e as “migrações” proféticas postuladas por Nimuendajú, minha intenção não foi a de encontrar uma verdade, pois, se ela existe, ela deve ser buscada provavelmente a meio caminho entre as versões de Elliott e de Nimuendajú. É provável que as “migrações” do século XIX em direção dos aldeamentos foram pensadas pelos Guarani a partir de suas inquietações religiosas, da mesma forma que as antigas “migrações” de seus ancestrais Itatim em direção do oeste em busca dos metais preciosos dos Andes; é provável também que não seja necessário estabelecer uma separação entre uma “migração” realizada *para fugir* (da miséria, das epidemias, dos inimigos, da submissão, etc.) e outra *para ir em direção a* (um aldeamento, um Posto Indígena, uma “Terra sem Mal, etc.). Enfim, é provável ainda que uma mesma “migração” tenha múltiplos motivos e possa ser interpretada a partir de vários olhares, sem a necessidade de encontrar uma única explicação, e ainda menos uma explicação única para todos os deslocamentos.

Da mesma forma que os relatos coletados por Bazin na África¹²⁶, os textos de Elliott e de Nimuendajú representam histórias de uma história, diferentes faces da mesma moeda. Ao reconstruir as circunstâncias concretas das “migrações” dos Guarani no século XIX, nos foi possível entender as “migrações históricas” guarani a partir de outra dimensão, tomando em conta a história indígena, que, desde 1492, não pode ser pensada de forma impermeável ao avanço da colonização europeia.

Sem dúvida, os migrantes “cayuáz” descritos por Elliott não são tão emocionantes como os Guarani descritos por Nimuendajú em uma busca desesperada em direção da “*terra onde não mais se morre*”. No entanto, essa História é também a deles, e ela também é uma bela história.

¹²⁶ BAZIN, Jean. “La production d’un récit historique”. Des clous dans la Joconde. L’anthropologie autrement. Toulouse: Anacharsis, 2008 [1980].

Parte II

Fontes históricas

Escritos

Cartas, diários de viagem e novelas

**Derrotas de Joaquim Francisco Lopes pelos sertões
das províncias de São Paulo, Minas Gerais e
Mato Grosso (1829 a 1841)**

por Joaquim Francisco Lopes

Breve apresentação da fonte

O texto que abre essa seção, *Derrotas de Joaquim Francisco Lopes pelos sertões das províncias de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso (1829 a 1841)*, já teve duas edições anteriores à presente. Em 1943, o *Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo*, em seu volume 3, publicou pela primeira vez o texto de Joaquim Francisco Lopes. No entanto, o título era diferente: *A bandeira de Joaquim Francisco Lopes, 1829*¹²⁷. No final da publicação, consta que o documento estaria conservado no Maço 50, Pasta 1 (Franca, Tempo do Império) do APESP. Nunca conseguimos localizar esse manuscrito. Portanto, não conhecemos seu conteúdo em primeira mão.

Em 2007, Hidelbrando Campestrini reeditou o mesmo texto, a partir da transcrição publicada no *Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo*, no livro *As derrotas de Joaquim Francisco Lopes*, no volume II, da coleção *Série Relatos Históricos* do IHGMS¹²⁸. No entanto, ele deu outro título para o texto: *Primeira derrota. Para reconhecer o sertão de Santana do Paranaíba, abrir caminho daquela povoação até o forte de Miranda e introduzir melhoramentos no picadão (do Tabuado até Piracicaba)*.

Ao reeditar agora o mesmo texto, fizemos opções editoriais arriscadas. Decidimos modificar o título do texto e ajustar os subtítulos de algumas sessões internas. Fizemos essas opções para tornar o texto mais fidedigno ao conteúdo do original que consultamos na BN, Rio de Janeiro¹²⁹.

Em relação ao novo título, *Derrotas de Joaquim Francisco Lopes pelos sertões das províncias de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso (1829 a 1841)*, isso se deve ao fato de nunca termos localizado o manuscrito do APESP que serviu de base para a publicação do *Boletim* e, conseqüentemente, de Campestrini. Contudo, graças ao livro de Mario Monteiro do Amaral, *Episódios históricos da formação Geográfica do Brasil*¹³⁰, pudemos localizar outro manuscrito do mesmo texto na Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro.

Esse dado indica que existem, pelo menos, dois manuscritos do mesmo texto. No entanto, a partir de Monteiro de Almeida e da consulta ao manuscrito da BN, percebemos que há uma diferença de datas em relação à primeira edição do *Boletim* em 1943 e retomada tal qual por Campestrini em 2007. Monteiro de Almeida informa que consultou, para sua pesquisa, o manuscrito de Lopes da BN, intitulado *Derrotas pelos sertões das províncias de S. Paulo, Minas e Mato Grosso – 1829-1841*¹³¹. Já as publicações do *Boletim* e Campestrini mencionam apenas o ano de 1829 no título, embora o texto avance até janeiro de 1839. Dessas comparações, percebemos que as publicações do *Boletim* e de Campestrini não publicaram uma parte do manuscrito, que vai de 1839 a 1941.

Essa informação, de fato, já havia sido externada por Wissenbach que indicava que uma parte do texto continuava inédita¹³². Talvez essa parte não conste do manuscrito do APESP usado pelo *Boletim* e por Campestrini. No entanto, até que esse manuscrito não seja localizado,

¹²⁷ LOPES, Joaquim Francisco. *A bandeira de Joaquim Francisco Lopes*. *Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo*. São Paulo: Tip. do Globo, 1943. v. 3, p. 60-125.

¹²⁸ É importante abrir um parêntese aqui e contextualizar rapidamente o livro organizado por Campestrini, pois trata-se do único esforço, feito até aqui, de reunir o material produzido por Lopes e Elliott. Se decidimos refazer esse esforço é porque Campestrini deixou de publicar alguns textos importantes e desconhecidos que reeditamos agora, além do álbum iconográfico e dos mapas.

¹²⁹ O manuscrito se acha na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, e referenciado sob à cota 07, 2, 41.

¹³⁰ ALMEIDA, Mário Monteiro de. *Episódios Históricos da Formação Geográfica do Brasil*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1951.

¹³¹ ALMEIDA, Mário Monteiro de, *op. cit.*, p. 41.

¹³² WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Desbravamento e Catequese na Constituição da Nacionalidade Brasileira: as Expedições do Barão de Antonina no Brasil Meridional. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 137-155, 1995.

não poderemos confirmar essa informação. De qualquer forma, foi por isso que optamos por fazer uma edição híbrida, isto é, publicar a transcrição feita pelo *Boletim*, acrescentando a parte final do texto que faltava (de 1839 a 1841) a partir da transcrição do manuscrito da BN. Nesse sentido, também optamos por retomar o título do texto dado por Monteiro de Almeida, embora o manuscrito da BN se refira apenas a *Derrotas*. Com essas informações, podemos dizer que a presente edição traz um trecho que ainda era inédito desse texto de Lopes.

Em relação aos ajustes dos títulos de algumas sessões internas do texto, eis as três modificações que foram feitas.

No manuscrito original, depositado na BN, Rio de Janeiro, assim como nas edições de 1943 e 2007, não consta a sessão que, na presente edição, intitulamos “Ano 1832 a 1834”. Por sua vez, as seções “Ano 1836” e “Feitas em fins de março até 5 de abril de 1837 em diante”, constantes tanto no manuscrito original como nas duas edições de 1943 e 2007, foram renomeadas, respectivamente, por “Ano de 1836 e 1837” e “Março 1837 a dezembro de 1838”, por parecerem mais fiéis ao relatado por Lopes nestes itens de seu texto.

Destacamos, ainda, que essas mudanças estão indicadas no texto com notas de rodapé, assim como também indicamos, por meio de outra nota de rodapé, o ponto exato onde se inicia a transcrição da parte que ainda estava inédita das presentes *Derrotas*.

Além desses comentários sobre a história editorial deste texto, gostaríamos de enfatizar que ele ocupa uma posição singular se comparada aos demais documentos reeditados no presente livro. E isso em vários sentidos.

Em primeiro lugar, tanto esse texto como a carta que o segue, *Informações que pude obter do alferes Antônio Pereira Borges... (infra.)*, escrito pelo futuro Barão de Antonina, e a novela *Aricó e Caocochee... (infra.)*, de Elliott, datam de um período prévio ao contexto dos demais documentos, que tratam, como já dissemos, das explorações que o barão encabeçou a partir de 1844 em busca de uma nova via de comunicação entre o Atlântico e o distrito do Baixo Paraguaí, na então província de Mato Grosso.

Optamos reeditá-lo, assim como as *Informações... e Aricó e Caocochee...*, pois pensamos que eles nos ajudam a entender como Joaquim Francisco Lopes veio a trabalhar com o Barão de Antonina nas décadas seguintes.

Como o texto deixa muito claro, Joaquim Francisco Lopes foi mateiro, identificava-se como “O Sertanista”, desde a década de 1820, tendo realizado inúmeras expedições (que estão justamente descritas nas *Derrotas*), com objetivo de abrir fronteiras, traçar caminhos e apossar terras em seu nome, em nome de seus familiares e, sobretudo, em nome de seus patrocinadores. Nunca encontramos nenhum documento que nos ensine em que circunstâncias Joaquim Francisco Lopes e o Barão de Antonina vieram a se conhecer. No entanto, a partir da leitura das próprias *Derrotas*, é possível encontrar algumas pistas e inferir que isso tenha ocorrido em 29 de dezembro de 1837.

Nesse ano, Joaquim Francisco Lopes esteve na província de São Paulo para ser entrevistado pelo presidente dela, Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, para solicitar gratificação por seus trabalhos de anos (década) na abertura de uma estrada entre Cuiabá e São Paulo, via a vila de Franca pelo vale do rio Tietê. De fato, parte das *Derrotas* trata dessas expedições.

Nesse dia 29, quando Lopes chegou à cidade de Santos, encontrou o presidente da província de São Paulo na casa do senador Vergueiro, localizada na então rua da Praia. O senador Vergueiro, além de um influente político da época imperial, também era pai do genro do Barão de Antonina, Luiz Pereira de Campos Vergueiro, casado com Balbina Alexandrina da Silva

Machado, filha do barão. Monteiro de Almeida, de fato, sugere que é provável que João da Silva Machado, futuro barão de Antonina, e Joaquim Francisco Lopes tenham se conhecido através dos Vergueiro.

As visitas do Sertanejo [Joaquim Francisco Lopes] à capital paulista, naquele período, puseram-no em contato com personalidades de importância. Nos últimos dias de dezembro de 1837, em Santos, entrara em conhecimento com o Dr. Vergueiro – Luiz Pereira de Campos Vergueiro – filho do senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro¹³³.

No quarto texto deste livro, *Resumo do itinerário de uma viagem exploradora... (infra)*, de João Henrique Elliott, percebe-se que Luiz Pereira de Campos Vergueiro era um dos membros das expedições realizadas em 1845 e em 1846. De todo modo, é importante ressaltar que, para o Barão de Antonina, deve ter sido muito oportuno ter tomado conhecimento da existência de Joaquim Francisco Lopes, um sertanista tão experimentado que podia levar a cabo seu projeto de construção de uma rota alternativa ao distrito do Baixo Paraguai, dessa vez não mais pelo rio Tiête ou pelo rio da Prata, mas pelo vale do rio Paranapanema. De alguma forma, todos os demais diários contam a saga desse projeto.

A segunda singularidade deste texto em relação aos demais é que ele é o mais crítico de todos, o mais confuso e, talvez, o de mais difícil compreensão. Como dissemos antes, Joaquim Francisco Lopes foi um mateiro, um sertanista e, embora soubesse ler e escrever, ele não tinha a mesma formação intelectual de seu companheiro norte-americano João Henrique Elliott, autor da maioria dos textos e de todas as aquarelas e mapas do presente livro. Como já mencionamos rapidamente, é muito provável que essa formação intelectual de Elliott tenha sido um dos principais motivos que levou o Barão a contratá-lo como auxiliar de Lopes. Diferentemente deste último, Elliott escrevia muito bem, além de ser um ótimo cartógrafo.

Pela confusão inerente a esse texto, decidimos resumir rapidamente seu conteúdo, para que ele possa ser aproveitado da melhor forma possível por aqueles que tenham interesse em pesquisar a região e o período das explorações descritas por Lopes nessas *Derrotas*.

Como já dissemos, o texto narra expedições realizadas entre 1829 e 1841. A primeira parece ter sido bem curta, realizada no final do mês de julho de 1829. A segunda, por sua vez, ocorreu entre início de maio e final de outubro de 1830. Já em 1831, Joaquim Francisco Lopes realizou duas expedições. A primeira foi realizada entre o final de junho até meados de julho de 1831, a convite de José Garcia Leal, na região de Santana do Paranaíba. Por sua vez, a segunda expedição foi realizada em companhia de seu pai e de seus irmãos entre o final do mês de julho até novembro de 1831. Essa segunda expedição do ano de 1831 teve por objetivo consolidar posses na margem direita do rio Paraná e fazer outras posses nas margens do rio Sucuriú e Verde, territórios da então província de Mato Grosso.

É importante fazer um comentário sobre as posses que realizou, pois, como veremos mais adiante, essas posses estão na origem dos títulos fundiários que seriam emitidos em nome de colonos e que serviriam, posteriormente, para legitimar propriedades em detrimento dos direitos indígenas sobre os mesmos territórios. Segundo se depreende da descrição de Joaquim Francisco Lopes e da análise dada por Monteiro de Almeida, essas posses eram demarcadas “a olho” a partir de “trechos territoriais delimitados por acidentes visíveis”, como a

foz ou a corrente de um córrego, de um ribeiro ou de um rio; uma protuberância da terra; a vizinhança de uma serra; a existência de uma árvore de maior porte ou a particularidade de determinada qualidade de vegetação local¹³⁴.

¹³³ ALMEIDA, Mário Monteiro de, *op. cit.*, p. 251.

¹³⁴ ALMEIDA, Mário Monteiro de, *op. cit.*, p. 45.

No manuscrito original não consta, como já evocamos, a divisão das expedições realizadas entre 1832 e 1834. Inserimos um subtítulo justamente para facilitar a leitura. À exceção de uma breve exploração de 43 dias realizada a pedido de José Garcia Leal ao rio Sucuriú entre os meses de abril e maio de 1834, Joaquim Francisco Lopes relata neste item, sobretudo, sua tentativa frustrada de se instalar na fazenda Monte Alegre, localizada na margem direita do rio Paraná, acima da desembocadura do rio Sucuriú. A dificuldade de consolidar ocupação nesta região estava ligada a sua insalubridade. Em um ano de vida no local, Joaquim Francisco Lopes perdeu dois filhos de maleita. Sem querer heroizar Lopes, é importante, de toda forma, destacar as dificuldades da vida de um sertanista no século XIX.

Entre o início do mês de junho e meados do mês de outubro de 1835, Joaquim Francisco Lopes realizou nova expedição ao rio Verde, para retificar posses que havia feito em expedição anterior, no mês de junho de 1831. A descrição dessa expedição é um pouco mais detalhada que as anteriores e traz alguns elementos que merecem ser destacados. Embora Monteiro de Almeida afirme que a povoação de Santana do Paranaíba tenha sido oficialmente fundada, por ato legislativo da Assembleia Provincial de Mato Grosso, no dia 19 de abril de 1838, observa-se, pela narração feita por Joaquim Francisco Lopes, que os irmãos Garcia, para quem trabalhava, já vinham explorando a região desde o final da década de 1820. Por outro lado, é importante destacar a importância de Lopes nessa primeira onda de colonização da região, tendo em vista que ele nomeou vários rios, lugares, etc. Também interessa notar que Lopes não era a única pessoa que estava explorando a região. Ao longo de suas viagens, ele encontra diversos outros grupos que estavam fazendo coisas parecidas: apossando terras, abrindo caminhos, integrando mercados, etc. Nessa expedição, Lopes encontra, por exemplo, uns tais “cuiabanos prequitos”, capitaneados pelo Sr. Eleutério Nunes. Nunca conseguimos descobrir o significado da expressão “prequitos”. De qualquer forma, esse encontro parece ter sido importante, no sentido de ter tido desdobramentos futuros para viabilizar negócios entre as localidades de Camapuã e Miranda.

Na sequência das *Derrotas*, Lopes relata um período longo que abrange o mês de junho de 1836 até o final do mês de março de 1837. Nesse período, Joaquim Francisco Lopes empreendeu vários trechos de uma expedição encomendada pelo Sr. Januário Garcia Leal, cujo objetivo central era encurtar a estrada que ligava a região que circundava a fazenda Farinha Podre, na província de Minas Gerais, à cidade de Cuiabá, capital da província de Mato Grosso.

O primeiro trecho da expedição, entre a fazenda Monte Alto e o presídio de Miranda, foi realizado entre o mês de junho e o final de agosto do ano de 1836. O segundo trecho, por sua vez, foi percorrido entre o dia 8 de setembro e 3 de outubro de 1836, e procurou encontrar a ligação entre o presídio de Miranda e a fazenda Camapuã. Em seguida, por três vezes, Joaquim Francisco Lopes percorreu o trajeto Miranda-Camapuã-Miranda para abastecer as respectivas localidades com mantimentos.

Como mencionamos acima, essas viagens entre Miranda e Camapuã estavam relacionadas com o encontro com o Sr. Eleutério Nunes em 1835. É importante destacar que, em Miranda, Lopes encontra vários grupos indígenas (Guaicurú, Terena, Guató) e contrata alguns indivíduos como guias no trajeto Miranda-Camapuã. No dia 21 de fevereiro de 1837, Joaquim Francisco Lopes, por indicação do comandante de Miranda, João José Gomes, deixou o presídio de Miranda em direção à Cuiabá, chegando à capital no dia 20 de março de 1837. Seu objetivo era mostrar ao então presidente da província, José Antonio Pimenta Bueno, os detalhes de suas entradas pelo sertão do sul da província de Mato Grosso.

Entre março de 1837 e dezembro de 1838, Lopes realizou novas expedições. Elas estão descritas na sessão “Março 1837 a dezembro 1838”, seção renomeada para essa reedição. É importante destacar que as duas primeiras edições dessas *Derrotas* começam com a transcrição de um ofício de José Antônio Pimenta Bueno, datado de 22 de março de 1837. Outra opção editorial que fizemos, portanto, foi tomar a liberdade de retirá-lo do início do texto e inseri-lo em uma nota de rodapé da presente sessão, pois o mencionado ofício se refere a essa expedição, que visava à exploração de uma picada de Cuiabá até a Vila de Piracicaba, e não à totalidade do texto, como as duas primeiras edições podem erroneamente sugerir.

Nesse ofício, como é possível perceber, Joaquim Francisco Lopes é incumbido oficialmente pelo presidente da província de Mato Grosso a abrir a picada para a Vila de Piracicaba, desde as margens do rio Paraná. Esse ofício é interessante, pois marca uma espécie de ruptura no funcionamento das expedições. Até aqui, as expedições revelam, sobretudo, a existência de uma série de empreendimentos levados a cabo por particulares, encomendados e financiados por colonos da região. A partir de então, Lopes começa a trabalhar para empreendimentos de interesse do poder público, embora, tratando-se do Brasil Império, seja possível relativizar facilmente essa distinção rígida entre público e privado.

De qualquer forma, a exploração até a vila de Piracicaba dividiu-se em várias etapas. Entre abril e junho de 1837, Joaquim Francisco Lopes percorreu a chamada estrada do Piquiri, saindo da cidade de Cuiabá até chegar à povoação de Santana do Paranaíba. Em seguida, entre o dia 28 de junho e 11 de outubro de 1837, Lopes explorou um primeiro trecho da picada de Piracicaba, desde um porto nas ribeiras do rio Paraná até as cabeceiras de um ribeirão que deságua ao norte do rio Tietê. Voltando à povoação de Santana do Paranaíba, Joaquim Francisco Lopes seguiu, no dia 16 de novembro de 1837, até a fazenda Monte Alto, na província de Minas Gerais, tendo como objetivo a cidade de São Paulo, onde chegou no início do ano de 1838. Enfim, o último trecho da picada foi aberto entre os dias 8 de fevereiro e 15 de dezembro de 1838.

Ao que tudo indica pela documentação oficial disponível a respeito da abertura da extensão da estrada do Piquiri, ligando as margens do rio Paraná à Vila de Piracicaba, o Sr. José Pedro Garcia também havia sido encarregado de dar andamento a tal projeto. José Pedro Garcia, provavelmente, era parente de José Garcia Leal, pioneiro na exploração do que ficou conhecido como o “sertão dos Garcia”, na margem direita do rio Paranaíba, na então província de Mato Grosso.

Em discurso pronunciado em março de 1838 à Assembleia Legislativa da Província de Mato Grosso, José Antônio Pimenta Bueno informa que, antes da chegada de Joaquim Francisco Lopes à Piracicaba, o Sr. José Pedro Garcia já havia aberto picada.

Quanto ao outro ramo que deve dirigir-se à província de S. Paulo, atravessando o Paraná e o sertão que medeia até a Vila de Araraquara, felizmente senhores, tenho de congratular-me convosco por achar-se vencido a maior, ou antes toda a dificuldade, que até agora se havia oposto à abertura dessa porção, e mais importante da estrada. De uma das bandeiras que em março próximo passado expedi para abrir a picada por esse rumo, até agora não tenho notícia [se refere à bandeira de Joaquim Francisco Lopes encarregada no ofício de 22 de março de 1837]; outra, porém, dirigida por José Pedro Garcia abriu-se desde o Paraná até a Vila de Araraquara, como participou-me o Governo de S. Paulo, ofício que vos transmito cópia sob nº 6, e pelo qual ficareis inteligenciado de que aquele governo faz acompanhar o dito Garcia de gente necessária para vir endireitando a picada e abrindo a estrada [...]¹³⁵.

¹³⁵ BUENO, Antonio Pimenta. *Discurso recitado pelo Exm. Presidente da Província de Matto-Grosso José Antônio Pimenta Bueno na abertura da primeira sessão da segunda legislatura da Assembleia Provincial, em o dia 1º de março de 1838*. Cuiabá: Typographia Provincial de Cuiabá, 1845. p. 8.

A última seção do texto, “Ano 1839 a 1841”, é a parte que ainda permanecia inédita. Nela, Lopes descreve alguns retoques que ainda deveriam ser feitos na estrada entre Piracicaba e às margens do rio Paraná.

Antes de passar aos próximos textos, gostaríamos de salientar, mais uma vez, que, embora esse texto não trate diretamente da história do projeto do Barão de Antonina em abrir outra rota entre São Paulo e Mato Grosso, ele está indiretamente relacionado a ele. Como vimos, foi graças a esse trabalho que ele veio conhecer o Barão de Antonina, justamente pela experiência como sertanista e pioneiro na colonização do sul da então província de Mato Grosso.

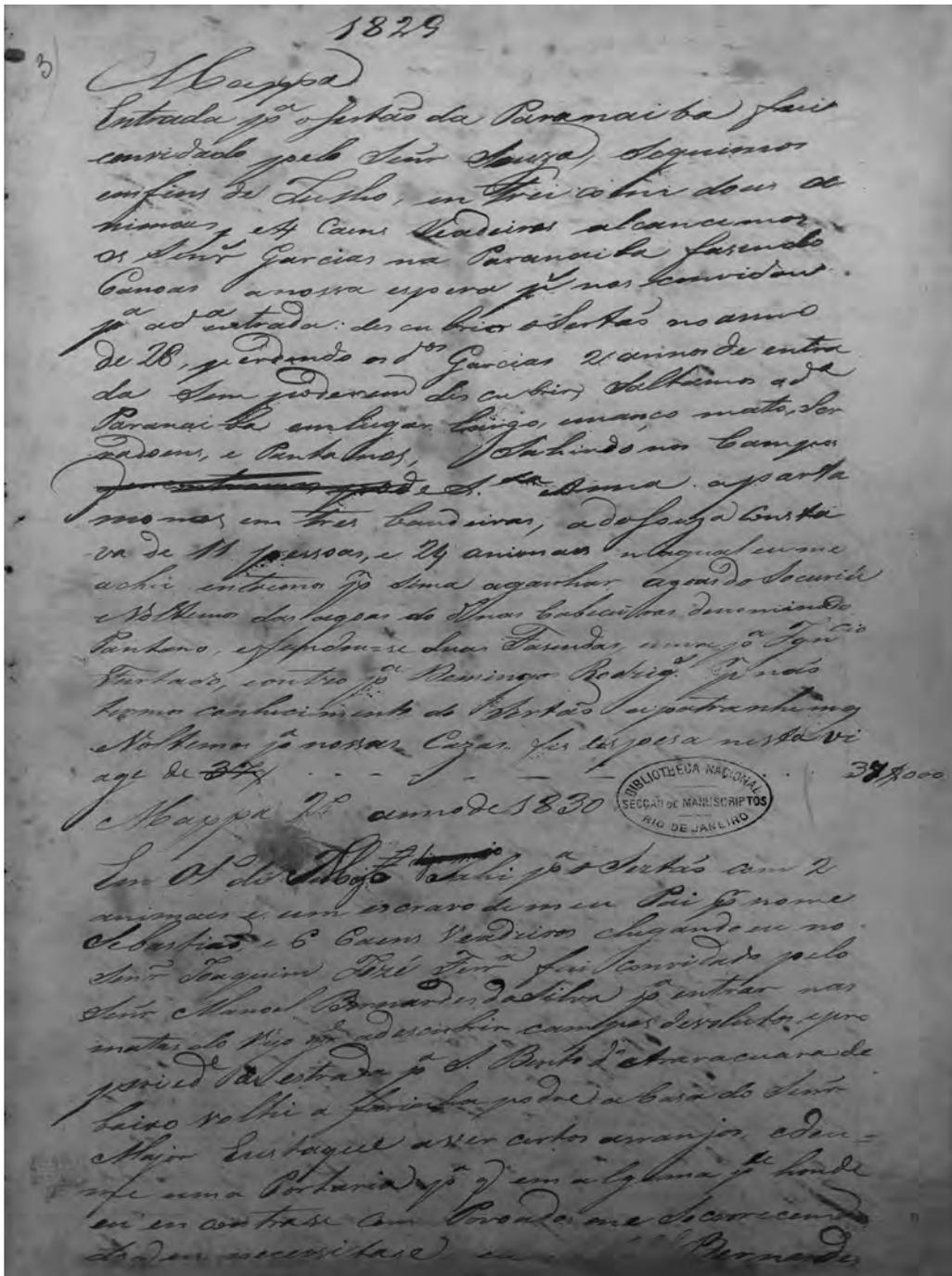


Imagem 4. Página inicial do manuscrito conservado na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Fonte: Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, Ref. Cota 07, 2, 41.

1829

Mapa

Entrada para o sertão da Paranaíba. Fui convidado pelo Sr. Sousa, seguimos em fins de julho, entrei com dois animais e quatro cães veadeiros, alcançamos os Srs. Garcia¹³⁶, na Paranaíba¹³⁷, fazendo canoas a nossa espera, pois nos convidou para a dita entrada, descobriu o sertão no ano de 1828, perdendo os ditos Garcia dois anos de entrada sem poderem descobrir; saltamos a dita Paranaíba em lugar largo, e manso mato, cerradões e pântanos; saindo nos campos de Santa Ana¹³⁸, apartamo-nos em três bandeiras, a do Sousa constava de onze pessoas e vinte e quatro animais, na qual eu me achei. Entramos por cima a ganhar águas do Sucuriú e voltamos das águas do dito nas cabeceiras denominado Pântano, e fundou-se duas fazendas, uma para Inácio Furtado e outra para Domingos Rodrigues, por não termos conhecimento do sertão, apatanhamos e voltamos para nossas casas. Fez despesa nesta viagem 37\$000 réis.

Mapa 2º ano de 1830

Em o 1º de maio, saí para o sertão, com dois animais e um escravo de meu pai por nome Sebastião e seis cães veadeiros. Chegando eu no Sr. Joaquim José Ferreira, fui convidado pelo Sr. Manuel Bernardes da Silva, para entrar nas matas do rio Grande a descobrir campos devolutos e propriedade de estrada para São Bento de Araraquara debaixo, voltei à Farinha Podre¹³⁹ à casa do Sr. Major Eustaque, a ver certos arranjos, e deu-me uma portaria para que em alguma parte onde eu encontrasse com povoados me socorressem do que eu necessitasse; eu e Manuel Bernardes fizemos duas canoas, embarcamos por baixo do salto do Marimbondão três léguas. Eu, Manuel Bernardes, camarada Vicente, Beraldo, Manuel Pereira, rodamos rio Grande abaixo a procurar um riacho de canoa, e não pudemos subir por muitas cachoeiras e por terra, saindo da margem do rio Grande topamos cerradões grandes, sapés, veludinho de espinhos, não achamos campos, e nem propriedade para a dita estrada. Voltamos e matamos muita caça no rio. Embicamos em fim de agosto. 1º de setembro, segui escoteiro para Paranaíba e cheguei no Monte Alto¹⁴⁰ à casa do Sr. Capitão José Garcia Leal, o qual há pouco tinha chegado do sertão, e me fez ver boas fazendas que achou, e o sertão que seguia, e demarcou de olho uma fazenda para mim nas margens do rio Paraná, e me ofereceu mantimentos e a sua fazenda para morar, até cultivar a minha. Voltei a casa, cheguei em fins de outubro com despesa de 97\$500 réis.

¹³⁶ Segundo Mário Monteiro de Almeida, os chamados Srs. Garcia eram os irmãos José, João, Joaquim e Januário, filhos de Francisco Garcia Leal. Depois da morte do pai, assassinado nos sertões de Minas Gerais, os irmãos teriam iniciado, na década de 1820, a povoação do sul da então província de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), a partir da região de Paranaíba. Para mais informações a respeito dessa primeira etapa do povoamento do sul de Mato Grosso do Sul e da atuação dos irmãos Garcia nesse processo, ver ALMEIDA, Mário Monteiro de. *Episódios da formação geográfica do Brasil*. Fixação das raias com o Uruguai e o Paraguai (com sete mapas no texto e cinco fac-símiles em anexo). Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1951. p. 227-233 (sobretudo capítulo 15) [n.d.e].

¹³⁷ Joaquim Francisco Lopes está se referindo ao rio Paranaíba que, juntando-se ao rio Grande, forma o rio Paraná [n.d.e].

¹³⁸ Os campos de Santa Ana, ou Santana, estão localizados no nordeste do atual estado de Mato Grosso do Sul, entre o rio Aporé ao norte, o rio Paranaíba à leste e o rio Sucuriú ao sul [n.d.e].

¹³⁹ Segundo Monteiro de Almeida, José Garcia Leal, conjuntamente com seus irmãos João, Joaquim e Januário, fixaram-se na margem direita do rio Grande em terras mineiras de Farinha Podre. Na margem do córrego Monte Alegre, afluente do rio Grande, os irmãos Garcia teriam fundado a fazenda Monte-Alto (ALMEIDA, Mário Monteiro de, *op. cit.*, 1951, p. 232-233). Como é possível perceber neste texto de Joaquim Francisco Lopes, muitas das expedições empreendidas partiram da região de Farinha Podre, residência dos irmãos Garcia. Além do mais, Joaquim Francisco Lopes chegará a viver, em diversas ocasiões, na fazenda Monte-Alto, propriedade de José Garcia Leal [n.d.e].

¹⁴⁰ Cf. nota anterior [n.d.e].

Mapa 3º ano de 1831

Aviei-me com o necessário e mudei-me para o sertão. O que muito me custou, por causa das grandes pestes do carrapato, que me foi preciso comprar milho para os bois, e azeite para untá-los, e pentear com pente fino para extinguir a grande imundície e mesmo a peste de urinar sangue as quais aturaram quatro anos e destróçou as criações de Minas Gerais; advirto que saí em abril da Vila Franca do Imperador e cheguei a 20 de junho ao Monte Alto, na fazenda do Sr. Capitão José Garcia Leal.

No dia 24 embarcamos no fundo da roça do dito no mencionado rio Grande de Minas, eu e o dito Garcia, com camaradas: Alexandre, Inácio, Antônio e Barbosa, com nove trelas de cães veadeiros e três canoas. Rodamos e subimos o Paranaíba acima até novo porto que se abriu em um lugar estreito, firme e bom.

A 10 de julho chegamos no dito porto com muitos couros que se tirou e também de uma onça que acuou em terra com dezoito cães contra, já atirada, porém pouco ofendida; fiz-lhe fogo no avançar nos cães que mal roçou o chumbo pelo cabelo; fazendo que tinha caído puxei por um facão para defender os cães, a dita cuidou em se meter em um batume muito fechado; lancei a mão na cauda e pelejamos até eu vencê-la. Neste tempo chegou o Garcia e ambos acabamos de tirar a vida do inimigo; pelas onze horas do dito dia dez chegaram os entrantes que nós esperávamos por terra, e todos neste mesmo ano se afazendaram, etc. E muito satisfeito ficamos. Advirto que fizemos roça em Santa Ana para se formar a nova situação do dito Garcia.

Voltando para o Monte Alto encontrei meu pai no porto, destinado a fazer canoas e rodar a descobrir o rio Verde; fui acompanhá-lo e levamos três canoas e quatorze índios caiapós. Chegando na barra da dita com o rio Grande topamos os índios da aldeia do Tietê; pousamos por baixo da ilha Grande; fugiram os ditos quatorze índios e ajuntaram-se com os da aldeia. Enfim, continuamos a viagem com nove pessoas, a saber: eu, meu pai, três manos, dois escravos e dois camaradas; subimos pelo ribeirão de Santa Quitéria a ver uma fazenda¹⁴¹ que o dito Garcia deu a meu pai; fizemos roça e voltamos; rodamos; no Arapunigá vi a meu pai, dois irmãos, dois escravos, dois camaradas morto na boca dos canais, por não sabermos do varador, porém, por milagre escaparam da morte, e seguimos; abaixo do Sucuriú, no lado direito, demos princípio a fazer posses. Chegando na ilha Comprida, topamos canoas de Francisco Goiano e chegando no rio Verde subimos por este, aposseando de um e outro lado três dias e meio; largamos as canoas na boca de um riacho que lhe demos o nome de Espera e aí ficou meu mano José, por ter cortado um pé, e um camarada José Gonçalves; eu, meu mano Manuel e o escravo Vicente, seguimos rio Verde acima pela parte direita, pondo posses, e meu pai, meu mano João, Francisco Escravo Sapateiro e o camarada Manuel Pião, fazendo posses da parte esquerda, e chegaram até o ribeirão Santa Rita, como consta do livrinho, e voltaram. Eu cheguei até um riacho de canoa que lhe pus o nome Santa Bárbara; voltei e ajuntamo-nos no Espera e seguimos para casa onde chegamos com felicidade e nos acabou o mantimento; nesta jornada comíamos o que encontrávamos. Valeu-nos haver muitas frutas de jatobá e muito mel de abelhas; em todo o decurso de viagem gastamos quatro meses.

¹⁴¹ Tratava-se da fazenda Santa Fé [n.d.e].

Ano de 1832 a 1834¹⁴²

Em dezembro passei o meu carro para Santa Ana, carregado de mantimento e plantações para se fundar a nova situação de Santa Ana; passou-se gados e porcos do dito Garcia. No ano de 1832 fiz uma canoa no Monte Alto, na roça do referido Garcia; fui maleitado que acompanhou-me seis meses; rodei eu, meu mano Gabriel (este ainda desensarado¹⁴³ de sezões) e o meu escravo Lourenço. Fiz roças nas margens do rio Paraná, retirado $\frac{3}{4}$ de légua, e plantamos; meu mano ficou em termos já de morte por recair das ditas sezões; voltei por caminho de terra a Santa Ana com sete dias de viagem e aí ficou meu mano. Eu e o escravo fomos ao Monte Alto em quatro dias, etc.

A 10 de novembro aprontei-me com o necessário e mudei-me conduzindo trinta porcos para a roça que eu havia feito e na minha marcha adoeceram quatro filhinhos meus de maleitas, que por este motivo cheguei a 20 de janeiro de 1833. Os meninos tiveram melhoras; em o 1º de fevereiro chegaram na minha morada doze famílias de índios caiapós, destes, um ladino por nome cabo José; justei com os ditos para ajudarem-me tirar um rego-d'água¹⁴⁴, levantar casas no mencionado lugar demarcado de olho pelo dito Garcia; pus o nome Fazenda do Monte Alegre. Fazendo estes serviços, faleceu uma filha minha, ainda pequena, e minha mulher adoeceu de maleitas e muitas febres, de maneira que lhe alterou muito as veias e não quis sangrar-se por estar pejada¹⁴⁵ de pouco; das mesmas febres lhe sobreveio uma impigem no nariz e passou-se pelo rosto de um e outro lado e foi se espalhando. Sarando das maleitas na vazante das grandes enchentes, adoeceram de sezões os quatro filhos e uma escrava, porém sararam. Chegando o tempo do parto, a mulher lançou a criança, eu mesmo assistindo, servindo de parteira – Deus louvado! – tudo se arranjou com felicidade. Passados quinze dias mais ou menos, rebentou umas sarnas nos peitos da mulher, de maneira que impediu o inocentinho mamar; tais foram as ditas sarnas que alvoroçando tomou todo o corpo na espécie de queimaduras de fogo e estando assim logo entrevou¹⁴⁶. Crescia a criança quatro meses a mingau de raspa de mandioca, farinha de milho e mel. Em fins de setembro apareceu-me o capitão Pereira e seus companheiros índios que subiam Paraná arriba aos Garcia; mandei uma canoa para o porto e participei ao dito Garcia o estado em que me achava.

Em novembro chegou meu mano Gabriel e três índios caiapós embarcados, enviados pelo referido Garcia, trazer-me farinha e ver o estado em que eu me achava; e com efeito me via nos maiores apertos possível; o escravo Lourenço, doente, crescendo muito a barriga e não podia andar, participei ao dito e entreguei o escravo a meu mano que o conduziu para o Monte Alto. E neste tempo enfraqueceu o inocentinho de tal maneira que lhe sobreveio uma indigestão da qual veio a morrer; a mulher pediu-me que eu, no sepultar o cadáver do nosso filhinho, deixasse um vão entre as sepulturas dos dois filhos para ela ser sepultada quando exalasse; eu, animando-a, dizia-lhe que enfermidades de feridas não matavam a gente repentinamente e que seria melhor fôssemos para Santa Ana, fazendo-lhe ver que eu poderia também adoecer e virmos a acabar todos à míngua.

¹⁴² No manuscrito original depositado na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, assim como nas edições de 1943 e 2007, não consta a presente seção intitulada “Ano 1832 a 1834”. Os editores optaram por incluir essa seção para facilitar a leitura do texto no que diz respeito à cronologia das expedições empreendidas por Joaquim Francisco Lopes [n.d.e].

¹⁴³ Desensarado: adoentado [n.d.e].

¹⁴⁴ Rego d'água: um canal que conduz as águas de um rio para regar plantações [n.d.e].

¹⁴⁵ Pejada: grávida [n.d.e].

¹⁴⁶ Entreviar: tornar-se paraplético [n.d.e].

Em janeiro de 1834, aprontei o carro e quatro bois e largando porcos, roças e tudo o mais que me era pesado, segui a marcha e chegando em Santa Quitéria fiz uma canoa de um pau de mamão do mato (que o chamam jaracatiá), passei a bagagem ficando o carro, por não poder passar; matei um boi, sequei a carne, deixei a mulher e filhos e a escrava entregues ao tempo e fui buscar socorro; rompendo campos dois dias, cheguei em Santa Ana caminhando dezesseis léguas; encontrei mudado de novo o dito Garcia; o qual me deu um escravo, três bois e um cavalo, para coadjuvar-me; reverti-me para o lugar onde havia deixado as partes do meu corpo; os encontrei da maneira que os havia deixado, sem serem ofendidos de cousa alguma, graças à Divina Providência que nunca desampara seus filhos, etc. Passei o carro e não podendo seguir, por a mulher ter um grande ataque, mandei o preto que se recolhesse a apresentar-se a seu senhor, e passados oito dias continuei a minha marcha indo sempre com muito vagar, e sempre cheguei em Santa Ana com felicidade, etc.

Em abril o dito Garcia enviou-me a fazer-lhe fazendas no Sucuriú, que fiz cinco para o dito e duas para dois companheiros; gastei nesta viagem de ida e volta quarenta e três dias; em agosto deste mesmo ano fui à Vila Franca, à casa de meu pai, ver meios para conduzir a minha família.

Em setembro aprontei-me de todo o preciso, etc. Comprei seis animais cavalares, a saber: três curitibanos arreados com cangalha, os quais foram de meu mano Manuel, por 90\$000 réis, um russo capão do compadre Jacinto, por 42\$000, um ponche, sela e mais aviamentos 60\$000; um cavalo russo queimado capão grande, do Sr. José de Sousa, por 60\$000; um russo pedrês, de João Rodrigues por 36\$000, e assim mais conduzi alguns cavalos emprestados; pus em roça de milho e abóboras e logo engordaram, e voltei para o Garcia, eu, meu mano Romualdo, meu cunhado Alcino e o escravo Vicente, de meu pai.

Em outubro cheguei no Garcia; em fins do dito outubro fiz um banguê¹⁴⁷ para a doente e conduzi minha família para a casa de meu pai, com muita felicidade, a qual viagem concluí em fins de novembro; logo que chegamos adoeceu minha filha Custódia, de maleitas e meu mano Romualdo, de sezões, e meu cunhado Alcino, de maleitas. Advirto mais que para a referida viagem comprei uma égua castanha de meu tio Francisco de Paula, por 40\$000.

Ano de 1835

Entrei para o sertão do rio Verde em o 1º de junho, eu, meu mano José com sua família, de mudança para a fazenda do cunhado Vieira, meu cunhado Alcino e o escravo de meu pai, Vicente, dez animais e seis cães; já em marcha comprei um cavalo do Sr. José Vieira por 40\$000. Comprei mais outro cavalo castanho, curitibano do compadre Jacinto por 42\$000. Cheguei na fazenda do Sr. Januário Garcia, o qual senhor supriu-me de farinha e arroz, etc. Segui a minha derrota deixando a meu cunhado Alcino por estar atacado com umas sarnas providas das maleitas, na casa do Sr. Antônio Barbosa.

Em 4 de agosto embarquei-me em batelão, no rio da Paranaíba a retificar posses do rio Verde, postas no ano de 1831 e tomar conta de uma fazenda que comprei, constante de papéis que se acham em meu poder, etc. Pessoas que me acompanharam foram: meu mano José, o escravo Vicente e Joaquim José Pedroso, homem que encontrei no porto do embarque, gravemente molesto de um antraz¹⁴⁸ nas costas e rodemos pelo rio abaixo, passando várias corredeiras e saltos com felicidade.

¹⁴⁷ Banguê: maca [n.d.e].

¹⁴⁸ Antraz: doença infecciosa [n.d.e].

No dia 26 chegamos em um córrego abaixo do Sucuriú, por nome Taquaruçú, retificamos para meu mano José, que até aí estava por conta do Sr. Januário Garcia Leal, o qual havia me cedido e fiz dádiva ao dito meu irmão; mais abaixo retificamos um ribeiro que faz barra frontendo a uma praia grande de areia, entra parte de suas águas a roda da praia pela parte de cima, ficando a maior parte de suas águas que deságua pela parte debaixo, no qual riacho lhe pus o nome Duas Barras. No dia seguinte, a pouca distância, chegamos a outro ribeiro por nome Cascalho e aí cuidei em fazer uma rocinha a qual ficou plantada e retificada as suas posses, etc. Neste lugar passou três canoas de cuiabanos *prequitos*¹⁴⁹, que subiram para Porto Feliz; eu não as vi, porque andava no campo; cheguei ao pôr do sol e encontrei um cuiabano que estava à minha espera, o qual disse-me que andava desnortado, tendo vindo na companhia dos ditos *prequitos*; o dito contou-me a sua vida, que por proximidade o recebi em minha companhia até salvá-lo do sertão.

A 7 de setembro subi pelo rio Verde retificando posses, roças, e casas; gastei vinte e nove dias de subida e descida, até sua foz e revertendo pelo Paraná acima, pousamos no primeiro dia fronteiro a umas ilhas; matei uma mateira e pesquei muito peixe; ao pôr do sol avistamos quatro canoas de cuiabanos, as quais fizeram seu pouso defronte a nós. À noite veio o guia e o contra-piloto, onde eu estava, em procura de mantimento, oferecendo-me prata, ouro, poaia, tamarindos ou outra qualquer coisa; mostrei-lhe o meu batelão, que era sertanejo, e o mantimento que havia; logo mandei fazer comida para matar a fome daqueles dois homens, o qual contou-me que há cinco meses não comiam a propósito; que estiveram esbarrado em Camapuã¹⁵⁰ e, não tendo esperanças de melhoramento de mantimento, resolveram seguir sua viagem (como aconteceu), com seis alqueires de farinha e nove de feijão comprados a 7\$200 réis por alqueire; vendo eu tudo isto tive pena, peguei em um anzol, isto sobre a madrugada, pus-me a pescar, fiz donativos a eles de peixe, carne, fumo, anzol, pólvora e chumbo, tudo à proporção das minhas forças, e apartamos muito cedo; eu segui a minha viagem adiante, para pescar para socorro aos ditos; no dia seguinte pelo meio-dia alcançou-me no dito ribeiro Cascalho onde fiz a primeira roça. Obsequiei ao Sr. Eleutério Nunes com comidas e peixes que eu havia arranjado e continuamos nossas viagens, andamos juntos três dias, fez-me ver todo o negócio e o bom arranjo de Cuiabá, e ficamos camaradas por mimos naquele sertão; eu não temia passar fome para socorrer a eles; aportamos no porto dos Caiapós, fronteiro à barra do Tietê. O dito Eleutério fez todo excesso de levar-me, obrigando-se pôr-me em minha casa sem eu despender um só vintém; animando-me muito, denunciou-me uma fazenda no rio Pardo, em uma paragem chamada Caijurú, até o salto Curau, em que os antigos plantaram cinco covas de bananas, estando o mato com grande viço¹⁵¹; então contou-me dos negócios de Miranda, a distância de Camapuã a Miranda, que é de dez dias de marcha, o preço dos animais – gado de criar a 1200 –, os gêneros que se podia levar; fiquei certo, e tenho intenção de aproveitar alguma coisa que o dito me fez ver, com facilidade, por ter roça no rio Verde, que fica perto dessas alturas, para meu socorro, etc.

Apartamos segunda a 5 de outubro e prendou-me com seus mimos; e uma moça que ele trazia prendou-me com uma linda boneca. Para encurtar o verso, segui a minha viagem passan-

¹⁴⁹ Decidimos colocar a palavra *prequitos* em itálico, tendo em vista que não foi possível encontrar nos dicionários consultados o significado da expressão [n.d.e].

¹⁵⁰ Camapuã, originalmente, foi uma antiga missão jesuítica até as bandeiras paulistas no início do século XVII. No século XVIII, Camapuã se transformou em um estabelecimento de abastecimento da antiga estrada que comunicava São Paulo à Cuiabá através do vale do rio Tietê. Atualmente, Camapuã é um município do Estado de Mato Grosso do Sul [n.d.e].

¹⁵¹ Viço: vigor [n.d.e].

do a fruta e peixe, até sem sal, para podermos chegar ao povoado, que chegamos com felicidade de um a um, por virmos meios molestos; achei a meu cunhado Alcino ainda pior do que eu o havia deixado hoje, Fazenda do Barreiro, 19 de outubro de 1835; fiz um banguê e conduzi meu cunhado até a Vila Franca, à casa de seus pais, gastando nesta viagem 200\$000 réis, a saber: entra na soma acima 24\$000 que dei por um cavalo zaino, velho, que comprei de Teodoro Moreira de Carvalho.

Ano de 1836 e 1837¹⁵²

Comprei um jogo de pistolas fulminantes por 20\$500, um recutelão por 8\$800, duas armas fulminantes por 26\$000, um cavalo castanho cabeleira por 55\$000, que foi de Manuel Adriano, um ruço queimado igualado, de João José Ferreira por 40\$000, uma panela de ferro e um caldeirão pequeno por 7\$040, entrando despesas miúdas com as já referidas, 250\$000.

N. B. As despesas que fiz de 1831 até 1834, montou em 800\$000. Juntam-se as despesas todas, desde o ano de 1829 até 1836, tenho gasto o que mostro – 1.424\$000.

Mapa de minha entrada para o sertão, comarca de Cuiabá.

Eu, Joaquim Francisco Lopes, meu cunhado Antônio Vieira Moço, meu mano Gabriel Francisco Lopes e um escravo do dito meu cunhado, por nome Domingos, e seis animais cargueiros, quatro de sela e dois cachorros, um por nome Violento e outro Nhambú.

No dia 2^a - 27 de junho de 1836, saímos da casa do Sr. Januário Garcia Leal e pousamos no ribeiro por nome Ariranha, perto de um barreiro.

3^a - 28, falhamos para picar uma mata de facão, a ver subida na serra para romperem rumo do atalho para a estrada de Cuiabá.

4^a - 29, abrimos de cargueiro.

5^a - 30, subimos a serra, descarregamos no primeiro tope e viemos pousar na cabeceira do Ariranha e matamos uma queixada no pouso.

6^a - 1^o de julho, pousamos em uma cabeceira de Santa Ana e picamos o cerrado que era alguma coisa coberto.

Sábado, a 2, andamos quatro léguas, pousamos em uma vertente do rio do Peixe¹⁵³ para dar tempo a queimar um fogo que pusemos em uma macega¹⁵⁴.

Domingo, a 3, pousamos nas últimas cabeceiras de Santana.

2^a - 4, dobramos em rumo do poente, descemos a serra em águas do rio do Peixe, em um lugar disfarçado e procuramos a direita de um baú. Saímos nas cabeceiras do Indaiazinho e

¹⁵² No manuscrito original, assim como nas edições de 1943 e 2007, consta apenas a seção intitulada “Ano 1836”. Os editores optaram por renomear essa seção para facilitar a leitura do texto, sobretudo no que diz respeito à compreensão da cronologia das expedições empreendidas por Joaquim Francisco Lopes [n.d.e].

¹⁵³ O rio do Peixe indicado por Joaquim Francisco Lopes também é conhecido como rio Aporé. Ele limita o atual Estado de Mato Grosso do Sul com o sul do estado de Goiás. O rio do Peixe ou Aporé corre em direção leste e deságua no rio Paranaíba, formador do rio Paraná [n.d.e].

¹⁵⁴ Macega: erva daninha que nasce em terra cultivada [n.d.e].

pousamos em outro braço que busca ao rio do Peixe e viemos certo aonde fiz intenção sem topar empecilho algum.

3ª - 5, andamos em rumo do noroeste, e pousamos em águas do rio do Peixe.

4ª - 6, pousamos em vertente do rio do Peixe, em rumo do noroeste; fizemos uma ponte em um córrego do meio e os fogos dos companheiros que subiram pelo Corrente dobraram pelo rio do Peixe.

5ª - 7, andamos em rumo do poente e pousamos em águas do rio do Peixe vertentes, em serrotes; campos limpos, fizemos a conta desta dita cabeceira ao Sr. Januário Garcia Leal, marchamos vinte léguas.

6ª - 8, marchamos em rumo do poente e logo na saída do pouso saltamos uma vertente e demos em um espigão grande coberto e composto de uma cambaúva chata que mal esbarrava na estribeira e dobrando topamos uma moita de outra fina, em toca, a folha comprida imitante a grama que cobria os animais e eles não comiam a dita cambaúva; mastiguei a folha, era muito dura, a resto emendou-se uma campanha arrenegada e viemos pousar em uma vertente empan-tanada; a dita corre para o rio do Peixe. Marchamos três léguas.

Sábado, a 9, saímos acompanhando a dita vertente em rumo do poente; andamos distância de uma légua, largamos a dita à esquerda e entramos em um campo coberto, composto de alguma moita de cambaúva baixa; depois procurei ao rumo do sudoeste, pousamos em vertentes do Indaiá-Grande. Verte de uns serrotes, os campos cobertos da cambaúva rasteira, e subindo os ditos serrotes pega cambaúva fina, que mostra ser uma grande campanha, o que se avista, verde e bonito ao longe, de perto triste, feia e indigna; estas vertentes correm em rumo do sul; depois de pousar e arrumar os cavalos, subi o serrote em rumo do poente e vareei um pedaço da cambaúva fina, saí em campos limpos, atrepei em uma sucupira, avistei campanha em um chapadão; cortei os galhos da dita, voltei para o pouso fiz caminho no serrote, para no outro dia subirmos os cargueiros e fizemos marcha de três léguas.

Domingo, a 10, pousamos em um chapadão que se avista céu e campo em qualquer parte que se está; está mais baixo que os montes; de tão plano cansa os olhos de se mirar para a dita campanha. Andamos em rumo do poente, pousamos em vertentes do rio do Peixe.

2ª - 11, saímos da dita vertente por muita neblina; fizemos nossa descida, descarregamos na chapada; acendemos fogo; depois que saiu o sol, pelo meio-dia, endireitamos o rumo e passamos na cabeceira de uma furna e viemos pousar em uma cabeceira. À tarde matamos um tamanduá-bandeira e duas emas e descobri passagem em dois braços de um córrego na cabeceira de furnas, e tem muito bom pouso, até fechado em rumo do poente; marchamos duas léguas, águas que correm ao Sucuriú.

3ª - 12, fizemos uma entrada em uma vertente tão plana que não se podia endireitar. Os campos cobertos de cupins e murundus e a dita vertente emendou-se com águas do rio do Peixe em brejões; voltamos a ganhar águas do Sucuriú e avistamos onze bandeiras em distância de uma légua.

4ª - 13, marchamos em rumo do noroeste, fizemos passagem em um córrego, e boa, des-cemos a serra em cabeceira do Sucuriú em uma tromba admirável; pousamos em um ribeiro

que sobe a dita serra em rumo do nascente e de certa distância procura ao norte em chapadão grande. Declaro que a tantos de abril no ano de 1834 fiz uma entrada pelas margens do Sucuriú acima, a fazer posses, mandado pelo Sr. Capitão José Garcia Leal, assinalei cinco fazendas para o dito senhor e duas para dois companheiros. Por vir só com um cargueiro não segui para diante; na volta passei a carne de galheiro¹⁵⁵. Declaro que esta dita fazendola das Águas Claras é de meu mano e companheiro Gabriel, o qual veio tomar conta dela, por negócio que fez com o dito Garcia, e marchamos três léguas, e marquei o rumo para o Sr. Januário Garcia vir abrir de carro a estrada, procurar uma passagem no dito ribeiro que pusemos o nome – o Alegre – em cima da serra; disse-me um companheiro da primeira entrada por nome Domingos, que mandei subir a serra seguir ao dito ribeiro, deu-me notícia de boa passagem e pouca volta faz, ou nenhuma, a buscar o pique que abriu o Sr. Carvalho.

5^a - 14, falhamos para retificar a dita fazenda.

6^a - 15, falhamos.

Sábado, 16, marchamos duas léguas em rumo do poente; ao meio-dia para tarde avistamos fogos em cima da serra no chapadão, fiz ser dos companheiros que subiam pelo Corrente; não respondi, pelo campo estar baixo.

Domingo, 17, paramos para dar tempo a meu mano retificar umas barras; pelo meio-dia saímos em rumo do noroeste, pousamos em uma cabeceira em cima da serra, perto de uns matos de furnas, nas últimas cabeceiras do Sucuriú e consultamos para marchar em rumo do noroeste a procurar o rio do Taquari. Marchamos uma légua.

2^a - 18, marchamos em rumo do norte e marquei em uns paus do campo o rumo do sudoeste, para guia do pique da estrada do atalho de Cuiabá. Depois de marchar distância de duas léguas em um chapadão, em rumo do norte, encontramos águas que correm ao noroeste, em umas grandes furnas de matos, morros, campestres, agudos, escalvados, vermelhos e amarelos, que me pareceu ter grandes grandezas de ouro, que nunca vi umas brenhas semelhantes; voltamos em rumo do sudoeste abeirando as ditas furnas que já nos cercavam; os campos cobertos e ruins pastos acompanhado de cambaúva fina e ruim nos pareceu ser águas que vão a Araguaia.

3^a - 19, voltamos a procurar o espigão do Sucuriú pela parte do sul, andamos distância de três léguas em rumo do sudoeste; pousamos em águas que correm ao noroeste; é que as ditas brenhas nos deu descida, não tem serventia senão para tirar ouro, pelos pastos serem ruins, representa ser lavras do Pilar.

4^a - 20, marchamos em rumo do sul, encostado em uma serra bem por baixo, distância de duas léguas, e pousamos em vertentes que correm ao sudoeste; à tarde atrepei a serra, avistei dois fogos em Taquari ou Piquiri. Voltou do dito lugar um companheiro, meu mano Gabriel, que veio ver uma fazenda no Sucuriú. Os animais do dito estavam sentindo e não lhe agradou o que avistava; assentou em voltar e cuidar dos seus serviços e dei parte ao dito Garcia do meu destino.

¹⁵⁵ Carne de galheiro: carne de veado [n.d.e].

5ª - 21, saímos em rumo do sudoeste, marchamos duas léguas e meia e nos custou achar água por não poder descer um talhado que acompanhava a dita vertente, que é braço de Jauru, descemos em um focinho e pousamos em uma vertente do Buritis, em campos cobertos; areia e ruins pastos.

6ª - 22, saímos em rumo do sudoeste, em campos cobertos, e melhores pastos. Busquei o morro bojudo de pedras meio avermelhado muito alto apontado, atrepei no segundo degrau e não pude atrepar no terceiro pique da torre: é o que representa ser, e buscamos um pontal de espigão, destorci pela esquerda, busquei um riacho que o chamam Jauru, fizemos passagem, passamos as cargas no ombro com água aos peitos, acabamos ao fechar da noite e pousamos de outro lado e marchamos três léguas.

Sábado, 23, passamos os animais muito cedo, marchamos ao sudoeste em campos fechados e ruins pastos e procurei um tabuleiro. Topei a trilha e pique que abriu o Sr. Carvalho, e cortei paus ao atravessar para sinal, e procurei uma vertente de um ribeirão e avistei fogos, respondido aos meus que tinha posto muito perto de mim; gritei e me responderam; busquei a ribeiro para escapar do fogo e pousei; ao depois atrás do fogo me apareceu um meu patrício conhecido da Vila Franca do Imperador, Manuel Pereira; nos fez ver que tinha vindo com o Cabo Fagundes pela trilha do Carvalho e não deu boa informação do que avistou até a fazenda do Cadete Jerônimo, que tudo era inferior, e mesmo Jauru abaixo distância de doze a quatorze léguas que era muito cerradão, assentei procurar Camapuã em rumo do sul, e o dito Sr. Pereira ajuntou-se em nossa companhia com dois animais, um cargueiro, um de sela, e mandou dois índios seus camaradas para o Piquiri ao destacamento donde tinha saído, um por nome Joaquim e outro Maximiano; eu escrevi ao dito cabo do mando regente José Gonçalves, dando lhe parte dos meus giros.

Hoje, domingo 24, saímos do ribeirão do Barreiro, da Aldeia Velha, em rumo do sul, e pousamos em vertentes do dito, adiante uma légua.

2ª - 25, marchamos em rumo do sul e pousamos em o ribeiro que busca ao poente, e vai a Jauru; fizemos passagem em um mato entre meio de um córrego; marchamos três léguas em campos charravascal, gravatás, areias, sapés e pouco capim.

3ª - 26, marchamos em rumo do sul em melhores pastos, subimos a serra em matos e pousamos no fim da furna, em campos cobertos, e muito ruim pasto e marchamos uma légua e meia.

4ª - 27, marchei em rumo do sul, em campos cobertos, areia, capim-chatinho e pousamos em vertentes que busca o Jauru; nasce em serrotes baixos e bom pasto de capim-branco; marchamos três léguas.

5ª - 28, marchamos em rumo do sul e pousamos em águas que vão ao Jauru em campos de capim-branco, marchamos uma légua.

6ª - 29, marchamos em rumo do sul em campos cobertos de bom pasto, o capim-branco e pousamos em um ribeiro no qual pusemos o nome Prapotangas por um companheiro matar duas, e pintou seus matos, e serrotes cobertos, e pedras e seus coqueiros araribás; marchamos três léguas e meia.

Sábado, 30, marchamos em rumo do sul em campos cobertos compostos de serrotes, os pastos bom capim-branco, e fizemos passagem em um córrego em mato, logo adiante fizemos ponte em outro em campo, pusemos o nome – os Macucos – que vão ao poente, e marchamos duas léguas.

Domingo, a 31, marchamos em rumo do sul em campos cobertos de areia e ruins pastos, meio charravascal; distância de três léguas em um chapadão, passamos por perto de um baú selado, atrepei em uma sucupira e descobri uma vertente em rumo do sudoeste; abeirei a dita; pousamos na cabeça de uma furna, em pastos bons de capim branco e marchamos quatro léguas. Depois fui descobrir caminho na serra. Ao descer, avistei campos limpos, morros, e monstruosos; capões pequenos, e muitos, e o palmito guariroba desde a cabeceira do Sucuriú aqui o viemos topar; pus o nome no vão em que avistei fazendola da fronteira dos Montes Monstruosos; águas que correm ao poente.

2ª feira, 1º de agosto, falhamos.

3ª - 2, descemos a serra em um fâcão e procuramos um pontal de espigão, fizemos passagem em uma vertente, em mato à esquerda, apossamos uma barra direita. São iguais, e apareceu muito peixe; fomos arrodando alguns morros e vertentes pelo dito abaixo em muito bons campos de criar, e pousamos em um buriti, na beirada de um capão na margem do dito: e marchamos três léguas em rumo do poente.

4ª - 3, apossamos uma barra que lhe pus o nome – Socó – e passamos o ribeiro para outro lado e apossamos o ribeiro maior que vem do sul pelo nome Gameleira Grande, e passamos o dito primeiro para o outro, pousamos no barranco, pescamos muitos peixes, e marchamos duas léguas ao poente.

5ª - 4, marchamos em rumo do poente acompanhando o dito ribeiro; entrou em um riacho taludo que corre do sudoeste a noroeste, a procurar Jauru, e marchamos uma légua; ficou aposada a sua barra. Derrubou-se alguns paus de um e outro lado; no pontal faz uma pedra e se fez duas cruces em um pau de aroeira e em um óleo, e para baixo pegou campos cobertos o que se avistava pela parte do noroeste, a poente, e muitos morros.

6ª - 5, saímos do ribeiro por nome as Arraias, por vermos duas, e abeiramos o riacho maior em rumo do sul, distância de uma légua. Saltamos o dito em um mato que acompanha em água ligeira; logo acima apossei uma barra de um ribeiro que lhe pus o nome Tarumã, e tem seus matos bons, e seguimos o dito acima em rumo do sudoeste distância de meia légua. Saltamos e pousamos. Eu segui acima pondo fogos no campo distância de meia légua; apossei uma barrinha à direita, e marchamos uma légua e meia.

Sábado, a 6, marchamos em rumo do sul, em campos bons, e passamos um córrego pequeno que dá água para monjolo e pus o nome – córrego Fundo –, avistamos uma brecha de barra que entrava de outro lado. Endireitamos para a dita, passamos em uma várzea de baía seca, e seus monhões de capim-mimoso; entramos no mato, seus balsamos grandes e pequenos e topamos uma vazante seca, coberta de um capim que imita o da princesa, mais largo alguma coisa, ervas-de-bicho pela beirada, e os animais não queriam sair dele, estava que nem salada e pousamos na beirada do dito riacho que pusemos o nome – São Francisco dos Morros Altos. Logo abaixo entra a dita barra defronte um barranco, passei o rio mais para cima e fui apossar o dito que lhe pus o nome – Barreiro; e marchamos uma légua e meia.

Domingo, a 7, saímos em rumo do sul, distância de ½ légua encontramos uma batida de estrada na cabeceira de um brejo, acompanhei pensando ser de anta, logo topei esterco muito velho, apeei-me e reconheci que era de animal cavalariço, e fomos trilhando; a dita estava desleixada mas se conhecia que era dos índios que navegavam da Aldeia Velha para Camapuã, o que nos parecia; e piquei alguns paus do campo pela batida, e mandei fazer pouso em uma vertente à esquerda; eu segui a batida distância de uma légua, e topei ossadas de um cavalo em uns buritis, dobrando o espigão fiz uma cruz em um pau de goma-arábica e voltei, dependurei a cabeça do cavalo pelo olho em um galho de goiabeira-do-campo; cheguei no pouso ao entrar do sol. Declaro que a batida segue ao noroeste; marchamos uma légua.

2ª - 8, procuramos o riacho ao sul em distância de meia légua; encontramos o dito, nos cercava pela parte do poente; descarregou-se os animais em um mato e descemos pelo dito abaixo a reconhecer se entrava barra em uma baixada que fazia; fomos sair aonde os índios passam o dito para o outro lado. Dois acompanharam o trilho para o pouso, eu voltei rasto atrás; avistei cedros, aroeiras, taquaruçús, quase todos secos e os companheiros acharam esterco de gado na batida dos índios.

3ª - 9, saímos do riacho, voltamos pela batida dos índios, por ter entrado o dito riacho em furnas de serra, em cerradões, ao poente. Seguimos a batida; em alguns lugares perdíamos e nos custava achar, e pousamos em cabeceira do dito Tarumã embaixo da serra, e marchamos três léguas.

4ª - 10, falhamos no dito córrego que pusemos o nome – os Pitos. À tarde trepei a serra a avistar, descobri umas vertentes à direita procuram ao dito riacho e tem seus matos; os campos meios cobertos pus o nome – a Lagoa.

5ª - 11, marchamos ao poente na trilha, subimos a serra em um matinho, e saímos em pastos muito bons e seus capões pelas vertentes que subiram o alto da serra, e saímos em um campo grande limpo; pousamos em uns buritis à direita. Marchamos quatro léguas.

6ª - 12, marchamos em rumo do sudoeste em uma vertente acima do chapadão Copiy; terra avermelhada, campos baixos e fechados, ficando de vista vertentes à direita; depois, descemos em furnas, morros, pedras e aparados; na descida encontramos uma estada da cambaúva fina; achamos a ossada de um cavalo na batida e descendo a serra, a cabeça de uma rês. Dependurei em um pau, e pousamos em uma vertente que atravessa a batida, em buritis, em uma barrinha, e achamos outra cabeça no pouso, e moquém, onde assaram. Também dependuramos e marchamos cinco léguas.

Sábado, a 13, marchamos em caracol grande e maiores, em rumo do sudoeste; entramos em umas cafurnas¹⁵⁶, por baixo de uns rochedos de pedras, arrodando grotas e saltando outras, e nos acompanhava um aparado de serra à direita, e buscamos outra serra que estava adiante; descemos entre meio de serrotes e saímos em uma cabeceira de pindaíbas e pousamos em um galho da dita; andamos três léguas.

Domingo, a 14, marchamos em rumo do poente. Saltamos um ribeiro que corre ao sudoeste, acompanhamos uma vertente à direita, e dobramos serrotes de pedra; pousamos na segunda

¹⁵⁶ Cafurnas: esconderijos [n.d.e].

vertente, na beirada de matos de baguaçu, acima buritis. Achamos três tendas de quebrar cocos, marchamos duas léguas e meia.

2ª - 15, marchamos em campos cobertos e muitas bibocas de cabeceiras e pedras e descemos em uma cacunda de uma serra que vem do norte a sul, e chegando no alto avistamos embaixo da serra um grande chapadão que representava ser brejão, com seus monchões de cerrado. Descemos a serra em um facão muito comprido e muito alto que mete medo; depois de descer entra-se em moitas de tabocas¹⁵⁷ baixas, sapés, bacuris no campo, e citadas de craíbas florescidas e muitas qualidades de pastos, e terra branca e dura; tem lugares que encharca com as águas e pousamos em um riacho de canoa, as águas turvas empantanadas, e não tem matos e corre para o poente. Marchamos três léguas e meia.

3ª - 16, marchamos ao poente, distância de uma légua, pela trilha dos índios; embicou no dito riacho, nadei para outro lado ver o caminho; derrubamos quatro paus, dois de um lado e dois de outro, encruzaram os galhos e fizemos pinguela com guardas, e passamos nossas cargas com felicidade, e deixamos os animais de lá por bom pasto; pescamos muitos peixes e matamos muitos pássaros, patos, mutuns, jacutingas, jacus, jaús e urrava muita guariba; os macacos muito mansos nas fruteiras da sapucaia, e tivemos boa ceia; pousamos em matos de bacuris que acompanha o dito riacho; o cunhado Vieira a vida dele era comer cocos de bacuris.

4ª - 17, falhamos para lavar e remendar e procurar a trilha em um varjão de capim alto e felpudo. Nos custou a romper. Saímos em uma baía comprida; peixes e jacarés logo na beira de umas tabocas; achamos a dita trilha, acompanhamos e pusemos fogo nos campos. À tarde passamos os animais muito a salvo, depois de estar dormindo pelas nove ou dez horas da noite, apartou-se um cavalo, atirou-se no riacho, perdeu o porto, nadou o rio acima; atirei-me na água, peguei e puxei-o para uma prainha, amarrei seguro; no outro dia fiz cava e tirei-o, e também achou-se uma panela de barro fino, furadinha pela beirada, com suspiro, atrombetada, feitio de capelo de alambique.

5ª - 18, marchamos em rumo do sudoeste em um chapadão baixo e pousamos em uma baía comprida, perto de um capãozinho, com bacuris, baguaçus e tabocas, jacarés, araras, garças, biguás, patos, papagaios, maracanãs e pescamos trinta e quatro piranhas e um pintado, parece coisa invisível porque não avistamos rio e marchamos três léguas. Advirto mais que em cima da serra tem muitos rastros de antas e de onças, descendo a serra, cervos e galheiros, muitos paus do campo ranhado de onças; na dita lagoa, ao fechar da noite, atirei nos pássaros, que eram muitos nas árvores, e todos cantavam e gritavam, com o eco do tiro deu dois gemidos, fiz ser jacarés ou peixe pintado. Depois de cearmos fomos preparar os peixes na lagoa que estava retirada do fogão vinte passos; os jacarés ajuntaram-se para perto, peguei a dar gritos brincando com eles, peguei na espingarda, dei três tiros; com isto gemeu. Sentamos estar algum morrendo, diferencou-se que era onça debaixo de umas árvores sombrias e continuou mais alto e grosso. Corremos para o fogo carregar as armas; dei dois tiros no dito lugar: a pouco roncou mais baixo, assentamos que foi-se embora; amolamos os facões, sempre receosos e recomendei que se pusessem prontos e dormimos. Eu fiquei um tanto cismado e gritava; estando passando por uma madorna ouvi rosnar e avisei aos companheiros e a dita estava perto do fogo; levantava-se o rapaz com a coberta na mão, caiu arriba do Sr. Pereira e o prendeu debaixo da coberta. Com o urro da onça que estava perto, o fogo apagado, custamos a diferencar e o cunhado Vieira assentou-se com a faca na

¹⁵⁷ Taboca: taquara [n.d.e].

mão a gritar: “o bicho!”. Passei adiante, fiz frente até se levantarem; ela não quis se retirar. Peguei na arma que tinha deixado na cama e atirei ao rumo onde urrava; atirei fogo, então se retirou e gemeu mais adiante pouco, atirei cascas de baguaçu, roncou mais adiante, e gritei ao Pereira que atirasse. Com isto se retirou e não dormimos mais.

6ª - 19 de agosto. Fica defronte uma serra grande que acompanha ao sul, à esquerda; a dita onça comeu três peixes que tinha ficado na beira da lagoa.

Sábado, a 20, marchamos pela parte do sul, em chapadão, e seus matos de baguaçu, à esquerda e passamos um charco grande e abeiramos para cima em chapadão úmido. Saímos no mais duro, pousamos ao fechar da noite, em umas poças de taboas, agora grossa e ruim. Marchamos cinco léguas a par com a serra.

Domingo, 21, marchamos procurando ao sul chapadão chato, pousamos em umas poças grandes que vem da serra, mal corre água; muito bom pouso, pescamos muito peixe, traíras, piranhas, piaus, lambaris; marchamos três léguas.

2ª - 22, marchamos a par com a serra, ao sudoeste, em chapadão baixo, marchamos três léguas. Advirto que pousamos em uma baixa encharcada de água, capim perto de três moitas de tabocas e bacuris fechado, e também topamos um cágado redondo grande, a cacunda do feitio de dado de damas; em Goiás chamam jabuti.

3ª - 23, marchamos, chapadão monstruoso e dobramos, topamos uma várzea arcada em algumas partes. Matei dois galheiros, abeiramos para baixo, pousamos na beira de um riacho que vem da serra. Divide-se a dita serra, e se avista chapadão, e alguns braços entranha em morros, ao que avistei e apanhamos muitos dourados; com a lavagem da carne, amarelava o rio e levou três anzóis, e pusemos fogo no campo que arrasou e matei uma capivara muito gorda com cinco filhos na barriga; achou-se três pés de algodão e um pezinho de urucum. Marchamos duas léguas; advirto que o dito riacho nasce do sudeste e corre ao poente.

4ª - 24, passamos o riacho em bom vau com os animais carregados. Saímos em umas várzeas de capim rasteiro, areia fina de fundição e branca e uns coqueiros, ao longe parece buritis da folha e da cabeça pequena, espinhos acompanhando o talo. Saímos em linguetas de campo entre meio de cerrado e pousamos em uma água morta que vem de um cortado de serra. Apanhamos muitos peixes e marchamos duas léguas em rumo sudoeste; à noite vimos fogo em rumo do sudoeste. Eu gritei aos camapuanos; logo rosou uma onça perto. Não dormimos fazendo serão. O luar claro. À meia-noite tornou a roncar no mesmo lugar e não veio.

5ª - 25, abeiramos a dita água para baixo, passamos em um charco grande, marchamos em chapadão grande, topamos uma batida de gado que diferenciou-se o rasto, depois topamos outras mais novas, adiante uma trilha seguida, e marquei em uns paus do campo, e fomos esbarrar em um riacho de canoa. Taludo, e a trilha saltou para o outro lado. Voltamos para trás a seguir o rasto das criações nos verdes que avistávamos a par com a serra e logo adiante avistamos um pouso, defronte uma lagoa, pousamos e marchamos três léguas e marcaram em um pau dois ferros ao sudoeste.

6ª - 26, seguimos pela batida rio acima e avistamos gados, adiante uns pés de pitas, mamonas, fumo, algodão, esteios, lugar de tapera, adiante umas casinhas, um curral de varões

de taquaruçú, uns índios, porcos, cachorros, galinhas, animal cavalariço. Perguntei a eles a nação responderam guaxi, e perguntei por Camapuã; apontaram pela serra ao sudeste. E o Forte de Miranda? Responderam perto, e apontaram ao sudoeste, e me disseram que o Santos, português, estava fazendo sal, e me convidaram e me deram uma égua rosilha andadeira, e o dito amontou-se em um potro baio, e fomos à salina; quando apeou-se é que vi o molde do selim inglês que muito bem embutia; topamos o Sr. Salvador Luís dos Santos e seus camaradas fabricando sal em sacas de couro, estilando e apurando em tachos, e nos deu os nomes dos rios que passamos: o primeiro riacho, Coxim; o segundo, rio Negrinho, que é cabeceira do terceiro riacho de canoa, rio Negro, acompanhando a dita trilha, abeirando a serra; o quarto que topamos, Naboco Niogo; o quinto, maior, Aquidauana, feito na salina do falecido Isidoro. Retrato do ferro do fazendeiro Chiquinho e os ditos Índios andam vestidos de um pano dobrado, linhas torcidas com suas pintas de várias qualidades e um ponchinho do mesmo pano. Vacas de leite pequenas, gordas, muito boas de leite, e marruases à proporção, e nos tratou com leite cozido e batatas; e também eles têm um leque de assoprar fogo e abanar mosquitos.

Sábado, 27, falhamos e o Sr. Santos veio nos pagar a visita.

Domingo 28, passamos Aquidauana, eu o Sr. Pereira, por dar manifesto ao comandante do Forte de Miranda, e marchamos em chapadão, em algumas partes monstruosos. Não pudemos chegar, perdemos a batida. Com a noite, pousamos em uma cerca em mato de tabocas; advirto os nomes que me deram das passagens até o forte: primeiro, Pirizal; o segundo, Ipegue; o terceiro, Naxadaxe; o quarto, Uagaxi; o quinto, Morraria Forte.

2ª - 29, chegamos e fizemos ver aos de Miranda as nossas investigações; advirto que o dito forte tem quatro frentes de casas, duas arruadas, cercas de taquaruçus e as outras só à frente. O forte, no meio, cercado de madeira em pé, apontadas de quatro quinas, aterrado alto por dentro, e tem sentinela viva de dia e de noite; tem os índios aldeados ao pé do forte com suas lavouras, engenho de bois e fazem rapaduras e melado e fabricam a farinha de mandioca; as nações são estas: Uaicurus, Guanáz, Guaxis (estes são aliados); há outras nações que existem retirados assim como Ipajmas, Caiubás e outras mais, etc. Consta-me pelos habitantes de Miranda que do forte até sua foz em Paraguai terá quatorze léguas e a Coimbra, nossa fortaleza, vinte. Advirto que do Aquidauana a Miranda tem dez léguas.

3ª - 30, saímos por tarde e pousamos arredados três quartos de légua.

4ª - 31, fomos à salina.

5ª - 1º a 6ª - 2 de setembro, falhamos.

Sábado, 3, passamos o Aquidauana, viemos ao Ipegue.

Domingo, a 4, chegamos.

2ª - 5, falhamos.

3ª - 6, falhamos.

4ª - 7, falhamos. Neste mesmo dia comi milho verde na casa do Sr. Salvador Luís dos Santos, e o mesmo nos contou que tem muita jabuticaba das grandes e grumixás.

5ª - 8, depois de meio dia saímos do forte, a buscar novo caminho para Camapuã, patrocinado do Sr. Comandante João José Gomes¹⁵⁸, suprido de mantimento e guia, um Uaicurú por nome Neuane, um guaxi por nome Lascabite e quatro cavalos para revezo¹⁵⁹, a saber dois do Sr. Comandante e dois do Sr. João de Faria Velho, e pousamos retirado do forte uma légua, defronte ao morro do Moreira.

6ª - 9, saímos e pousamos em uma cabeceira à direita, perto do Ipegue; marchamos quatro léguas e meia.

Sábado, 10, chegamos na salina do falecido Isidoro, e marchamos quatro léguas e meia.

Domingo, 11, pousamos na fábrica da salina do falecido; marchamos uma légua; à noite apareceu-nos uma luzerna cor de fogo resplandecente como uma grande estrela. O índio Neuane nos disse que era bicho no cupim, eu o convidei para ir lá, e ele disse-me; “Olha Joaquim você vai lá, você morre”. Eu o perguntei se conhecia, disse-me que não, pois que sua gente tem medo; assentimos ser um bicho que ouço dizer tem uma pedra na cabeça que é a maior luz possível que lhe dão o título, Caincro, fica encostado de outro lado da várzea em um mato de tabocas. Pousamos adiante do rancho da fábrica e da bica-d’água.

2ª - 12, saímos na trilha de Camapuã em uma passagem por nome Pirainha e pousamos no Daboco¹⁶⁰, e matamos campeiros, capivaras e um jacaré e muitos dourados. Marchamos quatro léguas ao nordeste.

3ª - 13, largamos o trilho de Miranda para Camapuã, na margem do Daboco, em uma várzea salitrada perto de uma paineira do campo, a qual ficou marcada de um e outro lado; adiante uma légua fizemos passagem em um córrego apedregulhado; adiante outra légua fizemos outra passagem lajeada, boa, e fizemos picada em um mato de tabocas, e logo adiante arrodando um buritizal abriu-se outro mato de bacuris a arrodar um brejo. Marchamos duas léguas ao nascente; não se dormiu a fazer serão em uma onça que urrou defronte do pouso.

4ª - 14, logo que saímos no campo busca-se à direita, para baixo passa-se em uma vertente que fizemos uma ponte; carrega-se à esquerda a procurar a cabeceira de um brejo; busca-se para baixo, passa-se em uma vertente; passa-se areada e boa, buscando o espigão, passando pela cabeceira de um buriti, a procurar outra vertente grande de buritizais; passa-se uma passagem lajeada, boa; fica de vista outro braço seguindo por uma chapada acima, passando brejo comprido que pouco atola. Adiante, passa-se outro braço, em outro lajeado, que admite boa ponte, pequena, e dobrando por um carreiro de antas a procurar passagem no Daboco, pela esquerda de uma vertente de outro lado, que entesta com o morro do Chapéu; marchamos quatro léguas e pousamos em outro córrego, logo adiante, que admite boa passagem, rumo ao nascente.

5ª - 15, falhamos.

6ª - 16, falhamos.

¹⁵⁸ João José Gomes foi um fazendeiro do distrito do Baixo-Paraguai, então província de Mato Grosso. Ocupou, entre outros postos, o de comandante geral desse mesmo distrito militar na década de 1840 [n.d.e].

¹⁵⁹ Revezo: pasto em cerrado, coberto de relva, para o qual se leva o gado com o fito de possibilitar que o pasto, de onde o gado saiu, crie relva [n.d.e].

¹⁶⁰ Provavelmente trata-se do atual rio Taboco, braço do rio Negro [n.d.e].

Sábado, 17, falhamos.

3ª - 20, falhamos, todas estas falhas motivadas das grandes chuvas. Advirto que o Daboco busca o rio Negro e a passagem é em mato.

4ª - 21, marchamos ao nascente, e pousamos em um braço do Daboco; fizemos passagem em mato de tabocas e marchamos uma légua.

5ª - 22, falhamos para procurar o caminho em um fecho de serra; eu e os dois índios saímos e achamos subida e descida com suas passagens de córregos com boas propriedades.

6ª - 23, seguimos a marcha, subimos a serra, insensivelmente, pousamos em um brejo nas margens do Aquidauana; marchamos quatro léguas.

Sábado, 24, logo que saímos do pouso passamos um ribeiro em caminho de anta areado; de certa distância passamos outro, ambos vêm da serra, da parte do Daboco, adiante passamos o Aquidauana (que nos cercou pela parte do norte) com os animais carregados, e pousamos na beira de um brejo por toparmos uma macega a dar tempo para se queimar; marchamos quatro léguas, regulando ao norte.

Domingo, 25, marchamos ao nascente, dobramos em cerradão, saímos em campo de frechas, topamos um braço do Aquidauana que buscava ao nascente. Pousamos e marchamos três léguas.

2ª - 26, logo que saímos do pouso avistamos fogos ao nascente e respondemos e topamos uma vertente empantanada; buscamos para baixo. Saltamos o dito braço, e abeiramos para cima; pousamos na última cabeceira. Marchamos quatro léguas ao nascente.

3ª - 27, picamos uma mata, e dobramos em outra vertente. Logo embaixo topamos um ribeiro com muitas piraputangas, que é braço de Coxim, que entesta com Sambixuga; marchamos duas léguas e pousamos em braço do dito.

4ª - 28, marchamos ao nascente distância de três léguas em morros, campos e matas, e topamos chapadão coberto que nos representou que estávamos em espigão-mestre de Coxim, e Sambixuga, e voltamos ao noroeste distância de uma légua. Pousamos em vertentes do Coxim; topamos a cambaúva fina; marchamos quatro léguas.

5ª - 29, marchamos ao norte em grotas da cambaúva fina, vertentes de Coxim e procuramos o espigão mestre em campos coberto. Saltamos dois córregos empantanados em verte ao nascente, fiz ser Sambixuga e dobramos a procurar espigão fugindo dos atoleiros. Topamos furnas do Coxim, e macegão grande e pusemos fogo, pousamos no mato; marchamos três léguas com toda volta.

6ª - 30, saímos do pouso com o dia turvo de neblina; variamos o rumo, entramos em um cerrado e topamos uma grotta de mato; abrimos caminho, descemos os animais, e saltamos um córrego, paramos no meio do cerrado em um croado¹⁶¹ do campo, e seguimos quatro pessoas

¹⁶¹ Croado: banco de areia [n.d.e].

a ver caminho. Saímos em mata encostada aonde Coxim entranha na serra, e descobri morros, meus conhecidos, e estávamos muito abaixo de Camapuã. Voltamos e pousamos no dito croado sem água e marchamos uma légua ao norte.

Sábado, 1º de outubro, voltamos para trás; logo que subimos o morro, pousamos e neste mesmo dia saímos com os dois índios a ver caminho e pôr fogo no macegão que era grande, e descobrimos caminho na cabeça de uma furna de matos, em um ribeiro que os de Camapuã tratam de Taquaruçú, cujo deságua em o rio de Camapuã, este é o dito que nos enganou ser Sambixuga.

Domingo, 2 de outubro, saímos em rumo do sudoeste em campo coberto, serrotes, capim branco e na chapada o flecha; subimos em um serrote e avistamos uma capoeira em um capão pequeno ao norte, e pousamos em uma vertente, logo defronte, e marchamos três léguas.

2ª - 3, logo que saímos do pouso saímos a um ribeiro enfurnado sem mata, que o chamam Matamata; deságua por baixo da fazenda de Camapuã e seguimos em campo limpo; saímos no varador de canoas, defronte à cabeceira de uma lagoa seca, e marquei uns paus do campo. Chegando em Camapuã encontramos nossos patrícios que vieram da povoação dos Garcia pela estrada de Antônio Barbosa da Soledade, que abriu, saltando Sucuriú, rio Verde, a buscar as margens do rio Pardo com o Paraná, aonde o dito Barbosa tem feito sua fazenda. Os ditos largaram a referida estrada nos espigões do rio Verde, e dobraram o rio Pardo. Encontraram as monções do Sr. Eleutério e vieram juntos a Camapuã, por terra.

3ª - 4, falhamos.

4ª - 5, falhamos.

5ª - 6, idem.

6ª - 7, idem.

Sábado, 8, idem.

Domingo, 9, seguiram os meus companheiros para a povoação com os ditos patrícios, pela batida em que vieram do rio Pardo. O Sr. José Leocádio me surtiu com um par de roupas e mantimento preciso, e também me mostrou todos os seus serviços e criações.

2ª - 10, o Sr. Eleutério me surtiu com duas camisas de riscado xadrez, que me via já desprevenido, e saí com cartas para Miranda, a ver socorro de mantimento para o dito Eleutério; e veio em minha companhia um enviado, o Sr. Jacinto, fazendo a marcha pela estrada velha; e pousamos no barranco do Coxim.

3ª - 11, pousamos no Capim Branco.

4ª - 12, logo que saí no Campo Grande larguei o caminho a buscar novo rumo por dentro do Aquidauana que dá melhor caminho sem empecilho de cerrados, córregos e morros, e avistamos nossas queimadas que ficavam do outro lado do Aquidauana, buscando a direita, receando topar braço do Aquidauana no chapadão, fui ensacar-me em braços do rio Negro que

também sobe no chapadão, e ladeadas suas vertentes de brejos, os quais nos atirou encostado pela estrada velha; os índios conhecendo os lugares me fizeram ver os empecilhos; assentei procurar a estrada velha para adiantar o socorro e cheguei a Miranda em 22, sábado. Falha de dois dias.

4ª - 1º de novembro, saí de Miranda com ordem do Sr. capitão comandante João José Gomes, a levar socorro de mantimentos em Camapuã, para Eleutério Nunes de Arruda, e levei em minha companhia três camaradas do dito Sr. comandante, a saber: Paulo Xavier dos Santos, Vítor Antônio de Oliveira e Inácio Laiana com sua mulher Maria Valentim; foram encostados na comitiva o furriel Manuel Benedito e o enviado do referido Sr. Eleutério, Jacinto Antônio Moreira. Levei trinta e três animais do presídio até o rio Aquidauana, a saber: um macho castanho, uma mula ruça, um par de cavalo escuros ambos gázeos, estrelas, um pombo, um clemente dito Teodoro, um russo Cândido, um castanho Paz, um castanho Saloba, um russo Frecha, um rosilho Bordado, um rosilho Grande, um rosilho Olho de Prata, um russo Cipó, um mouro Pequeno, um castanho Malacara Torto, um baio Vito, um baio Velho Mascarado, um baio Grande, um rosado, um escuro Gázeo, um russo Monstruoso, um baio D. Manuel, uma lazã Estrela; cavalos do Jacinto, um saino, alugado, um castanho Mascarado, próprio; pertencentes ao furriel Manuel Benedito, um saino Estrela, e um baio Encerado; de Salvador Luís dos Santos, um lazã que me encarregou com mantimento para dispor em Camapuã; de Vítor Antônio: um russo pedrês; meus, um russo pedrês de nome Rodrigues e outro russinho.

Depois que passei o rio Aquidauana entrou na tropa mais um cavalo meu chamado Cabeleira, uma cangalha, um par de bruacas; e seguindo pela minha estrada nova a descobrir subida, em endireitura ao Campo Grande do Tarumã encontrei talhado grande de serra cercado pela parte do rio Negro e gastei quatro dias abeirando Aquidauana acima; destorci para baixo saltando o Aquidauana pela parte de Camapuã; ao nascente encontrei segundo braço menor, no qual pus o nome – ribeirão dos Patos – e saltando este seguia por ele acima, ganhei a minha batida de dias de setembro gastando quatro dias de marcha com prejuízo de cinco dias, à vista da dita batida de setembro e seguindo por esta batida até os altos do dito ribeirão Patos, larguei a batida pela parte do norte, e segui ao nascente a endireitar o rumo, dobrando o espigão entre duas vertentes, e descendo por um chapadão em campos cobertos, encontrei o ribeirão Sambixuga ao lado esquerdo. Correndo ao nascente, fiz ponte em uma cachoeira e passei o dito ribeiro; a poucos passos saí nas cabeceiras de Matamata e seguindo encontrei-me na lagoa seca, onde saí em dia 3 de novembro e segui para Camapuã. Finalmente, dei fim à comissão no dia 29; fiz entrega do mantimento ao dito Eleutério e cobreí recibo, conforme a ordem.

Recebi do Jacinto Antônio Moreira três cargas de sal para entregar em Miranda ao Sr. capitão comandante, assim como mais seis medidas de sal para João de Faria Velho, como há de constar pelo recibo que passei ao referido Jacinto; enfardei o dito sal em couros para seguir viagem. Recebi mais do administrador de Camapuã, José Leocádio de Carvalho, vinte e seis medidas de sal para entregar em Miranda a João de Faria Velho. Ao dito sal mais dez oitavas em dinheiro corrente para entregar ao dito Velho. Do mesmo administrador recebi mais uma oitava em dinheiro corrente para entregar ao Sr. comandante, bem assim mais várias encomendas que conduzi, etc.

2ª - 5, dezembro, devolvi-me para Miranda. Levei em minha companhia o mesmo número de companheiros mirandeiros, acrescentando um menino por nome Manuel, ficando em Camapuã gravemente enfermo o companheiro Jacinto, que também tencionava reverter em minha companhia. Conduziram-se os mesmos animais que trouxemos de Miranda, ficando somente em Camapuã um que é o cavalo alugado em que o referido Jacinto havia ido montado. Advirto

que neste regresso achei melhores caminhos, fazendo alguns atalhos sem encontrar empecilho algum e cheguei em Miranda no dia 4^a feira, 21 de dezembro.

Mudança que faz dos climas do terreno deste sertão. Advirto que divide-se de uma serra que vem de norte ao sul; descendo esta serra pelas águas que deságuam ao Paraguai, formam grandes planos. As águas baixas, razão por onde alaga toda esta margem, os pastos bons que se contam no lugar, têm suas lagoas, e muitos firmes compostos de alguns capões, e cordilheiras de matos de taboques, e muitas caças do campo, e do mato, e muitas onças, e em qualquer água muitos peixes; advirto mais nas vargens de pratudais, que nós chamamos craíbas, ou nos carandazais muito sal da terra trigueiro, e alvo, e muito salitre se pode formar grandes fazendas de criar, e se formar grande terra, imediato os matos baixos dá bem mantimentos, até nas tabocas. Nos campos me parece dar trigos; enfim, pode-se contar este sertão por Patrimônio do Brasil, etc.

3^a - 21 de fevereiro de 1837, segui embarcado no rio de Miranda para a província de Mato Grosso, cidade de Cuiabá, à presença do Sr. Dr. José Antônio Pimenta Bueno¹⁶², presidente da província, e mesmo aos mais senhores do lugar, representar minhas entradas de sertão, e mapas de rios, e comodidades de estradas para São Paulo e Minas Gerais, para endireitura do Cuiabá, e mesmo de Miranda. Segui patrocinado, e enviado do Sr. capitão comandante João José Gomes, e encarregado de uma canoa, e dinheiros para certas encomendas, e mesmo dos mais habitantes do lugar; as pessoas foram estas: cabo José da Silva Leme, soldado do corpo de ligeiros encarregado de dois presos soldados, um por nome Manuel João de Oliveira e Antônio Bruno Gonçalves, piloto Francisco de Almeida, e cinco índios terenas, e uma índia; contra-piloto Pedro, e Antônio e sua mulher Catarina, e Joaquim, José e Gamela, rodamos. Passamos por um riacho de canoa à esquerda, por nome Saloba; vem de uma morraria. No dito tem tabatinga que parece alvaiade¹⁶³, da qual trago amostra; logo abaixo pousamos na roça do Sr. comandante; pela meia-noite embarcamos. Faltou o índio Antônio que se escondeu para não seguir viagem, entreguei a mulher ao Sr. Apolinário Duro, camarada do dito Sr. capitão para remetê-los. Seguimos e embicamos em um firme de nome Caramujo, à direita, fez-se almoço.

4^a - 22, passou-se à vista de uma serra, ou morro Sete Lados à esquerda; logo abaixo fez-se janta em um firme chamado Rodrigo; às direitas, ao fechar da noite, passou-se por um barranco vermelho e rodamos com a noite abaixo; passou-se por um firme de nome Três Pedras, à esquerda; abaixo um firme barranco à esquerda; abaixo Tição de Fogo à direita; abaixo rio Negro unido Aquidauana; à direita faz sua foz a Miranda em pantanais, e abaixo três voltas rompeu a aurora.

5^a - 23, fez-se almoço em um firme abaixo de Rebojo da Onça. À esquerda, depois do meio-dia, passou-se pelo morro do Azeite, à esquerda, rodeado de pantanais e logo abaixo entra uma boca chamada rio Vermelho; à direita, pelas três horas da tarde passou-se por uma boca chamada Capivari; à direita tudo pantanais; abaixo fez-se janta em um firme pequeno à esquerda. Rodamos toda a noite.

¹⁶² José Antonio Pimenta Bueno (Santos, 1803-1878), também conhecido como Marquês de São Vicente, foi um magistrado e político influente durante o Império. Foi presidente da província de Mato Grosso entre 1836 e 1838, Ministro da Justiça em 1848, Ministro de Relações Exteriores em 1848 e entre 1870 e 1871, presidente da província do Rio Grande do Sul em 1850 e Primeiro Ministro do Brasil entre 29 de setembro de 1870 e 7 de março de 1871 [n.d.e].

¹⁶³ Alvaiade: pigmento branco, constituído de carbonato de chumbo, usado em pintura de exteriores [n.d.e].

6ª - 24, pelas dez horas saímos em Paraguai, fez Miranda sua foz defronte uns morros cobertos ao noroeste, abaixo duas voltas de Paraguai, meia légua retirado da margem a povoação de Albuquerque. Dizem-me que do Paraguai por terra à nossa fortaleza tem doze léguas; por terra, dois dias e meio de marcha. Forte de Bourbon castelhanos, etc. Subimos do Paraguai o primeiro estirão comprido, ao nascente e embicamos em um reduto pequeno; à esquerda fez-se comida e seguimos ao norte, acima tem uma vargem de arrozal bonita. Encosta nos morros dos Periquitos; logo acima pousamos na água em uns paus de cambará à esquerda.

Sábado, 25, seguimos. Passamos pelo rio Taquari; vem de nordeste em pantanais. Passou-se pela direita, entramos no campo frondoso, atravessamos um braço do Taquari chamado rio Negro; logo distante passamos outro braço chamado Formigueiro, por onde navegam as canoas para Porto Feliz. Saímos pelas três horas da tarde, em muitas bocas de baía e saímos na madre. Logo acima pousamos em um reduto pequeno, à esquerda, e tivemos grande tempestade, mas escapamos.

Domingo, 26, logo que saímos entramos à esquerda em um braço por nome Porquinho; à direita, fica um braço de nome Paraguai-mirim; fez-se almoço defronte em um monchão¹⁶⁴ pequeno à esquerda. Logo adiante o Paraguai encosta em um morro por nome Rabicho; à esquerda, fez-se passagem à direita e entramos em uma baía e saímos no campo; seguimos ao poente, fronteando com o morro do Ladário que defronta com o morro da Conceição e a povoação de Corumbá de Albuquerque; de vista à direita o morro da Mergueira Pantanal. Pousamos na dita povoação. Fica em cima de um morro encostado ao Paraguai; os ditos habitantes não podem criar criações alguma por muitos morcegos.

2ª - 27, voltamos à direita, pelo campo; ao nordeste tivemos uma tempestade; valeu acharmos umas moitas de capim que amparou. Saímos no rio numa paragem chamada a Folha, guiado por um crioulo de nome Cipriano e um filho, os quais ajustamos em Corumbá pelas três horas da tarde e pousamos na água.

3ª - 28, marchamos e pousamos em um monchão de nome Carandú, à esquerda.

4ª - 1º de março, madrugou-se. Às onze horas do dia passou-se troteando, com os morros à esquerda; adiante passou-se entre dois morros de nome Castela; às cinco horas da tarde apanhou-se laranjas no pouso dos andantes; à esquerda, defronte uma ilha alimpei e cortei alguns paus que estorvavam e fez-se a passagem pelo braço direito; pousamos na água nos galhos dos paus.

5ª - 2, madrugou-se. Pelas dez horas passou-se a boca de Paraguai-mirim, a mesma água de Paraguai; lagoa acima, direita, fez-se passagem em um furado que muito atalha, de nome Sucuri; uma hora depois de meio-dia passamos perto de uns morros de matos, encostados ao Paraguai; à esquerda, logo acima, entra uma baía grande, pousamos em um monchão à esquerda.

6ª - 3, logo que saímos fez-se passagem à direita em um braço que atalha; pelas dez horas saímos nas Três Barras, fronte com o morro à esquerda e tem um de campo limpo. Fiz passagem pelo braço esquerdo, fez o rio um oito, logo acima fez-se alto de almoço em um firme alto de pedra, à esquerda. Pelas três horas da tarde passou-se perto de uma cordilheira de morros e dois mais altos à esquerda. Na segunda volta à direita entra um braço de baía grande, de nome

¹⁶⁴ Monchão: espécie de garimpo [n.d.e].

Chaneca; ao pôr do sol, chegamos na povoação dos Dourados; terceiro morro de campo limpo ao noroeste, Paraguai encosta no dito; topamos os índios guatós, moradores do lugar e um português destacado, de nome Francisco Fernandes.

Sábado, a 4, seguimos a par com os morros. Saiu o sol com o morro das Caveiras; fez-se alto de almoço na ponta de um morro de nome Pedra Branca de Amolar. Acima entra uma baía grande. Passa à direita. Acima, à esquerda, fica uma boca de baía. Logo acima entra-se à esquerda e entrando que seja, toma-se a direita. Adiante tem uma boca, toma-se a direita defronte da ponta de uma serra entra-se num braço; toma-se a direita. O São Lourenço, acima faz sua foz no Paraguai a sudoeste. O Paraguai acompanha a serra ao noroeste; pousamos no morro do Caracará, ao fechar da noite.

Domingo, a 5, seguimos e entramos em um braço à esquerda, bracinho do Caracará; às cinco da tarde saímos em São Lourenço, ao nascente e subimos a noroeste, digo, ao norte; pousamos na água. Por não ter terra fizemos cozinhar.

2^a - 6, seguimos cedo e pousamos defronte ao Bananal, à esquerda, em um monchão.

3^a - 7, fiz passagem à direita. Entrou-se no campo; logo adiante fez almoço dentro de um bananal, dentro de um capão plantado pelos antigos paulistas. Cortou-se dois cachos de São Tomé, e ajustou-se dois índios guatós para guiar os campos; pousamos em um capão firme.

4^a - 8, seguimos pelo dito campo. Saímos em um braço de São Lourenço de nome rio Negro; rodamos duas voltas pequenas; saímos em São Lourenço, subimos, pousamos no reduto pequeno à esquerda.

5^a - 9, seguimos pelas dez horas e entramos no rio do Cuiabá à esquerda; logo adiante pousamos na água.

6^a - 10, seguimos cedo; à direita faz uma forquilha. Toma-se a esquerda; acima outra forquilha; toma-se a esquerda a de nome braço do Bananal; adiante outra; toma-se a esquerda. Pousamos à direita em um aterrado que fizeram os antigos paulistas e plantaram um grande bananal, no qual têm crescido paus grandes. Cortou-se um cacho de banana-da-terra.

Sábado, a 11, seguimos pelo campo e pousamos na água.

Domingo, a 12, seguimos. Tivemos uma errada em grande cipoadá e pousamos.

2^a - 13, seguimos e passamos alguns matos e cipós de arraia; saímos em um braço acima; fez três bocas: entramos pela do meio, largamos o dito e entramos à esquerda em um charravascal e pousamos em uns *alverudos*¹⁶⁵ no meio da água, ao norte.

3^a - 14, seguimos ao norte, saímos em larga grande que parecia um mar de Espanha e topamos gados ilhados, em um capão firme, e pousamos acima da fazenda do Sr. capitão Antônio José da Silva. Saímos em um braço, de nome Curutuba, saímos em pouso à esquerda, firme.

¹⁶⁵ Decidimos colocar a palavra *alverudos* em itálico, tendo em vista que não foi possível encontrar nos dicionários consultados o significado da expressão [n.d.e].

4ª - 15, fez-se passagem em uma forquilha, à direita; logo acima entrou um braço, à direita; tomamos a esquerda, passamos por um braço pequeno à direita, de nome Cuiabá-Mirim, pousamos em águas abaixo dos moradores do rio abaixo.

5ª - 16, seguimos pelos moradores, e passamos por uma boca pequena à esquerda, de nome Piraim; acima, à direita uma fazenda e uma capela, encostado o morro do Melgaço e pousamos na ponta do dito.

6ª - 17, saímos pelo meio-dia por causa da chuva; logo acima ajustei um camarada a ver um guia dos campos, que nos levou por um mato atravessando uma baía, nas casas de um morador na ponta de um morro; e ajustei outro por nome Antônio Francisco. Voltamos atrás cinco voltas, a ganhar entrada para o campo; entramos às três da tarde e pousamos no braço da cachoeira de barro.

Sábado, dia 18, seguimos e saímos na madre e viemos pousar no engenho do Sr. alferes Feliciano Peres de Miranda.

Domingo, 19, seguimos da parte da direita, capela de Santo Antônio e pousamos defronte a um morro da praia grande.

2ª - 20, seguimos já perto da cidade, à direita, rio do Coxipó-Mirim; embicamos no porto geral em uma carcada; advirto que estes rios dão muitas voltas e o Paraguai alaga fora de suas margens vinte léguas de Miranda; o Cuiabá está em rumo ao norte.

Relação dos gêneros para se negociar em couros de guaribas, ariranhas, lontras, onças, com os índios guatós moradores no largo dos pantanais, abaixo de Paraguai. Gêneros: enxós, goivas, machados pequenos, zagaia, facas, grandes e pequenas, anzóis, surtidos, arames, carapuças, baetas encarnadas, contas brancas e verdes, pano de algodão, fumos, cachaças, corais e granadas, etc.

Advirto que se há de entrar do mês de abril até julho que se acham muitos couros. Gêneros para se negociar em animais, abaixo de Paraguai com os índios Inimas: pólvora e chumbo, armas de pedra baludas, gados, espadas, folhas de flandres, anzóis e arames, machados, facas e foices, enxadas, pano de algodão, baetas, carapuças, contas, dedais, casquinhas, fazenda seca, fumo e cachaça, zagaia pequenas; para o presídio de Miranda, negócio demorado e bom; neste prazo pode-se fazer muitos couros do campo. Assim mais anéis, fitas vermelhas, rosários, brincos, miçangas vermelhas, agulhas, tesourinhas, dedais, pentes trepa-moleque.

Março 1837 a dezembro 1838¹⁶⁶

Relação de dinheiro que recebi por ordem do Exmo. Sr. Presidente José Antônio Pimenta Bueno, para a despesa da nova abertura de picada, faltando rio Paraná a sair em Piracicaba. Recebi da mão do Sr. capitão Antônio José da Silva a quantia de 30\$000 réis em moedas de cobre de quarentinha; recebi mais do mesmo senhor 18\$800 réis para oito libras de pólvora com seu competente chumbo; recebi mais do mesmo senhor quatro foices, quatro facões e dois machados, os quais recebi dia 30 de março, e de tudo passei recibo ao dito Sr. capitão Antônio José da Silva. Comprei de chumbo e pólvora na loja do Sr. Eleutério Nunes de Arruda, ficando deste dinheiro oitava e meia para a lata, para o agasalho da pólvora, cuja lata foi comprada na loja do Sr. capitão Joaquim Alves. Despesa de aviamentos na loja do Sr. Joaquim Alves, cinco oitavas; em mantimentos cinco, digo uma, arroba de tocinho oito oitavas, dois alqueires de farinha cinco oitavas, quatro medidas de sal, três oitavas e oito sacos feitos de duas varas quatro oitavas.

¹⁶⁶ No manuscrito original, assim como nas edições de 1943 e 2007, esta seção se intitula “Feitas em fins de março até 5 de abril de 1837 em diante”. Decidimos dar novo título a esta seção, “Março 1837 a dezembro de 1838”, por parecer-nos mais fiel ao relatado por Lopes neste item de suas *Derrotas* [n.d.e].

4^a, dia 5 de abril, pelas dez horas do dia recebi quatro soldados como guias, que me entregou o Sr. cabo José da Silva Leme por ordem do Sr. presidente, que os pedi, a saber: dois para entregar no destacamento do Piquiri ao Sr. José Pedro Garcia, que também é encarregado¹⁶⁷. Seguimos embarcados em canoa de Miranda do Sr. capitão comandante João José Gomes.

Dia 6 comprei uma canoa para aliviar a dita que ia muito carregada, cuja custou dezesseis oitavas com dois remos.

Dia 7 comprei mais três remos de um índio, por meia oitava. Rodamos com a noite e tivemos uma tempestade e perdemos a canoa de Miranda.

Dia 11, entramos na barra de São Lourenço.

Dia 14, largamos dito à esquerda água vermelha e topamos muitos batalhões de peixes brigando; seguimos Piquiri à direita passando por muitas bocas de baías, de um e outro lado, ficando à esquerda a fazenda do Pindaivá.

Dia 21, subimos pelo Itiquira errados.

A 22, voltamos, cuja perca foi por causa de muitas baías. Seguimos Piquiri à direita, água menor, advirto que vem uma serra a par à esquerda e os ditos riachos entranham-se por ela.

A 26, largamos Correntes, à esquerda água maior, seguimos Piquiri água vermelha.

A 31, chegamos na fazenda do Sr. José Muniz de Carvalho, de nome Piquiri, do barranco alto, e aí achamos tão somente uma índia ladina tomando conta da casa; nos tratou com comidas, e perguntando se não havia animais na fazenda disse-me que havia da nação. Se achou dois com o ferro da nação e uma cangalha; por falta de mantimentos largamos a canoa e fomos por terra ao destacamento. Advirto que entreguei ao Sr. José Pedro [Garcia] dois soldados que lhe pertenciam, para ajudá-lo, que por falta de mantimentos deixara sua canoa atrasada.

Dia 4^a - 3, chegamos no quartel do Piquiri; apresentei a ordem do Exmo. Sr. [José Antonio Pimenta Bueno] ao cabo José Gonçalves, dando-lhe parte de tudo¹⁶⁸.

¹⁶⁷ José Pedro Garcia, sobrinho dos Garcia Leal e Delegado do Governo de Mato Grosso, assim como Joaquim Francisco Lopes, também foi encarregado de abrir uma picada entre a Vila de Araraquara e o rio Paraná [n.d.e].

¹⁶⁸ Trata-se, provavelmente, do seguinte ofício de José Antonio Pimenta Bueno datado de 22/03/1837. “O Presidente da Província tem já vocalmente declarado ao Sr. Joaquim Francisco Lopes a importante diligência do que incumbe e o quanto espera do seu zelo vê-la completamente desempenhada: julga, porém, conveniente declarar-lhe de novo o seguinte: 1. Logo que chegue à Fazenda do Delegado do Governo José Garcia Leal, apresentar-se ao mesmo, a quem comunicará a diligência de que está incumbido, e de quem requisitará os necessários Camaradas, mantimentos, e todos os demais auxílios precisos, apresentando-lhe esta Ordem. 2. Levantada que seja a Bandeira, irá passar o rio Paraná no lugar em que julgue mais conveniente, começando a picada por onde possa passar um cargueiro, até que vare na Vila de Piracicaba, que também se chama da Constituição, na Província de São Paulo. 3. Se as primeiras entradas forem perdidas, deverá refazer-se de mantimentos no lugar mais próximo, para o que o dito Delegado do Governo dará as necessárias providencias, e empreenderá de novo a picada, de sorte que se não recolha sem tê-la verificado. 4. Chegando à Vila de Piracicaba, entregará o Ofício junto no respectivo Juiz de Paz, para que o auxilie, devendo trazer a competente resposta. Na sua volta aproveitará o conhecimento do sertão para ir endireitando a picada. 5. No seu regresso deverá vir apresentar-se a este governo, a quem informará do rumo da picada, a natureza do terreno, e o mais que convier. 6. Este Governo ministrar-lhe-á a gratificação de duzentos mil réis em moeda, e cem cabeças de gado; e se sua picada for a preferida ministrar-lhe-á mais uma compensação proporcionada ao trabalho, e utilidade dela. 7. Ao Delegado do Governo José Garcia Leal se fazem nesta data as necessárias recomendações para que não haja falta de auxílio algum. Todas as despesas que se fizerem serão pagas por conta deste Governo”. Vale a pena ressaltar que este ofício abre as duas primeiras edições do presente texto. Na presente edição, optamos por mudá-lo de lugar e colocá-lo aqui, por achar que reflete melhor a cronologia das expedições que Joaquim Francisco Lopes estava realizando no sentido de abrir caminho entre São Paulo e Mato Grosso [n.d.e].

Relação das despesas que fiz à minha custa: uma lata de pólvora finlandesa, oitava e meia; em mantimento: dois couros de boi, importe de dez varas de pano de algodão grosso, que paguei ao dito cabo. Despesa com os índios, de mantimentos, dez varas de pano que paguei aos ditos, mais em galinhas, mais duas varas de pano, um couro que comprei do Sr. tenente Barbosa, meia oitava, aviamentos de vestuários para os camaradas, soldados Francisco Correia Mateus, dez varas de pano de algodão, três côvados de baeta para Francisco Alves de Lima, dezoito varas do dito pano, três côvados e quarta de baeta para suador de duas selas, vara e quarta suador de quatro cangalhas, cinco varas.

4^a - 10, saímos do Piquiri para os Garcia auxiliado com cinco animais da nação, duas selas, uma cangalha. Disto passei recibo ao cabo e seguimos viagem na 5^a, dia 11.

Dia 15, largamos a estrada à direita, em águas de Jauru, tomamos a esquerda, para atalhar e procurar melhor caminho.

Sábado, a 2, saímos nas cabeceiras do Sucuriú, na minha batida para Miranda, de dias de julho de 1836. Me alcançaram no ribeirão do Meio, na fazenda de meu mano Gabriel, o Sr. tenente Barbosa e seus companheiros que seguiram a minha batida; advirto que achei muito boa propriedade, de caminho livre de serra, morros, córregos e atoleiros.

Dia 24, cansou um cavalo castanho velho, fronteira aberta; ficou num cemitério, nas cabeceiras do Indaiá-Grande.

Dia 30, ficou cansado um cavalo escuro, velho, no terreiro do Sr. Manuel Antônio, na fazenda do Sr. João Pedro Garcia. Chegamos com felicidade em Santa Ana.

Dia 4 de junho, apresentei a ordem do Exmo. Sr. [José Antonio Pimenta Bueno] ao delegado do governo, o Sr. José Garcia Leal, junto a relação, pedindo os necessários auxílios; cinco camaradas e cinco animais, uma cangalha e um par de bruacas, seis alqueires de arroz pilado, um capado bom, uma quarta de sal, uma enxó goiva, uma enxada, sustento para os dias de estada, milho para os animais, duas dúzias de rapaduras, seis libras de sabão, uma canoa para o lugar do porto de nome São José, na barra da Água Limpa, no Paraná, na fazenda de meu pai Antônio Francisco Lopes.

Recebi no dia 4 de junho meia quarta de feijão e meia de farinha, até o dia de 3^a, 27.

A 8 recebi alqueire e meio de milho, um alqueire de farinha, quatro libras de sabão.

Domingo, a 11, recebi um capado de meia seva, uma quarta de sal.

A 18, recebi dois e meio alqueires de milho, meio de farinha e quatro varas de fumo, que compraram os soldados.

A 20 do corrente fui com ordem do Sr. Garcia, para o lugar a comprar três animais do Sr. Francisco de Paulo Messias, para conduzir mantimentos na nova abertura: se fez preço em uma mula pequena, por 120\$000 réis, um cavalo russo queimado, 40\$000 réis, uma égua russa 40\$000 réis.

A 22, cheguei com eles no Sr. Garcia que me os entregou e conduzi para o lugar onde me achava barracado.

Recebi mais no dia 23 um capado de meia seva.

A 27 recebi quatro alqueires de farinha, um alqueire de arroz pilado, meio alqueire de feijão, seis libras de sabão, meia quarta de sal, doze rapaduras; no dito dia 27 recebi dois camaradas para o trabalho da picada, um por nome Geraldo da Silva e outro Manuel Ribeiro.

Dia 28, seguimos para o Paraná. A 31, dia de sábado, chegamos em casa de meu cunhado Antônio Vieira Moço, em Santa Quitéria, na fazenda do Sr. Patrício e derrubou-se um pau para se fazer canoas para o dito porto novo.

Domingo, 1º de julho e 2ª - 2, demos princípio à obra.

Sábado, a 15 de corrente, acabamos duas canoas, quatro remos, e se pôs na água.

Domingo a 16 e 2ª - 17, embarcamos no dito ribeiro a levar as canoas ao porto, passando quarenta corredeiras.

4ª - 19, saímos na margem do Paraná.

5ª - 20, chegamos no lugar do porto e demos princípio a descortinar.

6ª - 22, ficou bem descampado de um e outro lado; muito bom porto, pouco corre até o meio, parte é parado em razão de ter uma praia de pedras que vem ao meio do rio por cima do porto. Na dita barra da Água Limpa pode se assentar moinho e monjolo no lugar do porto, dá boa altura e modo de se tirar a água com facilidade; advirto que não é muito largo o porto, ouve-se bem conversar de um lado a outro.

Domingo, a 24, acabamos o caminho e ficou bem descortinado e do porto meio quarto de légua sai-se em um varjão grande e firme, entra-se em um cerrado composto de capins; passa-se um capão de boas culturas e sai-se no campo.

Segunda, 25, voltou um camarada Manuel, buscar os animais cargueiros em casa do dito meu cunhado. Assento de mantimentos que recebi do dito: três alqueires de farinha, uma alqueire de canjica grossa, um capado de meia seva, sustentos dos dias de serviço da canoa, meia libra de fio de algodão, um couro de boi, cinquenta e seis mãos e meia de milho e uma bússola para matulagem, e conduzi dois cavalos emprestados, três cangalhas, um caldeirão que me facultou o Sr. Antônio Bernardes de Barcelos; assim mais uma cangalha, um machado do meu mano José, assim mais uma foice, quatro varas de fumo que fez-me mercê o Sr. José Machado da Silveira¹⁶⁹.

Dia 29, seguimos para o porto.

2ª - 1º de agosto, chegamos.

¹⁶⁹ N.B. que este mantimento foi grátis [n.d.a].

A 2, 3 e 4 falhamos por causas de chuvas e se fez seis tábuas de cedro a machado e se formou uma barca com suas pranchas necessárias, e portos.

Dia 5, passamos os animais e cargas em quatro barcadas e acabamos pelo meio-dia; declaro mais: aviamentos para dois camaradas; Geraldo, seis varas de pano de algodão e quatro côvados de baeta; para outro companheiro, Manuel, uma calça e uma camisa.

Sábado, a 6, o Sr. Januário Garcia pousou conosco, que vinha de Piracicaba e trouxe em sua companhia o Sr. Inácio de Vasconcelos Cunha Caldeira; e os ditos me contaram que havia moradores no ribeirão Sujo.

A 7, 8 e 9 saímos do porto e fomos atacados por uma onça que pegou um cavalo, mas escapou. Pousamos adiante légua e meia em um córrego que dá água para monjolo e boas matas de culturas, que lhe demos o nome de Mirim; advirto mais que o porto tem suas lagoas secas, bom pasto barreiros, jabuticabas, grumixás e tem boa propriedade para pasto fechado, etc.

Dia 10, 11 e 12 seguimos e pousamos em uma cabeceira à direita, fica o pouso fora da picada, tem seu campestre, papuazais e boas culturas. Marchamos duas léguas até as Antas.

Dia 13 e 14 pousamos adiante numa cabeceira à direita abandada de campestres que pusemos o nome de córrego Fundo. Tem boas culturas papuã, tabocas para esteiras e jacarés. Marchamos meia légua.

Dia 15, pousamos adiante a uma vertente bandada de campestre, de cujo dei o nome Poção; há muitas caças, mel, papuãs e boas culturas nos espigões.

No dia 16 pousamos em um córrego bandado de campestres e serrotes, de cujo dei o nome de córrego da Canga. Fizemos uma ponte e uma porteira de varas; tem muitos papuãs e boa cultura nos espigões, e marchamos uma légua.

No dia 17 e 18, pousamos em outro córrego composto de cerrados e campestre, tabocas, papuãs e boa cultura; bom barro para olaria e fábricas desta natureza e fizemos uma ponte de entulho e uma porteira de varas e pusemos o nome de Santa Cruz. Marchamos uma légua.

Dia 19 e 20 pousamos em outro córrego de lajes, encachoeirado, de um lado cerrado, campestre, sapés e outras qualidades de capim; de outro lado, bons capões de madeiras de lei; dá boa morada do dito até São José, pusemos o nome as Lajes, e marchamos uma légua.

Dia 21 e 22 passamos São José pequeno e pousamos no barranco; marchamos meia légua em campos cobertos.

A 23 e 24 pousamos em um córrego onde se fez uma ponte. Marchamos meia légua em campestre mais limpo e pus o nome de Ponte Alta.

Nos dias 25, 26, 27, 28 e 29, marchamos duas léguas e meia, passando cambauvais, vertentes de campestre, papuãs e boas culturas, e pousamos em uma vertente bandada de campestre; à direita da estrada achamos um bebedor unido a um barreiro, em um matinho da vertente, e demos o nome de Bebedor, e marchamos duas léguas e meia. Advirto que tem muitas antas, mateiros e catingueiros, muitos pombos e periquitos e matamos duas antas e cinco veados.

No dia 30 marchamos meia légua e passamos por uma cabeceira de campestre e pousamos em um córrego bandado de cerrados e campestres, e fizemos uma ponte, aguada para os animais, uma porteira de varas; dei o nome, Água Parada, advirto que falhamos para assar as carnes das caças, e seguindo a abertura do caminho para diante, que foi o dia 31.

Dia 1, 2, 3, 4, 5 e 6 de setembro continuamos a marcha passando por papuás, boas culturas, cerrados e campestres, até a vertente que pus o nome, o Potreiro, e marchamos; ficou feita uma porteira de varas.

A 7 marchamos meia légua em papuás, pousamos em uma cabeceira de boa aguada, barreiros e boas culturas. Na cabeceira há um campestre pequeno a que demos o nome de Invernada Vacuriza.

A 8, 9, 10 e 11 marchamos em matas de papuás e boas culturas, passando por duas cabeceiras de cerrados e capins. Pousamos na dita; embaixo muitos coqueiros, cerrados e campestres e se fez uma ponte e marchamos légua e meia.

No dia 12 fomos atacados por uma onça, que pegou um cão entre nós, no pouso; eu fiz fogo e a dita morreu e lhe dei o nome córrego da Onça¹⁷⁰. Se fez porteiras de varas e aguadas para os animais.

No 13 e 14 marchamos meia légua; tem muito boas culturas, pousamos entre meio de duas vertentes de campestre e papuás e dei o nome Cachimbo da Nação.

No dia 15 marchamos uma légua: bons matos papuás. Pousamos em uma cabeceira, em campestre de boas aguadas e lhe demos o nome Caracol e marchamos uma légua.

Nos dias 16, 17, 18, 19, 20 e 21, marchamos em matas de culturas, papuás, passando por cabeceiras de vertentes campestres, e pousamos em outro córrego pequeno, composto de campestres, serrotes, bons pastos e dei-lhe o nome de Boa Vista, e marchamos duas léguas e meia.

A 22, 23, 24, 25, 26 e 27, marchamos em matas de papuás, culturas, passamos uma cabeceira bandada de campestre, dobramos em um espigão de matos bons, ganhamos um carreiro de antas, pousamos em um ribeiro acompanhado de cerrados e campestres, coqueiros; pousamos com marcha feita de duas léguas e meia. O dito córrego deu boa passagem; adiante, um quarto de légua, topamos um ribeiro grande; deu boa passagem e boa propriedade para ponte, bons barrancos, estreita mais acima dá bom vau e baixo e pousamos do outro lado; muito bom pouso e lhe dei o nome Pouso Alto. Ficou bem descortinado e pescamos muitos peixes; advirto que o dito vem acompanhado de cerrados e campestres, coqueiros, antas, mateiras e barreiros, e achamos muitos macacos, jacus, jaús, macucos, muito mel. E até lá ficou a estrada bem picada e descortinada, com todas as aguadas que eu já aponte, e por nos faltar o mantimento fizemos parada, eu e dois camaradas, Francisco e Manuel, e seguimos picando de facão dois dias, saltando e passando por cabeceiras cerradas e campestres; bons matos limpos, papuás, jaborandis, gameleiras barrigudas, muito mel e alguns paus de buritis e aí ficaram os dois camaradas e eu, aqui adiante uma légua, picando de facão, trepei um serrote em um pau de ipê e avistei todas

¹⁷⁰ N. B. Advirto que as águas do córrego da Onça correm para o rio Tietê [n.d.a].

as vertentes do dito ribeirão e contra-vertentes para o rio Tietê ao sudeste; marquei e voltei e seguimos para trás, e nos ajuntamos no pouso aonde ficaram os camaradas Mateus e Geraldo. Chegamos no 1º de outubro.

No dia 2, voltamos para trás.

No dia 5 chegamos no porto pelo meio-dia; aprontou-se o barco e passamos em quatro barcadas e se guardaram as canoas na barra de Água Limpa; os mantimentos, tábuas e remos, em um jirau no porto.

No dia 6 a 7, chegamos na fazenda do Sr. Patrício, na casa do cunhado Vieira; estava meu mano José tomando conta da fazenda.

A 8 falhamos para aprontar mantimentos. Saímos sortido de tudo grátis.

Partimos no dia 9. A 10 e 11 chegamos no arraial de Santa Ana do novo sul. Participei ao delegado do governo, José Garcia Leal, a altura aonde havia deixado a picada; pedi-lhe guia para Piracicaba a fim de tomar conhecimento das alturas para me encontrar com a minha estrada.

A 12 e 13 passamos o Paranaíba.

No dia 14 chegamos na viúva do falecido Germano.

A 15 falhamos. Surtimos de doze queijos, três rapaduras, duas libras de sabão, milho para os animais, tudo isto grátis.

A 16 chegamos no Monte Alto.

A 17 falhamos para lavar roupa.

A 18 seguimos.

A 21 chegamos ao Paraíso.

A 22 na Dona Eleonora.

A 23 falhamos por causa da chuva e recebemos uma mão de milho grátis.

A 26 chegamos na fazenda do cunhado Antônio Vieira, abaixo da barra de São Francisco; falhamos para amilhar os animais surtidos de mantimentos, tudo grátis.

No dia 2 de novembro seguimos e chegamos na Vila Franca, e a 10 recolhemos para casa de meu pai Antônio Francisco Lopes, para descansar e amilhar os animais e recebemos em cobres 12\$800 réis, mais 1\$440 réis, mais duas camisas de riscado azul, um par de sapatos de sola e vira¹⁷¹ para o camarada soldado Francisco Alves de Lima. Mais uma camisa e calças. Um par de sapatos de sola e vira para o camarada soldado Francisco Correia Mateus. Recebi cinco varas de

¹⁷¹ Vira: tipo de seta muito aguda [n.d.e].

americano para mim, mais uma ceroula e uma camisa de algodão e o concerto de um pé de botas; mais quatro libras de chumbo, duas libras e meia de pólvora, cinco cadernos de papel, uma faca, um machado, mantimentos precisos para a viagem, um capado e sal e as despesas diárias e isto tudo grátis. Advirto mais que barganhei uma égua russa que se comprou para a nação, por estar chegada a parir por um cavalo lazão calçado, fronte aberta, idade de sete a oito anos.

No dia 8 de dezembro quis me largar o camarada soldado Francisco Alves de Lima, tendo feito ensaios por vezes. Muito me tem custado a acomodá-lo.

A 9 do corrente recebi um ofício da mão do Sr. prefeito José Joaquim de Santa Ana para entregar ao Exmo. Sr. presidente da cidade de São Paulo. Fica na fazenda do Morro Redondo do Pontal, em casa de meu pai, Antônio Francisco Lopes, um cavalo escuro, da nação, decaído por causa da velhice, e uma sela velha arreada, com estribos de pau.

No dia 13 de dezembro recebi da mão de meu pai Antônio Francisco Lopes 4\$000 réis em moeda corrente e no dito dia saímos para São Paulo. Veio em minha companhia meu cunhado José Martins Rodrigues, o qual veio ajudar na nova abertura da picada, a bem de apossear-se uma fazenda na beira da estrada, e quando a não faça se lhe pagará o preço de que ganharem os mais camaradas que se ajustar para a dita diligência.

A 16 estivemos de pouso na boca da mata do Cubatão.

A 17 passamos o rio Pardo com marcha de vinte e duas léguas.

A 20, chegamos na vila de Mogi Mirim, tendo marchado vinte léguas.

A 21, 22 e 23 falhamos para lavar roupa e por causa da chuva.

A 24 saímos e pousamos na boca da mata, no rio dos Couros.

A 25 passamos Jaguariacú, adiante uma légua de Atibaia, chegando em vila de Campinas e temos marchado dez léguas que se contam da Vila Franca até Campinas cinquenta e duas léguas.

No mesmo dia 25, apresentei as ordens ao Sr. capitão Lesiário que mora na Rua Direita, o qual ocupava o cargo de subprefeito e nos deu cômodo em sua chacra. Também fiz ver os meus assentos e mapas de rios e o rumo em que passa a nova estrada, aonde encontrei o Sr. [...] Manço, que também mostrara-me os seus planos e ficamos muito certos nas nossas opiniões.

A 26 falhamos.

A 27 seguimos para São Paulo, ficando três animais e dois camaradas soldados na mesma chacra e por falta de dinheiro vi-me em necessidade de deixar a minha arma de fogo empenhada por pouca valia, em alimentos, para poder seguir.

Cheguei em São Paulo a 28, não encontrando o Exmo. Sr. Presidente¹⁷². Encontrei-me na Rua do Ouvidor do lado direito com o Sr. Queiróz que me disse seria melhor ir a Santos, o que fizemos, no dia 29.

¹⁷² Bernardo José Pinto Gavião Peixoto (1791-1859) foi presidente da província de São Paulo entre 1836-1838 e entre 1847-1848 [n.d.e].

Chegamos na dita vila e fiz entrega do dito ofício das sete para as oito horas da noite, em casa do Sr. Dr. Vergueiro¹⁷³, na Rua da Praia, na esquina do mar.

A 30, voltamos para a ponte do Cubatão e pousamos.

A 31, saímos com o Sr. Presidente pela estrada nova, na subida da serra da vila de Santos, que dá melhor subida à vista da estrada velha. Chegamos à cidade de São Paulo pelas oito horas e meia da noite, ficando em caminho dois cavalos da nação, cansados.

Despesas que fizemos na estalagem do Bexiga: dia 28, aluguéis do quarto, quatro noites, 320 réis; de lavagem, 160 réis; de pasto, 80 réis; de comida, 160 réis, até dia 1º de janeiro de 1838. Fiz entrega dos documentos juntos ao Exmo. Sr. Presidente Bernardo José Pinto Gavião Peixoto. À vista dos documentos me deu 100\$000 réis para a despesa do encontro da nova picada. Vendo que não me chegava requeri à Assembleia Provincial e dela saiu o requerimento para a comissão dar o parecer, a qual deu para receber da caixa geral. A Assembleia despachou que recorresse ao presidente, e com efeito a requeri pedindo uma quantia que julgasse chegar para o dito encontro da picada, como consta dos documentos que ficaram na Secretaria do Governo¹⁷⁴, que à vista disto mandou dar-me mais 250\$000 mil réis a 5 de fevereiro, e se comprou aviamentos como consta da relação junta e mais despesas de estalagem e viagem.

A 8 de fevereiro saímos da cidade para Campinas. Chegamos a 11 e nos reunimos com os companheiros soldados que tinha deixado na chácara do Sr. capitão Lesiário, e saímos a 15 para a Vila da Constituição; entreguei as ordens de que vinha munido ao Sr. Juiz de Paz, pedindo auxílios precisos.

A 19 demos princípio à picada com trabalhadores jornaleiros, dando princípio defronte à ponte em praça larga de vista à Vila, em ventos a noroeste, ficando fronteando em linha e vento da estrada que vem da cidade de São Paulo, e continuamos o picadão por onde pode-se passar cargueiros, no teor do mandado da minha portaria.

A 24 recebi três guardas permanentes que me entregou o Sr. Juiz de Paz para ser empregado no serviço da picada, os quais foram: Ofrásio Joaquim Inocêncio e outro que ajustei particular, com ordem do Sr. Juiz de Paz, por nome José Furtado. Continuamos o caminho e saímos na estrada por cima do engenho do Sr. capitão João Francisco; seguimos a dita, passando o Mium, procurando uma boa propriedade no rio Corumbataí, na cachoeira do Meio, nos fundos dos cultivados do Sr. alferes Joaquim Leite, e ficou bem descortinado o porto, e aí saiu o camarada Inocêncio, com escusa que lhe deu o Sr. Juiz de Paz. Continuamos a picada atravessando os cultivados do dito Leite, ganhando os espigões mestres em águas de Corumbataí, de Piracicaba.

A 21 recebi um ofício do Sr. capitão da guarda permanente Joaquim Floriano Leite, por um guarda permanente João de Brito, para ser empregado no serviço da picada.

¹⁷³ Trata-se, provavelmente, de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, mais conhecido como Senador Vergueiro (1778-1859). É provável que tenha sido através da família Vergueiro que Joaquim Francisco Lopes tenha conhecido o Barão de Antonina, tendo em vista que Luiz Pereira de Campos Vergueiro, filho do Senador Vergueiro, era casado com a filha do barão de Antonina, Balbina Alexandrina da Silva Machado [n.d.e].

¹⁷⁴ Muito provavelmente, os ditos documentos são parte dos que estão conservados na pasta C-0245, 001 da “Seção de Manuscritos” da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Nessa pasta constam 23 documentos, muitos deles relacionados com o requerimento feito por Joaquim Francisco Lopes para receber gratificação por seus trabalhos na abertura da estrada entre Cuiabá e São Paulo, via a vila de Franca pelo vale do rio Tietê [n.d.e].

No 1º de abril saímos na estrada dos moradores de Araraqua-mirim, no alto da casa do Sr. Romão, e se falhou para se aprontar alguns mantimentos nos moradores.

No dia 5 do corrente ajustei dois camaradas para a picada, um por nome Bento Dias e outro Joaquim do Carmo; advirto que se fez algumas passagens e pontes pequenas, seguimos a estrada do Sr. Manuel de Almeida.

A 6 fomos examinar a melhor propriedade da subida da serra de Araraqua-mirim, em águas da morada do dito.

Dia 7, fomos revistar outra por onde sobem os mantimentos do paiol de Domingos Ferreira, e se abriu um pedaço de mato a sair no cultivado do dito; segui pela sua estrada, achando muito boa propriedade por não ter pedras: é toda firme e apedregulhada, livre de rolator, bem disfarçada, com pouca cava; pode subir carros.

Dia 8 subimos com os animais carregados. Do alto da serra avistam-se os canaviais de Piracicaba e as montanhas de Itu e Sorocaba; os terrenos são compostos de boas agriculturas; distância da serra a Piracicaba sete léguas; encontrando as estradas dos moradores do distrito de São Bento, segui para adiantar a minha derrota, a buscar os fundos da fazenda de Camboí aonde fazia sair com o meu rumo, e como se acha este terreno povoado, cortado de estradas, portanto advirto, a melhor endireitura a sair nos campos é procurando a ponta da serra da Boa Esperança, deixando Francisco dos Santos à direita, e procurar uma passagem no Jacaré Grande, aonde moram os Freitas, a sair na estrada, nos fundos de Camboí, em uma capoeira de nome São João, que regula ter do alto da serra à dita onze léguas. Seguir a estrada de Antônio Ferreira de Sousa morador em São Lourenço, passar por cima da morada em rumo ou ventos a noroeste, atalhar uma volta que tem na picada que abriu o Sr. Manuel José Hornelas, a sair em sua fazenda nos campos de Gonhandava. Advirto faltara o ribeirão dos Porcos a sair na estrada nas cabeceiras do córrego dos Fugidos; seguira a estrada em bom rumo até os altos da Barra Mansa, aonde pega os primeiros campos; advirto que este pedaço de terreno é composto e manchado e tem diferença nas madeiras: plano firme, boas pastagens, papuás, taquarizais e boas culturas; advirto que examinei a morada do dito Hornelas, ficando toda a sua estrada até Barra Mansa, limpa de foice.

Dia 6 de maio larguei a estrada do dito à esquerda; em campos, na entrada do mato, segue o meu picadão em ventos a noroeste a sair no ribeirão da Fatura; acompanhando suas margens de campos. Deu boa pastagem. Faço ter da Constituição a este lugar trinta e quatro léguas, e juntaram-se em minha companhia o Sr. Matias, Sr. Ricardo, e seus companheiros, destinados a se arrancharem na beira da estrada. Continuamos nossa diligência até o ribeirão de Antônio Cardoso; faz sua barra por cima do salto de Gonhandava; advirto que tem bonito lugar para capela em um campestre de campos de flecha com sua larga terra amarelada. Fica retirado do rio Tietê três léguas e meia. Seguimos o mesmo rumo, passando matos cerrados, córregos, campos, até o ribeirão Santa Bárbara que faz sua barra defronte do salto de Tapanema; passa a estrada fora do rio três léguas. Os terrenos são compostos de boas culturas nos espigões, muitas fruteiras, jabuticabas grandes e grumixás, um barreiro de caça e bom barro de telha. Deste dito lugar saíram dois camaradas voluntários: Bento Dias e Joaquim do Carmo, com dois meses de serviços vencidos. Segui o caminho em ventos a noroeste, passando vertentes, campos cerrados, e matos, até o ribeirão que lhe dei o nome Mato Grosso, composto de boas culturas, frutais, cerrados, campestres e muitas perdizes; do dito lugar me desertaram os guardas permanentes

Ofrásio, Joaquim, João Brito e José Furtado, que ajustei com consentimento do Sr. Juiz de Paz; a eles apresentei a ordem do que vinha munido; não atenderam e nem os meus peditórios, ficando eu e meu cunhado e dois soldados, continuando a nossa diligência, tendo para este fim recebido por vezes socorro de mantimentos, entregues pelos escravos do dito Hornelas, em ausência de seus senhores; advirto que se desertaram a 28 de agosto; tendo-nos acabado os sortimentos voltamos à Fartura.

Dia 4 de setembro chegamos.

A 13 chegou o Sr. Manuel José Hornelas com sua mudança embarcado pelo rio conduzindo carro em canoas e as criações por terra.

A 20 saímos surtidos de mantimentos; foram em nossa companhia o Sr. João Rodrigues Lima e um camarada, José Joaquim, destinado a fazer posses e ajudaram-me na picada e paguei os ditos em serviço de suas posses. Havendo falta de mantimentos e atacados por uma onça que nos avançou na picada, voltaram, ficando eu e os da minha companhia, seguindo a nossa diligência. A dita fera nos perseguiu muito, a ponto de tirar um cão entre nós. A gritos e tiros e atijoadas de fogo, tomamos; ainda nos incomodou alguns dias, a ponto de queimada com fogo; aí então se retirou. Tendo-nos faltado os mantimentos voltamos.

Dia 31 chegamos no Hornelas, o qual nos convidou para ajudar a adiantar os seus serviços, que ia com seus escravos ajudar a encontrar a picada. Assim o fizemos, que foi de mês de setembro até meado de outubro. Dei um cavalo baio da nação por um boi de carro para sortimento e saímos prontos de todo o preciso, para a picada.

A 18 saímos com sete animais de cargas e quatro de sela; as pessoas que nos acompanharam foram: o Sr. Hornelas, dois camaradas, Antônio Cardoso e Manuel Roiz e dois escravos.

A 25 continuamos a picada, passando por muitos campestres cerrados e matos; se pôs fogo que arrasou tudo, plantamos milho nas queimadas, pela beira da estrada, em muitos lugares, além de algumas roças dos posseiros.

A 18 de novembro encontramos a picada no ribeirão dos Dourados, o qual admite canoa; acompanhando suas margens e vertentes de campos, boas aguadas, cerrados, boas culturas nos espigões, onde se acharam alguns barreiros de caça, na margem; veados, antas e cervos. No dito ribeirão denuncio terrenos de campos cerrados e matos, boa pastagem onde se pode formar uma fazenda para a nação, a bem do estabelecimento da estrada e mesmo suprimento da negociação e comércio do Rio [de Janeiro] para esta província e de Cuiabá. Advirto que ao encontrar a picada com a do Paraná, fez volta, para o que vai imediato o Sr. Manuel José Hornelas, endireitá-la, pois assim tratamos; advirto que tenho dado algumas partes dos terrenos e propriedades da estrada ao Sr. Juiz de Paz.

A 19 voltamos.

A 28 chegamos com marcha de vinte e quatro léguas.

Dia 3 de dezembro saiu o soldado Francisco Alves de Lima com as partes para Piracicaba.

A 11 chegou a canoa do Sr. Hornelas, que descia de Piracicaba, a qual eu esperava por ela; advirto mais que os terrenos são divididos em três partes: campos, cerrados e mato. Boa pastagem, plana, firme, todo o terreno. Advirto mais que se acham quarenta fogões estabelecendo-se na beira da estrada, com casas levantadas e roças. Estes todos são do distrito de São Bento.

Dia 12, fiz entrega do tráfico e ferramentas, cangalhas, barracas, panelas e algumas miudezas, ao Sr. Manuel José Hornelas, em atenção e remuneração de socorros e mantimentos e sortimentos que dele recebi.

Dia 16, saímos para Piracicaba e chegamos a 25 à presença do Sr. Juiz de Paz.

Distância em léguas da vila da Constituição até os campos de Gonhandava, no ribeirão da Fartura – 34.

Da Fartura aos Dourados – 24.

Dos Dourados ao Paraná – 20.

Advirto mais que há oito pontes a se fazer, da Vila da Constituição até o rio Paraná: a primeira, Corumbataí, que admite três a cinco lances; a segunda, Jacaré Grande, regula o mesmo; terceira, os Porcos, dois lances; quarta, Barra Mansa, dois lances; a quinta, Fartura, dois lances; a sexta, Ferreira, dois lances; a sétima, Santa Bárbara, dois lances; a oitava, Dourados, três lances.

Ano 1839 a 1841¹⁷⁵

Auxílios que recebi do Sr. Juiz de Paz da Vila da Constituição. Aqui seguem-se vestuários de maior necessidade para dois soldados que me acompanham, sustento e alugueis de casas para tempo de dois meses, 10 mil réis que recebi do mesmo Juiz para despesas para São Paulo, importou toda a soma em 70 mil réis.

A 5 de janeiro de 1839 saí da Constituição para São Paulo, cheguei a 10. Fiz entrega do ofício que levei do Juiz desta Vila, das portarias, mapas, derrotas e carta que me deu o Dr. Navarros de conhecimento, que junto entreguei ao Exmo. Presidente Venâncio José Lisboa¹⁷⁶.

Dia 11 fui ao Palácio na companhia do Dr. Navarros, prestei minhas contas correntes, onde mandou-me dar mais 166\$880 réis que fiquei devendo a três camaradas, Bento Dias, Joaquim do Carmo e José Martins Rodrigues, camaradas que justei particularmente para a diligência. Tendo eu oferecido ao Exmo. Presidente para endireitar duas voltas que havia na picada e mesmo retocar alguns pontos da mesma, mandou-me dar 360 mil réis; deu-me uma Portaria para entregar ao Juiz Municipal da Vila de Constituição, mandando-me dar três camaradas e também mandou-me acompanhar o piloto José de Campos Negreiros, para medir e examinar todo o terreno.

Dia 3 de abril de 1839 saímos da Vila da Constituição para o Rio Paraná e nesta ocasião mandei o soldado Francisco Alvares de Lima com ofícios para Cuiabá para entregar ao Ilustre

¹⁷⁵ A partir deste ponto, inicia-se a transcrição da parte ainda inédita das presentes *Derrotas* [n.d.e].

¹⁷⁶ Presidente da província de São Paulo de 1838 a 1839 [n.d.e].

Presidente da Província de Mato Grosso. Finalmente segui eu com o meu camarada, soldado, o piloto, três camaradas, três animais de sela e quatro cargueiros.

Dia 4 dei princípio a retocar a picada nos cultivados do Alferes Joaquim Leite até o alto da Serra de Araraquara aonde teve princípio o próximo atalho, e fui sair nos fundos da Fazenda de Camboí, e seguindo a denominada estrada do Hornelas retocando até os campos de Gonhandava no ribeirão da Fatura, fazenda do Sr. Hornelas, e seguindo pelo mesmo caminho do Paraná retocando e abrindo até o dito rio Paraná, que chegamos com a medição, cuja distância são oitenta e uma léguas e sessenta braças da Vila da Constituição até o Porto do Paraná, que se findou no dia 20 de outubro do mesmo ano.

Advirto que há dois atalhos a fazer-se: o primeiro de São Lourenço aos Fugidos; e o segundo de Lambari aos Dourados. Cada um destes tem vantagem de três a quatro léguas e livra alguns passos maus. Neste trabalho houve alguns inconvenientes de moléstias, a falta de alguns animais que morreram. Na nossa volta do Paraná adoeceu o filho do piloto; no Sr. Hornelas encontramos algumas monções paradas por causa das pestes nunca vistas neste rio Tietê. E como se achava o negociante capitão Antônio José Couto de Cuiabá e três oficiais pagos que iam para a dita província, resolvidos a seguir por terra pela estrada nova, assentei de eu mesmo ir guiá-los a bem do serviço. Disto participei ao Exmo. Presidente de São Paulo.

Em princípio de novembro segui o piloto para Constituição, deixando em minha companhia seu filho doente e foi em sua companhia o soldado Francisco Correia Mateus para ajudá-lo e nesta marcha desertou o dito soldado com um cavalo selado pertencente à Nação aos 14 de novembro de 1839.

Em fins de dezembro chegaram os condutores de animais para o dito Couto e também para conduzir o filho do piloto que regressou a princípio de janeiro de 1840.

A 15 do mesmo mês saí eu, o Sr. Couto, o Sr. Tenente e o Sr. Cadete e dois escravos do dito Capitão Couto para o Paraná com dez animais. Chegamos no fim de janeiro [de 1841], e não encontramos a canoa que estava no porto por ter sido furtada por uns Índios Caiapó que fugiram do salto de Gonhandava da monção de José Caetano Metelor.

Fiz um coxo de pau de jaracatiá, deixando os companheiros sem ter o que comer. Passei o Paraná arriscando a minha vida para procurar socorro nos moradores; assim como aconteceu achar socorro no Sr. Capitão José Garcia Leal. Em dez dias completos cheguei embarcado Paranaíba abaixo, fazendo sinal com salvas, e não me responderam. Embicando no porto topei as cargas empaioladas e voltaram para trás a salvarem suas vidas, fazendo que assim me acontecerá algum desastre, voltando aos moradores conduzi animais aonde passei as suas cargas e conduzi para Santa Fé, fazenda de meu pai, Antônio Francisco Lopes; e para isso foi-me preciso além de um camarada que eu já havia justado, levar um escravo carapina de meu pai, o qual estava tomando conta da nova situação. Estes adoeceram da peste, o camarada sarou e o escravo morreu, e foi sepultado aos 26 de fevereiro de 1840.

Aos 27 de abril recebi carta do Sr. Capitão Couto, dois camaradas e animais para conduzir suas cargas para o Garcia, onde se achava.

A 25 entreguei e me contaram as desgraças em que estiveram na volta do Paraná por falta de mantimentos, valeram-se de um cavalo que mataram e moquearam, e comeram até sem

regra, que por esta coisa morreu seu escravo areeiro, João Pereira, ficando sem sepultura. Foi tal a desgraça e fraqueza que se juntavam três companheiros para por uma cangalha no animal do primeiro upa não ia arriba. Largaram todos os trens, salvaram-se com as malas nas garupas. Resta dizer que muito valeu a eles as frutas de jaracatiás que serviu de maior alimento e remédio, que sararam da peste que sofriam, etc. E achando-se a monção do dito Couto no barranco do Paraná, como já disse, se tivesse a constância de me esperar mais um dia no seu regresso para Araraquara, não sofria duzentas léguas de volta a procurar o Garcia, estando já em distância de dezesseis a vinte léguas a morada do dito Garcia. E achando-se a monção do dito Couto na barra do Sucuriú com falta de mantimentos, estavam se munindo nas fazendas dos Srs. Souza, e, como se contratou o Sr. Couto com seu guia de seguirem para Camapuã, empenhou-se o dito Couto para eu levar cartas a Camapuã, para Bento de Arruda Pinto, para dar socorros a sua monção de mantimentos, e camaradas no rio Pardo.

Sáimos com o capitão Couto pela estrada nova de Cuiabá a 9 de maio de 1840, e apartamos adiante da boa vista em um morro de nome Torre, e segui eu para Camapuã varando sertão de campos ao sul. Cheguei a 25 do dito mês, entreguei as cartas, cobrei recibos, e saí de volta aos 27.

Cheguei no Garcia a 8 de junho.

A 11 cheguei em Santa Fé, e neste mesmo dia tinha chegado o Sr. Cândido com alguns escravos do meu pai, vindo de Franca. Como eu me achava desprevenido sem animais e nem recursos, tenho comprado animais a minha custa e estou engordando para poder tomar a estrada de São Paulo para prestar minhas contas. Saí de Santa Ana do Novo Sul a 28 de junho de 1840 e cheguei a 9 de agosto na Vila da Constituição com despesa de 23 mil réis.

Advirto que comprei uma canoa de jequitibá que pega cento e cinquenta cargas e cinco remos do Sr. Capitão José Garcia Leal, posta no novo porto do Paraná por 104 mil réis, deixando assim aquele porto prevenido para que não aconteça o que aconteceu a mim e ao capitão Antônio José Couto, que sofreu no seu regresso, o que acima fica dito, até que sejam dadas as providências devidas.

Hoje recebi um ofício da Ilustre Câmara desta Vila que acompanha os meus documentos constantes da nova estrada do Paraná. Constituição, 15 de setembro de 1840.

A dia 16 saí para São Paulo passando por Itu.

A 21 cheguei em São Paulo.

A 22, 23, 24, 25 e 26 falhei.

A 27 fiz entrega dos documentos ao Exmo. Sr. Presidente.

Dia 6 de outubro o Ilustre Sr. Presidente tratou comigo para esperar dez ou vinte dias, que esperava um engenheiro vindo da corte do Rio de Janeiro para tratarmos, para continuar os serviços da estrada desta província à de Mato Grosso.

Dia 19 recebi por ordem do nosso Governo 500\$620 réis dados pela caixa geral como se vê dos documentos e despesas que existe na secretaria do governo. No mesmo dito dia 19 dei

princípio a entregar aquelas contas aos seus legítimos donos conforme me recomendaram e se vê em algum recibo que [ilegível] os quais [ilegível].

Advirto que dei 20 mil réis a Sra. Dona Gertrudes Maria de São José de [ilegível] que fique devendo de trinta dias que fui tratado em sua estadia hoje de nome Bexiga.

Advirto mais quatro alqueires de milho que comprei na venda do Sr. Joaquim Ferreira à razão de 1\$220 réis por alqueire, uma medida de sal a 80 réis.

A 26, 27, 28 e 29 falhei.

Dia 30, 31, domingo 1º de novembro, 2ª a 2, selei meus documentos e paguei de selos de papel 880 réis; o Sr. Presidente informou meus feitos, foram remetidos todos os documentos ao nosso Monarca, pedindo gratificação a tão útil trabalho.

Dia 6 do corrente recebi 200 mil réis que mandou me dar o Sr. Presidente para ajuda de custos.

Dia 8 paguei a Sra. Gertrudes 50 mil réis de estadia em sua hotelaria do Bexiga.

3ª a 6 saí de São Paulo para Piracicaba com ordem verbal do Exmo. Sr. Presidente, a 5ª com despesa de 12 mil réis.

Pelo 1º corrente dei parte ao “Sr.” da minha chegada, esperando conseguir as suas ordens.

A 14 de fevereiro de 1841 saí da Constituição, cheguei em São Paulo a 20, neste mesmo dia apresentei-me a Sua Exa., na hotelaria do Bexiga a esperar de receber as suas ordens. Hoje, 4 de março de 1841.

Neste mesmo mês fui feito próprio do Exmo. Sr. Presidente levar um ofício para entregar ao Sr. Capitão Manoel Joaquim Pinto de Arruda, voltei à cidade trazendo resposta de que fiz entrega ao Exmo. Sr. Presidente. Voltei à Constituição, estive à espera até que chegasse da corte o capitão de engenheiros Luís José Monteiro¹⁷⁷, o acompanhei até o rio Paraná, trabalhando em todo serviço da estrada. Declaro que tive contas de alguns senhores de São Paulo para formar no [ilegível] fazendas na margem da estrada, o que teve princípio fazer contrato com a secretaria para alugar as bestas como consta do contrato e mais documentos a tal respeito, tendo cultivado desde 1831 até 1841, neste tempo foi em festa da nova estrada de desertores e criminosos que deram tais motivos que me obrigou denunciar ao Exmo. Presidente de que fui encarregado pelas portarias das ditas diligências [ilegível] em meu poder como se vê no relatório que tenho escrito que juntei todos os mais que estiver em minha posse em todo [ilegível].

28 de abril de 1844¹⁷⁸.

¹⁷⁷ Luís José Monteiro era engenheiro e também ficou encarregado de abrir uma estrada da Vila de Constituição (atual Araraquara) até a margem do rio Paraná. Como se verá pouco mais adiante, Joaquim Francisco Lopes transcreveu parte do relatório de Luís José Monteiro [n.d.e].

¹⁷⁸ Trata-se, provavelmente, do ano de 1841 e não de 1844 [n.d.e].

Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo.

Em virtude da portaria de 22 de maio do corrente, tenho a honra de apresentar a V. Exa. o relatório da Exploração na picada aberta pelo prático Joaquim Francisco Lopes desde a vila de Piracicaba até a barranca do rio Paraná, escrito com a imprecisão correspondente a sua instrução, a curteza do tempo que tive por causa das águas, e sobretudo a mesquinhez dos meus conhecimentos. Isto é, para o arremate no fim de tudo.

Relatório

A picada aberta por Joaquim Francisco Lopes principia na Vila de Piracicaba, penetrando pelo sertão distante oito léguas com pouca diferença do rio Tietê, e contando a suas matas, se aproxima do mesmo rio uma légua no lugar do salto de Gonhandava, e daí torna a desviar-se sempre em aumento até chegar ao barranco do rio Paraná, com oitenta e uma léguas. Ela tem as seguintes vantagens.

1. Oferece a feitura de uma estrada para carro, pois que os seus terrenos são quase em todo pouco montanhoso, havendo uma dificuldade a vencer-se que é uma pequena serra que se acha distante da Vila de Piracicaba sete léguas [ilegível] que com pequenos zigzagues, serra vencida, e ordenamento da estrada, a ser avaliada em 50 mil réis.
2. A qualidade dos terrenos férteis para boas fazendas de lavoura, com bons campos de criar.
3. As pontes que necessitam fazer são as seguintes.

Pontes de madeira

Em vinte córregos, os quais são barrancosos, fundos e de terrenos lodosos, e por isso avalio o seu custo em 8 mil réis.

Em dezoito ribeirões, que também não admitem passagem franca, e mesmo para ficar o trânsito livre em qualquer estação, os quais avalio em 2\$800 réis.

No rio Jacaré-Grande, que tem vinte braços de largo avalio em 800 mil réis. As madeiras para estas pontes poucas são as que não se acham nas margens deles.

Aterros

Necessita fazer-se nove aterros em diferentes pontos da estrada que ao todo são dois mil novecentos e oitenta palmos, que deve custar a quantia de 1\$792 réis.

4. As melhores proporções que me pareceu servir para fundação para agora povoações são aonde deve formar duas capelas; uma no lugar entre o ribeirão Cardoso e a vertente da estiva que faz barra no mesmo ribeirão, o qual deve fazer frente ao salto de Gonhandava, distante duas léguas e meia, cuja situação oferece a vista bons e vistosos campestres, assim como boas matas cuja capela ficará distante das vila de Araraquara e Piracicaba vinte e nove léguas; a segunda deve ser fundada entre o ribeirão de São José e o córrego das Lages, com as proporções quase as da primeira, ficando distante dela vinte e sete léguas, e do rio Paraná três léguas, as quais, me parece, devem ser feitas as expensas dos habitantes quando os houverem, [ilegível] pelo generoso patriotismo dos governantes desta província.

5. A possibilidade que acha oferecer melhores pontos das capelas e socorros para a navegação do rio Tietê são cinco: o primeiro ponto no rio Vila de Piracicaba; o segundo no Tietê, no campo de Gonhandava; o terceiro abaixo do salto de Gonhandava em frente ao lugar destinado para a primeira capela; o quarto no salto entre Itapura e Urupungá; que neste lugar se deve fazer um ramo de dezoito a vinte léguas a encontrar com a estrada geral; o quinto finalmente no rio Paraná, divisa desta província e a de Cuiabá.

6. As proporções para estabelecimentos próprios para a perfeição do comércio, como pastagens tanto para animais empregados no transporte ou conduzidos para consumo; me parecem fazer-se desde a ponte do Corumbataí até o rio Paraná; vinte e quatro rampas com os competentes pastos nos lugares que achei mais apropriados, e distantes um dos outros três a quatro léguas; achando-se no orçamento todos as suas dimensões, e avalio em 6000\$000 réis.

7. Os acidentes e propriedades do terreno em relação a salubridade sou informado que as pessoas moradoras perto do rio Jacaré-Grande, assim como os navegantes do rio Tietê e Paraná sofrem as sezões nos tempos das enchentes e vazantes, havendo [ilegível] de maior ou menor influência delas.

8. Os meios mais convenientes de conciliar os interesses das vilas de Constituição e Araraquara, gozando ambas das vantagens desta vereda, caso seja esta a preferível, foi abrir uma picada rumo leste que já se achava ameaçada, chamada São Lourenço no passado, pela fazenda de Camboí até a Vila de Araraquara, com sete léguas de distância; desta vereda cuja encruzilhada quer seguindo pela vila de Araraquara, quer em direção da Vila de Constituição.

9. Os atalhos e desvios que se devem fazer nesta vereda, se tiver a preferência de outra, achase mencionada no mapa.

10. Se esta vereda for preferível a de Araraquara, deverá fazer no rio Paraná distante duas léguas da confluência do rio Grande e Paranaíba um porto, o qual deve ter duas grandes barcas de passagem, as avalio em 800\$ réis.

11. A [ilegível] dos pontos para estabelecimento de barreiras achei que se deve estabelecer cerca no porto do rio Paraná uma barreira para receber a contribuição dos passageiros, tanto pessoas, animais ou volumes, assim como outra perto do salto de Gonhandava para todos ficarem sujeitos à contribuição que apresentarei o cálculo, e a tabela, de que cada objeto deve pagar pelo espaço de tempo conveniente.

12. Não passa por agora informar ao Exmo. Governo qual das duas veredas é a mais propícia atrair para esta província o comércio da de Mato Grosso, pois ainda me falta explorar a vereda que parte da Vila de Araraquara aos rios Grandes e Paranaíba, que não foi examinada em consequência dos [ilegível] e das chuvas que principiaram no presente ano naqueles lugares em 30 de setembro, porém sou induzido a me persuadir que, sendo a vereda de Araraquara melhor, que a da Constituição apresenta inconveniente de ter passagem dos rios Grandes e Paranaíba, quase cada um dele igual à largura do rio Paraná pelo o que algumas pessoas daqueles lugares me informaram, como ter esta vereda de passar por três províncias, São Paulo, Minas Gerais e Cuiabá. Tendo que qualquer delas apresentar barreiras nestes portos; também me ocorre que as povoações que se faz darem nas duas margens

do rio Paraná serão maiores do que as três ou quatro que tenham de se formarem nos rios Grandes e Paranaíba; não oferecendo os socorros que aquela deve oferecer aos navegantes que vêm de Cuiabá e se dirijam pelo rio Tietê; porém, deparei esta questão para quando tiver examinado a vereda da vila de Araraquara.

13. A despesa provável que se fará na fatura da estrada desde a Vila de Constituição ao rio Paraná e o ramo que deve comunicar-se com a Vila de Araraquara, no orçamento vai contado os detalhes, o qual importa em 90.000\$000 réis.

Conclusão

1. Esta vereda está capaz de ser trilhada, pois que na exploração [ilegível], abrindo com a largura de quinze palmos, em quase todos os córregos e ribeirões se fizeram pequenas pontes que poderão durar cinco a seis anos, por onde transitarão com facilidade trinta e dois cargueiros que conduzirão os víveres e mais objetos para a exploração no rio Jacaré Grande e nos ribeirões da Barra Mansa, dos Dourados e Inferno Grande, e Mato Grosso não fiz pontes precisam de outra construção por dois a três moradores.

2. Eis aqui a respeito da vereda da Vila da Constituição ao rio Paraná o que me pareceu expor a V. Exa., e quando tiver examinado a vereda da Vila de Araraquara aos rios Grande e Paranaíba poderei então com justo conhecimento informar a V. Exa. qual das duas veredas se deve preferir; deixando por agora de apresentar a V. Exa. minuciosamente todos esclarecimentos, detalhes, orçamento e planta, para V. Exa. ter já uma notícia do porte da comissão de que me acho encarregado o que com a maior brevidade apresentarei todos estes trabalhos.

Relatório dos trabalhos que se têm feito desde o dia 23 de julho até o dia 21 de agosto do corrente ano na vereda que parte desde a Vila da Constituição até o sítio do Ferreira, no lugar chamado São Lourenço, o qual apresentei ao Ilmo. e Exmo. Presidente da província de São Paulo. O desenho que apresentarei a V. Exa. no volta deste exame mostrava o reconhecimento dos terrenos, ou das veredas que partem das vilas de Piracicaba e Araraquara até os rios que dividem esta província com a de Cuiabá; só irei relatando conforme a minhas fracas ideias o que me pareceu de justiça.

No dia 23 de julho do corrente ano, dei princípio ao exame da vereda desde a Vila de Piracicaba, entrando com um prático, vinte e um trabalhadores de foice e machado, um arreador e quatro tropeiros levando vinte e três animais de carga com os víveres necessários para esta longa viagem. Cheguei à serra de Araraquara-mirim com sete léguas e meia, por terrenos bons e férteis, sendo esta vereda até este lugar quase paralela ao rio Tietê na distância de oito léguas sem poucas diferenças. Na serra, se a estrada passar por esta vereda, se poderá fazer melhores zigzagues para a estrada de carro, pois tem bastante proporção para isso com pouco dispêndio por ser ela pequena.

Seguindo até o rio Jacaré, largo e de bastante capoeiras, observei os seus terrenos que oferecem tanto de uma como de outra margem bons estabelecimentos; fazendo neste lugar vinte e quatro léguas. Entre a serra e este rio existem muitos ribeirões e córregos de belas águas, assim como bons campos de criar, alguns deles tendo mais de légua.

Este rio precisa de uma ponte de madeiras baratas, as quais existem ao pé do rio de boa qualidade. Seguindo a vereda na qual se tem feito alguns desvios-atalhos cheguei a uma picada chamada de São Lourenço, que vai sair na vila de Araraquara, cuja picada me parece servir de uma dos ramos de comunicação com as duas vilas. Caso seja preferida a vereda aberta por Joaquim Francisco Lopes.

Se chegou nesta encruzilhada com vinte e sete léguas e mil seiscientos e setenta braças. Continuamos na mesma vereda, cheguei ao ribeirão chamado de São Lourenço, no sítio de um Ferreira e aí se fez trinta léguas. Este ribeirão também precisa de ponte assim como alguns outros, o que todos eles irão mencionados na exposição que acompanhar o mapa.

Pouso no ribeirão de São Lourenço, distrito da vila de Araraquara, 22 de agosto de 1841.

Luís José Monteiro
Capitão Engenheiro encarregado do exame das veredas até o Paraná

Ilmo. e Exmo. Sr.

Em cumprimento da Portaria de V. Exa., com data de 22 de maio do corrente ano, que me ordena o exame nas veredas que partem uma da Vila de Piracicaba até o Paraná e outra da Vila de Araraquara que passa pelo Paraná e Paranaíba; servindo todos estes rios de divisa desta província e a de Mato Grosso; tendo principiado o exame e por aquela que parte da Vila de Piracicaba em consequência de se achar nessa vila o prático sertanista Joaquim Francisco Lopes que abriu esta vereda até o Paraná, e por me informar Januário Garcia Leal, tio de José Pedro Garcia Leal, que abriu a vereda desde o Paraná até a Vila de Araraquara, já falecera; porém que além do rio Paranaíba, distrito da freguesia de Santa Ana em Cuiabá, existe uma pessoa que tem conhecimento dessa vereda; eu o procurarei com toda a diligência para poder voltar por ela o que a honra de remeter a V. Exa., incluso relatório dos trabalhos alcançados até dia 20 do corrente mês.

Algumas lembranças sobre a preferência que deve ter uma ou outra das duas estradas projetadas para a Província de Mato Grosso.

A picada de cima A: principia em Araraquara e depois deverá o campo penetrar na mata e segue pelo cume do terreno divisor das águas que correm a direita para o rio Pardo e a esquerda para o Tietê. Esta oferece as seguintes vantagens.

1. Apresenta um leito enxuto, sem que todavia faltem aguadas para a estrada de carro, não opondo morros nem dificuldades maiores para sua conclusão.
2. Consta que a maior parte dos terrenos laterais são bons para cultura.
3. Não demanda se não pequenas e insignificantes pontes.

A picada de baixo B: principia em Piracicaba e penetra pelo sertão abeirando e cortando a mata do Tietê e segue pouco mais ou menos paralela e mais vizinha do Tietê até chegar ao Paraná. Ela tem a seguintes vantagens.

1. Segunda consta, e cumpre reconhecer, oferece também terreno suficiente com mais alguns desvios e mais algum trabalho para a estrada de carro.
2. Dizem, e creio que com verdade, que os terrenos laterais dela ostentam a mesma fertilidade dos de Piracicaba.
3. Demandará mais campestres o que muito convém para pastos das tropas, do que a estrada de cima.
4. Seguindo paralela e em alguns lugares vizinha do rio Tietê, ela estabelece pontos de socorro para a navegação deste rio.
5. Pelo mesmo princípio supra fornecer estabelecimentos que junto dela se fizeram o recurso da pesca que é importante no Tietê chegando ao Paraná para atravessar este rio quando ele traz já reunidas as águas do rio Grande e Paranaíba que os Goianos chamam de Curumbá. Isto oferece a vantagem de uma só passagem, administração de barcas quando a estrada de cima, A, vai tocar o rio Grande quando ele ainda está separado do Curumbá por um espaço de onze léguas, terreno de Minas Gerais, vai depois atravessar este último rio e oferece assim não só maior extensão, mas o inconveniente de duas passagens, administrações, etc.

A preferir-se a estrada de baixo, B, as povoações que se fundarem nas duas margens do Paraná serão maiores do que as quatro que se formarem nas margens dos dois rios que a estrada de cima atravessa; o que será em vantagem de S. Paulo e Mato Grosso que assim excluirão a concorrência de Minas Gerais na posse dessas povoações pois que seu território se limita no pontal da confluência do rio Grande com o Paranaíba. Eu dou alguma importância a estrada povoações não só porque serão ponto de apoio para o comércio de terra entre S. Paulo e Cuiabá, mais porque serão também para o comércio que já se começa agitar pelo Paraná acima para os arraiais de Minas Gerais, das Dores, Campo Belo, etc. Assim como para as freguesias de Santa Ana, Miranda, etc., de Mato Grosso por via dos rios.

Conclusão

Se reduzida a quesitos estas lembranças terá o engenheiro conhecido apensamento administrativo do Governo, e verificados os fatos poder-se-á dar acertada preferência a que for mais vantajosa. Pelas noções que atualmente tenho e a não haver sido enganado, julgo a estrada de baixo, B, preferível, e não abriria mão dela se não no caso de ser grandemente mais dispendiosa que a outra, a que o engenheiro deverá informar do porto do Paraná, porque aí o rio já é muito largo, mas tenho um dado para crer que a escolha foi boa e é saber que o capitão José Garcia Leal, que mora além do Paraná, distrito de Mato Grosso, veio já estabelecer aí na margem direita dele uma fazenda, e que se trata de mandar para aí mesmo a freguesia de Santa Ana que hoje já há de ter mais de seiscentos fregueses. Bom seria que V. Exa., oficiasse ao dito capitão para emitir sua opinião e que ordenasse ao engenheiro que se entendesse com ele bem circunstanciadamente. Ele é homem de tino e muito interessado no acerto, porque tem bons estabelecimentos quer sobre uma quer sobre outra estrada.

Toda atividade sobre a conclusão da estrada que se preferir é pouca para os interesses de São Paulo porque, além de chamar a si todo o comércio de Mato Grosso, obterá ela em pouco tempo bastante gado daquela província.

Para acabar a questão entre Piracicaba e Araraquara que ambas querem a estrada por seu município, penso que preferindo-se quer uma quer outra picada deverá de terminar-se que vindo a estrada do Paraná ou Rio Grande para o interior de nossa província, tire-se do ponto que for mais conveniente dois ramos, uma para cada uma dessas e o ciúme dos dois municípios.

**Informações que pude obter do alferes
Antônio Pereira Borges, Comandante da
Companhia exploradora formada em
Campos Gerais de Curitiba, na demanda dos
campos denominados Paiquerê, Freguesia da
Ponta Grossa, 30 de outubro de 1842**

por João da Silva Machado

Breve apresentação da fonte

Esse texto também não está diretamente relacionado com o projeto de abertura da estrada entre São Paulo e Mato Grosso. No entanto, da mesma forma que o texto anterior, ele nos remete ao processo prévio que possibilitou a gestação do novo projeto que o Barão levaria a cabo a partir de 1844-1845 para construir a nova estrada entre São Paulo e Mato Grosso, além de nos informar sobre o fato do futuro Barão já prever um lugar específico para os grupos de língua guarani no seio desse projeto.

A primeira e única edição deste texto foi publicada em 1843, no tomo 5 da RIHGB. Essa revista teve um papel importante na divulgação e na propaganda dos projetos do Barão de Antonina, tanto entre políticos como entre eruditos da época. De fato, boa parte dos textos que estamos reeditando agora foram publicados pela primeira vez na RIHGB, que acabou funcionando como uma espécie de plataforma para o Barão legitimar seus diferentes projetos públicos e privados. Além do mais, é muito provável que o Barão tenha se tornado sócio do IHGB após enviar as informações relativas a essa exploração aos membros do Instituto. Nas atas da sessão do dia 5 de junho de 1845, encontramos a informação de que o Barão havia enviado uma carta “participando a recepção de seu diploma”, provavelmente o diploma de sócio do IHGB¹⁷⁹.

Originalmente, este texto é uma longa carta enviada por João da Silva Machado, à época ainda Comandante Geral das Forças do Sul da Província de São Paulo (ele só receberia o título de Barão de Antonina no ano seguinte), aos membros do IHGB, em 30 de outubro de 1842. Ela foi publicada na seção da revista intitulada “Extrato das atas das sessões do Instituto”, referente à “99ª sessão, em 9 de fevereiro de 1843, sob a presidência do Illm. Sr. Cônego J. da C. Barbosa”. Esta seção da revista é muito interessante, pois ela transcreve as discussões que ocorriam nos encontros mensais do IHGB. Assim, trata-se de material importante para acompanhar a história institucional, editorial, etc., da revista e da associação científica.

De fato, ao analisar as atas de outras sessões do IHGB, encontramos uma série de outras cartas relacionadas a essa, que nos ajudam a melhor contextualizá-la. A primeira carta desta série foi publicada nas atas da sessão de 21 de abril de 1842¹⁸⁰. Ela menciona notícias da existência de uma “sociedade patriótica” da comarca de Curitiba que estaria tentando explorar os “campos denominados de Paiqueré, a antiga Guaíra dos Jesuítas, ao oeste da freguesia de Guaruapuava”. A carta menciona também que nesta região viviam “selvagens mansos, com restos de civilização”. Tendo em vista obter mais informações a respeito das descobertas desta companhia exploradora, os membros do IHGB decidem solicitar mais informações ao Sr. Barão de Monte Alegre, à época presidente da província de São Paulo¹⁸¹ e sócio do instituto.

De fato, nas atas da sessão realizada em 6 de outubro de 1842 é possível encontrar novas informações a respeito do caminhar das explorações aos campos de Paiqueré. José Clemente Pereira, em 3 de outubro de 1842, encaminhou ao IHGB uma cópia de um ofício de João da Silva Machado, datado de 27 de agosto do mesmo ano. A seguir, a transcrevemos na íntegra, pois complementa o texto que se reedita aqui. Silva Machado retrança, ao presidente da província de São Paulo, a história do empreendimento até então.

¹⁷⁹ Barão de Antonina. Carta de 05/06/1845. *Revista do Instituto Histórico e Brasileiro*, t. 7, p. 268, 1845.

¹⁸⁰ *Revista do Instituto Histórico e Brasileiro*, t. 4, p. 214-215, 1842.

¹⁸¹ Nesta época, o Paraná ainda fazia parte da província de São Paulo.

Illmo. e Exmo. Sr.,

Há dois anos, pouco mais ou menos, que se estabeleceu nesta Comarca, a Serra acima, uma Companhia Social para explorar os campos, a que dão nome de Paiqueré, onde em tempos remotos (talvez há duzentos e dez anos) houve a cidade de Guaíra, com 26 grandes aldeamentos de indígenas da família dos Guarany, domesticados pelos extintos jesuítas: em consequência, tem-se feito várias entradas por Guarapuava, procurando a rumo do Norte os mencionados Campos. A demora que tiveram as primeiras partidas exploradoras em conhecê-los fez com que se formasse outra Companhia social, organizada pelo Alferes Antonio Pereira Borges, que em pessoa, há mais de um ano, tem feito investidas, entrando pelos Campos de Amparo no distrito da Freguesia de Ponta Grossa, em demanda dos mencionados Campos, a rumo de Oeste, Nor-noroeste, etc. etc.; e, segundo as informações que ora acabo de receber, constantes da cópia inclusa, mostram que o dito Borges, depois de se entranhar pelo sertão, navegou por um rio, que me parece ser o Ivaí, e finalmente no dia 26 do mês passado se encontrou com a escolta exploradora de Guarapuava, e que de comum acordo continuavam a fazer uma exploração mais exata e profícua, visto que as escoltas reunidas contam cem homens de armas, pouco mais ou menos. É, a meu ver, de uma vantagem extraordinária a descoberta de campos tão extensos, avaliados com alguma possibilidade em 70 léguas de comprimento, e talvez de 20 a 40 de largura, por entre os quais corre o dito Ivaí, que oferece uma suficiente navegação, apesar de quatro grandes cachoeiras que tem. A empresa de uma tão vantajosa descoberta tem custado bastantes contos de réis aos moradores desta Comarca de Curitiba, que se engajaram nas Companhias sociais, e que em consequência são os primeiros descobridores, e serão os primeiros povoadores, mediante os auxílios que devem esperar do Governo, para os garantir das incursões de milhares de indígenas selvagens, que naturalmente hão de querer disputar sua ocupação; mas, como tais indígenas não são de uma ferocidade extrema, deve-se esperar que em pouco tempo se domesticuem, aumentando o número dos súditos Brasileiros. Em pouco tempo também terão os empreendedores curitibanos de ver os vestígios dessa antiga cidade de Guaíra, às margens do grande Paraná, e admirar essa memorável catarata das Sete Quedas, e finalmente ver d'além do rio os aprazíveis termos da Província do Paraguai. Talvez tenham a descobrir ricas minas de metais preciosos, visto que na informação supracitada consta que Borges reconheceu muitas lavras no rio Ivaí. Outras notícias, que a pouco tempo me deram, transmitidas por exploradores da primeira Companhia, é que naqueles Campos viram ao longe duas pequenas manadas de gado vacum, o que me faz acreditar ser certo, porque, apreendendo eles um pequeno Bugrete, que trouxeram para Guarapuava, desprezava sustentar-se com os alimentos do nosso uso, à exceção do leite, que bebia com uma sofreguidão extraordinária, apontando para o lado de sua habitação, e dando sinais de que ali havia com abundância aquela bebida: se com efeito se verificar haver porção de gado nos campos da nova descoberta, é um sinal inquestionável de que a criação vacum e cavalari se mantém ali sem dispêndio de sal, e em tal caso torna-se de um valor quadruplicado, em relação ao valor que tem os campos desta Comarca.

Estas são, Exmo. Sr., os dados que tenho podido colher das descobertas novamente feitas pelos empreendedores Curitibanos, e fica a meu cuidado ir transmitindo a V. Exe., outras, que porventura eu for obtendo no curto espaço que aqui terei a demorar-me, visto estar em comunicação aberta com os Diretores das Companhias sociais desde sua criação, e igualmente com os Comandantes que à testa das escoltas cruzam aqueles imensos sertões.

Deus Guarde a V. Exe. Quartel do Comando Geral das Forças do Sul da Província de S. Paulo na Vila de Castro, 27 de Agosto de 1842.

Ao Illmo. e Exmo. Sr. Barão de Monte Alegre, Presidente desta Província.

João da Silva Machado, Comandante Geral das Forças do Sul desta Província¹⁸².

Já nas atas da sessão de 4 de dezembro de 1842 encontram-se duas outras cartas, solicitando a João da Silva Machado que envie o roteiro com as informações sobre a expedição do Alferes Antonio Pereira Borges, comandante da Companhia exploradora e ora republicada.

Além do envio do roteiro, João da Silva Machado encaminha um anexo muito interessante intitulado “Noções do território de Guaíra, hoje por corruptela chamado Paiqueré, tiradas das

¹⁸² *Revista do Instituto Histórico e Brasileiro*, t. 4, p. 520-522, 1842.

histórias moderna e antiga do Paraguai, Rio da Prata, e outras”. É muito provável que parte desta memória sobre a história da província de Guaíra tenha sido elaborada por João da Silva Machado a partir de pesquisas que ele encomendou que um amigo fizesse nos arquivos de Buenos Aires. De fato, em outra carta redigida por ele e enviada, no dia 14 de novembro de 1846, ao secretário do IHGB, ele faz menção a essas pesquisas¹⁸³. Outra menção às mesmas pesquisas é feita em 1856, quando o Barão já era senador da província do Paraná, província criada em 1853 após emancipar-se da de São Paulo¹⁸⁴.

Antes de passar à leitura do texto, gostaríamos de fazer um último comentário. Mencionar que, ao parecer, muitas explorações eram o resultado de sociedades privadas (Silva Machado fala em “companhias sociais”) que se formavam no intuito de colonizar e povoar o interior. Essas companhias eram, portanto, empreendimentos privados. Na pequena novela indianista de Elliott, *Aricó e Caocochee ou uma voz do deserto*, também reeditada aqui, veremos que ele descreve um processo similar, no entanto que se deu mais ao sul, relativo a prováveis “Companhias Sociais” que buscaram povoar os Campos de Palmas.

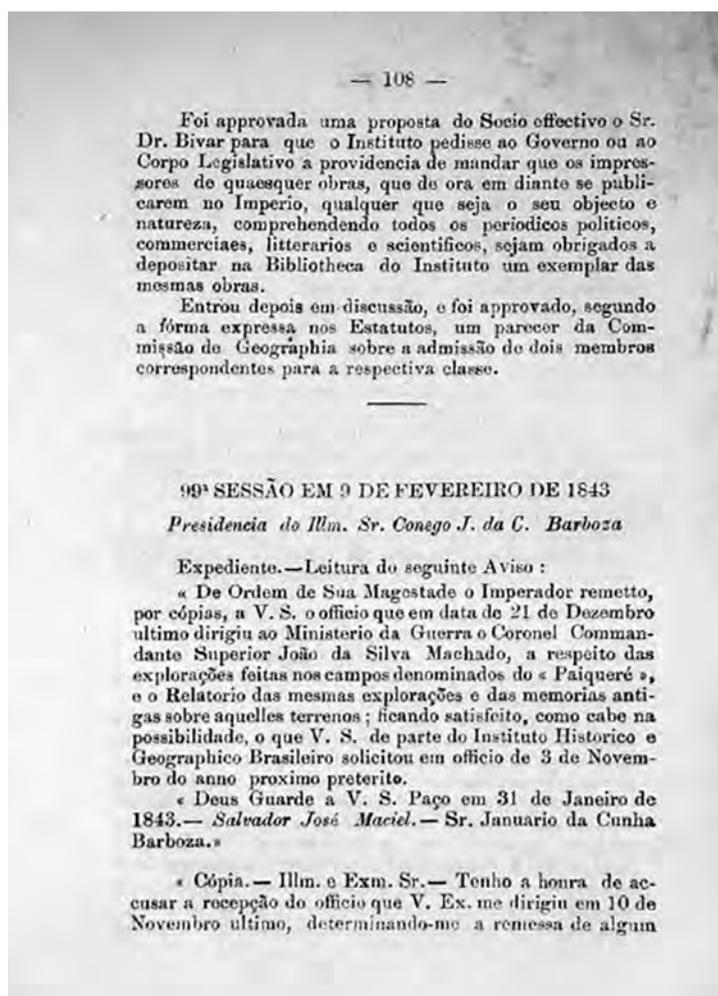


Imagem 5. Página inicial da primeira edição desta carta
Fonte: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*
de 1843, tomo 5, p. 108.

¹⁸³ *Revista do Instituto Histórico e Brasileiro*, t. IX, p. 130-133, 1847.

¹⁸⁴ *Anais do Senado do Império do Brasil*, v. 3, p. 233, 1978 [1856].

A Companhia fez a sua entrada nos campos do Amparo, no distrito da mencionada freguesia¹⁸⁵, a 15 de maio deste ano e dali rumo de Oeste com cinco léguas de marcha saíram em uma campina, que terá de duas a três léguas, cujo campo é coberto como o dos sertões da Bahia¹⁸⁶, mas oferece uma abundante pastagem, onde os animais engordam com muita presteza. Da campina caminharam a rumos N.E.E., por terreno áspero, por irem no costado de uma serra, que me parece ser o espinhaço da serra da Esperança, que se atravessa no sertão de Guarapuava, cuja serra atravessaram finalmente, e foram ao rio Ivaí no lugar a que deram o nome de Cachoeira Grande distante da campina onze léguas medidas; este rio é o mais abundante de peixe que se pode imaginar; grandes dourados, surubis, cabeçudos, jaús e outros muitos.

Aí fez Borges oito canoas para acomodar a escolta de sessenta homens, e no dia 10 de junho começou a descer pelo mencionado rio Ivaí, encontrando muitas cachoeiras, mas todas passáveis. Na margem direita do Ivaí deságuam: primeiro o rio Tinto; segundo o Alonzo (que é rio grande); terceiro o Bom que é de mediano tamanho e muito manso; e na margem esquerda só deságuam pequenos ribeirões até a confluência do rio Curumbati¹⁸⁷ ou Tuá, e nesta navegação gastaram quatorze dias de viagem, sem contar os de falha.

Em toda a mencionada extensão encontraram vestígios das escavações de muitas lavras, tanto na margem do rio como nas caldeiras, de onde se havia tirado cascalho rijo à semelhança do que se via nas barranceiras a que os mineiros chamam gopiára¹⁸⁸. Na margem do rio, encontram laranjais imensos de laranjas chamadas da terra, de que usavam plantar os Jesuítas nos sertões que exploravam. A mesma margem é surtida de grandes barreiros, onde a caça é em abundância, como sejam antas, porcos, queixadas, catetos, onças, capivaras, veados e outros quadrúpedes; e bem assim pássaros de diversas qualidades, entre os quais, grandes bandos de jacutingas, a quem o Comandante vedou a matança, para não acabar o municionamento de pólvora e chumbo.

Além dos grandes laranjais, que suas frutas alimentam a caça que ali se encontra, ela é surtida de um capim mais viçoso que o chamado de Angola, conhecido em Cuiabá por capim da praia, que os animais cavaleares e muares devoram com sofreguidão, e os torna em pouco tempo mui nutridos: encontraram também muitos bananais carregados de grandes e saborosas bananas de São Tomé e da Terra, na vizinhança da confluência do rio Curumbati, e por ele acima na distância de meia légua, que foi somente o que o que subiram, aguardando-se para explorar suficientemente na volta, visto que o desejo do explorador era ir ao rio Paraná, o que conseguiram, como adiante se verá.

Temos a nossa escolta exploradora na junção do rio Curumbati ou Tuá com o Ivaí, de onde continuaram a descer, e no fim de quatro dias de viagem encontraram-se com outra escolta, também exploradora, que entrou pelos campos de Guarapuava, comandada por Rochinha, na demanda, como esta outra, dos mesmos campos do Paiquerê, e deram a este lugar o nome de Porto do Bom Encontro, onde se demoraram para fazer mais sete canoas, e então com quinze descer as duas escoltas reunidas pelo rio Ivaí, por presumirem que os campos tocavam a sua margem.

¹⁸⁵ Trata-se da freguesia de Ponta Grossa [n.d.e].

¹⁸⁶ Esta indicação aos “sertões da Bahia” sugere que João da Silva Machado, futuro Barão de Antonina, já havia percorrido a província da Bahia. De fato, um dos seus biógrafos, menciona este dado [n.d.e].

¹⁸⁷ Atual rio Corumbataí [n.d.e].

¹⁸⁸ Gopiára: terra em que se pode lavar minas de diamantes [n.d.e].

Com pouca navegação, abaixo do Porto do Bom Encontro, principiaram a ver vestígios de imensidade de gentio, que habitam naqueles sertões; eles observavam os nossos navegantes, mas quando estes saltavam em terra, corriam em grandes porções, fazendo um rumor, que parecia ser muitas centenas, sem que tratassem de acometer, e nem de emboscar-se para fazer mal aos nossos exploradores; estes também foram cavalheiros, porque os não perseguiram, e nem destruíram alojamentos, que sucessivamente encontraram pela margem do rio Ivaí em dez dias de viagem até sair no rio Paraná, e depois por ele acima mais dois dias, de onde voltaram porque acharam muito correntoso, e já começavam a sentir-se incomodados das sezões, que logo se lhes declarou no regresso ao Porto do Bom Encontro, onde chegaram com muito custo, porque quase toda a gente foi acometida dessa moléstia endêmica nas margens do grande Paraná, desse rio pitoresco por causa de tantas ilhas de que é surtido, dos areais que o bordam, e de uma largura que calcularam ser de duas léguas.

Nos alojamentos que foram descobrindo logo para baixo do Porto do Bom Encontro, até onde navegaram no rio Paraná, acharam sete canoas grandes e muito limpas, brunidas¹⁸⁹ por fora e por dentro, somente com o defeito de não serem bem lançadas de proa e popa. Acharam muitas roças de mato virgem derrubadas à foice e machado, sem deixarem árvores em pé, como costumam os nossos agricultores; em um desses alojamentos da costa do Paraná achou Borges um batoque de alambre de um palmo de cumprimento, do qual fez mimo ao abaixo-assinado, e igualmente de alguns novelos de fio de tucum, ortiga, e também de cabelo de gente; acharam teares onde o gentio tece o pano de algodão, cuja planta eles cultivam, bem como fazem outras qualidade de tissumes. Acharam uma tenaz de ferreiro, e muitos anzóis grandes e pequenos, o que não deixa em dúvida que eles sabem fundir o ferro, o que com ele se surtem da ferramenta que lhes é indispensável para fazer roças, canoas, etc.; e como essa mina foi descoberta pelos Jesuítas no pequeno rio Piquiri, que deságua no Paraná dez milhas acima das Sete Quedas, em cuja margem fundaram a Cidade Real de Guaíra entre os anos de 1557 e 1577, é muito provável que desde então adquiriram o conhecimento de fundir e trabalhar o ferro, o que foram transmitindo a seus descendentes.

Além dos grandes bananais e laranjais acima mencionados, acharam limões galegos, cidras, ananasais plantados em linha, mandioca, aipim, amendoim, feijão miúdo e do ordinário, milho de diversas qualidades, melancias, abóboras, morangas, porongos, fumo: muitos utensílios de barro, inclusive seus grandes cachimbos; até o fabrico da erva-mate de que usam, talvez desde que foram domesticados pelos Jesuítas em setenta e quatro anos contados em 1557 e 1631, quando abandonaram a Cidade Real de Guaíra e mais treze reduções, que haviam formado até oito léguas acima da confluência do rio Paranapanema com o Tibagi, por causa da perseguição que sofreram dos Paulistas; e por isso que em dezembro do dito ano de 1631 desceram com doze mil índios em setecentas canoas, e foram estabelecer-se entre o Paraná e Uruguai, onde formaram o grande povo da Candelária, S. Carlos, o de Cristo, e outros muitos nas vizinhanças do Itapuá.

O clima desde a Cachoeira Grande até o Porto do Bom Encontro é o melhor possível e as terras muito produtivas onde a geada não penetra, pois que em junho achavam as imensas jabuticabeiras carregadas de frutas maduras, sazoadas, verdes, e até com flor, achando ao mesmo tempo milho plantado há pouco, um verde, outro seco, o que mostra que eles plantam em diversos meses do ano.

¹⁸⁹ Brunida: polidas [n.d.e].

Como as explorações continuam animadas por alguns empreendedores, que tem formado outra Companhia Social para conhecer bem o país, é provável que se encontrem esses campos de Paiquerê (a que eu chamarei campos situados na Província do Cacique Tayaoba¹⁹⁰), e terá a comarca de Curitiba de povoar esse bellissimo e extenso sertão, que calculo ter o melhor de oitenta léguas, e talvez essas minas em que me parece fizeram os Jesuítas trabalhar esses cem mil indígenas que domesticaram nos setenta e quatro anos que residiram na margem esquerda do grande Paraná: talvez seja um sonho da imaginação: pode ser.

A vista do que levo exposto, parece-me que em poucos anos se pode domesticar essa imensidade de gentios, que habita entre os rios Tibagi, Paranapanema, Paraná, Iguaçu e Campos Gerais de Curitiba, que talvez parece exageração minha calcular de oitenta a cem mil, visto a extensão do território em que habitam, e a abundância de frutas, caça e peixe que lhes seguram o necessário alimento, além das plantações que fazem, como acima fica descrito; e ainda mais me convenço, porque na Memória supra consta que os Jesuítas se retiraram com doze mil Índios das Reduções de Loreto e Santo Ignácio, que como mais centrais tinham escapado à perseguição dos Paulistas, e em tal caso deveria ficar muita gente afugentada pelos contornos das outras Reduções que depois se reuniram, porque não consta que depois de 1631 tornassem os Paulistas a fazer incursões na caça do gentio daquele sertão, visto terem sido testemunhas da fugida deles nas setecentas canoas de que trata a Memória supra.

Do porto do Bom Encontro, onde abandonaram as dezessete canoas, à campina do abaracamento (de duas léguas de comprimento e uma de largo), tem um sertão de mato de oito léguas. Passando a dita campina tem outro sertão, por onde passa o rio Piquiri, e sai-se noutra campina mais pequena, denominada Índio Victorino¹⁹¹, e dali atravessa-se outro sertão de doze léguas de mato em terreno montanhoso até sair no Campo das Laranjeiras pertencente a Guaruva. Por este sertão atravessam dois rios: o primeiro a que chamam Paiquerê, e o segundo o Rio do Cobre, por terem descoberto neste uma mina de cobre, o qual fica a quatro léguas distante do mencionado Campo das Laranjeiras, e deste campo à freguesia de Belém de Guaruva tem dezoito léguas.

Em pouco espaço de tempo hei de apresentar uma porção de pedras onde está engrazado esse metal para se conhecer se merece ser aproveitado, pois já encomendei algumas arrobas para fazer-se a experiência.

Fazenda de Perituva 21 de dezembro de 1842.

João da Silva Machado

¹⁹⁰ Segundo Antonio Ruiz de Montoya, principal missionário jesuíta que atuou nas reduções de Guaíra, Tayaoba era o nome de “*um principal cacique governador de muitas pessoas da qual tomou toda aquela província o nome*” (MONTTOYA, Antonio Ruiz de. *La Conquista Espiritual del Paraguay hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus en las Provincias de Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*. Assunção: El Lector, 1996 [1639]. p. 136) [n.d.e].

¹⁹¹ Provavelmente tal denominação faz referência ao cacique Victorino Condá, conhecido na literatura histórica como o capitão dos Kaingang que aceitou a situação de aldeamento na região dos Campos de Guaruva. Ver a breve novela indianista *Aricó e Caocobee ou uma voz no deserto* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

Noções do território de Guaíra, hoje por corruptela chamado Paiquerê, tiradas das histórias moderna e antiga do Paraguai, Rio da Prata e outras¹⁹²

Em 1557 – Foi fundada a Cidade Real de Guaíra sobre a barra do Rio Piquiri no Paraná.

Em 1577 – Foi fundada a Vila Rica de Espírito Santo no rio Ivaí, perto da embocadura do rio Curumbati trinta léguas antes da sua descarga no Paraná; e mais acima no mesmo Ivaí fica o país do Cacique Tayaoba, não longe do qual está uma vasta planície de campo povoado por Índios Coroados ou Cabeludos.

Em 1610 – Foi fundada a Redução de N. S. de Loreto na barra do Pirapé ou Pirapó no Paranapanema.

Em 1610 – Foi criada a Redução de São Inácio no país de Ytambaracá, logo acima da confluência do Tibagi no rio Paranapanema, a uma légua e meia de distância da de Loreto.

Em 1622 – Foi fundada a Redução da Encarnação do Oriente de São Francisco Xavier, em terras ásperas e montanhosas, limitando ambas com o Brasil.

Em 1625 – Entre os rios Ivaí e Tibagi, confinando com as províncias de Ibyterimbetá e Guaíra formou-se a Redução de São José, e mais outra que se segue, às quais se reuniram Índios Camperos.

Em 1626 – Foi criada a Redução de São Paulo no rio Yneary, terreno das Províncias de Tayaty e Tayaoba.

Em 1626 – Foi criada a Redução de Santo Antônio em Ybiticurú.

Em 1627 – Foi criada a Redução de Santo Antônio em Ybiticoy.

Em 1627 – Foi começada a Redução de São Pedro nos Pinhais, entre a de São Paulo e dos Arcanjos, país dos Guayanás, sobre um alto de serros contíguos, que depois tomou o nome de São Tomás.

Em 1627 – Foi criada a Redução de Conceição no país dos Guayanás, por outro nome Gualaches e Guanás, que confinam com Tayaoba e alguns apareceram nas minas de ferro descobertas pelos Espanhóis na costa do pequeno rio Piquiri.

¹⁹² Provavelmente, parte desta memória sobre a história da província de Guaíra foi elaborada por João da Silva Machado a partir de pesquisas que ele mandou fazer em arquivos de Buenos Aires. A respeito desta pesquisa, ver *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, tomo IX, p. 130-133, 1847 [2ª edição de 1869]; *Anais do Senado do Império do Brasil*, v. 3, p. 233, 1978 [1856]. Restaria saber, ainda, quais livros foram consultados e usados pelo futuro Barão de Antonina para elaborar tal cronologia. Provavelmente, entre eles, estavam os seguintes trabalhos que são citados ao longo dos diversos textos publicados *infra* (MONTROYA, Antonio Ruiz de, *op. cit.*, 1996 [1639]; CASAL, Manoel Ayres de. *Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817; ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e. *Diário da viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas capitâneas do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyabá e São Paulo nos anos de 1780 e 1790*. São Paulo: Typografia de Costa Silveira, 1841; Academia Real das Ciências. *Coleção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses ou lbes são vizinhas*. Lisboa: Typ. da Academia Real das Sciencias, 1841. v. 7; CENTENERA, Martin del Barco. *Argentina o la conquista del Río de la Plata*. Poema histórico. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836 [1602] [n.d.e].

Em 1628 – Foi criada a Redução de Jesus e Maria sobre escabrosas serras do cantão do Cacique Guyraverá, homem muito soberbo e de muita consideração, a quem os Espanhóis apelidaram o exterminador, porém que afinal batizou-se, e persistiu na fé cristã.

Todas estas Reduções foram destruídas, roubadas e queimadas pelos Paulistas (que os Castelhanos chamavam de Mamelucos), que as atacaram alternadamente entre os anos de 1628 e 1631, começando pelas mais próximas, Santo Antonio, São Miguel, São Francisco Xavier, Jesus e Maria e outras, porque eles passavam perto de São Francisco Xavier e começavam suas correrias, tanto que neste tempo só Rio de Janeiro e para o Norte venderam sessenta mil Índios tirados de Guaíra, pois que, constando-se mais de cem mil cristãos espalhados pelas diferentes Reduções em dezembro de 1631, tiveram os Jesuítas de retirar-se somente com doze mil Índios das Reduções de Loreto e Santo Ignácio, que como mais centrais tinham escapado à perseguição dos Paulistas, mas que ao segundo dia de sua marcha pelo rio abaixo em setecentas canoas já ali chegaram os mesmos, e como nada achassem, queimaram as povoações e igrejas muito bem edificadas; formando-se com esta gente emigrada as Reduções da Candelária e outras na costa do Paraná perto do Itapuá, e desde este tempo ficou aquele país de Guaíra despovoado e desconhecido tendo sido povoado pelos Jesuítas e Espanhóis setenta e quatro anos.

Outra memória – De oito à dez léguas acima da embocadura do Paranapanema com o Tibagi se lhe junta pela margem esquerda o pequeno rio Pirapó, junto de cuja foz existia por alguns anos a Redução de N. S. de Loreto, uma das treze que formavam as chamadas Províncias de Tayaoba e Tayaty. No ângulo setentrional do Piquiri, quando deságua no Paraná, dez milhas acima das Sete Quedas, sítio aprazível e vantajoso, esteve a Cidade Real de Guaíra, demolida pelos Paulistas em 1631. O destacamento do forte de Iguatemi pretendeu reedificá-la em 1773, empresa que foi abandonada depois de três meses, porque toda a gente que se lhe mandava parecia em poucos dias de febres pestilentas, que reinam ali em janeiro, fevereiro e março. O rio Ivaí, originariamente Ubahy, é caudaloso, navegável até perto de sua origem, e tão piscoso que também se lhe deu o nome de rio dos Peixes. Corre entre o Poente e o N. E., atravessando um terreno extenso e povoado de Índios selvagens, e entra no Paraná por uma embocadura de sessenta braças. Oito dias de viagem acima de sua embocadura estão as ruínas de Vila Rica com o nome de Bananal, desmantelada pelos Paulistas na mesma ocasião em que demoliram Guaíra, que se comunicava com ele por um caminho, do qual não haverá mais indícios. Goethe, citando Martin del Barco¹⁹³, diz que os Castelhanos possuíam uma cidade (não nomeia) perto de quarenta léguas acima de Guaíra na margem do Paraná; mas não há notícias de seus vestígios: talvez houvesse engano a respeito do lugar e fosse Vila Rica a cidade que ele indicara.

Fazenda de Perituva, 21 de dezembro de 1842

João da Silva Machado

¹⁹³ Martin del Barco Centenera (1535-1605) foi um clérigo espanhol que participou da colonização do Rio da Prata. Autor do poema épico *Argentina o la conquista del Río de la Plata*. Poema histórico, publicado originalmente em 1602 [n.d.e.].

**Participação oficial, que em data de
2 de setembro de 1843 dirigiu
João da Silva Machado (hoje barão de
Antonina) ao governo da província,
acerca dos alojamentos de indígenas
no município de Itapeva**

por João da Silva Machado

Breve apresentação da fonte

Esta carta, redigida por João da Silva Machado, no dia 2 de setembro de 1843, e endereçada à presidência da província de São Paulo, foi publicada pela primeira e única vez por José Joaquim Machado de Oliveira, então Diretor Geral dos Índios da província de São Paulo, como anexo de seu texto “Notícia raciocinada sobre as aldeias de índios da Província de S. Paulo, desde o seu começo até a atualidade”, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*¹⁹⁴.

Sem podermos determinar exatamente quando o Barão de Antonina começou a se interessar pelos grupos de língua guarani da região, é muito provável que a visita de nove indígenas a uma de suas fazendas, Perituva, em 1842, tenha desempenhado um papel decisivo para que ele definisse melhor o papel dos indígenas no âmbito do seu projeto mais amplo.

Na carta que segue, portanto, ele descreve que esses nove guaranis que o visitaram faziam parte de um grupo maior de cerca de duzentos indivíduos que viviam na margem esquerda do rio Taquari, não muito longe da sede da sua fazenda. Eles teriam então apresentado uma petição para que o Barão a encaminhasse às autoridades competentes, e o Barão os teria feito “entender que o governo tomaria medidas para ajudá-los”.

Nesta carta, o barão coloca esses indígenas entre a “civilização” e a “barbárie”. No entanto, é preciso observar que, apesar de seu “caráter dócil e pacífico”, eles teriam expressado grande insatisfação e o desejo de deixar a área. Em primeiro lugar, por causa da “escassez quase absoluta de caça” naquela região, que tornava “sua subsistência difícil”; em segundo lugar, por causa da invasão de “seus acampamentos pelos habitantes vizinhos”.

O barão argumenta em sua carta que os colonos não poderiam ter se estabelecido lá sem a ajuda desse grupo de nativos que, desde seu estabelecimento na década de 1830, serviu como “a vanguarda” contra o ataque da “formidável e temível tribo dos Goyanazes” que, com sua “ferocidade e contínuos atos de barbárie contra os habitantes e viajantes, impediu não apenas o assentamento do interior, mas também a ocupação da área rural ao redor”. Lembremos rapidamente que o termo “goyanazes” não se referia a uma “tribo” específica. Assim como as categorias “coroados”, “bugres”, etc., era mais um termo genérico utilizado principalmente na província de São Paulo para classificar os indígenas considerados “selvagens” ou “hostis”.

A interpretação do barão sobre a importância do assentamento e, principalmente, sobre a permanência desses poucos Guarani na região é fundamental. Para ele, os moradores de Itapeva da Faxina seriam muito afetados se os indígenas decidissem se mudar. De fato, é graças ao papel que teriam desempenhado no assentamento, colonização e pacificação de uma antiga rota que passava pela área que Antonina defende a “utilidade transcendente de usar todos os meios possíveis” para mantê-los em seu lugar.

¹⁹⁴ Este texto representa o primeiro grande trabalho de José Joaquim Machado de Oliveira como Diretor Geral dos Índios da província de São Paulo. De caráter histórico e administrativo, procura fazer um balanço das várias políticas indigenistas da província desde a época colonial e propor novas medidas durante sua gestão. Embora impregnado do pessimismo e da ideologia evolucionista da época, o trabalho é bastante rigoroso, tendo o autor realizado uma grande pesquisa em arquivos locais. Machado de Oliveira critica a ação evangelizadora dos jesuítas, mas depois dá total apoio ao projeto do Barão de Antonina, que pretendia ser uma espécie de releitura do trabalho missionário. Essa “contradição” mostra que, embora no discurso as elites intelectuais e políticas quisessem marcar sua diferença em relação à era colonial, na prática muitas das “novas” medidas aprovadas eram inspiradas nas do antigo regime (OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. Notícia raciocinada sobre as aldeias de índios da Província de S. Paulo, desde o seu começo até a atualidade. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 8, p. 204-253, 1846).

Os meios propostos pelo Barão eram de vários tipos. Em primeiro lugar, a moralidade. Acima de tudo, era essencial ser guiado pelas:

inspirações filantrópicas e humanistas que nos movem a melhorar a sorte desses miseráveis que, uma vez transformados em homens civilizados, nos recompensarão pelos sacrifícios que fizemos para tirá-los do estado de barbárie em que nasceram¹⁹⁵.

Além desse discurso sobre o papel civilizador das elites políticas, o Barão também tinha em mente ideias mais pragmáticas. Para ele, transformar os povos indígenas significava ancorar entre eles “as necessidades do homem civilizado, fornecendo-lhes gratuitamente [...] todos os meios necessários”. Em primeiro lugar, “deveria ser escolhido um local adequado no interior, com boas terras aráveis e fiscais, para fundar uma espécie de aldeia” com fundos públicos. Nesse espaço, portanto, seria importante fornecer ferramentas e roupas, estabelecer grandes campos e ensinar os nativos a criar porcos e aves. Afinal, a missão dos aldeamentos indígenas era transformar os nativos em trabalhadores por meio da introdução de novas tecnologias (máquinas, escrita, tempo, ferramentas etc.).

Depois de apresentar os meios de agrupar os nativos, o Barão enumerou sua “utilidade para a sociedade”. Além dos serviços já mencionados “de defesa contra tribos ferozes”, os nativos agrupados também poderiam suprir “a grande falta de braços que sofremos em todas as áreas de serviço nacional e privado”.

Antonina conclui sua carta com duas observações finais. Primeiro, que ele estava ciente da subutilização do “considerável” orçamento disponível para a Província de São Paulo para catequese e civilização e que, portanto, “seria extremamente útil [...] se ele fosse usado em benefício dessa tribo”. Em segundo lugar, que ele se coloca à disposição do governo para “colaborar” com seus “modestos recursos” nesse “empreendimento muito filantrópico”. Essa conclusão é interessante porque indica pelo menos duas coisas: por um lado, o profundo entendimento do Barão sobre o funcionamento dos negócios públicos; por outro lado, seu conhecimento concreto (e não de gabinete) da situação indígena, o que lhe permitiu antecipar qualquer ação pública e tomar medidas particulares sem correr muitos riscos. De fato, o aldeamento a que se refere essa carta, que seria fundado com o nome de São João Batista do Rio Verde, só foi realmente financiado pelo Estado alguns anos após a carta ter sido escrita. Nesse meio tempo, o Barão seria responsável por sua construção e implementação, ao ponto de ser chamado pelos indígenas de *Pai-Guaçu*¹⁹⁶.

¹⁹⁵ *Infra*.

¹⁹⁶ No idioma guarani, *Pai* é um “termo de respeito”, dirigido a idosos, xamãs e “pessoas sérias”; com o tempo, o termo foi aplicado a padres cristãos, especialmente jesuítas. Quanto a *Guaçu*, a palavra significa simplesmente “grande”. Nesse sentido, o nome *Pai-Guaçu* indica a importância e o respeito que os indígenas concediam ao Barão de Antonina.

Responde a 30 de Maio de 1813.

Alm. e Com. Alm.

C-218
P-3
O-3
O 1013



0.3

Apresento, entem, voluntariamente, em esta Fazenda Nova In-
dianas e tambem os seus pertencentes a uma Tribu que se
acha alojada na margem esquerda do Rio Taquari, mui-
to longe da Villa da Lavina, e e trata que com elle
fim em quanto aqui estiverao, a communicar indagaçoes
que fta de sua estao, succitarao-me a conclusão de com-
municar a V. Ex. algumas reflexoes que me occorrerão se-
bre a grande utilidade de completar a civilizacao desta
gente que tao util pode ser ao paiz. Esta Tribu com-
poe-se actualmente de diversas pessoas pouco mais ou me-
nos, e achando-se alojada a bastantes annos no mencio-
nado lugar, tem conseguido pelo commercio dos morado-
res vizinhos ao sertão, um tal qual polimento que
os coloca em um terreno medio entre a civilizacao, e
a barbaria. Seu caracter social e pacifico os
tem feito amados de todos os moradores vizinhos, que
sem os poucos presentes que suas circumstancias lhes per-
mitta dar sem captivados a affecao de tao boa gente
de sorte que heji nao e raro verem-se os Indios
d'esta Tribu serem a Villa trocar por ferramentas e
vestuario alguma cera e mel, que com bastante custo
aportam no sertão. Deas circumstancias por em
tem com cuidado para que elles estejam desgozados do
lugar em que se achao, e preferendo mudar-se para mais
longe

Imagem 6. Folha inicial do original da carta publicada na RIHGB.
Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.
Ofícios Diversos da Capital, Lata 1013 (1839-1850).

Ilmo. e Exmo.

Apareceram ontem, voluntariamente, nesta fazenda, nove indígenas de ambos os sexos, pertencentes a uma tribo, que se acha alojada na margem esquerda do rio Taquari, não muito longe da vila de Faxina¹⁹⁷; e o trato que com eles tive, enquanto aqui estiveram, a minuciosa indagação que fiz do seu estado, suscitaram-me a resolução de comunicar a V. Exa. algumas reflexões que me ocorreram sobre a grande utilidade de completar a civilização desta gente, que tão útil pode ser ao país.

Esta tribo compõe-se atualmente de duzentos indivíduos, pouco mais ou menos, e achando-se alojada há bastantes anos no mencionado lugar tem conseguido, pelo comércio com os moradores vizinhos ao sertão, um tal polimento, que os coloca em um termo médio entre a civilização e a barbárie. Seu caráter dócil e pacífico os têm feito amados de todos os moradores vizinhos, que, com os poucos presentes que suas circunstâncias lhes permitem dar, têm cativado a afeição de tão boa gente; de sorte que hoje não é raro verem-se os indígenas desta tribo virem à vila trocar por ferramentas e vestuário alguma cera e mel, que com bastante custa ajuntam no sertão.

Duas circunstâncias, porém, tem concorrido para que eles estejam desgostosos do lugar em que se acham e pretendem mudar-se para mais longe, ou quem sabe para onde: uma é a quase absoluta falta de caça que há nesse lugar, o que torna penosa a sua subsistência; e outra é o devassamento de seu toldo pela vizinhança dos moradores, que se tem internado pelo sertão, ocupando as excelentes terras que por aí há devolutas.

Devo dizer a V. Ex. que essa disseminação da população por muitas léguas pelo sertão adentro é toda devido a esta tribo; por quanto, antes deles para aí virem estabelecer-se, era esse terreno ocupado pela tribo dos *Goyanazes*, que por sua ferocidade e contínuos atos de barbaridade que praticavam não só com os moradores, como com os que transitavam por esta estrada, tornaram-se formidáveis e temidos; e, por isso, impediam a povoação, já não digo do sertão, mas até dos campos mais próximos a ele. Hoje, porém, esta tribo de que falo, sendo inimiga dos *Goyanazes*, serve como de um ponto avançado, que nos defende dos assaltos destes; e assim tem facilitado a cultura de muitas e excelentes terras antes abandonadas, e dado segurança aos moradores e viandantes que passam por esta estrada, ainda há bem poucos anos perigosíssima.

Parece-me, pois de transcendente utilidade que se empreguem todos os meios possíveis para fixar esta tribo neste sertão, mas não muito distante da estrada; tendo-se em consideração os naturais ditames da filantropia e humanidade, que nos concitam a melhorar a sorte destes desgraçados, que tornados homens, nos pagarão com usura os sacrifícios que fizemos para tirá-los do estado de barbárie em que nasceram.

Entre os meios que me ocorreram para conseguir este importante fim, julgo o mais próprio, o que tem sido mais eficaz em todas as tentativas de catequese de que tenho notícia; isto é,

¹⁹⁷ Como menciona o Barão de Antonina, esses indígenas se apresentaram na sua fazenda em setembro de 1843. No entanto, não devemos pensar que esses indígenas tenham chegado na região apenas nesta data. Em artigo muito interessante sobre a promulgação de decreto de 1831, que revoga as Cartas Régias de 1808, que permitiam fazer “Guerras Justas” contra os indígenas de São Paulo e Minas Gerais, a historiadora Fernanda Sposito menciona que, pelo menos desde julho 1830, “oitenta e quatro índios” estavam “acampados pacificamente durante mais de uma semana” há “poucas léguas da vila de Itapetininga” (SPOSITO, Fernanda. Liberdade para os índios no Império do Brasil. A revogação das guerras justas em 1831. *Almanack*, Guarulhos, n. 1, p. 53, 2011). Esses oitenta e quatro índios eram Cayuás (ou seja, falantes de uma língua guarani) assim como os que foram visitar o Barão de Antonina em sua fazenda em 1843, e assim como aqueles que são mencionados por Canabrava e que estavam, desde o final da década de 1830, no litoral sul da província de São Paulo (CANABRAVA, A. P. Documentos sobre os índios do rio Juquiá. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, v. III, p. 391-404, 1949) [n.d.e.].

procurar criar entre os indígenas as necessidades do homem civilizado facultando-lhes para isso, gratuitamente, os meios necessários. Com estas vistas eu desejaria que se escolhesse um lugar conveniente no sertão, onde hajam boas terras lavradas devolutas, e aí principiar-se uma espécie de aldeamento, junto ao qual se mandariam fazer grandes roças para o mantimento por três ou quatro anos consecutivos, à custa dos cofres públicos, fornecendo-se ao mesmo tempo aos indígenas alguma ferramenta ou vestuário todos os anos, para que a certeza destes donativos os obrigasse a estabelecerem-se fixamente. Logo no princípio seria mister ensiná-los a criarem porcos, aves e mesmo dar-lhes algum gado, se mostrassem desejo de o possuir, porque deste modo, e gozando de tais comodidades, em pouco tempo tão habituados ficariam a estes gozos, que ser-lhes-ia impossível tornarem à vida errante.

Creio, pois, que se o governo autorizasse a uma pessoa capaz para fazer a despesa necessária para o aldeamento destes indígenas, pelo modo que indico, em breve eles se tornariam homens úteis à sociedade, e continuariam a prestar-nos os mesmos serviços de defesa contra as tribos ferozes, que há anos tem prestado sem outro incentivo mais que o acolhimento que tem recebido dos habitantes deste município, que muito prejuízo sofrerá se realizar-se a mudança dela para outro ponto distante. Eu creio mesmo que o exemplo que daria esta tribo, se o governo tomar a sua sorte, estando ela desse modo que proponho, induziria a outras tribos errantes a gozarem as mesmas vantagens; e assim talvez para o futuro viesse a formar-se neste município um grande e utilíssimo estabelecimento de catequese das numerosas tribos que vagam por tão extenso sertão.

Não me estendo sobre as vantagens da realização de tão majestosa ideia, porque elas são patentes a todos, e muito mais a V. Exa., que pelo traquejo que tem dos negócios públicos deve conhecer a grande falta de braços que temos em todos os ramos do serviço nacional ou particular, e a utilidade que resultaria do aproveitamento desses, que andam inúteis, e algumas vezes nos são perniciosos, nessas imensas e riquíssimas matas, de quem eles mesmo tiram outro proveito senão a caça e o toско abrigo que elas lhes prestam.

Concluirei, pois, dizendo a V. Exa., que parece-me muito fácil completar a civilização desta tribo pelo modo que deixo indicado; e que, tendo V. Exa. à sua disposição uma quantia não pequena, que anualmente se consigna para os cofres provinciais para a catequese e civilização dos indígenas, da qual quase nada se dispense em Guarapuava, muito relevante serviço faria ao país se a empregasse em prol desta tribo. Pela minha parte, o que posso asseverar a V. Exa. é que estou pronto a concorrer com todos os meus fracos meios para auxiliar o governo nesta filantrópica empresa; tanto, que asseverarei aos indígenas, que aqui vieram, que ia recomendá-los à proteção de V. Exa., dando-lhes a entender que o governo tomaria providências em seu benefício, com o que eles muito satisfeitos se mostraram.

São estas as ligeiras observações, que só o desejo do bem público e sentimento de humanidade me instigaram a levar à presença de V. Exa., na certeza de que iguais motivos farão com que tenham favorável acolhimento, e que V. Exa. dirija sobre este objeto suas vistas, e tome as medidas que sua sabedoria lhe ditar como mais adequadas e eficazes”.

Deus Guarde a V. Exa.

Fazenda de Perituva, 2 de Setembro de 1843

Ilmo. e Exmo. Sr. Coronel Joaquim José Luiz de Sousa, presidente da província de S. Paulo

**Resumo do itinerário de uma viagem
exploradora pelos rios Verde, Itararé,
Paranapanema e seus afluentes, pelo Paraná,
Ivaí e sertões adjacentes, empreendida por
ordem do Exmo. Sr. Barão de Antonina**

por João Henrique Elliott

Breve apresentação da fonte

Quatro edições deste roteiro, assinado por João Henrique Elliott, já foram publicadas anteriormente. A primeira delas data de 1847 e foi organizada no Rio de Janeiro pela RIHGB¹⁹⁸. A segunda, por sua vez, saiu no ano de 1919, em Curitiba, no Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense¹⁹⁹. A terceira publicação foi organizada por Plínio Marques da Silva Ayrosa em São Paulo, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (RIHGSP)²⁰⁰. A quarta e última edição foi organizada na já mencionada coletânea de Hidelbrando Campestrini de 2007.

Vale lembrar que na edição da RIHGB de 1847, em que o texto saiu pela primeira vez, também foi publicada uma carta do Barão de Antonina, datada de 14 de novembro de 1846, na qual ele doa ao Instituto o manuscrito do presente relatório²⁰¹.

Por sua vez, também é importante retomar a história da edição organizada por Ayrosa em 1930. Seu título é diferente do título das demais publicações²⁰². Ayrosa organizou essa edição a partir do manuscrito arquivado no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Segundo ele, este manuscrito contém pequenas diferenças em relação às duas primeiras publicações de 1847 e 1919. Além da versão editada em São Paulo ter sido privada da última parte do roteiro que consta nas versões anteriores, composta por três breves itens intitulados “Resumo das distâncias”, “Por terra” e “Breve descrição do Ivaí”, a versão de 1930 também contém algumas pequenas diferenças no que se refere ao conteúdo mesmo das descrições feitas dia a dia por Elliott.

Na introdução que ele faz à sua publicação, Ayrosa explica as diferenças em relação às versões anteriores²⁰³. Ele sugere que o manuscrito arquivado, e por ele publicado, corresponderia ao documento original escrito por Elliott durante a exploração. Assim, por sua vez, as versões publicadas em 1847 no Rio de Janeiro e em 1919 em Curitiba correspondem a uma cópia revisada pela pena do Barão de Antonina a partir do documento original de Elliott.

Sem querer estabelecer qual dos documentos é o original e qual deles é a cópia, o que parece interessante da indagação levantada por Ayrosa é o fato de que além de existirem, provavelmente, vários originais espalhados por arquivos públicos e privados, os relatos de Elliott e Lopes eram minuciosamente revisados pelo Barão de Antonina antes de serem publicados pela RIHGB, fato que sugere que os textos finais eram escritos a muitas mãos e trabalhados por diversas sensibilidades.

Enfim, é importante lembrar que este texto representa o primeiro relatório das explorações feitas por João Henrique Elliott e Joaquim Francisco Lopes publicado na RIHGB. No entanto, como se percebe das informações enviadas por João da Silva Machado sobre a expedição aos Campos de Paiquerê em maio de 1842 (*infra*), já havia sido iniciado o ciclo de suas explorações aos sertões das províncias de São Paulo, Paraná e sul de Mato Grosso. Resta saber, se durante as expedições realizadas antes da descrita no presente roteiro, se João Henrique Elliott e Joaquim Francisco Lopes já trabalhavam em colaboração com João da Silva Machado.

¹⁹⁸ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 9, p. 17-42, 1847.

¹⁹⁹ *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense*, ano II, vol. II, p. 3-24, 1918.

²⁰⁰ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, tomo 28, p. 230-267, 1930.

²⁰¹ Barão de Antonina, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 9, p. 130-133, 1847.

²⁰² Itinerário de uma viagem de exploração pelos rios Verde, Itararei, Paranapanema e os sertões circunjacentes mandado fazer pelo Exo. Snr. Barão de Antonina em 1845.

²⁰³ Plínio Silva Ayrosa. As entradas de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott. O Barão de Antonina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 28, p. 219-229, 1930.

Diferentemente do que postula Ayrosa, quando afirma que as primeiras expedições não foram publicadas por falta de interesse, diríamos, ao contrário, que a decisão de trabalhar com mais empenho na publicação das crônicas das derrotas se deu ao mesmo tempo em que elas, as derrotas, se tornavam interessantes e estratégicas para se transformarem em objeto público e publicáveis. O fato de terem sido publicadas somente a partir de 1845 denota que foi a partir daí que o Barão de Antonina tomou consciência que, para legitimar seus interesses particulares e econômicos na região explorada, era necessário conjugar um conteúdo público e pátrio a seus empreendimentos. Nesse sentido, a publicação das derrotas de seus empreendimentos numa revista que circulava entre as elites políticas e intelectuais do país, funcionava como um elemento a mais para convencer da necessidade de orçamento público para desenvolver a nova estrada que ligaria as províncias de São Paulo e Mato Grosso.

Para organizar a edição que ora publicamos, tendo em vista todas essas publicações anteriores, optamos por misturá-las, no sentido de completar cada uma delas e, assim, ter uma versão mais completa que as anteriores.

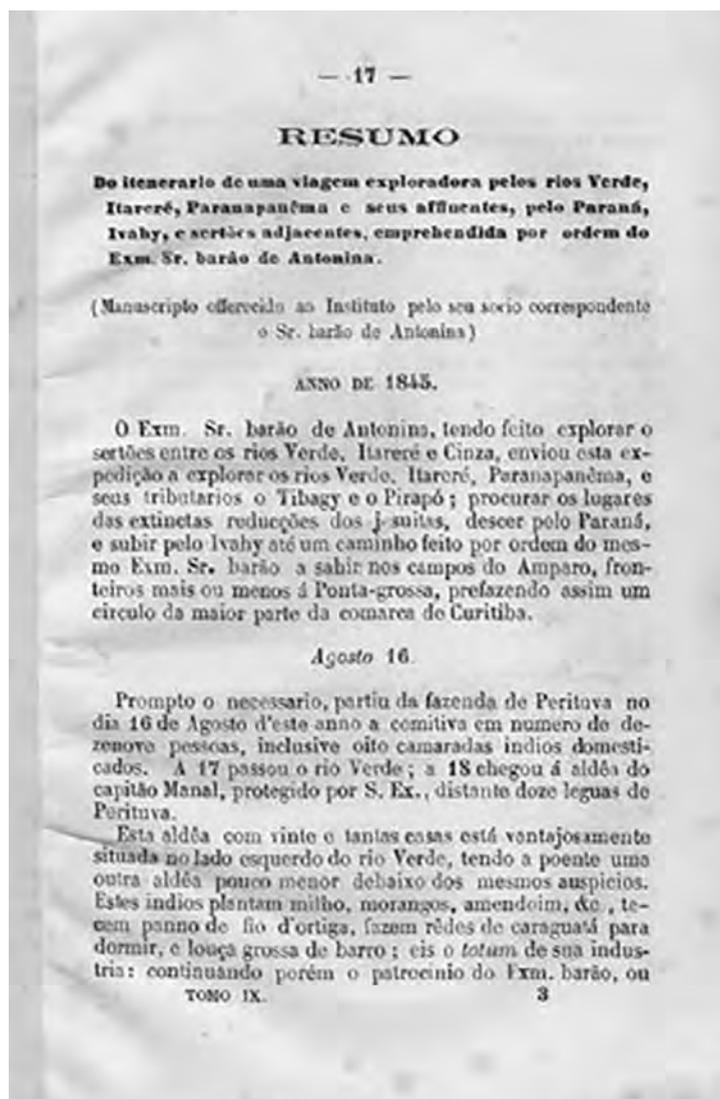


Imagem 7. Primeira página do *Resumo do Itinerário...*

Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 9, 1847, p. 17.

Ano de 1845

O Exmo. Sr. Barão de Antonina, tendo feito explorar os sertões entre os rios Verde, Itararé e Cinza²⁰⁴, enviou esta expedição a explorar os rios Verde, Itararé, Paranapanema e seus tributários, o Tibagi e o Pirapó; procurar os lugares das extintas reduções jesuítas, descer pelo Paraná e subir pelo Ivaí até um caminho feito por ordem do mesmo Exmo. Sr. Barão a sair nos campos do Amparo, fronteiros mais ou menos a Ponta-Grossa, perfazendo assim um círculo da maior parte da comarca de Curitiba.

16 de agosto de 1845

Pronto o necessário, partiu da fazenda de Perituva no dia 16 de agosto deste ano a comitiva em número de dezenove pessoas, inclusive oito índios domesticados. A 17 passou o rio Verde; a 18 chegou à aldeia do capitão Manal, protegido por sua Exa., distante doze léguas de Perituva. Esta aldeia com vinte e tantas casas está vantajosamente situada no lado esquerdo do rio Verde, tendo ao poente outra aldeia pouco menor debaixo dos mesmos auspícios. Estes índios plantam milho, morangas, amendoim, etc., tecem pano de fio de ortiga, fazem redes de caraguatá para dormir, e louça grossa de barro; eis o *totum* de sua indústria; continuando, porém, o patrocínio do Exmo. Barão, ou obtendo eles a proteção do governo, é de esperar que sejam em breve úteis a si e à nação.

20 de agosto de 1845

Chegou ao alojamento o Exmo. Barão acompanhado pelo Sr. Luiz Vergueiro²⁰⁵ (que vai à testa da expedição) e por três missionários capuchinhos²⁰⁶. Os índios prepararam para sua recepção uma casa ornada com ramos, flores silvestres e jarivás, e enfeitando-se com turbantes e penachos de lindas penas, apresentaram muitos pássaros domesticados: mostrando destarte grande prazer pela presença de seus hóspedes, principalmente pela de seu benfeitor, a quem parecem amar em extremo, pois conhecem quanto este grande patriota e útil cidadão tem feito em seu benefício; o qual por um rasgo da mais pronunciada filantropia tem, a expensas suas, feito desterrar a fome de grêmio de suas famílias, e preservado as mesmas dos rigores da nudez. O Exmo. Barão, acolhendo-os com afago, repartiu entre eles aguardente, fumo, rapadura, sal, roupas, missangas, etc.

21 de agosto de 1845

O Sr. Joaquim Francisco Lopes, nosso sertanejo, embarcou-se com sete pessoas no rio Verde em três canoas bentas pelos missionários; ficando os mais para acompanhar por terra até o Salto ao Sr. Luiz Vergueiro. Neste ínterim teve lugar o solene levantamento de uma cruz na aldeia, recitando um discurso análogo o Rev. Frei Pacífico do Montefalco²⁰⁷.

²⁰⁴ Não temos maiores informações a respeito desta expedição a não ser o que Lopes menciona no texto de 1871, *infra* [n.d.e].

²⁰⁵ Como já vimos, Monteiro de Almeida sugere que é provável que João da Silva Machado, futuro Barão de Antonina, e Joaquim Francisco Lopes tenham se conhecido através de Luiz Pereira de Campos Vergueiro (ALMEIDA, Mário Monteiro de, *op. cit.*, 1951, p. 251). Sobre esse encontro, ver as *Derrotas de Joaquim Francisco Lopes, infra* [n.d.e].

²⁰⁶ No ano de 1843 (decreto n. 285 de 21/06/1843) o governo imperial autorizou a vinda ao Brasil de capuchinhos italianos da *Propaganda Fide* do Vaticano. O decreto n. 373 de 30/07/1844 regulamenta a chegada desses mesmos capuchinhos. Para mais informações a respeito da chegada dos capuchinhos ao Brasil, ver REZENDE, Modesto; PRIMÉRIO, Fidélis Motta de. *Os missionários capuchinhos no Brasil*. São Paulo: Convento da Imaculada Conceição, 1929 [n.d.e.].

²⁰⁷ Nascido na província de Úmbria, Itália, Frei Pacífico de Montefalco chegou ao Brasil em 1844. Em companhia do Frei Ponciano de Montaldo e Frei Gaudêncio de Gênova, partiu para o noroeste paulista, a fim de fundar o aldeamento de São João Batista do Rio Verde, nas terras do Barão de Antonina (ver *Participação oficial...*, *infra*). Nomeado vice-prefeito daquela missão, Frei Pacífico fundou a cidade de Itaporanga em 1845. Porém, atingido por moléstias, veio a falecer em Itaporanga no dia 30 de dezembro de 1862. REZENDE, Modesto; PRIMÉRIO, Fidélis Motta de, *op. cit.*, 1929 [n.d.e].

22 de agosto de 1845

Voltaram para Perituva S. Exa. e missionários, notando-se nos índios claros sinais de desprazer pela ausência de seu protetor; eu, o Sr. Vergueiro e os demais seguimos a picada do Salto²⁰⁸ e pousamos na margem do rio Verde.

23 de agosto de 1845

Chegamos cedo ao Salto (distante quatro léguas da aldeia), onde já estava o Sr. Joaquim Francisco Lopes; levamos para terra as cargas, e por uma série de baixios e cachoeiras varamos as canoas vazias à mão, cerca de quatrocentas braças abaixo do Salto.

24 de agosto de 1845

Muito cedo seguimos até a Cachoeira dos Índios, onde reassumimos uma canoa grande, deixada em uma primeira viagem que fez o Sr. Lopes²⁰⁹.

25 de agosto de 1845

As nove horas seguimos viagem, a gente que tinha saído por terra ainda não tinha aparecido, o Sr. Lopes mandou subir uma canoa à sua procura, encontramos cardumes de peixe grande, em descendo avistamos uma Tigra grande brincando no rio, soltou-se os cachorros, depois de correr algumas seis quadras acuararam, cheguei e vi que era cria que estava trepada na forquilha de um pau de Guaraiuva, teve a honra de [...] a Tigra enganou os cachorros e escapou, temos duas horas nesta caçada, às três horas da tarde chegamos na Barra do Rio Verde, gente ocupada arranjando as cargas para amanhã, deixei e vareí.

NB. Estas três noites passadas fez muito frio, mas não apareceu menor sinal de geada.

26, 27, 28 e 29 de agosto de 1845

Entre os dias 26 a 29 entramos no Itararé, reunido já com o Jaguariaíva e Jaguarecatú, de cerca de trinta braças de largura, descemos por cachoeiras e baixios perto de seis léguas, onde pelo lado esquerdo entra um ribeirão, o qual chamamos Itararé-mirim, levando à mão as canoas vazias na cachoeira da Tribuna, donde navegamos por baixios, corredeiras e itopavas quatro léguas até a cachoeira da Bocaína, pela qual levamos as canoas vazias à mão. Daqui volteia o rio por serranias em uma série de corredeiras, itopavas e baixios, encontrando-se diversas ilhotas até sua desembocadura no Paranapanema²¹⁰.

30 de agosto de 1845

Defronte à ilha de nosso pouso tem um mato muito frequentado pelos pássaros, bem cedo vimos um número infinito de jacutingas, papagaios, etc., que literalmente cobriu o chão e as arvorezinhas, pouco para baixo da Ilha Verde passamos pequenas ilhas cobertas com árvores de Sangue de Drago, ao meio-dia chegamos no rio Paranapanema cercado por altas serras e

²⁰⁸ Ver aquarela n. 19 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

²⁰⁹ Apesar de João Henrique Elliott mencionar em vários trechos a realização de uma viagem anterior a esta, não se tem informações a seu respeito, a não ser o que Lopes menciona no texto de 1871, *infra* [n.d.e].

²¹⁰ O Itararé abunda em peixe e caça: é ladeado por terras e matos próprios para qualquer cultura, pouco aurífero, e de navegação muito difícil, da barra do rio Verde à sua foz no Paranapanema tem quatorze léguas e rumo geral de N. ¼ N. O. [n.d.a].

correndo O.N.O. um canal de laje atravessa o rio na sua junção com o Itararé, formando uma corredeira, mas não veda a navegação, examinamos o cascalho no Itararé e Paranapanema logo abaixo, mas pintou pouco, pescou-se aqui em pouco tempo muitos e grandes dourados, pelo lado esquerdo altas e escarpadas serras em parte descalvado, tendo uma rocha vermelha riscada de branco, os matos daqui para baixo são diferentes, pouco palmito branco e muitas guarirobas, às três horas da tarde fizemos pouso na costa da Serra dos Monos. Soltou-se os cães e matou-se um veado pardo no rio e uma anta na corredeira

31 de agosto de 1845

Às sete horas da manhã seguimos entre serranias por corredeiras fortes que findam em curto canal de dez a doze braças de largura com duas ilhotas em sua desembocadura, de onde o rio volteia para N. N. O. por baixios e corredeiras até a cachoeira do Cristal, onde conduzimos à mão as canoas vazias (achamos panelas deixadas pelos bugres), e pousamos com duas léguas e meia de marcha a rumo geral de O. N. O.

1º de setembro de 1845

Falhamos neste dia para concluir a variação das canoas e condução das cargas.

2 de setembro de 1845

Às oito horas da manhã saímos; o rio volteava suavemente com mais de cem braças de largura por espaço de uma légua e meia, passando-se uma ilhota principiam a desaparecer as serras, e com mais três léguas, onde pousamos com cinco léguas de marcha a rumo geral de N. O.

3 de setembro de 1845

Às sete horas da manhã partimos por comprido estirão com duas cachoeiras e corredeiras; pelo lado direito entra um rio de trinta braças de largura com uma ilha na foz, cama de pedregulho, cristal, cornalinas, pingos-d'água e outras pedras de formação singular. Seguem-se as cachoeiras e baixios, findando em uma baía de trezentas braças de largura e quatrocentas de comprimento, que forma um salto com trinta pés de queda, dividido por uma ilha de trezentas braças de comprimento, recebendo pelo lado direito um ribeirão com largura de sete braças. Abaixo do salto no lado esquerdo (no direito é intransitável) estreita-se o rio a sete e a seis braças, e corre por entre altas rochas escarpadas a reunir-se com outro com duzentas braças abaixo²¹¹. Pousamos acima do salto com uma légua e meia de marcha a rumo geral de N. O.

4 de setembro de 1845

Fizemos pique para a variação das canoas até abaixo do salto, e condução das cargas até a junção dos canais.

5 de setembro de 1845

Com grande risco o Sr. Joaquim Francisco Lopes passou pelo canal do lado esquerdo a canoa mais pequena, e logo, as outras: carregando-se as cargas para as mesmas duzentas braças por terra. Era tanta a abundância de dourados, e tão grande a sua voracidade, que pegavam em anzóis iscados com trapos. Pelas dez horas da manhã seguimos por corredeiras e

²¹¹ Ver aquarela n. 15 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso...* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

cachoeiras, e por entre ilhas, das quais uma tinha seiscentas braças de comprimento, contendo em si grande abundância de Gonçalo-Alves, e o rio alarga-se a cem braças. Às cinco horas da tarde pousamos com quatro léguas de marcha a rumo geral de O $\frac{1}{4}$ S. O.

6 de setembro de 1845

Às oito horas da manhã partimos por entre vargedos de mato bom por meio de três ilhas, e às quatro horas da tarde passamos por um longo baixio, que termina em um ressalto, onde pousamos com 5 léguas de marcha a rumo geral de S. O.

7 de setembro de 1845

Cedo varamos pelo ressalto de quatro pés de queda as canoas vazias à mão, e seguimos por corredeiras, itopavas e baixios, parecendo avistar capoeiras, que verificamos serem derrubadas de algumas léguas feitas por fortes ventanias; nas margens haviam muitas laranjeiras azedas com fruto maduro, verde e em flor. Às quatro horas da tarde pousamos com duas léguas e meia de marcha a rumo geral de S. O.

8 de setembro de 1845

Seguimos cedo por baixios e uma forte cachoeira, onde naufragou a canoa grande; salvando-se com dificuldades o Sr. Vergueiro, os demais, algum mantimento, e a próprio canoa; pousamos para secar o trem no lado esquerdo, logo abaixo da cachoeira.

9 de setembro de 1845

Com meia légua da marcha por baixios e corredeiras, chegamos à barra do rio da Cinza, de trinta braças de largura, onde pousamos, a rumo geral de O. Este rio corre por lajes sobre muitos baixios e corredeiras, que nos privaram subir por ele mais de quatrocentas braças; parece diamantino, mas não aurífero.

10 de setembro de 1845

Partimos às nove horas da manhã por corredeiras e baixios fortes, que findam em vasta baía, semeadas de rochas recebendo pelo lado direito um ribeirão. Pousamos com três léguas de marcha a rumo geral de O.

11 de setembro de 1845

Às sete e meia da manhã descemos por baixios, corredeiras e diversas ilhotas até uma enseada, seguida de baixios e cachoeiras, onde passamos as canoas vazias à mão. Pousamos às quatro e meia da tarde no lado direito com três léguas e meia de marcha rumo geral de O $\frac{1}{4}$ S. O.

12 de setembro de 1845

Falhamos por causa de muita chuva.

13 de setembro de 1845

Cedo seguimos por uma cachoeira forte, seguida de outra igual e um juquiá que aperta o rio por canal de poucas braças de largura, ladeado de laje sólida, com uma comprida ilha em sua desembocadura. Continuamos por trabalhosos baixios e corredeiras até à barra de um ribeirão

de dez braças de largura, que entra pelo lado direito, de onde por iguais baixios chegamos a uma linda ilha, quase em frente à barra do Tibagi, que com oitenta braças de largura rola por várzeas de S. a N. e faz sensível brecha no Paranapanema. Nesta ilha pousamos com cinco léguas de marcha a rumo geral de O.

14 de setembro de 1845

Pelas sete horas da manhã o Sr. Lopes com sete pessoas foram explorar os sertões do lado do norte. O Sr. Vergueiro e os demais, deixando na ilha a bagagem, subiram pelo Tibagi muito cheio e correntoso, fazendo pouso pelas quatro horas da tarde com um quarto de légua de marcha a rumo geral de leste. Daqui fugiram dois camaradas índios, em cuja procura voltamos já noite à ilha.

15 de setembro de 1845

Falhamos nesta ilha: capturamos os fugidos que foram severamente repreendidos.

16 de setembro de 1845

Às sete e meia da manhã seguiu a expedição, indo eu por terra em procura de vestígios de São Xavier²¹², antiga redução dos jesuítas, que existiu no lado esquerdo, uma légua e meia distante da foz; e sem que obtivesse indício algum, me reuni aos companheiros, e pousamos pelas três horas da tarde no lado esquerdo junto à barra de um arroio, com uma légua de marcha a rumo geral de S. S. E.

17 de setembro de 1845

Falhamos por chuva. Este arroio não mostrava ser aurífero; nele achamos cristal, pingos-d'água, etc. A tarde alcançou-nos o Sr. Lopes, que andou dois dias a rumo de norte, e no cume de um espigão, do alto de uma perobeira, avistou somente matos frondosos.

18 de setembro de 1845

Os oito camaradas índios, temendo os bugres bravos, cujos indícios se aumentavam, decidiram-se a voltar, apesar de promessas e ameaças; o Sr. Vergueiro deu-lhes para retorno, canoa, pólvora e chumbo, e aproveitou-os para pôr eles a escrever ao Exmo. Sr. Barão.

19 de setembro de 1845

Reduzidos então a onze pessoas seguimos em duas canoas por corredeiras fortes até uma larga baía, semeada de ilhas, e na maior cerca de quinhentas braças de comprimento pousamos pelas duas horas da tarde, com três quartos de légua de marcha a rumo geral de leste. Saltamos na margem esquerda, e até a noite em vão procuramos vestígios da extinta redução de S. Xavier, encontrando por toda a parte paus-d'alho, figueiras, perobeiras, etc., de extraordinária circunferência.

20 de setembro de 1845

Fiquei neste lugar com quatro pessoas, enquanto que os Srs. Vergueiro e Lopes com quatro companheiros sobem pelo rio em extremo correntoso e cheio, pousando pelas duas e meia

²¹² A missão jesuítica de São Francisco Xavier, da antiga província jesuítica do Guairá, foi erguida por volta de 1622 e estava localizada no vale do rio Tibagi [n.d.e].

da tarde no lado esquerdo, na barra de um ribeirão, que contém cristal, pingos-d'água, etc., e mostra ser aurífero, uma légua de marcha a rumo geral de S. S. E., entretanto, ao tempo em que eles fizeram esta digressão, procurava eu e os quatro homens o lugar da mencionada redução de S. Xavier.

21 de setembro de 1845

Pela muita dificuldade na subida, e pouca gente, o Sr. Vergueiro e companhia voltou descendo suavemente em uma hora o que subiu com muito trabalho em seis horas e meia; chegou às sete e meia da manhã à ilha de S. Xavier, onde me achava com a minha pequena escolta, sem que pudéssemos ter visto o mais pequeno indício da extinta redução: reunidos então rodamos Tibagi abaixo, entramos pelas onze e meia da manhã no Paranapanema, que com o Tibagi alarga-se a cento e cinquenta braças, e torna-se de suave navegação. No lado esquerdo, duas léguas abaixo do Tibagi, recebe o rio um arroio de oito braças de largura: e daí a um quarto de légua no lado direito entra outro arroio: aí pousamos com marcha de quatro léguas a rumo geral, desde a barra do Tibagi de O.

22 de setembro de 1845

Cedo seguimos por diversas corredeiras; encontramos no lado direito um ribeirão, e pelas quatro horas da tarde uma fácil corredeira com ilhas no meio, abaixo da qual pousamos no lado direito com cinco léguas de marcha a rumo geral de O.

23 de setembro de 1845

Por muita chuva falhamos; achamos saborosas jabuticabas, muitos vestígios de *Bugres*, tanto de um, como de outro lado.

24 de setembro de 1845

Partimos pelas oito horas da manhã, e à uma da tarde vimos uma serra isolada²¹³ à rumo de O. Pelas três horas da tarde passamos a barra do Pirapó, que com dezesseis braças de largura entra pelo lado esquerdo, onde já nem vestígios restam das extintas reduções jesuíticas de S. Ignácio e Loreto²¹⁴. Pousamos no lado direito às cinco horas da tarde com marcha de quatro léguas e meia a rumo geral de O. ¼ S.

25 de setembro de 1845

Partimos pelas seis horas da manhã, e pousamos no lado direito em frente a uma ilha com duas léguas e meia de marcha a rumo geral de S. S. O.

²¹³ Trata-se da Serra do Diabo, representada na maioria dos mapas (*infra*) elaborados por Elliott [n.d.e.].

²¹⁴ Nossa Senhora do Loreto de Pirapó e São Inácio foram as duas primeiras missões jesuíticas erguidas no Guairá. Elas estavam localizadas respectivamente na confluência dos rios Pirapó e Santo Inácio com o Paranapanema. Foram destruídas pelos bandeirantes por volta de 1630. Desde as primeiras expedições enviadas pelo Barão de Antonina ao interior da então província do Paraná e sul da então província de Mato Grosso, ele instruiu que Elliott e Lopes procurassem as ruínas das antigas missões jesuíticas. Nos diferentes relatórios de Elliott e Lopes (*infra*), percebe-se o cuidado deles em cumprir essa instrução do Barão de Antonina. Ao procurar as antigas missões jesuíticas, o Barão de Antonina tinha por objetivo erguer aldeamentos ou colônias indígenas sobre as ruínas das antigas missões jesuíticas, recuperando, de certa forma, a herança dos inacianos para sua própria atuação indigenista. De fato, Elliott encontrou as ruínas da antiga missão de Nossa Senhora do Loreto do Pirapó durante sua expedição de 1852 (*infra*). Alguns anos depois, sob as ruínas desta antiga missão, foi erguido um aldeamento de mesmo nome. Ver aquarela n. 6 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e.].

26 de setembro de 1845

Seguimos cedo, e pela chuva pousamos logo ao lado direito com meia légua de marcha a rumo geral de S. S. O.

27, 28, 29 e 30 de setembro de 1845

Aqui ficou o Sr. Vergueiro com a gente. Enquanto que eu, o Sr. Lopes, e mais três pessoas entre os dias 27 a 30 seguimos a rumo do N. $\frac{1}{4}$ N. O., em busca da serra isolada, vista a 24, onde chegamos de volta no dia 1º de outubro, tendo-nos entranhando três léguas por terrenos secos, passando três dias sem água alguma.

1º de outubro de 1845

Do alto dessa serra em dia claro e com bom oculto vimos somente matos frondosos para todos os lados aquém do Paraná, cujo brechão avistamos em distância de dez a doze léguas, além do qual vimos fumaça de queima nos campos de Santa Rita na província de Cuiabá: distinguimos bem as cabeceiras do Pirapó e grande extensão do brechão do Tibagi, e do lado oposto do Paranapanema para S. O. uma serra isolada com três picos iguais. Encontramos no cume da serra cortes de facão de oito a dez meses, passados naturalmente por gente de um forte quilombo, que, dizem, existe entre o Tietê e o Paranapanema, buscando este alto talvez para atalaia.

2 de outubro de 1845

Reunida toda a comitiva seguimos cedo, e logo fizemos pouso com uma légua de marcha a rumo geral de S. S. O., para secar quatro antas e mais caças charqueadas em nossa ausência.

3 e 4 de outubro de 1845

Falhamos pela chuva, e no dia 4 seguimos por lindos estirões; passamos por seis ilhas, e pousamos pelas quatro horas e meia da tarde com quatro léguas e meia de marcha a rumo geral de S. O.

5 de outubro de 1845

Partindo pelas sete horas da manhã, avistamos o Paraná com duas léguas e meia de marcha, e deixando o Paranapanema²¹⁵ entramos no Paraná, rodando em vista de muitas ilhas grandes e pequenas cobertas de relva e poderosas árvores, entre as quase quais haviam jabuticabas, jatobás, jenipapos, guabiobas, e outras frutas saborosas; muitos pássaros, como mutuns, jaós, patos, gansos, marrecos, socós, anhumas e enormes tuins, etc. Pelas seis horas da tarde pousamos no lado esquerdo com marcha do último pouso de sete léguas e meia a rumo geral no Paraná de S. O.

6 de outubro de 1845

Ao amanhecer subimos um espigão e do cume de uma perobeira só avistamos matos frondosos. Pelas oito horas da manhã seguimos sempre com ilhas em vista; o que fez com que apenas duas vezes pudéssemos calcular a sua largura, a qual julgamos maior que a do mar que divide o Rio de Janeiro da Praia-Grande, e, portanto uma e meia a duas léguas. Todos nós, com

²¹⁵ O Paranapanema tem da barra do Itararé até a barra do Tibagi, além de um salto, uma continuação de fortes cachoeiras e perigosos baixios, que tornam, senão impraticável, ao menos de muito difícil navegação. Da barra do Tibagi à sua foz oferece fácil navegação, em geral por matos bons, ricos de caça e fruta; é pouco aurífero, e de muito peixe, seu rumo geral da barra de Itararé até a sua foz é de oeste. De sua barra no Paraná à barra do Ivaí tem onze a doze léguas de distância [n.d.a].

pés, mãos e caras inchadas pelos estragos dos mosquitos e outros insetos daninhos, pousamos no lado esquerdo com cinco léguas e meia de marcha a rumo geral de S. $\frac{1}{2}$ S. O.

7 de outubro de 1845

Pelas oito horas da manhã seguimos avistando sempre uma multidão de ilhas; e o aspecto da barranca, que desde a barra do Paranapanema é alta, de rocha, de piçarra e terra barrenta quase roxa, transformou-se em pantanais cobertos de relva até a barra do Ivaí, onde chegamos pelas dez horas da manhã, fazendo pouso no lado direito da barra do mesmo Ivaí, que com sessenta braças de largura, por muito veio, vem de S. S. E. Nossa marcha foi de uma légua e meia a rumo geral de N. E. $\frac{1}{2}$ N.

8 de outubro de 1845

Às oito horas da manhã principiamos a subir o Ivaí à forquilha e gancho, e às quatro horas da tarde pousamos com uma légua de marcha a rumo geral de N. E. $\frac{1}{4}$ N.

9 de outubro de 1845

Às oito horas da manhã seguimos e às quatro horas da tarde pousamos no lado direito com uma légua de marcha a rumo geral de N. E.

10 de outubro de 1845

Partimos às oito horas da manhã encontrando, além das frutas mencionadas, limões galegos; às quatro horas da tarde pousamos com uma légua de marcha a rumo geral de leste $\frac{1}{4}$ S.

11 de outubro de 1845

Às sete e meia da manhã seguimos, e às quatro horas da tarde pousamos com uma légua e meia de marcha a rumo geral de E. S. E.

12 de outubro de 1845

Às sete e meia da manhã partimos, e às quatro horas da tarde pousamos com duas léguas de marcha a rumo geral de leste S. E.

13 de outubro de 1845

Às sete horas da manhã seguimos, e às quatro horas da tarde pousamos com duas léguas de marcha a rumo geral de leste $\frac{1}{4}$ S.

14 de outubro 1845

Às sete e meia da manhã saímos, avistando bons matos; às quatro horas da tarde pousamos com duas léguas a rumo geral de E. N. E.

15 de outubro 1845

Às sete horas da manhã partimos; as margens, desde a barra baixa e pantanosa, tornaram-se barrancosas. Pousamos às três horas da tarde com uma légua e meia de marcha a rumo geral de leste S. E.

16 e 17 de outubro de 1845

Falhamos pela muita chuva, e no dia seguinte às oito horas da manhã passamos por duas ilhas, e por uma cachoeira com as canoas vazias à mão. Pousamos com uma légua de marcha a rumo geral de leste.

18 e 19 de outubro de 1845

Falhamos por causa da enchente; encontramos vestígios de *Bugres*, e no dia seguinte pelas oito horas da manhã seguimos por uma corredeira. Pousamos às quatro horas da tarde com uma légua de marcha a rumo geral de leste $\frac{1}{4}$ S.

20 de outubro de 1845

Pelas sete horas da manhã partimos, encontramos sinais de *Bugres*, e pousamos às quatro horas da tarde com uma légua e meia de marcha a rumo geral de leste.

21 de outubro de 1845

Sáímos às sete horas da manhã, viram-se ranchos, flechas velhas, e outros objetos de pouco deixados pelos *Bugres*, pousamos pelas dez horas da manhã junto à barra de um arroio, que denominamos Ribeirão-Fundo, com meia légua de marcha a rumo geral de S. E.

22 de outubro de 1845

Falhamos pela chuva; ouviram-se buzinas de *Bugres*, cujos recentes vestígios observamos.

23 de outubro de 1845

Às oito horas da manhã seguimos; continuavam os sinais de *Bugres*, pousamos ao meio dia com uma légua e meia de marcha a rumo geral de leste $\frac{1}{4}$ de S.

24 de outubro de 1845

Partimos às oito horas da manhã, e às quatro horas da tarde pousamos com uma légua a rumo geral de S. E. $\frac{1}{4}$ E.

25 de outubro de 1845

Sáímos às oito horas da manhã avistando lindos espigões de superior mato, e para enxugar nosso trem pousamos cedo com meia légua de marcha a rumo geral de S. E.

26 e 27 de outubro de 1845

Neste dia e no seguinte falhamos para secar o trem, melar e matar antas e porcos para munição; encontramos paus cortados e outros evidentes sinais de *Bugres*.

28 de outubro de 1845

Seguimos às oito horas da manhã; às duas hora da tarde vimos no lado esquerdo do rio um trilho, e havia poucas braças de barranca três grandes ranchos, três menores, e outros pequenos com piçarras, cuias, pequenos pilões, e diversos outros utensílios deixados por cerca de duzentos de cinquenta *Bugres* (a julgar-se pela palha do palmito que servia de cama); então

vimos alguns pés de milho e morangas, nascidos ao acaso havia poucas semanas. Pelo fabrico encontrado nos ranchos, julgamos serem *Coroados* ou *Dorins*, que em grupos por aqui fazem caçadas e pescarias durante o inverno, e se retiram a seus alojamentos com a entrada do calor, perseguidos pelos mosquitos e outros insetos que infestam as belas margens deste rio; perto dos ranchos estavam dois limpados, partindo o último rumo de O. S. O., largo caminho feito a ferro cortante. Nesta rancharia pousamos com uma légua e meia de marcha a rumo geral de S. E.

29 de outubro de 1845

Durante a noite rondaram-nos duas tigras com séquito de tigres, acordando-nos com seus tremendos urros. Pelas dez horas da manhã o Sr. Luiz Vergueiro e eu, unidos ao Sr. Lopes e mais cinco pessoas, seguimos o caminho achado por chapadões de roxa terra, cortados por muitos arroios, e vestígios de criciúma, ortiga, pau-d'álho, figueira, perobas, etc., mostrando rasto recente, posterior às últimas chuvas, de *Bugres* adultos e crianças: esperávamos chegar ao grande alojamento: porém, às cinco horas da tarde, com três léguas de marcha, ao passar um ribeirão acabou-se nos o caminho: em vão procurávamos por cima e por baixo no ribeirão caminho ou trilho no lado oposto. Assim desacoroçoados pousamos à beira do mesmo rio.

30 de outubro de 1845

Ao amanhecer voltamos para o rancho, onde chegamos pela tarde.

31 de outubro de 1845

Às oito horas da manhã seguimos, e pelo mau tempo pousamos com meia légua ao rumo geral de leste.

1º de novembro 1845

Partimos às dez horas da manhã, passando por ilhotas e corredeiras até a barra de um ribeirão de águas muito vermelhas, onde pousamos com meia légua de marcha a rumo geral de leste.

2 de novembro de 1845

Às oito horas da manhã seguimos por corredeiras, encontramos às duas horas da tarde um ressalto com oito pés de queda onde pousamos com uma légua de marcha a rumo geral de E. S. E., gastando o resto do dia no pique para a variação das canoas e cargas. Nas ribanceiras haviam touceiras de bananas, cacos de panelas e outros sinais de *Bugres*.

3 e 4 de novembro de 1845

Vararam-se as canoas e cargas por terra, e no dia seguinte pelas nove horas da manhã seguimos por corredeiras até a barra do ribeirão de dez a doze braças de largura, que entra pelo lado esquerdo, onde pousamos com uma légua de marcha a rumo geral de S. E.

5 de novembro de 1845

Partimos às oito horas da manhã por dois baixios e corredeiras, entre as quais entra pelo lado direito um ribeirão considerável, e logo acima pousamos com meia légua de marcha a rumo geral de S. S. E.

6 de novembro de 1845

Às sete horas da manhã vimos quatorze fogos, e outros sinais deixados a pouco pelos *Bugres*, e seguimos pousando pelas quatro horas da tarde com duas léguas de marcha a rumo geral de S. S. O.

7 de novembro de 1845

Às sete horas da manhã partimos, com mais ou menos bananeiras em vista no lado esquerdo; as duas horas da tarde chegamos à barra de Curumbati, rio caudaloso de vinte braças de largura, com cama de laje sólida, contendo cristal, pingos-d'água, cornalinas, etc., e mostra não ser aurífero. Subimos pelo córrego Curumbati, ladeado de bananeiras, e pousamos às quatro horas e meia da tarde com marcha de uma légua no Ivaí, a rumo de S. O. Idem meia dita Curumbati. Idem sul.

8, 9, 10 e 11 de novembro de 1845

Entre os dias 8 a 11 eu, o Sr. Lopes e mais três companheiros fomos explorar o sertão a rumo de O. S. O. O Sr. Vergueiro e os restantes procuravam vestígios da ex-povoação da Vila Rica. A 11 voltamos, penetrando apenas uma légua e meia pela dificuldade de espesso criciu-mal e ortigas com raros paus-d'alho, figueiras, perobas, etc., podendo-se fazer vasta plantação, sem um corte de machado, em chapadões de superior terra roxa, regada de bons arroios: entretanto que o Sr. Vergueiro nenhum vestígio descobriu da Vila Rica.

12 e 13 de novembro de 1845

Subi eu, o Sr. Lopes e quatro pessoas pelo Curumbati, e por ele voltamos no dia seguinte por tarde, sem obter sinal algum da Vila Rica. Navegamos três léguas pelo rio acima, ladeado de chapadões, como os descritos, e encontramos um ressalto de dez pés de queda, inacessível sem fazer por terra varação. Ali do cume de uma perobeira variava o aspecto do terreno, avistando-se altos espigões vestidos de pinheiros, cujas árvores não víamos desde o rio Verde, à exceção de alguns pés na barra do Curumbati. Neste ínterim o Sr. Vergueiro também nenhum vestígio encontrou da ex-povoação; achou apenas uma panela de enorme tamanho, deixada pelos *Bugres*, cujos vestígios se multiplicavam.

14 de novembro de 1845

Às sete horas da manhã seguimos, rodando pelo Curumbati, cujo bananal no lado direito estende-se desde a foz acerca de um quarto de légua, e subindo o Ivaí encontramos logo flechas rodadas, quatorze ranchos novos deixados pelos *Bugres*, e seguimos até um ressalto de cinco pés de queda, onde pousamos às quatro horas da tarde com duas léguas de marcha a rumo geral de leste $\frac{1}{4}$ S.

15 de novembro 1845

Vararam-se várias canoas e cargas por terra, onde encontrou-se recentes vestígios de *Bugres*, e seguimos por corredeiras levando as canoas ora a mão, ora a meia carga, e pelas cinco horas da tarde pousamos com uma légua a rumo geral de leste $\frac{1}{4}$ de N.

16 de novembro 1845

Partimos às sete horas da manhã, deixando missangas dentro de uma canoa de *Bugres*, que estava amarrada na margem esquerda, e pousamos às cinco horas da tarde abaixo de um ressalto de seis pés de queda, com uma légua e meia a rumo geral de leste S. E.

17 de Novembro 1845

Muito cedo vararam-se as canoas vazias e cargas por terra, por novas trilhas de *Bugres*, onde achamos saborosas laranjas doces, e seguimos pelas oito horas da manhã; a uma hora da tarde chegamos a uma forte cachoeira, pela qual levamos à mão as canoas vazias, achando lindos cristais em pinha e soltos, brancos, roxos e azulados. Pousamos com uma légua de marcha a rumo geral de leste $\frac{1}{4}$ de S.

18 de novembro de 1845

Partimos às oito horas da manhã por contínuos baixios e corredeiras, chegando ao meio-dia a uma cachoeira, pela qual passamos as canoas vazias à mão, e pousamos logo acima com muitos sinais de *Bugres*, fazendo meia légua de marcha a rumo geral de S. $\frac{1}{4}$ leste.

19 de novembro de 1845

Seguimos cedo, navegando um quarto de légua, vimos fumaça a poucas braças da barranca esquerda, frenteando a qual os Srs. Vergueiro, Lopes e um camarada saltaram em terra desarmados e munidos de missangas; seguindo trilhos ouviram vozes e bem depressa avistaram porção de *Bugres* em um limpado, rodeando o fogo, com uma enorme panela de palmitos, muitos jacus e porcos mortos ao pé; sem serem percebidos saltaram, como surgidos da terra, os Srs. Lopes e L. Vergueiro no meio desta assembleia, que ficou estupefata, a cujo instante aproveitaram os invasores para darem a uns e atirarem aos mais distantes missangas de cores e douradas; aparecendo ao mesmo tempo por todos os lados do limpado o restante da nossa gente, que, com a velocidade do raio, supondo em grave perigo os primeiros corria bem armada.

A esta aparição simultânea sucumbiram os *Bugres*, pelos aspectos das armas e ignorância do nosso pequeno número; de joelhos, e, levantando as mãos ao céu, patenteavam seu temor, que acolhemos com alegria e abraços, largando as armas de fogo em alguma distância, cuja ação parecia-lhes conhecida com exageração. Demos-lhes muitos machados, foices, facas, anzóis, missangas, espelhos e outras miudezas. Eram quinze mulheres, muitas crianças de ambos os sexos, e cinco homens, dos quais um de cabelos todos brancos, conservando em seus movimentos e ações a destreza de um jovem de dezoito anos, gozava as honras de cacique.

Tinham quatorze ranchos, e por acenos disseram-nos andarem pelo mato melando os mais homens, que supusemos ao todo serem cerca de setenta, inclusive os que andavam à caça e pesca, pertencendo ao alojamento maior; todos altos e bem feitos, as mulheres antes bonitas que feias, e uma até muito linda. Os homens trazem o lábio inferior furado, e no orifício batoques de resina com aparência de fino alambre; tanto os homens como as mulheres cobrem com tangas de fibra de ortiga as partes que o pudor manda esconder: por isso e pelo velho querendo fumar dizer em mau espanhol *cigarro amigo*, os julgamos *Botocudos*, descendentes das extintas reduções de jesuítas espanhóis.

Infelizmente nenhuma palavra nos entendiam, nem nós a eles; e por acenos pouco ou nada perceptíveis, foi-nos impossível obter noções dos seus alojamentos e dos lugares das extintas reduções dos jesuítas, principal fim de nossa derrota. Seus machados eram de pedra, bem como os instrumentos de fazer seu armamento; de ferro só tinham um pedaço de folha de espada, de algumas polegadas, encastoado em pau com serventia de machado. Com muitos abraços, ósculos, e outros sinais de amizade nos separamos às três horas da tarde, fazendo pouso pouco acima no lado oposto, com $\frac{1}{2}$ légua de marcha a rumo geral de S. O., onde demos quatorze tiros em uma anta.

20 de novembro de 1845

Ao amanhecer os Srs. Vergueiro, Lopes e eu, com dois camaradas, voltamos aos ranchos dos *Bugres*, que estavam ausentes, porém vimos tudo no *status quo*, e até os pássaros domésticos ali se achavam. Supusemos que, desconfiados pelos tiros da tarde antecedente, nos bombeassem do alto de alguma árvore em algum espigão: deixamos novos presentes, e uma anta gorda bem amarrada na barranca do rio; voltando ao nosso rancho, de onde seguimos às oito horas da manhã, entrando o rio suave por superiores terrenos. Pousamos no lado direito em frente de uma ilha, pelas quatro horas da tarde com uma légua e meia de marcha a rumo geral de leste $\frac{1}{4}$ S. E.

21 de novembro de 1845

Às sete e meia da manhã seguimos por baixios e corredeiras; pelas dez horas vimos no lado direito a barra do ribeirão Bom de quatorze braças de largura, e vindo de N. E. $\frac{1}{4}$ N., depois passamos alguns baixios com as canoas vazias, e pousamos com meia légua de marcha a rumo geral de leste $\frac{1}{4}$ de S. E.

22 de novembro de 1845

Às nove horas da manhã partimos. O rio, volteando entre serras, forma diversas cachoeiras, em uma das quais conduzimos as canoas vazias. Às quatro horas da tarde pousamos com uma légua de marcha a rumo geral de S. $\frac{1}{4}$ de S. E.

23 de novembro de 1845

Seguimos pelas sete horas da manhã passando a barra do rio Alonzo de quatorze braças de largura, que entra no lado direito; cessaram as laranjeiras azedas, e avistaram-se pinheiros. Às três horas da tarde pousamos com uma légua e meia a rumo geral de S. $\frac{1}{4}$ S. E.

24 de novembro de 1845

Ao meio dia seguimos; continuavam as serranias, e pousamos às três horas da tarde com meia légua de marcha a rumo geral de S. $\frac{1}{4}$ S. E.

25 de novembro de 1845

Seguimos às sete horas da manhã, avistando serranias com pinheiros; às quatro horas da tarde pousamos no lado direito na barra de um arroio, com duas léguas de marcha a rumo geral de S. E. $\frac{1}{4}$ E.

26 de novembro de 1845

Partimos às sete e meia da manhã, seguimos o rio, como antes, e às quatro horas da tarde pousamos com duas léguas de marcha a rumo geral de S. E.

27 de novembro 1845

Sáimos pelas sete horas da manhã, e às três e meia da tarde pousamos abaixo de um ressalto, com duas léguas a rumo geral de S. S. O.

28 de novembro de 1845

Falhamos, matamos duas antas, três veados e muitos dourados.

29 de novembro de 1845

Gastou-se todo o dia em passar as canoas vazias pelo ressalto.

30 de novembro de 1845

Levaram-se às costas as cargas a um quarto de légua, e, seguindo pelas onze e meia da manhã, vimos entrar pelo lado direito do rio Tinto de quatorze braças de largura. Pelas quatro horas da tarde pousamos com uma légua e meia de marcha a rumo geral de S.

1º de dezembro de 1845

Partimos às seis horas da manhã, e pousamos acima de um grupo de ilhas e abaixo de um ressalto às quatro horas da tarde, com meia légua de marcha a rumo geral de S. $\frac{1}{4}$ S. E.

2 de dezembro de 1845

Ao romper do dia agredimos o ressalto, e pelas três horas da tarde pousamos, exaustos de forças, com meia légua de marcha a rumo geral de S. $\frac{1}{4}$ S. E.

3 de dezembro de 1845

Sáimos às seis horas da manhã, volteava o rio mansamente entre serranias de bons matos, e às cinco da tarde pousamos com duas léguas a rumo geral de S. E.

4 de dezembro de 1845

Às oito e meia da manhã seguimos o rio, como antes, e às quatro horas da tarde pousamos com meia légua de marcha a rumo geral de S. E.

5 de dezembro de 1845

Às seis horas da manhã partimos; o rio e margens, como antes, estreitando-se às vezes a quatorze e doze braças por meio de rochedos de curta extensão, ora vestidos de matos, ora escarpados. No lado esquerdo entra um rio de quatorze braças de largura, que chamamos Rio Belo. Pousamos com duas léguas e meia de marcha a rumo geral de leste S. E.

6 de dezembro de 1845

Às seis e meia da manhã seguimos, rodeando um quarto de légua por vargedos de mato bom, e entramos de novo por entre serranias, iguais às passadas, com itopavas e corredeiras, formando o rio pitorescas ilhas cobertas de relva e salgos. Às três horas da tarde pousamos com duas léguas de marcha a rumo geral de leste S. E.

7 de dezembro de 1845

Sáimos às sete horas da manhã, avistando lindos espigões de mato bom, nas margens padrões enormes, e algumas lindas ilhas de relva e salgos. Às onze e meia da manhã chegamos à barra do ribeirão da Campina, onde há roçados, padrões e ranchos pertencentes ao Exmo. Sr. Barão de Antonina. Deixando o Ivaí entramos no ribeirão da Campina, de doze braças de largura, e pousamos na barra com uma légua e meia de marcha a rumo geral no Ivaí de S. E.

8 de dezembro de 1845

Às dez horas da manhã subimos pelo ribeirão da Campina, e às quatro horas da tarde pousamos com uma légua e meia de marcha a rumo geral de N. E.

9 de dezembro de 1845

Às seis horas da manhã seguimos; às nove horas e meia chegamos a um roçado e rancho do mesmo Exmo. Sr. Barão, em cujo porto atamos bem as canoas, e saltamos em terra. Ao meio dia o Sr. Lopes adiantou-se com quatro camaradas em busca de mantimentos e meios de transportes, aviventando o caminho feito no ano antecedente, que já estava com mato maior que a altura de um homem.

10 de dezembro de 1845

Segui eu, o Sr. Vergueiro e os mais, por terrenos montanhosos, e pousamos no Lajeado Lizo com duas léguas a rumo geral de E.

11 de dezembro de 1845

Partimos cedo por igual terreno, e pousamos no cume de uma serra, com duas léguas a rumo geral de E.

11, 12 e 14 de dezembro de 1845

Muito cedo seguimos por serranias e pinheirais, até sair nas Campinas Belas, onde abrigamo-nos em um bem construído rancho, coberto de telhas de pinheiro, pertencente ao Exmo. Sr. Barão, e aí esperamos o Sr. Joaquim Francisco Lopes, que voltou no dia 14 à noite com mantimentos, animais, etc.

15, 16, 17, 18 e 19 de dezembro de 1845

Com cinco léguas de marcha chegamos aos campos do Amparo em casa do Sr. Aurélio da Costa Portella, que recebeu-nos com suma bondade, tendo-nos encontrado duas léguas antes com animais e abundantes socorros enviados pelo Exmo. Sr. Barão. A 16, bem montados e supridos de todo o necessário, seguimos para a fazenda de Perituva, onde chegamos a 19, experimentando a afável recepção que caracteriza o Exmo. Sr. Barão de Antonina.

Resumo das distâncias

Da fazenda de Perituva aos aldeamentos dos indígenas, onze léguas; dali ao salto do Rio Verde, quatro, à junção do mesmo rio com o de Itararé, três e meia; ao rio Paranapanema, quatorze; ao rio Claro, nove e meia; ao rio da Cinza doze; ao rio Tibagi onze e meia; ao Pirapó doze e meia; ao rio Paraná, nove e meia; à foz do rio Ivaí, doze; por este acima ao rio Curumbati, onde existiu a Vila Rica do Espírito Santo, vinte e cinco; ao ribeirão da Campina, onde se fez o desembarque, trinta e meia.

Por terra

Ao rancho das Campinas-Belas²¹⁶, sete; à capela de Nossa Senhora do Remédio, na junção do Iapó com o Tibagi, treze, à fazenda da Fortaleza, três; à fazenda da Cinza, na estrada geral,

²¹⁶ Nota-se que das Campinas-Belas à fazenda do Amparo dista sete léguas (que por inadvertência não foi mencionado acima), e dali à capela da Senhora do Remédio seis, que vêm a fazer as treze léguas ditas das mencionadas Campinas à referida capela [n.d.a].

dez; ao rio Jaguariaíva, cinco; ao rio Jaguarecatú, quatro e meia; ao rio Itararé, três e meia; à fazenda de Perituva, cinco.

Breve descrição do Ivaí

O rio Ivaí (Ubahy ou D. Luiz) tem origem na serra da Esperança, onde é conhecido pelo rio dos Patos; corta a estrada de Guarapuava entre as serra da Esperança e da Ribeirinha; recebe os rios Esperança, Ponte Alta e Bom Sucesso, tomando então o nome de Ivaí. Da barra do ribeirão da Campina até o Paraná tem cinco ressaltos de cinco a oito pés de queda, sendo preciso varar por terra as canoas em um somente; tem várias cachoeiras baixios e corredeira, não de maior custo. Corre por laje, pedra solta e pedregulhos, guarnecido de boas barrancas até oito a dez léguas antes de sua desembocadura, onde é ladeado de pantanais. quarenta léguas mais ou menos antes de chegar à sua foz é bordado de espesso laranjal azedo: dos pantanais até á barra da Campina é em geral ladeado por terra roxa superior, em muitos lugares desde a barranca vestida de boas madeiras, e própria a qualquer cultura, muito abundante de peixe, caça e frutas; não mostra o rio ser aurífero.

Pela facilidade da sua navegação parece muito próprio para a condução de efeitos à Cuiabá, subindo-se depois pelo Paraná e Três Barras, a sair por Miranda. Da barra do ribeirão da Campina para baixo são seus afluentes os seguintes: no lado esquerdo o Ribeirão Fundo, Vermelho, Barra Grande, rio Curumbati, rio Belo; e no lado direito o ribeirão do Convés, Bom, Alonzo, Tinto, do Peixe e da Campina. Suas margens são habitadas por *Bugres*, *Botocudos*, *Coroados* ou *Dorins*, etc., que pela extraordinária abundância de caça e peixe e frutas (havendo até no inverno jabuticabas maduras) aproximam-se do rio durante este tempo, e voltam a seus alojamentos na entrada do calor, pelas muitas mutucas, bernes, mosquitos, e outros insetos daninhos, que infestam sua margens.

**Itinerário das viagens exploradoras
empreendidas pelo Sr. Barão de Antonina
para descobrir uma via de comunicação
entre o porto da vila de Antonina e o
Baixo Paraguai na província de Mato Grosso:
feitas nos anos de 1845 a 1847 pelo sertanista o
Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descritas pelo
Sr. João Henrique Elliott**

por João Henrique Elliott

Breve apresentação da fonte

Conhecemos duas publicações anteriores à que se reedita agora. A primeira, publicada na RIHGB em 1848²¹⁷. Já a segunda, na coletânea de Campestrini de 2007²¹⁸.

Este diário narra seis expedições, todas elas realizadas entre os anos de 1845 e 1847 e não entre 1844 e 1847, como indica o título original. Por esse motivo, optamos por modificar a primeira data mencionada no título, substituindo 1844 por 1845.

A “1ª entrada”, tópico que dá início a este relatório, se refere, na verdade, ao texto que publicamos anteriormente (“Resumo do itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema e seus afluentes, pelo Paraná, Ivaí, e sertões adjacentes, empreendida por ordem do Exm. Sr. Barão de Antonina”, *infra.*). O dia a dia desta “entrada”, portanto, está muito mais detalhadamente descrita na derrota anterior do que no presente texto. Nesse sentido, para mais detalhes sobre a “entrada” de 1845, é preferível referir-se ao relatório anteriormente publicado (*infra.*).

Na ata da 193ª sessão do IHGB, de 15 de junho de 1848, encontra-se uma carta do Barão de Antonina, que transcrevemos abaixo, na qual ele remete e doa o presente roteiro. Essa carta é extremamente interessante, pois o Barão dá, em primeira pessoa, sua própria versão sobre a importância que ele vê nos empreendimentos que está executando.

Illmo. Sr.

Penhorando com o ofício que V.S. me endereçou em 15 de abril do ano próximo passado, aguardei o final resultado de minhas reiteradas explorações por lugares totalmente desconhecidos a fim de cumprir a promessa que havia feito ao nosso Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que tanto interesse toma em derramar no seio desta nação nova e gigantesca aquelas notícias que até agora estavam envolvidas em um véu quase impenetrável.

As explorações até o número 5 constantes do Itinerário incluso, escrito pelo Sr. João Henrique Elliot, cidadão do Norte-América, que por meu engajamento tem acompanhado as escoltas comandadas pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes, com quanto pareçam de menos interesse, descrevem contudo o princípio e toda a marcha que foi preciso encetar a fim de obter o resultado a que me propus – de descobrir uma via de comunicação mais curta e segura desta província de S. Paulo para o Baixo-Paraguai na província de Mato Grosso; e me ufano de que minha bandeira exploradora penetrasse esses decantados sertões do rio Tibagi, e pisasse nos terrenos onde em outros tempos fundaram os espanhóis a cidade de Xerez e outras povoações dentro dos limites do Brasil, e que as abandonaram em 1648, o que vai minuciosamente descrito na sexta exploração constante do mencionado Itinerário, que nesta parte me parece ser mais interessante.

No fim dele vai descrito o roteiro comparado com o do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, pelo qual se vê em um ponto de vista as vantagens desta nova descoberta, e para maior inteligência o mapa, que mostra de alguma maneira toda a direção dessas explorações, e alguns pontos que não vejo mencionados nos mapas do Brasil.

Desta maneira ficam patentes ao governo e aos nossos concidadãos os esconderijos que ocultavam os aspérrimos sertões, o que facilitará os meios de se aproveitarem as melhores terras do Brasil para as colônias agrícolas, por serem todas cortadas por soberbos rios e seus tributários.

Essa rica província de Mato Grosso, que tantos produtos naturais tem para exportar, fica habilitada para melhorar a sorte, estreitando os laços com a família brasileira, com quem permutará os gêneros de que é fértil seu solo vivificado por um clima produtor.

Outra vantagem é a facilidade com que o governo poderá fazer respeitar nosso território nas fronteiras com Chiquitos e Bolívia, que já nos têm querido disputar contando talvez com o custoso de nossos recursos para rebater quaisquer tentativas; e finalmente o contato em que ficamos com o Estado para-

²¹⁷ Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 10, p. 153-177, 1848.

²¹⁸ CAMPESTRINI, Hildebrando, *op. cit.*, 2007, p. 63-90.

guaio, conforme se vê descrito no fim do roteiro. Todos estes motivos me induziram a empreender tais explorações, para de alguma maneira ser útil à nossa pátria, que tudo merece de seus filhos.

Se o nosso Instituto Histórico se dignar aceitar esta minha oferta, penhorará um fraco sócio, que muito se ufana por fazer parte de tão brilhante corporação, e que jamais deixará de lhe apresentar os frutos de suas fadigas para deles se escolher o que for útil e que mereça publicidade.

Deus Guarde a V. S. Fazenda de Peritua, 18 de abril de 1848.

Ao Illmo. Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1º secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Barão de Antonina²¹⁹.

Esse roteiro ocupa um lugar de destaque dentro do conjunto todo, já que ele nos ajuda a entender a importância, nos projetos e argumentos do Barão de Antonina, da construção do caminho entre São Paulo e Mato Grosso. De fato, durante as seis expedições descritas por Elliott neste roteiro, percebemos que a instrução do Barão era que se definisse de onde o caminho deveria se iniciar. Assim, ao final das expedições, eles chegam à conclusão de que o rio Tibagi só era navegável a partir da sua confluência com o ribeirão das Congonhas. Este ponto será o início do caminho. É por isso que neste mesmo ponto serão erguidas, primeiro, a colônia militar de Jataí e, na sequência, o aldeamento de São Pedro de Alcântara (ver aquarelas n. 1 e 4 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra*).

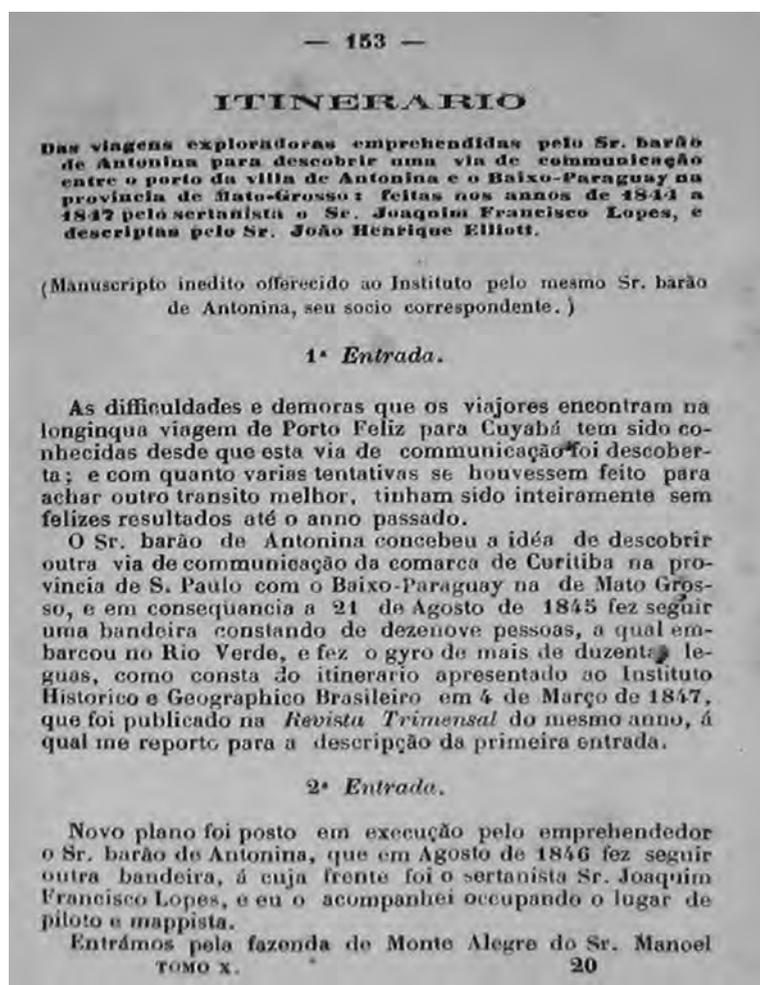


Imagem 8. Primeira página do Itinerário das viagens exploradoras...

Fonte: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 10, 1848, p. 153.

²¹⁹ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1848, t. 10.

1ª entrada

As dificuldades e demoras que os viajores encontram na longínqua viagem de Porto Feliz²²⁰ para Cuiabá têm sido conhecidas e lamentadas desde que esta via de comunicação foi descoberta; e, com quanto várias tentativas se houvessem feito para achar outro trânsito melhor, tinham sido inteiramente sem felizes resultados até o ano passado²²¹.

O Sr. Barão de Antonina concebeu a ideia de descobrir outra via de comunicação da comarca de Curitiba, na província de São Paulo²²², com o Baixo-Paraguai na de Mato Grosso, e em consequência a 21 de agosto de 1845 fez seguir uma bandeira constando de dezenove pessoas, a qual embarcou no rio Verde, e fez o giro de mais de duzentas léguas, como consta do itinerário apresentado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 4 de março de 1847, que foi publicado na Revista trimensal do mesmo ano, à qual me reporto para a descrição da primeira entrada²²³.

2ª entrada

Novo plano foi posto em execução pelo empreendedor, o Sr. Barão de Antonina, que em agosto de 1846 fez seguir outra bandeira, à cuja frente foi o sertanista Sr. Joaquim Francisco Lopes, e eu o acompanhei ocupando o lugar de piloto e mapista. Entramos pela fazenda de Monte Alegre²²⁴, do Sr. Manoel Inácio do Canto e Silva²²⁵, que nos penhorou com sua franqueza e hospitalidade, dando todo o peso à antiga amizade que tem com o Sr. Barão; e dali demandamos o rio Tibagi com o fim de ir à serra de Apucarana que, azulando a grande distância, calculou o Sr. Barão ser uma suficiente atalaia (e não se enganou) para reconhecer-se todo o sertão circunvizinho. Do fim do campo da mencionada fazenda a uma légua de mato chegamos ao rio Tibagi, o qual atravessamos seguindo sempre o rumo O.N.O. Três léguas distante do Tibagi, passando sempre por matos de pinhais, encontramos um ribeirão considerável, que corria E.N.E, e se lhe deu o nome de Pederneiras por causas da abundância que nele havia; daqui subindo uma alta serra seguimos pelo cume atravessando pinhais e algum mato de palmital até que descemos para o ribeirão da Fartura, distante do Tibagi seis léguas; daqui para diante é uma continuação de serranias e as matas serradas de criciúma, de tal maneira que são quase impenetráveis: descendo uma serra coberta com mato de capoeirão, avistamos pela primeira vez (depois da nossa entrada), à distancia de três léguas O.N.O., a célebre Apucarana, tão decantada nos aranzéis dos antigos Paulistas do décimo sétimo século, cujo alto cume

²²⁰ Muitos portos eram conhecidos como Porto Feliz. No entanto, pelo “roteiro das distâncias” incluído no final deste texto pelo Barão de Antonina, percebe-se que João Henrique Elliott se refere ao Porto Feliz ou Porto de Ararituaguava localizado a aproximadamente cento e vinte quilômetros da cidade de São Paulo, sobre o rio Tietê, no atual Estado de São Paulo. Este ponto, localizado na “boca do sertão” da província de São Paulo, era o local de onde partiam, até então, a grande maioria das expedições que levavam à cidade de Cuiabá. Elliott o representa na maioria de seus mapas (Ver seção de Mapas, *infra*) [n.d.e].

²²¹ Tendo em vista que o texto está assinado em 18 de abril de 1848, João Henrique Elliott está se referindo ao ano de 1847 [n.d.e].

²²² A província do Paraná só se emancipou da de São Paulo no ano de 1853 [n.d.e].

²²³ Elliott está se referindo ao texto anterior, *Resumo do itinerário (...), infra* [n.d.e].

²²⁴ Vale ressaltar que a fazenda Monte Alegre aqui mencionada por João Henrique Elliott não é a mesma que Joaquim Francisco Lopes mencionou em suas *Derrotas...* (*infra*) quando tentou consolidar uma fazenda de mesmo nome entre os anos de 1832 e 1833, sob a margem direita do rio Paraná, logo acima da desembocadura do rio Sucuriú. Provavelmente, a fazenda mencionada por Elliott deveria estar localizada nas proximidades do alto rio Tibagi [n.d.e].

²²⁵ Manoel Inácio do Canto e Silva (1809-1885) foi um fazendeiro e político brasileiro. Foi um dos maiores proprietários de terras na então província do Paraná, além de primeiro Diretor Geral dos Índios e deputado (1854-1855) pela mesma província [n.d.e].

defendido por enrugados e escarpados rochedos parecia ser inacessível. (Deste lugar tirei uma vista da serra²²⁶). Dali para diante encontramos menos pinhais, terreno sempre montanhoso e matos muitos serrados.

No dia 15 de setembro chegamos ao ribeirão de Apucarana, que banha a falda da serra e corre E.N.E., unindo-se com outros arroios que tínhamos passado, e vai se entregar ao Tibagi logo acima da serra dos Agudos.

O mantimento que tínhamos já era pouco, e, divulgando-se que a determinação de S. Exa. era de seguirmos adiante ainda quando algum obstáculo estorvasse as nossas indagações, dois dos camaradas desanimaram, ficando a nossa escolta reduzida a sete pessoas. No dia seguinte subimos parte da serra, achando uma pequena e cristalina fonte que manava do rochedo; deixamos a gente fazendo pouso em quanto eu e o Sr. Lopes procurávamos uma vereda para subir ao cume: quanto mais nos aproximávamos do penedo, mais o mato ia desaparecendo, até que terminou em rasteiro faxinal. A rocha, que de longe apresentava uma cor cinzenta e uniforme, chegando perto viu-se que em parte era coberta com musgo tão macio como veludo, e matizado de mil cores brilhantes: uns pequenos arbustos, que nasceram em umas fendas da rocha, serviram-nos de escada, e passando de uns aos outros com dificuldade e risco ganhamos o cume.

A serra em cima é um tabuleiro de trezentas e tantos passos de comprimento, e quase outros tantos de largura: tem pouca vegetação e aqui e ali se viam grandes e isoladas pedras de todos os tamanhos e formas. Por causa de se estarem queimando os campos, tanto em Curitiba como em Guarapuava, a atmosfera estava enfumaçada de tal maneira que não foi possível distinguir coisa alguma na distância de duas léguas em torno. Vendo perto de nós, no lado do ocidente um pinhal, determinou o Sr. Lopes ir com quatro camaradas àquele lugar, ficando eu com uma pessoa para tornar a subir a serra quando se desassombrasse da fumaceira. A gente encontrou uma vara de porcos no pinhal e do alto da serra eu apreciei a bela caçada: o alarido dos cães, os gritos dos caçadores, os tiros que de vez em quando estrondavam aqui e ali, respondidos por mil ecos das concavidades do sertão, era um espetáculo selvagem sim, mas interessante e sublime na altura em que eu me achava! Quatro dias consecutivos subimos àquele lugar, mas sempre com os mesmos desapontamentos: vimos então que era preciso esperar a chuva, e para não estar parados determinamos de subir a ponta de uma cordilheira que ficava a Oeste distante duas léguas, a qual estorvava nossas vistas para aquele lado. Seguimos por pinhais e terras montanhosas de mato bom; no terceiro dia chegamos ao lugar determinado, de onde vimos a aberta do rio Ivaí, distante seis ou sete léguas a Oeste; porém a chuva que logo caiu em grande abundância vedou-nos de fazer mais observações. Voltamos, e chegamos ao nosso arranchamento depois de uma ausência de cinco dias. O tempo melhorou; eu e o Sr. Lopes tornamos pela quinta vez a subir a serra, não havendo nem camarada, nem índio que quisesse acompanhar-nos. O dia estava belo, a atmosfera limpa, e fomos amplamente compensados de todas as nossas fadigas no instante em que chegamos ao cume. Que lindo e majestoso quadro! O mais belo céu do universo brilhava sobre nossas cabeças, e estendidos como um mapa ao nossos pés víamos rolar caudalosos rios, atravessando as mais pitorescas e magníficas florestas do Brasil. Eminência encantadora, eu daqui mesmo ainda te saúdo! Perto de nós, concavidades saturnais e montanhas atiradas sobre montanhas mostravam que alguma erupção vulcânica tivera lugar ali, e no meio de todo este caos a Apucarana levantava sua alta e descalvada cabeça, olhando

²²⁶ Ver aquarelas n. 13 e 18 do álbum *Desenbos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

com tranquilidade as formas fantásticas que as convulsões da natureza tinham acumulado em derredor de si. O Tibagi, depois de passar a serra dos Agudos, serpeava por vargedos a rumo N. N. O.; mais longe via-se o brechão do Paranapanema cortando o sertão de Leste a Oeste, e lá no extremo do horizonte uma linha apenas visível, que se estendia de N. E. a S. O., mostrava o curso do gigante Paraná: a E. S. E. aparecia parte dos Campos Gerais, e a N. E., sobre a margem ocidental do Tibagi, a pequena campina do Inhohô distante oito ou nove léguas. Adiante desta distinguia-se com dificuldade as pontas de algumas outras campinas que eram inteiramente desconhecidas²²⁷: destas indagações concluímos que o Tibagi devia ser navegável logo para baixo da campina do Inhohô; que era necessário explorar tais campinas que tínhamos visto, a fim de ver se eram suficientes para estabelecer um depósito, acomodar algum gado e servir de pastagem para as tropas que tivessem de conduzir mantimentos. Como este era o objeto principal da nossa viagem, voltamos depois de ter gravado em uma pedra a era e as iniciais dos nossos nomes:

J. F. L.

J. H. E.

1846.

No dia 8 de outubro chegamos à fazenda de Monte Alegre, e a 13 à fazenda de Perituva, depois de uma ausência de cinquenta e quatro dias: ali demos exata informação ao Sr. Barão, que determinou continuar as explorações até conseguir o que havia projetado, ou ter um desengano total da comunicação que queria abrir da comarca de Curitiba com o Baixo-Paraguai da província de Mato Grosso.

3ª entrada

O campo do Inhohô ou (pelo nome mais moderno) de Santa Bárbara, situado sobre a margem ocidental²²⁸ do rio Tibagi, vinte e sete léguas N. O. da vila de Castro, foi descoberto há muitos anos pelo falecido tenente coronel João Felix da Silva, pai da proprietária atual da fazenda da Fortaleza, Sra. D. Ana Luíza da Silva, que se contentava de mandar de anos a anos fazer um ligeiro pique de fiação para queimar unicamente. Oito anos antes da nossa entrada, o Sr. Manoel Inácio do Canto Silva, neto do sobredito tenente coronel, tinha mandado abrir um pique que admitia cargueiros, e nesta ocasião tornaram a queimar o campo, mas por causa de ser pequeno (tendo apenas uma légua de comprimento e menos de uma de largura, dependente de atravessar nove léguas de sertão inculto) deu-lhe pouca importância. O Sr. Barão, vendo o mapa e o itinerário que lhe apresentei, determinou fazer neste lugar o ponto das operações que tinha encetado para descobrir uma via de comunicação com a cidade de Cuiabá, e para este fim mandou uma expedição, a testa da qual foi o Sr. Luiz Vergueiro, acompanhado do Sr. Lopes e da minha pessoa.

Esta bandeira, composta de trinta pessoas e do trem necessário, começou a 21 de outubro de 1846 a abrir um picadão: em 20 de novembro saímos no campo do Inhohô e enquanto o mais da gente aprontava uma roça, o Sr. Lopes e eu, com quatro camaradas e dois índios, fomos explorar as campinas que tínhamos visto do alto da serra do Apucarana. Na ocasião

²²⁷ No tópico intitulado “3ª entrada” deste mesmo itinerário, *infra*, Elliott e Lopes, acompanhados de quatro camaradas e de dois indígenas, exploraram essas campinas entre os dias 24 de novembro e 4 de dezembro de 1846 e as batizam Campinas de São Jerônimo [n.d.e].

²²⁸ Temos a impressão que Elliott se equivocou em localizar os campos do Inhohô na margem ocidental (esquerda) do rio Tibagi, uma vez que na descrição que ele faz da “4ª entrada”, neste mesmo itinerário, *infra*, ele menciona que o rio das Congonhas, localizado na margem oriental do Tibagi, nasce a cinco léguas do campo do Inhohô. Por outro lado, no mapa 2, *infra*, ele também localiza ditos campos na margem oriental (direita) do rio Tibagi [n.d.e].

de queimar o campo do Inhohô, os índios responderam com fogos em três lugares diferentes, dois a norte na distância de seis a oito léguas e mais uma a N.N.E., que parecia ser retirado de nós quatro léguas. Como as circunstâncias tornaram necessária a presença do Sr. Vergueiro em Perituva não pudemos nos demorar nesta exploração mais do que dez dias; e portanto não tivemos tempo de chegar aos lugares aonde os índios tinham queimado campo.

No dia 24, passando uma restinga de mato de uma légua de largura, saímos nas primeiras campinas, seguimos a norte, e algumas vezes nordeste, passando sempre por campinas e pequenas restingas de mato, e duas a três léguas avistando mais campinas e faxinais ao norte, voltamos dali queimando algumas delas. No dia 4 de dezembro chegamos no Inhohô convencidos de que estas campinas (às quais demos o nome de São Jerônimo) eram suficientes para o depósito que o Sr. Barão projetava a fim de continuar o seu plano de exploração até esgotar as ideias que tinha concebido. Voltamos com a escolta a dar-lhe conta exata de tudo e aguardar as suas ordens por estarmos convencidos de que os obstáculos não o fariam recuar e abandonar sua calculada empresa.

4ª entrada

No dia 9 de dezembro o Sr. Vergueiro voltou para a fazenda de Perituva. O Sr. Barão tinha determinado mandar fazer outra entrada, que desde a campina do Inhohô seguisse a rumo do norte até perto do rio Paranapanema, descendo paralelo com o Tibagi na distância de uma a duas léguas, e voltando examinasse as propriedades que tinha este terreno para fatura de uma estrada desde as campinas de São Jerônimo até a confluência do Tibagi com o Paranapanema. Em conformidade com estas instruções escritas, aprontamos uma escolta de doze pessoas e no dia 16 de dezembro entramos no sertão. Seguimos primeiro ao N. N. E., para aproveitar as campinas queimadas até o ribeirão de Santa Bárbara, três léguas e meia distante do Inhohô; daqui fizemos rumo a norte, e, acabando-se logo os pinhais, entramos em chapadões de palmital até o ribeirão das Congonhas, que é cercado por uma pequena cordilheira. Este ribeirão nasce cinco léguas E. N. E. do Inhohô, e faz contra-vertente com as águas que vão para o rio das Cinzas; corre pelo espaço de cinco léguas quase a Norte, e depois pendendo bruscamente para Oeste cai no Tibagi, cinco léguas acima da sua junção com o Paranapanema. Da ponta mais alta desta cordilheira avistamos o Paranapanema, correndo de Leste a Oeste, distante pouco mais de duas léguas, e o Tibagi distante quatro ou cinco serpeava por vargedos de palmital: daqui virando a rumo sul acompanhamos este rio retirados dele duas léguas pouco mais ou menos. Todo o terreno de mato compreendido entre as campinas de São Jerônimo e a foz do Tibagi (que terá dez léguas) é o melhor possível para a fatura de uma estrada permanente, que nunca precisará aterrados nem estivas, e (com exceção da pequena cordilheira das Congonhas) é uma continuada planície. No dia 13 de janeiro chegamos de volta ao Inhohô, gastando nesta expedição vinte e cinco dias.

5ª entrada

A descoberta das campinas de São Jerônimo tinha despertado a ambição de algumas pessoas que moravam vizinhas a este sertão, as quais entrando pelo lado de Caxambú (treze léguas E. N. O. da vila de Castro) fizeram algumas explorações em direção às ditas campinas: nestas indagações descobriram alguns faxinais, mas encontrando adiante com mato forte voltaram.

Com estas notícias determinou o Sr. Barão mandar uma escolta, que, procurando o lugar dos fogos que tínhamos visto queimar ao N. N. E., examinasse o terreno adiante para ver se estes faxinais continuavam em rumo para os faxinais de Caxambú; e, se assim fosse, botar um

pique que, passando a maior parte por campestres desde Caxambu até São Jerônimo, evitasse o mato grosso, que se atravessava para chegar à campina do Inhohô. As fadigas, privações e perigos inseparáveis da vida do sertanista tinham intimidado de tal maneira a gente que nos havia acompanhado, que não foi possível arranjar camaradas suficientes para esta quinta entrada: com dificuldade achamos dois companheiros, e com esta pequena comitiva, constando de quatro pessoas, no dia 15 de março saímos da campina do Inhohô e entramos no sertão. Seguimos pelas campinas de São Jerônimo até a distância de duas léguas e meia, e daqui caminhando ao nascente passamos umas campinas, que não tínhamos visto, e subimos um espigão alto com matos de pinhal e palmital: daí para diante era uma continuação de serra e os matos muitos cerrados de criciúma e caraá. Passamos novamente o ribeirão das Congonhas (chamamos assim por causa da abundância de erva-mate que ali tem) a menos de uma légua adiante e seis léguas N.N.E. do Inhohô saímos na queimada: era um avencal cercado por cerradões de pinhal. Subimos a uma serra alta e vimos que na direção de Caxambú era uma continuação de terreno montanhoso e coberto de mato grosso. Convencidos que este rumo não havia propriedade para uma estrada, voltamos, e no dia 10 de abril chegamos à fazenda de Perituva, morada do Sr. Barão de Antonina, dando parte de tudo.

6ª entrada

Para descobrir um trânsito fluvial (embarcando no rio Tibagi) para a província de Mato Grosso

À vista dos resultados destas explorações, determinou o Sr. Barão que o porto de embarque fosse no rio Tibagi, logo abaixo dos Montes Agudos e campina do Inhohô, e mandou construir uma canoa onde acomodou a gente e municamento. Em 14 de junho de 1847 embarcamos o Sr. Lopes, eu e três camaradas, uma légua para baixo da campina do Inhohô, e demos princípios à viagem, jogando a vida em uma empresa desaprovada por todos; pois que jamais alguém se persuadia que se pudesse conseguir a via de comunicação que o Sr. Barão tinha premeditado: porém, ele, firme no plano que havia concedido, não recuava a obstáculos e despesas, e desta maneira que remédio senão avançar?

Junho de 1847

15 e 16 – Choveu copiosamente, o rio encheu muito, tendo subido em vinte e quatro horas quatorze palmos perpendiculares. Na manhã de 16 começou a baixar, mas a correnteza sendo muito violenta tivemos receio de seguir e falhamos. Neste lugar os matos são magníficos, palmital entravado com gigantescas perobas, pau d’alho, figueiras e outras árvores soberanas das florestas: via-se também muitas jabuticabeiras, umas com flor outras com frutas maduras.

17 e 18 – Seguimos viagem, passando muitas corredeiras pequenas por entre terreno montanhoso e coberto de mato bom; e avistamos as primeiras árvores de laranjeiras silvestres. No dia 18 chegamos a uma grande enseada com três ilhotas, atravessada por uma itopava forte, defronte da qual entra pelo lado direito o ribeirão de São Jerônimo, que vem das campinas do mesmo nome. Aqui foi preciso descarregar a canoa.

19 – Passamos umas corredeirinhas e meia légua para baixo da enseada chegamos à frente de outra itopava forte: mato bom de palmital e muitas laranjeiras silvestres.

20, 21 e 22 – Examinamos a cachoeira: era uma continuação de corredeiras, que se estenderam para mais de meia légua, e em consequência foi necessário passar a canoa descarregada.

23 – Acabamos de conduzir as cargas e ao meio dia seguimos viagem; logo para baixo começou uma serie de corredeiras, que continuaram com pouca interrupção.

24 – Tocando em terra demos com três ranchos de índios, abandonados (com toda a aparência) havia um ano; e fizemos pouso em uma ilha grande com corredeira forte: o rio serpeava por vargedos de palmital.

25 e 26 – Embarcamos logo abaixo da corredeira uma légua, saímos em uma enseada com três ilhas e abaixo destas as itopavas e baixios eram emendados uns aos outros: tem ali muitos barreiros, e havia vestígios de muita caça: no dia 26 chegando a uma itoupava forte fizemos pouso.

27 e 28 – Falhamos por causa do mau tempo.

29 – Seguimos viagem, passamos algumas corredeiras e as margens do rio eram bordadas com mato de palmital e laranjeiras silvestres. Pouco mais de uma légua do pouso chegamos a uma pequena e romântica ilha com um barreiro na ponta superior, onde afluía um bando imenso de pássaros e aí pousamos: do lugar onde nós embarcamos até esta ilha (que chamamos ilha dos Pássaros) terá nove ou dez léguas e é de muito difícil navegação.

30 – Saímos da ilha dos Pássaros, o rio serpeava mansamente por vargedos de palmital.

Julho de 1847

1º de Julho – Seis léguas para baixo da ilha passamos três corredeiras: logo adiante da segunda entra pelo lado direito o ribeirão das Congonhas e menos de meia légua para baixo deste começam os baixios das Sete Ilhas que continuam até à ilha das Araras quase uma légua; mas estes baixios pouco estorvam a navegação.

2 – Passamos as ilhas de São Francisco Xavier, que conhecíamos da viagem de 1845 e às quatro horas da tarde do mesmo dia saímos no rio Paranapanema e fizemos pouso na ilha dos Índios Fugitivos defronte da barra. Daqui nos haviam fugido dois índios na viagem exploradora em 1845²²⁹.

O rio Tibagi, desde a campina do Inhohõ até a ilha dos Pássaros, não é próprio para navegação; daí para baixo é bom; as suas margens são bordadas de matos adequados para qualquer cultura; abundam em caça, peixe e frutas silvestres: calculei a distância do porto do Inhohõ até à foz do ribeirão das Congonhas no Tibagi em quinze léguas por causa das muitas voltas e dali mais cinco até a junção deste sinuoso rio com o Paranapanema: seu rumo geral é N. ¼ N. O.

3 e 4 – Por causa do mau tempo falhamos na ilha dos Fugitivos, que fica defronte da junção destes dois caudalosos rios, dos quais é acometida nos seus transbordamentos.

5 – Saímos da ilha dos Fugitivos, passando algumas pequenas corredeiras, que apenas merecem o nome; cinco léguas para baixo chegamos à cachoeirinha da Capivara, onde fizemos pouso: esta cachoeira é repartida por uma ilha e forma dois canais, dos quais o do lado esquerdo é melhor, sem que o outro seja perigoso.

²²⁹ Ver informações sobre esta fuga na descrição das atividades do dia 14 de setembro da expedição de 1845, neste mesmo itinerário, *infra* [n.d.e].

6 e 7 – Saímos da cachoeira da Capivara; o rio voltava mansa e majestosamente por vargedos de mato bom. Muito cedo no dia 7 passamos a cachoeira das Laranjeiras, que fica quatro léguas abaixo da Capivara; o canal do lado direito é forte, o do lado esquerdo é baixio espraído, que oferece boa passagem. Depois passamos as ilhas dos Jatibás de onde começam baixios até perto do rio Pirapó; mas estes baixios são de nenhuma importância: este rio entra no Paranapanema pelo lado esquerdo, doze ou treze léguas distante da foz do Tibagi (ali houve em outro tempo a redução de Nossa Senhora do Loreto que foi abandonada em 1631): na barra terá quatorze braças de largura: pousamos logo para baixo.

8 e 9 – Seguimos e o possante Paranapanema serpeava por vargedos de mato bom. No dia 9, a seis léguas para baixo do Pirapó, passamos uma corredeira de pouca monta.

10 – A aparição de gaivotas, colhereiros e outros pássaros aquáticos, nos anunciou a aproximação do Paraná: daqui os matos são de uma qualidade inferior, acha-se o palmito bacuri e começam a aparecer as anhumas e mutuns.

11 – Antes do meio dia saímos no Paraná, e subindo um pouco pousamos na ponta superior da ilha da Meia Lua²³⁰.

O Paranapanema desde a barra do Tibagi é de muito fácil navegação, tendo fracas corredeiras e estas de pouca importância: calculei a distância desde a foz do sobredito rio até o Paraná em vinte e quatro léguas: o seu rumo geral é O. $\frac{1}{4}$ S. O. Não sabendo se o rio que vinha dos campos de Xerez ou Vacaria²³¹ desaguava no Paraná para cima ou para baixo do Paranapanema, determinamos subir o Paraná, e, não encontrando rio algum considerável até o Rio Pardo, ficávamos desenganados por este lado, e convencidos de que o rio que procurávamos existia para baixo da sobredita barra do Paranapanema.

12 – Saímos da ilha da Meia Lua: o Paraná aqui é semeado de ilhas pitorescas e tem perto de uma légua de largura; a margem oriental é enfeitada por alguns espigões, na ocidental são vargedos monótonos. Cinco léguas acima da ilha da Meia Lua entra pelo lado direito um ribeirão considerável trazendo água cor de café; daqui para cima o rio tem poucas ilhas, é muito mais estreito e os matos baixos de cor cinzenta, muito inferiores às escuras e majestosas florestas que bordam as margens do Paranapanema, Tibagi e Ivaí.

16 – Passamos outro ribeirão menor, que entra pelo mesmo lado com água da mesma cor. Vinte e duas léguas pouco mais ou menos para cima da barra do Paranapanema chegamos à foz de um rio considerável, sem saber que rio era; porém, no dia 19, uma légua acima, topamos com os arranchamentos e pouso das mansões de Porto Feliz²³² e Cuiabá, então conhecemos ser o Rio Pardo e em consequência voltamos.

26 – Chegamos em frente da ilha da Meia Lua, de onde tínhamos tomado aquela direção; e no dia seguinte, duas léguas para baixo, encontramos com a barra de um rio, que tinha dezesseis ou dezoito braças de largura; e, supondo que este era o rio Samambaia, fizemos pouso sobre a barra.

²³⁰ Ver aquarela n. 14 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

²³¹ João Henrique Elliott está se referindo ao rio Ivinheima, que tem sua barra no rio Paraná, pouco abaixo da confluência deste com o rio Paranapanema [n.d.e].

²³² Além do Porto Feliz ou Porto de Ararituava, já mencionado anteriormente, e localizado sob as margens do rio Tietê, a barra do rio Pardo com o rio Paraná também era conhecida pelo nome de Porto Feliz [n.d.e].

28 – Entramos por este rio que meia légua acima da barra faz rumo a N.E., acompanhando o Paraná em marcha oposta, correndo por vargedos e formando diversas baías: nestes lugares admira-se o grande número de pássaros aquáticos. Este rio pelo lado direito é bordado em algumas partes de mato carrascal e pelo lado esquerdo há unicamente brejos cobertos com capim-guaçu que acompanham também o Paraná.

29 – Matamos um tigre que nos ia seguindo pela margem do rio; era fêmea e tinha três pequenos no ventre inteiramente perfeitos e já pintados: menciono esta circunstância porque parece-me que raríssimas são as vezes que elas têm mais do que duas crias de parto. Oito ou dez léguas acima da barra começa a aparecer muitos palmitos buriti; logo adiante o rio pendendo para N.O. afasta-se do Paraná e a aparição de muitos cervos assegurava-nos que o campo não estava longe: daqui para cima ficava cada vez mais estreito e mais tortuoso o rio e a corrente mais rápida.

Agosto de 1847

4 de agosto – Saímos em grandes campos, parte limpos e parte cobertos com árvores pequenas de casca grossa, como cabriúva, barbatimão, etc. Subimos até onde era navegável e dali saindo campo afora procurávamos o trilho (que nos constava haver) da capela de Santa Ana, nas vizinhanças do rio Paranaíba para os campos da Vacaria.

7 – Demos com um arranchamento de índios sobre um pequeno arroio no meio do campo: os ranchos eram baixos, do feitio de uma tolda de carreta, arranjados em semicírculo e abandonados havia três ou quatro meses. Caminhamos sempre pelo campo até chegar a um capão de mato situado sobre o rio, entramos nele para procurar mel, que pouco achamos, e ali fizemos o pouso e falhamos um dia no qual vimos fogos a rumo O. S. O., e supondo serem dos moradores da Vacaria determinamos seguir aquele rumo.

9 – Saímos do capão por campos cobertos e arenosos com muitos formigueiros; vimos alguns veados e avestruzes muito espantadiças, às quais não foi possível chegar em distância de tiro: passamos estes dias comendo cabeças de macumã, que é uma qualidade de palmito pequeno que há por aqueles campos: encontramos muitos vestígios de índios.

13 – Saímos em um trilho muito batido e a O. S. O. vimos levantar fumaça na distância de uma légua. Seguimos o trilho, e passando um pequeno córrego, demos de súbito com eles dentro de uns ranchos perto de uma restinga de mato. “Adeus, camaradas” (disse o Sr. Lopes). Isto foi bastante para pôr tudo em confusão e dando gritos de terror correram todos e as índias com os filhinhos nos braços faziam diligência de se evadir para o mato vizinho. Quais magros galgos, a quem a fome havia tirado as forças, partimos, contudo, no momento, e o Sr. Lopes conseguiu alcançar e segurar uma china que levava um pequeno no braço e nós apanhamos mais três piás, que também fugiam para se escapar. A pobre índia, pensando que de certo a morte ou o cativo a aguardava, ficou em um estado de aflição que é difícil descrever: balbuciava com dificuldade algumas palavras, que infelizmente nós não entendíamos, e assim a fomos conduzindo para os seus ranchos, onde lhe demos a entender por acenos que não queríamos fazer-lhe mal. Deu-se lhe alguns lenços, um mosquiteiro, e outras bagatelas, com que se mostrou apaziguada, e a deixamos em paz com seus pequenos filhos, que podíamos tomar conforme o uso e costume dos sertanistas se não fora nossas convicções, e o cumprimento das terminantes ordens do Sr. Barão, que sempre nos recomenda toda a brandura com esta gente a fim de pôr em prática seu plano de catequese, o que já em parte tem conseguido.

14 – Tendo nós entrado num capão para procurar mel, fomos alcançados por uma porção de índios da mesma tribo da china aprisionada: eles não traziam armas de qualidade alguma,

eram coroados²³³, trigueiros²³⁴ e inteiramente nus, e alguns tinham a cara pintada da boca para cima com tinta vermelha e outros com tinta preta. Esta visita nos pôs em sérios embarços, porém por seus modos e gestos coligimos que o bom trato e presentes que se dera à índia os induzira a procurar-nos para obterem algumas coisa mais. Pediam por acenos os nossos machado e facões, admirando armas de fogo das quais inteiramente ignoravam o uso.

Presenteamos estes infelizes brasileiros com ferramentas, roupas, barretes e missangas, acautelando somente as armas de fogo para no caso de qualquer tentativa hostil, e assim nos despedimos: porém, nossos presentes não tinham satisfeito sua cobiça e alguns nos foram acompanhando, até que um camarada, tendo a imprudência de ficar um pouco atrás, foi-lhe a clavina²³⁵ arrebatada por um índio, que deu às gambias com toda a velocidade²³⁶, não tanto quanto voaria uma das nossas balas, se as quiséssemos empregar, segundo o costume dos bandeiristas; mas o que fizemos foi dar muitas gargalhadas, e apupar²³⁷ o camarada, que ficou bem descontente com a falta da escopeta que o Sr. Barão lhe tinha dado para a viagem. Continuamos nossa marcha com algum receio que nos viessem outra vez alcançar, visto que tinham conhecido nosso pequeno número, e por isso fizemos rumo a N. O. Caminhamos sempre por campo em parte limpo, em parte coberto, e neste dia tivemos a fortuna de matar um veado: este recurso chegou em tempo muito oportuno tanto para nós como para os nossos cães, que se tinham sustentado nos últimos doze dias unicamente com água, visto que não comiam o macumã de que já falei.

19 – Seis léguas distante do lugar aonde nos tinham alcançado os índios saímos em um trilho, que seguia a rumo de Oeste, passando sempre pelo coxilhão que reparte as águas do Anhanduí e as do rio São Bento que faz barra no Ivinheima pouco a cima de sua foz. Os campos eram quase sempre cobertos, mas melhoravam em qualidade quanto mais se avançava para o Oeste.

23 – Vimos os vestígios de dois cavaleiros e supusemos que fossem moradores em um campo limpo que ficava ao sul do trilho.

24 – Passando uma pequena restinga de mato, saímos em terreno inteiramente diligente: campos dilatados e limpos de chão roxo e enfeitados com capões; tinham muita semelhança com os campos de Guarapuava.

25 – Dezoito léguas do lugar onde tínhamos saído no trilho e dezenove dias de jornada depois que largamos a canoa, chegamos à fazenda do Sr. Francisco Gonçalves Barbosa²³⁸, onde fomos recebidos com a mais franca hospitalidade.

26 – Seguimos para a fazenda do Sr. Antonio Gonçalves Barbosa, três léguas distante da precedente, passando o rio da Vacaria, que aqui corre a S. E., por campo, e terá dezoito braças de largura: duas léguas adiante do dito rio chegamos à sobredita fazenda, onde fomos recebidos com urbanidade e tratados com todo o desvelo pelo digno proprietário, que se condeou do nosso estado de fraqueza. Como tínhamos levado por cautela um ofício de recomendação do

²³³ Pela localização da expedição, provavelmente, tratava-se de ranchos Ofaiés ou Otis, na época também chamados de forma genérica de “Coroados” ou “Chavantes” (Xavantes) [n.d.e].

²³⁴ Trigueiro: pessoa cor de trigo [n.d.e].

²³⁵ Clavina: carabina; armamento [n.d.e].

²³⁶ Dar “às gambias com toda a velocidade” significa fugir, correr [n.d.e].

²³⁷ Apupar: zombar [n.d.e].

²³⁸ Francisco Gonçalves Barbosa era irmão de Antônio e Inácio Gonçalves Barbosa. Os três irmãos, no início da década de 1840, compraram de Gabriel Francisco Lopes e José Francisco Lopes, irmãos de Joaquim Francisco Lopes, imensas terras que eles haviam tomado posse entre os rios Vacaria e Brilhante (ALMEIDA, Mario Monteiro de, *op. cit.*, 1951, p. 454) [n.d.e].

Sr. Barão de Antonina para o Sr. major João José Gomes, comandante-geral do Baixo-Paraguai, demoramo-nos somente o tempo necessário de aprontar animais para a viagem, dos quais francamente fomos supridos com generosidade pelo dito Sr. Barbosa, a quem seremos sempre reconhecidos por estes e outros favores que nos prodigalizou.

O Sr. Barbosa é morador aqui há seis anos: foi o primeiro povoador depois da retirada dos Espanhóis que antigamente habitavam uma cidade que se denominava Xerez e mais reduções, como fossem Santo Inácio, Vila Rica e outras, das quais se tem achado fracos vestígios em alguns lugares, sem, contudo se poder verificar onde foi a tal cidade, o que de ora em diante será provável, pois que o Sr. Barão já está tratando disso, e mesmo pela afluência de moradores que irão residir e povoar aqueles bonitos campos. Quando os Srs. Barbosa entraram neles, encontraram mais de duzentas cabeças de gado *vacum bravio*, desse que deixaram os espanhóis no ano de 1648 quando abandonaram tais lugares. Desta fazenda segue uma estrada até à morada do Sr. Gabriel Lopes²³⁹, que é genro do Sr. Antonio Barbosa, situada para baixo da serra de Maracajú sobre o rio Apa, não longe do forte arruinado de São José²⁴⁰, onde os paraguaios ainda têm de vez em quando um destacamento por causa das invasões dos Guaycurus, que por muitas vezes têm talado aquele território e cometido barbaridades a que são propensos. Deixamos dois camaradas aqui aprontando uma canoa para em nossa volta descer pelo rio Vacaria, que desde logo supusemos ser um braço do Ivinheima ou Três Barras.

30 – O Sr. Lopes, eu e um camarada bem montados, seguimos para o forte de Miranda. Todo o terreno desde aqui até a serra de Maracajú, na distância de vinte e quatro léguas, é uma continuada planície de campo limpo e poucos capões de mato; tem quantidade imensa de veados e avestruzes, mas por ora poucos moradores. Descendo a serra, que é por um declive quase imperceptível, tudo se muda: o clima é muito mais cálido, os campos cobertos, chão arenoso e pouca água, mas excelente pastagem por toda a parte. Nove ou dez léguas adiante chegamos à fazenda da Forquilha, situada perto da confluência dos rios Anhuac²⁴¹ e Mondego²⁴², pertencente ao Sr. major João José Gomes. Aqui soubemos que o dito Sr. estava em Albuquerque e, não tendo notícias de quando voltaria, vimos que era necessário procurá-lo lá mesmo, para entregar-lhe o ofício do Sr. Barão. Saímos daqui, passando sempre por campos cobertos, com algumas fazendas de criar. A estrada acompanha o rio Mondego retirada dele uma a duas léguas pouco mais ou menos.

Setembro, outubro e novembro de 1847

6 de setembro – Chegamos à Miranda. O forte é cercado por uma estacada já bastante deteriorada, tem uma pequena guarnição de tropa regular e muitas casas na povoação estão deixadas; parece que este lugar está em decadência. Aqui achamos uma canoa pronta a partir para Albuquerque, a qual nos foi franqueada pelo Sr. tenente Bueno²⁴³, mui digno comandante do Presídio, que nos prestou todo o agasalho e hospitalidade; mas como tivesse de ir animais até a fazenda de São João da Barra (pertencente ao Sr. major), situada sobre o rio Mondego, e distante sete léguas de Miranda, determinamos ir por terra até à dita fazenda e ali esperar a canoa.

²³⁹ Gabriel Francisco Lopes era um dos cinco irmãos de Joaquim Francisco Lopes. Para mais informações a respeito dos Lopes ver ALMEIDA, Mario Monteiro de, *op. cit.*, 1951, cap. 16 [n.d.e].

²⁴⁰ Forte espanhol erguido pelo capitão espanhol Juan Caballero no início do século XIX na margem direita do rio Apa [n.d.e].

²⁴¹ Atual rio Nioaque [n.d.e].

²⁴² Atual rio Miranda [n.d.e].

²⁴³ Trata-se, provavelmente, do futuro major Francisco Bueno da Silva, encarregado da construção do varadouro entre o rio Brilhante e Nioaque no início da década de 1850 e posteriormente comandante da Colônia Militar de Miranda na década de 1860 [n.d.e].

7 – Duas léguas abaixo de Miranda atravessamos o Mondego, que terá dezoito a vinte braças de largura. Dali atravessando campos cobertos e uma restinga de mato de duas léguas, saímos nos campos da fazenda de São João da Barra: estes campos em parte firmes, em parte sujeitos às inundações do [rio] Paraguai, são enfeitados com palmito de carandá e têm abundante pastaria. Chegamos à fazenda onde esperamos a canoa.

9 – Embarcamos. O rio Mondego muito sinuoso serpeava mansamente por campos desertos.

11, 12 – Passamos o Rio Negro ou Aquidauana, que é do mesmo tamanho do Mondego; logo para baixo entra também pelo lado direito o pequeno rio Negrinho, e no dia 12 saímos no rio Paraguai, que aqui terá trezentas braças de largura e corre ao S. O. No lado ocidental tem umas altas serras cobertas de mato, sobre as quais, uma légua distante da barra do Mondego e meia dita retirada do Paraguai, está aprazivelmente situada a povoação de Albuquerque. Neste dia mesmo chegamos, e achando ali o Sr. major João José Gomes, comandante-geral do Baixo-Paraguai, fomos recebidos por ele com toda aquela franqueza e urbanidade que o caracteriza, pois na verdade é um militar que merece todos os elogios: ele mostrou-se muito satisfeito com a nossa aparição e notícias que lhe demos, e com o recebimento do ofício de que éramos portadores.

Da fazenda do Sr. Antonio Gonçalves Barbosa até o forte de Miranda calculei em quarenta e quatro léguas: o terreno é plano, podendo transitar carros por todo ele, não excetuando a serra de Maracajú. De Miranda à Albuquerque, descendo pelo rio Mondego, há trinta e seis a quarenta léguas. Durante a nossa demora em Albuquerque chegaram uns vinte índios da tribo *Cadiãu*, pertencentes à família *Guaycurú*, e entre eles quatro mulheres de uma figura e fisionomia horrenda: vinham montados em pelo em soberbos cavalos e traziam maior número soltos; seu vestuário era um chiripá²⁴⁴; traziam os cabelos compridos amarrados para traz, e as caras pintadas com tinta de urucum e jenipapo: suas armas eram lanças compridas, e espadas a tiracolo: pela maior parte eram altos, magros e tinham um olhar arrogante e desdenhoso, afetando certo ar de superioridade. Um índio velho montado em um lindo cavalo baio, ao qual dirigia com toda a destreza e garbo, com chapéu de palha enfeitado com penas de avestruz, era seu chefe. Procurou o Sr. major, o qual fez vir um intérprete para saber o que o índio queria. Ele disse no seu idioma: “Eu sei que o Sr. comandante estava aqui em Albuquerque e como eu também sou comandante, venho visitá-lo”. “Onde está vossa gente?”, lhe perguntou o Sr. major. “Detrás da serra da Bodoquena”, respondeu o índio. “Então vem somente visitar-me”? “Venho também vender alguns cavalos para comprar aguardente: estamos para fazer uma grande festa logo que eu voltar daqui”. “Quem sabe” (tornou-lhe o Sr. major) “se vós tendes batido os Enimas”²⁴⁵. O índio respondeu: “Não”. Mas alguns que conhecem esta gente de perto disseram-me que quando eles faziam tais festas era por terem batido aos inimigos e lhes arrebatado alguma cavallhada. Estes índios habitam a campanha que se estende desde Mondego até o rio Apa e desde a serra de Maracajú até o rio Paraguai: têm pouca indústria, algumas vezes apuram pouco sal nas salinas sobre o rio Apa, mas a maior parte do tempo passam uma vida errante, vagando de lugar em lugar (sempre a cavalo) para onde a abundância de peixe e caça os convida. Fazem continuada guerra aos índios Enimas, que habitam o Grão-Chaco, e dirigem também suas correrias além do rio Apa, conforme acima fiz ver. Os campos que eles dominam são muito extensos e próprios para fazendas de criar; mas como formar estabelecimentos nestes belos lugares onde o feroz Guaycurú anda de rédea solta, quais filhos de Agar, que têm todos por inimigos, e são inimigos de todos²⁴⁶?

²⁴⁴ Pano de diversos tecidos que atam na cintura [n.d.a].

²⁴⁵ Índios que habitam o Grão-Chaco além do rio Paraguai [n.d.a].

²⁴⁶ Ver aquarela n. 9 do álbum *Desenbos e plantas de parte das provincias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

15 – Fui visitar a aldeia dos *Guanás*, sanada a pouca distância de Albuquerque²⁴⁷; esta se compõe da grande família dos *Chanés*, dividida em várias tribos, sendo das mais notáveis a *Guaná* propriamente dita, os *Quiniquinaos*, os *Terenas* e os *Layanas*. Estes índios são industriosos, tecem panos de algodão de várias qualidades e padrões, e aplicam-se à agricultura. São (geralmente falando) alvos, bem feitos e muito tratáveis; a sua fisionomia aproxima-se da raça caucásica, muito diferente dos *Guaycurus*, *Xamococas* e outros, que têm mais semelhança com a mongólica. A água aqui em tempo de seca é longe, e várias vezes encontrei com jovens índias conduzindo cântaros, alguns de formas extravagantes e ornados com uma espécie de baixo relevo, vestidas unicamente com suas julas²⁴⁸, que sempre deixam parte do seio descoberto: seus compridos cabelos (pretos como ébano), arranjados com gosto e ornados com flores e outros enfeites, me fez recordar os tempos clássicos da antiga Grécia. Imaginei por um momento que estava na ilha de Chipre, encontrando as ninfas de Vênus quando iam buscar água às fontes da Idália. Tudo aqui respira languidez e a voluptuosidade do clima: o mesmo rio Paraguai parece que participa de tais sentimentos, rolando lentamente suas águas pacíficas por entre meio de campos cobertos de uma eterna verdura. A povoação de Albuquerque está situada no mato que serve de divisa deste Império com a província de Chiquitos, pertencente à República de Bolívia. Os *Guaycurus* antigamente atravessavam este mato, gastando cinco dias por terreno que não tem uma gota de água: quem me deu esta notícia foi um índio muito velho, que acompanhou-os em tais correrias. Constou-me que os Bolivianos têm querido atacar a povoação de Albuquerque por este lado, mas até agora têm sido impedidos talvez por estas serras e matos sem água; porém apesar disso não é prudência facilitar, e haver uma invasão e a dispersão dos índios que pacificamente estão ali vivendo debaixo da proteção do governo.

Tendo o Sr. major de enviar umas pessoas por terra até ao forte de Miranda, aproveitamos esta ocasião de acompanhá-las.

20 – Saímos de Albuquerque, passando ao rio Paraguai logo abaixo da baía dos Guanás, e entramos nos pantanais. Estes campos, até o forte de Miranda (na distância de vinte e quatro léguas), são um continuado vargado, em parte limpo, em parte com árvores de caráiba e carandá, e sujeitos às inundações do rio Paraguai; por isso só se transitam no tempo seco: no dia 26 chegamos a Miranda. Falhamos dois dias, e aproveitei este tempo para visitar algumas aldeias dos índios²⁴⁹, que pertencem pela maior parte a família dos *Guanás*. Os *Quiniquinaos* estão aldeados perto do forte e os *Terenos*, que são mais numerosos, estão aldeados na *Ypega*²⁵⁰, duas léguas distante. Os *Layanas* vivem como agregados ou camaradas nas fazendas vizinhas; e além destes há alguns *Guaycurus* e *Guachins*. Os *Terenas* eram mais numerosos, porém a ausência do Sr. major João José Gomes, que era seu principal benfeitor, fez com que muitos emigrassem

²⁴⁷ Na época da visita de João Henrique Elliott, funcionavam dois aldeamentos oficiais no distrito de Albuquerque, no Baixo Paraguai: o chamado aldeamento dos Guanás e o aldeamento de Nossa Senhora do Bom Conselho. Esses aldeamentos eram compostos por grupos quiniquinaos e guanás. É difícil saber ao certo quando foram criados. No entanto, desde o início do século XIX, o Estado já havia enviado capuchinhos para a região, como por exemplo o frei José de Macerata. Sobre a atuação desse capuchinho entre os indígenas da região do Baixo-Paraguai ver MESQUITA, José de. “O Taumaturgo do Sertão: frei José Maria de Macerata”. *Leituras católicas*. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1931 [1928]. n. 2-3 [n.d.e].

²⁴⁸ Uma espécie de lençol [n.d.a].

²⁴⁹ De fato, no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT), em Cuiabá, existe farta documentação que corrobora o retrato apresentado por Elliott de que em torno da vila de Miranda existiam inúmeras “aldeias de índios”. Por exemplo, no *Relatório do estado da Catequese e Civilização dos índios de Mato Grosso*, redigido por João Batista Ribeiro, Diretor-Geral dos Índios da Província de Mato Grosso, em 01/05/1863, é informado que a chamada Aldeia Normal de Miranda teria sido criada em 30/04/1860, tendo ficado sob a direção do frei Mariano de Bagnaia. Segundo o Diretor-Geral dos Índios, a Aldeia Normal de Miranda estava composta de “diversas tribos”, contando com mais de dois mil e quinhentos habitantes (RIBEIRO, João Batista, 02/05/1863, *Relatório do estado da Catequese e Civilização dos índios de Mato Grosso*, Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, Manuscrito inédito). Embora a Aldeia Normal de Miranda se oficialize apenas em 1860, pelo menos desde o início do século XIX o governo vinha tentando estabelecer relações mais ou menos estáveis com os diferentes grupos da região [n.d.e].

²⁵⁰ Ipegue [n.d.e].

e é provável que agora voltem a reunir-se, o que é de interesse vital para aumentar a população desta bela província. No dia 29 saímos de Miranda e no dia 5 de outubro chegamos à fazenda do Sr. Antonio Gonçalves Barbosa nos campos da Vacaria.

Pronto tudo quanto era necessário para nossa volta, no dia 18 o Sr. Lopes, eu e dois camaradas embarcamos no rio da Vacaria perto da fazenda do Sr. Francisco Gonçalves Barbosa: no mesmo dia o dito Sr. com mais quatro pessoas seguiram para embarcar no rio Samambaia, onde tínhamos deixado a canoa, ficando destinada a barra deste rio no Paraná para nossa reunião. O rio da Vacaria terá dezoito braças de largura neste lugar, e corre por campos e matos até a distância de seis ou oito léguas do lugar onde embarcamos; dali começa por brejos cobertos de capim-guaçú. No dia 20 (dezesseis léguas abaixo do nosso porto) saímos no rio Brillhante (ou Ivinheima propriamente dito), que é três vezes maior do que o da Vacaria, e depois de unidos tem mais de sessenta braças de largura. Este rio serpeia majestosamente por grandes vargens, em parte firmes, em parte brejais: os matos poucos e baixos, retirados do rio meia légua mais ou menos.

No dia 23, oito léguas abaixo da barra do Vacaria com o Ivinheima, encontramos muitos vestígios de índios na margem direita: neste mesmo dia, dobrando uma volta, os avistamos de repente, lavando-se no rio: seriam cinquenta, e correram para o mato da barranca, ficando alguns mais corajosos por verem somente uma canoa com quatro pessoas dentro. Confiados na fortuna que nos tem seguido passo a passo em todas estas explorações, nos aproximamos à praia, e saltando em terra os abraçamos e os brindamos com mantimentos, muitos anzóis, facas e alguma roupa que trazíamos de resto. Eram *Caiuás* da mesma família daqueles que encontramos nas margens do rio Ivaí em 1845²⁵¹ (o que consta do *Itinerário* dessa viagem, que se acha impresso na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*); tinham o lábio inferior furado e traziam dentro do orifício um batoque de rezina, que à primeira vista parecia alambre; cobriam as partes que o pudor manda esconder com pano de algodão grosso; os cabelos eram compridos e amarrados para trás; tinham arcos e flechas; as farpas eram de pau, e também possuíam cães. Suponho que eles têm relações com a gente do Estado do Paraguai, porque tendo eles no pescoço e nos braços alguns fios de missangas, e pegando eu nelas, responderam-me – “castelhano” – e apontaram para o rumo do S. O.: falei algumas palavras da língua guarani e entenderam-me perfeitamente; com eles estivemos perto de duas horas, e depois seguimos nossa viagem. Estes índios pareciam de boa índole, fáceis de reduzir e podem ser muito úteis aos navegantes: resta que o governo dê boas providências a respeito, para que os não hostilizem, matando uns, cativando outros e afugentando o resto. Quinze léguas para baixo da barra da Vacaria entra pelo lado esquerdo o rio de São Bento: terá doze ou quatorze braças de largura e logo adiante deste, no lado direito, tem uma baía, que talvez seja a lagoa Mônica, apesar de ser a situação e tamanho muito menor do que se acha descrita nos mapas²⁵². Meia légua para baixo desta baía o rio reparte-se em duas braços, dos quais o maior é o do lado direito: descemos pelo canal da esquerda e, depois de rolar cerca de uma légua, saímos no Paraná, que é semeado de ilhas e muito largo.

Subimos este rio três léguas e no dia 25 chegamos à barra do rio Samambaia, onde esperamos seis dias os nossos companheiros que desciam por ele. O rio Ivinheima (ou Três Barras) tem origem nas serras de Maracajú, nos campos de Xerez ou Vacaria, onde as suas vertentes

²⁵¹ Contrariamente ao que Elliott afirma neste ponto, no mencionado *Itinerário...* ao rio Ivaí no ano de 1845 (*infra*), ele menciona que havia julgado que os indígenas encontrados nos dias 19 e 20 de novembro de 1845 eram Botocudos e não Caiuás [n.d.e.].

²⁵² Não sabemos a quais mapas Elliott se refere. No entanto, no relatório que escreveu sobre a expedição realizada em 1857, *infra*, Elliott se refere aos trabalhos do padre Ayres de Casal que, em 1817, publicou o primeiro livro impresso no Brasil, *Corografia Brasileira ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia [n.d.e.].

principais são conhecidas pelos nomes de Vacaria, Brilhante, Santa Maria e Dourados, e fazem contra-vertentes com os rios Branco, Mondego, Anhuac e Aquidauana. Desde o lugar onde nós embarcamos até o Paraná, na distância de trinta e duas a trinta e quatro léguas, é navegável sem menor obstáculo, e, segundo as informações que os moradores me deram, podem subir canoas francamente pelo rio Santa Maria até um lugar, onde com cinco léguas de variação pelo campo passa-se para o rio Mondego, o que contudo é preciso examinar com individuação para bem marcar-se o varadouro. Este rio Ivinheima, largando os campos da Vacaria, corre quase sempre por vargedos cobertos do capim-guaçú e tem pouco mato forte: é abundante de peixe e caça, e o seu rumo geral é S. E. No dia 31 de outubro chegou o Sr. Francisco Gonçalves Barbosa e companheiros, e no dia seguinte subimos o Paraná e entramos no leito do Paranapanema, no dia 10 de novembro no Tibagi e no dia 11 chegamos à barra do ribeirão das Congonhas, que escolhemos para o porto do embarque do comércio da vila de Antonina com Cuiabá, tendo gasto dezoito dias de marcha desde os campos da Vacaria até ali. Em consequência de acharmos que este pequeno rio era o melhor lugar para fazer-se o mencionado porto do embarque, por causa do abrigo que prestará às canoas, a fim de não serem arrebatadas pelas enchentes do rio Tibagi, seguimos por terra a sair nas campinas de São Jerônimo, pertencentes ao Sr. Barão de Antonina. Este trajeto terá de mato dez léguas, e doze o outro sertão (incluindo as campinas) que atravessamos para sair nos campos da Fortaleza, gastando quarenta dias por causa de adoecerem dois camaradas que foi preciso esperar se restabelecessem; de maneira que a 27 de dezembro cheguei a fazenda do Perituva com seis meses e treze dias, desde que embarcamos: e tendo encontrado o Sr. Barão de Antonina na outra sua fazenda de Tucunduva, onde lhe apresentei o mapa e o itinerário desta viagem, ele me determinou que os tirasse a limpo para remeter; o que cumprí com custo por escrever fora do meu idioma inglês, mas a indulgência do Sr. Barão relevará as imperfeições do seu criado e piloto mapista.

João Henrique Elliott, Fazenda de Perituva, 18 de abril de 1848.

Roteiro comparativo das distâncias

	Léguas
Da vila de Antonina à vila de Castro por um novo trilho:	26
Da vila de Castro ao fim do campo da Fortaleza na entrada do sertão:	18
Dali às campinas de S. Jerônimo (mato):	10
Atravessando as ditas campinas e serrados:	2
Ao ribeirão das Congonhas, na confluência com o rio Tibagi (mato):	10
Descendo o dito rio até a junção com o rio Paranapanema:	3
Descendo este até a margem esquerda do grande Paraná:	24
Largura que se atravessa para a margem direita:	1
	96

N.B. Com esta distância estamos na província de Mato Grosso.

Costeando-o até a barra do rio Ivinheima:	6
---	---

Subindo este, o rio Brillhante, o rio dos Dourados e ultimamente o rio Santa Maria até o lugar onde se deverá fazer o porto do desembarque em campo e o varadouro para o rio Mondego (Miranda):	40
Do lugar do desembarque ao forte de Miranda, caminho de terra por campo - N.B. Também se pode ir embarcado:	46
Do forte de Miranda à povoação de Albuquerque caminho de terra por campo:	40
Da foz do rio Mondego no rio Paraguai até a cidade de Cuiabá:	146
	374

Pelo Roteiro do Dr. Francisco José Lacerda e Almeida, descrevendo a navegação da cidade de Cuiabá à cidade de Santos, se vê o seguinte²⁵³:

	Léguas
De Santos a São Paulo:	10
De São Paulo a Ararituaguava (Porto Feliz):	23
Descendo o rio Tietê até o rio Grande (Paraná):	152
Do rio Grande à foz do rio Pardo:	29
Subindo o rio Pardo até Camapuã:	75
Descendo pelo rio Camapuã:	17
Idem pelo rio Coxim:	40
Idem pelo rio Taquari:	90
Subindo pelo rio Paraguai:	39
Idem pelo rio São Lourenço:	25
Idem pelo rio Cuiabá até à cidade:	64
	564

N.B. O Dr. Lacerda dá neste trajeto cento e treze cachoeiras.

O roteiro supra de minhas novas descobertas vem a ser da vila de Antonina ao forte de Albuquerque:	228
Da foz do rio Mondego pouco acima do forte de Albuquerque até a cidade de Cuiabá:	146
	374

²⁵³ O Barão de Antonina está se referindo, aqui, ao Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, *Diário da viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas capitânicas do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyabá e São Paulo nos anos de 1780 e 1790*. São Paulo: Typografia de Costa Silveira, 1841 [n.d.e].

Ganha-se pelas novas descobertas: 190

N.B. O roteiro do Dr. Lacerda dá, na navegação de Porto Feliz, à cidade de Cuiabá, cachoeiras:	113
Na minha navegação há somente cachoeiras pequenas:	3

Ganha-se: 110

O roteiro do Dr. Lacerda dá de Santos à foz do rio Taquari no Paraguai:	436
Descendo este até o forte de Albuquerque:	19
Pelo roteiro de minhas novas descobertas se vê que da vila de Antonina ao mencionado forte de Albuquerque há:	228

Ganha-se: 227

Querendo ir ao Estado do Paraguai, o caminho é o seguinte: Da vila de Antonina ao desembarque no rio Santa Maria, como se vê descrito no roteiro supra:	142
Do mencionado desembarque ao Rego d'Água:	4
Dali à barra:	2
Da barra aos Mutuns:	2
Dos Mutuns abaixo da serra de Maracajú, nas vertentes do rio Paraguai:	3
Dali ao rio Apa, divisa de que o dito Estado se tem apossado contra a letra expressa da convenção de limites de 1777, segundo a explicação da mencionada convenção a que me reporto:	4
	157

Passando o rio Apa ao forte arrasado de São José:	6
Daquele forte ao de São Carlos:	6

N.B. Dali há um caminho por terra à cidade de Assunção, do qual eu poderia dar notícias se tivesse entrado a minha outra escolta pelos Estados de Corrientes e Paraguai, pois era o ponto marcado para se encontrarem.

Fazenda de Perituva, 18 de abril de 1848.
Barão de Antonina

**Itinerário de Joaquim Francisco Lopes
encarregado de explorar a melhor via de
comunicação entre a província de São Paulo
e a de Mato Grosso pelo Baixo-Paraguai**

por Joaquim Francisco Lopes

Breve apresentação da fonte

Conhecemos quatro edições anteriores ao presente itinerário de Joaquim Francisco Lopes. A primeira foi publicada na *RIHGB* em 1850²⁵⁴. A segunda, no *Diário do Rio de Janeiro* também em 1850²⁵⁵. Em 1918 na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense*, no mesmo volume da edição do “Resumo do itinerário de uma viagem exploradora ao rio Verde [...]”, de João Henrique Elliott²⁵⁶. No entanto, vale destacar que, nesta última publicação, os editores da revista atribuíram a autoria do texto ao irmão de Joaquim Francisco Lopes, chamado José Francisco Lopes, o famoso Guia Lopes do episódio da Retirada da Laguna narrado por A. Taunay²⁵⁷. Enfim, o presente texto também foi recentemente reeditado por Hidelbrando Campestrini²⁵⁸.

Não sabemos, através da leitura do relatório, se Elliott participou desta viagem. Embora não haja nenhuma menção a ele, nos parece provável que ele tenha participado.

Também encontramos, nas Atas da RIHGB, referente à sessão de 20 de julho de 1850, carta do Barão, data de 01/10/1849, doando o manuscrito deste roteiro.

Illmo. Sr.

O nosso consócio Sr. Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida é portador do Relatório que me apresentou o sertanista Joaquim Francisco Lopes, encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre esta e a província de Mato Grosso pelo Baixo-Paraguai. Pelo contexto deste manuscrito ficará o nosso Instituto ao fato de quanto ganhou a ciência geográfica. O estado de grave enfermidade em que me acho, não permite que eu entre em mais circunstanciadas considerações a este respeito.

Oxalá que o nosso Instituto ache nestes meus esforços alguma coisa que aproveitar para o seu propósito.

Deus Guarde a V. S., Fazenda da Perituva, 01/10/1849.

Ao Illmo. Sr. Dr. Manoel Ferreira Lagos. 1º secretário perpétuo do IHGB.

Barão de Antonina, sócio correspondente.

Esse texto é chave para entender o caminhar do empreendimento do Barão. O principal objetivo da viagem narrada neste relatório era estabelecer, depois de já haver determinado o ponto de partida do caminho, o traçado do varadouro entre o Rio Brillhante e o Rio Anhuac (Nioaque), isto é, um trecho terrestre do caminho que comunicava as bacias dos afluentes dos rios Paraná e Paraguai.

No texto, Lopes faz menção a algumas instruções do Barão de Antonina, datadas de 3 de agosto de 1848. Seriam instruções para guiá-lo nesta viagem. Embora não as tenhamos encontrado, a partir da leitura do texto, é possível inferir algumas delas, como por exemplo: procurar as ruínas da antiga missão jesuíta de Nossa Senhora de Loreto do Pirapó e também da cidade de Xerez, abandonada em 1648; localizar um caminho antigo da cabeceira do rio Iguatemi até a vila de Curuguaty no Paraguai; conversar com o cacique Libanio (e por isso mesmo eles levam um *linguará* do aldeamento de São João Batista do Rio Verde)²⁵⁹. É bem provável que o Barão de Antonina tenha solicitado que Lopes averiguasse sobre a vida dos indígenas, pois, no texto, ele faz uma descrição detalhada de sua cultura material.

²⁵⁴ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 13, p. 315-335, 1850.

²⁵⁵ *Diário do Rio de Janeiro*, ano XXIX, v. 8.450, 19/07/1850.

²⁵⁶ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense*, ano 2, v. 2, p. 67-86, 1918.

²⁵⁷ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 13, 1850.

²⁵⁸ CAMPESTRINI, Hildebrando, *op. cit.*, 2007.

²⁵⁹ De fato, ele relata o encontro com o cacique Libânio e menciona que o saudou em língua guarani, o que indica que pelo menos um pouco de guarani ele falava.

Portanto, outro ponto importante desta viagem era o de iniciar os contatos com os Kaiowá do Rio Brillhante, no sentido de convidá-los a que se estabelecessem do outro lado do Rio Paraná, no aldeamento recém-fundado de São Pedro de Alcântara. No dia 21 de maio de 1850, o Ministério do Império de Obras Públicas e Navegação Fluvial lançou instruções sobre a nova via de comunicação em São Paulo e Mato Grosso. No artigo 9º destas instruções, é possível perceber como o projeto do caminho entre São Paulo e Mato Grosso estava articulado com a questão indígena.

9º. Logo que for possível trataré de aldear os Índios Caiuás, procurando ficar parte deles em cada um dos portos, e o resto junto ao porto que eles têm no rio Brillhante, entre o rio dos Kágados e o Vacaria, a fim de que auxiliem as monções; e por cada casal distribuirá terras proporcionadas ao seu trabalho (Ministério do Império de Obras Públicas, 21/05/1850)²⁶⁰.

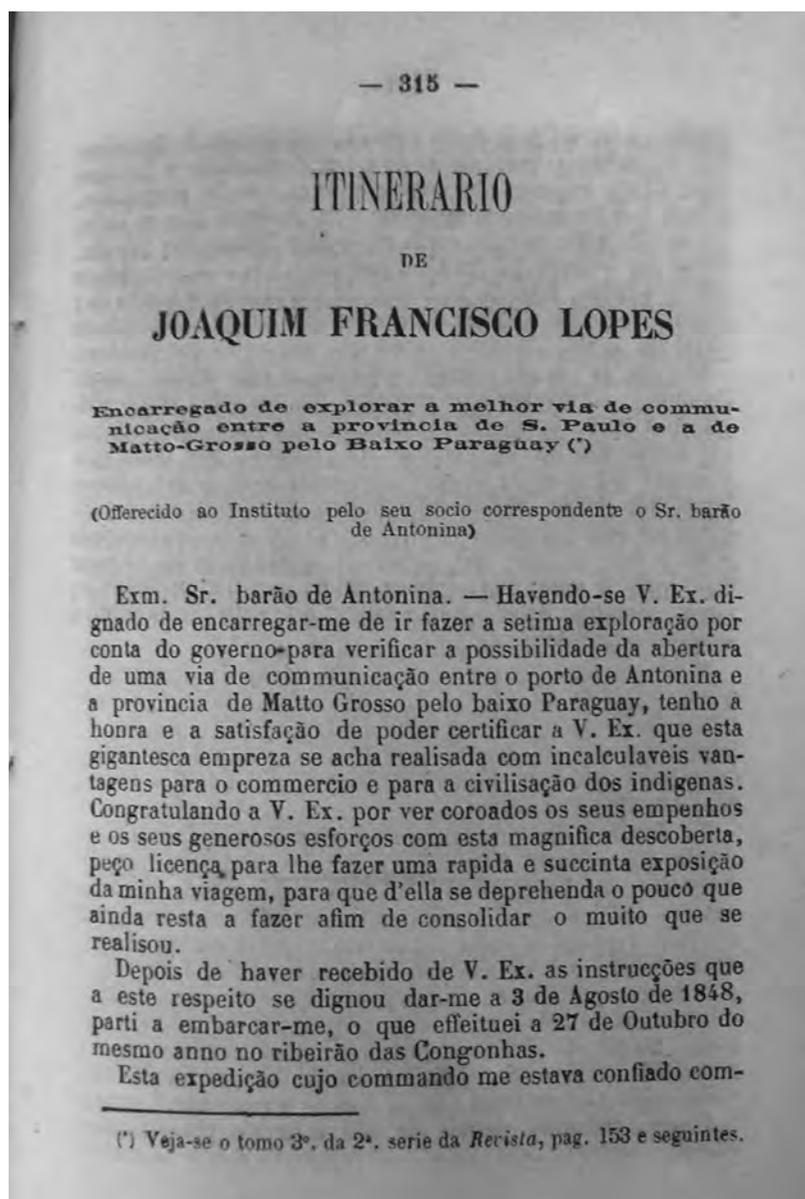


Imagem 9. Primeira página do Itinerário de Joaquim Francisco Lopes...
Fonte: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 13, 1850, p. 315.

²⁶⁰ As instruções completas estão no *Diário do Rio de Janeiro*, v. 8.417, 08/06/1850.

Exmo. Sr. Barão de Antonina.

Havendo-se V. Exa. dignado de encarregar-me de ir fazer a sétima exploração por conta do governo para verificar a possibilidade da abertura de uma via de comunicação entre o porto de Antonina e a província de Mato Grosso pelo Baixo-Paraguai, tenho a honra e a satisfação de poder certificar a V. Ex. que esta gigantesca empresa se acha realizada com incalculáveis vantagens para o comércio e para a civilização dos indígenas. Congratulando a V. Exa. por ver coroados os seus empenhos e os seus generosos esforços com esta magnífica descoberta, peço licença para lhe fazer uma rápida e sucinta exposição da minha viagem, para que dela se depreenda o pouco que ainda resta a fazer a fim de consolidar o muito que se realizou.

Depois de haver recebido de V. Exa., as instruções que a este respeito se dignou dar-me a 3 de agosto de 1848, parti a embarcar-me, o que efetuei a 27 de outubro do mesmo ano no ribeirão das Congonhas.

Esta expedição, cujo comando me estava confiado, compunha-se de nove pessoas e de um intérprete ou linguarú que havia ido do aldeamento de São João Batista²⁶¹. Acompanhavam-me Francisco Gonçalves Barbosa, Paulo Rodrigo Soares e José Maria de Miranda, moradores daquela província de Mato Grosso e que na minha antecedente exploração me haviam seguido por esta província, e mais o negociante Antonio Filippe com seus camaradas ou homens de comitiva, o que perfazia ao todo dezenove pessoas embarcadas em quatro canoas.

Debaixo de um céu benigno e ao aspecto de uma natureza magnífica e encantadora, começamos a nossa viagem, fazendo deslizar as canoas no remanso das águas do ribeirão das Congonhas até irmos dar ao rio Tibagi; e, depois de seguir este até a sua foz, saímos no Paranapanema, demorando-nos nesta viagem fluvial cerca de três dias, por estarem os rios um tanto esgotados, e ter-nos sido preciso abrir alguns canais, dos quais os mais baixos são os das Sete Ilhas e os baixios da ilha de São Francisco Xavier, onde existiu a antiga Redução deste nome, fundada pelos jesuítas e abandonada no ano de 1631.

Neste mesmo dia percebemos que além do Paranapanema, coisa de duas léguas, se estava lançando fogo, e que folhas esvoaçando vinham cair nas águas que abríamos e mostravam ser de taquaris e árvores, e não de campos. Conjeturo que este fogo fora lançado pelos índios selvagens da nação *Chavantes*²⁶².

No seguinte dia prosseguimos a viagem, passando felizmente por canais, travessões e baixios, até chegarmos à cachoeira das Laranjeiras; em cujo canal grande apenas passava toda a água, e por isso tivemos de descarregar as canoas, e passá-las com algum custo pelas ondas que as águas faziam por se acharem represadas neste lugar. Depois de transportadas as canoas para um lugar mais distante e havermos tornado a arrumar as respectivas cargas, fizemos pouso no mesmo lugar em que havíamos antecedentemente pernoitado com o Sr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro, onde então suportamos alguns dias de tempestade.

Poucos instantes depois de ali estarmos percorrendo aqueles lugares, uma pessoa da comitiva achou uma colossal panela de barro cozido, com dez palmos e meio de circunferência e sete

²⁶¹ Trata-se do aldeamento de São João Batista do Rio Verde, localizado na margem esquerda do rio Verde, nas vizinhanças da vila de Itapeva da Faxina, distrito da vila de Itapetininga. Esse aldeamento, como visto no *Itinerário* referente ao ano de 1845, *infra*, foi oficialmente criado no dia 21 de agosto de 1845 [n.d.e].

²⁶² Também conhecidos como Otis ou Ofaiés [n.d.e].

e meio de boca, bem trabalhada em roda ao que parece, por ser muito desempenada e regular no diâmetro: tinha apenas o fundo arruinado.

Ao amanhecer do imediato dia continuamos a viagem, passando uns rebojos²⁶³ de água, e passando pelos baixios de Pirapó, fui abarracar-me defronte à sua embocadura no Paranapanema, com a resolução de aí fazer estanciar as cargas, a fim de ir dar principio às explorações que me haviam sido recomendadas nas instruções de V. Exa.

Como eu teria de demorar-me, os companheiros de viagem Francisco Gonçalves Barbosa, Paulo Rodrigues Soares e José Maria de Miranda teimaram a prosseguir neste mesmo dia a sua viagem, mostrando-se bastante desejosos de chegarem às suas moradas, que ainda assim distavam daqui cinquenta e sete léguas no rio da Vacaria.

Desembarcado, foi meu primeiro cuidado procurar os vestígios de onde foi a Redução de Nossa Senhora do Loreto abandonada pelos jesuítas em 1631; e subindo pelo rio Pirapó, e encontrando com baixios e corredeiras, saltei em terra a examinar a propriedade do terreno e margens do rio, em que só achei matos firmes próprios para cultura, boas madeiras e abundância de frutas silvestres como laranjas azedas; sem verificar onde foi a tal Redução, o que só com o tempo e vagar se poderá descobrir; pois segundo algumas memórias deve estar situada neste rio, ½ légua acima da sua embocadura no Paranapanema.

Este rio Pirapó é correntoso e o seu leito é de pedra, tendo boas proporções para ponte e passagem à vau.

No dia 12 regressei com chuva e continuei minha viagem; e encontrando alguns baixios, cheguei a 16 ao rio Paraná, atravessei-o com vela aberta, entrando à direita na foz do rio Samambaia, que subi até fazer pouso no bracinho dos Cágados. Daqui continuei a examiná-lo até desaguar no Ivinheima, por onde fui subindo até o dia 22, em que deparei com uma pequena canoa amarrada em frente a uma ilha, onde estava um rancho e palhas de milho verde, pelo que julguei ser pouso de índios, que por ali andavam pescando, como indicavam os pescueiros e canoas que depois fui encontrando.

Chegando a um porto mais frequentado e onde eu na antecedente viagem havia encontrado muitos índios *Cayuz*²⁶⁴, de nação *Guarany*, saltei em terra com o linguará, levando algumas ferramentas e bijuterias. Pouco depois encontrei-me com o cacique Libânio²⁶⁵, que vinha acompanhado de mais quatro índios, aos quais cumprimentei em língua guarani e ofereci as ferramentas que levava. Em alegre recepção comemos alguma carne de paca assada, até que chegaram as canoas da minha comitiva, o que percebi pelo estrondo dos tiros; bem como chegaram muitos outros índios que por meu pedido o cacique havia mandado chamar para eu os presentear.

Compenetrado da eficácia de um bom tratamento prodigalizado a estes pacíficos filhos das florestas, eu me empenhei pôr por obra as salutares e constantes recomendações que V. Exa. nos tem feito, de empregar sempre o meio da persuasão e da brandura para com eles, por ser

²⁶³ Rebojo: redemoinho [n.d.e].

²⁶⁴ Lopes se refere ao encontro do dia 23/09/1847 relatado no *Itinerário* das expedições realizadas entre 1845 e 1847 (*infra*) [n.d.e.].

²⁶⁵ Para maiores dados sobre o cacique Libânio, ver CAVASO, Emilio da. Libanio Iguajurú: nobre figura indígena na história do Paraná. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, v. 38, p. 161-169, 1981 [n.d.e].

esse o único meio de os chamar à comunhão social. Aos abraços que com afeto lhes dava, eles me correspondiam com confiança, buscando beijar-me a mão, o que atribuí a costume herdado dos jesuítas, porque é muito provável fossem instruídos seus antecessores, até que a extinção daquela ordem e as violências que posteriormente contra eles se perpetraram os tornou a lançar nessa vida de uma abnegação, selvagem, de que urge ao governo de S. M. I. remi-los.

Por via do meu linguará me dirigi especialmente ao cacique Libânio. Este índio é de proporções atléticas, alto, reforçado e de uma fisionomia insinuante, respirando nas maneiras franqueza e magnanimidade, bem como em suas conversações muito tino e raciocínio. Pedi-lhe que mandasse formar a sua gente em cordão e que estendessem as mãos direitas, sobre as quais eu fui repartindo os presentes que V. Exa. lhes mandava, sendo muito para notar que eles, sem se atropelarem uns aos outros, e se mostrando a maior circunspeção agradeciam à sua moda, se mostravam muito contentes. Ao cacique coloquei eu na cabeça um barrete vermelho e cingi-lhe a tiracolo a caneta que serviu a V. Exa. quando comandante superior da Guarda Nacional, e com cujo presentes ele se mostrou muito satisfeito, a ponto de fazer com o corpo retirado algumas marchas de um para outro lado. Depois de se lhe acalmarem um pouco estas impressões, disse-lhe por via do linguará, que havia um grubixá²⁶⁶ que era tão protetor e amigo dos índios, que chamavam Pahy-Guassú, e que a gente da sua nação ele tinha aldeado e dado vestimentas, com que eles estavam satisfeitos e reunidos. Que era ele quem lhe mandava aqueles presentes, e que aquelas insígnias tinham sido de seu uso e que por isso as estimasse.

Pelas subseqüentes perguntas que lhe fui fazendo depreendi que este cacique, de cujas boas disposições e pela categoria que parece ocupar entre os mais caciques, do que é major, se podem colher grandes vantagens para à catequese; ele tinha vindo muito criança do lado do Paraguai, confundindo-se assim naquelas hordas, até que a sua valentia e prudência o elevou àquele posto. É casado e a sua mulher ele chamava em mau português mesclado de espanhol D. Maria Rosa do Rosário. Segundo as próprias informações por ele dadas compute em quatro mil índios os por ali aldeados. Há debaixo das suas ordens mais sete caciques, e ele me disse que a sua gente era tanto como terra, o que dizia tomando punhados de terra entre as mãos e atirando-a²⁶⁷.

Nisto veio a noite e nos dispusemos para pernoitar aqui. Uma rede de embira me foi oferecida para descansar; bem como era presenteado a cada passo por eles com milho assado, cará, tingas, etc. A noite passei-a aqui em claro pelas impressões que havia recebido, e mesmo por cautela, e ao amanhecer do dia 23 soube por intermédio do linguará com o cacique que Francisco Gonçalves Barbosa e seus companheiros haviam levado três índios de sua nação que se achavam pescando, e os levaram para ajudar a pescar na canoa, por cujo trabalho lhes dariam roupa e ferramenta, mostrando-me um tronco de árvore onde vi escrito o seguinte: “Sr. Lopes, daqui levo três índios, F. Barbosa”.

Nisto chegou o cacique acompanhado de outras muitas índias, que eu recebi com presentes, com o que elas se mostraram muito satisfeitas.

Caminhando depois disto para a aldeia, ficando aqui as índias. Pelo caminho, em distância de duas léguas encontrava famílias, que sabendo da minha chegada vinham apressadas satisfa-

²⁶⁶ Provavelmente a expressão grubixá usada por Lopes é equivalente a expressão guarani *mburivicha*, que significa chefe, cacique [n.d.e].

²⁶⁷ A partir do texto *A emigração dos Cayuáz* de João Henrique Elliott (*infra*), é possível saber que os caciques que estavam debaixo das ordens do cacique Libânio viviam nas “*matas de Iguatemi, Inbanduracai Tajabi e Curupaná*” (*infra*) [n.d.e.].

zer a sua curiosidade de ver gente estranha e receber presentes, que, com efeito, fui repartindo. Chegamos em fim ao aldeamento, impropriamente assim chamado, porque as casas acham-se disseminadas e como por bairros. Entramos em um rancho coberto de folhas de caeté, sendo outros cobertos de folhas de jerivá.

A aldeia é colocada entre as suas roças ou lavouras que abundam especialmente em milho, mandioca, abóboras, batatas, amendoins, jacatupé, carás, tingas, fumo, algodão, o que tudo é plantado em ordem; e toda época é própria para a sementeira, porque vi milho a nascer, a emborrachar e a colher-se. É, porém esta paragem falta de agua corrente, e servem-se das produzidas pelas cacimbas.

Incessantemente concorriam índios a visitar-me, aos quais eu presenteava; e, não obstante as distâncias, em menos de vinte e quatro horas afluíram mais de cinquenta arcos, não contando o mulhierio, os moços e crianças, que tudo orçava para mais de duzentas cabeças.

O vestuário e traje destes índios *Cayuz* é o mesmo que usavam e ainda usam os índios de São João Baptista no aldeamento do Rio Verde no município da Faxina. Armados de virotes, flechas e porretes, trazem em geral o beijo inferior furado, onde metem um botoque de resina, que pela sua cristalização imita o alambre. São todos de boa presença e bem talhadas proporções físicas. As mulheres ocupam-se em fiar algodão para os vestuários, torcem cordas de embira para o uso da pesca e cordas dos arcos; e de seus cabelos fazem umas tranças com que adornam a cintura de seus maridos ou irmãos, e o punho do braço onde bate a corda do arco; fazem também redes de embiruçu. As mulheres enfeitam-se de uns caramujos imitantes à misangas, e de ossos e de outras bijuterias, que elas lançam ao pescoço e a que dão muito apreço.

As informações mais que pude colher foram, que além do Ivinheima não havia hordas de Coroados; que os terrenos que habitam vão até o Iguatemi junto à serra de Maracajú; que tem daqui um caminho por terra que vai ao Paraná, ao qual se deve seguir sempre pela terra firme e boa, desviando os pântanos; pela margem do Ivinheima tem muitos capinzais, e que daqui em quatro dias se sai numa grande água, mas que encontrando por aí os índios Cavaleiros, de quem se temem e com quem têm guerra aberta, não têm ido lá mais vezes.

Estes índios não criam nem cães, nem galinhas; perguntado o motivo responderam que o latido daqueles e o canto do galo guiariam os inimigos para os atacar: criam bichos de pelo e aves silvestres.

Neste dia fiz que os homens de minha comitiva com os piás ou índios pequenos dançassem um sapateado à moda de Curitiba, que os índios muito apreciaram. Durante todo o tempo da minha estada entre estes bons índios não houve obséquio que à sua moda eles não prodigalizassem, e não foi sem muita emoção e com promessa de nos tornarmos a ver que deles me despedi, o que verifiquei no dia 27, havendo-lhe dado todos os presentes de que eu podia dispor, mesmo de minhas provisões e utensílios, como machados, enxós, goivas, etc., e não convinha expor-me a mais demora por não ter com que brindasse os que depois concorressem, pois sei quanto se ofende a sua susceptibilidade, quando não são tratados e brindados igualmente.

Caçando, pescando e melando²⁶⁸ prosseguimos a viagem até pousarmos no dia 28 à esquerda do rio onde chega o campo firme, no qual vimos perdizes; e a 19 chegamos à foz do rio Vacaria.

²⁶⁸ Chamam os sertanejos *melar* o ir ao mato colher mel [n.d.a].

Desde a margem do Paraná até a foz deste rio os matos são por vargedos e pântanos estragados pelos fogos, que por um e outro lado eles têm lançado.

No dia 20 subimos pelo Vacaria, e, estando a almoçar, percebemos à esquerda uns corvos que esvoaçaram. Curioso de ver o que era, para ali me dirigi, e um espetáculo de tremenda angústia se me antolhou; os cadáveres de meus companheiros Francisco Gonçalves Barbosa, Paulo Rodrigues Soares e José Maria de Miranda aí estavam mutilados e já em estado de putrefacção. O terror e a mágoa que senti em presença desta cena não a posso descrever. Alguma roupa de cama de pouca monta era o que aí se divisava junto aos cadáveres; todo o mais tinha sido roubado pelos três índios autores deste cruel assassinato, à exceção de quatorze sacas de sal, que tinham deitado para o fundo do rio.

Tomei as cabeças destes infelizes assassinados, e o resto de seus corpos sepultei colocando-lhes em cima uma cruz.

No 1º de dezembro seguimos pelo Vacaria que ia mui baixo. No dia 6 cheguei à casa do falecido Barbosa, a cuja desventurada viúva dei a fatal nova da morte de seu marido, que a deixou na consternação que se pode imaginar-se.

No dia 7 seguiram as canoas para o porto do Sr. Antonio Gonçalves Barbosa, e daqui fui para o Sr. Inácio Gonçalves Barbosa, que se esmerou em obsequiar-me; e depois disso parti em direção à Miranda, tendo alugado suficientes animais de montaria, em virtude das cartas de crédito que V. Exa. me deu, as quais muito me serviam para isso, e para compra de preciso munição que gastava com a minha escolta, conforme consta da conta por mim assinada, que com esta entrego nas mão de V. Exa.

Nisso entrou o presente ano de 1849. A 2 de janeiro continuei a viagem e a 3 encontrei dois índios, um de nação *Layana* e o outro *Terena*, que vinham de uma correria nas matas do Iguaçemi, nas margens do Paraná. O fim destas correrias é cativar outros, que sujeitam ou vendem como antigamente se praticava com os infelizes índios, dando-lhes o nome de administrados. Um destes índios com que entrei em conversação portuguesa me ministrou dados e informações que me pareceram exatas sobre o lugar da existência da antiga Redução de Santo Inácio da qual há ainda vestígios nas vizinhanças dos rios Amambahy-Guassú e Escopil²⁶⁹.

No dia 6 cheguei à Miranda e foi meu primeiro cuidado ir entregar as cartas e ofícios de V. Exa., bem como requerer ato de corpo de delito nas cabeças dos infelizes assassinados, depois do que tive-ram decente enterro com um acompanhamento o mais solene que era possível fazer-se em tal lugar.

A 12 voltei para o Vacaria: falhei a 13 na fazenda da Forquilha²⁷⁰; a 17 cheguei na fazenda do Taquarussú, e a 20 na Boa Vista²⁷¹, residência do Sr. [Antonio] Barbosa, aonde também chegaram a 21 os meus cargueiros e comitiva; sendo preciso demorar-me aqui em aprestos para ir suficientemente sortido, visto que ia fazer demoradas explorações em diversos pontos.

²⁶⁹ Atual rio Joguê [n.d.e.].

²⁷⁰ Como vimos no *Itinerário* das expedições realizadas entre 1845 e 1847 (*infra*), a fazenda da Forquilha, propriedade do comandante geral do distrito do Baixo-Paraguai, Major João José Gomes, estava localizada perto da confluência dos rios Nioaque e Miranda. Elliott a representa em diversos de seus mapas. Ver mapa 12, *infra* [n.d.e.].

²⁷¹ Segundo Mario Monteiro de Almeida, a fazenda de Taquarussú estava localizada pouco mais ao norte da fazenda Boa Vista, situada na confluência dos rios Brilhante e Vacaria. Segundo o mesmo autor, essas fazendas, localizadas no denominado Campo da Vacaria, teriam sido descobertas e apossadas por Gabriel Francisco Lopes, irmão de Joaquim Francisco Lopes e genro de Antonio Gonçalves Barbosa. Para mais informações a respeito das primeiras posses no Campo da Vacaria, ver ALMEIDA, Mario Monteiro de, *op. cit.*, 1951. p. 240-241 [n.d.e.].

No dia 12 de fevereiro parti da casa do Sr. Antonio Gonçalves Barbosa na diligência de explorar os rios que da serra de Maracajú vertem ao Paraná, e passando o rio Brillhante fiz por ele todas as indagações até as faldas da serra, e depois passei a fazer iguais exames no rio Santa Maria até a mencionada serra, pois é este que faz contra-vertente com o Mbotethehu, hoje conhecido como Mondego ou Miranda, e por isso que foi preciso navegá-lo; e ultimamente passei a fazer iguais indagações no rio dos Dourados, e então conheci que este rio, com quanto tenha bastante água e grande espaço de navegação, vai fazer contra-vertente com o rio Apa que deságua no rio Paraguai, aonde há dois fortes dos paraguaios, São José e São Carlos.

Como tivesse obtido as notícias que me deu o velho índio de Miranda, que entre as vertentes do Amambahy-Guassú, Escopil, Iguatemi e Ivinheima havia ainda vestígios da Redução de Santo Inácio, estabelecida no tempo dos jesuítas quando fundaram também Villa Rica e a cidade de Xerez²⁷², desci por terra com a minha comitiva, atravessando uma grande camada de campo; porém, este para os fundos na direção do rio Paraná tornou-se intransitável por causa de um mangão de muitos anos, que da altura de um cavaleiro se havia trançado de tal maneira que não havia cavalo, por mais robusto que fosse, capaz de o romper; e em tal caso não podia continuar a exploração para aquele lado sem primeiro queimar esses campos e esperar que dessem pasto para os animais de meu transporte, o que dependia de quinze a vinte dias de demora, então me faltavam os mantimentos, que já nesta ocasião estavam bem diminuídos.

Devo notar que os rios Escopil e Iguatemi têm poucos galhos com origem nos campos por onde passei, e logo se perdem no vasto sertão do mato que borda este último desde a serra de Maracajú até às Sete Quedas. Neste giro que fiz, não me esqueci de observar tudo quanto V. Exa. me havia recomendado nas Instruções de 3 de agosto de 1848 e ofícios posteriores; e em consequência caminhei muitas léguas, em diversos rumos, até achar uma antiquíssima estrada de carretas, que se conhecia pelo terreno que havia afundado aquele trilho, que com custo fui seguindo, passo a passo, até entrar em uma mata para as cabeceiras do rio Iguatemi em direção da serra de Maracajú, e então ficou intransitável esse caminho, por causa das tranqueiras e mato cerrado; porém, pude, de alguma maneira, verificar que esta é aquela estrada que da Redução de Santo Inácio e Villa Rica seguia para a Vila de Curuguay, pertencente ao Estado Paraguaio; pois, confrontando esse rumo com o descrito na memória que V. Exa. me havia dado do espanhol D. Manoel Antonio de Flores ao marquês Val de Lirios em 14 de agosto de 1756, confere em tudo com o que observei²⁷³.

Continuei minha digressão por campos desertos, atravessando algumas vertentes com águas para os rios Escopil e Iguatemi até a serra de Maracajú, que mansamente me ofereceu suficiente subida; e nas contra-vertentes, caminhando algumas léguas, certifiquei-me serem águas do rio Apa, tributário do Paraguai, e em consequência pendi a rumo da nascente pelo costão da serra de Maracajú, vertentes do Paraguai a procurar as cabeceiras do rio Mbotethehu ou Guaxihi, hoje conhecido por Mondego ou Miranda, e ao mesmo tempo procurar esse sítio onde demorou a cidade de Xerez abandonada em 1648. Não achei vestígios que me orientassem para dizer com segurança – foi aqui – pois a campanha é espaçosa naquele lugar, e

²⁷² Santiago de Xerez foi o nome dado a uma série de cidades do antigo império espanhol erguidas na região do atual estado de Mato Grosso do Sul e Paraná [n.d.e].

²⁷³ Não pudemos identificar a referência exata da *Memória* citada por Lopes. No entanto, trata-se muito provavelmente de uma memória elaborada por Manoel Antonio de Flores, Comissário espanhol da Terceira Partida de Demarcação de Limites da América Meridional realizada no ano de 1753. Para mais informações de primeira mão a respeito desta comissão ver Academia Real das Ciências. *Coleção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses ou lhes são vizinhas*. Lisboa: Typ. da Academia Real das Ciências, 1841. v. 7, [n.d.e].

seria preciso cruzá-la toda uma e mais vezes; porém há aí uma lombada mui grande e aprazível, entrecortada com diversos galhos de arroios tributários do Mondego, onde necessariamente foi edificada essa povoação, de que só se poderá conhecer o lugar quando aqueles campos se queimarem, e em seguida se fizer neles uma indagação minuciosa, o que eu poderia conseguir por ser outro o objeto principal da minha diligência, qual o de marcar a navegação e varadouro das águas do Paraná para as águas do Paraguai.

Verificando-me que estava nas vertentes do Mondego, passei a examinar o maior braço dele e reconhecer sua possança, e, com efeito, achei que ele tem suficiente água para navegação; porém obstruído de muitas pedras e travessões que a tornariam difícilíssima; e depois verifiquei melhor a insuficiência deste rio, quando subiu de Miranda uma canoa exploradora, que não pode senão com custo vencer muitos tropeços, até que voltou sem concluir a subida. Tendo feito tudo quanto era possível para bem examinar o mencionado rio Mondego, determinei fazer as competentes indagações no rio Anhuac, e para isso era necessário chegar a Miranda, a fim de fornecer-me de tanta coisa que precisava; e dirigindo-me para aquele presidio cheguei a 15 de março, tendo gasto nesta exploração trinta e dois dias de contínuas marchas e contramarchas; porque atravessava em muitas partes campos desertos, e por consequência era forçoso encontrar lugares onde não podia passar com a minha comitiva a cavalo e bagagem de cargueiros com munício.

Cheguei com efeito a Miranda onde tive o prazer de achar o Sr. major João José Gomes, que estando fazendo o serviço na cidade de Cuiabá, veio com três meses de licença a estes lugares onde há pouco era meu digno comandante-geral, e então mudaram-se as cenas a meu respeito, a bem da espinhosa comissão em que me achava; porque coadjuvado com toda a espontaneidade por este militar enérgico e dedicado a que se franqueie esta via de comunicação, tão recomendada por V. Exa., nas cartas que lhe dirigiu e de que eu fui portador, e então nada mais me faltou daquilo que estava ao seu alcance arranjar; visto a bem merecida influência que goza em todo o Baixo-Paraguai, seja ou não dali comandante. Pedi ao Sr. major uma canoa e alguns remeiros, o que ele fez apromptar com a brevidade que era possível; de maneira que a 31 segui para a fazenda Forquilha, subindo o Mondego dezesseis léguas que em tanto calculei essa boa navegação: esta fazenda é do mencionado Sr. major, e por consequência ele mandou franquear-me tudo quando eu dela precisasse; e até mandou que seu capataz José de Campos e dois camaradas subissem também na canoa, por serem muito aptos nesse serviço, e eu subi por terra, costeando o rio pela margem direita visto ser tudo por campo apesar de coberto, como são quase todos da serra de Maracajú para o lado do rio Paraguai. No dia 8 de abril verifiquei o lugar do embarque e desembarque no rio Anhuac; e um ponto onde se lhe ajusta um arroio a que pus o nome de Urumbeva, e ali finquei dois padrões de cerne Piúva, um na barranca do rio, outro no campo, onde gravei a era de 1849, e as letras iniciais do nome de V. Exa. – B. de A.

Da fazenda da Forquilha ao mencionado lugar marcado para o desembarque haverá doze léguas, e para que fique a navegação franca em todo o tempo, é preciso desobstruir algumas testas que fazem muitos, porém pequenos baixos, no tempo seco, mas são formados por pedra de pouca consistência, quase tabatinga, e mesmo com algum pedregulho e pedras soltas que é fácil empurrar para os lugares profundos do mesmo rio e ao mesmo tempo destroncar o leito de muitas madeiras que ali têm caído porque este rio corre mansamente e não as faz rodar na ocasião das enchentes.

Deste aprazível lugar com proporções para uma povoação colocada na forqueta de Anhuac com Urumbeva, fiz voltar a canoa e a gente do Sr. major, e eu com a minha escolta seguimos a atravessar a serra de Maracajú deixando as águas de Anhuac e procurando as do Brillhante

tributário do Paraná. Devo mencionar que enquanto caminhei no domínio das águas do Paraguai atravessei campos cobertos de muito boa pastagem, porém, logo que estive nas vertentes para o Paraná, eles são limpos e de uma vista encantadora, um céu benigno, um clima regular, bem próprio ao de Peritua onde V. Exa. reside, sendo todo este aprazível terreno regado de cristalinas águas. Nesta coxilha que faz divisão das águas dos dois gigantes Paraná e Paraguai, passa o trilho dos índios *Mirandeiros*, que tempo a tempo vão fazer suas correrias contra os pacíficos *Cayuaz*, cuja causa eu advogaria senão fizesse consciência do nada valer, porém V. Exa. que se tem dedicado a favor destes infelizes brasileiros, que, vagando errante pelas florestas, têm procurado trazer alguns à civilização, não poupando fadigas e nem às despesas, de que sou testemunha; pois que por diversas vezes tenho repartido o que com a mão pródiga lhe tem V. Exa. mandado para ser entregue, quando porventura os tenho abordado, como ainda agora aconteceu, conforme acima tenho descrito.

Seria muito louvável que, por intermédio de V. Exa., soubesse o governo de S. Majestade Imperial das malversações e hostilidades que por vezes têm praticado os índios domesticados de Miranda, indo à caça de *Cayuaz* que habitam a margem direita do Ivinheima até a esquerda do Escopil e Iguatemi, com único fim de fazer prisioneiros os pequenos e algumas mulheres, em cujas ocasiões o estrago e a morte se derrama nos bosques que servem de miserável abrigo a estes infelizes, dignos de melhor sorte e da proteção do governo, a quem não podem chegar suas débeis vozes.

Voltando a prosseguir na exposição das explorações que fazem o objeto da minha viagem, direi a V. Exa. que passando esse trilho dos índios fui descendo mansamente a serra do Maracajú, atravessando pitorescos campos, enfeitados com capões sortidos de boas madeiras, e entrecortados com águas límpidas que formam as cabeceiras do rio Brillhante.

No empenho de procurar um lugar azado para desembarque dos objetos que forem conduzidos desta província de São Paulo, achei uma forqueta que faz no Brillhante um ribeirão grande a que dei o nome do Santo Antônio: as águas deste braço com o do Brillhante fazem uma largura de oito braças e um fundo de três palmos, no tempo seco.

Este sítio na forqueta dos dois mencionados ribeirões é o mais apropriado que é possível para se formar uma povoação, de maneira que em ambas as cabeceiras, digo, cabeça de varadouro, podem formar-se duas colônias ou presídios, com a diferença unicamente do clima; porque descendo a serra de Maracajú para o lado do Paraguai os campos são monótonos, e na maior parte cobertos, as águas algum tanto salobra, e faz bastante calor, mas em compensação produz ali com vantagem a cana do açúcar que plantando uma vez não precisa replantar todos os anos, porque da soqueira ela dá melhor resultado por espaço de vinte e mais anos, em consequência do clima dá também muito algodão e café; porém deste há unicamente um pequeno princípio de plantação transportada por alguns mineiros que de próximo têm ido habitar aqueles despovoados terrenos.

O gado vacum, cavalari e lanígero produz muito sem dependência de se lhes dar sal, o que não acontece nesta bela campanha, que da mencionada serra procura a margem direita do grande rio Paraná: esse rio encantador, por causa das muitas ilhas de diversos comprimentos que por ele estão semeadas; de maneira tal que da nossa navegação, quando atravessamos para baixo na distância de doze léguas só num lugar eu pude ver com certeza de um lado a barranca do outro.

Marcado o lugar do varadouro tive de fazer novas aprontações que eram mister para a navegação e sustento de minha escolta e das praças de pret²⁷⁴ de que era acompanhado por ordem do Exmo. Sr. presidente de Mato Grosso²⁷⁵, que apesar da distância em que está a sua residência em Cuiabá deu todas as providências para que nada me faltasse a fim de eu desempenhar esta árdua comissão, e por este motivo aceitará benignamente deste fraco sertanista os mais sinceros agradecimentos que é possível dirigir-lhe, pois não tenho outros meios de reconhecimento.

Forçoso foi outra vez valer-me das franquezas do Sr. major João José Gomes, que estando ainda em Miranda ouviu minha súplica, e me mandou uma canoa de sessenta e um palmos de comprimento, quatro de boca e três de fundo que fiz atravessar o varadouro e que acomodou a minha escolta e dez praças de pret, e mais o linguará que me deu o Sr. furriel Antonio Dias Lemos, comandante do destacamento que me acompanhava.

O novo varadouro terá oito a nove léguas: atravessei neste pequeno trajeto umas pequenas restingas de mata carrascal, a que chamam taboca, que se encontra muitas vezes nos campos cobertos da serra de Maracajú para o lado do rio Paraguai.

No 28 de junho apartou-se de mim o Sr. furriel com o resto de sua gente para ir embarcar no rio da Vacaria, no porto do Sr. Barbosa, com meu companheiro de viagem Antônio Filippe e mais gente, inclusive uma família enferma que quis passar do Baixo-Paraguai para esta província: e eu com minha escolta, soldados e linguará embarquei no Brillante para fazer minha viagem, e nos encontrarmos na junção que faz o Vacaria com o Ivinheima, o que verificamos no dia 12 de julho, como adiante farei menção.

Neste lugar que marquei, e que ficou suficientemente assinalado para o desembarque indo desta província, tem suficientes capões com madeira e abundância de alvenaria para se construir o casario de uma grande vila entre esses dois esgalhos²⁷⁶ de arroios que mencionei, e por isso que é muito abundante de água (até para fábricas) o mencionado lugar. Finalmente embarquei no dia 29 de junho, e comecei a descer o Brillante, que no tempo seco oferece uma porção de baixios até o ribeirão da Cachoeira, que tem cinco braças de largo e três palmos de fundo, porém com um repigente que de mais dois palmos de água desaparecem todos esses baixios: mas por prevenção devem-se preparar os canais, porque a maior parte das pedras são movediças, e quebrar com alavancas alguns travessõezinhos para ficar franco: isto tudo não se torna custoso se for encarregado deste serviço o Sr. major João José Gomes, que tem uma bem merecida ascendência nos índios *Terenas* e *Layanas* do presídio de Miranda, a quem pode fazer vir àqueles lugares para desobstruir o Brillante, enquanto demanda menos água, e também o Anhuac; e ficar franca a navegação nas cabeceiras dos mencionados rios e eu me ofereço a coadjuvá-lo, por ter bastante prática da maneira com que fazem estes canais. Do embarque até este lugar gastamos cinco dias, e haverá seis léguas por causa das sinuosidades do rio.

Continuamos a descer encontrando sempre diversos ribeirões de um e outro lado que vinham engrossar as águas do Brillante, até que chegamos no dia 5 ao arroio das Sete Voltas, e no dia 7 ao rio de Santa Maria, bastante correntoso, com dez braças de largo e quatro palmos

²⁷⁴ Um praça de pré (referido ocasionalmente pelo termo arcaico: praça de pret), ou simplesmente praça, é um militar que pertence à categoria inferior da hierarquia militar. Normalmente, incluem-se na categoria das praças os militares com as graduações de soldado e de cabo [n.d.e].

²⁷⁵ Nessa ocasião, o presidente da província de Mato Grosso era Joaquim José de Oliveira [n.d.e].

²⁷⁶ Esgalhos: ramificações [n.d.e].

de fundo, e de maneira que o Brilhante neste lugar tem vinte e cinco braças de largura, e daqui para baixo perde o nome pelo de Ivinheima.

Da foz do ribeiro da Cachoeira à do rio Santa Maria, que ambos entram pela margem direita tem oito léguas, e por terra cinco.

No dia 11 chegamos à foz dos Dourados, que entra no Brilhante pela margem direita, com vinte braças de largura e oito palmos de fundo, muito correntoso, de maneira que todos estes ribeiros e rios fazem aqui a largura de quarenta e cinco braças.

Da foz do Santa Maria à dos Dourados haverá por causa das voltas do rio quatorze léguas, e por terra oito, o que calculei quando descia com minha escolta por terra, conforme fica descrito.

Continuamos nossa viagem, e a 12 com cinco léguas de navegação chegamos à junção do rio Vacaria que entra pela margem esquerda do Ivinheima, com vinte braças de largura, e ali achamos a escolta que desceu pelo mencionado rio Vacaria, que reunida à que me acompanhava fez o número de quarenta e sete pessoas, inclusive vinte praças de pret.

A 14 seguimos em seis canoas que conduziam a mencionada gente, e a 17 chegamos ao porto dos índios *Cayuaaz*, que dista do rio Vacaria doze léguas; e me admirei de achar ali uma cruz preparada e fincada por estes selvagens, que cada vez mais me convencem de sua propensão a nosso respeito, e que com jeito, maneiras e muitos presentes de que necessitam se domesticarão e aldearão definitivamente neste porto, que tem para isso as melhores proporções por causa de ser situado em terreno alto e arejado; com a vantagem de estar na confluência de um ribeirão de muito boa água que entra no Ivinheima pela margem direita.

Descarreguei as canoas e fiz abarracamento neste lugar. Parti depois em direção ao seu aldeamento, levando em minha companhia sete pessoas e o linguará. Pelo caminho ia eu encontrando mais alguns ranchos que não tinha quando por aí passei, e alguns índios que eu não tinha visto, e que quando me avistam deitavam a correr; sendo necessário eu mandar-lhes gritar pelo linguará e anunciar-lhes quem eu era; o que fez apaziguar. Então um velho cego trajado com um cinto de penas amarelas circundando-lhe a testa, com um instrumento feito de porongo em uma mão, e um penacho de penas de avestruz na outra: e uma velha com uma espécie de bandó na testa, e um bumbo feito de taquaruçú, tocaram e cantaram à sua moda quanto lhes pareceu. A estes sons apresentou-se no terreiro outro velho que, manejando com o arco empunhado na mão esquerda e uma porção de flechas na direita, me fez uma espécie de continência respeitosa e de alegria, conforme me explicou o linguará. Ao cabo disto abracei-os e comecei a repartir com eles tijolos de rapadura, de que levava uma grande porção. Havia aqui uma espécie de pia com uma cruz, e, perguntando por via do linguará para o que aquilo servia, responderam que para batizar as crianças. Indaguei logo pelo cacique Libânio e soube que já o haviam mandado chamar; e pelas quatro horas da tarde efetivamente chegou cansado de correr e alegre por este encontro. Recebi-o com tiros de alegria e vivas, com o que ele se mostrou penhorado dizendo-me que lhe havia prometido seis luas para voltar e que gastara oito, e que lhe parecia que eu me houvesse esquecido dele. Certifiquei-o de minha amizade, e perguntei-lhe por sua mulher. “Amanhã ela virá”, me respondeu ele. Fui repartindo os presentes, reservando para o imediato dia alguma porção, a fim de obsequiar as mulheres e crianças. Ajuntou-se lenha e ao calor de uma extensa fogueira nos deitamos, conversando e banquetear grandes assados de charque, que havia tirado de minhas provisões, e que eles devoravam com grande apetite, restando para nós outros os presentes que eles me faziam de cará, mandioca, milho, etc.

Dispostos assim os ânimos, entrei eu, com as necessárias precauções, a indagar do assassinato perpetrado pelos três índios nas pessoas dos meus infelizes companheiros.

Disse-lhe que desejava saber quem eram os índios que haviam acompanhado a canoa de Barbosa, por quanto parece que ela havia afundado, e que não sabendo os meus companheiros nadar, e os homens deles muito bem, desejava eu saber onde é que se tinham perdido, etc.

De todas estas indagações depreendi que os assassinos estavam entre eles, e julguei prudente disfarçar e declinar para outra hora os projetos de capturá-los, o que especialmente ali me tinha levado, porqueurgia dar um exemplo de punição.

Danças de homens e mulheres ao som de instrumentos de sua invenção, e de uma rabeca encordoada de tucum, a qual me disseram que possuíam eles de herança havia muito tempo, formaram o alegre entretenimento daquela noite. O cacique cada vez me prendia mais com suas maneiras, e nenhum momento saiu do pé de mim, dando-me em mau português o nome afetuoso de “camarada”.

Ao amanhecer do imediato dia fui ao encontro de cacique, a quem recebi com muitas vivas e tiros de alegria, trazendo ele na sua companhia sessenta a setenta pessoas, com quem reparti alguns presentes.

Ficando alguns na aldeia, fiz encaminhar os outros para o porto numa alegre romaria ao som de músicas, aonde chegamos, sendo recebida a cacique e mulheres por uma família de Mato Grosso que comigo vinha para esta província. Vestida a cacique com roupas que lhe ofereceu esta família, dispus a gente da comitiva, e, tratando tanto a cacique como seu marido com particular distinção, fiz-lhe as devidas continências depois do que nos pusemos a gozar um grande jantar que eu de antemão havia disposto. Este dia passou-se numa geral alegria, e eles com as suas danças, e nós com cantarolas à moda de Curitiba e Cuiabá acompanhadas por violas.

No dia 19, depois de um grande almoço, mandei puxar as canastras da barraca, e trazê-las para o terreiro pedindo ao cacique, por intermédio do linguará, que mandasse dispor a sua gente a dois de fundo, o que ele fez. Formei os soldados da mesma sorte em frente a eles, o que tudo formava um paralelogramo, a cuja cabeceira ficou o cacique à minha direita: todo o restante dos índios e de minha comitiva fechavam o fundo.

Tomando então um ar grave, como o caso pedia, fiz ver ao cacique que os índios que haviam acompanhado Barbosa e seus companheiros os haviam assassinado, roubado e estragado o que eles conduziam em sua canoa. Disse-lhe que nosso governo mandava castigar a nós outros quando fazíamos mal a sua gente, e que assim ele devia entregar os assassinos, para exemplo, e para que eles todos não ficassem com a nota de matadores.

Quando eu havia acabado de expor este fato, seis entre os índios saíram à frente, e dirigindo-se ao cacique lhe disseram, no seu idioma, quem eram os assassinos e onde estavam, acrescentando que o terceiro, chamado Sandú, havia descido o rio na canoa roubada, com sua família, e que é provável que se fosse arrancar para o lado do rio Samambaia confluyente com o Paraná.

Ordenou então o cacique que uma grande escolta da sua gente fosse em busca dos dois delinquentes e os trouxesse ali, o que eles fizeram voltando à noite e trazendo os assassinos presos. Um

chama-se Manni, Marianno, e é sobrinho do cacique, e outro chama-se Taringoá, Estevão. Foram entregues ao comandante da nossa escolta, o Sr. furriel Antonio Dias Lemos, que dali os levou para seu destino até o forte de Miranda, ficando-me apenas quatro praças de pret para a minha guarda.

Penhorado com este testemunho de confiança e docilidade da parte do cacique Libânio, dei-lhe muitos conselhos para que admoestasse a sua gente, a fim de não fazer mal a nós outros, que o mesmo lhe sucederia. Aconselhei-lhe igualmente que se aldeassem em lugar mais conveniente, e que contassem com a proteção do governo e com os favores do Pahy-Guassú, conforme já tem praticado com outros da sua mesma tribo, ao que ele mostrou vivos desejos de assim o fazer, pois que a sua gente era muita, e que ele tem subordinado na sua vizinhança mais sete caciques.

A noite que precedeu a nossa despedida foi passada com a solenidade e tristeza de duas pessoas amigas que vão dar-se um adeus, e talvez eterno.

Ele entrou na barraca onde estavam os presos e consolou-os, dizendo-lhes que não iam a morrer, mas sim que iam ser soldados.

Depois de um dia de falha para officiar às autoridades esta captura, e para fazer um rancho, onde deixei muitos víveres sob a guarda deste cacique, e fazer diferentes sementeiras de legumes, partimos com saudações de amizade.

Depois de três dias de viagem abarraquei-me num bracinho do Paraná, que deságua no Ivinheima, e daqui mandei uma diligência com o fim do capturar o terceiro assassino, cujos sinais e informações me havia dado o próprio cacique.

No entanto em que se fazia esta tentativa, eu fui examinar no Ivinheima a melhor passagem para o melhor caminho de terra, que se projeta do porto de embarque no Tibagi a atravessar o Paraná.

Caminhando por espaço de dez a doze léguas pelo braço direito do Ivinheima, lançando fogo nos varjões, encontrei de surpresa neste trânsito uma família *Cayná* que andava pescando, a qual não podendo evadir-se no momento aproveitei o linguará para lhes gritar e dizer que não procurávamos fazer-lhes mal, e que eu era aquele que já antes havia estado no seu alojamento com o cacique Libânio, o que eles compreenderam muito bem por ter sabido do meu encontro com o mencionado cacique quando há oito meses subia o Ivinheima.

A mulher deste índio era uma tagarela espirituosa que não cessava de falar com o meu linguará, para que me persuadissem de seu contentamento por encontrar brancos que lhes não faziam mal, e que os tratavam muito bem; depois de demorar-me duas horas com esta família, presenteei-os com os fracos restos que ainda tinha; dando-lhes porção de anzóis que muito estimaram para pescar com menos custo os peixes, de que fazem seu maior sustento; e então despedi-me deles, que me ficaram observando até dobrar um estirão de rio.

Nesta paragem existe uma gruta natural, formando uma espécie de casa, que tem comodidades para se abrigarem seis ou oito pessoas.

Nesta ocasião verifiquei não ser possível tal caminho por terra; porque o braço do Ivinheima faz sua descarga no Paraná defronte à foz do rio Ivaí doze léguas abaixo da foz do Parapanema.

A 29 chegamos ao abarracamento, onde encontrei a gente da diligência, que não havia podido capturar o delinquente, que esta vez ainda me escapou; e assim reunidos atravessamos no dia 31 o rio Paraná, e embarcamos no rio Paranapanema, e a 15 de agosto chegamos ao ribeirão das Congonhas onde desembarcamos; e mandei à fazenda do Sr. Jeronimo pedir animais de montaria e de carga para nosso transporte, e dali fui suprido com outros para sair do sertão atravessando esta estrada de dez léguas, que V. Exa. já mandou fazer em minha ausência, de maneira que a 3 de setembro já me achava na fazenda da Fortaleza a salvo de tantos perigos que sempre oferece um sertão bravo e uma navegação feita, a maior parte, pela primeira vez; a qual passo a mencionar para conhecimento de V. Ex e do governo, em nome do qual V. Exa. me mandou, e a quem servi como pude, senão como devia.

Roteiro comparativo das distâncias

	Léguas
Do Presídio de Miranda, subindo o rio Mondego, até a fazenda da Forquilha	14
Dessa fazenda, subindo o rio Anhuac, até onde marquei o lugar do desembarque	12

N.B. O varadouro terá oito a nove léguas por campo.

Do porto de embarque que marquei no rio Brillhante, descendo até o ribeirão da Cachoeira	6
Dali ao rio Santa Maria	8

N.B. Nesta junção o Brillhante perde este nome pelo de Ivinheima

Do Santa Maria ao rio dos Dourados	14
Dos Dourados à foz do rio Vacaria	5
Desta junção ao porto dos índios <i>Cayúás</i>	12
Dali descendo sempre o Ivinheima até o ferrado dos Cágados	8
Distância do ferrado a sair no Paraná	4
Subindo o Paraná e atravessando-o até a confluência do rio Paranapanema	3
Subindo este até a confluência do rio Tibagi	24
Subindo o Tibagi até o ribeirão das Congonhas	4
Dali ao nosso porto de embarque, na confluência que o arroio Jataí faz no rio Tibagi pela sua margem direita	6
	120

**Aricó e Caocochee ou uma voz do deserto.
História fundada em fatos, dedicada ao
Ilmo. e Exmo. Sr. Barão de Antonina**

por João Henrique Elliott

Breve apresentação da fonte

Essa pequena novela de João Henrique Elliott, de clara inspiração indianista, já foi publicada sete vezes antes da presente. A primeira vez em 1851, na *Revista Guanabara*²⁷⁷, em que vários intelectuais da época, como Gonçalves Dias e Varnhagen, também publicaram textos importantes da história indianista do Brasil²⁷⁸.

Em 1852, uma nova edição é publicada no Rio de Janeiro²⁷⁹. Uma terceira edição, de 1857, saiu no primeiro volume do jornal *O Jasmim*, segundo jornal impresso da cidade de Curitiba, Paraná²⁸⁰. Em seguida, outra edição foi publicada no *Jornal Echo dos Campos*, outro jornal paranaense, desta vez da cidade de Castro. Nunca tivemos acesso a esta edição. Quem faz referência a ela é Silva Carneiro. Em seu pequeno livro dedicado à Elliott, ele menciona que essa publicação teria ocorrido em 1884, “pouco antes que Elliott falecesse”²⁸¹.

Em seguida temos uma quinta edição, datada de 1928 da *Revista Ilustração Paranaense*. Essa edição do texto fez alguns cortes. Não consta, por exemplo, uma parte da introdução do texto e outro trecho da Parte III²⁸². No ano de 1980, a Secretaria de Cultura do Estado do Paraná reeditou, em fac-símile, a edição do texto publicado em 1857 no jornal *O Jasmim*.

A última edição que conhecemos deste texto foi a que Jerry W. Hardin organizou em 1994²⁸³. Essa publicação é importante, já que é ela que consegue identificar a segunda novela indianista de Elliott, intitulada *O enjeitado*, também publicada no *O Jasmim* em 1857.

É importante destacar que embora a primeira edição deste texto seja de 1851, ele parece já estar finalizado desde 1844, pelo menos. Isto é, há mais de cinco anos antes de sua publicação original. Nas edições de 1851, 1852 e 1857 sempre há uma referência ao fato do texto ser dedicado ao Barão de Antonina em 1844. Na edição de 1852, o texto da dedicatória é mais extenso que os demais. Por esse motivo, ele é a base da edição que usamos para a atual reedição. A dedicatória termina da seguinte forma:

[...] Digne-se, pois, V. Exa., [Barão de Antonina] aceitar benigno a oferenda, que lhe faz um inglês de Norte-América, que tem trilhado os sertões de Palmas desde sua exploração, que conheceu os indígenas massacrados, e que soube, como homem humano e filantropo, deplorar a sua triste sorte.

Sou de V. Exa. muito humilde criado.

João Henrique Elliott

Campos de Palmas da comarca de Curitiba

Província de São Paulo, 10 de outubro de 1844

²⁷⁷ *Guanabara: revista mensal artística, científica e literária*. Rio de Janeiro: Typ. Guanarabense de L.A.F de Menezes, 1851. Tomo 2, p. 158-173.

²⁷⁸ BAULER, Almir. *Literatura indianista, ciência histórica e indigenismo no século XIX: o projeto de nação dos intelectuais da Revista Guanabara (1849-1856)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

²⁷⁹ Exemplar encontrado na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ref. v. 251, 5, 3, n. 25).

²⁸⁰ *O Jasmim*, 8 de novembro de 1857, 1ª série, nº 8.

²⁸¹ CARNEIRO, David Antonio da Silva. *John Henry Elliott e outros pioneiros americanos no Paraná*. Curitiba: Centro Cultural Brasil-Estados Unidos de Curitiba Silva Carneiro, 1987.

²⁸² Essa parte é o discurso de Yopáta e do agoureiro da aldeia, que se colocam contrários aos convites de Vitorino Condá para que se estabelecessem em Palmas/Guarapuava.

²⁸³ HARDIN, Jerry W., *op. cit.*, 1994.

Esse trecho da dedicatória, sua data (1844) e o local de sua produção (Campos de Palmas) nos trazem pistas para entendermos como Elliott e o Barão vieram a se conhecer e trabalhar juntos. É muito provável que, antes de se conhecerem, Elliott já acompanhasse o que estava ocorrendo com os indígenas dos Campos de Palmas e os trabalhos do Barão de Antonina. Por sua vez, o Barão deve ter achado que a experiência de Elliott, ficcionalizada nesta novela, pudesse ser útil para o projeto que queria desenvolver um pouco mais ao norte. Assim, além do interesse literário deste texto, optamos por reeditá-lo, pois achamos que ele é uma peça a mais da engrenagem entre o Barão de Antonina, João Henrique Elliott e Joaquim Francisco Lopes.

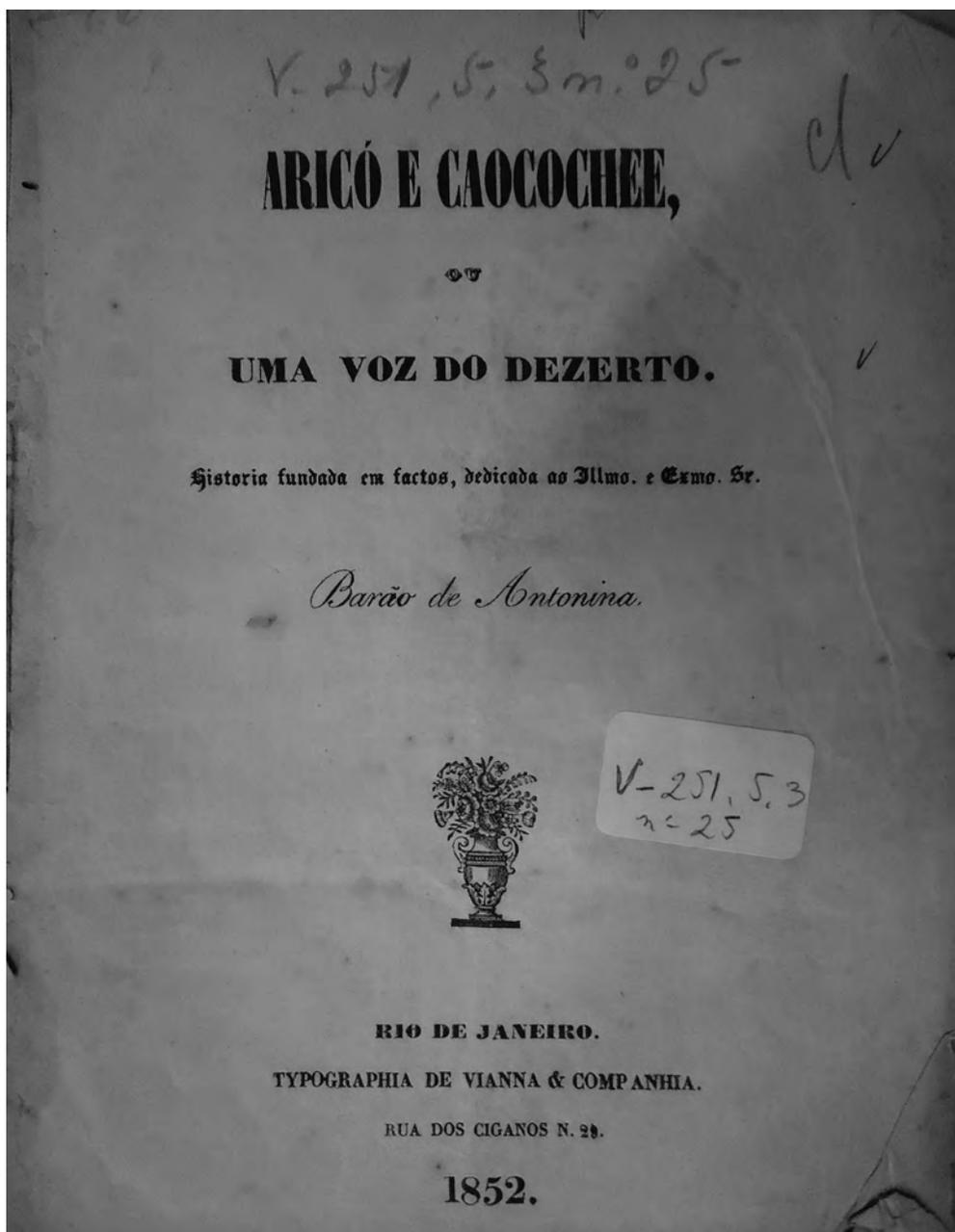


Imagem 10. Frontispício da edição de 1852 da novela *Aricó e Caocochee...* de João Henrique Elliott.
Fonte: João Henrique Elliott, *Aricó e Caocochee ou uma voz no deserto*, Rio de Janeiro, Typ. de Vianna & Companhia, 1852.

Dedicatória

Ilmo. Exmo. Sr.

O fervoroso empenho, que tem sempre merecido de V. Exa., o bem da Pátria, a constante solicitude para se explorarem os vastos sertões desta Província de São Paulo, cujo território abrange os campos de Palmas, dando-se para este efeito a não pequenos sacrifícios pessoais e pecuniários; o excessivo desvelo, e desmarcada filantropia, com que afaga os indígenas dos sertões à esquerda do Paranapanema para os unir ao povo culto, completar sua civilização e chamá-los ao grêmio da Sociedade Brasileira, são títulos bastante suficientes para oferecer a V. Exa. este opúsculo, que não deixará de custar-lhe uma lágrima de ternura, vendo a lamentável tragédia em que foram principais atores os desafortunados indígenas, que, debaixo da melhor boa-fé, se vieram lançar em nossos braços, naqueles mesmos terrenos, que, sob sua influência, foram povoados.

Digne-se, pois, V. Exa., aceitar benigno a oferenda, que lhe faz um inglês de Norte-América, que tem trilhado os sertões de Palmas desde sua exploração, que conheceu os indígenas massacrados, e que soube, como homem humano e filantropo, deplorar a sua triste sorte.

Sou de V. Exa. muito humilde criado.

João Henrique Elliott

Campos de Palmas da comarca de Curitiba

Província de São Paulo, 10 de outubro de 1844

Introdução

Para que a seguinte exposição seja mais suficientemente entendida, é necessário dar ao leitor uma sucinta descrição dos campos de Palmas e seus contornos, mostrando as causas que produziram os sinistros acontecimentos que se vão narrar.

Os campos de Palmas, colocados vantajosamente entre dois grandes rios, o Iguaçu e Goyoen, ou Uruguai, são compostos pela maior parte de pitoresca campinas que oferecem por todos os lados uma perspectiva continuamente variada e sempre interessante; pelo Oriente, longas planícies no meio das quais também em mil cascatas as águas turbulentas do Chapecó contrastam belamente com as partes do Sudoeste, cortadas de grossas restingas e pintadas com magníficos capões, por onde o sombrio [rio] Chopim, rolando suas turvas águas, embrenha-se pelas solidões do interminável sertão. A Nordeste, o rio Iguaçu, serpenteando mansamente por imensos vargedos, é navegável sem interrupção até oito léguas distante do campo. A mesma distância a Sudoeste, o Goyoen ou Uruguai, abundante em peixes e bordado de florestas ricas de erva-mate, oferece novos canais para o comércio, superabundantes mananciais de riquezas, por sua natureza, inexauríveis.

Quando os primeiros povoadores se estabeleceram nestes campos, os únicos indígenas que os habitavam, eram os da tribo de Condá²⁸⁴ e estes pelo zelo e perseverança do Capitão Hermógenes Carneiro Lobo Ferreira, primeiro comandante da nascente povoação²⁸⁵, foram em pouco tempo reduzidos a aldeados perto do abarracamento dos permanentes²⁸⁶, formando-se por semelhante maneira, com esta gente, um forte baluarte contra a agressão dos índios bravos (no caso que tentassem estes quaisquer hostilidades), os quais então habitavam em grande número o lado meridional de Goyoen.

Neste tempo, demitindo-se o capitão Hermógenes Carneiro, foi nomeado Pedro de Siqueira Cortes. Então Condá, ligado por sentimento de gratidão e amizade ao seu primeiro benfeitor, acompanhou-o para a sua fazenda do Chopim.

Foi aí que, em várias ocasiões, afirmou existirem em poder dos índios de Goyoen algumas crianças portuguesas e disse ele (Condá) auxiliado com alguns presentes para os caciques, achava fácil o seu resgate. Em consequência destas notícias, o capitão Hermógenes enviou Condá, com mais alguns da sua tribo, carregados dos objetos mais apreciados pelos indígenas para a remissão dos presos: e, entretanto, recomendou-lhe todo o empenho de convencê-los a abandonar a vida selvática, ou pelo menos negociar um tratado de amizade e intercurso com os primeiros e legítimos proprietários do Brasil. Condá cumpriu satisfatoriamente sua espinhosa missão, trazendo consigo, além de algumas crianças brasileiras de ambos os sexos, duas tribos de índios com suas mulheres e famílias, que tinham deliberado deixar a vida errante e aldeia juntamente com os mais, nos campos de Palmas.

Os índios foram apresentados ao novo comandante, que os recebeu com agrado, distribuindo por entre eles ferramentas, fazendas, etc., mas como eram numerosos e muitos deles não se acostumavam com os nossos viveres e passaram a pedir licença para caçar nos matos vizinhos, a qual lhes foi concebida prontamente pelo comandante. Até aqui tudo concorria para que se esperasse bom resultado da aliança com os índios, que, já reduzidos e em harmonia com os moradores, franqueavam os sertões do Goyoen e davam lugar a novas descobertas e ex-

²⁸⁴ Eram índios da nação kaingang ou camé [n.d.a].

²⁸⁵ Povoação de Palmas [n.d.e].

²⁸⁶ Policiais [n.d.a].

plorações nesse interessante rio. A humanidade ficou satisfeita e o filantropo contemplava com prazer o quadro que o futuro apresentava. Mas quanto foi curta a sua duração! O interesse, o sórdido interesse, aquele grande móvel de todas as ações humanas abriu uma nova bolsa de Pandora sobre esta nascente povoação. Ateou-se o facho da discórdia.

O archote das intrigas e cizânias acendeu-se e para cúmulo de infelicidade queimou com a maior virulência duas pessoas a quem imperiosas circunstâncias impunham o dever de se conservarem em união: eram estas o primeiro comandante Hermógenes e o então atual Pedro de Siqueira Cortes.

Neste tempo seguiu aquele para São Paulo, levando consigo Condá, e seus protegidos resgatados do mato: a ausência de tal protetor foi funestíssima e fatal aos índios. Pessoas mal-intencionadas começaram a espalhar boatos que os indígenas premeditavam um ataque contra a povoação; e, ou porque o comandante realmente acreditasse em tais boatos, ou (o que é mais provável) porque desejasse neutralizar todos os planos de seu rival, o que infelizmente estamos vendo praticar em nosso tempo por pessoas de muito mais alta e elevada posição; o certo é que não perdeu tempo em deprecar força armada, como se esta, tendo de vir de distâncias, pudesse obviar esse fantástico e sonhado ataque. Com a chegada deste auxílio organizou uma escolta sob pretexto de ir ao mato buscar os índios, que se entretinham em suas inocentes caçadas, e os conduzir para a povoação; mas sua fixa intenção era assassiná-los, porque em lugar de entregar esta força à disposição de uma pessoa de humanidade, honradez e inteligência, escolheu para comandante um ignorante e brutal fanático, bem conhecido por sua ferocidade e malvadez. Dadas as instruções a este digno instrumento que as devia executar, não era necessário ser profeta para antecipar as consequências e prever o desastroso futuro, que estava iminente. Chegada a escolta ao lugar onde estavam os índios abarracados, lhes foi intimada a ordem do comandante para seguirem à povoação.

Os selvagens obedeceram submissamente, nunca suspeitando a infernal trama que estava contra eles urdido. Marcharam, pois, seguindo a escolta e no segundo dia de viagem, na saída de uma pequena campina (tendo sido já de antemão consertado o plano de massacre) por um sinal dado, os índios foram de súbito acometidos e ferozmente assassinados, sem que até então tivessem dado indício algum da mais pequena insubordinação. Uma segunda escolta foi então mandada em busca de algumas famílias, que andavam dispersas do grosso da Indiada, e, como era de esperar, a mesma tragédia foi repetida e as mesmas atrocidades perpetradas.

Não deve aqui ficar em silêncio a heroica e louvável conduta do digno comandante da escolta, o qual deu não equívoca prova de sua coragem e bravura, escolhendo para alvo do seu destemido bacamarte²⁸⁷ uma china quase cega que tinha toda a aparência de ter visto mais de oitenta invernos. Depois destes gloriosos feitos de armas, as mulheres e crianças que tinham escapado da carnificina foram conduzidas, como em triunfo, para a povoação; as chinas, e alguns de seus pequenos, entregues aos índios aldeados e os mais vendidos como escravos à aqueles que mais ofereceram.

Tão pernicioso foi este exemplo que os índios seduzidos pelo vil interesse, pela esperança de lucro, sacrificavam diariamente as infelizes mães, para poderem vender seus filhos. É a gente, que se diz normal, e cristã, que olha para esta sanguinolenta mortandade dos índios, como para uma brincadeira de bom gosto? Outros há que acreditam piedosamente que a exterminação inteira destes primogênitos do solo americano será um bem muito apreciável, um aumento de civilização, o *summum bonum* para o país!

²⁸⁷ Bacamarte: arma de fogo antiga [n.d.e].

Quanto está no século das luzes eclipsado o espírito da religião! Quanto menosprezados os sentimentos de humanidade e da moral para o que se olha com absoluto indiferentismo!

Deixando estas ações antifilantrópicas confundidas com seus indignos autores, direi somente que o tempo mostrará se este repreensível procedimento trará alguma ventura para a localidade, onde tão cruéis, como escandalosos assassinatos foram cometidos; ou se, pelo contrário, aquele espírito de vingança, tão natural a esta gente, não os impelirá um dia a perpetrarem atos que comprometerão seriamente a sua tranquilidade e dos moradores de Palmas; e privar o país, por muitos anos, de gozar daquelas vantagens, que a beleza de seu clima, a fertilidade de seu terreno e sua feliz posição geográfica dava-lhe todo o direito de esperar.

Parte I

O rio Goyoen²⁸⁸, ou Uruguai, distante oito léguas, pouco mais ou menos, dos Campos de Palmas, corre por muitas milhas pelo centro de magníficas florestas e pitoresca campinas, e depois, surgindo majestosamente do sertão, banha por todo lado as longínquas planícies de Corrientes e Entre Rios e por outro lado os antigos povos das Missões e dilatados campos da Cisplatina, até que, juntando-se com o grande Paraná, o famoso Rio da Prata, que logo para baixo de Montevideu perde-se na imensidade do Atlântico. Pelo lado meridional deste rio, habitavam várias tribos ainda livres e independentes, governadas pelos seus respectivos caciques: e vivendo no estado da natureza, subsistiam de peixe, caça e frutas que o grande rio e espaçosas matas, que bordam as suas margens, lhes forneciam em abundância.

Entre estas, a mais distinta, pelo seu número e pelo renome de seu chefe, era a de Nonoai, velho cacique, que se fez célebre em várias sanguinolentas guerras com os ferozes e temíveis botocudos, cujos alojamentos estão colocados nas agrestes serras do Oriente, e contra as tribos que habitavam os intermináveis sertões do Paiquerê.

A jovem Aricó, filha de Nonoai, distinguia-se entre as mais donzelas da sua igualha, tanto quanto sobressai a Açucena sobre as mais flores do campo, bem como entre os mancebos intrépidos e assinalados pela sua destreza no arco, coragem na guerra e perícia nas caçadas, o mais insigne era Caocochee.

Estes dois jovens selvagens amavam-se reciprocamente. O amor, tanto nos desertos, como nas cidades, mostra-se por mil pequenas circunstâncias e atenção; e por isso quando Caocochee triunfava do feroz ming²⁸⁹, matando-o, a sua pintada pele era destinada e oferecida para a cama de sua amante, e quando com as felpudas flechas matava o gigantesco inhoron²⁹⁰, os seus melhores pedaços eram reservados para o cesto de Aricó. Esta, pela sua parte, ajuntava frutas, preparava o mel e guardava para o seu amante em ornadas cuias as odoríficas águas do butiá²⁹¹.

Foi no tempo da caída do pinhão, que, enlevados com as frutas e entretidos com a caça, estes dois filhos da natureza anoiteceram nas sombrias e magníficas florestas que ladeiam ao grande Goyoen.

²⁸⁸ Goyoen: rio que não dá vau [n.d.a].

²⁸⁹ Ming: onça [n.d.a].

²⁹⁰ Inhoron: anta [n.d.a].

²⁹¹ Águas de butiá: Os índios extraem do palmito do butiá um licor saboroso e agradável [n.d.a].

Apenas chegaram a uma linda e arenosa praia, disse o índio a sua companheira: “Descei o vosso cesto: é longe ainda a nossa moradia e vossos frágeis membros necessitam de descanso”. Em seguida, sentaram-se em uma alva pedra, cuja base, coberta de musgo, era mansamente lavada pelas ondas.

A noite estava calma e serena: os ventos se tinham retirado para os subterrâneos palácios e à exceção de algum travesso piraju²⁹², que paulatinamente, brincando no suave clarão da lua, misturava suas douradas escamas com as prateadas águas do Goyoen, nada mais perturbava o silêncio que reinava neste umbroso bosque. “A indizível dificuldade que eu acho em deixar estes lugares, onde descansam os ossos do meus pais” (diz Caocochee suspirando), “a ideia de separar-me deste fértil e delicioso vale, rico em frutas e em caças, deste majestoso rio abundante em peixes, de tudo, em fim, quanto a natureza oferece aos seus filhos, acabrunha na realidade, contrista o meu coração; mas este encontra muito maiores sacrifícios em apartar-se de ti, oh! Amada e agradável Aricó”.

“E para que haveis de apartar de mim” (diz Aricó desfeita em lágrimas), “porventura tenho perdido de vosso amor tanto que vos aborreça a minha presença”? “Não” (respondeu o índio), “Tupé²⁹³ sabe que cada dia mais te amo, porém o terrível Condá, irmão de meu pai, que vive em paz com os brancos de Curram-burg²⁹⁴ veio mandado por estes contratar uma aliança com as tribos de Goyoen; ele volta daqui a um mês e leva-me consigo, vossa gente talvez não o queira acompanhar, consequentemente não consentirá que vás comigo”. “A minha gente existe onde está o meu coração, tu, oh! Caocochee, para mim és tudo, contigo nada me falta e ausente de ti não tenho o menor prazer, assim como o frágil cipó desenlaçando-se da árvore, que o sustenta, caindo em terra, e sendo pisado pelas feras, seca e morre, assim, separada de ti, deixará de existir a tua Aricó”. “Eu jamais deixar-te-ei enquanto viver” (diz o jovem selvagem, abraçando-a), “o forte braço de Condá e o terrível arco de Caocochee bastarão para defender-te das iras da tua tribo”. E dizendo isto, se levantaram ambos e dirigiram seus passos pela margem do rio com destino às suas cabanas.

Parte II

A chegada das tribos

Tudo era confusão e rumor no alojamento de Nonoai, ecoavam golpes de machados de pedras nos matos vizinhos e chegavam de toda parte homens, mulheres, crianças e velhos carregados com os despojos da caçada; os pirames estavam entupidos com caça e frutas e os porongos cheios do espólio da indústria de abelha.

Era este o dia marcado para a reunião das tribos que, por convite de Condá, tinham sido chamadas para assistirem a um grande conselho e deliberarem acerca das medidas propostas por este aliado dos brancos. Em uma espaçosa ramagem, preparada para esta ocasião, várias mulheres estavam ocupadas enchendo muitos porongos com aguardente de aquiqui²⁹⁵ enquanto outras aprontavam os pintados curús²⁹⁶ e preparavam as penas de arara e inha-tamburg²⁹⁷ para ornar a frente de seus chefes.

²⁹² Piraju: Dourado [n.d.a].

²⁹³ Tupé: tupan, Deus [n.d.a].

²⁹⁴ Curram-burg: campo grande, assim os índios chamam os Campos de Palmas [n.d.a].

²⁹⁵ Aquiqui: uma bebida espirituosa feita com o mel fermentado [n.d.a].

²⁹⁶ Curú: uma qualidade de pano das fibras da ortiga grande [n.d.a].

²⁹⁷ Inha-tamburg: corvo branco [n.d.a].

Em frente das casas, abrigados à sombra de umas antigas árvores, estavam enfileirados pequenos montes de nós de pinho, prontos para o agoureiro acender o fogo, logo que começasse a conferência a qual deveriam começar as danças do costume. Da copa de um alto pinheiro o vigia fez o sinal de aproximamento de gente, e logo se distinguiu a rouca voz de uma buzina que, soando por intervalo pelas concavidades da montanha, gradualmente avançava para o alojamento. O velho Nonoai, acompanhado de alguns guerreiros, subiu a uma alta colina para conhecer os vindouros; estes eram as tribos de Goyoen-chi²⁹⁸. Os primeiros vinham conduzidos pelo Haicofé, guerreiro intrépido e sisudo, cuja comitiva era pequena em número, mas formidável pela sua coragem, pelo ardor e astúcia do seu chefe. Logo após vinha Nicafim, mancebo na flor dos anos, flagelo das tribos que habitam as margens do Paiquerê, e genro do valente Condá: os seus guerreiros numerosos e luzidos distinguiram-se entre os mais gentis pela sua destreza em arremessar suas volantes flechas e pela perspicácia e ardileza nas caçadas. Em último lugar vinha o cacique Yopáta, cujo alojamento situa-se nas serras do sul, inimigo dos brancos e terror dos viajantes que transitam pela estrada das Missões: a sua gente mais numerosa que as areias da praia era mais feroz do que os tigres, que quando entra o gelado inverno descem das montanhas e devastam o campo de Curram-burg. Conduzindo o Nonoai os novos hóspedes para o seu alojamento, e logo depois, chegando o Climclim com sua gente e o velho Aregua com seus guerreiros, formaram todos um grande círculo e sentaram-se na verde e mole relva abrigados dos ardentes raios de sol à sombra de copa das árvores, que circuncidavam o terreno. Um abundante banquete foi preparado para os vindouros que, ajuntando-se em pequenos grupos, trinchavam sobre as folhas de palmito as diferentes carnes de diversas caças, enquanto os jovens selvagens de ambos os sexos distribuíam em pequenas cuias o *aquiqui*.

Acabado isto, os caciques, os anciões e os principais guerreiros, retirando-se para um lado e vestindo os pintados curús, tingiram os seus corpos e cingindo a cabeça com capacetes de plumas, foram reunir-se no lugar destinado para o conselho.

Parte III

O Conselho

Os caciques de várias tribos, sendo acompanhados pelos seus guerreiros e assentados em folhas de butiá, formavam uma roda, no meio da qual ardia o fogo do agoureiro; este imenso concurso de selvagens, de diversas castas, reunido apresentava um interessante e romântico espetáculo. Os chefes estavam vestidos com compridos e pintados *curús*, suas cabeças ornadas com capacetes de plumas de diversas cores, os guerreiros inteiramente nus e seus corpos tatuados, segundo os usos das suas tribos, os velhos, sobre cujas cabeças se achavam semeadas a neve dos anos, ainda conservavam o semblante animoso e o vigor natural do seu estado selvático. O Condá e seus companheiros traziam os cabelos compridos e estando meio vestidos, segundo os costumes dos brancos, contrastavam com os mais; estava igualmente no meio desse círculo o agoureiro, com uma vara comprida na mão, observando com atenção as evoluções das chamas de sua fogueira. O Condá, acompanhado pelo fiel Yossegum, mostrou então os presentes, que tinham sido mandados pelo Paí-Cufá²⁹⁹, morador nos campos de Chopim, consistindo em ferramentas, facas, etc., para os homens; fazendas, lenços, missangas e coisas semelhantes para as mulheres; tudo foi distribuído conforme a qualidade e o sexo de cada um e recebido com especial satisfação e alegria; à exceção do Yopáta que, aceitando com tanta indiferença, mostrou pouca afeição e simpatia para com quem os mandou.

²⁹⁸ Goyoen-chi: pequeno Goyoen [n.d.a].

²⁹⁹ Paí-Cufá: comandante velho [n.d.a].

Depois de acabada esta cerimônia, expôs o Condá o objeto de sua missão pela maneira seguinte: “Os moradores de Curram-burg positivamente me enviam para solicitar um tratado de interesses e aliança com as tribos de Goyoen, e para provarem sua sinceridade mandam-vos estes presentes, podendo vos procurardes tudo aquilo de que necessitardes em troca de mel, cera e outras produções deste vasto sertão”. Mostrou-lhes o Condá as vantagens deste comércio e a abundância que dominava nas habitações dos brancos; os campos cobertos de criações, os paióis recheados de mantimentos, sem que nunca sofram a fome e outras privações a que são sujeitos aqueles que seguem a vida errante. “A vossa gente” (diz ele) “é numerosa, as caças alongam-se e vós não tendes mais para onde vos estender; pelo lado do poente está o feroz Chacrey e o grande Paraná, pelo lado sul os brancos dos campos grandes, vossos inimigos que vos acusam de serem os autores de roubos e mortes perpetuados nas estradas, pelo nascente, os Botocudos, vossos contrários implacáveis e, pelo norte, os brancos de Curram-burg, Guarapuava e as tribos do Paiquerê. Portanto, convido-os em nome de Pai-Burgs, que mora na grande povoação, e que governa todos os mais países, e em nome do mesmo peço-vos que haja paz e união entre os filhos das florestas e entre os habitantes dos campos; concludo certificando-vos que o Paí-Cufá, com quem eu moro, por mim mandou convidar todos aqueles que quiserem acompanhá-lo para o Chopin, e então receberão mais presentes que lá ficaram e tomarão conhecimento com Paí-Cufá, que muito deseja ver-vos, garantindo a vossa segurança individual com sua própria vida”.

Ao ouvir este discurso sinais de aprovação foram manifestados pelos jovens selvagens de ambos os sexos; o Vactong e o Aregua, com a sua gente, declaram que estavam prontos para seguir; os velhos conservavam um profundo silêncio e o agoureiro, que parecia ter dado pouca atenção à narração de Condá, estava ocupado traçando linhas misteriosas no apagado brasido de sua fogueira, foi então que Yopáta, levantando-se, atraiu a atenção de todos. Estava este cacique no zênite dos seus anos, tinha uma estatura gigantesca e aspecto majestoso; um comprido e alvo curú descia de seus largos ombros e arrastava no chão uma formosa coroa de plumas de arara e inha-tamburg circundava sua frente, e no nervoso braço, que sustentava uma grossa e comprida lança, distinguiam-se em pontuadas linhas os sinais do seu valor e o número de seus mortos. “Respeitáveis anciões e chefes de povos” (diz ele), “todos nós temos ouvido as malélicas e insidiosas palavras de Condá, que procura persuadir-nos a entrar em paz e aliança com os brancos e parece-me que alguns de entre vós estão decididos a aceitar o seu convite, como se fosse possível haver liga entre o tigre e o veado, entre o gavião e a pomba, entre o lobo e o cordeiro! Tereis já tão depressa esquecido o massacre de nossos irmãos, tão cruel e barbaramente assassinados nos campos dos Curitibanos? Ainda branqueiam as planícies de Guarapuava com os ossos das tribos de Paiquerê, todas vítimas da má-fé e perfídias dos brancos; e pensais que eles usarão mais lealdade para conosco? Não basta que estejamos tão diminuídos, ainda quereis apressar a exterminação dos poucos que nos restam! Por minha parte declaro que rejeito absolutamente, com desdém, todos os seus convites e desprezo sua amizade; preferindo a pobre independência e liberdade que me legaram meus pais à todas essas promessas em que não creio, e aos cômodos e riquezas que se nos oferecem. As florestas abundam em caça, o rio em peixe e os pinheiros todos os anos prodigalizam-nos os seus saborosos frutos; precisamos porventura mais do que necessitavam nossos avós? Essas fazendas serão melhores para cobrir nossas famílias do que os curús tecidos e fabricados pelas suas próprias mãos? Não nos iludamos, pois, com doces e meigas palavras, com fantásticas promessas: prefiramos os incômodos e perigos, os riscos e privações, prefiramos, em fim, a mesma morte a qualquer aliança e relação com os brancos, que nos querem privar de nossas liberdades”. O Yopáta acabou de falar e um não interrompido murmúrio se começou a ouvir por toda a assembleia, assim como depois de um calmoso dia de verão branda viração, vindo agitar as folhas das árvores, rompe o silêncio do retirado bosque. O agoureiro, que até aqui tinha conservado um profundo silêncio, levanta-se e com gestos frenéticos e com voz terrível

bradou: “Vai, oh! Infeliz Vactong, vai, oh! Crédulo e desgraçado Aregua. Os inocentes filhos de inha-tamburg estão alegres, os corvos e cães de Curram-burg esperam os eventos do futuro. Eles impacientes vos esperaram para imolar-vos; eu vos antevejo estendidos, estrangulados e mortos no campo, observo cadáveres arrastados pelas feras, sem que mão nenhuma junte vossos ossos para depositar no sepulcro de vossos antepassados; vejo as vossas mulheres e filhos conduzidos para o cativo e espalhados por toda a parte, já ecoam em meus ouvidos os estrondos dos Bocães³⁰⁰, os gritos de desesperação e de furor, os gemidos dos moribundos, o pranto, a desolação de vossas mulheres já em viuvez, de vossos filhinhos órfãos e desvalidos, tudo isto por acreditardes nas promessas desses traidores e sanguinolentos brancos. Ide, parte, para que mais demora? Os filhos *inhatamburg* estão gritando de fome e os corvos e cães esperam vossa chegada. Ide, que em breve sereis o alvo das balas e vos vereis sacrificados no altar da mais sanguinolenta e horrível carnificina”. Depois destes prognósticos ditames, cobriu com a vara as linhas misteriosas que tinha traçado sobre as cinzas, apagou o fogo e cobrindo a cabeça com *curú*, saiu para fora. Esta horrível profecia causou um choque elétrico em todos os ouvintes e a maior parte mostrava aversão e horror ao proposto de Condá; os mesmos chefes, que tinham determinado acompanhá-lo, pareciam atemorizados e vacilantes, foi por isso preciso que Condá esgotasse toda a sua dialética, empregasse todos os seus recursos de persuasão e lançasse mão de sua retórica diplomática, para os desvanecer dos escrupulos, que lhes tinha infundido a narração terrível do agoureiro.

Parte IV

O Festim

Defronte da casa do conselho um bonito e espaçoso terreno havia sido separado, para nele terem as danças que, segundo a índole leviana e inconstante destes selvagens, devia começar logo que findasse a conferência; aqueles que um pouco antes estavam ocupados em negócios de maior seriedade e importância pareciam agora esquecidos de tudo inteiramente, entregando-se de bom grado aos prazeres e divertimentos que tinham sido aprontados para esta ocasião. Os fogos ateados dissipavam as sombras de escuras noite e mostrava um curioso e exótico espetáculo. Os caciques e guerreiros, assentados em torno das fogueiras, e as mulheres, enfeitadas com penas de várias cores, formavam um extraordinário círculo, enquanto os jovens índios forneciam a toda companhia o aqui e em copiosas libações. O jovem Foqui começou uma cantiga entoando louvores a sua amada Fangré, e dizendo de quanto sua beleza sobressaía as mais belas donzelas da tribo, contando a sua perícia e destreza em bordar os *curús* e trançar as delicadas cordas de *imbé*, atribuindo os seus bons e felizes sucessos nas caças àquelas lindas mãos que fiaram as cordas para o seu arco, e arrumaram as suas armas nas flechas. Depois descreveu as belezas do verão; os *butiás* carregados e seus dourados cachos, e vertendo saboroso licor; as árvores dos prados vergando ao peso de seus frutos sazonados e os favos das abelhas surtidos de mel; expôs também os prazeres que acompanham o gelado inverno, quando dos pinheiros abrem as maduras pinhas e fazem esparzir pela terra suas acastanhadas frutas, atraindo de toda a parte os veados, grandes antas, ferozes tigres e diversas espécies de caça; convidando a mocidade para as florestas e exercitando o valor dos intrépidos caçadores.

Enquanto assim cantava Foqui, os mais acompanhavam a cadência da voz batendo nos arcos e lanças; e ficando cada vez mais entusiasmados, levantaram-se todos, dançando em torno das fogueiras, as mulheres formando uma ala por fora os acompanhavam em todas as suas evoluções e cantigas, e apresentavam uma espécie de coro. O velho Cafáia continuou a cantiga

³⁰⁰ Bocães: espingardas [n.d.a].

e nela comemorou aqueles felizes tempos, em que os bons e virtuosos Pandarás³⁰¹ ajuntavam e acariciavam os filhos dos sertões, ensinando-lhes a arte de cultivar e gozar em paz dos frutos de seu trabalho, e contou como depois, pelas perseguições dos brancos, Paulistas, foram dispersados, e obrigados a procurar abrigo nas tenebrosas sombras das matas. Narrou depois as sanguinárias guerras com os ferozes Chocres³⁰², que habitam as terras do poente, as farpas de cujas flechas eram uma pedra mais brilhante de que as escamas de piraju; falou das tribos de Paiquerê e da origem de sua rivalidade, e concluiu louvando os bravos e valentes, que se haviam assinalado nestas mortíferas guerras, exaltando-os por terem preferido a morte ao sacrifício de suas liberdades. Dessa maneira, divertiam-se os selvagens; o *aquiqui* foi servido com profusão e parecia muito provável que não desistiriam do seu divertimento enquanto não ficassem inteiramente embriagados segundo o seu invariável costume nessas ocasiões.

Parte V O Colóquio

A lua cheia tinha feito mais da metade de sua carreira e o festim dos índios ainda continuava com redobrado vigor quando Aricó e Caocochee, retirando-se dessa cena de hilaridade e confusão, procuravam um lugar solitário e silencioso, e assentados debaixo de uma árvore de butiá conversaram em seus amores e na próxima partida de Caocochee. O rosto de Aricó encostado no peito de seu amante mostrava a dor que transpassava seu coração e as ardentes e copiosas lágrimas que eram derramadas de seus belos olhos fizeram com que ele sentisse toda a intensidade de sua aflição. “Porque esta tristeza” (perguntou ele), “tantos suspiros e lágrimas, por ventura vou eu morrer, não podeis suportar a ideia de tão curta ausência?” “Não é tanto a vossa ausência que me aflige” (respondeu ela), “sei que tens intenção de voltar logo; mas são os terríveis prognósticos do agoureiro que me assombram; a sua funesta voz ainda soa em meus ouvidos e me faz temer que a nossa separação seja eterna”. “Deixai de ser perturbada pelas palavras de um doido” (disse o índio), “o sábio Condá, e seus companheiros, que tem viajado em longínquas terras, não fazem caso algum de suas misteriosas profecias; Condá sabe do nosso amor; e prometeu-me que, passadas duas luas, voltará comigo para te levar e para nunca mais nos apartarmos”. Com estas e outras convincentes razões, procurou Caocochee tranquilizar o espírito angustiado de sua amante, e ela, mais consolada com os seus ponderosos argumentos, parecia resignada à sua sorte.

A estrela da manhã, precursora do dia, brilhou no oriente, o rumor do festim tinha cessado, e os cansados selvagens embriagados como o *aquiqui* jaziam estirados promiscuamente no terreno, entregues a um profundo e pesado sono.

Parte VI A despedida. O fugitivo

Nos dias seguintes as várias tribos que assistiram ao conselho se foram retirando para os seus respectivos alojamentos, ficando somente os caciques Vactong e Aregua com a sua gente, que, apesar da impressão produzida pelas predições do agoureiro e pelos discursos de Yopáta, foram induzidos pelas lisonjeiras pinturas e magníficas e exageradas promessas de Condá a persistir na sua primeira resolução, e acompanhá-los para os campos de Curram-burg. A bela Aricó, tendo de separar-se pela primeira vez de seu amado, preparava com dilacerado coração

³⁰¹ Pandarás: padres [n.d.a].

³⁰² Elliott, provavelmente, está se referindo aos atuais Xokleng [n.d.e].

o necessário para sua viagem; arranjou uma nova corda para seu arco e com trêmulas mãos arrumou as plumas nas suas flechas. Chegou, afinal, o dia da partida e despedida já do seu amante, a donzela Indiana subiu a uma alta colina, acompanhando com os olhos a comprida fila que atravessava o campo; entre ela procurava Caocochee que facilmente se divulgava pela sua alta e engraçada estatura, e brilhantes plumas de arara que cingiam sua cabeça, até que, entrando nas sombras de espaçoso bosque, o perdeu de vista, restando somente a rouca voz de uma buzina que ecoando pelas imensas abóbadas e concavidades do sertão mostrava a sua rota. Já por duas vezes as cristalinas águas do Goyoen tinham refletido com o rosto inteiro da pálida Deusa da Noite, e durante todo este intervalo de tempo o triste coração de Aricó, atormentado de saudade e cuidado, e aflito pelas funestas e aterradoras predições do agoureiro, não tinha gozado de um instante de repouso: algumas vezes em sonhos a sua perturbada e escandecida imaginação figurava-lhe a imagem de seu amante banhada em sangue, e despido da mortalidade a convidava para acompanhá-lo às regiões eternas do Poente, onde os espíritos dos intrépidos guerreiros recebem o galardão de seu valor em terras férteis e abundantes de frutas e caça, onde se conserva o vigor de uma perdurável mocidade. Outras vezes representava-se-lhe na imaginação estar ela no centro de uma magnífica e esbelta casa, onde esperava o seu amante, e um venerável ancião vestido com ricos e estranhos trajes ligava as mãos de ambos asseverando-lhes que nunca mais se haviam de apartar. A extremosa índia acordava sobressaltada por estas visões e, banhada em lágrimas, procurava em vão a fantástica e fugitiva sombra. Todas as vezes que acompanhada por seu irmão Coré embrenhava-se pelas matas para juntar frutas, este a seu pedido subia nas copas dos mais altos pinheiros e alongando suas vistas em direção de Curramburg procurava algum sinal que anunciasse o aproximamento de sua gente; mas em vão fazia!

O silêncio da morte reinava nos sertões que azulavam à imensa distância; nenhuma fumaça consoladora eclipsava a clara atmosfera, alvos vapores se erguiam do grande Goyoen que marcava o tortuoso curso de suas águas, rolando pelo meio do interminável sertão. Um dia voltando para a sua cabana carregada de frutas e água de butiá, ouvia já de longe em direção do alojamento gritos furiosos e descompassados dos homens e lúgubres prantos das mulheres. O coração de Aricó estremeceu pressagiando algum funesto acontecimento e, caminhando com vacilante e ligeiros passos, logo se apresentou à seus olhos um triste e terrível espetáculo. Os índios juntos em um terreno preparavam as suas armas, como que se esperassem algum inimigo; uns afiavam as agudas lanças, enquanto outros arrumavam novas cordas em seus arcos e consertavam as volantes flechas. O furor e a desesperança estavam pintados no rosto de todos e seus gestos e palavras respiravam só a vingança. As mulheres sentadas em pequenos grupos atroavam os ares com os seus prantos; as crianças atônitas e temerosas choravam em torno delas; tudo anunciava o desfecho de uma recente e aterrador catástrofe. A jovem selvagem tremendo e aflita entrou para esta cena de desordem, procurando com palpitante coração saber a causa de tanto alvoroço e logo observou sentada a um lado, com semblante triste e abatido, a Guerrerão que tinha acompanhado Condá para os campos de Curramburg.

“Que novidade fatal é esta” perguntou ela, “onde ficaram os vossos companheiros?” “Ficaram mortos estendidos no campo” (respondeu o índio), “e só eu escapei para contar a perfídia, a traição e má-fé dos brancos, e para excitar as tribos de Goyoen à vingança do sangue de seus irmãos, do precioso sangue derramado de tantos heróis, de tão valentes guerreiros”. “E Condá, e Caocochee”? (apenas articulou Aricó como que receando a resposta do selvagem). “O Condá tinha acompanhado a Paí-Cufá para a grande povoação” (disse o índio), “Caocochee ficou conosco enquanto estes estavam ausentes; o outro Paí, seu inimigo, mandou uma escolta para onde estávamos abarracados, ordenando que nós o acompanhássemos para a povoação; humildes obedecemos, nunca suspeitando suas cruéis e malignas intenções. Ao entrar no campo

de Chapecó, a um sinal dado, dispararam as armas em nossa gente e daqui proveio esse terrível massacre e desmedida carnagem; eu estava sentado a um lado quando ouvi os primeiros tiros; corri para o mato e felizmente escapei”. “E não vistes a Caocochee nesta ocasião”? (tornou a aflita moça). “Ele tinha ficado atrás derrubando umas pinhas” (respondeu o índio), “e não sei se já tinha chegado quando houve a mortandade; talvez temesse as intenções da escolta; e se assim foi, apenas ouviu os tiros, não se descuidaria de evitá-los”. Um raio de esperança iluminou o pungido coração de Aricó. “Pode ser que ele ainda exista!” (diz ela consigo), “errante pelas matas, coberto de feridas, e exaurido de forças jazerá talvez estendido nas solidões do sertão; ninguém ouvirá seus gemidos, nem aliviará suas dores, ninguém lhe ministrará o mais pequeno socorro; vou procurá-lo, vivo ou morto; eu hei de descobri-lo; se vivo, será minha felicidade, se morto, ao menos terei a triste consolação de dar sepultura aos seus despojos mortais. A minha gente há de vingar-me e muitas mulheres ainda choram, como eu agora estou chorando, a perda de suas mais queridas prendas”. Formada esta resolução, procurou o seu irmão Coré, contou-lhe a história de Guerrerão e declarou a sua deliberação. Coré quis dissuadi-la de seu temerário projeto; pintou-lhe com as mais vivas cores os perigos da viagem, os rios caudalosos, os matos infestados de tigres e bravias feras, e os brancos, ainda mais cruéis que as mesmas feras; porém nada foi capaz de abalar sua determinação. O amor e a desesperação a tinham revestido de uma coragem sobrenatural, e Coré, que amava com ternura a sua irmã, vendo que todos os seus esforços eram inúteis, determinou acompanhá-la, e tendo-se prevenido com alguns necessários para a jornada, e sem comunicar esta nova resolução a ninguém, nesta mesma noite os jovens selvagens atiraram-se a toda pressa por entre as extensas e lúgubres montanhas.

Parte VII

A viagem. O índio ferido

A lua já se tinha apresentado sobre o horizonte quando atravessaram o Goyoen; em partes matas cerradas de taquaras, e entrelaçadas com cipós, não davam passagem aos pálidos raios da rainha da noite, eram precisos toda a prática e tino de um índio para acertar com a obscura picada; em outras observam-se pitorescas campinas de papuã e acolá viam-se grossas imbuías levantarem seus membrudos galhos, cobertos de compridos musgos que, flutuando no luar, apresentavam mil fantásticas formas. A noite estava calma e serena, nenhum vento agitava as folhas e só o distante rugido de algum faminto tigre ou a rouca voz de pássaros noturnos perturbava o silêncio que reinava, tornando mais medonha a sombria solidão do deserto. Entretanto por estas lúgubres paragens a jovem selvagem seguia com intrepidez ao seu guia, parecia que se tinha despido de toda aquela timidez natural ao seu sexo e idade e seus únicos pensamentos e cuidados estavam encerrados na sorte de seu amante. A aurora começava a avermelhar e logo os radiantes raios do sol acabava de rasgar os negros mantos da passada noite, quando chegaram às margens do Chapecó Arengre³⁰³. (Coré então lhe disse), “minha irmã, vós deveis estar mui fatigada, paremos um pouco aqui e quando levantar o sol, da copa daquele alto pinheiro, talvez eu possa avistar o campo, e assim prosseguiremos melhor a nossa derrota”. E dizendo isto sentaram-se à margem do rio e tirando de suas provisões um pouco de mel, e mafei³⁰⁴, recobriram algum alento, já bastante exaurido pela canseira da viagem. O sol subindo no horizonte dissipou as sombras noturnas da floresta e Coré da copa de um comprido pinheiro avistou ao longe o campo. “Coragem, minha irmã!” (exclamou ele) “hoje mesmo sairemos do sertão e vosso cora-

³⁰³ Chapecó Arengre: irmão do Chapecó [n.d.a].

³⁰⁴ Mafei: uma qualidade de farinha [n.d.a].

ção ficará desenganado”. Caminharam até meio dia sem acontecer novidade alguma, quando, passando um pequeno córrego, Coré parou, como assustado. “Aqui está um rasto humano” (diz ele) “e vejo sinais de sangue pelas folhas, será de algum de nossos irmãos, que ferido escape do massacre, veio morrer aqui?”. E dizendo isto seguiu o trilho que desceu pelo regato e a poucos passos descobriu a pálida e desfalecida figura de um índio, estendido no chão, jazendo no leito da morte e a toda a evidência parecia prestes a exalar o último suspiro. À chegada de Coré o moribundo levantou os olhos e conhecendo que era amigo um raio de satisfação iluminou o seu semblante, e esforçando-se para falar mostrou o braço que, varado por uma bala, estava ainda vertendo sangue. Coré examinou a ferida e vendo que todo o seu desfalecimento era ocasionado pela muita perda de sangue e falta de sustento procurou logo umas ervas, cujas virtudes são bem conhecidas pelos índios, enquanto Aricó, tirando um porongo de mel com coração compassivo e filantropo, ofereceu ao doente; com estes auxílios o enfermo recobrou um pouco de alento; e Aricó ansiosíssima por saber a sua história pediu que lhe contasse, o que ele satisfez pela maneira seguinte: “Quando nossa gente foi acometida pelos infames brancos, eu estava sentado um pouco retirado dos mais, levantei-me para correr e neste instante fui alvo de um tiro, cá e fingi-me morto, eu vi minha mulher e meus filhos conduzidos para o cativeiro, sem que eu lhes pudesse valer, muito tempo depois, vendo que tudo estava em silêncio, levantei a cabeça, e olhando para todos os lados vi somente os cadáveres dos mortos estendidos pela planície, vim com bastante dificuldade até aqui, quando a fraqueza, que provinha do muito sangue que derramei e da falta de alimento, obrigou-me a parar”. “E Caocoochee estava lá?” (perguntou Aricó). “Eu não o vi” (respondeu), “ele havia ficado atrás”. “E é longe o lugar onde isto aconteceu?”. “Não (respondeu o índio), “passando o Chapecó e subindo a primeira colina, vós avistareis as moradas dos brancos, não tendes receio de os encontrar, eles estão todos na povoação cantando a vitória, vendendo nossos caros filhinhos, maltratando nossas mulheres com receio que fujam; logo adiante o inha-tamburg voando sobre os matos mostrar-vos-á o lugar da mortandade, pois bem disse o agoureiro que nós íamos ser pasto deles e dos jagoás de Curram-burg! O índio acabou de falar e os dois irmãos, depois de com eles repartirem os seus víveres, continuaram a viagem. Logo que chegaram ao Chapecó e o passaram entraram no campo: as tropas de gado e outros animais domésticos que pastavam nestes lugares teriam em outra ocasião excitado a sua curiosidade e admiração, pois que nunca tinham visto, senão os habitantes silvestres, porém seus corações iam tão comprimidos de dor, que não davam lugar a estas reflexões. Aricó, que caminhava com os olhos fitos na direção que lhe tinha apontado o índio, logo percebeu o sinal que lhe tinha dado, e pegando no braço do irmão: “não vedes, Coré” (diz ela), “como por cima daquelas árvores estão voando os pássaros do mato?” Coré, levantando os olhos, observou os abutres, que, adejando em círculos sobre os matos, pareciam que recebiam descer como se alguma cousa proibisse sua chegada e guardavam os cadáveres dos mortos.

Parte VIII

Os mortos

O sol estava declinando para as regiões do poente, quando Aricó e Coré dirigidos pelo voo das aves atravessaram um pequeno mato para entrar na campina onde jaziam em um eterno silêncio as inanimadas relíquias de seus infelizes irmãos. Ao aproximar-se desse medonho sítio palpitava o coração de Aricó com redobrada violência e os latidos dos cães, à sua chegada, causava-lhe alguma surpresa, mas Coré avançando com cautela, e observando a circunferência toda deste lugar, viu que era produzido pelos cães dos índios, que, ainda fiéis aos cadáveres de seus amos, reservava-lhes dos ataques das aves de rapina que, em grande número, adejavam sobre

este círculo da morte. Que triste e horrível espetáculo! Que pungente e patética expectativa para um coração que tivesse sentimentos de humanidade! Os desgraçados selvagens, aqui transpassados com balas, ali mutilados com ferro, acolá estrangulados e banhados em sangue, cobriram a horrorosa campina, homens, mulheres, crianças e velhos, promiscuamente estendidos, mostravam que os autores deste massacre não tinham respeitado idade, nem sexo. Os dois jovens índios, mais mortos que vivos, percorreram esta cena de carnagem, procurando por entre estes restos da mortandade o cadáver de Caocochee: tinham revistado quase todos quando um índio, estendido sobre o terreno e coberto com um curú, atraiu a atenção de Aricó. “Será ele” (diz a moça consigo), mas lhe faltava coragem de com trêmula mão levantar a coberta; foi então que Coré, tirando do rosto o curú que o escondia, viu que não era Caocochee. A poucos passos rasgada de punhaladas estava sua infeliz mulher e pequenos filhos mortos, com toda a evidência, há pouco tempo: parece que a piedade e o amor conjugal lhe tinha dado forças suficientes, já no paroxismo da morte, para cobrir os corpos de seu desgraçado esposo e inocentes filhinhos. Coré, enquanto sua irmã indagava miudamente se entre os mortos, achara o seu Caocochee, cobria os cadáveres das vítimas que tinham perecido neste lugar, e achou serem tanto quantos cinco vezes seus dedos de mãos e pés, além dos dedos de uma mão e de outra; e, vendo que ela estava desenganada de achar o seu amante, disse-lhe: “vamos minha irmã, saíamos desta hedionda moradia de horrores e povoada pelas sombras da morte e entre os vivos procuraremos o nosso Caocochee. Perto daqui deve ser a habitação do Paí-Cufá, nosso amigo, e de Condá seu irmão; apressemos os nossos passos e antes de se por o sol, tereis talvez a possibilidade de juntar-vos com o vosso amado e repousares em seus braços”. Aricó, encantada com estas palavras de consolação, criou novo ânimo, a ideia de avistar o seu amante deu-lhe novas forças e fez com que ela esquecesse todas as fadigas, sacrifícios e perigos da jornada. O sol vacilava no horizonte e a noite começava a estender seus roxos e negros mantos, quando entraram no campo de Chopim, e, achando uma estrada, caminharam por ela, julgando que os dirigiria para a moradia do Paí. Apenas passaram por um pequeno capão, vozes de gente, como em conversa, atraíram sua atenção, e Coré, parando para escutá-las, viu que eram produzidas por três índios que, sentados na margem de um regato, rodeados dos despojos de uma anta, entretinham-se com um diálogo sobre os sucessos de uma caçada.

Aproximou-se deles. Qual porém foi sua satisfação quando entre eles conheceu o fiel Yoceguem que havia acompanhado Condá para o rio de Goyoen. Coré vendo assim seus conhecidos chamou ansiosamente sua irmã que, saindo do mato, unida a ele apresentaram-se aos índios. Yoceguem, sobressaltado com a inesperada aparição, lançou velozmente mão de suas armas; porém, logo conhecendo-os, exclamou: “Desgraçados! Que vindes fazer à estes lugares? Vireis acaso procurar também a morte?”. Coré respondeu a isso com restrita narração da história de Guerrerão; expôs-lhe os motivos que os determinaram a fazer esta viagem; e, escutando com admiração, disse-lhes: “Sossegai vossos corações e congratulai-vos pelos prazeres e felicidades que vos estão eminentes e vos vão por mim ser presenteados. Caocochee ainda existe, livre de todos os perigos, em casa de Paí-Cufá, que amanhã deve chegar da grande povoação. Vamos Aricó, alegrar com a vossa presença o consternado coração do teu amante, que não tinha esperança de tão depressa te abraçar”. De fato, no dia seguinte encontraram-se os dois amantes e contaram reciprocamente as suas aventuras. Depois, Caocochee carregou triunfante Aricó para sua taba.

Conclusão

Poucos meses depois destes acontecimentos, tive ocasião de viajar para o campo de Palmas. Foi em um dia abrasador, mês de dezembro que atravessei as planícies de Chapecó. O Sol tinha ganho o seu Zênith e nenhum zéfiro abrandava seus ardentes raios, quando, convidado pela fresca

sombra de um pequeno bosque e um murmúrio de um cristalino regato, dirigi meu cavalo para aquele lado e determinei descansar um pouco neste romântico e agradável retiro. Deitado sobre a verde relva das margens do ribeiro, lançando os olhos sobre o vasto e espaçoso sertão que azulava toda a distância onde podia alcançar a vista, contemplei a sorte dos entes que o habitavam.

Lembrei-me, então, que não havia muito tempo, um grande número de selvagens, tendo sido convidados, havia-se apresentado às autoridades locais, por cujas ordens, logo depois, foram cruel e perfidamente assassinados. Não distava deste lugar o do massacre, e é por isso que minha imaginação pintou com as mais vivas cores esta lamentável catástrofe, acompanhada de todas as suas horríveis circunstâncias. Tocado de compaixão e lamentando o feroz e cruel destino dos desventurados índios, senti meu coração oprimido de dor. Recordei-me do que havia ouvido sobre a horrorosa carnificina, que por dilatados anos sofreram os indígenas do Império dos Incas, na América Espanhola, e confrontando com o que sofrem hoje os descendentes desses conquistadores, que degolaram os índios com mais sangue frio, do que se degolassem uma galinha; disse comigo: “Oh! Quem sabe se os manes³⁰⁵ desses homens (por que não eram feras) pedem hoje vingança!”. Quem sabe essa interminável guerra civil, que devora seus habitantes, é uma consequência da desapiedada carnagem praticada com os legítimos filhos do Solo Americano! E que cada nação que o habita terá de pagar a quota que lhe pertence de sangue com sangue; pois que o Autor da natureza não dorme e nós somos tanto uma dimanação sua, como eram esses, que assassinaram, e que ainda hoje se assassinam em mais pequena escala, porque há menos; e o resto vive embrenhado em estreitos e aspérrimos sertões, à que noutro tempo, com legítimo título, chamavam seus!

Estas reflexões foram interrompidas por uma bulha, que parecia de um batido de asas, e olhando para aquela direção, vi que era procedida de um corvo branco, que, transpassado por uma flecha, veio cair quase sobre meus pés. Assustado com este incidente, lembrei-me, pela primeira vez, que estava só e que talvez os índios bravios andassem por estes lugares, e, aterrado com esta ideia, fui velozmente montar a cavalo, e dispunha-me para escapar. Tal terror, porém, foi desvanecido, apenas vi saírem de um capão vizinho quatro índios, vestidos à portuguesa, e, conhecendo assim que nada tinha a recear, resolvi-me a esperá-los; em seguida avançaram para o meu lado; era o Condá e sua mulher, de quem eu era pessoalmente conhecido, e dois jovens selvagens, a quem nunca tinha visto. “A vossa caçada”, disse eu, “causou-me algum susto, receei que fosse obra dos índios de Goyoen”. “Não devias duvidar” (respondeu Condá), “eles sempre atravessam por aqui e por isso não se deve entranhar muito no sertão; é necessário limitar nossos passeios por estes capões. “E quem são estes?” (perguntei eu), mostrando os dois jovens desconhecidos, cuja fisionomia interessante e agradável figura me tinha propendido à seu favor; “estes são vossos filhos?”. “Não” (disse-me Condá), “este mancebo é Caocoochee, meu sobrinho, e esta outra é Aricó, sua mulher”, de quem vós tereis ouvido falar tanto. “E agora” (tornei eu) moram juntamente convosco? Não procuram mais o seu antigo modo de vida?”. “Ao princípio” (respondeu Condá) “houve bastante dificuldade em persuadi-los que entre os brancos havia gente humana e benfazeja; mas a constante bondade e carinho, com que foram tratados pelo Sr. capitão Hermógenes e sua gente, fez com que tais escrúpulos fossem desvanecidos e acabou de convencê-los que era melhor associarem-se conosco do que seguirem a vida errante de seus antepassados”. O sol lançava já seus raios com brandura e uma fresca viração convidava o viajante para a estrada. Despedi-me dos índios que regressaram para o mato; e eu, pensando sobre tudo o que tinha visto e ouvido, continuei a minha viagem.

³⁰⁵ Manes: almas [n.d.e].

**A emigração dos Cayuaz. Narração coordenada sob
apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliott.
Pelo sócio efetivo o Sr. brigadeiro José Joaquim
Machado de Oliveira**

por João Henrique Elliott

Breve apresentação da fonte

Este texto, até a presente data, foi publicado apenas uma única vez, em 1856, na *RIHGB*³⁰⁶. O texto original é seguido de um longo glossário, intitulado “Vocabulário dos índios Cayuás”, oferecido pelo Barão de Antonina ao IHGB. Optamos por não publicá-lo pelo fato de o vocabulário nada ter a ver com a língua Kaiowá ou com qualquer outra língua do grupo Guarani. Mais adiante, Graciela Chamorro e Wolf Dietrich³⁰⁷ justificam melhor o porquê dessa opção.

A partir das indicações disponibilizadas no subtítulo do texto, a sua autoria pode parecer ambígua, sugerindo que a narrativa tenha sido composta por José Joaquim Machado de Oliveira, a partir de informações coletadas por João Henrique Elliott. Lembremos que José Joaquim Machado de Oliveira foi quem já havia publicado, na *RIHGB*, a carta do Barão de Antonina de 1843 (*infra*).

No entanto, diferentemente do que informa David Antonio da Silva Carneiro³⁰⁸ e Sacramento Blake³⁰⁹, sugeriríamos que a José Joaquim Machado de Oliveira se deve, apenas, a edição e a revisão do presente texto, sendo que o autor é incontestavelmente João Henrique Elliott.

Além de o texto estar escrito em primeira pessoa (na pessoa de Elliott), temos ainda outros elementos que apontam que sua elaboração havia sido encomendada a Elliott. Isso fica claro numa carta que Elliott redige ao Barão de Antonina no dia 5 de maio de 1856. Entre muitos outros temas relativos às atividades da recém-criada colônia Militar do Jataí, onde a carta é assinada, Elliott informa sobre a elaboração do presente texto, mencionando “hei de continuar a ‘Emigração dos Cayuás’ conforme V. Ex^a me ordena [...]”³¹⁰.

A partir de diversos trabalhos escritos por José Joaquim Machado de Oliveira, é conhecido seu interesse pela temática indígena³¹¹. Neste sentido, poderíamos talvez postular que sua participação na elaboração deste texto, como fica evidente em seu título, se deve a uma possível encomenda que Machado de Oliveira, então Diretor-Geral dos Índios da Província de São Paulo, fez a Elliott através do Barão de Antonina.

Estamos realmente muito felizes em reeditar esse texto depois de mais de cento e cinquenta anos desde sua primeira e única edição. Como vimos no ensaio *João Henrique Elliott ou a biblioteca invisível de Nimuendajú*, a ideia desse livro, de alguma forma, nasce da descoberta deste texto, ao mesmo tempo extremamente pouco conhecido, mas fundamental para se reler a tese de Nimuendajú sobre a “Terra sem Mal”.

³⁰⁶ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 19, p. 434-447, 1856.

³⁰⁷ Wolf Dietrich é professor emérito do Curso de Romanística da Universidade de Münster, Alemanha.

³⁰⁸ CARNEIRO, David Antonio da Silva, *op. cit.*, 1987, p. 19.

³⁰⁹ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1895. p. 488.

³¹⁰ ELLIOTT, João Henrique. *Carta ao Barão de Antonina*, 05/05/1856. Arquivo Particular de Duarte da Ponte Ribeiro, Arquivo Histórico do Itamaraty, documento n° 49.

³¹¹ MONTEIRO, John. *A Memória das Aldeias de São Paulo: Índios, Paulistas e Portugueses em Arouche e Machado de Oliveira*. Tupis, tapuias e historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Tese de Livre Docência, Campinas, Unicamp, 2001, p. 112-128.

Vocabulários dos Índios Cayuás - Justificativa de sua não publicação³¹²

O *Vocabulário dos Índios Cayuás* foi publicado, em 1856, no Tomo 19 da *Revista do IHGB*, na sequência do estudo do Elliott *A emigração dos Cayuaz*. Não consta indicação de autoria desse vocabulário, apenas que fora doado pelo Barão de Antonina ao IHGB, do qual ele era sócio: “Manuscripto offerecido pelo socio o exmo. sr. barão de Antonina”³¹³. O Barão não é o autor, mas é como se fosse, pois sua posição de coletador do IHGB o tornava o sujeito mais importante na procura de obras que interessassem ao IHGB e à constituição de uma história geográfica do Brasil³¹⁴. Tampouco figura o ano de elaboração do vocabulário, nem um texto introdutório. Apresenta-se diretamente a lista de umas 1900 palavras-entrada - que muitas vezes não são propriamente palavras, mas enunciados – em língua indígena, com sua correspondente em português. Apresenta-se em ordem alfabética, em duas colunas por página, cada coluna iniciando por um termo em português, com ou sem indicação gramatical, separada por uma vírgula de seu equivalente, em itálico, na suposta língua Kaiowá.

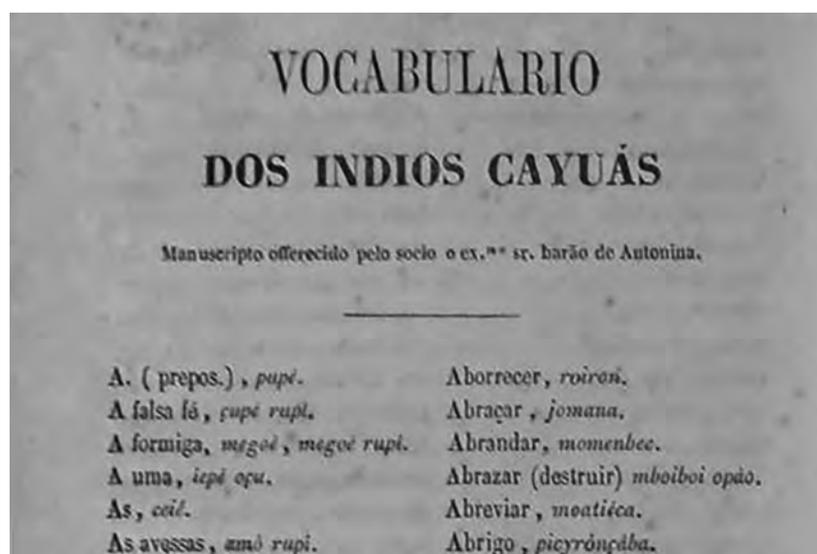


Imagem 11. Fragmento da primeira página do Vocabulário dos Índios Cayuás.
Fonte: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 19, 1856, p. 448.

Acontece que esta língua indígena nada tem que ver com a língua Kaiowá ou com qualquer outra língua do grupo Guarani. Trata-se, pois, provavelmente de um erro ou de um engano, porque o vocabulário não é Kaiowá nem Guarani, mas Língua Geral Amazônica. Isto se evidencia por vários indicadores:

– as consoantes finais do vocabulário são inexistentes nas línguas do grupo Guarani:

Adoçado (estar), *cúm vaé*

Abafar (embrulhar), *pakék*

Abençoar (benzer), *mongarayb*

³¹² Justificativa elaborada por Graciela Chamorro e Wolf Dietrich.

³¹³ *RIHGB*, 1856, p. 448.

³¹⁴ GARCIA, Dantielli Assumpção. Os instrumentos linguísticos e a autoria na Revista do IHGB. *Organon*, Porto Alegre, n. 53, p. 243-261, jul./dez. 2012.

Benzer, *monger ayb*

– a presença de /s/, grafada <ç> em geral, onde todas as variedades de Guaraní têm /h/:

o-ço ‘ir’ e não *o-bo*,

puracey ‘bailar’ e não *porabéi*,

mbaé pyçaçu ‘nova coisa’ e não *mba’e pyabu*.

– nele consta a negação *nitio* típica da Língua Geral; ninguém é *nitio abâ* ‘nenhum ser humano’

– para ‘rapaz’ diz *curumim* e não *kunumi*.

– para ‘mel’ diz *yra*, não *ei*.

– há no vocabulário um forte discurso religioso católico, que é estranho à situação sócio-histórica dos Kaiowá no século XIX:

A falsa fé, cupê rupî

Abençoar (benção), momboré

Abençoar (benzer), mongarayb

Adão, jandé paya ipy

Adultera, cunha ôména momoxi cara

Anjo, caraibébê

Artigos de fé da S. M. Igreja, recó rerobiaçára

Badalo do sino, tamaraca raconha

Batismo, yg carayba pupé nhemoacûca

Catecumeno, ceryma

Celebar missa, missa monhang

Communhão, tupanrara

Condemnado (do inferno), gúrupariratâ porá

Condemnado (ao castigo), teço ay bapora

Cruz, Curuçá

Demônio, jurupari

Deus, tupana

Fé catholica (Jesus Christo), rerobiaçába

Esse vocabulário é estranho no contexto kaiowá. Elliott o publicou sem fazer qualquer apontamento ao título, acompanhando seus contemporâneos do IHGB, que, sem conhecimentos precisos da língua, aceitavam tudo o que lhes era oferecido, chegando a formar um verdadeiro corpus sobre o discurso a respeito das línguas do Brasil.

Comparando o Vocabulário dos Índios Cayuás com os Glossários do alemão Carl Friedrich Philipp von Martius, que data dos anos 1840, mas foi publicado em 1867³¹⁵, observa-se que o “diccionario tupi” de von Martius não é mais que um extrato do Dicionario Portuguez-

³¹⁵ VON MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. *Glossários de diversas línguas e dialectos, que fallao os índios no imperio do Brazil*. Wörtersammlung brasilianischer Sprachen. Wiesbaden: Martin Sandig, 1969 [1863].

Brasilião de 1795, compilado por Frei Onofre³¹⁶. Conclui-se, então, que o “Vocabulário dos Índios Cayuás” é outro extrato, mais reduzido, da obra de 1795. As concordâncias são concludentes.

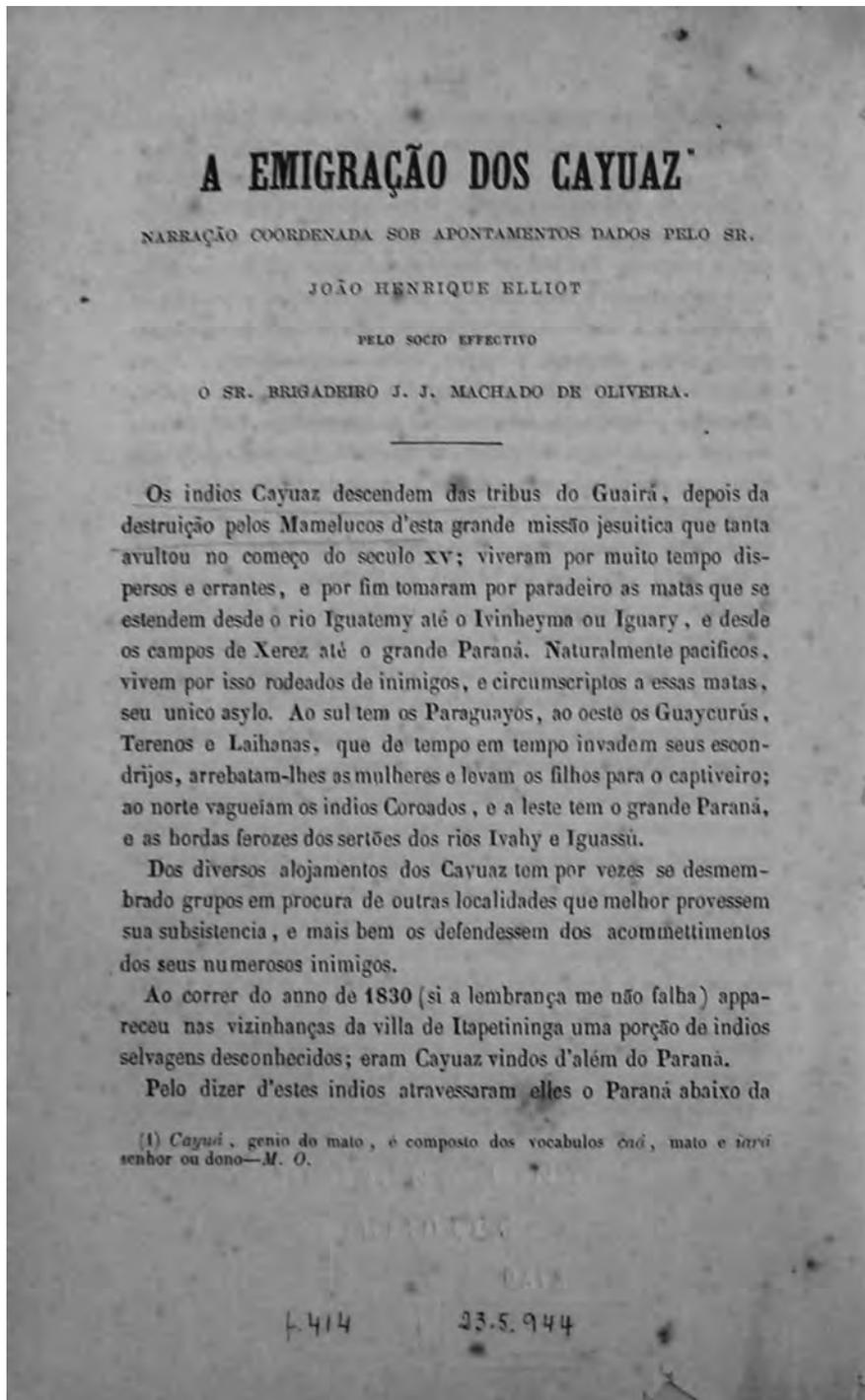


Imagem 12. Primeira página de A Emigração dos Cayuaz.
Fonte: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 19, 1856, p. 434.

³¹⁶Frei Onofre. Dicionário Portuguez-Brasilião e Brasilião-Portuguez. Ed. preparada por Plínio Ayrosa. *Revista do Museu Paulista*, n.18, p. 17-322, 1795/1934.

Os índios Cayuaz descendem das tribos do Guairá, depois da destruição pelos Mamelucos desta grande missão jesuítica que tanto avultou no começo do século XV³¹⁷; viveram por muito tempo dispersos e errantes, e por fim tomaram por paradeiro as matas que se estendem desde o rio Iguatemi até o Ivinheima ou Iguary³¹⁸, e desde os campos de Xerez até o grande Paraná. Naturalmente pacíficos, vivem por isso rodeados de inimigos e circunscritos a essas matas, seu único asilo. Ao sul têm os Paraguaiois, ao oeste os Guaycurus, Terenos e Laihanas, que de tempo em tempo invadem seus esconderijos, arrebatam-lhes as mulheres e levam os filhos para o cativo; ao norte vagueiam os índios Coroados, e a leste tem o grande Paraná, e as hordas ferozes dos sertões dos rios Ivaí e Iguaçu.

Dos diversos alojamentos dos Cayuaz tem por vezes se desmembrado grupos em procura de outras localidades que melhor proovessem sua subsistência, e mais bem os defendessem dos acometimentos dos seus numerosos inimigos.

Ao correr do ano de 1830 (se a lembrança não me falha) apareceu nas vizinhanças da Vila de Itapetininga uma porção de índios selvagens desconhecidos; eram Cayuaz vindos de além do Paraná.

Pelo dizer destes índios atravessaram eles o Paraná abaixo da barra do Ivaí, remontaram este rio até as ruínas de Vila Rica, e daí, transpondo-se para a sua margem direita, dirigiram-se para o Tibagi, que passaram pouco abaixo dos Montes Agudos, entrando em território da comarca de Curitiba; e ao subirem essa grande cordilheira avistaram uma parte dos Campos Gerais, que dali se estendem para o nascente. Por sua qualidade de selvagens não deviam aparecer subitamente nesses campos, pois que se assim o praticassem expunham-se a encontros com os brancos, e por isso inclinaram-se mais para o norte, abeirando o campo, mais ou menos perto, e depois de anos de um viver errante, repassados de privações e vicissitudes, mostraram-se finalmente no município de Itapetininga, onde permaneceram algum tempo entretidos em comunicação com a população dali, sem que, todavia, se decidissem a um estabelecimento fixo. Passados meses retraíram-se às matas, entrando pelos sertões da margem esquerda do Parana-pema, entrepostos aos rios Taquari e Itararé.

Em 1844³¹⁹ apareceu na fazenda de Perituva, do Ex. Barão de Antonina, um magote destes índios, com o fito talvez de conhecerem como seriam ali recebidos. O proprietário os acolheu com aquela bonomia que foi sempre seu característico, e especialmente em respeito aos índios, distribuindo-lhes roupa, ferramenta e aquilo que mais prendia sua cobiça, e, informado deles do sítio em que se achavam alojados o restante da tribo, mandou abrir uma vereda de onze léguas que lhe pudesse dar trânsito para ali, e conseguindo isso, só às expensas suas, passou a solicitar o auxílio do governo, ministrando-lhes um capuchinho para sua catequese, e por fim aldeou-os no lugar em que hoje existe a capela de São João Baptista³²⁰.

Em 1845, na excursão que fiz em companhia dos Srs. Vergueiro e Lopes, cujo relatório foi publicado na *Revista trimensal* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1846³²¹,

³¹⁷ Provavelmente houve erro datilográfico e Elliott se referia ao século XVII [n.d.e].

³¹⁸ Também conhecido à época como Igurey ou Ygurey [n.d.e].

³¹⁹ Segundo a participação oficial (*infra*) endereçada por João da Silva Machado (futuro Barão de Antonina) ao presidente da província de São Paulo, os mencionados indígenas teriam se apresentado em sua fazenda Perituva no dia 31 de agosto de 1843 [n.d.e].

³²⁰ Sobre a criação do aldeamento de São João Batista do Rio Verde, ver *Resumo do itinerário (...)* de Elliott (*infra*) [n.d.e].

³²¹ *Infra* [n.d.e].

subindo o Ivaí, nos deparamos com dezesseis famílias desta raça indiana³²² que seguia a mesma direção que levávamos, e, porque depois disso nenhuma notícia houvesse desse gentio, supõe-se que fora acometido e derrotado pelas hordas ferozes que habitam o sertão a oeste de Guarapuava.

Em 1847, no regresso da expedição incumbida das explorações dos campos de Xerez ou da Vacaria, na província de Mato Grosso, a que eram anexos, descendo o Ivinheima, encontramos com grande número destes índios na margem direita do rio: chegamos à fala e travamos com eles relações de amizade³²³ (veja-se a *Revista do Instituto* de 1849³²⁴). E como esta gente se esforçasse em demonstrações de deixar aqueles lugares expostos às invasões das tribos suas inimigas, informado disto o Sr. Barão de Antonina, cujas tendências foram sempre chamar à civilização a casta indiana, dispôs-se a manter esses precedentes de conciliação, mandando brindes aos Cayuaz sempre que havia oportunidade, e excitando-os que se subtraíssem à vida errante: isto que lhe granjeou o mesmo título de Pahy-Guassú que lhe houvera dado a tribo que se aldeou em São João Baptista.

Em 1841³²⁵ o cacique Libânio, que entre eles era conhecido com o nome de Liguajurú, enviou seu filho Iguajú na comitiva do negociante Baptista Prestes a visitar o bom Pahy-Guassú e a conhecer se era exato quanto se divulgava do estabelecimento projetado no Tibagi³²⁶. O hóspede de sua Exa. foi bem tratado, como era de esperar, e ao retirar-se para os seus, o Sr. Barão de Antonina aproveitou o ensejo para dirigir-lhes o convite de virem-se aldear no Jataí naquele rio, onde se começava a erigir a colônia militar que servia de ponto de partida de trânsito fluvial para a província de Mato Grosso e a República do Paraguai, e assim principiar-se um novo aldeamento de índios dessa raça, à imitação do de São João Baptista³²⁷.

Não contente com estas recomendações a Iguajú, chamou sua Exa. a Simão Sanches³²⁸, natural do Paraguai e versado no idioma guarani, assim como são todos os daquele país, e incumbiu-lhe de ir em companhia do filho do cacique munido de presentes para essa tribo, e de canoas para transportá-los se porventura assim o quisessem espontaneamente. Entretanto Sanches, no alojamento do Liguajurú³²⁹, distribuiu os brindes que levava; e, como logo conhecesse

³²² Como já mencionamos em outra nota de rodapé, no mencionado *Resumo do itinerário (...)*, *infra*, publicado na RIHGB (t. 9, p. 17-42), Elliott encontrou, nos dias 19 e 20 de novembro de 1845, indígenas Botocudos [n.d.e].

³²³ O mencionado encontro ocorreu durante a “6ª entrada” do *Itinerário* referente às expedições realizadas entre 1845 e 1847 (*infra*). Mais exatamente, o mencionado encontro aconteceu no dia 23 de outubro de 1847 [n.d.e].

³²⁴ *Infra* [n.d.e].

³²⁵ Seguindo a cronologia da narração deste texto, é muito provável que este evento tenha ocorrido no ano de 1851, e não em 1841, uma vez que nesta última data o Barão de Antonina ainda não havia iniciado suas explorações ao sul do atual Mato Grosso do Sul. A data de 1841 trata-se, provavelmente, de um erro datilográfico da edição original. De fato, a partir do texto de Prestes é possível saber que se trata de 1851 (PRESTES, Capitão Antonio Dias Baptista. “Viagem do Capitão Dias Prestes e seu irmão Manoel Dias Baptista Prestes desta província de São Paulo a Cuiabá em 21 de abril de 1851”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 28, p. 773-795, 1930 [1851]) [n.d.e].

³²⁶ De fato, a partir do relato de Prestes, é possível saber que o filho do cacique Libânio o acompanhou. “Chegamos aos Caiuas, tocamos buzina, veio o capitão do bando [Libânio] e seis índios e um filho e quatro assentaram de nos acompanhar, onde um deles, o filho, que pusemos o nome de Cadete, no outro Pedro, por ser esperto, tudo queria ajudar a fazer, embarcaram cada um seu arco e um maço de flechas e fomos descendo ao Ivinheima” (PRESTES, Capitão Antonio Dias Baptista, *op. cit.* [n.d.e.]).

³²⁷ Elliott está se referindo à colônia militar do Jataí, criada em 1851 (decreto n. 751 de 02/01/1851). No ano de 1855, em frente à colônia, na margem oposta do rio Tibagi, seria erguido o aldeamento de São Pedro de Alcântara [n.d.e].

³²⁸ Este personagem é uma verdadeira incógnita. Não encontramos nenhuma informação a seu respeito, a não ser a referência feita pelo o pesquisador Reinrev que diz ter localizado um manuscrito de Sanches no Arquivo Municipal da cidade de Filadélfia (Pensilvânia), de onde Elliott era originário. Ver REINREV, Oguh. *Das verlorene Manuskript von Simon Sanches*, *op. cit.*, t. XVII, 1952, p. 456-471 [n.d.e].

³²⁹ Liguajurú: rio de grande boca, composto de *igua* e *jurú* [n.d.a].

nos índios dali vontade de emigrarem para a nova colônia, emprazou-os para que estivessem prontos para isso ao seu regresso dos campos de Xerez, de onde voltaria dentro de dois meses, pedindo também ao cacique que fizesse igual convite aos chefes de outras tribos que lhe fossem mais próximas, pois que a todos daria transporte e manutenção.

Liguarujú não se demorou em mandar emissários aos caciques que habitam as matas de Iguatemi, Inhanduracá³³⁰, Tajahí, Curupaná³³¹ e outros lugares, os quais foram prontos em anuir ao convite para a emigração; e ao voltar Sanches das suas explorações, achou no alojamento de Liguajurú sete chefes e mais de quinhentos índios de ambos os sexos e de toda a idade dispostos para acompanhá-lo³³². O transporte dos emigrantes para aquém do Paraná, que não tinham canoas próprias, foi feito nas da expedição, e postos quase todos na margem esquerda deste rio; foi então que Sanches pôde calcular que os víveres que tinha não eram o bastante para a manutenção daqueles gentios, e fazendo aviso para a colônia a bem de lhe vir dali algum fornecimento, visto que pela natural imprevidência dos índios nenhum dos que ali se achara trouxera meios de alimentar-se, prosseguiu entretanto, a transportar do Ivinheima para o lado esquerdo do Paraná o restante da emigração; recomendando aos que já ali estavam que fossem caminhando Paranapanema acima e que se mantivessem da caça e pesca enquanto não chegavam os provimentos pedidos à colônia, que os esperava no tempo de uma lua³³³. Mas tão numeroso pessoal, com mulheres e crianças, caminhava vagarosamente, e mais retardava sua viagem a necessidade de prover-se de alimento extraído das matas com algum custo: todavia, foram vencidas sete ou oito léguas, que tantas há do ponto de sua partida aos grandes barreiros que ficam abaixo da foz do Pirapó no Paranapanema; e, como fossem aí chegados os índios, fizeram parada por necessidade de repouso, e para reparar a fome que tanto os perseguira e que os fazia insofridos, entretanto que aguardavam ali a Sanches com o resto dos emigrantes.

Os homens que do [rio] Paraná foram mandados à colônia a conduzir víveres para o gentio caminhante puderam chegar ao seu destino com a demora quase de dois meses, por causa do mau tempo e imprevistas contrariedades; acontecendo que, por motivo de mau tratamento que deram aos índios que os acompanhavam, retiraram-se estes fugitivos e foram-se incorporar à sua gente, contando-lhe os sofrimentos por que passaram e o comportamento havido com eles, bem diverso do que se lhes prometera e se lhes fizera antes da sua partida.

A notícia dada pelos fugitivos do mau tratamento que com eles se praticara, incutida em ânimos como o dos índios, sempre dispostos à desconfiança para com os brancos, sempre cheios de apreensões, que muitas vezes contrariam um bom intuito, que se fita unicamente em lhes fazer deparar com o seu bem-estar; a mais disso, e, por cúmulo de infortúnio, a morte de Sanches,

³³⁰ No *Itinerário* referente a expedição de 1857, Elliott faz nova menção à localidade de Inhanduracá, que ele traduz por “ovo de avestruz queimado”. Na descrição das atividades realizadas no dia 03/10/1857, ele menciona que Inhanduracá era o nome de um erval localizado na região da serra de Maracajú, já em território paraguaio, *infra* [n.d.e].

³³¹ Provavelmente se trata do atual rio Curupaí, pequeno afluente da margem direita do baixo rio Ivinheima [n.d.e].

³³² De fato, no *Itinerário de Joaquim Francisco Lopes (...)* referente à expedição realizada entre o final de 1848 e meados de 1849, o cacique Libânio, no dia 12/08/1848, já havia informado Joaquim Francisco Lopes que tinha “*debaixo de suas ordens mais sete caciques*” (*Itinerário de Joaquim Francisco Lopes..., infra*). Essa informação também é confirmada em carta enviada no dia 26/08/1849 pelo Barão de Antonina a Vicente Pires da Motta, presidente da província de São Paulo. Nela o Barão menciona que “*quando Lopes esteve com os índios Cayuás que habitam na margem direita do rio Ivinheima, e com eles repartiu uma soma de presentes com que havia sortido, não podendo esperar mais sete caciques e sua gente, porque já não tinha mais nada para lhes dar*” (Barão de Antonina, 26/08/1849, “Ofício do Barão de Antonina ao presidente da província de São Paulo, Vicente Pires Mota”, APESP). A partir do *Itinerário de uma viagem (...)* de 1857 é possível confirmar a informação que o cacique Libânio tinha, de fato, parentes na região do rio Iguatemi, inclusive dirigindo-os em direção da colônia militar do Jataí e do aldeamento de São Pedro de Alcântara (Ver informações a respeito dos dias 11 e 12 de outubro de 1857, *Itinerário de uma viagem..., infra*) [n.d.e.].

³³³ Os índios regulam por luas a medida do tempo: e assim uma lua com todas as suas fases equivale a um mês [n.d.a].

afogado no Paraná quando promovia o trajeto dos índios, lavrou nestes o maior desânimo, e porventura a contumaz resolução de não prosseguirem em sua emigração para a colônia, que lhes suscitara tão válidas esperanças. Em seguida, e como lhes faltassem canoas para os transferir para além do Paraná, disseminaram-se por aquelas matas voltando à sua vida errante. Os que, porém, ainda permaneciam nas margens do Paraná, postos ali antes que Sanches falecesse, retiraram-se nas próprias canoas que os transportaram, para os alojamentos de onde tinham saído.

Este desastroso acontecimento não desalentou ao Sr. Barão na louvável tentativa de anexar à colônia militar do Jataí, cujo estabelecimento lhe fora cometido, um aldeamento de índios à imitação do que se formara sob os auspícios de sua Exa. em São João Baptista da Faxina³³⁴; antes inspirou-lhe maior ânimo para firmá-lo nesse empenho, como amestrado a não se deixar sucumbir a revezes, e como sobranceiro a quantos obstáculos se apresentem na realização de suas empresas, e dotado de um gênio enérgico e destemido que mais se realça em lances de contrariedade.

Insistindo, pois, nesse propósito, dispôs o Sr. Barão que novas tentativas se empreendessem no sentido que desde muito cogitara, e para cuja verificação fizera não pequenos sacrifícios: e sua Exa. honrou-me com o me haver designado chefe da nova expedição para o chamamento dos Cayuaz.

Encarregado, pois, dessa comissão, parti da fazenda Perituva em 24 de julho de 1852, e em oito dias achei-me em São Jerônimo, outra fazenda do Sr. Barão, onde me demorei até 19 de setembro por causa do mau tempo, e à espera de quatro índios linguarás³³⁵ que, engajados em São João Baptista por sua Exa. deviam fazer parte da expedição³³⁶. A 20 desse mês prossegui em minha viagem, e a 22 cheguei à colônia no porto do Jataí, junto ao rio Tibagi.

Concluído o aprestamento da viagem, para a qual destinaram-se quatro canoas tripuladas com dezesseis homens armados e carregados de munições de guerra e víveres, além de ferramentas, fazendas e outros objetos para presentear os índios que fossem encontrados, partiu-se da colônia na tarde do dia 25 de setembro, navegando pelo Tibagi abaixo.

A 27, pelas nove horas da manhã, desembocamos no Paranapanema, e na noite de 30 chegamos à foz do Pirapó, onde se pernoitou. Prosseguindo no dia 2 de outubro, pouco abaixo da serra do Diabo ouviram-se gritos da margem esquerda do Paranapanema, e fitando para ali nossas vistas vimos a grande distância alguns índios que, trepados à árvore mais alta daquele lugar, chamavam-nos a fortes brados.

Para ali nos dirigimos, e ao aportar reconhecemos que eram Cayuaz, em número de trinta, daqueles que pertencendo à malograda empresa de Sanches, e, porque lhes faltassem canoas para transportá-los além do Paraná, ficaram aquém deste rio, e transmontando depois o Paranapanema vagavam por ali errantes e sem destino.

³³⁴ João Henrique Elliott está se referindo à criação, em 1855, do aldeamento de São Pedro de Alcântara. Para mais informações a respeito da rotina do aldeamento, ver Frei Timóteo de Castelnuovo, "Princípio e progresso do aldeamento de S. Pedro de Alcântara". *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná*, v. 37, 1980 [1855-1894] [n.d.e.].

³³⁵ Este vocábulo que tem a mesma significação de intérprete é composto da palavra portuguesa *língua* e da guarani *jara*, que quer dizer senhor ou dono [n.d.a.].

³³⁶ Como se percebe um pouco mais abaixo deste mesmo texto, um dos linguarás levados por Elliott era o capitão Ignácio, do aldeamento de São João Batista do Rio Verde [n.d.e.].

Do cacique Imbirapapá³³⁷, que se pusera à frente desta pequena tribo, soube por meio dos linguarás que perto da foz daquele rio existiam mais quatro chefes com sua gente nas mesmas condições da que ali se achava; em consequência expedi imediatamente o capitão Ignácio, do aldeamento de S. João Baptista, com outro linguará, acompanhados de três índios dos que ali se encontravam, não só para servirem de guia ao emissário, como de fiadores ao convite que se lhes fazia para virem a nós; e, entretanto, pusemo-nos do lado oposto ao em que estavam os índios, para aí aguardar o resultado daquele chamamento.

Cheio de cuidado por se haverem passado quatro dias que nada soubessem dos meus enviados aos índios da barra, expedi outros para se informarem dos primeiros, e darem-me notícia do que ocorrera a respeito; e neste ínterim ocupamo-nos em caçar e pescar para alimentar os índios, aumentando assim os víveres que trouxéramos da fazenda de São Jerônimo, e inspirando confiança naquela gente, a que nada fartava.

Ao quinto dia da partida do primeiro emissário chegou este conjuntamente com o que enviara em sua procura, trazendo o cacique Imbiara e sua gente, que foram encontrados num alojamento perto do Paraná; e daí a dois dias reuniram-se a este os dois caciques Imbaracahy³³⁸ e o quê com suas tribos, que por se haverem alojado a maior distância do Paraná não puderam acompanhar Imbiara. E, porque se me informasse que na ilha dos Tigres existia o cacique Egipapajú com alguma gente, mandei-os conduzir para ali, o que verificou-se no dia seguinte, vindo o cacique e quatorze índios.

Havendo destarte conseguido a junção do gentio que fora por Sanches transferido da margem direita para a margem esquerda do Paraná, e que depois da morte deste, não podendo regressar para seus antigos alojamentos, vivia errante e incerto naquelas matas, achei-me por fim cercado de cento e setenta indivíduos, sujeitos todos à minha disposição e confiados nas promessas que lhes fizera em nome do Sr. Barão. Então lhes fiz entender mediante os intérpretes: que o Paí-Guaçu, que os havia mandado convidar por Sanches para se estabelecerem nas margens do Tibagi, e a quem constou o malogro dessa primeira tentativa pela morte de seu comissionado, me enviara para reparar os males que lhes sobrevieram em consequência daquele acontecimento e para renovar-lhes o convite que lhes fizera e de que jamais se esquecera. Que nos seus antigos alojamentos viviam continuamente na miséria pela míngua já há muito sentida de recursos para sua manutenção, além de estarem sempre sobressaltados pelo temor dos inimigos de que se achavam rodeados; tendo ao sul os Paraguaiois, ao poente os ferozes Guaycurús e os traiçoeiros Terenos, e ao nascente os bárbaros Coroados, que todos lhes faziam guerra, matando os homens e levando as mulheres e crianças para o cativoiro.

Depois disto contei-lhes miudamente a abundância que encontrariam nas margens e florestas do Tibagi, cheias de palmitos, ricas em fruta, caça e mel, e o rio sobejando em peixe, e por fim que iriam ali deparar com a mão protetora e generosa do Pahy-Guassú, que os defenderia de seus inimigos, e lhes socorreria em suas necessidades.

Esta breve alocação formou mais os índios na confiança em que se achavam de que outra seria a sua condição e melhor o seu viver no destino a que se lançavam; e no meio de um silêncio aprovador e resignado só o velho cacique Imbaracahy observou que, tendo mandado alguma

³³⁷ Imbirapapá: o que domina a gente; composto de *imié*, reunião, *jara*, senhor e *papa*, maior [n.d.a].

³³⁸ Imbaracahy: senhor da gente queimada, composto de *Imbé*, *jara* e *cahy*, queimado [n.d.a].

de sua gente para Curupaná, que prometera fazer o seu regresso pela lua cheia, havia de mister o esperar-se por ela para que se não extraviasse, não os encontrando ali; ao que respondi que mandaria uma canoa das minhas com dois linguarás e mantimento, a fim de guiá-lo para nós, convindo que igualmente fossem alguns índios dos seus para que não suscitassem desconfiança da parte dessa gente. Assim se praticou.

Dispostas as coisas para a nossa retirada, comecei-a em 12 de outubro, fazendo transportar, nas três canoas que tinha, as mulheres e crianças dos índios, e subir por terra, margeando sempre o rio, os homens e rapazes acompanhados de meus sertanistas e de dois linguarás. Além de caminharem eles muito vagarosamente, qualquer árvore com frutos ou abelheira que encontravam e de que logo faziam presa, mais retardava seu movimento geral, inferindo daí que o tempo de viagem iria muito além do que havia calculado. Embora devesse resignar-me a tudo pelo melindre de minha situação, lidando com gente de extrema susceptibilidade, e que talvez não tivesse a consciência de minha palavra. Eu e os homens de minha comitiva pernoitávamos sempre no lado oposto ao em que ficavam os índios, para evitar alguma desavença, visto que são estes muito zelosos de suas mulheres.

Por mais diligência que praticasse para que nossa partida do pouso se fizesse cedo, nunca o pude conseguir, porque ao cair da noite começavam os índios os seus folguedos de cantos e danças que levavam até meia noite, e à madrugada repetiam a mesma coisa até o alto dia. O cacique Imbaracahy era sempre o que presidia a estes atos, e lhes dava regularidade com certas formalidades e cerimônias que pareciam religiosas, e perguntando-lhe eu a significação de tantos festins, respondeu-me que tudo era em louvor do Paí-Tupã (Deus); todavia não dei muito peso a esta asserção pelo quanto havia aí de desenvolto.

Não obstante o pesado encargo a que me havia imposto de conduzir índios selvagens, que sendo no geral cheio de suscetibilidades e de apreensões fantásticas, os de que se trata tinham a mais disso o sestro de se enfadarem pela mais tênue coisa, ou porque não eram logo satisfeitos seus caprichosos desejos, e de ameaçar-nos com sua retirada para os lugares de onde saíram; esse pesado encargo, como digo, obrigava-me à condição de nimiamente tolerante e sofredor, para que pudesse dar um resultado satisfatório da minha comissão.

Tinha levado comigo alguns panos, ferramentas e outros objetos para presentear os índios, mas a sua distribuição era feita com bastante parcimônia e por intervalos, porque sendo eles em quantidade de não poder satisfazer as suas repetidas exigências, visto que não contava com tanta gente, a proceder do modo que os índios queriam, ficava logo exaurido desses objetos, e deixava de ter o gentio na expectativa que os fazia conter.

Antes de chegar ao rio Pirapó, expedi uma canoa para trazer-me víveres, e de então em diante a marcha foi ainda mais vagarosa, e tanto assim, que se contando sete léguas, pouco mais ou menos, dessa ponta à barra do rio, só pudemos vencer essa distância em onze dias. Aí fui obrigado a parar, porque, diminuindo cada vez mais o mantimento, houve-se de mister caçar e pescar para que não viesse a faltar subsistência aos índios.

Este propósito deu-nos a descoberta das ruínas da redução jesuítica da Senhora do Loreto³³⁹, que por vezes fora tentada pelo Sr. Barão de Antonina, e cuja povoação fazia parte da grande missão do Guairá. Uns índios, andando a cata de mel e frutas, em sua retirada trouxeram duas telhas que acharam no mato, e, pesquisando-se o lugar onde se encontraram, aí estavam ainda bem visíveis vestígios dessa povoação indiana que era procurada abaixo da foz do rio Pirapó. Sobre a margem esquerda do rio Paranapanema, em um recinto de perto de quatrocentas braças em quadra, jazem essas ruínas, que consistem em montões de telhas, a maior parte quebradas, ocupando diversos lugares; numa calçada de pedra que pelo ponto mais alto corre ao logo do rio, e que denota que por ali houve uma rua, que talvez partisse da igreja; nos restos da escavação de uma vala ou fosso que um rio outro fora lançado de través ao terreno, onde se viam depósito de fragmentos de telhas; e finalmente em um forno de queimar telhas, de forma semicircular, construído de tijolos, e que seu âmbito poderia talvez acomodar três milheiros, o qual achava-se bem conservado, e se poderia dizer intacto senão fora estar sua parte superior com falta de alguns tijolos por causa de enormes raízes de guararemas e figueiras que as sobrepunham e tinham sobre o edifício indispensável domínio de mais de dois séculos.

A situação onde foi levantada a redução é a mais aprazível daquelas localidades; é ela uma pequena colina contornada pelo rio, que ali faz uma inclinação em sua direção, e logo que os capoeirões que cercam forem derrubados, dali se poderá avistar a extensão de quase uma légua tanto acima como abaixo do rio.

Falhei três dias naquele lugar, que foram bem aproveitados para a caça e pesca, que as tivemos com abundância; ali distribuí aos índios alguns panos e vários objetos que lhes eram destinados.

³³⁹ Trata-se das ruínas da antiga redução de Nossa Senhora do Loreto de Pirapó. Em carta enviada pelo Barão de Antonina ao secretário do IHGB em 13/12/1852, e lida na sessão do dia 08/04/1853, é possível encontrar descrição mais detalhada da descoberta destas ruínas. “Tendo por vezes mandado meus sertanistas em demanda do lugar da antiga Redução (é o nome que davam os Jesuítas aos lugares onde formavam Povoações com os indígenas que catequizavam) de Nossa Senhora do Loreto, porque a tradição que temos a tal respeito, é que a referida Povoação era uma das mais grandes, florescentes e aprazível das treze que formavam a Província de Guayra, e que eu mencionei na minha participação ao governo geral em 1842, a qual corre impressa nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Com efeito consegui que em dia do mês de novembro findo [1852], se descobrisse o lugar na margem direita do pequeno rio Pirapó, e esquerda do rio Paranapanema, mostrando que aonde houve o casario, e Templo abrange uma superfície de quatrocentas braças em quadra, conforme me informou o Piloto Mapista João Henrique Elliott, que vindo da margem do rio Paraná transportando embarcados e por terra os indígenas Cayuás que mandei reduzir nos sertões da margem direita dos rios Paraná e Ivinheima e esquerda do rio Iguatemi, acharam o mencionado lugar, onde se conhece o desmoronamento de um grande Templo, derrocadas as paredes que asinalam seu tamanho, e do mais caserio em torno por montões de telhas que se acham na superfície, e outras enterradas e cobertas de folhagem desse mato, que sem estorvo vegetou e cresceu desde dezembro de 1631, época em que os Jesuítas abandonaram, por causa da tenaz perseguição que fizeram os Paulistas nas treze Reduções, e na Cidade de Guayra, que existiu poucas léguas acima das Sete Quedas na margem esquerda do rio Piquiri. Em bom estado acharam somente um forno arredondado de queimar telhas, que mostra acomodar milheiros, e nota-se mais vestígios de um paredão ou fosso, partindo do Pirapó ao Paranapanema, que parece servia-lhe de entrancheamento para defesa das agressões de seus perseguidores. Nota-se também uma calçada de pedra, cuja extensão não se pôde examinar por não haver tempo para fazer minuciosas pesquisas, e estar coberta de terra, e também se observa ali uma porção de limoeiros; e como estas ruínas abrangem um terreno espaço coberto de matas, não se pôde verificar o mais que deve haver no indicado lugar, pois que a exemplo de outros povos construídos pelos Jesuítas, deverã descobrir ali alguns sinos e outras coisas pertencentes a seus Templos, porque eles na fuga não consta que levassem objetos de maior peso. Esta povoação abandonada a duzentos e vinte e um anos, está a vinte e quatro léguas abaixo do Porto de embarque do Tibagi, na confluência do arroio Jataí, onde se vai estabelecer uma colônia militar para auxiliar a navegação e comércio da comarca de Curitiba com o Baixo Paraguai da província de Mato Grosso, em consequência das ordens emanadas pela Repartição dos Negócios do Império em data de 13 de dezembro de 1850, baseadas do decreto n. 622 de 22 de dezembro de 1849, que me foi expedido com ofício do Governo Provincial em 19 do citado mês e ano; e fica ao meu cuidado mandar investigar o lugar da outra Redução denominada Santo Ignácio, que segundo as tradições que tenho, deverá existir para as cabeceiras dos mencionado Pirapó, pois dessas duas Reduções em dezembro de 1631 se retiraram os Jesuítas com doze mil índios que haviam catequizado, e descendo embarcados pelo rio Paraná até Sete Quedas, e depois costeando suas margens, foram fundar Povoações do mesmo nome na margem esquerda do Paraná, além de outras como fossem a de Corpus, S. Cosme Velbo e Candelária, bem conhecidas na província de Corrientes entre o mencionado rio Paraná e o rio Uruguai. São estas as notícias (que como sócio correspondente) do IHGB me pareceu que era do meu dever, por intermédio de V. Exa., levar ao conhecimento do Instituto” (Barão de Antonina, 13/12/1852, Carta do Barão de Antonina ao IHGB sobre investigação que fez para a descoberta da antiga Redução de Nossa Senhora do Loreto, Lata 310, doc. 34. Coleção Instituto Histórico, Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro). Mais informações a respeito desta descoberto foram publicadas por Plínio Marques Ayrosa, 1930, “Um croquis da situação de N.S. do Loreto”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 29 [n.d.e.].

Em 24 prossegui em minha viagem, bem pesaroso, porque minguavam os comestíveis que tinha a minha disposição, e os índios cada vez mais exigentes e acintosos ameaçavam-nos com sua retirada tanto assim que me vi obrigado a conduzir dois caciques dos mais recalcitrantes nas canoas e a tê-los sempre à vista enquanto durou a viagem. Dali em diante dava-se a cada um, como ração diária, uma espiga de milho; é verdade que se caçava e se pescava muito, todavia não era isso o bastante para alimentar os índios conjuntamente com os homens de minha comitiva.

As chuvas eram contínuas e copiosas; o mau tempo não dava lugar a procurarem-se abelheiras; os festins noturnos foram deixados; e os índios, mostrando-se com um aspecto sombrio e sinistro, conservavam-se silenciosos e apreensivos ou desanimados.

Em tais paragens e com mais de cem sagitários selvagens, prontos a desfecharem golpes ao primeiro sinal dos seus chefes, era isso mais que bastante para reear alguma deplorável emergência; todavia, sem que deixasse se acautelar-me contra qualquer animosidade, fazendo com que eu e os meus homens pernoitássemos separados dos índios, e empregando vigilância sempre que me achava em presença deles, todas as vezes que lhes aparecia era de ânimo sereno e resoluto, e mostrando superioridade a toda essa ostentação de indisposições e acintes.

A 31 chegaram os índios que tinham sido mandados em uma canoa a procurar a gente do cacique Imbaracahy. Nada fizeram porque o lugar indicado achava-se abandonado, e supõe-se que essa gente havia-se retirado para o lado do Iguatemi, visto que os vestígios que deixaram indicavam essa direção. Esta notícia trouxe consternação aos índios e aumentou o seu descontentamento.

As chuvas eram incessantes; o Paranapanema encheu a ponto de transbordar em muitos lugares; mas, como não há risco em navegá-lo por mais volumoso que fique, não deixei por isso de continuar minha viagem.

Em 5 de novembro acharam-se dois cadáveres humanos nas margens direita do rio, deixados ali talvez há mais de um ano, e por indícios coligidos de alguns fragmentos de tecido de algodão aí mostrados veio-se a inferir que os mortos eram Cayuaz, porque as outras nações indianas fazem os seus panos de fibra de urtiga e caraguatá.

Este incidente muito sensibilizou e aterrou os índios. Referiu-me o cacique Imbaracahy que havia coisa de três anos que um magote³⁴⁰ de Cayuaz tinha rompido de seu alojamento em busca de melhores localidades, e que atravessando o Paraná acima da barra do Paranapanema nunca mais se soube do destino de tal gente; supondo-se que caíra em poder de algumas das hordas dos Xavantes, índios ferozes que vagueiam entre os rios Tietê e Paranapanema, ou fora por eles desbaratada, e que os dois cadáveres encontrados eram daqueles que, escapando-se do conflito, foram perseguidos, alcançados e mortos por esses selvagens.

No dia 10 chegaram felizmente a nós, três canoas carregadas de víveres a cargo do Sr. Theodoro Staub, a quem o Barão incumbira dessa comissão e da de me substituir no caso que meus incômodos de saúde (de que fora atacado anteriormente à expedição, e nela entrei ainda em estado de convalescente) se tivessem agravado a ponto de não poder dirigir pessoalmente a emigração dos índios.

³⁴⁰ Magote: grupo [n.d.e].

Este socorro tão oportuno por chegar ao tempo em que me achava quase exaurido de comestíveis para os índios, quando as chuvas continuavam de modo a impedir a caça e o gentio mais insofrido se reproduzia em descontentamento e acintes, veio restituir a alegria e os folguedos aos índios, que, à vista disso e sabendo que não se passariam muitos dias que não chegassem ao lugar a que se dirigiam, arrojaram ao rio suas flechas, como significação que não dependiam mais da caça para sua manutenção. Com o reforço das canoas vindas então fiz embarcar nelas todo o gentio a fim de abreviar a viagem, havendo destinado uma para mexeriqueira.

O tempo melhorou e a 21 de novembro (41° do meu regresso e o 58° da minha partida do Jataí) chegamos à colônia, sem que tivesse emergência alguma notável. Tal é a índole pacífica dos Cayuaz e sua tendência para a civilização.

O desembarque dos índios em Jataí foi uma completa ovação; ao porem eles o pé em terra ouviu-se de todos os lados uma contínua denotação de fuzis, como em aplauso aos recém-chegados, e recebiam-se vivas felicitações de que muito se lisonjeou o gentio. Esta festiva recepção foi retribuída com o toque de cornetas, clarins e pífanos que trazia comigo, e com outros tangeres indianos que produzia uma estrondosa fanfarra, o que muito deleitava os índios.

Em seguida chegou ali algum gado para o corte, e bestas conduzindo víveres, e como os índios nunca tivessem visto destes animais, ao enxergarem-nos, foi estupendo o seu temor e admiração, fugindo espavoridos e trepando às arvores, o que causou grande confusão e desordem entre racionais e irracionais. Passando o primeiro terror, e como conhecessem os índios que os animais eram inofensivos, foram pouco a pouco se aproximando deles e por fim os cavalgaram e os faziam correr com irrisão e algazarra dos cavaleiros.

A esse tempo chegava ali o administrador³⁴¹ da expedição com o resto da caravana, conduzindo panos, ferramentas, miçangas e vários outros objetos para serem distribuídos pelos índios, e que estes bastante apreciam, o que foi tudo feito em conformidade com as ordens antecipadas do Sr. Barão. Grande foi o contentamento dos índios em este donativo que lhes fez, e, nas explosões do seu regozijo e batimento de palmas, tudo era dizerem que desejavam ver o Paí-Guaçu, persuadidos que ele residia ali.

Tendo assim ultimado a importante comissão de que havia-se dignado incumbir-me o Sr. Barão de Antonina, mais por efeito de sua usual benignidade do que por mérito que em mim houvesse e para cujo bom êxito e bem desempenhar a honrosa confiança que sua Exa. em mim depositou, não me poupei a trabalhos, riscos e fadiga e, sobrepujando mesmo os meus incômodos pessoais, faço votos para que V. Exa., perseverando em seus filantrópicos e generosos sentimentos, de subtrair à vida errante e selvagem esses desvalidos habitantes das nossas florestas, e de que é um testemunho, de agora, o fato que acabo de narrar, e de outrora o aldeamento de S. João Baptista da Faxina promova outras iguais empresas, na convicção de que deparará nos Cayuaz, nessa numerosíssima nação refugiada nas vastas matas da margem direita do grande Paraná, índole benigna, costumes pacíficos e tendências bem pronunciadas para a civilização e fazerem parte de nossa sociedade: certo que nenhum outro que não seja o Paí-Guaçu dos Cayuaz da Faxina e de Jataí terá para essas empresas mais gênio, energia e dedicação, como os fatos demonstram.

³⁴¹ Trata-se, provavelmente, do Sr. Theodoro Staub mencionado acima [n.d.e].

O enjeitado. Romance original

por T. (João Henrique Elliott)

Breve apresentação da fonte

Este texto, *O enjeitado. Romance original*, é a segunda novela indianista de João Henrique Elliott. Conhecemos três publicações anteriores à atual. A original, de 1857, que saiu n’*O Jasmim* em folhetins entre setembro e novembro de 1857³⁴². É importante lembrar que esse mesmo jornal também publicou a primeira novela de Elliott, *Aricó e Caocochee (infra.)*.

A segunda edição é o fac-símile desta publicação original que a Secretaria de Cultura do Estado do Paraná publicou em 1980.

Em 1994, o já mencionado Jerry W. Hardin reeditou as duas novelas de Elliott³⁴³. De alguma forma, foi ele quem conseguiu identificar essa segunda novela indianista como sendo de autoria de Elliott, já que n’*O Jasmim* ela é assinada por um tal T.

O enredo desse segundo romance é a história de uma guerra interna entre os “Cayuás” e os “Guaycurús”. Esse romance nos interessa por dois motivos: primeiro, porque demonstra o grande conhecimento de Elliott pelos povos de língua guarani; segundo, porque, mesmo que em forma ficcionalizada, é um testemunho do fato de que as guerras entre os “Cayuás” e os “Guaycurús”, que haviam começado mais de um século antes, ainda estavam em andamento em meados do século XIX, e, como vimos no texto de Pablo Antunha Barbosa, representavam, na visão de Elliott, um dos motivos das migrações “Cayuás” em direção ao Leste.

³⁴² *O Jasmim*. Periódico litterário e recreativo, 1857.

³⁴³ HARDIN, Jerry W., *op. cit.*, 1994.

II 255.1.8
DOMINGO, 20 DE SETEMBRO DE 1857.

1.ª SERIE.

O JASMIM

N.º 1.

PERIODICO LITTERARIO E RECREATIVO

A leitura é de todas as artes a que
menos custa, e a que mais rende.
Castêlo.

PROSPECTO

O desejo de proporcionar aos nossos leitores um momento de distração, a par de alguns artigos interessantes, noticias curiosas e poesias, induzio-nos a dar publicidade a este—periodico—, cujo titulo tiramos do nome da flor que nos é mais predilecta—o JASMIM.

Empreendendo, pois, a publicação do—JASMIM— temos em vista, como já dissemos, recrear os nossos leitores, e mui particularmente o—bello sexo—; ministrando, ao mesmo tempo, ao zoilo um vasto campo, onde possa, bem á vontade, saciar a devoradora fome da critica. Neste caso o nosso fim não é—divertir—, mas—sermos divertidos, por elle.

Juizes sensatos, a quem respeitamos, vós sabeis que nós não temos os conhecimentos precisos, para escrever um periodico; perdoai a nossa ousadia, e sirva-nos isso de desculpa para os erros que commettermos.

Preenchido assim o dever de civildade, prescripto pelo jornalismo, diremos uma palavra ácerca do nosso programma:—respeitar a moral e a religião, acatar a vida privada e o sagrado lar das familias, ridicularisar o vicio com todas as forças de que podermos dispor, tornando-nos alheios inteiramente á politica, e não torando em questões pessoais com o

fim de ferir a susceptibilidade de quem quer que for, visto que não desejamos, de maneira alguma, condemnar creanças, que constituem o orgulho de seus sectarios. Eis o nosso proposito.

A q bellas Curitybanas offercempo as paginas de—JASMIM—, que vegetando agora, nos aridos campos da nossa litteratura, irá, cultivado por tão delicadas mãos aspirar a aura da benevolencia no jardim litterario que e digno, e nunca o mephitismo do desprezo da indifferença.

Terminamos este artigo, declarando que accettimos, para serem publicadas no—JASMIM— quaesquer reduções litterarias dos nossos leitores, pedindo-lhes unicamente que, de forma alguma, se afastem do nosso programma, afim de que o JASMIM conserve sempre o merecimento que um tempo já pôde desejar ao seu joven e querido filhinho.

Contamos, desde já, com a coadjuvação do hom publico curitybano.

DEOS.

Qual é o homem que no maior auge do paganismo, leve o seu audacioso fanatismo a negar a existencia de Deos? Como poderá, sem abnegar-se, descrever ao Creador, quando em seu existir reconhece a vontade do Senhor?

Folhetim do Jasmim.

O ENJEITADO

ROMANCE ORIGINAL.

A tribo—Cayua—uma das mais antigas de America, e hoje muito degenerada, e, não obstante, recheia de historia Paraguaia, porque a'ntas eras em contacto com os—Paraguayos—fuzmos, por assim dizer, o antepassado d'aquelle povo,

simas nojo tão limitado, tão subjugada pelo presidente da republica, e tão amigo da liberdade, cuja só o nome conhece.

Es' pois esta tribo, que si algumas vezes em milhas viagens, e cuja sorte presente penultima-me, que acallentou o drama, de que vos deo'aver as paginas nos leitores.

Os Hespanhoes, senhores desde pouco tempo de quasi todo o territorio da republica do Paraguay, aranhavam de lançar os fundadores da cidade d'Assumpção, e income-mobidos constantemente pelas correrias dos Paraguayos e Cayuas que não desistiam de a empresa de os desaljar da terra de seus pais, acallentaram em reunir uma força consideravel, dividida em lobos desterrados, quando fuzmos os pontos de parada dos indios, e a'ntes de dia e ao mesmo tempo atacal-os, vitijar e todos os se exterminar.

Mes os indios, sendo que ignoravam da arte da guerra, e sem senão alguma civilização europea, guiados unicamente pelo instinto de conservação, andavam sempre prevenidos,

Imagem 13. Primeira página de O Enjeitado.

Fonte: *O Jasmim. Periódico litterário e recreativo*, 20/09/1857, 1ª série, n. 1.

A tribo Cayuá, uma das mais antigas da América, e hoje muito degenerada, é, não obstante, célebre na história Paraguaia, porque em outras eras em contato com os – Paraguaio – formou, por assim dizer, os antepassados daquele povo, ainda hoje tão limitado, tão subjogado pelos presidentes da República, e tão amigo da liberdade, cuja só o nome conhece.

É, pois, nesta tribo, que vi algumas vezes em minhas viagens, e cuja sorte presente penaliza-me, que aconteceu o drama de que vou descrever as cenas aos leitores.

Os Espanhóis, senhores desde pouco tempo de quase todo o território da República do Paraguai, acabavam de lançar os fundamentos da cidade de Assunção, e, incomodados constantemente pelas correrias dos Paraguaio e Cayuás que não desanimavam na empresa de os desalojar da terra de seus pais, assentaram em reunir uma força considerável, dividi-las em tantos destacamentos quantos fossem os pontos de parada dos índios, e em um só dia e ao mesmo tempo atacá-los, subjugar a todos ou os exterminar.

Mas os índios, ainda que ignorantes da arte da guerra, e sem noção alguma da civilização europeia, guiados unicamente pelo instinto da conservação, andavam sempre prevenidos, e o sistema de guardas avançados, sentinelas perdidas, etc. estava em prática entre eles.

Chegada que foi a eles a notícia das instruções dos Espanhóis, as tribos mudaram residência; isto é: os Paraguaio aproximaram-se do ponto perigoso a fim de poderem espreitar e prevenir os movimentos do inimigo, e os Cayuás se dirigiram para o poente, desviando-se um pouco vieram acampar na margem do rio Guatinim³⁴⁴.

Protegidos de um lado pela extensa mata que vem terminar nos campos gerais, e do outro pelo rio, difícil de atravessar naquele lugar, os Cayuás trataram de construir o seu aldeamento pelo sistema mais próprio para a fortificação e resistência.

O chefe da tribo, célebre nela pela intrepidez e bravura que mostrara sempre nos combates, e amado de todos pela bondade de seu coração, depois de haver dado todas as providências próprias a assegurar a defesa das famílias, reuniu um dia os guerreiros mais novos, e saiu a reconhecer as paragens circunvizinhas.

Embiara³⁴⁵ (o chefe) não era homem que, julgando-se seguro, dormisse o sono da indolência; não, a sua vida era o trabalho, a sua saúde o lidar contínuo, os perigos e as ações que dão nome, e por isso quando Embiara soltava o grito de guerra, a morte e o extermínio ia na ponta das flechas cayuás.

Dentre todos os guerreiros distinguiam-se especialmente dois. Rivais na beleza, força e agilidade de seus corpos, o campo da batalha os tinha visto inúmeras vezes marcharem a par com a intrepidez no coração e o sorriso nos lábios, entranharem-se onde a carnificina era mais horrorosa, e voltarem as fileiras dos seus com as frentes altivas, e cobertos de glória, sem que pudessem exceder um ao outro no número dos feitos gloriosos³⁴⁶.

³⁴⁴ Trata-se, provavelmente, do atual rio Iguatemi [n.d.e].

³⁴⁵ Vale a pena lembrar que Embiara foi um dos caciques que Elliott conduziu do rio Paraná até a colônia militar do Jataí em 1852 (Ver *A emigração dos Cayuaz, infra*). Provavelmente, ele se inspirou neste cacique para criar o personagem deste romance [n.d.e].

³⁴⁶ Essa primeira parte do texto foi publicada na edição de domingo 20/09/1857 (1ª série, nº 1) de *O Jasmim* [n.d.e].

Anieima, o mais moço dos dois guerreiros, era filho de um antigo chefe da tribo, aprisionado pelos Guaycurús em um combate. Anieima era criancinha nesse tempo; quando, porém, começou a adquirir o entendimento, sua mãe apressou-se em narrar-lhe as menores circunstâncias desse combate, da prisão de seu pai, e dos tormentos por que passou até expirar no meio de horríveis tormentos.

Meu filho, dizia ela muitas vezes, o Cayuá que recebeu uma ofensa do inimigo e não se vinga, é considerado entre nós como indigno de fazer parte da tribo. Teu pai era um chefe que nunca tremeu diante do inimigo, e nas maiores pelejas, quando os mortos caíam aos centos de uma e outra parte, então é que o seu rosto se animava, e as flechas partiam de seu arco mais velozes e mais repetidas. Conserva isto em lembrança a fim de que venhas a ser tão valente como ele; porque eu choraria toda a vida se o nome do teu pai fosse por ti desonrado. Nunca te esqueças também que os Guaycurús o prenderam traiçoeiramente quando ele se apresentava para combater peito a peito e, depois de traspassar-lhe o corpo de golpes sem conta, fizeram uma grande fogueira, ligaram-lhe os pés e mãos de maneira que não se pudesse volver, e neste estado o lançaram nas chamas.

Filho pensa bem nas dores que sofreu teu pai nessa ocasião, pensa na crueldade de seus inimigos, e vinga-te.

Uma vez que Anieima ouvia essa narração impassível na aparência tanto lhe revoltou o ânimo o gênero de morte dado a seu pai que ele perguntou com voz rouca e trêmula:

- E quem, minha mãe, foi o assassino de meu pai?
- Dois homens, meu filho, que por infelicidade nossa já não existem, porém...
- Porém, minha mãe?
- Existem dois filhos que os representam.
- Seus nomes?
- Takinau, que agora é chefe dos Guaycurús, e ... o que fazes, meu filho?

O moço tinha-se levantado com violento impulso, e seu rosto estava abrasado.

- E o outro minha mãe; o nome do outro?
- Não te o posso dizer; porque esse era bem pequenino quando foi tomado na guerra pelos brancos, assim como muitos meninos dos Paraguaiois, e dos nossos.
- Oh!, Exclamou Anieima, eu o hei de encontrar, a minha vingança será certa!

Desde então a sua ideia fixa, o seu mais querido pensamento era a vingança; e, querendo obtê-la segura e tão grande como a ofensa, entregou-se com afã aos exercícios mais penosos do corpo. Em breve tempo a sua destreza e coragem tornaram-se notáveis, e era apontado por todos como o futuro chefe.

O outro guerreiro, seu companheiro nas fadigas da guerra, e nos trabalhos da paz, chamava-se Camorim.

Muitas vezes depois dos combates, o velho cantor da tribo reunia os moços e as virgens cayuás, e no meio deles cantava os rasgos de valor de Camorim.

– Tu não és Cayuá, e nem filho de Cayuá, dizia ele. Um dia uma velha desconhecida veio a nossa aldeia trazendo-te nos braços, bem pequenino, te entregou ao pai de Embiara, e retirou-se. O velho guerreiro no primeiro momento pensou que a velha era dos nossos; mas recordando-se logo de suas feições estranhas, e querendo indagar de onde era, mandou procurá-la: a velha tinha desaparecido.

– Tu és o valente Camorim, que derribas o inimigo, como o fogo do ar, que, vindo antes da chuva, cai sobre as palmeiras, e as arranca pelos troncos.

E os jovens e as virgens respondiam em coro:

– Tu és o valente Camorim, tu és o nosso querido irmão³⁴⁷.

Enquanto Embiara, acompanhado dos jovens guerreiros, explorava as matas e campos próximos da aldeia, os que nela haviam ficado desenvolviam grande atividade na construção dos alojamentos das famílias, nas plantações, que era preciso fazer para o futuro sustento de todos, e nos exercícios do arco e da luta.

Quando, depois do ativo trabalho, o sol desaparecia no horizonte, a tribo se juntava no grande pátio da aldeia, acendia muitas fogueiras dispostas em círculo, e, reunidas as donzelas no centro, formavam uma cadeia, dando-se as mãos, e ao som do instrumento ruidoso do cantor, e das saudosas canções de todos, executavam variadas danças até alta noite. Os velhos e velhas, impossibilitados pela idade de tomar parte em tão agitado folgar, animavam com palavras de louvor a uma ou a outra virgem, que mais requebros executava.

– Bem, minha filha, muito bem (dizia um velho, sempre que o giro do círculo animado trazia a sua frente uma donzela de quinze anos, flexível como um cipó) tua mãe quando foi moça nunca dançou melhor, e tua mãe era a inveja das outras mulheres de sua idade, porque nenhuma dançava como ela.

– E tu, Umbeva, dizia ele a outra virgem que dava a mão direita à primeira; porque estás tão triste e sem graça? Tu és a mais bela e a mais adorada de todas as Cayuás?

Mas o círculo girava e tornava a girar, Umbeva passando pela frente do velho ouvia sempre a mesma pergunta, e, longe de animar-se, o seu semblante cada vez se tornava mais triste, e seu corpo como que seguia maquinalmente as oscilações da dança.

Na terceira noite depois da partida de Embiara, Umbeva não se achou no grupo das donzelas: sua ausência inspirou cuidado a todas, e julgando que estaria doente foram a sua cabana. Umbeva estava encostada à porta, e recusou acompanhá-las.

– Vamos, Umbeva, vamos dançar, diziam elas, debes ir conosco, porque tu és a mais formosa e engraçada, e sem ti não brincaremos com satisfação.

– Hoje não irei brincar, respondeu Umbeva, e não irei mais enquanto minha mãe, que está doente, não ficar boa, e meu irmão, que acompanhou Embiara, não voltar.

As outras donzelas retiraram-se, e a dança começou.

Umbeva imóvel contemplou algum tempo o círculo das jovens a mover-se continuamente, ora rápido, ora lento, ora em caprichosas ondulações, e sempre animado: depois encostou-se à porta de sua cabana, e cruzando os braços inclinou a cabeça pensativa. Naquele momento

³⁴⁷ Da nota anterior até aqui, o texto foi publicado na edição de domingo 27/09/1857 (1ª série, nº 2) de *O Jasmim* [n.d.e].

o rosto formoso de Umbeva parecia inspirado, e as formas voluptuosas de seu corpo mimoso desenhadas pelo clarão distante das fogueiras semelhavam as de uma visão celeste.

As horas passaram; a lua, que surgira com a noite, havia já percorrido mais de metade do céu, e Umbeva ainda se conservava naquela imobilidade e distração; que parece muitas vezes tornar o espírito e o corpo insensíveis à dor ou ao prazer.

As fogueiras acesas em roda do grupo dançante começavam a espalhar menos claridade; as cantigas alegres das virgens já não eram tão repetidas; o círculo volteava mais lento; enfim, a hora de repouso e do silêncio estava próxima.

Umbeva fez um movimento e ia entrar na cabana quando ouviu pronunciar muito perto o seu nome. Voltou-se assustada, e ia gritar, quando um vulto chegou-se a ela e lhe disse com voz suplicante:

– Umbeva, não fales alto; sou eu Camorim, que me arrisquei a deixar o chefe e os meus companheiros, só para ver-te um instante, só um instante.

A moça tranquilizou-se um pouco.

– Mas, respondeu ela, se o chefe descobrir a tua ausência, o que será feito de ti?

– Daqui ao lugar onde os nossos estão acampados não é muito longe, e eu poderia ir lá duas vezes e voltar ainda com a noite: fiei-me nisso, esperei que todos dormissem, e vim. Tu, que sabes quanto te amo, Umbeva; tu que me fazes viver somente pela esperança de que serei de ti amado sempre, não me dizes uma palavra, que me faça voltar alegre para os meus companheiros?

– Camorim, meu belo Camorim, disse ela depois de breve hesitação, eu serei tua.

O guerreiro exultou de prazer.

– Serei tua, Camorim, e isto que te digo está em meu coração; mas uma grande tristeza me consome, quando penso e sinto que te amo!

– Ah!, disse ele, eu conheço isso.

– Sim, tu sabes que o nosso amor só pode durar vivendo oculto; porque embora sejas amado por todos, e por todos adorado, tu serias desprezado e expulso da tribo no momento em que soubessem que amas a uma de nós, tu que sendo de outra nação não podes casar com uma Cayuá, segundo o nosso costume.

– Isso é certo, respondeu tristemente Camorim.

– Mas que importa? Sou e serei tua: sou eu quem te o digo.

E em um transporte irresistível de amor e ternura abraçou o jovem, que a cobriu de beijos.

– Volta, Camorim, volta para o acampamento a fim de que chegues lá quando ainda todos dormiram... e meu irmão!

– Teu irmão é meu amigo, e por isso deves estar certa que nada lhe acontecerá.

Depois de novos protestos os jovens se separaram. A dança tinha acabado, e em toda a aldeia reinava o mais profundo silêncio³⁴⁸.

³⁴⁸ Da nota de rodapé anterior até aqui, o texto foi publicado na edição de domingo 04/10/1857 (1ª série, nº 3) de *O Jasmim* [n.d.e].

Camorim correu de volta ao acampamento e lá chegando, como conhecia bem a posição de cada sentinela, habilmente passou entre eles sem ser descoberto e foi deitar-se ao lado do seu arco inativo e aljava cheia de frechas. Apesar de dois arrogantes pernilongos terem insistido em pousar na mancha semelhante à borboleta do rosto dele, escondendo-se debaixo da sua coberta de penas, em questão de minutos foi capaz de adormecer o sono profundo a que era acostumado. A morna e doce sensação de excitação, a lembrança física de Umbeva, o toque das suas pernas esbeltas.

O sol nascente totalmente obscurecido pela pálida névoa vinha subindo as planícies e espalhando sua luz pela floresta, quando o pinga-pinga que caía das árvores sobre as penas de sua capa despertaram Camorim.

– Levantam-se jovens guerreiros, é hora de alimentarem-se e partir. Não encontramos nada suspeito e vamos retornar às nossas cabanas logo que fizermos uma boa refeição. Não precisamos mais carregar esse pouco de carne de anta e gazela que matamos. De pé todos.

Embiara começou a dizer com energia, enquanto empurrava um galho ao borralho da fogueira da noite e deitava folhas secas e galhos tenros sobre as cinzas, remexendo-os um pouco para estimular rápidas chamas. Os guerreiros mais jovens se erguendo foram cuidar do cozimento da carne³⁴⁹.

Na ocasião em que, acabado o almoço, Embiara ia pôr-se em marcha com os seus, apareceu ao longe na campanha um cavaleiro dirigindo-se rapidamente para o lugar onde estava. Esta vista causou admiração a todos e o chefe não sabendo a que atribuir semelhante aparição, e querendo prevenir qualquer acontecimento, formou os seus em ordem de combate e esperou. O cavaleiro aproximou-se logo, e todos conheceram nele um dos que na tarde antecedente tinha sido mandado por Embiara para emboscadas distantes.

– O que temos, perguntou-lhe Embiara, logo que ele chegou, porque é que vens a cavalo?
– Chefe, descobri o acampamento dos Guaycurús.

A estas palavras, gritos de guerra partiam de todos os lados.

– Silêncio!, disse Embiara voltando-se para os guerreiros, vamos ouvir a narração, e depois veremos o que se há de fazer. Continue a contar-nos o que viste, disse ele ao recém-chegado.

– Eu quis espreitar, sem ser visto, todas as ações e movimentos dos nossos inimigos, e para ficar sabedor de tudo passei a noite inteira acordado, andando com cautela em roda do acampamento. Eles são tantos como nós, e mais outro tanto.

– Como todos nós, ou como os que estão aqui? perguntou o chefe.

– Como os que estão aqui.

– Não importa, exclamou Anieima, não importa. Ainda que fossem três vezes mais, vamos combater, vamos destruir os Guaycurús, quero o chefe deles, a vida de Takinau me pertence.

– Silêncio, Anieima, respondeu Embiara. Conheço a tua coragem, meu filho, e sei que tens razão em querer combater; mas é preciso ser prudente e saber o que se faz antes de entrar em um combate com os Guaycurús.

O recém-chegado continuou.

³⁴⁹ Da nota de rodapé anterior até aqui, o texto foi transcrito da edição publicada por HARDIN, Jerry W., *op. cit.*, 1994, p. 29-48. Esta parte seria equivalente ao fascículo nº 4 da 1ª série de *OJasmim*, referente à edição de domingo 11/10/1857 [n.d.e].

– Eles já sabem onde está assentada a nossa aldeia, e pretendem na outra lua ir atacá-la; mas não sabem que nós andamos por estes lugares, e pensam que Embiara está descansado, e por isso podem vencê-lo facilmente. Takinau disse que não deixará um Cayuá vivo.

– Engana-se Takinau, bradou Embiara; cada um dos meus guerreiro será um tigre na hora do combate, e, quando ele julga-nos descuidados e preguiçosos, é justamente quando estamos prontos a levar a morte ao coração de todos. Conta-nos o resto.

– Eles possuem muitos cavalos.

– Bons?

– Muito bons, como este em que estou montado.

– Quantos possuem?

– Cada homem tem dois, e cada mulher tem um.

– E como apanhaste esse em que estás?

– Depois de ouvir todos os planos de Takinau, e sabendo que hoje muito cedo ele tinha de marchar com a tribo, fui ao lugar onde estavam juntos os cavalos, segurei este e montei-o para vir a toda pressa dar-vos parte do que passa.

– Tu es valente e intrépido, guerreiro, disse-lhe Embiara, e para recompensar os teus serviços colocar-te-ei nos primeiros lugares na hora do combate. Amigos, continuou o chefe voltando-se para os guerreiros, guerra aos Guaycurús, e guerra sem piedade.

– Guerra!, bradaram todos.

– Agora é preciso voltar quanto antes à aldeia, e lá preparar-nos a receber o inimigo de maneira que ele conheça que ainda somos os mesmos que o tem vencido mais de uma vez.

Os guerreiros dirigiram sua marcha apressada para a aldeia, onde chegaram ao escurecer³⁵⁰.

No dia seguinte Embiara chamou Anieima, Camorim e alguns dos melhores guerreiros para discutir seu plano.

– Agora que conhecemos as intenções deles temos de fazer o melhor uso possível dessa vantagem. Se tivéssemos nos confrontado lá no planalto, antes que eles chegassem a nossa aldeia, teríamos sido cercados e ainda que sássemos vitoriosos teríamos por certo perdido muitas vidas. Os cavalos lhes dão vantagem total. Assim, vamos ter que esperá-los aqui, dividi-los e matar cada um. Mas nesse entremeio vamos construir um portão na margem do rio que servirá de armadilha e vamos deixá-lo aberto dia e noite. Os melhores guerreiros dos Guaycurús vão cair nela e nós vamos liquidá-los como fazemos às capivaras apanhadas num poço. A maior parte dos outros nesta altura vai estar no rio, tentando cruzá-lo. Se conseguirmos apanhá-los, poderemos espetá-los como se fossem peixes com nossas flechas bem norteadas da margem. Embiara explicava sensatamente. Porém, como não sabemos se eles planejam atacar de dia ou de noite, temos de nos manter sempre alertas.

Durante muitos dias Embiara discutiu e dirigiu os preparativos para a batalha. Ele pressentia, à medida que a dor do seu peito começava a subir pela garganta, que não continuaria sendo cacique por muito tempo. Contudo, alegrava-lhe o coração ver os guerreiros e as mulheres trabalharem com tanto ardor na armadilha. Os preparativos seguiam bem avançados quando a notícia chegou que os Guaycurús encontravam-se próximos o bastante para atacar assim que desejassem. Embiara convocou uma última conferência com todos os guerreiros.

– Com o rio a nossa frente, a mata cerrada às nossas costas e o obstáculos de troncos e relevo, Takinau verá que seus cavalos são inúteis na batalha. Seus espíões já devem ter visto o portão aberto e vão nadar na sua direção. Atrás dele nossos inimigos vão cair no poço e as mulheres os

³⁵⁰ Da nota de rodapé anterior até aqui, o texto foi publicado na edição de domingo de 18/10/1857 (1ª série, nº 5) de *O Jasmim* [n.d.e].

trucidarão como se o fizessem com animais. Eu mesmo fecharei o portão assim que duas ou três dúzias cruzem para não ficar difícil dar conta deles, explicava ele.

– Mas ficaríamos indefesos e seríamos mortos se eles usassem seus cavalos para cruzar o rio num ponto mais distante e nos atacassem de lado. É por isso que tu, Anieima, vai levar teus guerreiros e espalhá-los à esquerda da aldeia. Assim, se o inimigo vier daquele lado, podes atormentá-lo com sucessivo ataque e distraí-lo até nós recuarmos à aldeia armada. Tu, Camorim, reúna teus guerreiros e vá à direita e faça o mesmo. Quando ouvirem brados de guerra e virem fogueiras nas margens acesas, cruzem imediatamente o rio e matem tantos quantos puderem com seus arcos e flechem-os enquanto atravessam a água.

Ele explicou, ainda, ser imprescindível que os guerreiros se mantivessem em seus lugares até a armadilha funcionar para que o elemento surpresa fosse completo, e para que os guerreiros inimigos, ao se virem desmembrados e tentarem recuar rapidamente de volta ao cacique Takinau, na margem oposta, pudessem ser completamente eliminados.

Grandes amontoados de espinheiros, folhas secas, galhos e gravetos foram deitados em ambas as margens, deixando apenas uma pequena passagem no arenoso leito do rio. Dois espiões Cayuá ocultos e cada um empunhando um galho bruxuleante permaneciam na margem oposta durante a noite, prontos para a ordem de ascender as fogueiras.

Os dias ansiosos de preparação gradualmente se passaram, e uma ou duas vezes, ao avistar Umbeva, o peito de Camorim contraiu-se dolorosamente com a angústia da separação. Umbeva, por seu lado, assim que deitava o olhar no jovem guerreiro do desviava, temerosa de trair o amor que havia entre eles.

Takinau era um guerreiro experimentado, irredutível. Ele calculava sua hora cuidadosamente, não se deixando crer que o preguiçoso, envelhecido e enfermo Embiara, por simples descuido, tivesse deixado o portão aberto e sem guarda. Há mais de uma semana os espiões de Takinau aconselhavam a atacar imediatamente. Sob a cobertura do matagal ao longo da margem do rio, eles estavam observando e informaram seu cacique que a maioria dos guerreiros achava-se distante e que a aldeia estava vulnerável a um ataque surpresa. Quando um dos seus grupos de patrulha avançada foi emboscado, a alguma distância rio acima, logo que o sol alcançou o céu, Takinau decidiu atacar sem mais delongas, naquela mesma noite.

A fim de convidar um assalto noturno por parte do inimigo, Embiara fazia as mulheres da sua tribo acenderem fogueiras todas as noites e obrigava metade delas a cantar em modesta festividade. A outra metade e ele seguiam discretamente para o rio para vigiá-lo cuidadosa e silenciosamente. As fogueiras eram extintas cedo e as mulheres seguiam para suas cabanas a pretexto de dormir. Mas, uma a uma, pouco depois se esquivava e ia tomar seu posto à volta do poço, que jazia aguardando a hora de encurralar os melhores guerreiros de Takinau.

A isca que o Cayuá lançou foi fisdada. Na margem oposta Takinau, depois de ter observado atentamente a sonolenta aldeia, ordenou que o primeiro pelotão de guerreiros cruzasse. Seus cavalos ficaram amarrados seguramente uma légua distante, fora do alcance da vista e do ouvido do inimigo.

– Assim que o primeiro grupo de guerreiros entre na aldeia e dê seu brado de guerra, teremos nosso sinal para cruzar. Matamos primeiro as mulheres e os guerreiros, depois caçamos os demais. Acabaremos com eles todos. Takinau instruíra em tom horripilante enquanto comandava seus guerreiros pela passagem preparada pelo Cayuá.

Embiara, dormindo sob a proteção da ramagem à beira d'água, foi gentilmente sacudido. Sua mulher apontou para o meio da corrente. Enquanto o sono despregava dos seus olhos, Embiara reconheceu o vulto de mais ou menos duas dúzias de homens, nadando agilmente ao seu encontro. Eles vinham com as aljavas fora d'água para manter as penas e a corda dos arcos secos.

Embiara deu sinal para que os sentinelas recuassem de volta a aldeia. Eles evaporaram na escuridão e passando por uma passagem secreta seguiram para o interior da aldeia. Embiara acordou as dezenas de mulheres transformadas em guerreiros. Lanças e machados foram rapidamente empunhados e elas circundaram o perímetro do poço de olhos fitos no fundo lamacento da armadilha.

Assim que Takinau viu os primeiros guerreiros entrarem na aldeia, ele comandou muitos outros adiante.

– Rápido para o outro lado agora, surpresa é tudo. Vamos cortar o pescoço deles enquanto dormem, disse ele arrogantemente.

Mais da metade dos Guaycurús se achavam na água quando Takinau surpreendido viu várias fogueiras serem acesas na margem oposta. No momento em que os urros estridentes das mulheres Cayuás alcançaram seu ouvido, desesperado, apostando tudo, Takinau apressou seus homens adiante.

Embiara puxou o cipó que fechava o portão. Duas mulheres correram colocar um calço nos encaixes que haviam sido cuidadosamente escavados, enquanto o cacique tentava dominar dois jovens Guaycurús com uma lança. Outras dez mulheres vieram em seu auxílio, precipitaram-se sobre os dois inimigos e os mataram a pauladas, brutalmente. Logo depois retornaram à armadilha para ajudar a acabar com o grupo encurralado. Neste ínterim, ambos, Camorim e Anieima, cruzaram o rio apressadamente para impedir o recuo do inimigo e aprisionarem e matarem Takinau. Pequenas porções dos seus exércitos haviam sido enviadas de volta à aldeia para ajudar as mulheres e Embiara.

As fogueiras queimavam vivamente em ambas as margens do rio. Interpretando erroneamente que a aldeia estava sendo saqueada, os Guaycurús apressaram-se adiante descuidadamente. Até Takinau entrou na água.

No interior da aldeia, os guerreiros inimigos, agora conscientes da emboscada, tentavam galgar os sólidos troncos e saltar para o meio das mulheres armadas. Mas, enquanto procuravam subi-los, as mulheres Cayuás, a postos nos intervalos entre os troncos, os espetavam com suas lanças e dezenas de Guaycurús despencavam no lamaçal ensanguentado do fundo do poço, para contorcerem-se e gemerem na agonia da morte.

Alguns dos Guaycurús emboscados, porém, conseguiram alcançar o parapeito e começaram a despedir lanças e flechas sobre seus algozes. No mesmo instante, um enxame de mulheres aglomerou-se sobre eles e os arrastando alguns palmos além, os atacaram até a morte, gritando e blasfemando o tempo todo.

Mas os Guaycurús guerreiros, ignorando as fogueiras, continuavam se atirando na água para cruzar o rio e enfrentar a barreira altamente fortificada. Entretanto não tardaram a perceber a situação difícil em que se encontravam seus irmãos emboscados e assim sem meios de ajudá-

los, inclinados à vingança e ações violentas, procuravam espalhar-se pela direita e esquerda à procura de outras vias de acesso à aldeia.

Os Cayuás robustos e de alta estatura, com Embiara na liderança, romperam do interior da aldeia e enfrentaram o inimigo.

Dúzias de Guaycurús foram sucumbindo às primeiras saraivadas de flechas dos grupos de Anieima e Camorim, que nesta altura achavam-se na margem oposta. Um urro estridente e espontâneo dos índios Cayuás, desmoralizou ainda mais o inimigo espalhado pelo rio. A maioria dos Guaycurús, do leito instável do rio, eram incapazes de usar seus arcos eficazmente.

Alguns guerreiros do exército de Anieima mergulharam na água para atacar o odiado inimigo. Takinau, armado com um machado bem talhado de madeira de lei, esperava até que um Cayuá emergisse próximo dele para arrebatá-lo o crânio com um simples e vigoroso golpe.

Flechas seguiam cantando pelo ar da noite iluminada de fogueiras e muitos Guaycurús com duas ou três delas fincadas nos seus corpos musculosos e acastanhados iam sobrenadando o rio para logo serem levados pela correnteza.

Enquanto isso Embiara e sua quota de mulheres viam-se ocupados com os enraivecidos Guaycurús livres, enraivecidos que atacavam a barreira. Momentaneamente cego com o clarão de uma fogueira próxima, Embiara foi picado no baixo abdômen pelo golpe de sorte de uma lança do inimigo. Ele trincou o cabo da lança, extraiu a ponta do seu corpo e enterrou-a no peito guerreiro inimigo que se encolhia de medo.

Os Guaycurús que haviam sido emboscados no poço jaziam agora derrotados, transformados em sangue e carniça. As valorosas mulheres Cayuás, com seu brado estridente de guerra, reabriram o portão e rapidamente foram ajudar seus homens a matar os demais inimigos encurralados entre a aldeia e o rio.

Em questão de minutos o restante deles molhados, exaustos e deprimidos foram quase todos exterminados.

Takinau ao ouvir os brados arrepiantes, penetrantes de vitória das mulheres transformadas em guerreiras do inimigo, entendeu que seus homens haviam sido derrotados. Com os guerreiros remanescentes, menos de uma dúzia, ele ia enfrentando aqueles Cayuás que se aventuravam na água no seu enalço, mas, enfim, percebendo que tudo estava perdido, Takinau ergueu às mãos pedindo trégua e clamou que desejava o direito de combate singular.

– Eu tenho esse direito, eu desafio qualquer membro da tribo Cayuá para lutar à faca comigo. Se eu sair vencedor deverei ser poupado para ir humilhado com minhas mulheres e crianças ao sul distante. Meus guerreiros têm de ser libertados. Takinau berrou da margem ao enxame de algozes em uma voz rouca e tensa.

Algumas flechas dilaceraram o ar da noite e caíram na água à sua volta que lhe chegava à altura da cintura. Um guerreiro atrás dele tombou com uma flechada certa no coração.

Camorim, que se encontrava mais perto dos guerreiros fiéis a Takinau, silenciou seus companheiros com um grito e forçou-os a ficarem calados.

– Tu és filho de um cão Takinau, mas eu vou ter o prazer de cortar tua barrigada e dar de comida aos peixes. Camorim começou a falar, gesticulando para que o adversário subisse até a margem, enquanto empurrava para trás seus próprios guerreiros.

Os Cayuás romperam em calorosas discussões, mas em seguida formaram um anel e acenderam três fogueiras enormes que iluminaram a área tão bem como o dia. Embiara, apertando o ferimento que sangrava profusamente e com o auxílio de Anieima, aproximou-se para presidir.

Facas de igual comprimento foram oferecidas a Takinau e Camorim. Severamente eles se entreolharam na forte claridade das fogueiras ao tempo em que a multidão reunida murmurava e sussurrava encorajamento a Camorim. Os dois combatentes se aproximaram e mantendo uma distância segura entre si, começaram a circundar-se cautelosamente.

Mas aí uma coisa completamente inesperada e estranha aconteceu. Para a surpresa geral, Takinau, de expressão séria, parou ereto e deixando de lado a posição defensiva, correu a vista em derredor, atirou com ímpeto sua faca ao chão e cruzou os braços.

Um bramido animalesco adveio dos Cayuás que suspeitaram naquilo algum tipo de artimanha. Embiara ergueu sua mão em sinal de silêncio ao ver que Takinau desejava falar.

– Tu não podes me obrigar a combater com este guerreiro. Eu vejo pela mancha na maçã do rosto que ele pertence à minha tribo. Ele é o filho de Tuclo que foi levado pelos brancos há muitos anos atrás. Por isso agora eu tenho direito à liberdade, de acordo com nosso velho costume. Takinau exclamou com uma nota de triunfo na voz.

Sua surpreendente revelação foi seguida de um horrível clamor de guerra, inflamados protestos começaram a partir dos silvícolas para matá-lo naquele instante, que aquela fabricação era apenas pretexto para escapar com vida.

Embiara, mais uma vez, ergueu a mão ordenando silêncio e numa entonação senhora de si começou a replicar.

– O que nos dizeis pode ser verdade e nós Cayuás não somos cães raivosos para desobedecer os costumes das nossas tribos. Mas foi imediatamente interrompido por Anieima, que cortou a passos largos o anel de expectadores, empurrou Camorim para o lado e atirou seu arco e aljava à multidão.

– Tu vais morrer pela minha mão num combate singular e limpo e não de maneira como enganou meu pai para amarrá-lo e atirá-lo às chamas. Neste momento eu o considero um cão e reclamo esta luta para vingar meu pai. Agora ouçam, se eu perder, ele pode seguir sozinho e desarmado daqui. Anieima falou.

Sua voz possante e destemida foi instantaneamente abafada pela estrondosa vaia e gritos de contentamento dos homens altamente agitados e que agora se viam acompanhados pelas mulheres. Umbeva, com uma lança ensanguentada nas mãos, aproximou-se da cena dos dois adversários que se preparavam para se agarrar.

Anieima livrou-se do seu cinto de corda e penas e somente com a faca na mão começou a atacar e se defender do suado Takinau. Várias investidas ineficazes foram evitadas por ambos, mas Takinau aos poucos foi se tornando mais fraco e menos ágil e seus golpes contra Anieima

foram ficando cada vez menos precisos e coordenados. Com alguma sorte, num desesperado recuo, ele conseguiu, ao passar por Anieima, cortar-lhe o antebraço.

– Acaba com ele, gritou Umbeva para encorajar Anieima.

Porém, Takinau num súbito golpe agarrou o braço armado de Anieima à viva força. Mas, antes de ter conseguido fazer uso dessa vantagem, Anieima com a mão livre o agarrou pelo cinto de corda. Os dois guerreiros transbordantes de ódio caíram no chão e começaram a rolar na poeira quente entre as atroantes fogueiras. Depois Anieima, arrastando-se, afastou-se de Takinau e do som esquisito que escapava da boca aberta, ofegante e gorgolejante tentando recuperar o fôlego. A multidão silenciosa e de aspecto sinistro assistia com rancor e espanto Takinau dar seus últimos suspiros. A faca mortal de Anieima reluzia no jorro de sangue que saía do ferimento logo abaixo do peito do adversário. Em questão de minutos ele pereceu. Quatro guerreiros Cayuás rapidamente então ergueram seu corpo inanimado, atiraram-no à fogueira mais próxima e começaram a cantar o hino de vitória.

Anieima e sua mãe retornaram à cabana deles exaustos, mas vitoriosos enquanto o tumulto da celebração e balanço do estratagema rompia em redor³⁵¹.

Logo que amanheceu, o corpo de Embiara foi posto em frente de sua cabana, revestido com todas as insígnias que costumava levar nos combates.

Um cocar, belo pela variedade de penas de todas as cores, ornavalhe a cabeça; cingialhe à cintura um saio também de penas compridas e encarnadas; os braços, pernas e pescoço tinham enfeites correspondentes: a seu lado estavam o arco e flechas, terror dos inimigos, e glória dos Cayuás.

Em roda do corpo estava a família, os parentes e os guerreiros. O cantor, depois de dispor em ordem os que se achavam presentes, e tendo verificado que ninguém faltava, separou de um lado os guerreiros que tinham direito a ser eleitos; de outro lado colocou os velhos que tinham de presidir e regular a eleição de chefe, e um terceiro grupo reuniu as virgens da tribo, colocando Umbeva na frente.

O cantor colocou-se então ao pé do cadáver, e rodeado dos velhos da tribo celebrou em cantigas fúnebres os gloriosos feitos de Embiara. Procedeu-se depois as danças de despedida, findas as quais começou a cerimônia da eleição do novo chefe.

O cantor e três dos mais velhos homens da tribo dirigiram-se para o grupo dos jovens guerreiros; cada um foi chamado pelo nome, e, depois de verificado que nenhum faltava, o cantor os dispôs em círculo, e mandou que se dessem às mãos. Umbeva foi então chamada e colocada ao centro.

A presença da moça produziu nos jovens visível comoção, não só por sua extrema beleza, como porque ela, e só ela que naquele momento, ia sufocar tantas esperanças, afagadas por todos aqueles corações, dando a um só dentre tantos o poder do mando. Quando Umbeva entrou no círculo trêmula, e com os olhos fitos no chão, os olhos de todos se dirigiram para Anieima, com o fim de analisarem o que se passava naquela alma; mas o rosto varonil do jovem conservou-se impassível, e afrontou dignamente a análise.

³⁵¹ Da nota de rodapé anterior até aqui, o texto foi transcrito da edição publicada por HARDIN, Jerry W., *op. cit.*, 1994. Esta parte seria equivalente aos fascículos nº 6 e nº 7 da 1ª série de *O Jasmim*, referentes às edições de domingo 01/11/1857 e 08/ 11/ 1857 [n.d.e].

Camorim, de quem nada se suspeitava a respeito de Umbeva, estava por isso mais à vontade, e ardia de impaciência por ver tão demorada a eleição. Finalmente o cantor no meio do mais profundo silêncio chegou-se à Umbeva, e lhe disse.

– Depois que eu te cobrir os olhos com este cinto, tu hás de voltear três vezes e parar: hás de esperar até que ouças eu dizer: sai, que será para estenderes o braço e marchar em frente a fim de que com o dedo toques em um guerreiro, o qual será o chefe.

Dito isto o cantor, com o cinto que tinha na mão, vendou os olhos de Umbeva, e fê-la dar três voltas sobre si. Quando a moça parou, voltou-se ele para o círculo dos jovens e ordenou-lhes que andassem em roda também três vezes com rapidez e sem desprenderem as mãos, e, marcando o lugar em frente de Umbeva para cessar o giro na terceira vez, deu o sinal. Imediatamente o círculo principiou a rodar ligeiramente; cada um dos jovens fazia o possível para vir a ficar em frente de Umbeva; mas a força de vontade de Camorim, e o amor que consagrava à moça, deu-lhe a vantagem sobre todos, e quando o cantor deu o sinal, e que o círculo parou, Camorim estava em frente de Umbeva. O cantor disse – “sai” – e ela estendendo o braço horizontalmente começou a marchar com lentidão.

A princípio desorientada e medrosa, tomou uma direção diferente da em que estava Camorim, mas um súbito pressentimento de que não ia bem surgiu-lhe no coração, e ela parou: ficou imóvel alguns momentos, e de súbito voltando-se para outro lado marchou apressada e foi tocar no ombro de Camorim.

Sou eu o chefe, bradou o guerreiro no auge de prazer; sou eu o chefe e Umbeva pertence-me.

Anieima fez o movimento para sair do círculo, quando um dos três velhos que assistiam a eleição falou.

– Tu não podes ser o chefe dos Cayuás, disse ele.
– Por quê? perguntou Camorim sobressaltado.
– Porque não és da tribo.
– E o que tem isso?
– Tem que entre nós é proibido entregar o comando da tribo a um estranho.
– Se assim é, para que me incluíram no número dos que tinha direito a ser eleito?
– Foste incluído entre os guerreiros, porque és um dos mais bravos, e não merecias a afronta de ser excluído.

Todos os velhos aprovaram esta decisão e o cantor sancionou-a, declarando que, visto não poder Camorim ser o chefe dos Cayuás, Umbeva ia nomear outro.

Camorim abaixou a cabeça desanimado, e Umbeva apesar de fazer os maiores esforços para ocultar a sua tristeza e sofrimento, não pôde deixar de estremecer e empalidecer. Vendaram novamente os olhos de Umbeva; o círculo girou três vezes, e o cantor deu a voz.

Umbeva estendeu o braço com visível esforço, caminhou com passos trêmulos, e tocou um guerreiro.

Brados de entusiasmo partiram de todos os lados; os velhos e as virgens todas, exceto Umbeva, soltaram vivas de alegria: Anieima estava eleito chefe dos Cayuás³⁵².

³⁵² Da nota de rodapé anterior até aqui, essa parte do texto foi publicada na edição de domingo 8/11/1857 (1ª série, nº 8) de *O Jasmim* [n.d.e].

**Itinerário de uma viagem exploradora pelos
rios Iguatemi, Amambai e parte do Ivinheima,
com os terrenos adjacentes começada no dia
3 de agosto de 1857, por Joaquim Francisco
Lopes e João Henrique Elliott**

por João Henrique Elliott

Breve apresentação da fonte

Este texto tem apenas uma edição anterior à atual. Ele foi publicado em 2007 por Hildebrando Campestrini na sua coletânea *As derrotas de Joaquim Francisco Lopes*³⁵³, que, como já dissemos, reúne os relatórios de quatro expedições feitas por Lopes e Elliott.

O diário dessa expedição e da seguinte, datados de 1857 e 1858 respectivamente, nararam os resultados de duas expedições realizadas para reconhecer os rios Iguatemi, Amambai, Ivinheima e Dourados, todos localizados na região sul do atual Estado de Mato Grosso do Sul. Essas expedições foram realizadas logo após a assinatura do “Tratado de Amizade, Comércio e Navegação”, celebrado entre Brasil e Paraguai em 5 de abril de 1856. Neste sentido, elas ilustram muito mais claramente do que as expedições anteriores, realizadas uma década antes, a relação direta desses dois empreendimentos com um projeto político maior do império brasileiro: o de estabelecer soberania em uma região com disputas de fronteira históricas e até então ainda não resolvidas.

A expedição de 1857 ao Rio Iguatemi foi ordenada pela Instrução do Governo Imperial datada do dia 27 de maio de 1857. José Maria da Silva Paranhos, então Ministro de Relações Exteriores do Império, em correspondência oficial datada de 18/10/1856, diz concordar com a realização da exploração ao rio Iguatemi conforme lhe havia sugerido em carta de 08/09/1856 o Conselheiro Luís Pedreira do Couto Ferraz. Ao autorizar tal empreendimento de claro interesse do Governo Imperial, devido às questões de litígios fronteiro com a República do Paraguai, Paranhos aproveita para dar algumas instruções a serem indagadas pelos exploradores, manifestando:

[...] que a Partida explore e reconheça todo o território entre a margem esquerda ou setentrional do Iguatemi e o Ivinheima, compreendido o que fica entre a nascente principal daquele rio, e o ramo denominado Escopil. Todo esse território pertence ao Brasil, como se vê da carta que foi ultimamente confeccionada pelo Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, e da qual já possui um exemplar o Barão de Antonina.

Que a Partida destrua os sinais de posse que aí talvez tenham posto os Paraguaiois, e intime a gente do Paraguai que no território Brasileiro encontrar que se retire ameaçando-a para esse fim.

Que no caso de que a intimação e ameaça não sejam bastantes, evite conflito, e comunique logo o ocorrido ao Presidente do Paraná, e, se o poder, também ao do Mato Grosso, para se providenciar ulteriormente como mais convenha.

Que indague dos Índios o que com eles ou nesses lugares tenham tentado os Paraguaiois e informe sobre o estado e qualidade dos terrenos e daqueles rios³⁵⁴.

Antes de passar para o texto, é importante mencionar o tempo entre a última expedição de Lopes e Elliott e essa: passaram quase dez anos. Neste ínterim, o Barão esteve atuando para pôr em prática seu projeto, construindo o caminho, desenvolvendo o comércio, estabelecendo a Colônia Militar do Jataí e os aldeamentos indígenas, inclusive transferindo muitas famílias “Cayuáz”, como se viu no texto anterior. Portanto, as expedições de 1857 e 1858, que veremos mais adiante, representam uma nova etapa do projeto do Barão de Antonina. Desta vez, uma

³⁵³ CAMPESTRINI, Hildebrando, *op. cit.*, 2007, p. 115-152. De acordo com Campestrini, o texto foi transcrito do documento, manuscrito, existente no IHGB – lata 92, pasta 10 (documentos – f. 22 a 44).

³⁵⁴ José Maria da Silva Paranho, Ofício confidencial de José Maria da Silva Paranhos ao Conselheiro Luiz Pedreira de Couto Ferraz. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Itamaraty, lata 280, maço 1b, pasta 49, III – Coleções Especiais, 34 – Arquivo Particular de Duarte da Ponte Ribeiro, II – Países e Regiões, 14 – Paraguai, a) limites – correspondência oficial.

etapa em que a participação do governo Imperial se fez mais presente, provavelmente pela escalada da tensão relacionada ao litígio de fronteira. De fato, conforme se depreende do trecho acima citado da carta de Paranhos, a expedição ao Rio Iguatemi foi encarregada pelo Governo Imperial, e não uma iniciativa particular do Barão de Antonina, mesmo se ele teve uma participação clara na sua organização.

Quarta derrota

Itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Iguatemi, Amambaí, e parte do Ivinhema, com os terrenos adjacentes começado no dia 3 de agosto de 1857, por Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott.

Imagem 14. Primeira página do Itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Iguatemi... de João Henrique Elliott.

Fonte: Hildebrando Campestrini, *As derrotas de Joaquim Francisco Lopes*, Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2007, p. 115-152.

Tendo o Governo Imperial determinado mandar explorar os rios Iguatemi e Amambai, foi incumbido desta comissão o sertanista Joaquim Francisco Lopes e eu nela encarregado como piloto e desenhador.

O governo destinou para esta expedição o pessoal seguinte, além do comandante e piloto, os camaradas para pilotos e proeiros das canoas, doze índios e quatro africanos para remeiros tirados das aldeias de São Pedro de Alcântara do Jataí, de Nossa Senhora do Loreto de Pirapó e mais oito praças de 1ª linha, e um inferior para manter a ordem e servirem de proteção à expedição. Fomos muito infelizes com os camaradas desde o introito; um por causa de uma rixa assassinou o outro, dois acompanharam o criminoso em sua fuga, outro em uma caçada morreu afogado no Tibagi e um ficou doente no Jataí, de maneira que de oito camaradas ficaram reduzidos a dois e não foi possível preencher a vaga no Jataí dos doze índios, somente sete, incluindo o cacique Libânio, que nos acompanhou.

3 de agosto de 1857

A nossa comitiva, constando de comandante, piloto, dois camaradas, sete índios, três africanos, sete praças de 1ª linha, e um cadete, embarcado em cinco canoas, saiu do porto de Jataí, às três horas da tarde; foi unicamente para dar princípio à viagem, passamos o baixio Jacutinga, que apenas merece este nome, e fizemos pouso num lugar denominado Figueira no lado esquerdo do Tibagi às quatro horas da tarde. Rumo geral do rio N. $\frac{1}{4}$ N. Este, uma légua.

4 de agosto de 1857

Às sete horas seguimos viagem, o rio cheio, e muito correntoso, passamos a corredeira do Cerne sem estorvo. Esta corredeira é forte mas tem canal franco, e pousamos na cabeceira da cachoeira das Sete Ilhas, às três horas da tarde. Rumo geral Norte, seis léguas.

5 de agosto de 1857

Às sete e meia saímos; a cachoeira das Sete Ilhas estava furiosa, mas passamos sem novidades; às três horas da tarde entramos no leito do rio Paranapanema, e fizemos pouso do lado direito, quase defronte da barra do Tibagi.

N. B. Esta cachoeira das Sete Ilhas é, em minha opinião, a pior que se encontra desde o porto de Jataí até o Paraná; não é por certo muito forte nem perigosa, mas é muito comprida e trabalhosa, as mais (como as Laranjeiras, por exemplo, que é a mais perigosa de todas) sempre têm desvios para aqueles que não queiram facilitar, mas as Sete Ilhas em todo tempo é a maior transe que se encontra nestes rios.

Descrição do rio Tibagi

Este caudaloso rio começa a ser navegável do porto de Jataí para baixo dez a doze léguas acima de sua foz, assim mesmo tem muitos baixios e corredeiras mais trabalhosas que perigosas; em tempo de seca tem pouca profundidade nestes lugares, e as canoas passam com dificuldade; em tempo de chuvas crescem suas águas a grande altura, tornando a navegação mais fácil mas ao mesmo tempo mais perigosa; é diamantino, mas pouco aurífero e ladeado dos mais magníficos matos do mundo próprios para todos os gêneros de cultura, além de alimentícios propriamente ditos, o café, a cana, o algodão e o arroz, florescem no mais subido grão; os seus matos abundam

em fruto e caça, e tem uma rica e variada fitologia; suas águas são piscosas, e o seu clima é saudável. Do Jataí para baixo, a sua largura varia de sessenta a cem braças; o seu curso total é de mais de oitenta léguas, e seu rumo geral é do N. N. Oeste.

6 de agosto de 1857

Seguimos viagem às sete horas e meia, passamos a cachoeira das Capivaras sem trabalho algum e pousamos uma légua abaixo no lado direito. Esta cachoeira, tirando algumas pedras, dá passagem franca todo o tempo. Rumo geral Oeste, sete léguas.

7 de agosto de 1857

Às sete horas saímos; às nove horas e meia encontramos uma canoa pertencente ao aldeamento de N. S. do Loreto do Pirapó, com destino para Jataí; às duas horas da tarde entramos na cachoeira das Laranjeiras, o rio estava cheio e o canal por onde se costuma passar estava medonho; entretanto passou-se sem outro incômodo do que embarcar alguma água nas canoas; logo abaixo há um lugar bastante perigoso chamado Rebojo, é uma continuação da mesma cachoeira e forma uns poucos redemoinhos ou funis, e não é necessário passar por eles senão na ocasião de estar o rio muito baixo, e então não tem perigo. O piloto da minha canoa desprezou esta circunstância, e facilmente o perigo endireitou-a para um canal furioso; as ondas eram altas, a canoa pequena e muito carregada, os dois índios remeiros em lugar de redobram os seus esforços, amedrontaram-se, e cessaram de remar, a consequência foi que o forte rebojo fez ela voltar para trás, ficou sem governo e encheu de água, mas entretanto conservou-se direito, mas os dois índios, atirando-se na água, virou-a de crena, e deu comigo e o piloto no rebojo e abandonando-nos procuravam a terra; conseguimos tornar a endireitá-la e conservá-la assim, até a aproximação de uma outra canoa que recebemos a bordo, e conduzimos a mesma a reboque até uma praia vizinha. Os mantimentos e as minhas canastras salvaram-se com alguma avaria, mas todo o trem solto como armamento, roupa de cama, utensílios de cozinha, uma carga de sal, uma dita de arroz, e uma de farinha, etc., perdeu-se por causa deste acontecimento. Fizemos pouso logo abaixo do Rebojo no lado direito. Rumo geral Oeste, quatro léguas.

8 de agosto de 1857

Saímos cedo e chegamos no aldeamento de N. S. do Loreto de Pirapó às dez horas da manhã, depois de termos passado os baixios do mesmo nome. Rumo geral Oeste, três léguas.

Descrição do aldeamento de N. S. do Loreto do rio Pirapó (salto do pula peixe)

9 de agosto de 1857

Este aldeamento situado sobre as ruínas da redução jesuíticas de N. S. do Loreto, abandonado há mais de dois séculos, está vantajosamente colocado no lado esquerdo do rio Paranapanema, trezentas braças pouco mais ou menos acima da barra do pequeno rio Pirapó. Estas ruínas descobertas por mim, quando conduzi cento e sessenta e nove índios caiuás para o Jataí no ano de 1852³⁵⁵, ainda eram bem visíveis, constavam de muitos montes de telhas, sinais de valas e taipas,

³⁵⁵ Sobre a descoberta destas ruínas, ver *A emigração dos Cayuáz (infra)* [n.d.e.].

tudo feito com simetria e um forno ainda em bom estado que pertencia à olaria. Limoeiros, etc. O atual estabelecimento tem poucas casas, mas tem muitas plantações. O Exmo. Sr. Barão de Antonina, sob cuja direção fui buscar os sobreditos índios, não se descuidou desta primeira necessidade, e mandou mudas e sementes de todas as qualidades. Hoje em dia acha-se este aldeamento provido com tudo que é necessário de alimento; além disso, tem canaviais, bananais, etc., e serve como [*ilegível*] transitam por estes rios; um caminho por terra que ligasse ao Pirapó com o aldeamento de S. Pedro de Alcântara seria uma vantagem incalculável³⁵⁶, livrava os viajantes da necessidade de fazerem trânsito fluvial em estações impróprias, podendo escolher a seu belo prazer o caminho que lhe fizesse mais conta, que não é tão pequena vantagem. Estou certo; porém que ninguém podendo ir pelo rio desejaria caminhar por terra, mas os rios secos são ruins e dependem muito da escolha do tempo, e isto nem sempre se pode fazer um caminho. Cortando o ângulo que faz os dois rios Tibagi e Paranapanema encurtava muita distância; por terra pode ter de quatorze a dezesseis léguas, pelo rio é quase o dobro.

10, 11 de agosto de 1857

Falhamos para enxugar os mantimentos e o trem. Na madrugada de 11, o piloto de minha canoa recebeu umas bordoadas na cabeça, e uma facada na boca do estômago; acusou dois negros do aldeamento do delito, os quais foram presos e remetidos para o subdelegado do Jataí, e assim ficamos com um camarada e um africano de menos. Que infelicidade!

12 de agosto de 1857

Às sete horas saímos do Pirapó, deixando o camarada com poucas esperanças de vida. O cacique Libânio ocupou o seu lugar e fizemos pouso logo abaixo da ilha Tuiá, na boca do arroio do lado direito, pouco abaixo da corredeira dos Apertados.

13 de agosto de 1857

Seguimos viagem às seis horas e meia passando os baixios da Serra do Diabo, chegando à ilha das Antas, que é duas léguas abaixo do Tuiuiú, fizemos alto para o almoço, defronte desta ilha, do lado direito, tem duas pequenas hordas de índios caiuás, a mulher e dois filhos de um dos nossos índios, tendo seus pais aí ficou até a nossa volta. O Sr. Lopes brindou-os com alguma ferramenta e fazendas, etc., e seguimos viagem fazendo pouso muito cedo logo abaixo da ilha da Raposa. Rumo geral Oeste $\frac{1}{4}$ S. Oeste, quatro léguas.

14 de agosto de 1857

Às sete horas e meia seguimos viagem e pouco depois do meio dia saímos no Paraná; como prometeu um forte temporal, abrigamos numa baía na ilha da Meia Lua³⁵⁷, quase defronte da barra do rio Paranapanema à uma hora da tarde. O Paraná aí tem uma ilha grande defronte da embocadura do Paranapanema, que se chama ilha da Meia Lua e tem perto de uma légua de comprimento. Rumo geral do Paranapanema Oeste S. Oeste, quatro léguas.

³⁵⁶ No APEP, Curitiba, há uma série de documentos referentes à construção desta estrada por volta de 1865. Vale a pena ressaltar que tal estrada foi construída com a mão de obra dos indígenas e de Africanos Livres que viviam em ambos aldeamentos [n.d.e].

³⁵⁷ Ver aquarela n. 14 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso*, de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

Descrição do rio Paranapanema (chamado Pacutí pelos índios caiuás)

Este rio nasce na cordilheira do Mar, atravessa a estrada geral que vai de S. Paulo à província do Paraná, entre as vilas de Itapetininga e Faxina; é uma continuação de cachoeiras (além de um grande salto) até duas léguas acima da embocadura do rio Tibagi, onde começa a ser navegável, desta barra até o Pirapó doze a quatorze léguas de distância encontram-se ainda duas cachoeiras, e algumas corredeiras, de pouco monta; a primeira destas chamada Capivaras, seis léguas abaixo do Tibagi, é de fácil passagem e melhor ficará se removesse algumas pedras; a segunda, cinco léguas abaixo desta, é o único obstáculo formidável que se encontra, desde a barra do Tibagi até o Paraná; com o rio cheio tem bons desvios, mas em tempo de seca é necessário passar por um canal furioso que de pouco melhoramento é susceptível; daí até o Pirapó encontra-se com baixios, mas estes pouco ou nada estorvam a navegação; do Pirapó até o Paraná (quatorze léguas pouco mais ou menos), passando os Apertados, e os baixios da Serra do Diabo, é franco; sempre se acha com seis a nove palmos de água, excetuando no tempo de grandes secas. Este belo rio é ladeado de bom mato, com madeiras próprias para construção naval, e duráveis para ferro; a sua largura do Tibagi para baixo, vazio, é de cento e cinquenta a duzentas braças com rumo geral de Oeste, e o seu curso total é de mais de cem léguas.

15 de agosto de 1857

Às cinco horas e meia seguimos viagem, atravessamos o Paraná no lugar costumado, e na ponta inferior da ilha da Meia Lua, procurando a ilha do Mel no lado oposto; neste lugar tem o porto de meia légua de largura; defronte da barra do Paranapanema é muito mais larga, é um dos três lugares que se avista este rio de barranco a barranco, desde o Paranapanema até as Sete Quedas; em todo os mais, as numerosas ilhas interceptam a vista; pouco depois do meio-dia passamos a barra do Amambai, ou Samambaia, lugar em que passam as canoas pelo regato dos Cágados do rio Ivinheima e às três horas da tarde fizemos pouso no regato de Iputã (água vermelha), que é um braço do Paraná que vai para o Ivinheima. Rumo geral do Paraná S. Oeste, oito léguas.

16 de agosto de 1857

Sáimos às cinco horas e meia, e às sete horas entramos no Ivinheima; passamos o pequeno rio de Curupaná³⁵⁸, que entra pelo lado direito; nas cabeceiras deste tem um aldeamento de caiuás. O Ivinheima neste lugar tem oitenta braças de largura, com doze a dezesseis palmos de fundo, corre por brejos, e pantanal, ou monchões firmes com pouco mato bom; a uma hora passamos o seu primeiro braço e pousamos logo acima do pequeno rio Narahi³⁵⁹ (rio das Laranjas); neste rio também tem um aldeamento de índios caiuás. Rumo do Ivinheima Oeste S. Oeste, seis léguas.

17 de agosto de 1857

Seguimos viagem às cinco horas e meia; logo abaixo passamos a baía das Capivaras e o ribeirão do Narahi; às dez horas e quinze passamos o segundo braço do Ivinheima e meia hora

³⁵⁸ Rio Curupá [n.d.e].

³⁵⁹ Trata-se, provavelmente, do atual rio denominado Laranjá que, do mesmo modo que o rio Curupá, também é afluente da margem direita do rio Ivinheima [n.d.e].

depois entramos no Paraná, que aí tem uma légua e meia de largura, e semeado de pitorescas ilhas; logo abaixo do último braço do Ivinheima (no lado oposto) entra o rio Ivaí. As terras do lado oriental são altas e cobertas com bons matos; no lado ocidental são baixos e em grandes brejos; fizemos pouso na margem direita às três horas da tarde. Rumo geral do Ivinheima. O. Este S. Oeste do Paraná S.S. Oeste, três léguas e meia.

Descrição do rio Ivinheima (chamado pelos índios Iragui, rio de muitas ondas)

Este rio é o mais navegável que entra no lado ocidental do Paraná; nasce na serra do Maracajú, nos campos de Xerez ou Vacaria, onde é conhecido pelo nome de Brillhante; além de muitos afluentes menos consideráveis, recolhe pelo lado direito o rio Santa Maria e oito léguas abaixo do mesmo lado o caudaloso rio dos Dourados (no rio de São João, afluente deste último, há muitos sítios aprazíveis e vantajosos para a colonização); seis léguas mais abaixo recebe pelo lado esquerdo o considerável rio da Vacaria, que é navegável por espaço de vinte léguas, encontrando alguns baixios; de aí até o Paraná (vinte léguas pouco mais ou menos), recolhe somente três ribeirões consideráveis, o de São Bento pelo lado esquerdo, e o Tibagi onde habita uma tribo de índios Coroados que, em 1847, eu e o Sr. Lopes, na expedição do Exmo. Sr. Barão de Antonina, os tocamos³⁶⁰, e o Uruí, pela margem direita; desde o rio Vacaria até o Paraná serpeiam por entre brejos, encontrando dos lados alguns terrenos firmes, e sujeito a febres intermitentes; para cima o clima é saudável; até para baixo do Santa Maria correm lindos campos com excelente pastagem para o gado, tanto vacum como cavalari; é enfeitado de capões de mato bom, entra no Paraná por três bocas, a setentrional, que é a maior, cinco léguas acima das outras duas, que deságuam quase juntas. Este rio, com seus numerosos afluentes, rega quase toda a grande campanha da Vacaria; converte com águas do Anhanduí-Guaçu, um dos afluentes do rio Pardo, com as do Aquidauana, um dos maiores afluentes e igual ao rio Miranda, com as do Nioaque, com as do Mondego, que deságuam no Paraguai, e com os rios Iguatemi, Escopil, Amambai-Guaçu, que vão para o Paraná; desde o Ivinheima até os Dourados, a sua largura varia de sessenta a oitenta braças, e de oito a doze palmos de fundo; daí para cima diminui muito, mas é navegável sem interrupção até a barra do rio Cachoeira; uma distância até o porto do Barbosa tem seus baixios, onde atualmente se está descarregando o trem bélico, daí a seis léguas o varadouro de São José do Monte Alegre, colocado na barra do arroio Santo Antonio, onde o rio é muito sinuoso com os baixios e corredeiras, tem mais de setenta léguas de curso e o seu rumo geral é S. Este.

18 de agosto de 1857

Às cinco horas e meia seguimos; por causa de uma densa correção, rodamos devagar, assim mesmo encahamos num banco de areia e demoramos mais de uma hora para passar; às oito horas entramos na barra do Amambai ou Samambai-Guaçu. Este rio entra no Paraná cercado de brejos com duas braças e meia de boca e nesta ocasião, que estava com bastante água, tinha vinte e quatro palmos de fundo; acompanha por grande espaço o Paraná, do qual é separado em alguns lugares unicamente pela barranca; saímos uma légua quando, começando a chuva e encontrando-se um pouco de mato de terra firme fizemos pouso. Rumo do Paraná S. Oeste, uma légua e meia do Amambai subindo N. Este, uma légua.

³⁶⁰ Ver informações referentes ao dia 14/08/1847 da “6ª entrada” do *Itinerário das viagens (...)* referente às expedições realizadas entre 1845 e 1847, *infra* [n.d.e].

19 de agosto de 1857

Sáímos às seis horas; o rio serpeando por brejos cobertos de aguapé e capim-guaçú, na margem esquerda avistamos as matas que vêm do Narahi; raríssimas vezes alguma parte deste mato chegava ao rio, a água pouco correntosa e até aqui nada diminuiu em volume. Rumo Norte, três léguas e meia.

20 de agosto de 1857

Seguimos viagem às cinco horas e meia; começaram a aparecer muitos vestígios de índios e mais mato alto, o rio estava enchendo, e a correnteza cada vez mais rápida. Rumo N. Oeste, três léguas.

21 de agosto de 1857

Descobrimos um trilho bem frequentado perto do pouso; os nossos índios disseram-nos que conduzia até a aldeia do cacique Paí-Guaçu. Mudamos o pouso, apenas cem braças rio acima, na barra de um pequeno córrego; como o Sr. Lopes tinha determinado explorar este rio com duas canoas somente, descarregamos e condicionamos as cargas, enquanto os nossos índios se aprontavam para ir buscar o capitão Paí [Guaçu] e a sua gente. Ficaram de voltar em dois dias e determinamos esperar a sua chegada.

22 de agosto de 1857

Hoje os índios foram convidar o Paí [Guaçu]; outros da nossa comitiva subiram o rio acima procurando zingas, caças e mel; medi a largura do rio e sua profundidade: tem vinte braças e meia de largo e vinte e quatro palmos no lugar mais fundo. Nota-se que o rio estava bastante cheio.

23 de agosto de 1857

A gente foi caçar e matou uma anta; três horas depois do meio-dia apareceram dois índios, disseram que, tendo ouvido o latido de cães, a maior parte de sua gente cobrou medos e entrou-se no mato e que os nossos tinham ido buscá-los; e só amanhã ou depois poderiam voltar. Estes dois pernотaram conosco.

24 de agosto de 1857

Os índios que chegaram ontem levando uma das nossas canoas subiram rio acima para buscar suas mulheres e famílias, conduzido por um índio dos nossos. O Sr. Lopes prometeu dar-lhes alguns mimos; voltaram já tarde trazendo mais um homem, cinco mulheres, um rapazinho, e sete pequenos, perfazendo ao todo dezesseis pessoas, trouxeram-nos algumas mandiocas, amendoim; passaram a maior parte da noite aproveitando a carne de anta.

25 de agosto de 1857

Parte de nossa comitiva foi caçar para arranjar carne para os hóspedes que hoje deviam chegar. Antes do meio-dia chegou o capitão Paí [Guaçu], e parte de sua horda; os mais estavam ausentes, tendo ido passear para outra aldeia situada sobre o rio Baracai³⁶¹. O cacique era um homem já velho e bastante feio, trouxe consigo sua mulher e três filhos; tanto o Paí [Guaçu]

³⁶¹ Atual rio Maracá [n.d.e].

como sua família, suponho para dar a conhecer a sua alta hierarquia, tinham pintado as caras, com tinta vermelha de urucum; além destes vinham mais quinze homens, seis mulheres, oito rapazinhos, uma rapariga e oito crianças, perfazendo ao todo quarenta e três. O Sr. Lopes distribuiu entre eles machados, facões, foices, fazendas. O Sr. Lopes tinha caçado um veado, que com o resto da carne da anta, e ajudado com alguma farinha e feijões, fez um lauto banquete à sua moda; conversaram e cantaram toda a noite. Os nossos índios ficaram embelezados com as pintadas belas da floresta, e foi com alguma dificuldade, e à custa de alguns mimos, que eles não as acompanharam no seu regresso para o alojamento. O Paí [Guaçu], e a sua família, com a maior parte de sua gente, retiraram-se antes do amanhecer, talvez para livrar-se da importunação dos namorados das suas filhas. Choveu sem interrupção toda a noite.

26 de agosto de 1857

O tempo melhorou, o Sr. Lopes, eu, um camarada, três soldados, cinco índios, três africanos, seguimos para explorar o rio Amambai, até onde fosse navegável, ficando o Sr. cadete com cinco praças, o capitão Libânio, por intérprete, e o índio Manuel abarrocados no lugar até a nossa volta. Os índios acompanharam-nos com muita má vontade, preferindo sem dúvida a aldeia do capitão Paí [Guaçu]; logo que saímos, formou-se uma grande tempestade acompanhada de copiosas chuvas; fizemos pouso no lado esquerdo, tendo caminhado apenas meia légua.

27 de agosto de 1857

Saímos cedo com belo tempo; encontramos alguns lugares com correnteza rápida; no lado esquerdo muito mato alto, mas não de melhor qualidade para cultura, mas, contudo, tem muitas madeiras de construção naval, como cabriúvas, e não vi perobas; no lado direito vimos uma canoa de índios e outros vestígios; às quatro horas da tarde fizemos pouso neste lado. Rumo geral $\frac{1}{4}$ N. Oeste, três léguas.

28 de agosto de 1857

Por causa da cerração saímos tarde, sinuoso, e corrente rápida, variando de dez a doze palmos de fundo no canal, e de vinte a vinte e cinco braças de largura, mato alto no lado esquerdo, no direito cerrado e campestres de sapé. Continuaram a aparecer vestígios de índios em ambas as margens; o rio aí dá uma grande volta, com muitos caracóis, serpeando em todos os rumos, às quatro horas da tarde fizemos pouso num pesqueiro dos índios no lado direito. Rumo geral O. $\frac{1}{4}$.

29 de agosto de 1857

Às sete horas seguimos viagem; meia légua depois do pouso vimos uma canoa de índios, amarrada do lado direito, e logo adiante, no mesmo lado, um pesqueiro e rancho, com vestígios frescos; fizemos alto de almoço, aí não tardou de aparecer três índios; um deles, homem de trinta e poucos anos mais ou menos, com a cara pintada com tinta de urucum, e pulseiras feitas com penas de tucano, figurava como o chefe. Por intermédio dos nossos índios soubemos que o seu pai, antigo cacique, tinha morrido há pouco tempo e que o filho, que era este, ocupava o seu lugar, que se chamava Paí-Mirim; tinha pouca gente aí, os mais andavam à caça para o lado de Campo Grande, que distava daí três dias de viagem³⁶²; um deles foi chamar as suas mulheres;

³⁶² Provavelmente não se trata da atual cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, uma vez que tal cidade só foi criada após o término da Guerra da Tríplice Aliança. É provável que a região de Campo Grande (fôu guasu) seriam os campos de Vacaria ou Xerez localizados mais ao norte do rio Amambai, local do encontro [n.d.e].

voltou logo acompanhado por três índias e seis pequenos; deu-se lhes alguns mimos e seguimos viagem; caminhamos pouco mais de meia légua e fizemos pouso, com intenção de caçar; os cães levantaram um veado, mas este foi-se para o interior e escapou. Rumo geral. Oeste S. Oeste, uma légua.

30 de agosto de 1857

Sáimos cedo e o rio muito sinuoso, a corrente rápida, conservando a mesma largura e fundo e as suas margens o mesmo aspecto, em parte cerrados e campestres, e em parte mato alto, que algumas vezes aproximava e outra afastava do rio; às quatro horas da tarde fizemos pouso no lado direito da barra de um lindo córrego, que chamamos ribeirão da Sardinha. Rumo geral Oeste $\frac{1}{4}$ N. Oeste, três léguas.

31 de Agosto de 1857

Fizemos viagem às seis horas, o rio, serpenteando por cerrados e campestres, entre um belo ribeirão, pelo lado esquerdo, o qual nomeamos o ribeirão Areia Branca. Ouvia-se piar perdizes; no lado direito vimos um rancho e outros vestígios de índios; e num capão de mato alto, logo acima fizemos pouso. Os nossos índios seguiram o trilho que procurava a direção do rio Baracá; voltaram sem encontrar com ele. Tudo que se avistou em derredor eram cerrados, com muitas palmeiras jerivás, e aqui e acolá algum capão de mato bom. Rumo geral Oeste N. Oeste, uma légua e meia.

1º de setembro de 1857

Sáimos às cinco horas e meia, o rio cada vez mais sinuoso; vimos uma canoa e porto de índios muito frequentado, no lado direito, e fizemos pouso aí; mandamos os nossos índios adiante em busca de moradores, e o Sr. Lopes e eu seguimos logo atrás; o trilho passou um capão de mato bom, e um quarto de légua adiante, afastando-se do rio, entrou em cerrado de cambará, e grandes campinas de sapé, misturado com capim-vassoura, que é boa pastagem; foi queimado há pouco tempo e estava em pastagem verde; de um alto coxilhão avistamos por grande distância o curso do rio e as terras de ambas as margens compostas, quer de um lado, quer de outro lado, de grandes cerrados e campestres. Os matos, que algumas vezes chegavam ao rio, vimos que eram unicamente pequenas capoeiras. Esperamos aí o resultado da diligência dos nossos índios; voltaram tarde, tendo já saído no alojamento, contava unicamente de um grande rancho com cômodos para doze a quatorze famílias, apesar de ter tido a precaução de deixar a sua roupa atrás para não assustá-los e nem eu nem o Sr. Lopes, porém eles correram para um mato vizinho; os que estavam no rancho eram dois índios velhos, com algumas mulheres e crianças; a nossa gente convidou-os para que acompanhassem até o pouso, prometendo-lhes mimos, mas toda a sua retórica ficou sem efeito; os velhos não tinham fé em suas promessas, e conservaram-se no mato. Acharam aí milho, mandioca, galinhas, machados e chitas, certamente obtido dos paraguaios. Estes índios caiuás acham-se espalhados por estes matos em pequenas hordas de dez a trinta famílias; cada aldeamento tem somente um rancho grande onde todos se acomodam; têm relações amigáveis entre si e mantêm relações com os paraguaios. Rumo geral Oeste, três léguas.

2 de setembro de 1857

Sáimos cedo; o rio tão tortuoso que dava voltas quase inteiras; o Sr. Lopes passou ao lado esquerdo, e deixou alguns brindes dentro da canoa dos índios; às quatro horas da tarde fizemos pouso no largo esquerdo. Caiu uma forte tempestade, mas durou pouco. Rumo geral Oeste $\frac{1}{4}$ N. Oeste, três léguas e meia.

3 de setembro de 1857

Às seis horas seguimos viagem; o rio aqui é mais estreito, variando de dezesseis a vinte braças de largura, e de oito a dez palmos de fundo; à direita encontra-se um arroio de três braças de largura, e demos o nome de Tapechengui³⁶³; largando dos cerrados e campestres, começa a ser ladeado por excelentes matos de cultura; às três horas da tarde, fizemos pouso no lado direito em um porto de índios, com picada aberta. Os nossos índios foram convidar os outros para se apresentarem; em menos de uma hora voltaram acompanhados por três homens e um rapazinho que eles tinham achado em uma roça não longe daí; disseram-nos que sua morada era distante uma légua daí e que seu cacique chamava-se capitão Inácio, que ele e a maior parte de sua gente estavam ausentes, tendo ido para outro aldeamento distante daí três dias de viagem, mas que esperava a sua volta no dia seguinte e que aí tinha sete famílias apenas; logo depois apresentaram-se mais quatro homens, quatro mulheres, três rapazinhos e duas crianças; foram distribuídos entre eles vários presentes e exprimimos um desejo de ir até o seu aldeamento; prometeram que no dia seguinte haviam de vir buscar-nos e retiraram-se. Rumo geral Oeste N. Oeste, três léguas.

4 de setembro de 1857

Muito cedo apareceram os índios que devem servir-nos de guia; depois de caminharmos cem braças pouco mais ou menos por belos matos, saímos numa roça de meio alqueire de planta de milho, e muito viçoso, tendo no meio um paiol cheio de milho da colheita passada; seguimos adiante e, continuando o caminho, encontramos mais dois paióis de milho e duas roças plantadas; pouco adiante uma tiguera³⁶⁴ que estava roçando; daí em diante encontra-se mato bom, madeiras de construção, grandes perobas, mais adiante encontra-se mato catanduva, e muitos trilhos por onde puxam madeira para seus toldos; saímos em uma linda campina onde era sua morada. Era um grande rancho que tinha duzentos e sete palmos de comprimento, setenta e dois de largura e trinta de alto³⁶⁵ (do qual forma-se uma ideia melhor pelo desenho que acompanha a este)³⁶⁶; no interior duas carreiras de esteios e que distantes sustentavam as travessas onde se encostavam os caibros, os quais serviam para suspender as suas redes de dormir, de maneira que se pode saber o número de famílias contando estes esteios. O chefe e os homens somente ocupam rede, as mulheres dormem no chão; este rancho tinha lugar para vinte e quatro famílias; achamos aí mais três mulheres; tinham panelas de ferro, machados ingleses, machetões, facas e facões ingleses obtidos dos paraguaios, e teciam panos de algodão. Contaram-me estes índios que todo o terreno entre o Ivinheima e o Iguatemi, e mesmo além deste último, estava povoado de caiuás que comunicavam entre si por picadas, e que tinham trilho desde o Paraná até os campos da Vacaria; disseram mais que o rio Amambai cessava de ser navegável logo adiante por causa do Itu-Guaçu (Salto Grande), que atravessava o rio; acima deste tinha cachoeiras até o Ituperapó (Salto do Pula-Peixe); depois de estarmos mais de duas horas com esta gente, voltamos para o nosso pouso e às onze horas seguimos viagem, alguns dos índios acompanharam-nos nas canoas, e outros foram por terra, ficando de encontrarmos no salto; três quartos de légua acima do pouso, passamos uma cachoeira forte (a primeira que se encontra neste rio) e logo adiante avistamos o salto, e aí encontramos com os índios. Este salto atravessa o rio e tem doze pés de queda; tirei uma vista do lugar (a qual acompanha este itinerário)³⁶⁷; daí para cima toda a navegação é impraticável; pousamos aí. Rumo geral Oeste N. Oeste, uma légua.

³⁶³ Termo usado para se referir a uma árvore cujo nome científico é *Croton floribundus* [n.d.e].

³⁶⁴ Tiguera: roça depois de feita a colheita ou milharal já colhido e extinto [n.d.e].

³⁶⁵ Aproximadamente quarenta e cinco metros de comprimento, por dezesseis metros de largura, por seis e meio de altura [n.d.e].

³⁶⁶ Ver aquarela n. 11 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

³⁶⁷ Ver aquarela n. 12 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

5 de setembro de 1857

Hoje, para vermos se matávamos uma anta para os índios, soltamos os cães para caçar; levantaram duas antas, mas escaparam ambas; voltamos daí e pousamos no lugar onde tínhamos saído ontem; aí achamos o cacique Iguaçu com mais alguns da sua gente, era um homem de cinquenta anos pouco mais ou menos, de uma fisionomia inteligente e pacífica, não tinha ornamento algum distintivo, mostrou-se cortês, mas nenhuma admiração teve de ver-nos em seu território. O Sr. Lopes deu-lhe alguns presentes, além de outros que lhe tinha deixado. Os nossos índios disseram-nos que este era o mais poderoso cacique dos caiuás, que, além da sua horda, todas as aldeias de mato grande prestavam-lhe obediência; apesar de ter muito de sua gente ausente, contei entre grandes e pequenos de ambos os sexos setenta e duas pessoas.

6 de setembro de 1857

Seguimos viagem às cinco horas, e pusemos pouso no ribeirão da Sardinha, descendo em um dia o que tinha nos custado quatro para subir.

7 de setembro de 1857

Saímos às quatro horas, e às quatro horas da tarde chegamos ao abarracamento do capitão Paí [Guaçu], onde tinham ficado o Sr. cadete e os praças; durante a nossa ausência foi visitado por vinte e uma famílias de índios cujo chefe se chamava capitão Mirim; tinham desfalcado bastante os mantimentos, e esta notícia causou-nos bastante desgosto. Tudo o mais estava em *status quo*.

8 de setembro de 1857

Falhamos hoje para consertar uma canoa, deixamos outra para o capitão Paí [Guaçu] para o Jataí, tendo ele assim pedido.

9 de setembro de 1857

Hoje na hora da saída achamos falta de um dos nossos índios chamado Antônio; contavam os mais que embelezado por uma das filhas do Paí [Guaçu] saíra de madrugada para seu alojamento determinado a ser seu genro a todo custo; deixando o índio, seguimos viagem às cinco horas e meia, gastando seis horas para sair no Paraná; caminhamos mais duas léguas neste rio, e fizemos pouso na barra do rio Baracaí. O Paraná neste lugar tem duas léguas de largura e é um arquipélago de ilhas de todos os tamanhos e formas; a margem oriental é elevada, a ocidental baixa e coberta com grandes brejos; logo abaixo do Baracaí começa a ilha Grande das Sete Quedas. Depois do pôr do sol, caiu uma forte tempestade de S. Oeste; fomos obrigados a mudar as canoas mais acima no Baracaí para evitar as ondas do Paraná, que levantaram como as ondas do oceano. Rumo do Paraná descendo S. Oeste, duas léguas.

Descrição do rio Amambai (rio da Samambaia)

Este rio, chamado assim por causa da muita samambaia que tem nas suas margens, nasce nos campos da Vacaria, contra-vertente com o rio dos Dourados (afluente do Ivinheima) e com o rio Escopil ou Ijai³⁶⁸ (rio Claro), afluente do Iguatemi, corre por espaço de seis a oito léguas por lindos campos e depois, atravessando matos de restingão grande cinco a seis léguas,

³⁶⁸ Os Kaiowá o denominam *Yhovy*, ou seja, rio Verde ou Azul, mas em nenhuma hipótese rio Claro, como traduz Elliott. Nos mapas atuais esse rio é denominado rio *Hovy* ou *Jogui* [n.d.e].

serpeia por camadas campestres de sapé e brejos até sua junção com o Paraná; três a quatro léguas depois de entrar no restingão grande, encontrou-se o salto de Ituperapó e mais duas léguas abaixo o do Itu-Guaçu com doze pés de queda, daí para baixo é navegável até a sua foz, uma distância de trinta léguas. Depois que se afasta dos brejos do Paraná a sua largura varia de vinte e três braças e meia, com fundo de oito a doze palmos; é muito sinuoso, e corrente rápida e seu curso pelas voltas é de quarenta a quarenta e cinco léguas e o seu rumo geral é Este S. Este. Nas vizinhanças deste rio habitam muitas pequenas hordas de índios caiuás, gente social, de boa índole e bons princípios de agricultura; será fácil ajuntá-los em uma ou duas grandes; o rio Amambaí oferece muitas vantagens para este fim, começando três a quatro léguas abaixo do salto do Itu-Guaçu e daí para cima o rio é navegável até o salto, tem águas altas e excelentes matas de cultura, com campestres para criação; além disso, a campanha da Vacaria não dista mais do que quatro a cinco léguas. Os índios mesmos têm muita variedade de plantas, como milho, feijão, mandioca, amendoim, cana, algodão e bananeiras.

Descrição do rio Baracáí

Este rio nasce em campinas, mas tem muito mato bom, perto das cabeceiras, onde tem algumas aldeias de caiuás; daí para baixo é ladeado de brejos do Paraná, é navegável por canoas oito a dez léguas; na sua foz tem doze braças de largura, e quatro palmos de fundo, e o seu rumo geral é Este.

10 de setembro de 1857

Passou a chuva, mas o vento continuava e não atrevemo-nos aventurar os nossos frágeis batéis aos caprichos das ondas do Paraná; em consequência disto falhamos; apanhou-se muito peixe, surubis, dourados e outros.

11 de setembro de 1857

Ventou forte toda a noite de S. Oeste; o Paraná assemelhava-se ao oceano, as suas águas turvas ficaram cobertas com uma espuma branca; às onze horas moderou e seguimos viagem; do Baracáí para baixo o Paraná é ladeado de mato bom com barrancos altos de pedras colorado; aí muda de rumo de S. Oeste, para o sul; depois de caminhar uma légua e meia e fizemos pouso em uma pequena ilha para calafetar uma canoa e por esta causa tomou o nome de ilha do Calafetar. Rumo geral do Paraná Sul uma légua e meia.

12 de setembro de 1857

Sáímos às cinco horas e quarenta na parte inferior da ilha entre o ribeirão do Itapicaba (Peixe de Pedra Negra³⁶⁹) e logo mais abaixo o pequeno rio Pirajuí (rio dos Dourados) com quatro braças de boca. O Paraná aí é semeado de ilhas, com barrancos altos de pedra colorado cobertos de matos bons; às duas horas da tarde fizemos pouso na barra do rio Mutum-í (rio dos Mutuns), com cinco braças de boca; ouviu-se distintamente deste lugar a bulha do salto das Sete Quedas, distante seis léguas, pouco mais ou menos; parecia azoadada de uma cachoeira, e não o estrondo de um salto. Rumo geral Sul, seis léguas.

13 de setembro de 1857

Sáímos às cinco horas e cinquenta; o Paraná sempre semeado de ilhas, e as margens baixas e alagadiças; pouco antes de chegar na barra de Iguatemi, tem um grupo de seis ilhas, de vários

³⁶⁹ Etimologicamente a tradução do autor não confere [n.d.e].

tamanhos. Este rio entra no Paraná defronte de uma delas, deságua por entre grandes brejos; e corrente rápida. Entramos no Iguatemi às sete horas e meia, passando sempre por brejos; retirado $\frac{1}{2}$ légua do rio tem mato alto de ambas as margens, do lado meridional chega mais perto; às quatro horas da tarde fizemos pouso no lado esquerdo; ouviu-se daí a bulha das Sete Quedas, parece ser cachoeira, e não salto. Rumo do Paraná, descendo S. $\frac{1}{4}$ S. Oeste, duas léguas. Do Iguatemi subindo Oeste $\frac{1}{4}$ N. Oeste duas léguas e meia.

14 de setembro de 1857

Medi a largura do rio neste lugar, tem trinta e três braças e meia de largura com quatorze palmos de fundo; e às seis horas seguimos viagem. Com matos de ambos os lados acompanhando, em alguns lugares chegando até o barranco, o mato bom de cultura com perobas, cabriúvas, cedros e outras madeiras de serventia, no lado setentrional tem muitas árvores de congonha de qualidade superior; apanhamos alguma para fazer erva-mate e fizemos pouso no lado esquerdo às duas horas da tarde. Rumo geral Oeste duas léguas.

15 de setembro de 1857

Seguimos viagem às oito horas depois de almoçar; o rio muito sinuoso e as margens oferecendo o mesmo aspecto, passamos duas pequenas corredeiras e logo adiante um porto de índios e uma canoa do lado direito; disseram-nos que o cacique desta gente se chamava capitão Matias e que morava duas léguas retirado daqui; fizemos pouso no mesmo lado. Rumo geral Oeste $\frac{1}{4}$ N. Oeste, três léguas e meia.

16 de setembro de 1857

Amanheceu chovendo e continuou todo o dia; falhamos.

17 de setembro de 1857

Às cinco horas e trinta seguimos viagem; os terrenos adjacentes mudaram de figura, cerrados e campinas de ambos os lados, o rio com a mesma largura, de oito a dez palmos de fundo, e a corrente mais rápida, vimos 1 canoa e porto dos índios no lado meridional, e na margem oposta entrava uma barra com $\frac{1}{2}$ braça de boca a qual demos o nome de ribeirão de Sucuri; mais adiante entra também pelo mesmo lado um lindo córrego com águas cristalinas, e demos-lhe o nome de ribeirão Claro; às três e trinta da tarde fizemos pouso no lado esquerdo, matou-se aí um sucuri com vinte e nove palmos de comprimento; o réptil estava com a barriga cheia, abrimos para ver o que continha, era outro sucuri com dezesseis palmos de comprimento. Que vivacidade! Rumo geral Oeste $\frac{1}{4}$ N. Oeste, três léguas.

18 de setembro de 1857

Saímos às cinco horas; logo acima do pouso apareceu campo do lado esquerdo, de onde saiu o Sr. Lopes, e viu que tinha lugar no barranco firme do rio para um destacamento, ficando a cultura longe; no da direita era mato catanduva; passamos um pequeno córrego, que entra pelo mesmo lado, que chamamos Pé de Areia, e uma légua mais acima outro que denominamos Ribeirão Verde por causa da corrente de suas águas, e que tem três braças de boca; logo adiante tem um lugar estreito que serve de passagem aos índios, a qual eles chamam Itapó (Pedra de Pular); fizemos pouso no campo do lado esquerdo logo acima de um pequeno córrego. O Sr. Lopes, eu e alguns camaradas fomos reconhecer o campo, na campanha dilatada estendendo

do norte ao nordeste, até onde alcançava a vista, e mesmo desce muito para o Este procurando o Paraná; para o lado de N.O. parece-me que une-se com o campo da Vacaria; o chão é arenoso, em parte coberto com arbustos cascudos, e com outros inteiramente limpo, e enfeitado com capões de mato. Todos os ribeirões que tínhamos passado do ribeirão Sucuri para cima vinha do campo; têm muito boas localidades para estabelecer fazenda de criar. Vimos vestígios de veados-do-campo, cervos e avestruzes. Rumo geral Oeste, duas léguas e meia.

19 de setembro de 1857

Seguimos viagem às cinco horas e quinze, sempre avistando campo na margem esquerda, e vários matos no lado direito; às oito horas encontramos com dois índios pescando neste lado, travamos fala com eles, disseram que moravam perto e que seu cacique se chamava capitão Perón. Estes acompanharam-nos sem a menor reserva até a barra do Escopil, chamado pelos índios Ijaí (rio Claro). Este rio entra pelo lado esquerdo no Iguatemi por duas bocas, a debaixo é maior; abarracamos na ilha formada por eles. Os dois índios foram convidar o cacique Perón para vir até nosso abarracamento; de tarde chegou ele acompanhado por oito índios dos seus, trouxeram-nos alguns milhos; o cacique era um homem de trinta e tantos anos de idade e bem apessoado, trazia na cabeça uma grinalda feita de penas de tucano e canindé com pulseiras do mesmo. O Sr. Lopes brindou-os com alguns mimos, contou-nos que tinha muitas aldeias de sua gente no lado meridional do Iguatemi e que todos moravam em matos de cultura; conservava relações com os paraguaios, ajudando-os nos ervais e recebendo em troca de seus serviços machados ingleses, machetões, facas e facões ingleses e pano de algodãozinho. Disseram mais que faziam cinco luas que uma canoa desta gente tinha descido até o Paraná, e tornando a subir, porém nós não encontramos vestígios deles. Rumo geral O $\frac{1}{4}$ N. Oeste, duas léguas.

20 de setembro de 1857

Hoje saiu o Sr. Lopes com mais duas pessoas para explorar o campo que avizinhava o rio Escopil, e eu com outros quatro fomos examinar o rio. A margem esquerda é ladeada de belíssimos campos; no lado oposto são matos catanduva impróprios para cultura; o fundo do rio é laje coberta com areia branca, e as águas são muito cristalinas; às três horas da tarde fizemos pouso no lado esquerdo do campo; logo depois que chegamos, um africano, que tinha ido buscar água no rio, escapou de ser devorado por um sucuri, que estava de cilada num bebedor de caça na beira do rio; o preto percebeu antes de ser percebido, e isto foi que o salvou; com seu grito de espanto acudimos, o monstruoso réptil pouco caso fez de nós, somente escondeu a cabeça na água onde os olhos brilhavam como dois fochos, o corpo estava estendido em caracóis sobre o brejo, pronto para atirar a fatal laçada; aprontamos as armas, mas, como a cabeça deste réptil é a única vulnerável, foi preciso esperar que ele descobrisse; não demorou, e neste instante encontrou com dois tiros que deixou a cabeça e pescoço em migalhas, e estendeu-se morto no lugar; tinha vinte e oito palmos de comprimento.

21 de setembro de 1857

Depois disto eu saí com dois camaradas para explorar o campo, vimos fumaça ao norte, supus que era o Sr. Lopes. A maior parte é limpa, a pastagem, bem como o capão de mato de cultura, tem muitas ervas medicinais como ruibarbo, canapias, douradinhas, cipó-chumbo e outras. O chão é uma mistura de terra amarela e areia, a plasticidade de liga dos cupins mostrou ser própria para taipas; além disto, tem muita pedra itapanhocanga, que serve para o mesmo fim.

Estes campos são em rincões por cristalinas águas com altura suficiente para qualquer maquinismo; cervos, emas, veados, e antas vagam por estes lugares; o maior inimigo que se encontra aí é o terrível sucuri; queimamos o campo e voltamos para o pouso já à noite. Rumo de Escopil subindo N. N. Oeste, três léguas.

22 de setembro de 1857

Falhamos por causa de um grande temporal de chuva e vento.

23 de setembro de 1857

Amanheceu ainda chovendo; às seis horas seguimos viagem, o rio variando de quatorze a dezesseis braças de largura com seis a oito palmos de fundo, as águas cristalinas, sempre campo no lado esquerdo, cerrado, e faxinais na margem direita; de um coxilhão alto avistamos o curso do Escopil até a forquilha, onde se separa em dois, a da esquerda no campo, e a direita por cerrado; ouvi tiros, aí encontrei com um africano e um índio, que me disseram que o Sr. Lopes tinha seguido rio acima por terra para explorar. Não sabendo o destino do Sr. Lopes, determinei esperá-lo aí, até a sua volta; ele tinha explorado o campo que era o mesmo; quis mostrar-me um lugar que achava próprio para uma povoação ou aldeamento, desde a barra do Escopil, em linha reta terá uma légua e meia; há muitas vantagens para este fim. A par de um grande restrição de excelente mato, com um belo boqueirão de cem braças, tem uma cordilheira grande de pedra itapanhocanga, de águas altas que entra no Escopil um quarto depois que acaba o mato, e o sul deste está uma planície de campo, que vem desde a cordilheira até a barranca do rio; outras pequenas águas formam imensos rincões ou poteiros; a terra é própria para taipa; por esta mesma coxilha pode ir-se aos Dourados no Passo dos Guaicurus³⁷⁰; forma-se uma ideia melhor deste lugar consultando a planta que vai anexo a este itinerário. Voltamos daí e chegamos no abarracamento depois do pôr do sol. Durante a nossa ausência, tinham chegado cinquenta e três índios, de ambos os sexos, gente do capitão Perón; na sua volta dois dos nossos os tinham acompanhado até o seu alojamento, ficando de voltar no outro dia.

N.B. O rio Iguatemi logo acima da barra do Escopil tem dezenove braças de largura, e quatorze palmos de fundo no canal.

24 de setembro de 1857

Caiu uma terrível tempestade de noite com copiosa chuva, e o rio encheu muito; chegaram alguns índios trazendo papagaios e peixes; os quais trocavam por miçangas; não tardou também que viessem os nossos com o capitão Perón; este último vinha com algumas mulheres em uma canoa grande de sua fábrica, muito malfeita; trouxeram-nos milho, mandioca e bananas; estiveram conosco até o pôr do sol, quando passaram para o lado oposto. O rio encheu de tal maneira que foi necessário mudar de lugar. Depois do almoço seguimos viagem; dois dos índios do capitão Perón acompanhou-nos; às duas horas da tarde fizemos pouso no lado esquerdo, num porto de índios. Os dois índios do Perón tinham-nos convidado para irmos a um aldeamento, que disseram-nos que não era longe, cujo cacique chamava-se Cangaçu (Cabeça Grande); em consequência deste convite, o Sr. Lopes, eu, o capitão Libânio, um camarada, e quatro praças saímos, e dois índios servindo-nos de guia; pensando que voltávamos no mesmo dia nem cobertas levamos, mas fomos enganados, era mais longe do que nós esperávamos. Depois de

³⁷⁰ O já mencionado Padre Manoel Ayres de Cazal, cuja obra parece ter sido consultada por Elliott, também menciona o Passo dos Guaicurus em sua *Corografia Brasileira, op. cit.*, 1817, v. 1, p. 291 [n.d.e.].

caminharmos meia légua por brejos, cerrados, passamos um ribeirão que os índios chamavam Cangaçuí (ribeirão de Cabeça Grande), tem três braças de largura e águas claras; daí saímos em campinas e cerrados por mais de uma légua e meia por estes matos, saímos em uma campina de sapé, tinha sido roça tão trabalhada que reduziram-na em campo; nesta campina está um rancho velho abandonado há muito tempo; logo adiante saímos numa aldeia. Constava esta de duas grandes casas, uma já abandonada e outra ocupada, construídas na maneira uniforme desta gente, isto é, duas carreiras de esteios por todo o comprimento do rancho, com travessas em cima, varapaus compridos encostados nestas travessas e afincados no chão, encontravam-se e firmavam a cumeeira da casa; tudo isto era coberto de capim desde a cumeeira até o chão; um aberto no meio, de cinco palmos de alto e de quatro de largo, servia de porta, janela e chaminé; quem entra acha-se no escuro, e só depois de permanecer por algum tempo é que se pode distinguir os objetos. Toda a mobília se encerra em redes de dormir, painéis, porongos e o indispensável mavacom³⁷¹ (qualidade de porongo, com semente de caeté dentro e que serve de matraca para suas danças); tinham também aves e frutas, machados ingleses, e machetões paraguaios. Como o alojamento do Cangaçu era ainda distante uma légua e já era quase noite, determinamos a pousar aí, e um dos índios foi avisar este chefe, e mais outro que se intitulava capitão Ramos, da nossa chegada. Achamos aí somente um rapazinho de doze a quatorze anos, seis mulheres, e algumas crianças. Os homens tinham ido para o lado do Paraguai; esta não era aldeia propriamente dita, eram unicamente agregados do capitão Ramos. As pobres índias hospedaram-nos com alegria, e da melhor maneira que puderam, suprimo-nos com milho e mandioca, aprontaram também uma panela de feijão, mas por falta de sal ninguém quis comer; como tínhamos deixado as nossas cobertas, fizemos uma fogueira para suprir esta falta. O capim seco servia de cama, e desta maneira passamos a noite.

25 de setembro de 1857

Voltamos para o nosso pouso e seguimos viagem; logo acima da barra do Cangaçuí estava a nossa gente à espera em um grande laranjal silvestre, o Cangaçu, com dezenove de sua gente; era um velho quase centenário com uma formidável cabeça que decerto lhe tem granjeado o nome de Cangaçu; trouxeram-nos milho, mandioca e amendoim, para ao qual em troca demos alguma roupa, ferramenta, etc.; pernitoou conosco. Rumo geral Oeste, uma légua.

26 de setembro de 1857

Saímos às seis horas, o rio muito sinuoso; duas léguas acima do pouso passamos um barranco alto de terra arenosa e branquicenta com campestres em cima e enfeitado com jerivás; este lugar aliviava um pouco a monotonia deste rio, formava uma vista pitoresca, tirei um esboço daí³⁷²; passando este eram outra vez os eternos cerrados quer de um quer de outro lado, e de vez em quando algum mato alto; às três e trinta da tarde, fizemos pouso no lado esquerdo, aí lançando fogo em umas campinas de sapezais; este queimou bastante erva-mate, que deu lugar a nós fazermos uma porção. Rumo geral S. O., três léguas e meia.

27 de setembro de 1857

Seguimos viagem depois do almoço; meia légua acima passamos o pequeno rio Iputá³⁷³, com cinco braças de boca; perto deste está a primeira corredeira que se encontra neste rio;

³⁷¹ O termo *mavacom*, usado por Elliott para se referir ao *mbaraka*, não foi encontrado em nenhum dicionário português ou espanhol. Provavelmente trata-se de erro de impressão [n.d.e].

³⁷² Ver aquarela n. 16 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

³⁷³ Atual rio *Ypuitã* (rio Vermelho) [n.d.e].

logo acima chegamos na primeira das vinte e uma cachoeiras ou escadas do Iguatemi; logo na volta outra, a primeira passou-se com canoas carregada, na segunda foi preciso descarregar, fizemos pouso aí. Avistando outra cachoeira na volta, o Sr. Lopes foi com alguma gente examinar o rio mais acima; voltou já tarde achando uma continuação de cachoeiras; em consequência determinou fazer o abarracamento aí; que eu explorasse o rio em uma canoa pequena, e que ele e alguns camaradas fizessem um reconhecimento por terra, ficando inteligenciado de encontrarmos numa casa velha que, segundo diziam os índios, ficava perto da última cachoeira. O Sr. cadete com cinco praças e o mais da gente ficando no abarracamento para tomar conta das canoas e bagagem; neste mesmo dia, o Sr. Lopes fez varar a canoa exploradora nas primeiras sete cachoeiras. Rumo geral O. S. Oeste, três quartos de légua.

28 de setembro de 1857

O Sr. Lopes com o cabo da escolta, dois dos nossos índios, e mais um morador de uma aldeia vizinha por guia seguiram por terra, e eu, um camarada, duas praças, dois africanos, tivemos a tarefa de subir as quatorze cachoeiras ou escadas do Iguatemi. Embarcamos nas sete cachoeiras, logo acima encontramos com uma corredeira forte, e continuava sem interrupção até uma cachoeira furiosa onde foi preciso descarregar a canoa e levá-la à sirga³⁷⁴; pousamos aí no lado esquerdo avistando outra cachoeira logo acima. As margens do rio, baixas, cerradões, com muitos jerivás e algumas pontas de mato de laranjeiras silvestres. Rumo geral O. S. Oeste, meia légua.

29 de setembro de 1857

Seguimos viagem cedo, as margens do rio apresentando o mesmo aspecto; passamos muitas corredeiras, e duas cachoeiras, e fizemos pouso em uma campina de sapé; tinha muita boa erva-mate; aí ouvimos tiros de gente do Sr. Lopes. Rumo geral O. S. Oeste, três léguas.

30 de setembro de 1857

Saímos às cinco horas e trinta, passamos uma cachoeira forte, e logo acima vimos um sinal do Sr. Lopes em uma árvore; ouvindo tiros e não tardamos a encontrá-lo, tendo já saído na tapera; na sua exploração passou por três aldeias de índios, sendo a última do capitão Felipe; trouxe consigo dois índios, práticos da dita tapera; embarcamos todos e, passando outra cachoeira, saímos em um porto de índios; eu e o Sr. Lopes saímos em terra, os mais subiram na canoa, para entrarmos mais em cima; na boca inferior da cachoeira encontramos moitas de taquaras-do-reino; eu e o Sr. Lopes fomos visitar as ruínas da tapera. Esta forma um quadro largo de oitenta palmos de frente acompanhando o rio; a direção das paredes, dois montes de telhas e uma escavação eram os únicos vestígios que restavam. Suponho que este foi o lugar de um pequeno destacamento posto aí a fim de auxiliar a passagem de canoas e trem para terra, porém foi mal fundado por causa da grande bulha da cachoeira; os matos foram bem trabalhados. Achamos três casas de índios temporariamente arranchados aí; tinham vindo do outro lado do rio; encontramos com a canoa logo acima e fizemos pouso aí numa campina de sapé sobre uma baía.

N. B. Aí nesse lugar há laranjas-doces. Rumo N. N. Oeste, três léguas e meia.

³⁷⁴ À sirga: à reboque [n.d.e].

1 de outubro de 1857

Na baía onde fizemos pouso, o Sr. Lopes despachou os índios, para acampamento do Iputã, por falta de cômodo na canoa; eu, o Sr. Lopes e o cabo embarcamos e logo que saímos encontramos uma corredeira forte. As margens baixas, muitos brejos, cerrados de jerivás, pouco mato bom; muita laranja silvestre, variando o rio de doze a dezesseis braças de largura com cinco a seis palmos de fundo; às três horas da tarde vimos um porto de índios muito frequentado e outros vestígios que não eram de índios em pique aberto cortado rente aos ramos do chão e o rasto de dois cavalos, onde tinha uma canoa com dois remos feitos por oficiais de carapina³⁷⁵. O pique ia procurando rio abaixo, seguimos até tarde, voltamos e pousamos aí; achou-se também o lugar de dois fogões, com uma trempe³⁷⁶ de gancho à maneira dos tropeiros paulistas, e outra à moda dos curitibanos, que é de duas forquilhas e uma travessa, e ossos de gado. Choveu sem interrupção toda a noite, obrigando-nos a enchente a mudar o pouso mais para cima. Rumo geral N. N. Oeste, três léguas e meia.

2 de outubro de 1857

Continuava a chuva; falhamos.

3 de outubro de 1857

O Sr. Lopes mandou três pessoas para seguir os rastos dos cavalos; saíram em uma aldeia que os índios estavam abandonando; os vestígios acabam em uma capoeira, onde tinham ainda uma tranqueira³⁷⁷, onde tinham os cavalos fechados. Os camaradas acharam ali quatro índios conduzindo milho para a sua nova morada, voltaram daí trazendo dois índios consigo e milho. Por falta de um melhor intérprete, eu indaguei dos índios sobre os cavalos e o que pude colher foi que eram desertores de uma guarda paraguaia, distante daí seis a oito léguas, provavelmente dos ervais da serra de Maracaju; um dia de viagem adiante da guarda tem um erval chamado Inhandarocaí (ovo de avestruz queimado) e não muito longe até as povoações de Terrequeenheim³⁷⁸ e Curuguay³⁷⁹. Estes índios trabalham de vez em quando nestas ervas, e recebem em troca machados e outras ferramentas e algodãozinho; e eles tinham em sua aldeia patos, galinhas, e o seu chefe se chamava capitão Coati; além deste há outro que é o capitão Luís.

4 de outubro de 1857

Seguimos viagem cedo, o rio muito cheio e às margens, brejos e cerrados de jerivás; às quatro horas da tarde, passamos a barra do pequeno rio Bogas (chamado pelos índios Iguateraí-mirim); tem cinco a seis braças de boca e entra por brejos; acima deste o Iguatemi tem de oito a doze braças de largura. Fizemos pouso numa campina de sapé, logo acima do rio Bogas. Rumo geral N. Oeste, três léguas.

³⁷⁵ Carapina: carpintaria [n.d.e].

³⁷⁶ Trempe: tripé [n.d.e].

³⁷⁷ Tranqueira: cerca de madeira que se destina a proteger algum ponto [n.d.e].

³⁷⁸ Trata-se, provavelmente, do antigo “pueblo de indios” chamado San Pedro de Terecañy localizado no vale do rio Jejuy, Paraguai, transformado em vila no século XIX. Segundo Kleinpennig, pouco se sabe sobre a criação desta pequena vila no século XIX, apenas que ela foi erguida com população proveniente de Curuguay (KLEINPENNIG, Jan M. G. *Paraguay 1515-1870. Una geografía temática de su desarrollo*. Asunción: Tiempo de Historia, 2011 [2003]. p. 223). No mapa 7, *infra*, é possível localizar esta pequena vila [n.d.e.].

³⁷⁹ Curuguay é uma cidade paraguaia, localizada no departamento de Canindeyú, perto da fronteira sul-mato-grossense, tendo sido erguida em 1716 com o nome de Villa de San Isidro Labrador de los Reyes Católicos de Curuguay [n.d.e].

5 de outubro de 1857

Sáimos cedo procurando o lugar do forte abandonado de N. S. dos Prazeres do Iguatemi, que demolido pelos espanhóis em 1777, duas léguas acima do Bogas, vendo um mato bom, bom barranco alto, saltamos em terra e o Sr. Lopes, e dois camaradas e o cabo foram procurar o local do forte destruído; voltaram já tarde tendo achado o lugar, e saído no campo, pousamos aí. Rumo geral O. S. Oeste, duas léguas.

6 de outubro de 1857

Amanhecendo, o Sr. Lopes e uma praça seguiram por terra; eu e os mais pelo rio, para encontrarmos no lugar mais próximo as ruínas, que eram logo acima. Subimos um terreno de laranjeira silvestre e bem no cume da eminência estavam os primeiros vestígios: constava de uma vala ou poço quase entupido que embicava em um brejo, seguindo por este as valas, continuamos sempre formando ângulos, alguns bem salientes, alguns destes ângulos tinham trinta passos de comprimento, outros com mais de duzentos; depois de passar este entramos num que tinha pelo menos cinquenta palmos de largura com vinte e cinco a trinta de fundo; tem outros paralelos de distância de vinte passos e do mesmo tamanho, tão bem conservados que alguns lugares ainda se distinguem os sinais de enxadas; neste lugar parece-me que estava o portão, porque tendo o Sr. Lopes queimado o campo na véspera apareceram vestígios de um caminho que partia daí e seguia pelo campo, depois de passar um pequeno cerrado de cem braças pouco mais ou menos; um quarto de légua adiante se partia em dois, um procurava o mato pelo lado direito, e o outro seguia campo fora. O campo é alto e aprazível, de chão amarelo misturado com areia; neste lugar tem perto de meia légua de largura, fechado de ambos os lados por matos de cultura, que gradualmente se aproxima até três quartos de légua, adiante forma um boqueirão de campo estreito; passado este, os matos afastam-se, e do lado S.O., procurando o rio e a serra do Amambai, o rio de São João (afluente do Ivinheima³⁸⁰); do boqueirão por diante é campanha aberta unindo-se com os campos da Vacaria. Do forte do Iguatemi até os primeiros moradores vacarianos terá de trinta a trinta e cinco léguas, e até o primeiro forte paraguaio (a Bela Vista) do lado meridional do Apa a mesma distância pouco mais ou menos. O local dos Prazeres é muito aprazível, avistando-se o curso do rio Iguatemi, bem longe, serpenteando por matos, especialmente pelo meridional onde até alcança a vista tudo é mato. Este lugar deve ser saudável, colocado como está na rama temperada com terreno bastante elevado, e vantajoso tanto como para um ponto de estratégia como para colonização, tem excelentes matos de cultura e campos para criação, a comunicação com os moradores da Vacaria é fácil e destes se pode tirar muitos recursos. Como todo o terreno daí para diante já era conhecido, tendo já sido explorado pelo Sr. Lopes nas explorações do Exmo. Sr. Barão de Antonina, em 1847, e eu já tendo explorado o Ivinheima, até o seu mais pequeno afluente, da planta da qual caíste em meu poder, ele deu a exploração por concluída; depois de tirar uma planta do lugar (a qual acompanha o itinerário³⁸¹), voltamos para as canoas, e seguimos viagem, rio abaixo com bastante trabalho e perigo; a força da água, na volta do rio, levava-nos para baixo das madeiras; na nossa passagem no passo dos cavalos, estando o rio muito alagado do lado direito, tocaram-se duas buzinas entoadas e o Sr. Lopes respondeu com o mesmo instrumento, e com uma salva de arcabuz, não podendo conhecermos se eram índios ou forças paraguaias, que nos vinham cortar a nossa comunicação.

³⁸⁰ O rio São João, na verdade, é um afluente do rio Dourados que, por sua vez, é um afluente do rio Ivinheima [n.d.e].

³⁸¹ Trata-se, provavelmente, do mapa 7, *infra* [n.d.e.].

7 de outubro de 1857

Sáimos cedo, choveu sem interrupção, o rio estava transbordando com uma corrente furiosa e algumas das cachoeiras, que quando nós saímos eram atravessadas por paredões de pedras, estavam inteiramente submergidas, e em alguns lugares levantavam altas ondas que ameaçava a cada passo a engolir a nossa pequena canoa, e por segurança disto o Sr. Lopes e eu subimos para terra para não se perder nas furiosas cachoeiras os papéis tendentes à expedição; as corredeiras mais fortes eram conhecidas pela maior rapidez da corrente; chegamos ao abarracamento sem outro avario de que tanto nós como nossa bagagem inteiramente ensopadas, tudo estava em paz. Achamos aí um índio que se intitulava capitão Pedro Ivo, era um velhinho de seus sessenta anos, trazia uma farda paraguaia de alferes, e uma qualidade de barretina azul com divisa encarnada, muito jovial, e eu senti muito a falta de um bom intérprete; os nossos índios falavam pouco português, e eu ainda menos guarani; o que eu pude entender foi que os paraguaios, tendo vindo explorar o rio, embarcaram a canoa nestas cachoeiras, e voltaram e que havia pouco tempo. O capitão Pedro Ivo tinha vindo dos ervais do Paraguai, onde, como ele se exprimiu em meio guarani, meio espanhol, que o “serviço mucho, carapuchi tinero”, o que quer dizer em bom português que “o serviço era muito, dinheiro nada”. Indaguei sobre os cavalos cujos rastros tínhamos visto rio acima, ele me respondeu que os trabalhos que os paraguaios os tinham dado em troca de serviço, mas, apesar de sua elevada gerabéia, eu suponho que o capitão Pedro Ivo mentiu descaradamente, porque além de sinais de fogo, como os ossos de gado, os outros nos disseram que não eram só dois cavalos, como também dois cavaleiros, os quais tinham seguido para os campos da Vacaria. Além deste figurão, achamos ali mais quinze índios daqueles que o Sr. Lopes encontrou na primeira aldeia do varadouro³⁸², pedindo-lhe passagem para o Jataí e estes, estando bastantes dias conosco, não deixou de diminuir o nosso mantimento.

8 de outubro de 1857

Falhamos hoje enxugando o trem, o rio enchendo cada vez mais.

9 de outubro de 1857

Sáimos daí, rio muito cheio, e corrente furiosa, fizemos pouso no campo abaixo da barra do Escopil. Choveu toda a noite.

10 de outubro de 1857

Amanheceu chovendo, falhamos e fizemos erva-mate por haver aí muita.

11 de outubro de 1857

Continuou a chuva, rio enchendo; mandou-se buscar uma família do capitão Libânio que morava na aldeia do capitão Perón.

12 de outubro de 1857

O tempo melhorou, mas, com o rio crescendo, voltaram os índios com a filha do capitão Libânio e mais oito índios, três dos nossos índios trazendo consigo mulheres novas e velhas, uma índia e dois filhos.

³⁸² Provavelmente, Elliott está se referindo aos indígenas encontrados por Lopes no dia 30/09/1857 quando este último explorou por terra os campos do rio Iguatemi e passou por três aldeias, sendo a última a do capitão Felipe [n.d.e].

13 de outubro de 1857

O rio continuava a crescer. Falhamos.

14 de outubro de 1857

Amanheceu chovendo e continuou todo o dia; de tarde passou, e se matou antinha, o Sr. Lopes não tendo mais brindes a dar, até os próprios sacos em que tinham ido os mantimentos distribuiu pelos índios, e, não sendo suficiente, até uma barraca desmanchou para dar.

15 de outubro de 1857

Sáímos às seis horas e trinta. A canoa em que iam os índios tinha gente demais que deu motivo a passar-se para a canoa do cadete, para dar cômodo aos índios na minha; contudo, ambas iam muito carregadas, logo abaixo alguns índios saíram em terra, e duas famílias perto de uma aldeia de uma das famílias das pintadas belas da floresta, namorando-se de um dos nossos índios, abandonou seus pais e nos acompanhou ao Jataí, ficando conosco dezoito somente; às duas horas da tarde, saímos no Paraná e fizemos pouso numa ilha defronte da barra.

Descrição do rio Iguatemi e seus afluentes³⁸³

O rio Iguatemi nasce na serra de Maracajú, contraverte com os rios Aquidauana, Ipané, e Chuchi³⁸⁴, que deságuam no Paraguai, e com os rios Amambai e Ivinheima, que procuram o Paraná; com quinze a dezoito léguas quase ao sul, e com pouca correnteza até o passo dos Guaicurus sempre acompanhando a serra, daí tanto o rio como a serra mudam de rumo, ambos procurando o Paraná. Do Passo dos Guaicurus para baixo o seu rumo geral é o mesmo, serpeia para matos até o forte abandonado dos Prazeres, daí começam cerrados de jerivás e campestres de sapé, tanto de um como de outro lado até a barra do rio Escopil ou Ijaí; deste lugar até o ribeirão Claro, é campanha do lado esquerdo, e no direito são cerrados nas margens do rio, e nas coxilhas bom mato de cultura; daí para baixo são brejos e cerrados com pouco mato bom, até a sua afluência com o Paraná, doze léguas (por águas); abaixo do passo dos Guaicurus recolhe pelo lado esquerdo o pequeno rio das Bogas ou Iguatemi-mirim com cinco a seis braços de boca, e na mesma distância mais abaixo o Iputã pouco inferior, de cinco a seis léguas; mais adiante entra pelo mesmo lado esquerdo o considerável rio Escopil ou Ijaí. Entre este e o Paraná, além de outros, entra dois lindos ribeirões de cristalinas águas, com três braços de boca cada um, ambos de campestre. Do Escopil ao Paraná tem dezessete léguas por água, e dez por terra. Este rio logo que se afasta dos brejos do Paraná varia de trinta a trinta e cinco braços de largura, com oito a doze palmos de fundo até a barra do Escopil; daí até o Iputã de quinze a vinte com o mesmo fundo do Iputã até o rio das Bogas de doze a quatorze. Este rio é navegável sem interrupção até o rio Iputã, vinte e duas léguas por água; daí começam as vinte e uma cachoeiras ou escadas de Iguatemi, ocupam um espaço de cinco a seis léguas; passando estas, torna a ser navegável com trabalho até o forte dos Prazeres mais dezesseis léguas; é muito sinuoso, com fundo de lajes, em parte coberto de areia, e não dá vau; o seu curso total é de perto de sessenta léguas, com rumo geral de Oeste e entra no Paraná na latitude de 24 graus e 40 minutos sul.

³⁸³ É provável que Elliott tenha usado o trabalho de CAZAL, Ayres de, *Corografia brasileira, op. cit.*, 1817, v. 1, p. 273-ss, para elaborar sua descrição do rio Iguatemi [n.d.e.].

³⁸⁴ Atual rio Jejuy, no Paraguai [n.d.e.].

Descrição do rio Escopil (chamado pelos índios Ijaí, rio Claro)

Este rio nasce nos campos de Xerez ou Vacaria, contraverte com o rio São João (afluente do Ivinheima³⁸⁵) e com o Amambai; da forquilha para baixo é navegável até a sua junção com o Iguatemi oito a dez léguas, e a sua largura varia de doze a dezesseis braças com cinco a oito palmos de fundo; suas águas são muito cristalinas, e o fundo laje coberta de areia; no lado direito tem cerrados e campestres, na coxilha mato bom, pelo lado esquerdo é campanha, e sinuoso, corrente rápida, entra no Iguatemi por duas braças, a de baixo é a maior e o seu rumo geral é de S. S. Este.

16 de outubro de 1857

Às cinco horas e trinta, seguimos viagem; às onze horas começou a ventar forte; abrigamos em uma enseada, e pousamos aí; pescou-se muito.

17 de outubro de 1857

Amanheceu ventando forte, às onze horas aplacou e seguimos; tornou a crescer o vento, e fizemos pouso.

18 de outubro de 1857

Saímos às cinco horas e dez, tempo bom e frio; pousamos na ilha do Calafetar.

19 de outubro de 1857

Saímos às quatro horas e cinquenta, fizemos almoço na barra do Baracaí; vento forte e barrancos perigosos; a uma hora e quinze da tarde passamos o Amambai e fizemos pouso às três e trinta da tarde.

20 de outubro de 1857

Às quatro horas e cinquenta seguimos viagem e fizemos pouso logo abaixo do braço meridional do Ivinheima, às três horas da tarde; logo depois começou um vento forte que ia crescendo até ficar em temporal desfeito. O Paraná levantava ondas como o oceano; conservamos as canoas com muita dificuldade, apesar de serem bem abrigadas e descarregadas.

21 de outubro de 1857

Aplacou o vento e às sete horas e meia seguimos, passamos as duas bocas meridionais do Ivinheima, e fizemos pouso uma légua e meia abaixo da boca setentrional às três e trinta da tarde; vento forte, conservou-se as canoas também com dificuldade, apesar de estarem bem abrigadas.

22 de outubro de 1857

Às cinco horas e trinta saímos e às onze horas entramos na boca setentrional do Ivinheima; para evitar as ondas do Paraná, pousamos logo acima para caçar e pescar; nada rendeu.

³⁸⁵ Como vimos em nota anterior, o rio São João, na verdade, é um afluente do rio Dourados que, por sua vez, é um afluente do rio Ivinheima [n.d.e].

23 de outubro de 1857

Choveu toda a noite, saímos tarde e fizemos pouso na barra do regato do Iputã, no Paraná.

24 de outubro de 1857

Às cinco horas e trinta, seguimos viagem e pousamos na barra do Samambaia; tempo bom, mas muito mosquito; pescou-se muito.

25 de outubro de 1857

Saímos às quatro horas e trinta e fizemos pouso na baía da ilha da Meia Lua, quase defronte da barra do rio Paranapanema.

Descrição de parte do rio Paraná

Este majestoso e pitoresco rio desce o rio Pardo para baixo até a cachoeira das Sete Quedas; é um grande arquipélago de ilhas de todas as formas e tamanhos; defronte a barra do rio Paranapanema tem perto de uma légua de largura, na ponta inferior da ilha da Meia Lua, onde se faz passagem para o lado oposto, é mais estreito; daí para baixo vai se alargando nas bocas meridionais do Ivinheima, tem uma légua e meia; e defronte o rio Baracaí tem duas léguas que suponho ser a sua maior largura; nesta altura começa a ilha Grande das Sete Quedas, que tem doze léguas de comprimento e não vinte, como disse o célebre padre Ayres de Cazal³⁸⁶. Quatro léguas abaixo da barra do Paranapanema recolhe pelo lado direito o Samambaia com doze braços de boca e mais quatro adiante está o regato do Itupã que sai no Ivinheima, quando o Paraná está mais cheio do que aquele e vice-versa. Três léguas abaixo do Itupã entra a boca setentrional do Ivinheima, com vinte braços de boca, e mais cinco léguas adiante, as duas bocas meridionais do mesmo, pouco inferiores, e então quase juntas; cinco léguas abaixo destas deságua o rio Amambai com vinte e três braços e meia de boca; e mais duas léguas adiante o Baracaí com doze; quatro léguas abaixo entra o pequeno rio Pirajuí com quatro braços e quatro mais adiante o Mutum-i com cinco deste lugar ouviu-se distintamente a bulha do salto das Sete Quedas, seis léguas distante; parece azoada de uma grande cachoeira e não o estrido de um salto; disseram-me os índios que, por muitas vezes, tinham ido até lá, que o lado direito desta cachoeira tem paredes de pedra com corrente furiosa, mas no lado oposto era um despraiado de pedra coberta de capim e fácil de descer; duas léguas abaixo do Mutum-i, entra o célebre Iguatemi com trinta e três braços e meia calculadas de boca, correnteza rápida; e mais três adiante o pequeno Iguaré; uma légua abaixo deste começa a cachoeira. Este rio é navegável desde as Sete Quedas até perto do salto do Urubupungá, uma distância de setenta léguas. Desde o Baracaí até o Mutum-i tem barrancas altas de pedra colorada; com vento forte é perigosíssimo; se continuarem a navegar estas paragens é preciso embarcações melhores, que possam ir à vela, e sair no lugar; as pequenas e péssimas canoas em que atualmente se navegam correm perigo, com qualquer vento não podem arredar-se da margem. A corrente deste rio é pouco apressada, mas com o vento forte levanta ondas como oceano. O seu rumo desde o Paranapanema até o Baracaí é S. Oeste, daí até Sete Quedas é Sul.

³⁸⁶ Manoel Ayres de Cazal (1754 -1821), popularmente conhecido como Padre Ayres de Cazal, foi um sacerdote, geógrafo e historiador português, que viveu durante muitos anos no Brasil, escrevendo, como já evocamos, o primeiro livro de edição brasileira intitulado *Corografia Brasílica, op. cit.*, 1817 [n.d.e].

26 de outubro de 1857

Às cinco horas e trinta o leito do Paranapanema estava com bastante água; fizemos pouso uma légua acima da ilha do Tigre.

27 de outubro de 1857

Seguimos viagem às cinco horas e trinta, pousamos cedo para caçar; matou-se uma anta, a qual foi ao fundo, perdeu-se por não surgir.

28 de outubro de 1857

Seguimos às seis horas e cinquenta, fizemos pouso à uma hora da tarde logo acima da ilha da Raposa; matou-se uma anta, que se deu aos índios.

29 de outubro de 1857

De madrugada chegaram os índios, tendo ficado uma família procurando mel; enquanto esperávamos estes soltamos os cães; e matou-se uma anta; não apareceram; às onze horas seguimos viagem, uma légua acima encontramos com um pequeno grupo de caiuás, aí o Sr. Lopes brindou-os com as ferramentas da viagem e deu-se a carne da anta a eles, que estavam mortos de fome; alguns de entre eles tinham já ido ao Jataí, e dois nos acompanharam perfazendo o número de vinte; disseram-nos que perto daí moravam duas pequenas hordas e seus chefes chamavam-se Carapé e Mirim; às três horas da tarde, fizemos pouso logo abaixo dos Apertados; chegou a família que tinha ficado nas Antas, e como aí houvesse ficado uma mulher de nossos índios e dois filhos com seus pais esperando a nossa volta, e o marido desta mulher se tivesse namorado de uma das belas pintadas das florestas, havia se casado a modo deles e não a quisesse ir buscar, o Sr. Lopes indagando do seu toldo, disseram que eram dois dias de viagem; por essa razão não a procurou para levá-la para o Jataí³⁸⁷.

31 de outubro de 1857

Sáimos cedo, passamos os Apertados, e a ilha de Tuiuiú, e fizemos pouso logo acima. As canoas dos índios ficaram atrás.

1 de novembro de 1857

Às seis horas seguimos viagem, tempo chuvoso, pousamos duas léguas abaixo do Pirapó; o rio estava enchendo, e correnteza rápida, os índios não apareceram.

2 de novembro de 1857

Sáimos cedo e chegamos ao Pirapó à uma hora e trinta da tarde. Rio muito correntoso e os índios nada até agora.

3 de novembro de 1857

Falhamos esperando os índios e aprontando mantimentos; tempo chuvoso e rio enchendo.

4 de novembro de 1857

Chegaram os índios.

³⁸⁷ Sobre este episódio ver relato do ocorrido nesta mesma expedição no dia 13/08/1857, *infra* [n.d.e.].

5 de novembro de 1857

Sáímos do Pirapó, e pousamos na ilha das Baunilhas.

6 de novembro de 1857

Apenas mudamos de lugar fazendo pouso logo abaixo do Rebojo para procurar varejões.

7 de novembro de 1857

Passamos o Rebojo, e as Laranjeiras, pelo lado esquerdo, muito boa passagem; com o rio cheio evita-se toda a água forte, podendo levar as canoas a mão; pousamos perto da ilha que os camaradas deram o nome de Melança.

8 de novembro de 1857

Sáímos daí às quatro horas e trinta e às três horas da tarde pousamos defronte da ilha das Anhumas.

9 de novembro de 1857

Sáímos às quatro horas e trinta e às oito horas e trinta passamos a cachoeira das Capivaras, encostado em mato ao lado direito; com o rio cheio é esta a melhor passagem, fácil e sem perigo; fizemos pouso no lado esquerdo do porto dos Coroados.

10 de novembro de 1857

Sáímos às quatro horas e trinta e fizemos pouso logo abaixo da barra do Tibagi às três horas da tarde.

11 de novembro de 1857

Às cinco horas e trinta seguimos viagem; às sete horas entramos no Tibagi e pousamos logo abaixo das ilhas de S. Francisco Xavier.

12 de novembro de 1857

Sáímos daí às cinco horas e fizemos pouso logo acima da cachoeira das Sete Ilhas.

13 de novembro de 1857

Às quatro horas e trinta seguimos e pousamos na parte inferior da ilha dos Cágados.

14 de novembro de 1857

Sáímos daí às quatro horas e trinta e chegamos ao Jataí às cinco horas da tarde.

N. B. Chegou também neste dia um dos nossos índios que se tinha namorado da pintada bela da floresta, filha do capitão Paí [Guaçu], já casado à sua moda, trazendo a canoa que o Sr. Lopes tinha deixado para a condução do dito capitão, trazendo mais dois cunhados; na sua passagem na ilha das Antas, conduziu com a índia os dois filhos que o seu marido aí havia deixado com seus pais, ficando até servindo com duas mulheres; diz este índio que o capitão Paí [Guaçu] ficou para vir no ano seguinte.

**Diário da exploração realizada por
Joaquim Francisco Lopes ao rio dos
Dourados entre 14 de abril e
2 de julho do ano de 1858**

por Joaquim Francisco Lopes

Breve apresentação da fonte

Esse texto, datado de 1858, narra uma expedição ao Rio Dourados e seus tributários. Ele é totalmente inédito e está sendo publicado pela primeira vez somente agora. O manuscrito está conservado no APEP³⁸⁸. Estamos muito felizes em tornar esse documento acessível ao público.

Como dissemos na apresentação do texto anterior, as expedições ao Rio Iguatemi em 1857 e ao Rio Dourados em 1858 dialogam entre si e estão relacionadas com o litígio de fronteira com o Paraguai. A expedição de 1857 se relaciona com a assinatura do “Tratado de Amizade, Comércio e Navegação”, de 5 de abril de 1856. Esta, por sua vez, com a assinatura, no dia 12 de fevereiro de 1858, da Convenção adicional ao Tratado de 6 de abril de 1856.

Na revisão de 1858 do tratado de 1856, foi priorizada, novamente, a garantia da livre navegação do Rio Paraguai. A questão da definição da fronteira entre os dois países na região do atual Estado do Mato Grosso do Sul foi adiada uma vez mais a pedido do governo brasileiro, visto que até este momento não havia sido capaz de povoá-la, sendo difícil para o Brasil sustentar o argumento de uma ocupação histórica no local. Mesmo se o decreto de criação da Colônia Militar de Dourados, em 26 de abril de 1856, já tinha por objetivo sanar esse vazio colonizador da região, o que ocorreu de fato foi que até a data da exploração de Joaquim Francisco Lopes, ora publicada, o Governo Imperial não havia conseguido consolidar sua presença no local, tendo capacidade, no máximo, de enviar algumas escoltas para policiar as margens dos rios do extremo sul da então província de Mato Grosso. Desta forma, é justamente como mais uma tentativa de exercer soberania nesta região de fronteira ainda tão débil, que deve ser entendida essa exploração realizada por Joaquim Francisco Lopes³⁸⁹.

³⁸⁸ Ref. GPR.Cpa0560.82 – p. 15-42.

³⁸⁹ Pablo Antunha Barbosa. Episódios históricos do processo de formação da fronteira entre o Brasil e o Paraguai (1843-1864). In: LOSADA, Vânia Maria *et al.* (org.). *Povos Indígenas e muitas histórias: repensando o Brasil no século XIX*. Curitiba: CRV, 2022. p. 367-394.

224

Ilmo. Sr. Dr. Jozé Antonio Vis. de Camargo

Paraty 25 de Junho de 1858

PBOOJ GPR. Cpa. 560.82



Recebi a honra de receber, uma carta de V. Ex.^{ta} datada
 de 14 de Junho pp. participando-me q^o os objectos destinados
 q^o a expedição de Iguaçu q^o tem sido remetidos pelo Sr.
 Feliciano Chaves ao Sr. D. Feliciano unicamente as ter
 suas acções, armas, pólvora, e pólvora q^o em já tinha pe-
 dido depois de grande tempo a de Castro q^o está com a carga de
 grandes chivas q^o tem em caminhos q^o se intrinsecaram
 no dia 19. chegaram aqui no dia 25. com o Sr. D. Feliciano, e
 bem humilhado chegaram os deq^o volumes dos objectos, destino
 de V. Ex.^{ta} a V. Ex.^{ta} q^o quando depois de communicado recebi com
 uma hora a V. Ex.^{ta} no officio q^o acompanhando esta. Participo q^o he
 no tempo esta prompto com o mantimento faltando me
 um, alguns emmanadas q^o range da q^o demora em man-
 cha de Castro, aqui em imaturo a outra q^o isto tem de fozes
 quatro camaradas esperava a authorização de V. Ex.^{ta} em Com.
 Director d' esta Província, q^o licenciar alguns empregados q^o com-
 migo queiram ir e não tem solução, a esta respeito, ac-
 cho q^o delegar os volumes como já me q^o contaco a este
 Sr. D. Feliciano por este me deu factos, q^o é absolutamente
 necessario aproveitar a estância durante ahi estar de volta
 pelo fim de Dezembro, q^o evitar as chivas de Janeiro,
 q^o sempre tem abrasão mais tempo, e febre intermitente;
 por cá tem havido grandes chivas e caçom grandes em
 aberto na Tibagy tharaborden m^{ta}, mas não haçom q^o
 projuizo

Pergundo q^o esta lhe nabe no q^o de hospicio san-
 do, temha honra de ser

L. S. de V. Ex.^{ta}

Joaquim Francisco Lopes

Recebi no Com.
 de Iguaçu.
 25 de Junho
 1858

Imagem 15. Primeira folha do manuscrito *Diário da exploração...*
 Fonte: Joaquim Francisco Lopes, *Diário da exploração realizada por Joaquim Francisco Lopes ao rio dos Dourados entre 14 de abril e 2 de julho do ano de 1858* (APEP, GPR.Cpa0560.82 – p. 15-42).

Ilmo. Exmo. Sr.

Tenho a honra de acusar a recepção do ofício que V. Exa. se dignou dirigir-me datado de 28 de fevereiro do corrente ano o qual respondo. Acho-me pronto para seguir a explorar o rio dos Dourados em uma canoa tripulada com quatro africanos e alguns indígenas que entregou-me o Diretor do aldeamento de São Pedro de Alcântara, Frei Timóteo, conforme as instruções inclusas ao citado ofício de V. Exa.

Entreguei ao Diretor desta colônia, Sr. Major Thomáz José Muniz, para a construção de dois batelões, dezoito machados dos quantos reservados para o mesmo fim e supondo pelos bons desejos do Sr. Major Diretor que ficarão prontos em dois meses.

Ontem às três horas da tarde aqui chegaram quatro volumes com gêneros para os indígenas e dois caixotes para entregar ao Sr. Cap. Cassiano José Martins: ontem embarcou o contingente e amanhã seguirei à alcançá-lo.

Tenho encarregado a Manoel Valentim Carvalho, morador e negociante nesta colônia, de fazer as minhas rezes durante a minha ausência, ao qual dignar-se-á V. Exa. dirigir as suas ordens, marcando V. Exa. o ordenado correspondente.

Chegando a foz do rio dos Dourados seguirei com as cinquenta praças para explorar este rio e farei toda a diligência para cumprir restritamente a comissão que V. Exa. se dignou encarregar-me.

Comigo vão dois índios do sul do Ivinheima, tendo um deles um irmão que mora em um dos aldeamentos no rio dos Dourados; encontrando com ele acariciá-lo-ei, conforme o meu costume. Se achar necessário iriei encontrar o comboio que desceu perto do rio Tietê e de todos os acontecimentos ficará V. Exa. ciente com um diário que tenciono fazer da minha viagem.

Se alguns índios quiserem vir comigo para o Jataí, escolherei os mais inteligentes, porém é preciso haver na colônia indígena com que o Diretor os brindar, porque com falta disto alguns que já se tem trazido têm voltado ao seu antigo modo de vida.

Deus Guarde a V. Exa.

Colônia de Nossa Senhora da Conceição do Jataí, 14 de abril de 1858.

Ilmo. Exmo. Sr. Dr. Francisco Liberato de Matos, Digníssimo Presidente da Província do Paraná.

Joaquim Francisco Lopes

Encarregado de todas Comissões e diligências para a fronteira do Baixo Paraguai.

Tenho a honra de contar a V. Exa. da comissão que fui encarregado pelas instruções de V. Exa. de 28 de fevereiro, acompanhadas do Aviso do Ministério da Guerra de 22 de janeiro do corrente ano.

Começarei o roteiro de minha viagem desde o dia em que parti da colônia do Jataí com o contingente do Capitão Cassiano José Martins até o meu regresso à mesma colônia, depois de haver explorado o rio dos Dourados, até quase a confluência do rio São João, objeto de minha comissão.

13 de abril de 1858

Partiu o contingente da colônia militar do Jataí neste dia, no qual chegaram à dita colônia três cargas, constantes de brindes para os índios e dois cunhetes³⁹⁰, a serem entregues ao Capitão Cassiano.

14 de abril de 1858

Estava pronto para partir no dia seguinte, não pude, porém, por razão de haver chovido muito, apenas podemos carregar a canoa com os mantimentos. Cinco camaradas remeiros estavam prontos à primeira voz; destes três eram Africanos Livres³⁹¹ do aldeamento de São Pedro de Alcântara e dois Índios do mesmo aldeamento que haviam chegado do sul do Ivinheima.

16 de abril de 1858

A canoa não tinha piloto por falta de mais um Africano que deveria receber: servi de palinuro³⁹². Parti muito cedo e encontrei o contingente descendo na margem esquerda do rio, logo abaixo da corredeira do Tigre. Aí dormimos todos e durante a noite disse-me o Comandante que na corredeira do Cerne se alagara a montaria que ia, do que resultou ficar com uma perna contusa.

17 de abril de 1858

O rio estava muito cheio e asoberbado, nada receamos e partimos. Na corredeira denominada das Congonhas, algumas das canoas que iam muito carregadas puseram as praças em terra para aliviar. Depois de haver passado os dois ressaltos da cachoeira das Sete Ilhas, eu e o comandante avistamos a ilha chamada do Soldado. Não tendo o Comandante do contingente reunido as canoas para partir em ordem, saíram dispersas do que resultou que logo abaixo em outra corredeira alagou-se uma montaria mal governada e que conduzia algumas praças. Também foi devido esse sinistro a terem os remeiros entrado com a montaria de atravessado no baixio. Consta terem morrido afogados sete soldados. Paramos no remanso, logo abaixo da ilha das Araras. O Comandante mandou canoas em demanda das praças que tinham desembarcado e vinham por terra, então soube por aviso do Dr. Muricy terem ficado dois na barra do arroio das Congonhas.

18 de abril de 1858

Muito cedo equipou o comandante uma montaria e ordenou que fosse ela em procura das duas praças de que se trata: não foram achadas, porém encontraram no lugar vestígios de fogo

³⁹⁰ Cunhete: caixa ou caixote onde se acondicionam e transportam munições de guerra [n.d.e].

³⁹¹ A categoria “Africanos Livres” foi criada após a lei de 7 de novembro de 1831 que declara livres todos os escravos vindos de fora do Império. Apesar de serem classificados como livres, esses africanos ficaram sob a tutela do Estado Imperial e foram distribuídos para trabalhar nas instituições públicas e entre particulares [n.d.e].

³⁹² Palinuro: guia ou piloto [n.d.e].

e logo abaixo da barra uma jangada rodando; por esses indícios supuseram que teriam morrido afogados, porquanto não se encontrasse resto que denotasse terem eles voltado.

19 de abril de 1858

O Comandante, não acreditando no que o piloto lhe contava a respeito dos dois soldados, despachou outro com o mesmo destino, que voltou nada acrescentando ao que já se sabia.

20 de abril de 1858

À vista da barra do Paranapanema, encontrou-se o cadáver de um soldado, que foi sepultado. Dormimos do lado direito do rio abaixo dos Coroados.

21 de abril de 1858

Na saída do pouso encontramos outro corpo, que também foi sepultado e o lugar marcado com uma cruz de madeira. Passamos a corredeira das Capivaras e bem assim a cachoeira das Laranjeiras; sem novidade dormimos no manso, o Contingente do lado esquerdo, e eu do lado direito.

22 de abril de 1858

Passamos o rebojo sem novidade e as corredeiras e baixios do Pirapó, em lugar cuja barra passamos a noite, a meio quarto de légua da colônia indígena de Nossa Senhora do Loreto³⁹³. O administrador dessa colônia, Patrício José Ribeiro, foi encontrado na cachoeira do Cerne, e ia em destino ao aldeamento de São Pedro de Alcântara³⁹⁴.

23 de abril de 1858

Passamos a corredeira do Tuiuiú e a da Serra do Diabo, pouco distante descansamos para dormir.

24 de abril de 1858

Não passamos pela ilha das Antas. À tarde chegaram o Índio, Comandante de São Pedro de Alcântara com dois irmãos menores e o índio Carajá, vindos do sul do Ivinheima, que tiveram licença do Diretor do aldeamento para fazerem uma visita. Vinham com eles mais sete índios seus parentes. Dei-lhes pólvoras, chumbo, espoletas e comida, porquanto vinham mortos de fome. Dei a pessoa que ficou fazendo as minhas rezes no Jataí, dando-lhe conta desta ocorrência.

25 de abril de 1858

Não se pôde viajar pela muita chuva.

26 de abril de 1858

Parti cedo. O dia está enfarruscado. Alcancei o Contingente, e, porque assoprava com força vento pela proa, refugiei-me em um igarapé onde passei a noite. O contingente passou adiante.

³⁹³ Ver aquarela n. 6 do álbum *Desenbos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

³⁹⁴ No seu texto *Princípio e Progresso do Aldeamento Indígena de São Pedro de Alcântara*, Frei Timóteo de Castelnuovo confirma essa notícia, ao informar que no “*dia 18 [de abril] chegaram neste aldeamento o Diretor do Pirapó com os dois indígenas, Joaquim e Serafim, que foram com os dois engenheiros para o porto de Vacaria*” (CASTELNUOVO, Frei Timóteo, *op. cit.*, 1980 [1855-1894]) [n.d.e.].

27 de abril de 1858

Encontrei vento forte na ilha do Tigre; saí no rio Paraná, que estava bastante cheio, e por causa do vento abriguei-me em um braço da ilha da Meia Lua, onde passei a noite. O contingente dormiu na parte inferior da mesma ilha.

28 de abril de 1858

Não se pode navegar por causa do vento que era muito forte.

29 de abril de 1858

Muito cedo partimos. Passamos o Paraná, na ilha do Mel. O vento soprava com força, levantava furiosas ondas, contra as quais tivemos de lutar até entrarmos no rio Samambaia, que tinha bastante água. Dormimos no lugar denominado dos Macacos, por ser lugar alto. À tarde ouvimos toque de corneta do contingente e tiros do lado do rio Ivinheima, aos quais respondi.

30 de abril de 1858

Alcancei ainda cedo o Contingente descansando à margem do Ivinheima. Dormi em lugar fronteiro a ele e soube que a prancha grande, da qual era piloto o indivíduo por nome Antônio Grande, embarcara no lugar Cágados, em consequência de ter entrado por baixo de uns galhos e dos quais querendo desviá-los os soldados carregaram todos para um só lado e a viraram. Escaparam os passageiros e salvaram-se as canastras dos oficiais porque vieram à terra d'água. O mais de tudo perdeu-se: forneci carne de anta ao contingente.

1º de maio de 1858

Partiu o Contingente e eu descarreguei a canoa e voltei para pegar um dos meus cães que havia ficado atrás. Não pude nesse dia fazer viagem.

2 de maio de 1858

Saí cedo e não tendo alcançado o Contingente dormi em um barranco alto do lado esquerdo do rio.

3 de maio de 1858

Descansei para almoçar no antigo porto do índio Libânio e sobrevivendo um temporal aí dormi.

4 de maio de 1858

Tendo partido cedo fiz pouso em um terreno firme do lado esquerdo.

5 de maio de 1858

Prosegui a viagem e ao pôr do sol alcancei o Contingente que se preparava para dormir. O rio enchia muito e tudo estava alagado. Suas margens não ofereciam lugar cômodo para descanso.

6 de maio de 1858

As margens do rio estavam alagadas: o contingente pousou num firme à direita e eu mais adiante num outro à esquerda. Era já noite.

7 de maio de 1858

Continuamos a viagem.

8 de maio de 1858

Fizemos pouso acima do arroio São Bento em um Laranjal. O descanso era bom. Aí entreguei ao Sr. Comandante os dois cunhetes em bom estado. Os índios Coroados continuam no mesmo lugar onde encontrei-os em 1847 na exploração que fiz por ordem do Exmo. Sr. Barão de Antonina³⁹⁵. Este lugar é próprio para um bom aldeamento, dando-se aos índios ferramentas e quanto for preciso para que se mantenham por algum tempo³⁹⁶. Vivem eles nus e na maior miséria. Há três dias que queimaram os Campos da margem do rio.

9 de maio de 1858

Viajamos só meio dia. O condutor partiu em uma pequena prancha, bem montada com duas praças e seguiu em rumo do rio Vacaria, a fim de abastecer-se de mantimentos³⁹⁷.

10 de maio de 1858

Fizemos parada para almoçar no lugar Pedregulho, onde recebi um ofício do Sr. Comandante para V. Exa., no qual dizia os motivos porque não cumpria a ordem que tinha de dar-me cinquenta praças para a exploração do rio dos Dourados. Despedi-me do tal Comandante, arvorei na popa de minha canoa a bandeira brasileira. O Comandante fez o mesmo e mandou salvar, passei a barra do rio Vacaria: estava tudo alagado, fiz pouso pouco acima da dita barranca em um barranco alto do lado direito.

11 de maio de 1858

Ouviu-se a corneta do Comandante tocar arvorado, mandei responder à saudação do dia. Segui pouco depois em minha viagem e descansei num barreiro muito frequentado por antas, porcos do mato, mutuns, em um grande laranjal silvestre. Neste dia descansei para dormir muito cedo por causa de uma grande trovoadas que estava prestes a arrebatar, e que carregou depois para o lado do Vacaria.

12 de maio de 1858

Passei pela ressaca do Furado. Dormi à esquerda, defronte das duas ilhas.

13 de maio de 1858

Dormi na margem esquerda do rio perto da barra do rio dos Dourados, ponto em que o Governo ordenou que eu recebesse do Capitão Cassiano as cinquenta praças armadas, e, como não recebesse, disse ao Comandante que iria só desempenhar a comissão que me achava encarregado.

³⁹⁵ Ver *Itinerário das viagens (...)* referente à “6ª entrada” da expedição realizada entre 1847 e 1848, *infra* [n.d.e].

³⁹⁶ Embora nunca tenha sido erguido um aldeamento oficial neste ponto, o decreto de 25/04/1857 que regulamentava os aldeamentos indígenas nas províncias do Paraná e Mato Grosso, previa a construção de alguns aldeamentos muito próximas a essa região. Os parágrafos 6º, 7º e 8º do artigo 2 do mencionado decreto previam a construção de aldeamentos na confluência dos rios Curupaná, Dourados e Santa Maria com o rio Ivinheima. A transcrição integral do mencionado decreto encontra-se em CUNHA, Manuela Carneiro da. *Legislação indigenista no século XIX: uma compilação* (1808-1889). São Paulo: Edusp/CPI-SP, 1992. p. 241-251 [n.d.e.].

³⁹⁷ Provavelmente esse pequeno contingente se dirigia rumo às fazendas dos irmãos Inácio e Antônio Barbosa sobre o rio Vacaria [n.d.e].

14 de maio de 1858

Entrei cedo pelo rio dos Dourados, que é muito fundo, sinuoso, alagadiço e rápido. A pouca distância encontrei do lado direito um pouso, lugar onde tinham armado barracas: mais acima do mesmo lado, em um mato firme, me deparei com outro pouso, onde deixaram uma farda velha de pano azul, com divisas encarnadas, sete botões de metal amarelo n° 2, dessas que vestem nossos soldados. Julgo ter por ali subido canoa exploradora. Os vestígios eram de quinze dias pouco mais ou menos: aí fiz alto para almoçar; continuando, depois encontramos em um mato firme na embocadura de uma enseada, onde encontramos novos vestígios de ter havido aí um pouso em recente data; entre outras coisas, encontramos a tampa de uma marmitta com o nome de Francisco: andei três léguas. Dormi neste pouso, pesquei surubis, dourados e tirei mel. O rio encheu muito durante a noite, por ter chovido nas cabeceiras.

15 de maio de 1858

Parti cedo. Encontramos ainda vestígios de um pouso do lado esquerdo, em terreno plano. Pouco acima há uma ilha pequena, na ponta inferior da qual há vestígios de madeira cortada, e creio que isso se deu em fins de 1856, época em que por ali passou uma exploração mandada pela Presidência de Mato Grosso³⁹⁸. Dormi do lado esquerdo em terreno plano. Julgo ter andado três léguas.

16 de maio de 1858

No fim do estirão, ao lado esquerdo, encontra-se um mato em terreno firme. O barranco do rio é de pedra. Aí encontrei de novo pouso já servido. Pouco acima, do mesmo lado há um mato, onde descansi para almoçar; continuando, depois encontrei do lado esquerdo outro mato em um barranco alto, onde pousei para dormir. Pouco abaixo um regato do lado direito. Julgo ter andado esse dia três léguas e meia.

17 de maio de 1858

Muito cedo parti. Pouco acima do lugar em que dormi na véspera, o rio parte-se em dois braços; o direito é muito correntoso: tomei o da esquerda por ser mais manso. Logo depois avisamos mato, e um barreiro frequentado por antas. Logo acima se reúnem os braços do rio que fazem rebojo por voltarem muito violentos. Mais logo se encontra um mato do lado direito, pouco adiante outro mato com boa barranca, onde repousei para dormir. Julgo ter feito três léguas.

³⁹⁸ Provavelmente, Joaquim Francisco Lopes está se referindo a algumas das explorações que o Governo Imperial determinou que o Capitão Francisco Nunes da Cunha realizasse para o estabelecimento da colônia militar dos Dourados, conforme o Aviso do Ministério do Império expedido pela Repartição Geral das Terras Públicas em 28 de abril de 1856 e das Instruções que acompanham o decreto n° 1754 de 26 de abril de 1856, que cria a referida colônia. De fato, em 23 de setembro de 1856 o Capitão Francisco Nunes da Cunha recebeu um ofício do presidente da província de Mato Grosso, Augusto Leverger, encarregando-o de explorar e colher informações para o estabelecimento da referida colônia militar. Entre as diversas incumbências, contavam as seguintes instruções: “[...] No lugar projetado para o assento da projetada colônia, deverá ter em vista: 1º. As proximidades de terras de cultura de onde possam os habitantes tirar o seu sustento; 2º. A facilidade de obtenção dos materiais indispensáveis para as construções que se tem de fazer; 3º. A praticabilidade de uma estrada que preste cómodo trânsito entre a colônia e o Varadouro do Brillhante; bem como de outra entre a mesma colônia e o ponto da margem do Ivinheima que for mais arado para socorrerem-se os que navegarem pelo dito rio. Convém que tome conhecimento das circunstâncias da navegação do rio dos Dourados, desde a colônia até a sua foz ao Ivinheima. Durante a viagem e em Miranda, informar-se-á V. M. o mais exatamente que poder se houverá ou não naquele distrito, pessoas que queiram engajar-se como colonos, com as condições dos Art. 6, 7 e [...] das Instruções; e, no caso de encontrar repugnância, indagará os motivos dela e se é susceptível de desvanecer-se pela modificação das ditas condições. Informar-se-á também se há no mesmo Distrito quem esteja disposto a estabelecer-se, não como colono na zona de que trata e com as condições que [...] o citado Art. 8º das Instruções. Fará V. M. presente o objeto de sua comissão as Autoridades civis e militares em Miranda a quem recomendo que lhe prestem toda a possível coadjuvação. Concluída que seja a mesma comissão, V.M. virá dar conta dela a esta Presidência do que ajuntará um esboço dos terrenos explorados. Para esta diligência perceberá V. M. as vantagens de Oficial Engenheiro em Comissão ativa que ser-lhe-ão pagas por conta da Repartição do Império; e bem assim serão satisfeitas as despesas que forem necessárias, das quais apresentará V.M. conta documentada. Persuado-me de que V.M. não perderá esta ocasião de dar prova de seu zelo e inteligência que mais de uma vez tenho utilizado a bem do serviço público [...]”. (Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, Doc. 153, Estante 7, datado de 23/09/1856).

18 de maio de 1858

Parti desse lugar pela madrugada: a pouca distância do lado direito vê-se uma enseada que tem boa vista: aí descansei para almoçar. Segui e logo depois encontra-se outra enseada ao redor de aguapés; adiante encontra-se à esquerda outro mato firme, onde fiz pouso para dormir, em vista de uma ilha pequena. Tirou-se mel de abelha. O rio continua dando grandes guinadas para o sul.

19 de maio de 1858

Passei pela dita ilha, atravessei pela direita a boca de uma enseada, a pequena distância da qual me deparei com uma canoa de índios, amarrada a um galho. No fim de um grande rebojo para cima há outra ilha pequena e mais logo outra. Um pouco mais adiante, do lado direito encontrei vestígios de rancho, paus derrubados, etc. Em duas faces de um pau, que chamam Osso de Carvalho, estava escrito com carvão “1º de maio de 1858”. Julgo ser firma de meu mano José Francisco Lopes. Na outra face estava a mesma data com a firma “José de Arruda”. O mais não pude entender. Em outro pau de Almíscar também escreveram alguma coisa, que por estar apagado não pude entender. Depois de haver almoçado, partimos. O rio continua a ser sinuoso, fundo e rápido. Em um grande estirão que se desenrola em nossa frente há muitos refúgios e portos. Em um mato firme sobre um barranco vermelho há um porto de índios Guaranyes bem frequentado: aportei em terra, subi com os índios o barranco e avistei dois pequenos ranchos cobertos de Capim Sapê, uma capoeira velha, um pé de bananeira, um de algodão e outro de cana. Determinei aos índios que trilhássemos para diante. Felizmente encontraram quatro índios e três índias. Estas ao avistá-los correram. Os nossos índios mandaram um deles avisar aos da sua fala, para que viessem receber brindes que Papai-Guaçu lhes mandava³⁹⁹. Tive aviso desse encontro por terem dados dois tiros os nossos índios, nos quais mandei responder com toques de buzina e corneta. Chegaram os três índios com seus arcos e flechas, e conduzindo algumas espigas de milho, etc. Seus vestuários apenas eram chiripás de algodão, construídos em seus teares. Traziam os cabelos amarrados para traz com enfeites festivos. Brindei-os com ferramentas, anzóis, etc. Dei-lhes comida. Dos obséquios que lhes fiz ficaram muito contentes. Passaram a noite em nossa companhia. Julgo que andamos neste dia três léguas. O rio começa a variar seu curso S.O para S.

20 de maio de 1858

Não navegamos neste dia à espera dos índios, os quais chegaram à tarde em companhia do Capitão Urú⁴⁰⁰, com três filhos e quinze rapazes, bem vistosos e todos vestidos de chiripá. Alguns com os cabelos aparados, outros longos e amarrados. Suas armas são arcos e flechas. Mandei dar-lhes comida e, como era temperada, beberam bastante água. Recolhi o Capitão na proa da minha canoa, vesti-o. Aos mais distribuí barretes, facas, foices, machados, anzóis, linhas, etc. Ficaram muito alegres e davam risadas a cada momento, e em língua repetiam “Capae Guaçu bom Lopes bonito”. Mostrei ao Capitão os brindes destinados às mulheres e imediatamente ordenou ele que dois dos seus as fossem chamar a seus toldos. Perguntei se tinham visto passar

³⁹⁹ É interessante notar que o sentido da categoria “Papai-Guaçu” empregada por Joaquim Francisco Lopes nesta expedição se diferencia sensivelmente da mesma expressão usada nos outros textos escritos por Lopes e Elliott. Se, nas primeiras expedições realizadas nos anos de 1840 Lopes e Elliott usavam esta expressão em referência, sobretudo, ao Barão de Antonina, neste contexto “Papai-Guaçu” parece sugerir uma entidade mais vasta que se aproxima a uma ideia geral de um governo-protetor. De qualquer forma, tanto quanto a expressão Papai-Guaçu faz referência ao Barão de Antonina como quando ela faz referência ao Governo, a ideia que se pretende transmitir aos indígenas é a da existência de entidades protetoras [n.d.e].

⁴⁰⁰ Capitão Antonio Urú [n.d.e].

para cima uma canoa com a nossa gente. Respondeu que há poucos dias tinham vindo por vezes pescar ao rio, mas nada haviam visto. Perguntei onde era seu toldo. Respondeu-me que nas nascentes do Guarahy⁴⁰¹, que deságua no rio Ivinheima, logo abaixo do antigo toldo do índio Capitão Libânio⁴⁰². Perguntei-lhe mais quem morava perto dele. Disse-me que adiante, nas vertentes do mesmo arroio, mora um seu irmão, por nome Mirim-Urú, já velho, que outrora habitava o rio dos Dourados. Perguntei-lhe mais quantos capitães tinham seus vizinhos. Respondeu-me que quatro, que todos moram nas costas de um arroio que deságua no rio Dourados, isto é, a duas léguas fica o toldo do Capitão Muny, mais acima o Capitão Luy, além do Capitão grande Paí-Guaçu, e finalmente nas cabeceiras do mesmo arroio o Capitão Pedro. Perguntei-lhe que relação tinha com o Paraguai. Respondeu-me que nenhuma. Se não tinham visto os paraguaios passar pelo campo. Disseram que não, que também não se alargaram pelos campos, receando encontrar os índios Terenas, que os perseguem para os matar e cativar os seus filhos. Persuadidos de que o Papaí-Guaçu mandou muitos soldados rondar os campos e que por isso os Terenos não vinham mais persegui-los, que eles podiam caçar livremente, indaguei-lhes as alturas em que param as nossas povoações. Certifiquei-lhes de que todos nós éramos seus camaradas e podiam aparecer-nos, mudando-se para mais perto do rio, a fim de que Papaí-Guaçu pudesse mandar com facilidade os presentes que eles queriam e que custava muito procurá-los em diferentes lugares para os brindar e que Papaí-Guaçu me tinha mandado para escolher lugar par reuni-los e aldeá-los em grande porção, para não continuarem a morar destacados, longe um dos outros, para que seus inimigos não ousassem mais atacá-los, como tem acontecido em diversas épocas⁴⁰³. Perguntei-lhes mais quem lhes dava alguma ferramenta, facas, anzóis, etc.; disseram-me que levavam cera, redes de embira, palas, chiripás aos índios de Amambai-Guaçu e aos do Iguatemi e que com eles trocavam esses gêneros por algumas ferramentas que estes compraram aos paraguaios. Contaram ao nosso índio Romão, prático de nossa canoa, que o irmão deste tinha se mudado para o rio Amambai-Guaçu, por ter sabido que por ali andava ele em minha companhia a brindar os Índios dessas paragens⁴⁰⁴. Dei a Romão brindes que ele deixou para serem remetidos a seu irmão. Tomei nota dos gêneros de maior necessidade de que estes índios precisam. Estiveram eles em nossa companhia toda noite, porém poucos dormiram, entretidos em conversa com nossos índios.

21 de maio de 1858

Pela tarde chegaram as mulheres, vestidas somente de chiripás. A mulher do Capitão trazia os cabelos aparados e seu marido os traz longos e amarrados. Entreguei-lhes vestuários, lenços, xales, agulhas, linhas, miçangas, alguma baeta; mandei-lhes dar de comer, eram em número de

⁴⁰¹ Atual rio Guirai que deságua no rio Ivinheima não muito longe da sua foz no rio Paraná [n.d.e].

⁴⁰² A partir desta indicação, é possível localizar com bastante precisão onde se encontrava o toldo de Libânio. Provavelmente, o atual rio Libório, braço do Ivinheima, nada mais é que uma referência ao cacique Libânio. De fato, no diário da viagem que Epifânio Candido de Souza Pitanga fez do porto de Jataí até a vila de Miranda no final de 1857 e início de 1858 é confirmada a informação de que havia um rio com o nome do capitão Libânio. “*Passsei as três horas e vinte [...] pelo lugar da margem direita, onde esteve antigamente o caiuz capitão Libânio, ora existente no aldeamento de S. Pedro de Alcântara. A dois dias de viagem do porto do dito capitão, vivem aldeados índios da mesma nação, mas a beira-rio não se descobre o menor vestígio de semelhante existência! Às três horas e trinta passei pela barra do ribeirão do mesmo nome do mencionado caiuz, que deságua à direita*” do rio Ivinheima (Epifânio Candido de Souza Pitanga, “Diário da viagem do porto do Jataí à vila de Miranda, compreendendo os rios Tibagi, Paranapanema, Paraná, Samambaia, Ivinheima e Brillhante, o varadouro do Nioaque e os rios Nioaque e Miranda”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 27, v. 1, p. 164, 1864 [1858]) [n.d.e].

⁴⁰³ Ao evocar o desejo de reunir os indígenas em aldeamentos, Lopes está provavelmente se referindo ao já mencionado decreto de 25/04/1857 que regulamentava a construção de aldeamentos indígenas nas províncias do Paraná e de Mato Grosso. Cf. CUNHA, Manuela Carneiro da, *op. cit.*, 1992 [n.d.e].

⁴⁰⁴ Vale a pena lembrar que no ofício redigido ao presidente da província do Paraná, que abre esse diário, Joaquim Francisco Lopes faz referência ao irmão do indígena Romão, mencionando que ele tinha sua residência no rio dos Dourados. Como se verá mais adiante, seu irmão, na verdade, continuava morando no rio dos Dourados e não havia se mudado ao rio Amambai conforme lhe informaram os indígenas do capitão Antonio Urú durante esse encontro (Cf. *Diário da exploração...*, atividades referentes ao dia 28/05/1858, *infra*) [n.d.e].

trinta e seis. O número de crianças que os acompanhava, inclusive as de peito era de sessenta e nove. Ao todo estiveram em nossa companhia cento e vinte seis índios, todos bonitos e limpos. Despedi-me deles e mandei o Africano Manoel tocar a corneta e outro tocar a buzina. A canoa partiu e os índios contristados ficaram na barranca do rio chorando. Atravessei um longo estirão, no fim do qual encontrei dois portos; fiz pouso do lado esquerdo, saltei em terra, e segui um trilho por entre um capão de cento e sessenta passos; saí no campo que é de aspecto agradável, coberto de capim verde e crescido, e tão alto que intercepta a vista. Mandeí pôr fogo ao campo, que não queimou senão muito pouco. Retirado do capão cem braças mais ou menos encontrei um toldo abandonado, alguns morangos (abóbora) e porongos (cabaças). Colhi algumas e voltei para o pouso. Julgo ter caminhado uma légua apenas.

22 de maio de 1858

O rio continua sinuoso e rápido em sua corrente. Pouco acima do lugar de onde partimos e do lado esquerdo deságua arroio com bastante água, da largura de cinco braças mais ou menos. A pouca distância destes e do lado direito lança-se outro com três braças de foz. Mais acima aparecem três ilhas ao lado esquerdo, portos e capoeiras abandonadas pelos índios. Além, avistam-se mais duas ilhas fronteiras acima das quais há uma praia de cascalho, e pouco acima um capão grande onde mandei abicar a canoa. Varando o mato, saindo no campo, mandei lançar fogo no capim velho. Dormi nesse lugar, depois de duas léguas de viagem apenas.

23 de maio de 1858

Partimos muito cedo. Logo ao sair avistei uma ilha e em uma frente entra coberta de capim. Do lado direito o mato é firme e o barranco lajeado. Seguindo-se um pouco mais além, encontra-se uma ilha pequena fronteira a matos, portos e capoeiras abandonadas pelo Capitão Mirim-Urú. A pequena distância deste lugar deságua um córrego com duas braças de foz. No estirão do rio que de então em diante se avista há vários portos e em um deles avistei uma canoa de índios. Do lado direito descortina-se uma ilha, pela qual passamos para encontrar logo adiante acima, e do mesmo lado outro arroio, rápido em sua corrente, e com três braços de largo. Consta-me que suas nascentes são no campo, onde mora um cunhado do Capitão Antonio Urú. Acima deste arroio fiz pouso do mesmo lado em um terreno abaixo. A viagem deste dia não excedeu três léguas.

24 de maio de 1858

Procurei sair cedo. A canoa partiu e logo a pouca distância passamos por um tributário com três braças de largo na sua embocadura. O rio dos Dourados continua sinuoso, rápido e a dar guinadas de Sul para o Norte. Na frente de uma ilha, por onde logo tivemos de passar, faz ele um rebojo; tomamos o lado direito, que é pequeno e manso, o da esquerda é de uma correnteza fortíssima. Mais além surgem duas ilhas pequenas, pouco acima outra, e em frente uma praia de cascalho. Mais outra ilha aparece em seguida das outras, e pouco acima mais outra de igual tamanho; cujo braço se divide em três ilhas pequenas formando quatro canais. Acima do lado direito entra um arroio de três braças de boca, adiante surgem duas ilhas de capim, mais acima outras duas, em cima das quais achou-se canoa de índios amarrada em um silvado⁴⁰⁵. Seguimos um estirão, no fim do qual do lado esquerdo descansamos para dormir. A viagem deste dia foi de três léguas mais ou menos.

⁴⁰⁵ Silvado: tapume [n.d.e].

25 de maio de 1858

No fim de três estirões me deparei do lado esquerdo com alguns pés de laranja azeda: foram as primeiras que encontrei neste rio. Seguimos depois de um longo estirão, no fim do qual avistamos uma ilha pequena cuja vegetação é de sarãs, capim, tapichinguy (Sangue de Drago). Pouco acima do lado direito deságua um arroio com cinco braços de largo. Continua o rio sinuoso; encontram-se do lado direito portos de índios, um mato firme, outros portos do lado esquerdo, pouco acima a direita uma revessa⁴⁰⁶, achei um porto de índios e fogo: abiquei a margem e mandei os meus índios trilharem e chamarem os moradores. Voltaram pouco depois trazendo quatro mulheres, quatro curumins⁴⁰⁷ e cinco cunhãs⁴⁰⁸. Os seus vestuários eram chipipás muito usados: brindei-os, dei-lhes comida e fiz a mesma indagação que aos outros e nada colhi. Um destes índios é filho do capitão Mirim, cujo toldo se acha na costa do último arroio por que passamos. Dizem os nossos índios que, ao se aproximarem deste toldo, logo apareceram dois índios vestidos, vindos de parte do Capitão Antonio Urú, como verdadeiros correios dando parte de toldo a toldo que nós andávamos em procura deles, para dar-lhes brindes, que Paí-Guaçu mandava. Um deles vinha embrulhado em um xale, como um verdadeiro figurino. As mulheres voltaram ao toldo e os índios passaram em nossa companhia. Duas léguas e meia foi apenas a viagem que pudemos fazer neste dia.

26 de maio de 1858

Despedi-me dos índios e parti. Vi que a pequena distância deságua um arroio pequeno. Do mesmo lado pouco mais acima avista-se uma ilha pequena, seguindo-se depois um longo estirão de rápida corrente e depois disto o rio torna-se sinuosíssimo. Mais logo avista-se uma ilha povoada de sarãs, depois do qual o rio torna o rumo de S.O, e forma um longo estirão, no qual se encontram dois portos de cada lado. Abiquei ao segundo do lado esquerdo, que tem sete árvores de óleo de copaíba, debruçadas por sobre o rio; o barranco é alto e pedregoso, e coberto de erva-mate. Determinei aos três africanos que fizessem erva, e eu com os dois índios seguimos o trilho, e em curta distância saímos no campo, e encontramos um toldo abandonado. Continuamos por uma planície limpa, de terra firme e vermelha, e saímos em um verde maduro feito pelos índios, a fim de caçarem veados brancos; mandei lançar fogo na macega; passamos adiante outro verde maduro, e de cima de um capim descobri uma vertente cujo curso de três léguas mais ou menos vai findar nos Dourados; em terreno alagadiço, acima do nosso pouso. Neste exame avistei fogo, que calculei ser das alturas da Estância da Cachoeira de Benedito de Almeida Torres. Em 1853, administrando eu as obras do varadouro do rio Anhuac, o Exmo. Sr. Barão de Antonina determinou que eu fosse guiar o Sr. Torres aos ditos campos do rio da Cachoeira. Voltamos das coxilhas do rio dos Dourados, avistando-se o passo dos índios. Foram essas paragens que de novo descortinei da altura em que me coloquei. Avistei do lado direito do rio dos Dourados a restinga de mato que se estende em largura de duas léguas mais ou menos, e divulgamos a cinta do Rio São João, que lança suas águas nos Dourados. Uma coluna de fumo se levantava ao poente. Do ponto de observação ao encontro desses dois rios cabendo três léguas pouco mais ou menos. Voltei para o pouso.

27 de maio de 1858

Parti levando dois africanos e um índio em minha companhia para melhor explorar a campanha. Aproveitamos o caminho pela cinza da queimada procurando a coxilha. O fogo que

⁴⁰⁶ Revessa: corrente de sentido contrário ao da principal do rio [n.d.e].

⁴⁰⁷ Curumins: meninos [n.d.e].

⁴⁰⁸ Cunhãs: mulheres [n.d.e].

avistei continuava no mesmo rumo. Só avistamos campos e campões. O campo é muito plano, limpo, de terra vermelha. As oscilações do terreno são muito suaves. O arroio, que deságua por cima do nosso terreno, sangra uma lagoa de meia légua mais ou menos de extensão. Nos antigos mapas dão-lhe o nome de Lagoa das Vacas. Dela nasce o primeiro ramo do arroio Laranjeira, que deságua no arroio Santa Maria, na fronteira da Estância Sete Voltas do Exmo. Barão de Antonina⁴⁰⁹. Lançamos fogo na campanha, e à tarde voltamos para o pouso. Do outro lado apareceram quatro índios, armados com seus arcos e flechas, e pedindo passagem. Dei-lhes e aproveitei a ocasião para medir o rio; varia de vinte a trinta braças de largo. No lugar em que nos achávamos, como espraia muito a largura, chega a trinta e cinco braças e meia, com a profundidade de oito a dez palmos. Passei os índios, como disse um deles era o índio Capitão Luy, surpreendeu-me o fato de trazer ele um grande bigode e pera, é um verdadeiro fenômeno. Vinha ele do seu toldo avisado pelos dois índios estafetas ao meu encontro, para receber brindes. Muito pouco já tinha para dar-lhe, reparti o que havia e em recompensa deram milho verde, batatas, etc. Interroguei-o sobre o Paraguai, nada me soube dizer. Perguntei-lhe se daí para cima havia mais índios. Disse-me que não, que este era o único toldo, que tinha comunicação para diferentes toldos. Disse-me que sua morada é no campo, na costa do arroio de que acima falei. Perguntei-lhe quais eram os outros capitães. Respondeu-me que havia o Capitão Paí-Guaçu, o Capitão Pedro, que do toldo deste, há dois dias e meio de viagem, depois de atravessar o mato, se vai ao do Capitão Iguachuhy⁴¹⁰, no Amambai. Ao nosso índio Romão afirmaram que seu irmão morava aí perto, em um capão na costa do rio dos Dourados, ao lado esquerdo. Estes índios passaram a noite em nossa companhia.

28 de maio de 1858

O Capitão Luy mandou chamar o irmão do Capitão Romão, que muito zangado ficou pelo logro que lhes pregaram os índios do Capitão Antonio Urú. O nosso índio Antonio também seguiu em demanda do irmão de Romão e, antes de chegar ao toldo, o encontrou em companhia de mais quatro índios, armados com seus arcos e flechas. O irmão de Romão trazia uma porção de milho dependurado em uma cruz de madeira⁴¹¹. Dei-lhes alguns brindes e comida. Um destes índios é torto de um olho, e recordou-me de o haver brindado no Amambai-Guaçu no toldo do Capitão Iguachuhy. Ainda conservava os brindes: conheceu-me, abraçou-me e fez-me muitas festas. Pedi nota da gente do Capitão Luy, e disse-me que eram quinze homens, vinte mulheres, e trinta e oito crianças. A família do irmão de Romão se compõe de cinco índios, cinco mulheres e oito crianças. O nosso índio Antonio chegou doente de febre (intermitentes) e dores de cabeça. Os índios passaram a noite em nossa companhia. O irmão de Romão a horas destas pegou na cruzinha e todos rezaram com devoção até as nove horas pouco mais ou menos, depois formaram fandango, dançaram e cantaram até muito tarde, assaram milho sobre a madrugada, se quitaram e dormiram.

29 de maio de 1858

O Africano Felipe amanheceu com dor de cabeça e febre. Determinei voltar, dei passagem ao Capitão Luy para o outro lado do rio. A todos convidei para voltarem comigo para o Jataí, mas não quiseram.

⁴⁰⁹ Ver aquarela n. 21 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

⁴¹⁰ De fato, como se viu no *Itinerário* relativo à exploração dos rios Amambai e Iguatemi no ano de 1857 havia um capitão Iguachu que vivia no rio Amambai (*infra*, atividades referentes ao dia 05/09/1857) [n.d.e].

⁴¹¹ Em língua guarani este objeto é denominado *chiru*. Trata-se de varas ou cruces fabricadas a partir de um tipo muito específico de madeira. Os *chirus* são transmitidos e conservados por várias gerações. Segundo Fabio Mura, a importância religiosa dos *chirus* se dá pelo “*fato de estes não serem considerados meros objetos, nem meros veículos, mas também sujeitos de ação*” (MURA, Fabio. “A trajetória dos chiru na construção da tradição de conhecimento Kaiowa”. *Mana*, v. 16, n. 1, p. 124, 2010) [n.d.e].

É preciso captar-lhes a confiança, aldeá-los na margem do arroio da Cachoeira⁴¹², para o que há ótimos lugares, que para o futuro poderão ser florescentes povoações. Necessário povoar com os mesmos índios as nossas fronteiras que estão inteiramente desertas e abandonadas. Sejam aproveitadas essas imensas campinas, regada de belas águas, e com excelentes matos a cultura. Estou pronto para mostrar os lugares melhores para esses núcleos de povoações, que são de um grande futuro se o Governo ocupar-se seriamente com eles. Nas explorações do Exmo. Barão de Antonina feitas em 1849⁴¹³, corri todos esses campos. No rio São João há muitos matos. Na altura da Cachoeira foi a antiga redução de Santo Ignácio⁴¹⁴, lugar que julgo apropriado para uma grande colônia indígena. Partimos em regresso. O irmão de Romão seguiu conosco e seu companheiro, o índio torto; chegamos ao porto do capitão Antonio Urú, onde saltou para ir receber brindes, que seu irmão havia deixado, como ficou dito. Encontrei quatro índios cunhados do Capitão Antonio [Urú], que ficaram muito zangados por não terem recebido brindes. Eu os consolei com muitas promessas, por já não ter o que dar-lhes: marcaram-me o prazo de três dias para levar-lhes machados, foices, caldeirões, anzóis, facas, etc. Despedi-me deles prometendo voltar. Pousamos abaixo do rebojo, em um dos pousos que já tínhamos estado. Os doentes passaram mal a noite. Não tendo botica, dava-lhes a noite raiz de chapadinha ou perobinha do campo, com o que melhoraram.

30 de maio de 1858

Partimos muito cedo, e descansamos para dormir no pouso onde haviam achado a tampa da marmitta, na borda de uma enseada.

1º de junho de 1858

Saí no rio Ivinheima, passamos o furado, e pousamos no barreiro do laranjal silvestre.

2 de junho de 1858

Não viajamos neste dia: era preciso fazer matulagem e dar descanso e remédio aos doentes.

3 de junho de 1858

Também não viajamos. Os doentes tiveram frio de maleitas: dei-lhes laranja azeda assada com sal para cortar a febre.

4 de junho de 1858

Passamos pela barra do rio da Vacaria e do São Bento. Os índios coroados queimaram os campos. Pousamos à esquerda defronte do barranco vermelho. Os doentes passaram melhor.

5 de junho de 1858

Ainda cedo pousamos à direita, defronte a ponta inferior de uma ilha pequena. O índio doente de sezões, tendo comido mel, recaiu em grandes tremores: melhorou, porém, com chá de cabriúva vermelha. Choveu durante a noite.

⁴¹² O arroio da Cachoeira se situa pouco acima do rio Santa Maria, afluente da margem direita do rio Ivinheima. Aqui, novamente, Lopes parece estar fazendo referência ao já mencionado decreto de 25/04/1857, que regulamentava os aldeamentos indígenas nas províncias do Paraná e Mato Grosso, e mais particularmente ao parágrafo 8º do artigo 2 que previa a construção de um aldeamento na confluência dos rios Santa Maria e Ivinheima. Cf. CUNHA, Manuela Carneiro da, *op. cit.*, 1992 [n.d.e].

⁴¹³ *Itinerário de Joaquim Francisco Lopes (...), infra* [n.d.e].

⁴¹⁴ Santo Inácio de Caaguaçu [n.d.e].

6 de junho de 1858

Tudo partiu cedo, pousamos em um barranco alto à margem esquerda do Ivinheima.

7 de junho de 1858

Passamos a noite na barra do rio Samambaia, no Paraná: pesquei neste dia muitos pacus.

8 de junho de 1858

Passamos parte do Paraná e descansamos na parte inferior da ilha da Meia Lua: acabamos de passar o Paraná.

9 de junho de 1858

Fizemos ingresso no Paranapanema, e descansamos para dormir no fim de dois estirões acima da ilha do Tigre.

10 de junho de 1858

Apesar de grande serração, partimos muito cedo: o frio era intenso: pousei na ilha da Inhaúma, onde encontrei quatorze índios do aldeamento de São Pedro de Alcântara em marcha para o sul do Ivinheima.

11 de junho de 1858

Dormimos na ilha das Antas.

12 de junho de 1858

Passamos a noite na barra do arroio da Serra do Diabo.

13 de junho de 1858

O frio e a serração obrigaram-nos a parar para fazer fogo. Aquecimo-nos e prosseguimos a viagem, passando a corredeira do Tuiuiú. Dormimos na margem direita do rio no fim de um longo estirão. Choveu durante a noite.

14 de junho de 1858

Dormimos cedo perto do Sarandi.

15 de junho de 1858

Chegamos à colônia de Nossa Senhora do Loreto do Pirapó. O seu Diretor, Patrício José Ribeiro, homem diligente e muito trabalhador, mostrou-me os serviços que tem feito na colônia: são realmente muitos comparativamente com os recursos de que dispõe, que são nenhum. Devem ser aproveitadas as disposições desse homem para o trabalho. Encontrei ali nove índios, vindos do sul do Ivinheima. Um deles que é linguará esteve no Jataí; voltou à terra do seu nascimento, por causa de seu pai que mora na aldeia de S. João Batista. Eu o induzi a morar no Pirapó e que voltasse a seu toldo e trouxesse sua família: dei-lhe pólvora, machados e dois facões, e em nome do Governo prometi-lhe brindes: prometeu que voltaria. Instruí o Diretor do modo por que devia tratar os índios, para captar a confiança deles. Neste mesmo dia parti para dormir à vista da ilha da Baunilha.

16 de junho de 1858

Logo que partimos começou a chover; atravessamos um arroio e passamos por um porto, onde estavam empilhadas algumas telhas vindas da redução jesuítica de Santo Inácio de Loyola, mais logo o rebojo e a cachoeira das Laranjeiras, e logo adiante paramos para dormir. Choveu toda a tarde e toda a noite.

17 de junho de 1858

A chuva continuou e não pudemos viajar.

18 de junho de 1858

O dia esteve turvo e garouou muito; apesar disto, viajamos regularmente.

19 de junho de 1858

Logo que partimos, começou a chover forte. O vento soprava e os trovões rebentavam por cima de nossas cabeças. Parei abaixo da corredeira das Capivaras. Toda a noite choveu e trovejou.

20, 21, 22 e 23 de Junho de 1858

A chuva continuou a cair com força: não pudemos viajar, a enchente do rio era grande, estávamos sitiados pela água.

24 de junho de 1858

Ainda neste dia não pudemos viajar. Fizemos uma grande fogueira de São João. Esperando hoje chegar ao Jataí e ver minha família. A enchente do rio não deixou. Pela tarde principiou o rio a vazar.

25 de junho de 1858

Partimos: atravessamos a corredeira da Capivara. O rio não da vazão. Apesar de grande trabalho foi curta a nossa viagem pela resistência das águas.

26 de junho de 1858

Não viajamos, à espera que o rio diminuísse mais o seu volume de água. Fomos alcançados por uma canoa que vinha do Pirapó e que como nós lutava contra a força da corrente. Leva uma carga de feijão ao aldeamento de São Pedro de Alcântara. Vem tripulada por dois africanos e três índios.

27 de junho de 1858

Partimos e fomos dormir na praia dos Coroados, do lado esquerdo.

28 de junho de 1858

Navegamos todo o dia e dormimos no fim do estirão comprido.

29 de junho de 1858

Deixamos o rio Paranapanema e entramos pela barra do Tibagi. Fiz pouso na barra do arroio dos Jacus.

30 de junho de 1858

Dormimos neste dia acima da Cachoeira das Sete Ilhas.

1º de julho de 1858

Saímos cedo e dormimos na ilha dos Cágados.

2 de julho de 1858

Saímos muito cedo e chegamos ao Jataí, termo de minha viagem, que felizmente foi coroada de maior sucesso. Não devo concluir, Exmo. Sr. sem dizer alguma coisa sobre o rio dos Dourados.

É ele navegável até perto da barra do rio São João, onde voltei. Serpeia por terrenos alagadiços. Seu curso é sinuoso, rápido e fundo. O leito é parte arenoso, parte lajeado. Sua barranca é pouco alta e as margens cobertas de arbustos baixos, e maranhados de cipós. Há pouca caça e pesca. Há abundância de madeiras próprias para construção de canoas e outra qualquer construção. Encontram-se na margem deste rio algumas palmeiras, jerivás, guariroba, macaúbas e tucuns. Em sua margem direita há um restingão de mato com duas léguas de largura, segundo dizem os índios, e vai até a barra do rio de São João. A restinga do lado esquerdo é estreita: o campo se estende para os fundos, havendo nele muita erva-mate de boa qualidade. É quanto posso dizer a V. Exa. relativamente à comissão que tive a honra de ser encarregado. Sujeito à consideração de V. Exa. a relação que a este acompanha dos objetos de que precisam os índios das paragens que percorri.

Deus Guarde a V. Exa.

Jataí, 8 de julho de 1858.

Ilmo. Sr. Dr. Francisco Liberato de Mattos. Digno. Presidente da Província [do Paraná].

Joaquim Francisco Lopes.

Relação dos objetos de que precisam os índios.

Homens

Machados, Foices, Enxadas, Enxó, Facas, Facões, Anzóis, Roupas.

Mulheres

Tesouras, Agulhas, Linhas, Pentes, espelhos, Missangas, Roupas.

**Memória sobre a vereda mais fácil
da estrada para Mato Grosso
pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes**

por Joaquim Francisco Lopes

Breve apresentação da fonte

Desde sua edição original, em 1871⁴¹⁵, é a primeira vez que o presente texto é reeditado. Estamos realmente muito contentes com isso, já que durante muito tempo tentamos localizar, em vão, essa fonte⁴¹⁶. Foi só muito recentemente, quando já estávamos concluindo o rascunho da presente obra, que conseguimos localizar o texto na *Washington Research Library*⁴¹⁷.

Este texto está dividido em duas partes. Na primeira, *Estrada para Mato Grosso*, Lopes faz uma veemente defesa pública da estrada para o Mato Grosso através dos rios Tibagi e Paranapanema, justamente o caminho que ele ajudou a construir ao lado de Elliott e do Barão de Antonina. Por inúmeros motivos que ele enumera no texto (caminho mais seguro, mais curto, etc.), ele defende que essa estrada deveria ser a escolhida em detrimento da que seguia até Mato Grosso pelo rio Ivaí.

Já na segunda parte do texto, *Descrição dos serviços prestados pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes*, o autor retoma importantes momentos de sua vida como sertanista ao longo de quarenta e um anos de trabalho no sertão, isto é, de 1829 a 1871.

O presente texto é muito interessante, sobretudo se lido em paralelo com a primeira derrota de Lopes, que abre a parte de fontes desse livro. Como dissemos mais acima, a primeira derrota tem uma escrita truncada. No entanto, esta última tem uma redação muito clara e direta. Seu caráter autobiográfico é fundamental e nos ajuda a entender a trajetória, ano a ano, de Lopes, assim como nos ajuda a entender pontos não tão claros sobre sua vida, sobretudo aqueles vividos após a década de 1860.

⁴¹⁵ Memória sobre a vereda mais fácil da estrada para Matto-Grosso pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes. Curitiba: Tip. de Cândido Martins Lopes, 1871.

⁴¹⁶ Mencionada na lista que Wissenbach elaborou em 1995 (*op. cit.*).

⁴¹⁷ Ver em: https://islandora.wrlc.org/islandora/search/mods_subject_topic_ms%3A%22Roads%5C-%5C-Mato%5C%20Grosso%5C-%5C-Brazil%22.

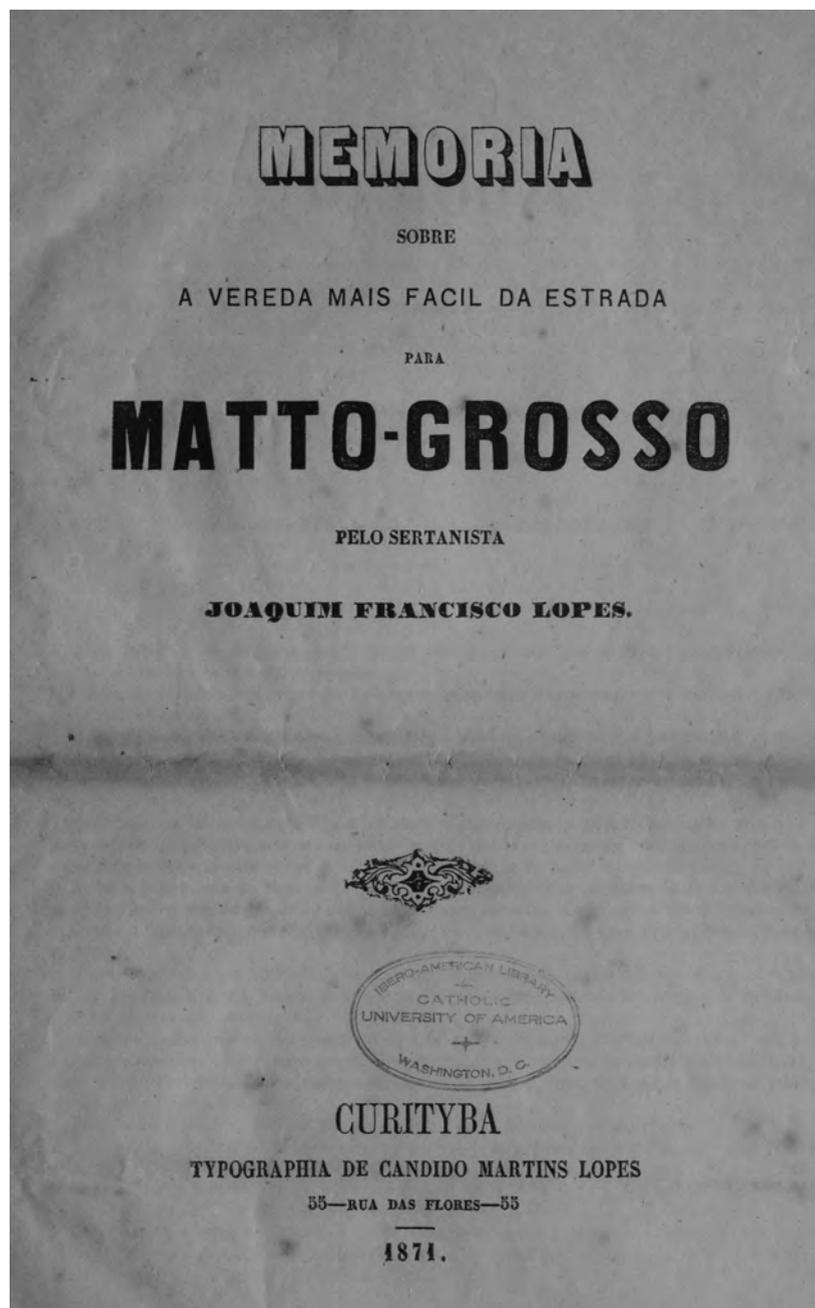


Imagem 16. Frontispício *Memória sobre a vereda...*
Fonte: Joaquim Francisco Lopes, *Memória sobre a vereda mais fácil da estrada para Mato Grosso*, Joaquim Francisco Lopes, Curitiba, Typ. de Candido Martins Lopes, 1871.

Memória

Estrada para Mato Grosso

I

Duas linhas através da província do Paraná disputavam entre si a primazia; a do vale do Ivaí e a dos vales do Tibagi e Paranapanema.

Com o fim de preferir-se a que mais vantagens oferecesse, determinou o governo imperial estudos e explorações em ambas.

O Dr. Rebouças, encarregado das explorações da linha pelo Ivaí, já deu conta de sua comissão e pelo seu relatório, publicado no do ministério da agricultura de 1870⁴¹⁸, se vê que o terreno explorado não se presta à viação de rodagem sem dispêndios extraordinários, dependendo ainda de novos estudos e explorações.

Verificada, assim, a impossibilidade de abrir-se comunicação para Mato Grosso pelo vale do Ivaí – ficou prejudicada a diretriz, sobre a qual sustentava-se vantajosa preferência, em consequência de mais aproximar-se dos limites das repúblicas do Paraguai e Argentina.

A linha, porém, que segue os vales do Tibagi e Paranapanema, ao invés da do Ivaí, tem, com os estudos e explorações que sobre ela se há feito, aumentadas as vantagens que oferecia antes de explorado o terreno compreendido desde *Vóra* até o *Jataizinho*⁴¹⁹, 4 léguas aquém da colônia militar do Jataí.

Não só todo o terreno percorrido é o mais curto entre os dois pontos dados, de Curitiba e colônia militar do Jataí, sendo a mais reta que se pode tirar entre esses pontos, como o de menos acidentes e empecilhos para viação de rodagem.

A seção de Curitiba à colônia militar do Jataí é de 60 léguas atravessando vinte e um cursos de água: – três rios, nove ribeirões e nove córregos; destes carecem de pontes o rio Pitangui, os ribeirões da Fortaleza, Divisa e Morro Azul; outros podem dispensá-las por serem quase todos lajeados pouco importantes.

Têm pontes o Bariguy, Iapó, Possauna, Itaquí, Piraí, Rondinha e Piraísinho.

Todo o terreno oferece fácil construção para rodagem, podendo reduzir-se, sem grande trabalho, a menos de 5 por cento os declives, que só em poucos lugares e curtos se elevaram a 7; dando sempre lugar a largo desenvolvimento das curvas e sem carecer de muitos zigue-zagues para vencer a maior altura, que é a da garganta da serra da Esperança na distância de 50 braças medidos.

Entre Jataí e Curitiba percorre a linha 31 léguas de campos, pelos quais transitam já carros puxados a bois; e somente 26 de faxinais, campinas e matos despovoados, que é a parte compreendida entre Morro-Azul e colônia do Jataí.

⁴¹⁸ Ver REBOUÇAS FILHO, Antonio Pereira. *Relatório da Comissão Exploradora da Estrada para Mato-Grosso, pela província do Paraná, passando por Guarapuava e o baixo Ivahy*. Relatório apresentado à Assembleia Geral Legislativa na segunda sessão da décima quarta Legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comercio e Obras Públicas, Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque. Rio de Janeiro: Tip. Universal de E. & H. Laemmert, 1870. Anexo BB, p. 1-97 [n.d.e].

⁴¹⁹ Em itálico no original [n.d.e].

Os cursos de água que atravessam a linha são poucos e a maior parte de pouco volume, porque subindo a Serrinha, pelos Capados, tomou o espigão em que nascem as vertentes do Tibagi, por um lado, e pelo outro as do Ribeira, e assim conseguiu-se até Castro terreno sem acidentes de valor, sem grotas fundas, nem atoleiros ou banhados de consideração.

De Castro em diante buscou-se ainda o *medium aquarium* das vertentes dos rios da Cinza e do Tibagi, e conseguiu-se terreno idêntico, ainda que dependente de maior despesa por necessitar de roçado e destocamento e em algumas partes cavas maiores do que as de que carece a estrada no terreno de campos.

Orçando aproximadamente o quanto pode gastar-se em tornar de rodagem a linha da seção entre Curitiba e colônia do Jataí, percorrendo 60 léguas – necessário é dividi-la em diversas seções para estabelecer o preço de sua construção.

É claro que onde o terreno é plano, tem pouco movimento de terras; que no campo é menor o trabalho por não precisar de roçadas nem destocamentos e que nos lugares montuosos cresce o custo com a abertura de cavas maiores e movimento de terra.

Assim, temos que na Serrinha, nas Furnas da fazenda da Taquara e na garganta da Esperança far-se-á maior dispêndio que em outros lugares; que nos matos ainda se fará maior do que nos campos.

Estabelecidos estes princípios, calculamos que nas 60 léguas entre Jataí e Curitiba ter-se-á de construir 31 léguas de estrada em campos, 24½ em mato e 4½ em terreno montuoso, sendo este na Serrinha dos Capados, nas Furnas da Taquara e na garganta da serra da Esperança.

A estrada pode ser traçada com declive geral de 5 por % e leito útil de 20 palmos de largo somente macadamizada nos lugares mais indispensáveis.

A seção entre a colônia do Jataí e a serra do Diabo percorre 26 léguas por terreno plano e que se presta perfeitamente à rodagem.

Da serra do Diabo em diante a navegação pelo Paranapanema é franca até sua confluência no Paraná e daí pelo Ivinheima até o porto de Sete Voltas.

A linha entre Jataí e a serra do Diabo o único curso de água importante que atravessa é o rio Vermelho; no entretanto que será conveniente construir pontilhões sobre os ribeirões Santo Inácio e Pirapó, e ponte sobre o rio Vermelho.

Estas 26 léguas prestam-se tão perfeitamente à rodagem que já em 1865 chegou ao rio Vermelho carro por um picadão aberto à foice e a machado.

A facilidade que oferece o terreno compreendido entre Jataí e a serra do Diabo para uma estrada de rodagem assegura barata construção por não haver obstáculo algum a remover além do destocamento e abertura da extensão compreendida entre o aldeamento de S. Inácio e a serra do Diabo e a construção e colocação de uma balsa no rio Tibagi em frente do aldeamento de S. Pedro de Alcântara.

A querer-se levar a linha até a margem esquerda do Paraná tem de fazer-se mais 13 léguas de estrada, que é a extensão intermédia da serra do Diabo à foz do Paranapanema no Paraná.

A despesa será consideravelmente reduzida se o governo tomar o alvitre de reduzir o leito útil da estrada somente a dez palmos com o declive para rodagem e voltas desenvolvidas, como trabalho preparatório para dar logo trânsito fácil a cargueiros, e oportunamente ser aberta para carros, ou, aliás, para trilhos de ferro pelo novo sistema de bitola estreita.

E caso ainda julgue o governo conveniente, atendendo ao pouco trânsito da estrada no presente, o conservá-la e melhorá-la tão somente para cargueiros, contentando-se em diminuir os declives somente onde são mais fortes e em solidificar o solo nos lugares mais úmidos, então a despesa apenas atingirá, quando muito, em 400:000U.

Na província de Mato Grosso quer se prefira a linha fluvial, quer a terrestre, encontrará fácil acesso tanto em direção a Miranda como a nossa fronteira com o Paraguai no Apa, Dourados, e Fecho dos Morros.

II

A estrada toma por ponto de partida o porto de Antonina⁴²⁰ e passa por Curitiba, subindo a serra do mar pela excelente estrada de rodagem da Graciosa⁴²¹ e em poucos anos aproveitará a ferrovia que se projeta entre estes dois pontos.

Segue à vila de Campo Largo, e galga a Serrinha. No platô desta bifurca-se, pare à esquerda a estrada do registro velho que se dirige à importante vila do Príncipe⁴²² e se prolonga até a província de Santa Catarina e Rio Grande do Sul pela estrada da Mata⁴²³ passando pela vila do Rio Negro⁴²⁴. – via esta pela qual se faz anualmente um trânsito de bestas de comércio superior a 50.000, termo médio. A de Mato Grosso segue até o pequeno povoado de S. Luiz, onde pende à direita. Bifurca-se ainda aí, a rumo de oeste, a que se dirige a rica vila da Palmeira, de onde ainda se esgalha em três grandes e importantes ramos – um, pelo porto da União, à Palmas, Rio Grande do Sul, fronteira de Corrientes e vale do Iguazú à fronteira do Paraguai com destino à Assunção; outro à vila de Guarapuava, pelos Papagaios Novos, e o último para as cidades de Ponta Grossa e Castro até a capital da província de S. Paulo. A linha em questão, porém, segue, inclinando-se para Norte, do povoado de S. Luiz aos Porcos, ao Pupo, aos campos de Botuquara, cidade de Castro, campos do *Vorá* e Morro Azul, oferecendo antes e depois deste ponto dois ramos à província de S. Paulo por Jaguariaíva e por S. João Baptista. Do Morro Azul vai a Congonhas, ao Jataizinho e à colônia militar do Jataí. Aí atravessa o rio Tibagi para o aldeamento de S. Pedro de Alcântara e segue margeando este rio até o Vermelho que atravessa e vai ao aldeamento do Paranapanema; prosseguindo daí, margeando o rio Paranapanema, até a *serra*

⁴²⁰ Localizado no Atlântico, atual Estado do Paraná [n.d.e].

⁴²¹ Ver aquarela n. 17 do álbum *Desenhos e plantas de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso* de João Henrique Elliott, *infra* [n.d.e].

⁴²² Atual cidade de Lapa no Paraná [n.d.e].

⁴²³ A Estrada da Mata ligava as províncias de São Paulo e Rio Grande do Sul. Especificamente, Vila Nova do Príncipe estava localizada no ponto mais ao norte de um trecho específico dessa estrada, que chegava até a cidade de Lajes, no norte da província de Santa Catarina. Durante esse período, a Estrada da Mata começou a desempenhar um papel cada vez mais importante na economia nacional, tornando-se um local importante para a produção e comercialização de gado [n.d.e].

⁴²⁴ O futuro Barão participou da criação da colônia Rio Negro, a meio caminho entre Vila Nova do Príncipe e Lajes, uma das primeiras colônias de imigrantes europeus de origem alemã a ser fundada no Brasil na década de 1820 [n.d.e].

do *Diabo*, onde começa navegação franca por vapores até o rio Paraná, que atravessa e busca as bocas do Ivinheima. E por este rio e pelo Brillhante, um de seus braços, aporta nas *Sete Voltas*.

Daí por terra atravessa a serra do Maracajú, sem encontrar grandes acidentes, e, tendo deixado a bacia do Paraná, chega a Nioaque, já na do rio Paraguai.

De Nioaque à Miranda é preferível o caminho de terra à navegação do Nioaque e do Mondego; mas alcançada a vila de Miranda acha-se no último rio canal franco para pequenos vapores, que podem navegar livremente até o álveo principal do rio Paraguai e por ele e seus afluentes chegar não só a Cuiabá como à maior parte das povoações de Mato Grosso.

Do porto das *Sete Voltas* à nossa fronteira com o Paraguai nas cabeceiras do Apa e Dourados pelo penalto do ribeirão Cachoeira e rio Santa Maria, há uma distância de 20 léguas que será percorrida por campos e terreno, sem acidentes nem cursos de água que impossibilitem a marcha e exijam obras de arte.

Se o governo preferir linha toda terrestre, em vez de interpolada com navegação fluvial, tem de abrir-se caminho da Serra do Diabo, ou *Coroa do Frade*, até a margem esquerda do Paraná.

E depois de atravessar este grande rio procurar o porto dos Kágados e daí pelos campos de Vacaria, cruzando cabeceiras dos rios Vacaria e Brillhante e a estrada de Santa Rosalinda para Miranda no varadouro de Nioaque, dirigir-se à fronteira do Paraguai, ligando-se pela referida estrada do varadouro de Nioaque ao nosso posto militar de Miranda que servirá de apoio principal às guarnições da fronteira do Apa, Dourados e Fecho dos Morros.

E toda esta linha a percorrer em Mato Grosso será em quase toda extensão por campos planos e enxutos.

Sendo o ponto terminal da estrada à margem direita do Apa nas cabeceiras do rio Dourados ter-se-á aí lugar azado para centro de forças, derivando-se dele pequenos postos militares à direita pela margem do Apa até o Fecho dos Morros – posição eminente e que avassala grande extensão dos rios Paraguai e Apa – e à esquerda, margeando o Iguatemi até os alagados do rio Paraná.

Da posição do Fecho dos Morros, Paraguai acima, até a confluência do Mondego habitam nossos excelentes e proveitosos aliados – os índios Guaycurús, que, fortificando o Fecho dos Morros e a confluência do Mondego, ficarão apoiados e nos prestarão serviço importante na linha entre esses dois pontos; serviço este que não devemos de modo nenhum desprezar – chamando, por este meio, à civilização regular esses valentes cavaleiros que por entranhado amor consideram o Brasil sua pátria, repelindo sempre os afetos dos americanos espanhóis que trabalham incessantemente para obter o apoio e serviços destes índios.

E não será somente esta importante tribo que será chamada à luz da civilização com a abertura desta estrada, pois Guarany, Coroados, e Cayuguás que têm toldos nas margens do Paranapanema, Paraná, Iguatemi, Apa e Dourados também acudirão à fruição da vida garantida e livre que oferece a civilização de um povo que, iluminado pelo Evangelho, e abraçado com uma Constituição libérrima, estende a mão franca e lealmente a todos os povos da terra sem distinção de crenças ou raças, abrindo o coração à caridade e confraternizando-se com todo o universo por uma religião santa e sublime.

III

O maior alcance da viação projetada é assegurar, garantir e povoar nossas fronteiras com os Estados vizinhos e abrir uma válvula de comunicações que ponha em contato os povos da remota província de Mato Grosso com o oceano, sem dependência da navegação ribeirinha do Paraguai, Bolívia, confederação Argentina e Uruguai.

A linha pelos vales do Tibagi e Paranapanema com a navegação fluvial do último, do Paraná, do Ivinheima, ou sem ela, presta-se a comunicar Mato Grosso com o oceano através da província do Paraná e serve ao mesmo tempo para assegurar nossas fronteiras do Apa e Dourados, chamando para aí população industriosa, que aproveitará a uberdade do solo, encontrando abundância nos campos da Vacaria e estabelecendo relações comerciais com o Paraguai, tornando, assim, comuns os interesses dos dois Estados, que são sempre o mais forte elo que predispõe e consolida a paz e a amizade dos povos.

Por outro lado também temos necessidade urgente de povoar e guarnecer nossas fronteiras com Corrientes e com o mesmo Paraguai; aquele pelas margens do Pipiriguassu, Santo Antônio e Iguaçu e este na foz deste rio no Paraná.

Sobre o platô da Serrinha, no lugar denominado S. Luiz, afasta-se para a direita a linha dos vales do Tibagi e Paranapanema para Mato Grosso, desviando-se da estrada que se dirige para a vila da Palmeira; desta vila, a rumo de Sudeste, parte a estrada da União que vai a Palmas; nos campos desta denominação corre o rio Iguaçu; atravessa a estrada que de Guarapuava se dirige ao Rio Grande do Sul; e nos seus fundos acha-se o campo Erê e, além, as cabeceiras dos rios Pipiry-guaçu e Santo Antônio.

Estas posições descritas, porém, e reconhecidas a um simples lance de vista sobre o mapa da província do Paraná, não demonstram claramente que a linha a seguir-se para a foz do Iguaçu e nascentes do Pipiry e Santo Antônio é a de porto da União?

Quanto mais que se sabe pelo roteiro e estudos do engenheiro Jardim que esta estrada pode tornar-se de rodagem sem grandes despesas.

Esta linha nos campos de Palmas se esgalharia⁴²⁵ em três ramos – um para o Rio Grande do Sul (já aberto, outro para as cabeceiras do Pipiry e Santo Antônio, já explorado e picado, e outro seguindo as águas do Chopim até a sua foz, e pelo vale do Iguaçu até sua confluência no Paraná, em frente ao Paraguai; aproveitando a navegação do Iguaçu acima do salto de Santa Maria e toda a do baixo Paraná até sua junção com o rio Paraguai e daí até o oceano pelo Rio da Prata.

A distância que medeia entre os campos de Palmas e a Palmeira é apenas de 32 léguas pela estrada da União, vindo a distar da capital da província, por esta via, apenas 47 léguas.

Argumentou-se muito acerca da aproximação da linha, que devia passar por Guarapuava e vale do Ivaí, às fronteiras meridionais do Paraguai e Corrientes, tirando-se daí razões de preferência à dos vales do Tibagi e Paranapanema.

⁴²⁵ Expressão que se refere a galho, bifurcação [n.d.e].

Ainda que a linha do vale do Ivaí não fosse inexequível pelas invencíveis dificuldades do terreno, nem por isso deveria ser preferida a dos vales do Tibagi e Paranapanema pela simples razão de mais aproximar-se dos limites do Paraguai, Corrientes e Rio Grande do Sul, porquanto esta razão é falsa; o que se pode verificar pela comparação das distâncias que há de Guarapuava ao Goyô-En, as cabeceiras do Pepiryguassu e Santo Antônio e a foz do Iguaçu no Paraná em relação à do alto da Serrinha, em S. Luiz, aos mesmos pontos pela estrada da União.

Em relação ao terreno a percorrer comparativamente entre o da linha que se dirige da Palmeira a Guarapuava e o do da Palmeira a Palmas, pela União, é este muito mais plano, menos extenso já conhecido; em parte povoado e transitado há muitos anos (20 pelo menos); vantagens estas que não têm a outra linha, que é mais extensa, despovoada, desconhecida e coberta de empecilhos quase invencíveis para abertura de uma viação regular.

Enfim, a linha pela estrada da União é a única mais curta e econômica para abrir comunicação com Assunção do Paraguai pelo vale do Iguaçu, com Corrientes pelas cabeceiras do Pipiry e Santo Antônio, e com a província do Rio Grande pelo Alto Uruguai.

E em toda esta linha e suas ramificações não se encontra uma serra ou monte de consideração e se aproveita navegação em muitos rios; como sejam: Iguaçu, Uruguai, Paraná, todas estas conhecidas, e, quiçá, Santo Antônio e Pipiry próximos à sua foz.

E mais ainda esta artéria com seus galhos está quase toda explorada, com exceção do que se dirige dos campos de Palmas à foz do Iguaçu no baixo Paraná.

IV

A província do Paraná, limitando-se com o Paraguai, Corrientes, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, é a única que pode conter em seu território sistema de viação que ao mesmo tempo garanta e assegure suas fronteiras com os Estados vizinhos e províncias limítrofes.

Contendo uma imensa superfície coberta de campos, oferece viação durável e independente de grandes obras de arte.

Regada por majestosos rios, presta com navegação fluvial poderoso auxílio às vias de comunicação, diminuindo o preço dos transportes e encurtando as distâncias pela rapidez do vapor.

Possuindo solo ubérrimo e adaptado a todas as culturas na variedade imensa de suas produções, alimentará ativo e grande comércio, desde que a viação regular trazer-lhe braços para desenvolver indústrias e agriculturas.

Seu sistema orográfico estabelece zonas de floras diversas, conforme o clima que produz, encontrando-se na província diversidade infinita de produções, desde o algodão, cana, arroz, café e fumo dos trópicos, até o trigo, centeio, batatas, aveia, e cevada dos climas temperados.

As abundantes riquezas naturais da província do Paraná, sua posição geográfica, seus recursos e promettimentos futuros dão-lhe direito a solicitude dos poderes do Estado – a quem interessa particularmente a abertura de estradas que, satisfazendo às necessidades comerciais dos povos, resguardem e garantam os direitos das regiões limítrofes da noção.

Parecer dos engenheiros Kellers: – Relatório das explorações do Ivaí, Tibagi e Paranapanema

“O clima, nos diferentes pontos dos vales dos rios Tibagi e Paranapanema, apresenta uma variedade considerável, em razão da grande diferença de latitude, e da elevação acima do nível do mar; assim do Jataí para baixo é tropical, e para cima temperado.

A superioridade do solo manifesta-se a toda a luz não só pelos magníficos matos, abundantes de excelentes madeiras de construção de mais de trinta qualidades diversas, como pelas muitas colheitas de todas as plantações nos aldeamentos do Paranapanema e S. Pedro, e na freguesia do Tibagi, que exporta para outros pontos da província cópia extraordinária de mantimentos.

As regiões superiores, na parte em que o Tibagi corta os campos, produzem perfeitamente cereais e frutas europeias, e são muito próprias para a criação de gado vacuno, lanígero e cavalari.

As inferiores, entre o Jataí e Paraná, dão o café, a cana de açúcar, o algodão e o fumo de excelente qualidade, como tivemos ocasião de verificar nos aldeamentos.

As que correspondem às margens, desde a barra no Paraná até a Serra do Diabo, podem ser aproveitadas para a plantação e cultura do arroz.

O caminho mais curto, entre a costa do império e Mato Grosso, é sem dúvida alguma o que, partindo do porto de Antonina, vai ao rio Paraná, em direção às barras do Ivinheima; quer se adote o Ivaí, quer se prefiram o Tibagi e o Paranapanema como linhas de navegação.

O Paraná, em cujas águas banham-se cinco províncias do império, Goiás, Minas Gerais, S. Paulo, Mato Grosso e a que dele recebe o nome, encerra, com o maior de seus tributários, a república vizinha do Paraguai, podendo, por isso, servir de grande utilidade não só ao comércio, mas também à defesa da fronteira.

Como vimos, o Ivinheima, seu tributário da margem direita, presta-se perfeitamente à navegação desde a foz até o porto de Santa Rosalinda, na extensão de 45 léguas; e oferece, aproveitando-se o curso do rio Mondego, uma via de comunicação direta e fácil com a província de Mato Grosso. Não há dúvida da navegabilidade deste afluente da margem esquerda do Paraguai, depois que em 1861 o vapor “Jaurú” o subiu até a vila de Miranda.

Se se melhorar o seu canal desde Miranda até Nioaque, o qual, segundo consta, não opõe grandes dificuldades, ficará reduzido a 21,6 léguas o varadouro das duas linhas fluviais, por onde já transitam carros de bois.

O custo da construção de uma boa estrada de rodagem, entre os dois pontos terminais da navegação, não excederá em terrenos tão fáceis a quantia de 216:000\$000, não incluindo o do empedramento”⁴²⁶.

“Preferência entre os dois projetos de via de comunicação, desde Antonina até a província de Mato Grosso, pelo vale do Ivaí, ou pelos do Tibagi e Paranapanema”.

⁴²⁶ Trecho retirado de KELLER, José; KELLER, Francisco. *Exploração dos rios Tibagi e Paranapanema*. Falla dirigida à Assembleia Legislativa Provincial do Paraná na primeira sessão da oitava legislatura à 13 de fevereiro de 1865 pelo presidente André Augusto de Pádua Fleury. Curitiba, Typ. de Candido Martins Lopes, 1865. p. 10-15. [n.d.e.].

Comparando

- 1) o comprimento das duas linhas;
- 2) as despesas necessárias para a sua construção;
- 3) os fretes a pagar em cada uma;
- 4) o clima e a qualidade dos terrenos percorridos;
- 5) o número e importância das povoações, a que podem interessar, não será difícil tomar uma resolução baseada em dados exatos.

Comprimento das duas linhas

Partindo da margem do Tibagi, próxima a Ponta Grossa, que é ponto obrigatório de ambas, temos ao rio Paraná

Pelo vale do Ivaí

- 1) de Ponta Grossa à colônia Thereza 22 léguas
- 2) da colônia Thereza a Villa Rica 44,84
- 3) de Villa Rica ao salto das Bananeiras 7,77
- 4) deste salto à corredeira do Ferro 16,55
- 5) da corredeira do Ferro a foz do Ivaí 22,45

Total: 113,61

Pelos vales do Tibagi e do Paranapanema

- 1) de Ponta Grossa à freguesia do Tibagi 12
- 2) da freguesia do Tibagi ao Jataí 32
- 3) do Jataí à barra do Tibagi 12,64
- 4) desta barra ao aldeamento de Santo Ignacio 14,76
- 5) do aldeamento de Santo Ignacio à Serra do Diabo 7,76
- 6) da Serra do Diabo à foz do Paranapanema 13,14

Total 92,30

Portanto, em contrário do que o faziam supor os mapas da província, o traço pelo Ivaí é mais comprido 21,31 léguas do que o do Tibagi e Paranapanema.

Assim, também é menor 3,5 léguas, que a da do Ivaí a distância da barra do Paranapanema ao ponto, onde se bifurca no Ivinheima o braço dos Kágados.

De mais deve-se notar que o perfil longitudinal da estrada, para a colônia Tereza, é menos favorável do que o da via em direção ao Jataí. O primeiro tem de transpor a vertente das águas do Iguaçu e do Tibagi, e o segundo, além dessa, precisa atravessar a do Tibagi e do Ivaí, a menos de se dar uma volta por extremo grande, descendo o Iguaçu até certo ponto, e em seguida passando diretamente do seu vale para o do Ivaí.

Despesas de construção

Confrontando as de ambas as linhas, temos o seguinte resultado:

I Pelo vale do Ivaí

1) Levantamento de uma estrada, entre Ponta Grossa e a colônia Tereza; 22 léguas, a 20:000U rs
440000U000

2) Canalização do rio, desde esse ponto até a foz, conforme o primeiro relatório
2,700:000U000

Despesa total para a comunicação pelo Ivaí 3,140:0000000

Se a estrada continuar da colônia Tereza até a Corredeira do Ferro, donde em diante é o rio navegável, ou, a menos, pode sê-lo perfeitamente com a diminuta despesa de 2:000U rs, obter-se-á:

1) Construção de uma estrada de rodagem, desde Ponta Grossa, pela margem do Ivaí, até a Corredeira do Ferro; com o comprimento de $113,61 - 22,45 = 91,16$, a 20:000U rs
1,823:000U000

2) Canalização abaixo da Corredeira do Ferro 2:000U000
1,825000U000

II Pelos vales do Tibagi e do Paranapanema

1) Construção de uma estrada, desde Ponta Grossa até o Jataí; 44 léguas. a 20:000U rs
880:000U000

2) Canalização, entre o Jataí e a Serra do Diabo (35,16) na forma do orçamento
632:3200000

1,512:320U000

A diferença entre os dois orçamentos, favorável à linha dos vales do Tibagi e Paranapanema, representa-se por $3,140:000U - 1,512:320U = 1,627:680u000$. Ou por $1,825:000U - 1,512:320U = 312:680U$ na hipótese de uma estrada até a Corredeira do Ferro.

Confrontação dos fretes

Tendo sempre em vista que os transportes por água, por serem menores as despesas de seu custeio, são, em geral, mais baratos do que os de estrada de rodagem, cuja conservação absorve somas avultadas; e observando que:

Uma arroba em estrada de rodagem importa por légua em 20 réis e, conduzida por navegação fluvial bem estabelecida, em 3,8 réis, calculamos o frete, na distância total, do modo seguinte:

I Pelo Ivaí, na suposição de uma estrada de rodagem desde a colônia Thereza até a corredeira do Ferro, com o comprimento de 91,16, de cada arroba por terra em $91,16 \times 20 = 1U823$ e de cada arroba por água em $22,45 \times 3,8 = 85$

Total: 1U908

II. Pelo Tibagi e Paranapanema

por terra em 44 leg. $\times 20$ rs = 880

por água em 48,3 “ $\times 3,8$ “ = 183

Total: 1U063

A diferença entre os dois fretes é favorável à via do Tibagi e Paranapanema em 845 réis por arroba, que eleva-se no peso total, transportado anualmente, de 6000 toneladas, ou 324000 arrobas, a soma de 273:780U de economia, correspondente ao capital de 2,730:000U000.

Clima e qualidade do terreno

Não são grandes as diferenças entre os dois vales, tanto na formação geológica como no terreno, elevação e clima.

Ainda que só o baixo Ivaí, e por tangente, chega ao trópico de Capricórnio, sob o qual se acha todo o curso do Paranapanema, não pode ser também muito diversa a temperatura média por ano nas regiões que atravessam.

Na vegetação das margens nota-se, todavia, que são mais frondosos os matos do Paranapanema e do Tibagi do que os do Ivaí, devido isto provavelmente a uma pequena diferença na temperatura média, e na quantidade e distribuição das chuvas. Assim, particularizando com um exemplo, no Ivaí nunca se teriam encontrado os majestosos madeiros, de que se construíram canoas enormes, as quais, como mencionámos, vimos no porto do Jataí.

Número e importância das povoações

No vale do Ivaí existe apenas a colônia Thereza com 342 habitantes, e poucos índios, enquanto nos do Tibagi e Paranapanema, afora a pequena, mas produtiva, freguesia daquele nome, acham-se os aldeamentos de S. Jeronimo, S. Pedro de Alcântara e Santo Inácio, a colônia militar do Jataí e algumas estâncias banhadas pelo primeiro destes dois rios, que apresentam já uma população de mais de 3800 almas, compreendidos os índios das tribos Guarany e Cayoá, de que se podem fazer excelentes canoeiros e bons operários.

Distâncias da estrada para Mato Grosso pelos vales do Tibagi e Paranapanema.

Toda terrestre	Léguas
Antonina	0
Capital	12
Campo Largo	5
S. Luiz	4
Porcos	5
Pitangui	4
Carambehi	2
Castro	3
Morro Azul	13
Colônia do Jataí	25
Rio Vermelho	10
Aldeamento do Paranapanema	10
Pirapó	2
Serra do Diabo	7
Rio Paraná	13
Na província do Paraná	115
Largura do Paraná	2
Do porto dos Kágados aos campos da Vacaria	2
Estrada dos Barbosas	18
Vau do rio Vacaria	10
Vau do rio Brilhante	10
Vau do rio Passa Cinco	10
Cabeceiras de Dourados e Apa	10
Na província de Mato Grosso	62

Percorre toda a linha léguas de 3 mil braças:

Na província do Paraná 115

Na província de Mato Grosso 62

Total 177

Por esta linha a Miranda tomando-se o varadouro de Nioaque, temos 178 léguas.

Podendo-se abrir caminho de Miranda às cabeceiras do Apa que não excederá a 15 léguas.

Aproveitando-se a navegação fluvial do Paranapanema, da serra do Diabo para baixo, Paraná, Ivinheima, Brillhante e Mondego temos até Miranda 170 léguas – sendo 61 fluvial e 109 terrestres⁴²⁷.

⁴²⁷ Trecho retirado de KELLER, José; KELLER, Francisco. *Exploração dos rios Tibagy e Paranapanema*. Falla dirigida à Assembleia Legislativa Provincial do Paraná na primeira sessão da oitava legislatura à 13 de fevereiro de 1865 pelo presidente André Augusto de Pádua Fleury. Curitiba: Typ. de Candido Martins Lopes, 1865. p. 22s. [n.d.e.].

Apenso

Descrição dos serviços prestados pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes

Quando alguém vem a público trazer ou emitir quaisquer ideias, deve dizer quem é, quais razões o movem, e que habilitações tem para falar sobre a matéria de que trata.

Obrigações estas de que não pode eximir-se sob pena de não ser acreditado e ficar confundido com a massa de especuladores que em todos os tempos exploram a credulidade de seus semelhantes.

Publico uma memória sobre estrada para Mato Grosso, proponho medidas de segurança e garantia de nossas fronteiras; logo, tenho obrigação indeclinável de fotografar-me moralmente ante os que me dirijo.

Nasci na província de Minas Gerais, na freguesia da Mata, às margens do ribeirão dos Patos, tributário do importantíssimo rio S. Francisco.

Vi a luz à 7 de Setembro de 1805; conto pois 66 anos de idade e 41 de prática de sertões. Viajo desde 1829.

Tenho me empregado sempre em perigosas excursões pelas selvas do Brasil explorando sertões desconhecidos e navegações de rios nas províncias de Minas, Mato Grosso, S. Paulo e Paraná.

1835-1836

Percorri todo o terreno compreendido desde a cidade da Franca em S. Paulo até o presídio de Miranda no Mato Grosso; caminhando a rumo de Oeste atravessei o Rio Grande no porto da Espinha, passei por Uberaba e cruzei o Paranaíba. Mudando de rumo para Noroeste, fui até as cabeceiras do Sucuriú e a rumo de Sul atravessei o varadouro de Camapuã, e cheguei ao baixo Paraguai no presídio de Miranda.

Coadjuvado pelo comandante deste posto militar, capitão João José Gomes, e por João de Farias Velho, voltei em demanda de melhor terreno por fora dos alagados dos afluentes do Paraguai ao estabelecimento de Camapuã e encontrando-o, por ele chegaram carros a Miranda, vindos de S. Paulo e Minas.

Naveguei Miranda, Paraguai, S. Lourenço e Cuiabá.

Regressei comissionado pelo presidente de Mato Grosso (Pimenta Bueno).

Nesta jornada cursei os rios Cuiabá, S. Lourenço, Itiquira, Corrientes e Piquiri; subi a serra do Maracajú chegando ao destacamento do Piquiri, de onde prossegui cruzando os rios Piquiri, Taquari, Jaurizinho e as cabeceiras do Sucuriú indo até a foz do rio Paranaíba no Paraná.

1837-1838

Abri um picadão através de S. Paulo, comunicando com Mato Grosso pelo vale do Tietê, passando em Piracicaba. Serviço que executei tanto numa como na outra província de ordem dos respectivos presidentes – Gavião Peixoto e Pimenta Bueno.

1839-840

Fui encarregado de servir de prático da medição e estudos do referido picadão por parte de S. Paulo pelo seu presidente Venâncio Lisboa desde Piracicaba até a barranca do Paraná.

Nesta triste jornada sofreu-se horrivelmente, porque desenvolveram-se intermitentes de que foram atacados todos da comitiva e muitos outros dos que se dirigiam a Mato Grosso com negócio.

O engenheiro regressou logo. Eu fiquei só, sem recursos, lutando para combater o mal e não podendo auxiliar-me se não de convalescentes.

O que sofremos todos, sente-se, mas não pode narrar-se.

E durante este tempo calamitoso os índios Cayapós arrebataram-nos a canoa.

Construí um cocho e atravessei o Paraná com o fim de buscar recursos àquela pobre gente em Santana de Parnaíba.

Demorando-me, porém, 9 dias – o negociante Antônio José do Couto supôs-me morto e voltou com toda a gente no oitavo dia.

No dia seguinte cheguei com canoas e socorros, não encontrei ninguém e nem mesmo um sinal ou indício que me orientasse o dia em que deixaram o lugar.

E aí fiquei só nesse deserto. Repassei o Paraná e caminhei 30 léguas até chegar na fazenda de Garcia Leal.

Meus pobres companheiros quase morreram de fome chegando até a comerem um dos cavalos que levavam.

1841

Servi de prático ao engenheiro Luiz José Monteiro em novos estudos e medição do dito picadão.

1843

Empreguei-me nas construções das pontes dos rios Curumbataí e Jacareguaçu e do retocamento do picadão entre o Jacareguaçu e o arroio de S. Lourenço, tudo na referida linha para Mato Grosso.

1844

Sobre os auspícios do Exm. Sr. senador Barão de Antonina, fiz a descoberta e exploração do rio Ivaí até onde é hoje a colônia Tereza, sendo talvez o primeiro a navegar os rios Verde e S. João Baptista.

1845

Jornada e exploração dos rios Verde, Itararé, Paranapanema e seus afluentes pelo grande Paraná e Ivaí e os sertões adjacentes. Começada a 16 de Agosto e finda a 19 de Dezembro. Publicada na *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, tomo 9, pág. 17 até 41.

1846

Exploração da serra do Apucarana⁴²⁸ percorrendo o Iohó, rio Tibagi, Furnas e campinas de S. Jerônimo.

1847

Exploração da importante via fluvial entre a província do Paraná e a de Mato Grosso; navegando os rios Tibagi, Paranapanema, Paraná e Samambaia; forçado a abandonar as canoas, prossegui a jornada por terra pelos campos de S. Bento, planície dos da Vacaria até Miranda, recomeçando a navegação nos rios Mondego e Paraguai, desembarcando na bahia dos Guanás em Albuquerque, limite do Brasil com a Bolívia.

Regressei por terra pelo porto do Pihuna e Saloba. Explorei os rios Vacaria e Ivinheima, regato do Potan, rios Paraná, Paranapanema, Tibagi e ribeirão das Congonhas e, ganhando terreno neste, piquei as matas, atravessei campinas de S. Jerônimo, Furnas e Iohó.

1848

Embarcando no ribeirão das Congonhas percorri este e os rios Tibagi e Paranapanema; explorei seu afluente Pirapó, o regato dos Kágados e as três bocas do Ivinheima, desembarcando no rio Vacaria.

Explorei os campos de Iguatemi e os do Apa, limite do Brasil como Paraguai.

Varei canoas na distância de 10 léguas do rio Paraguai para o Ivinheima e voltei a desembarcar no ribeirão das Congonhas.

1849

Naveguei os rios Tibagi, Paranapanema, atravessei o Paraná, subi o Samambaia, regato dos Kágados, Ivinheima e Brillhante, desembarquei no porto de S. José de Monte Alegre.

Varei cargas e canoas para Nioaque, reembarquei-me no rio Mondego e aportei em Miranda.

Em todas estas viagens e explorações tive de haver-me com hordas de selvagens de diferentes tribos – Guaranys – Cayguás – Cayapós – Coroados, etc., e com elas tratei e notavelmente, no porto Libânio, no rio Ivinheima, que, em 1848, de minha comitiva foram assassinados os tripulantes, em número de três, de uma canoa que se adiantara com mercadorias.

Fui ao alojamento destes índios e amigavelmente consegui a restituição da canoa e castigo dos delinquentes.

⁴²⁸ Serra da Apucarana. Ver *Aquarelas...* [n.d.e].

Em 1849 fui horrorosamente surpreendido com a entrega que me fez o cacique Libanio da cabeça decepada do último dos assassinos.

Assim, não foram só perigos de jornadas difíceis que tive de superar, mas também acometimentos de índios, para vencer os quais tive de empregar constante vigilância e desenvolver muita soma de paciência, jeito e estratégias.

1850

Administrei as obras públicas entre os rios Nioaque e Brillhante em Mato Grosso e as inspecionei interinamente em substituição do major João José Gomes por nomeação do presidente Leverger.

No exercício destas funções abri estrada para carros entre Miranda e Nioaque, e neste ponto iniciei a agricultura, fazendo as primeiras plantações, e edifiquei as primeiras casas, delineando a futura povoação.

Abri a estrada do Varadouro e desobstruí a linha na serra de Maracajú, tornando-a transitável por carros.

E por todos estes trabalhos não percebi gratificação alguma.

1854-1855

Dirigi a fundação da colônia militar do Jataí e arranchei os índios que iam aparecendo até a chegada dos missionários Frei Timóteo [de Castelnuovo] e Frei Matias a um dos quais entreguei a direção da colônia, passando-me para a margem esquerda do Tibagi onde fundei, sobre as vistas de Frei Timóteo, o aldeamento de S. Pedro do Alcântara, tudo conforme as ordens do Exm. Sr. senador Barão de Antonina.

Explorei os faxinais de Joaquim Pinheiro e dos Furneiros e tracei a linha que buscava para estrada de rodagem entre a cidade de Castro e Jataí.

1857

Explorei o terreno ocidental e ao Sul dos rios Ivinheima e Amambai; os rios Escopil e Igua-temi até o forte dos Prazeres na fronteira do Brasil com o Paraguai.

Henrique Elliot levantou a planta⁴²⁹.

Encontrei grande número de índios selvagens e com alguns deles regressei, aldeando-os em S. Pedro de Alcântara.

Esta difícil e perigosíssima empresa foi-me confiada pelo vice-presidente do Paraná Dr. Vaz de Carvalhaes.

Em minha volta o então presidente da província, Dr. Liberato de Matos contratou-me para toda e qualquer comissão de diligência fluvial entre esta província e a de Mato Grosso.

⁴²⁹ Ver Mapa 7, *infra*.

1858

Explorei o rio Dourados e suas adjacências de ordem da presidência do Paraná.

O perigo desta comissão em época em que se receava hostilidades do Paraguai cresceu de proporções, por ter-se recusado o comandante do contingente, capitão Cassiano, que comigo seguia para Mato Grosso, dar-me o auxílio das 50 praças que o governo lhe ordenara me fizesse.

Não obstante, com risco da própria vida, meti mãos à empresa com uma só canoa e sua tripulação, que constava apenas de três africanos e dois índios.

Reuni em meu trajeto os selvagens Guaranys com meios suasórios, atraindo-os com docura e presentes por meio dos dois índios de minha tripulação, que serviam de intérpretes.

Explorei o rio, percorri os campos, observei, quanto me foi possível, os meios de defesa, guarnição das fronteiras e assim consegui dar conta desta espinhosa e arriscada tarefa, a qual só animou-me o mais ardente patriotismo.

A importância destas duas últimas comissões se depreende pela época em que foram feitas.

1859

Ocupei-me em transportar trens bélicos para Mato Grosso pelos rios Tibagi, Paranapanema, Paraná, Ivinheima e varadouro de Nioaque até Miranda.

1860

Fui encarregado da fundação e direção do aldeamento de índios coroados em S. Jerônimo – comissão que exerci até 1867.

1863

Explorei os rios Iguaçu e Barigui de ordem do presidente da província do Paraná Dr. Nogueira⁴³⁰.

1864

Encarregou-me o governo da província (presidente Dr. Carmo) da construção de canoas.

1865

O presidente Fleury cometeu-me a incumbência de abrir a estrada entre o aldeamento de S. Pedro de Alcântara e Rio Vermelho e bem assim de construir canoas e ambas as comissões desempenhei.

1866-1867

Empreguei-me exclusivamente no serviço da catequese, como me incumbia o cargo de diretor do aldeamento de S. Jerônimo.

⁴³⁰ Antônio Barbosa Gomes Nogueira (Sabará, 26 de abril de 1823 – Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1885) foi um político brasileiro. Foi presidente da Província do Paraná, de 16 de março de 1861 a 31 de maio de 1863 [n.d.e].

1868

Fiz, de ordem do governo provincial, duas diligências sobre os índios Botocudos que, na estrada da Mata, que segue do Paraná para Santa Catarina, no lugar denominado Passo Ruim, tinham assassinado uma comitiva composta de seis pessoas.

Entranhei-me no sertão; descobri fogos e emboscadas que destruí, não tendo conseguido sua redução tanto por não conhecer-lhes a língua como pela desconfiança que os fizeram abandonar seus alojamentos.

Levantei planta das matas percorridas e apresentei descrição destas excursões⁴³¹.

Neste mesmo ano fui comissionado pelo governo geral para explorar e abrir um picadão que deveria servir de diretriz a uma estrada de rodagem desta província do Paraná às cabeceiras dos Dourados e Apa na fronteira do Paraguai, a qual devia percorrer os vales do Tibagi e Paranapanema.

1869-1870

Conservei-me ocupado nos trabalhos desta comissão, que, por ordem superior, acabam de ser suspensos.

Em todas estas jornadas tenho caminhado 14.215 léguas e $\frac{3}{4}$.

Descritos assim sucintamente os trabalhos em que me hei ocupado durante o largo período de 41 anos, claro e bem patente fica que em tão longa prática tenho indubitavelmente adquirido algumas habilitações para falar verdade em matéria de estradas.

Se tivesse conhecimentos teóricos e título de profissional exhibiria a carta para prova de que era autoridade na matéria.

Se não suprem tais faltas, minha longa prática dando me autoridade incontestável, ao menos não me negarão competência.

E se nada valer minha memória pelo seu mérito, peço ao menos indulgência à conta do sentimento de patriotismo que me anima e moveu-me a ocupar a atenção pública.

Província do Paraná – Curitiba, 9 de Abril de 1871.

O sertanista,

Joaquim Francisco Lopes

⁴³¹ Não encontramos o manuscrito da descrição mencionada [n.d.e].

Viagens pelo Tibagi, Paranapanema e Ivinheima

Muitas são as viagens que já têm sido feitas para Mato Grosso navegando os rios Tibagi, Paranapanema e Ivinheima.

E, não obstante terem-se executado com meios pouco aperfeiçoados e sem desobstrução do leito do rio Tibagi, provam irrecusavelmente as vantagens desta linha.

Em 1855 o tenente Valle com 60 praças sob seu comando, transportou-se para Mato Grosso, navegando estes rios em pranchas e canôas.

O major Argollo com o 2º batalhão de artilharia, composto de 400 praças, fizeram a viagem gastando apenas 32 dias do porto do Jataí ao de Santa Rosalinda em Mato Grosso.

O capitão Pacca por esta linha foi e voltou do Rio de Janeiro ao forte de Coimbra gastando apenas três meses nesta viagem redonda.

João Luiz Cavalheiro em um mês fez a navegação destes rios conduzindo três animais cavалares.

Felisberto Prates em 15 dias veio do porto de Santa Rosalinda ao do Jataí.

A mesma viagem fizeram Henrique José Pires em 18 dias e José Marins Loureiro em 20.

A força destinada a Mato Grosso sob o comando do capitão Cassiano Martins fez também esta viagem, em que gastou mais tempo em consequência da má direção dos comboios.

As viagens que tenho feito conduzindo trens bélicos e fazendo explorações nunca excederam de 32 dias entre os dois portos do Jataí a Santa Rosalinda.

Estas jornadas provam a excelência da comunicação com Mato Grosso pela via do Tibagi e Paranapanema.

Os engenheiros Pitanga e Muniz fizeram também esta viagem e navegaram os rios.

Se o governo tomar o alvitre de mandar estudar por engenheiro de confiança, imparcial e sem prevenções a linha proposta pelos vales do Tibagi e Paranapanema, temos certeza que será ela preferida a todas que lhe disputam a primazia, porque é sem contestação a mais curta, econômica e excelente.

O sertanista, *Joaquim Francisco Lopes*

Álbum iconográfico
*Desenhos e Planta de parte
das províncias do Paraná
e Mato Grosso*

João Henrique Elliott



Breve apresentação das aquarelas

As aquarelas que seguem fazem parte de um álbum que está conservado na Mapoteca do Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro. O álbum, composto de vinte duas folhas, intitula-se *Desenhos e planta de parte das Províncias do Paraná e Mato Grosso* e foi elaborado por João Henrique Elliott. Ele é datado de 1863 e assinado no aldeamento de São Jerônimo.

Na primeira folha do álbum, abaixo do nome do autor, encontramos a seguinte inscrição: “o mesmo as doou a Frei Timóteo de Castelnuovo M.A.P. em sinal de velha amizade. E o mesmo, faz disto a Frei Caetano da Messina Exmo Comissário Geral na corte do Rio de Janeiro”. Este texto está escrito com uma caligrafia diferente – trata-se, sem dúvida, da caligrafia de Frei Timóteo de Castelnuovo⁴³² – e provavelmente foi escrito anos depois de sua doação à Frei Timóteo.

É a primeira vez que esse álbum é publicado integralmente. Antes disso, algumas das aquarelas tinham sido publicadas de forma isolada⁴³³. Inclusive, algumas dessas publicações indicam a existência de pinturas de Elliott a que não tivemos acesso, sobretudo aquelas que representam a cidade de Curitiba e que fazem parte de acervos particulares⁴³⁴. Dentre essas publicações, é importante citar o livro *Mapas: Imagens da formação territorial brasileira*, de 1993, que reúne várias das aquarelas deste álbum. Além dessas publicações, poderíamos citar também as teses de doutorado de Pablo Antunha Barbosa⁴³⁵ e José Luiz de Carvalho⁴³⁶ que trabalham com elas em seus textos. No entanto, trata-se de teses e não de trabalhos publicados.

Como já dissemos, o álbum contém vinte e duas folhas. A primeira, de abertura, contém o nome do álbum com duas pequenas pinturas, uma à esquerda e outra à direita. Elas representam os arredores da Colônia Militar do Jataí e os campos de Palmas, nos arredores do rio Chapecó. Esta última imagem, provavelmente representa a experiência de Elliott na parte sul da província do Paraná, anterior a sua participação no projeto com o Barão de Antonina.

Na sequência, isto é, na segunda folha do álbum, Elliott apresenta um texto intitulado *Descrição Corográfica da província do Paraná*. Tendo em vista que não é possível ler o conteúdo do texto a partir da reprodução da imagem, optamos por transcrevê-lo no verso.

As imagens iniciam-se, realmente, a partir da terceira folha, com um mapa da província do Paraná e Mato Grosso. Das folhas 4 a 21, temos aquarelas que representam diversas cenas que evocam como era o dia a dia dos trabalhos de Elliott nos sertões do Paraná e Mato Grosso: aquarelas dos aldeamentos indígenas oficiais que falam da política indigenista na região, dos toldos indígenas livres que ilustram a etnografia, dos rios com seus obstáculos, da natureza em sua majestuosidade e das fazendas particulares que traduzem o processo de colonização.

⁴³² É possível confirmar isso a partir da documentação de Frei Timóteo de Castelnuovo conservada no Arquivo Público do Paraná, Curitiba.

⁴³³ Ver Newton Isaac da Silva Carneiro, *Iconografia Paranaense*, Curitiba, Imprensa Paranaense, 1950; Regina de Barros Correia Casillo e Lucia Casillo, *Pintores da paisagem paranaense*, Curitiba, Solar do Rosário, 1982; Thekla Hartmann, *A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX. Coleção Museu Paulista*, série de Etnologia, v. 1, São Paulo, Edição do Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1975, 231p.

⁴³⁴ Nos livros *Iconografia Paranaense* e *Pintores da paisagem paranaense* encontramos a referência de duas aquarelas de Elliott, datadas de 1855 e 1865, *Vista de Curitiba* e *Vista Panorâmica de Curitiba*, de propriedade do Coronel Adir Guimarães e do Sr. J. B. Groff.

⁴³⁵ Pablo Antunha Barbosa. (En)quête de la ‘Terre sans Mal’. Histoire et migration d’un mythe. Tese de doutorado em antropologia social. École des Hautes Études en Sciences Sociales-Paris/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

⁴³⁶ José Luiz de Carvalho. *Terra à Vista: a obra do viajante-artista John Henry Elliott e a formação da Província do Paraná no Segundo Reinado*. Tese de Geografia, UFPR, Curitiba, 2018.



DESENHO
DE PARTE D

DO PARANÁ

por João Her...

O mesmo af. deu a Frei Simões de Capelovo M.H. em signal de velha a



Arredores da Colonia Militar de Taty, parte N.O. da Provincia do Paraná.

S E PLANTA

DAS PROVINCIAS

É MATTO GROSSO

Henrique Elliott.

...na de. E o mesmo faz d'illo Presbitero a Frei Caetano da Mattina Com. J. Comissario Geral
na Corte do Rio de Janeiro.



Campos de Palma nas arredores do Rio Chapicô, parte Sul da Provincia de Paraná,

Aquarela 1. Desenhos e planta de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso.
Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.

Descrição Corográfica da Província do Paraná por João Henrique Elliott

Situação astronômica: Longitude – entre 50° 15' e 56° 45' Oeste de Paris. Latitude – entre 22° e 30' e 27° e 15'Sul.

Superfície: 6000 léguas quadradas

População: 80.000 habitantes. Nesta província há pouca escravatura.

Limites: ao N. e N.E. os rios Paranapanema, Itararé, Claro e Ribeira, o rio Pardo, até o Salto, e deste em linha reta até o varadouro de Cananéia, que divide da Província de São Paulo. Ao Oeste, os rios Paraná, Sto Antonio e Ripiry, que a separa da Província de Mato Grosso, República de Paraguai e Confederação Argentina. Ao Sul, o rio Pelotas (ou Uruguai), a Cordilheira marítima da Serra do Espigão que a divide da Província do Rio Grande do Sul. A Este o Oceano Atlântico e parte das Províncias de São Paulo e Sta Catarina; a serra do Espigão também a divide desta última Província.

Rios principais: O Paraná, Paranapanema, Ivaí, Pequiry, Iguaçu, Uruguai e Ribeira; os rios Itararé, Cinza, Tibagi são afluentes do Paranapanema; todos estes rios correm para o interior e engrossam as águas do Paraná com exceção do Ribeira que desemboca no Atlântico logo abaixo da cidade de Iguape.

Fitologia: Pinheiros Bráslicos, Congonhas, Cedros, Perobas, Jataí, Aroeira, Massaranduba, Jatobá, Jacarandá, Caviúna, Cabreúva e outras madeiras de construção e marcenaria. Palmeiras de várias qualidades e entre as árvores frutíferas nota-se Jabuticabeiras, Guanavenas, Pitangueiras, Jenipapos e outras.

Zoologia: Antas, Veados, Tigres, Queixadas, Tamanduás, Guarás, Cachorros do mato, Ivarás, Quatis, Cutias, Pacas e várias qualidades de Macacos; os Anfbios, Ariranhas, Lontras e Jacarés, encontra-se também nos sertões de Guarapuava o feroz Tigre preto, e nas margens do Paraná a terrível Sucuri. Entre os Pássaros notam-se as Araras e grande variedade de Papagaios. Há muitas qualidades de Galináceos e sobre o Paraná acha-se o Anhuma, Teitú e Mutum. Os rios abundam em peixe e as Abelhas silvestres povoam as matas.

Aldeamento: Nos campos de Palmas existem dois: o de Victorino Condá e o do Viri, da nação Coroados. O Aldeamento de São Jerônimo com Índios da mesma

nação, situado nas campinas do mesmo nome na estrada que segue de Castro ao Porto da Colônia Militar do Jataí. O Aldeamento de São Pedro de Alcântara situado na margem esquerda ou ocidental do Rio Tibagi, quase de frente da Colônia Militar, e distante 37 léguas da cidade de Castro; é povoado por Índios Caiuás e tem também alguns Coroados. O Aldeamento de N. S. de Loreto de Pirapó, situado na confluência do Rio Pirapó com o Paranapanema no lugar de antiga Redução Jesuítica deste nome, foi povoado por Índios Caiuás e Guaranis; por causa da frequente aparição das febres intermitentes, o Governo Provincial (às instâncias do Missionário Diretor do Aldeamento de São Pedro de Alcântara) ordenou a sua remoção para o lugar da Redução Jesuítica de Sto Inácio Menor; 3 léguas acima do Pirapó.

Emografia: Além dos descendentes dos Europeus, existe também ainda grande número de Aborígenes espalhados nas extensas florestas entre os Campos Gerais e o Paraná, e desde o Rio Itararé até o Goioen ou Uruguai. A nação maior chama-se Caingangues, mais conhecidos pelo nome de Coroados. Habitavam antigamente os Campos dos Guarapuava e os sertões circunjacentes. São de índole feroz e traidores, atualmente acha-se grande número deles Aldeados. Os Guaianazes descendentes dos Guaianazes do célebre Tibiritá vagueiam no sertão que ladeia o Rio da Cinza. Os Chocrens (Cabeludos) habitam a parte inferior do Rio Iguaçu. Estes Índios são inteiramente bisonhos, nunca têm tido intercurso com a gente civilizada. Além destes aparecem de vez em quando nas vizinhanças da Cordilheira marítima, alguns Boto-cudos e na proximidade das Sete Quedas moram alguns Caiuás.

Clima e Produções: Nenhuma província do Brasil goza da mais variedade do clima e nenhuma tem um solo mais fecundo: o litoral e as magníficas florestas que bordam os Rios Tibagi, Paranapanema, Paraná e Ivaí produzem todas as plantas tropicais: as vizinhanças da Cordilheira Marítima e os Campos Gerais, Guarapuava e Palmas, todas as produções das zonas temperadas. A maior parte desta província Ser- ra Acima convenho para a Colonização Europeia.

Aldeamento de São Jerônimo
1863





Aquarela 3. Planta Corográfica de parte das províncias do Paraná e Mato Grosso desde a cidade de Castro até o presídio de Miranda, incluindo também parte das províncias circunvizinhas e República do Paraguai.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aldeamento de São Pedro de Alcantara
Este Aldeamento foi fundado em 1855 sob auspícios do Ex.^{ma} S.
Frei Timotheo de Castel Nuovo, Missionario Director do m.



antara em 1859.
Exmo. Sr. Barão de Antonina, pelo Revd.^{mo} Sr.
Frei Timóteo,

J. H. Elliott, Des.

Aquarela 4. Aldeamento de São Pedro de Alcântara em 1859.

Este aldeamento foi fundado em 1855, sob auspícios do Exmo. Sr. Barão de Antonina, pelo Revd.^{mo} Sr. Frei Timóteo de Castelnuovo, Missionário Diretor do mesmo.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



*Aldeamento de São Jerônimo em 1865.
Os terrenos deste Aldeamento (outora fazenda de São Jerônimo) pertenciam ao Sr. Barão de Antonina, em 1859
e, depois, Sr. Barão de Antonina, Sr. Barão de Antonina, Sr. Barão de Antonina, Sr. Barão de Antonina, Sr. Barão de Antonina,
em 1861, entrou em posse o Sr. Barão de Antonina, Sr. Barão de Antonina, Sr. Barão de Antonina, Sr. Barão de Antonina,
circunstâncias*

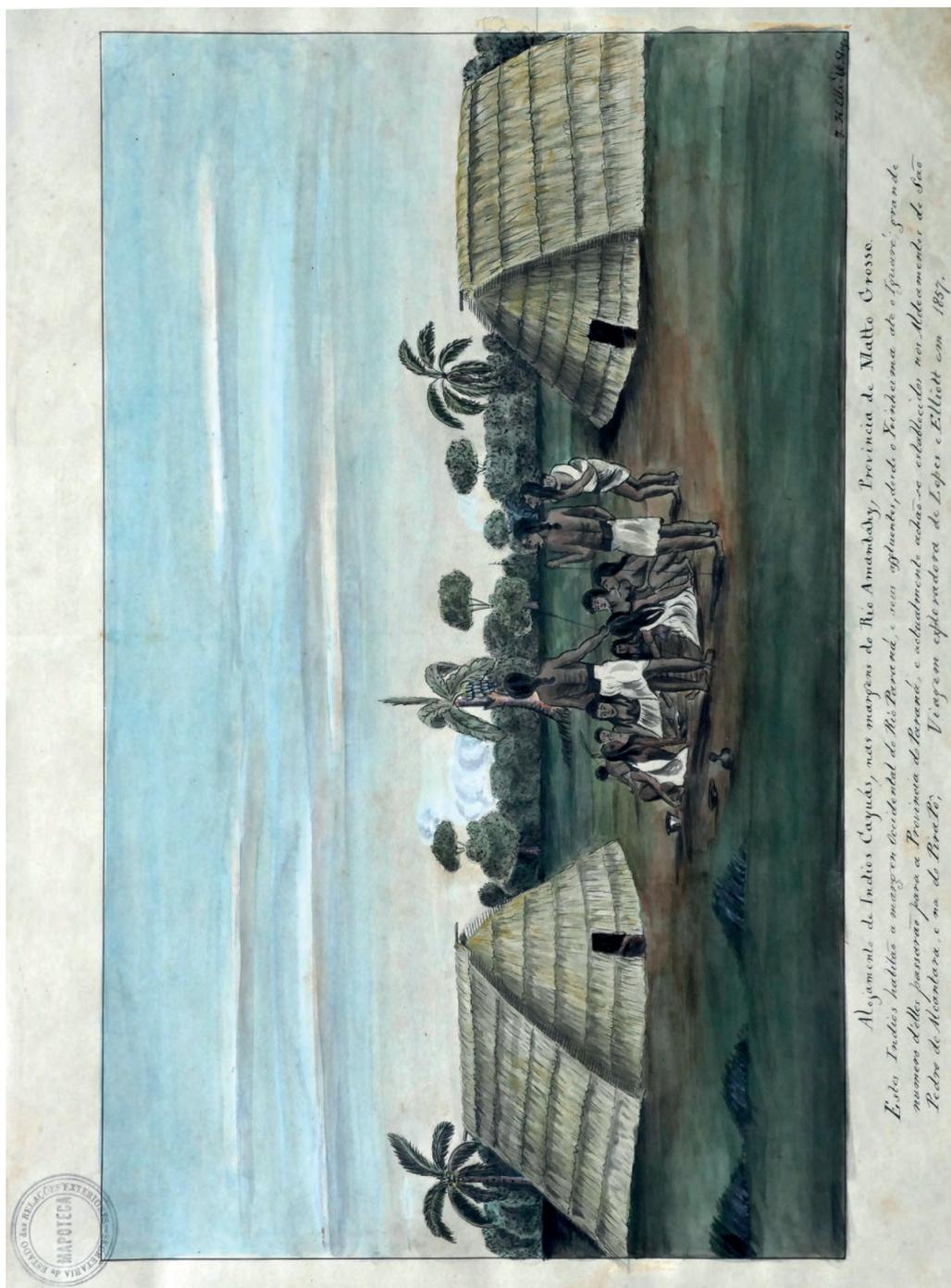
Aquarela 5. Aldeamento de São Jerônimo em 1865.

Os terrenos deste aldeamento (outora fazenda de São Jerônimo) pertenciam ao Sr. Barão de Antonina, em 1859. O mesmo Exmo. Sr. fez doação deles ao governo Imperial para fundar neste lugar um aldeamento de índios Coroados; em 1868, entrou em exercício o Missionário como Diretor Frei Luiz de Cimitile, recebendo o aldeamento em pior circunstâncias.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 6. Aldeamento de N. S. de Loreto de Pirapó em 1857.
 Este aldeamento foi fundado em 1856 sob auspícios do Exmo. Barão de Antonina no lugar da antiga Redução Jesuíta do mesmo nome; por causa das febres intermitentes, foi removido em 1862 para o local da extinta Redução de Santo Inácio Menor, 3 léguas acima de Pirapó.
 Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelenky.



Aquarela 7. Alojamento dos Índios Cayuás nas margens do Rio Amambai, província de Mato Grosso.

Estes índios habitam a margem ocidental do rio Paraná e seus afluentes desde o Ivinheima até o Iguaré; grande número deles passaram para a Província do Paraná e atualmente acham-se estabelecidos nos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e no do Pirapó. Viagem exploradora de Lopes e Elliott em 1857.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 8. Índios Cain-gangue (ou Coroados) em correria de caçada, província do Paraná. Estes formam a tribo mais numerosa da província do Paraná, habitam os matos entre os rios Ivai e Goioen (Uruguai). Atualmente grande número deles estão aldeados nos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e no de São Jerônimo.

Por João Henrique Ellhott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



*Indiões Guaiacurus, que habitão os campos sobre o Rio Paro
Estes Indiões vivem em hum estado de independência, são alliados
Viagem exploradora de J.H.*

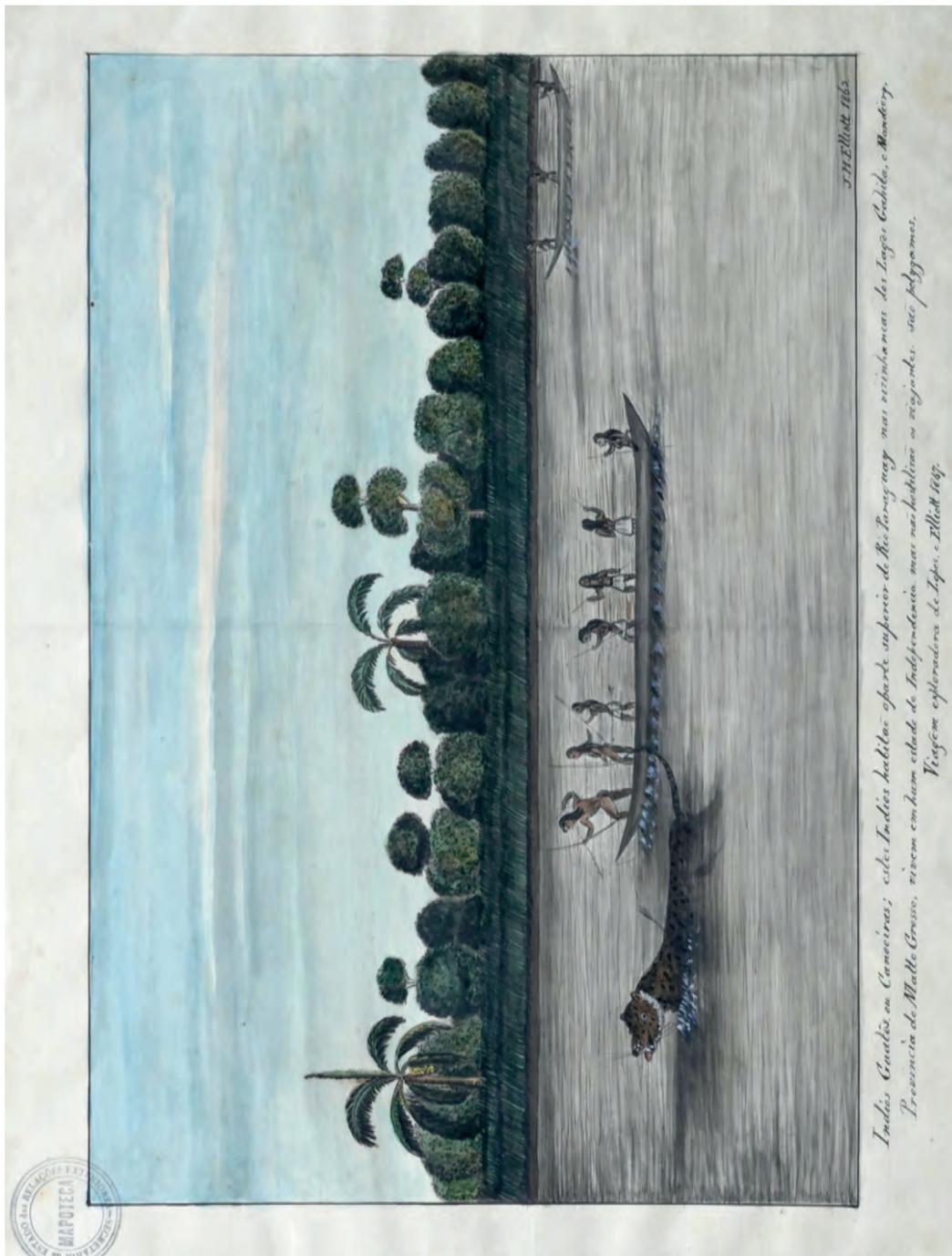


Paraguay no Presidió de Miranda, Mato Grosso,
dos Brasileiros, e inimigos fidegães dos Paraguaios,
Elliott em 1850,

Aquarela 9. Índios Guaicurus, que habitam os campos sobre o rio Paraguai no presídio de Miranda, Mato Grosso.

Estes índios vivem em um estado de independência, são aliados dos brasileiros e inimigos fidegais dos paraguaios. Viagem exploradora de J. H. Elliott em 1850.

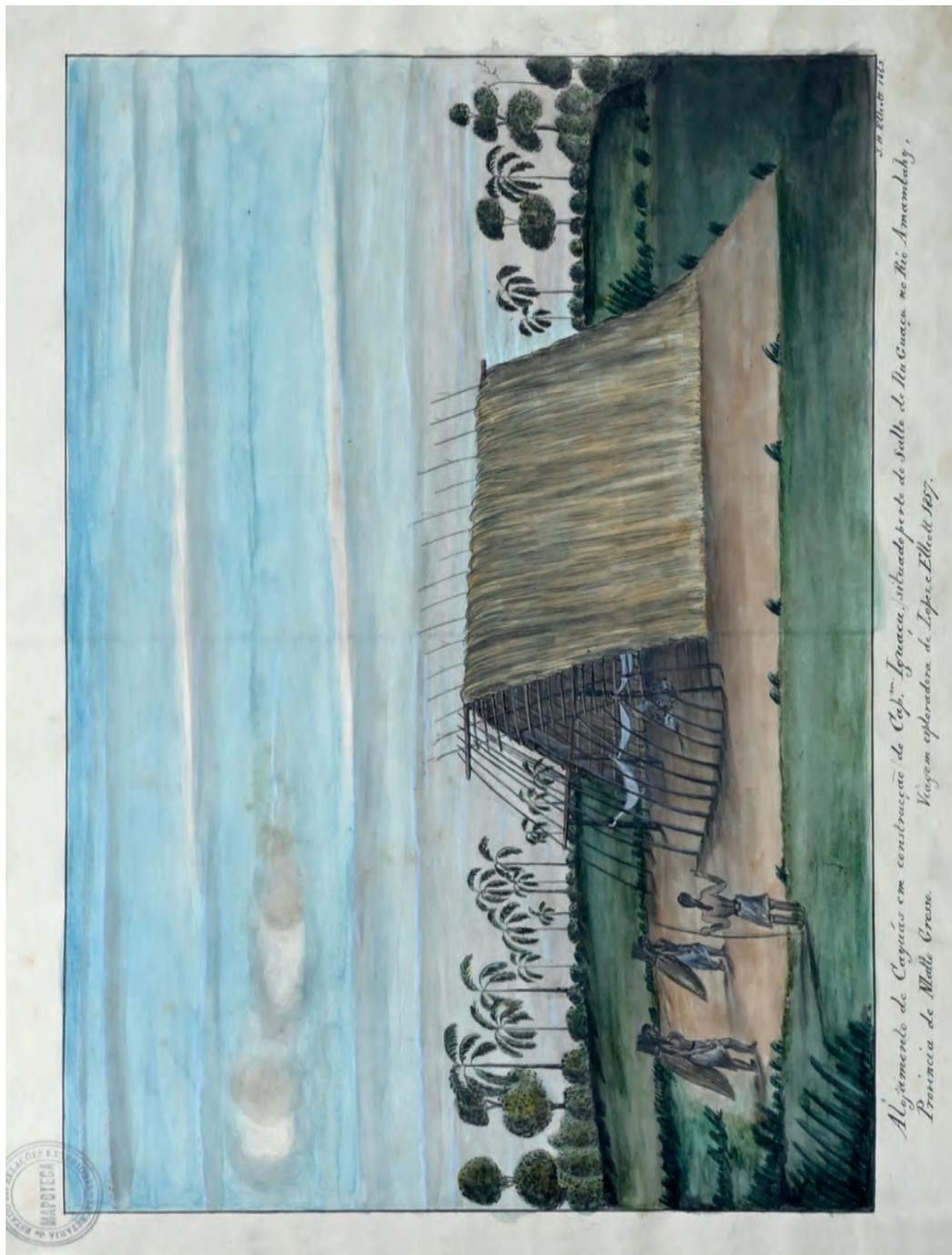
Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 10. Índios Guatós ou Canoeiros. Estes índios habitam a parte superior do rio Paraguai nas vizinhanças dos lagos Gabiba e Mandiory, Província de Mato Grosso.

Vivem em um estado de independência mas não hostilizam os viajantes. São polígamos. Viagem exploradora de Lopes e Elliott 1847.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Iramaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 11. Alojamento de Cayuás em construção de Cap. Iguacu, situado perto do Salto de Ita Guacu no rio Amambai, província de Mato Grosso.

Viagem exploradora de Lopes e Elliott, 1857.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



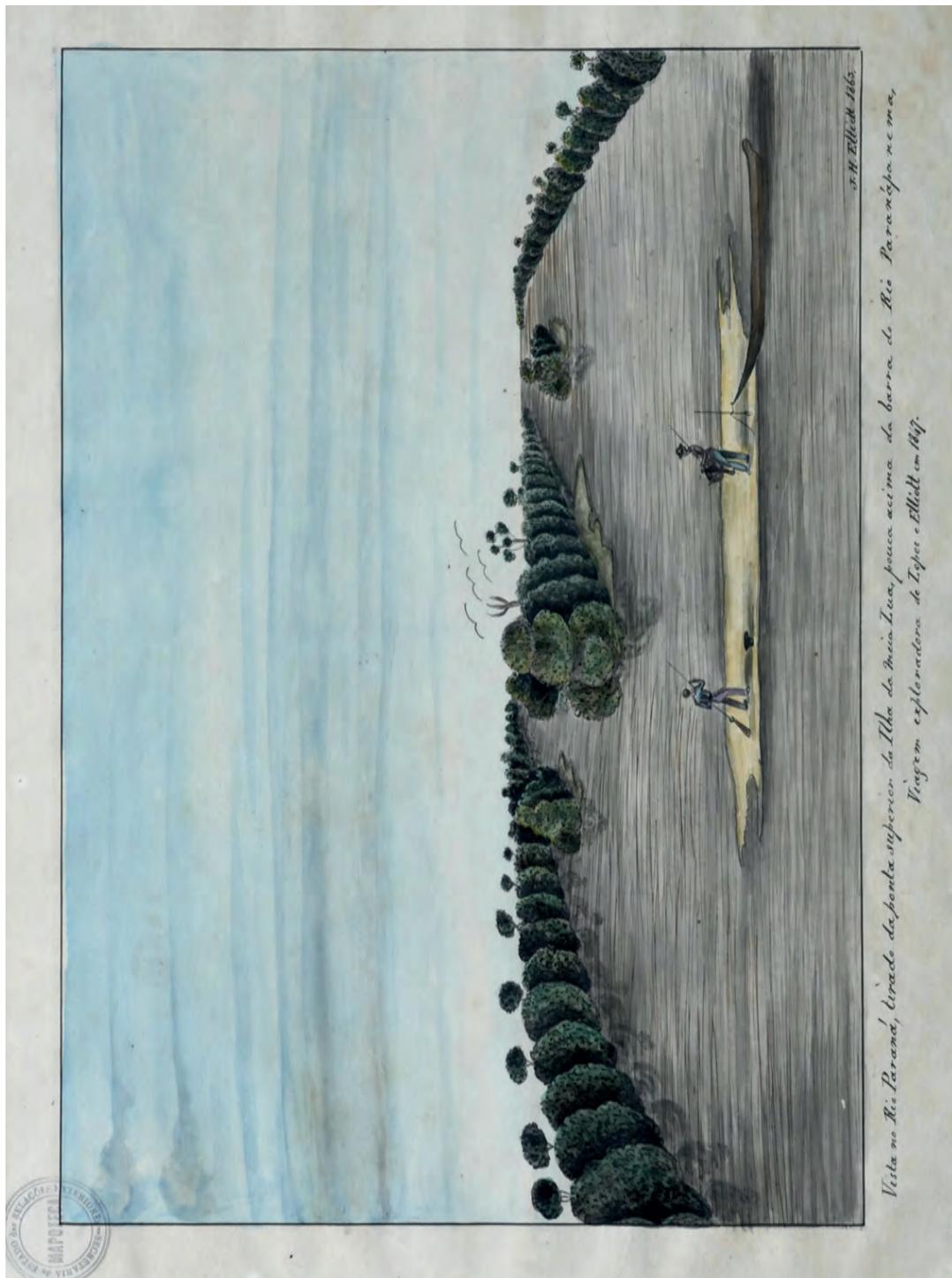
*Salto de Itu Guaçu no Rio Amambai. Província de Matto Grosso.
Viagem exploradora de Lopes e Elliott em 1857.*

Aquarela 12. Salto de Itu Guaçu no rio Amambai. Província de Mato Grosso.
Viagem exploradora de Lopes e Elliott em 1857.
Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 13. Serra de Apucarana vista na distância de 2 ½ léguas, ficando O.N.O. Provincia do Paraná. Viagem exploradora de Lopes e Elliott em 1846.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



*Vista no Rio Paraná, tirada da ponta superior da Ilha da Meia Lua, pouco acima da barra do Rio Paranapanema.
Viagem exploradora de Lopes e Elliott em 1847.*

J. H. Elliott 1863

Aquarela 14. Vista no rio Paraná, tirada da ponta superior da Ilha da Meia Lua, pouco acima da barra do rio Paranapanema. Viagem exploradora de Lopes e Elliott em 1847.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.

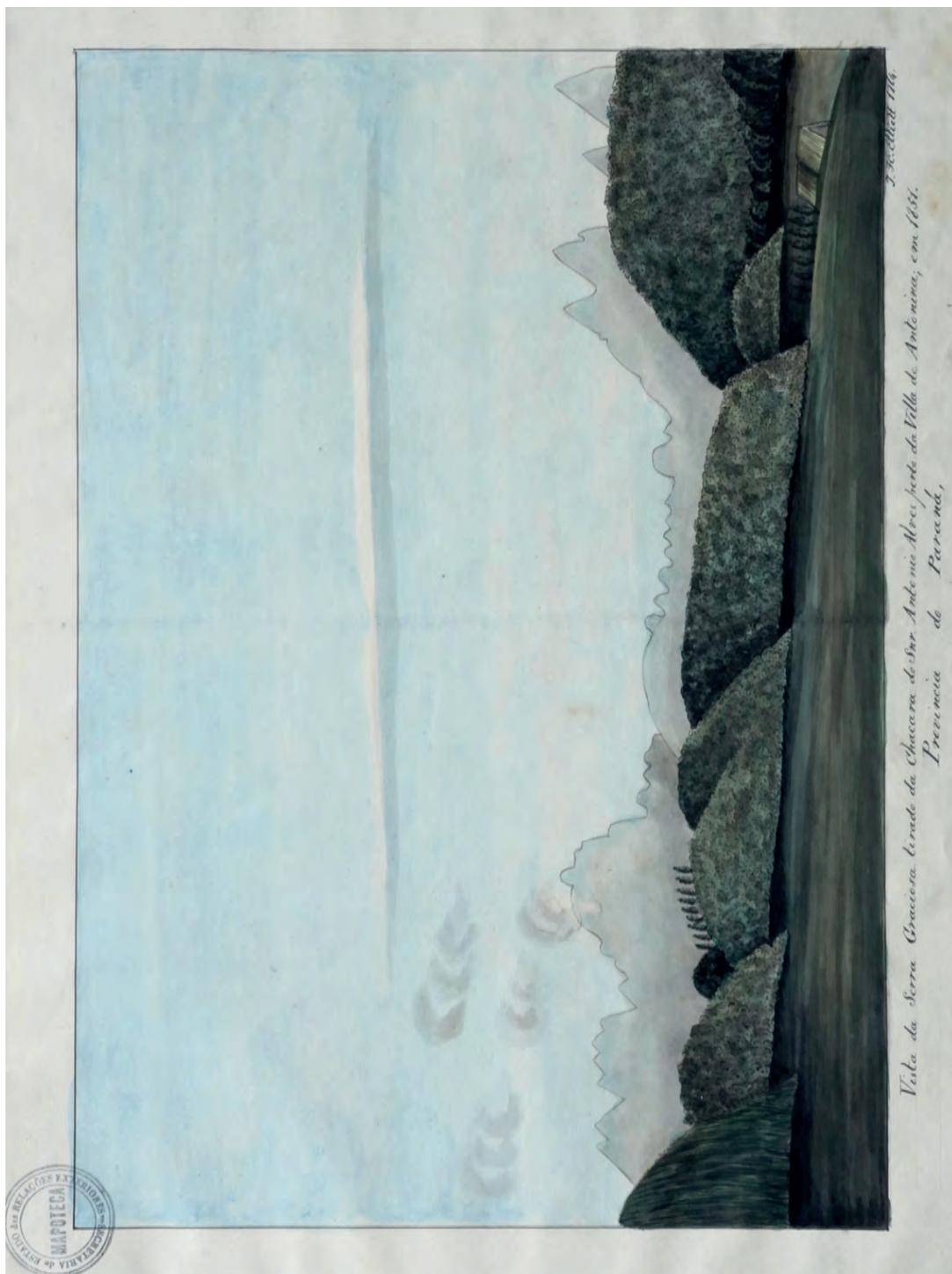


Aquarela 15. Canal esquerdo do Salto Grande dos Dourados no rio Paranapanema. Província do Paraná. Viagem exploradora de Vergueiro, Lopes e Elliott em 1845. Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



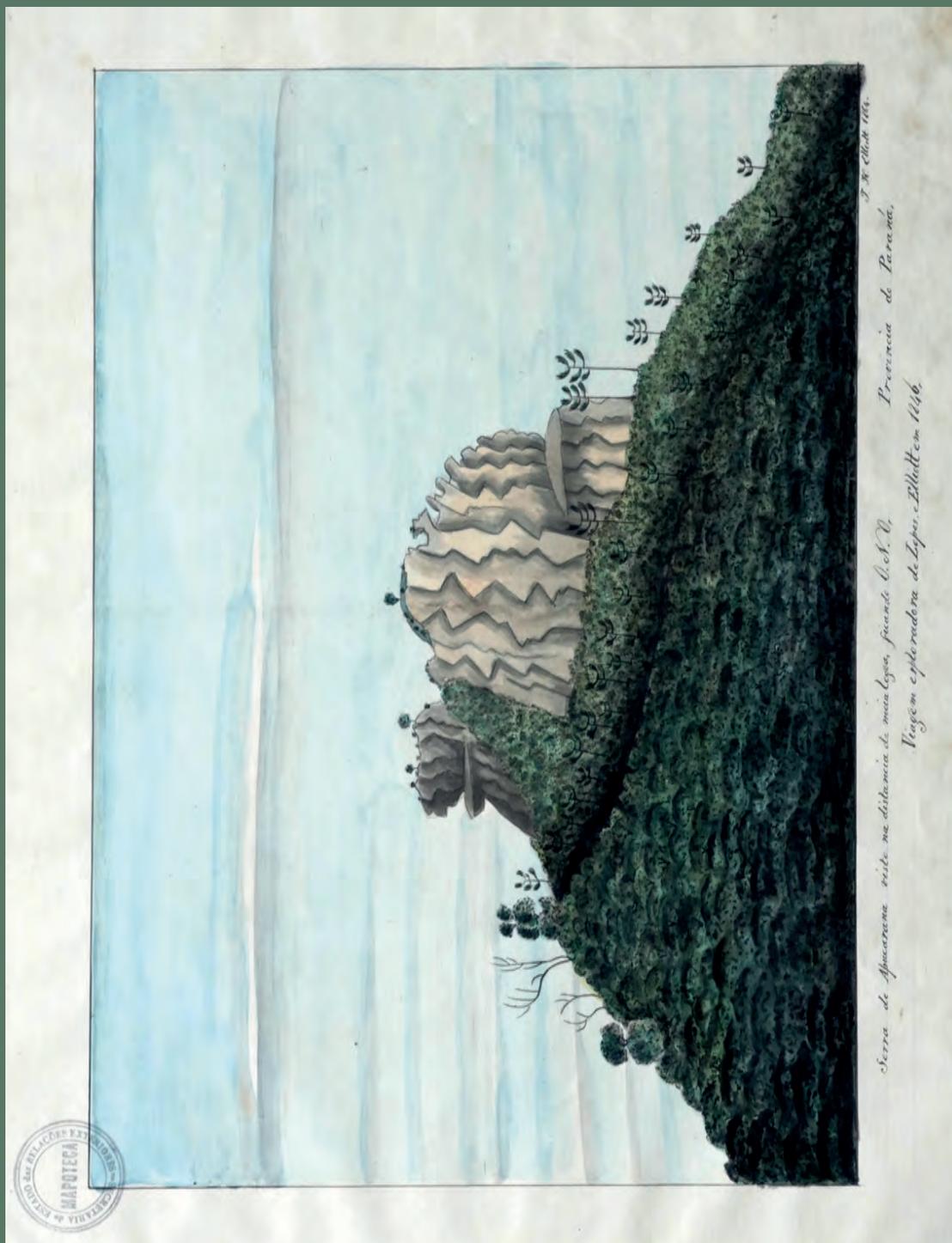
Aquarela 16. Vista no rio Iguatemi, Província de Mato Grosso. Viagem exploradora de Lopes e Elliott em 1857.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 17. Vista da Serra da Graciosa tirada da chácara do Sr. Antonio Alves perto da Vila de Antonina, em 1851. Província do Paraná.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 18. Serra da Apucarana vista na distância de meia légua ficando N.O.O. Província do Paraná. Viagem exploradora de Lopes e Elliott em 1846.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 19. Salto Grande no rio Verde, três léguas acima da barra. Província de São Paulo. Viagem exploradora de Lopes e Elliott em 1845.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 20. Serra de Apitiga (ou Margarida Quei) no lado setentrional do rio Apa, Província de Mato Grosso. Viagem exploradora de J.H. Elliott 1850.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 21. Fazenda das Sete Voltas nos Campos de Xerez ou Vacaria. Província de Mato Grosso. Viagem exploradora de J.H. Elliott em 1850.

Por João Henrique Elliott, 1863, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Aquarela 22. Mapa corográfico da Província do Paraná por João Henrique Elliott. Por João Henrique Elliott, s/d, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, foto Alexis Zelensky.



Mapas

João Henrique Elliott

Breve apresentação dos mapas

Os mapas aqui publicados estão conservados em diversos arquivos. No Rio de Janeiro na Mapoteca do Itamaraty, na Biblioteca Nacional, no Arquivo Nacional e no Arquivo Histórico do Exército. Em Curitiba, no Arquivo Público do Estado do Paraná.

Assim como as aquarelas da sessão anterior, a maioria dos mapas nunca foram publicados antes, com exceção de alguns deles⁴³⁷. Para ser mais exato, embora esses mapas nunca tenham sido publicados antes, alguns deles já foram reproduzidos. Por exemplo, o mapa 9, conservado no Arquivo Histórico do Exército (Ref. 06.03.1222) é uma cópia do original feita pelo Capitão Antônio Américo Pereira da Silva em 1881⁴³⁸.

É importante destacar que é muito provável que existam outros mapas de Elliott que não tenhamos localizado ou que não tivemos como digitalizá-los. Como dissemos na apresentação inicial do livro, alguns desses mapas são muito grandes e, portanto, é difícil digitalizá-los. Outros, por sua vez, estão danificados e só podem ser consultados.

No Catálogo da Mapoteca do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, disponibilizado pela instituição caso solicitado, consta, por exemplo, a existência do seguinte mapa:

- PROVÍNCIA DO PARANÁ – Copiado do mapa corográfico feito pelo piloto João Henrique Elliot em serviço do Barão de Antonina em 1850/51, copiado no Arquivo Militar pelo Cap Antonio Américo Pereira da Silva em 1881, colorido, nanquim, tinta colorida, aquarela, papel canson telado, bom estado, medindo 62cm x 50cm (Ref. Código 219, Localização 06.03.1219, Estado PR).

Já na Biblioteca Nacional, também do Rio de Janeiro, pudemos consultar presencialmente dois mapas que, infelizmente, não fomos autorizados a reproduzir pelo fato de eles estarem danificados. Abaixo, seguem as referências para aqueles que quiserem consultá-los.

- ELLIOT, João Henrique. Mappa Corographico de parte das províncias de S.Paulo e Matto Grosso e Província de Corrientes: mostrando a nova via de comunicação desde Cuyabá, e augmentado com as ultimas explorações feitas no baixo Paraguay. 1852. 1 mapa ms., 108 x 92 cm em f. 124,5 x 97,3cm. (ref. Cartografia – ARC.017,05,009in Cartografia).
- ELLIOT, João Henrique. Mappa Corographico de parte das províncias de S.Paulo e Matto Grosso incluindo também parte da Republica do Paraguay e Província de Corrientes: mostrando nova via de comunicação desde o Porto de Antonina até a cidade de Cuyabá / augmentada nas ultimas explorações feitas no Baixo Paraguay pelo piloto João Henrique Elliot em serviço do Barão de Antonina nos annos 1850 e 1851 [ca.1854]. 1 mapa ms., col., 113cm x 96cm em f. 106cm x 88 cm.(Ref. Cartografia – ARC.017,05,010in Cartografia).

De qualquer forma, os doze mapas que aqui reproduzimos já nos ajudam a acompanhar as explorações que Lopes e Elliott realizaram em nome do Barão. Como dissemos na apresentação geral do livro, os mapas são cheios de detalhes e acompanhá-los nos ajuda a entender como as veredas do sertão iam sendo abertas ano a ano.

⁴³⁷ Sobretudo os mapas que apresentam as províncias do Paraná, Mato Grosso e São Paulo de forma mais abrangente (Mapa 2, 7, 8, 10 *infra*).

⁴³⁸ Essa informação consta do Catálogo da Mapoteca disponibilizado pelo Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.



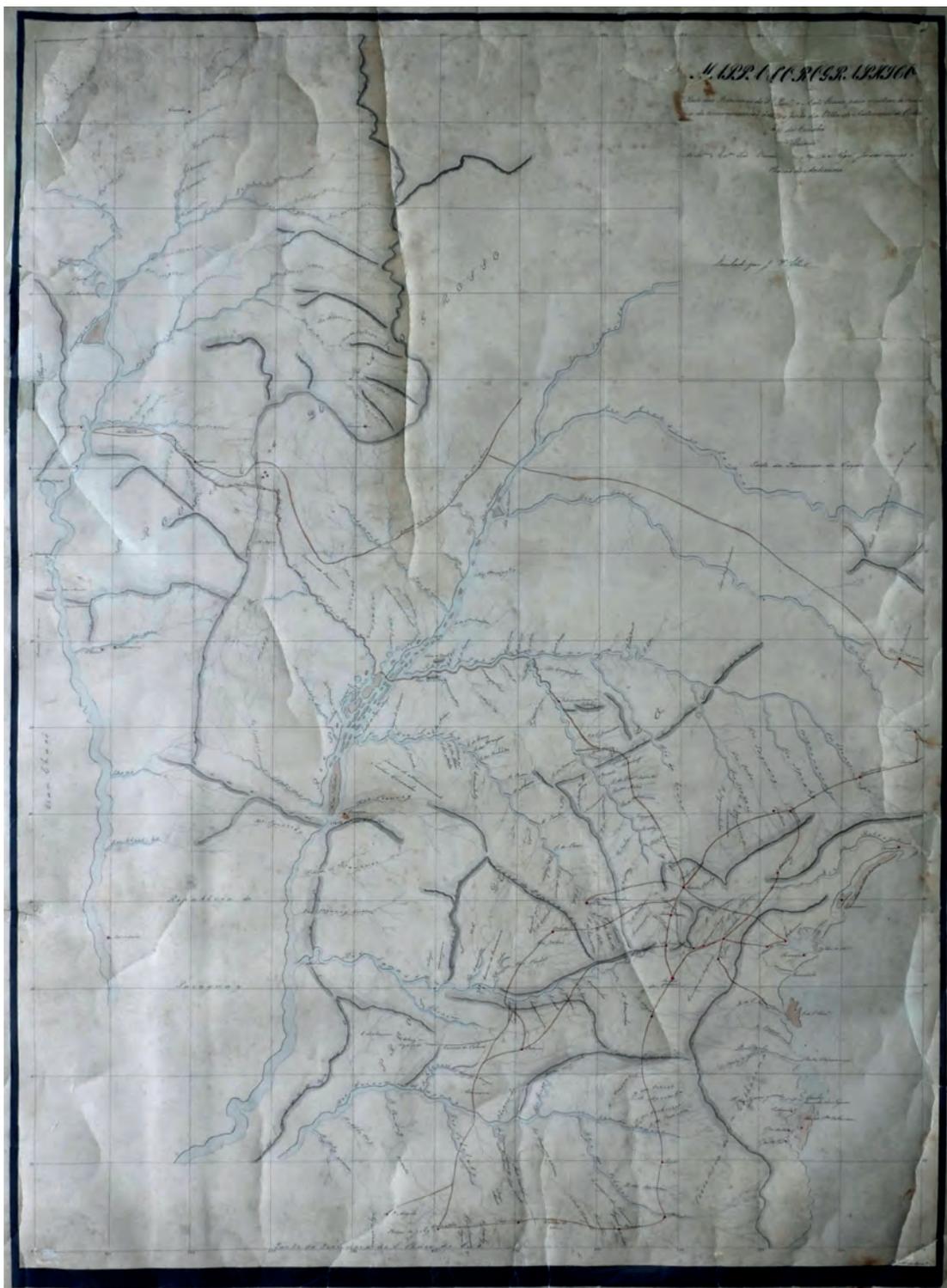
Mapa 1. Mapa corográfico de parte da província de S. Paulo, incluindo também parte das províncias circunvizinhas de Mato Grosso, Santa Catarina, São Pedro do Sul e dos Estados vizinhos de Corrientes e Paraguai, mostrando o verdadeiro curso de alguns rios que deságuam no Paraná e margem setentrional do Uruguai e cujas junções são melhor conhecidas agora pelo resultado das explorações mandadas fazer pelo Barão de Antonina nos sertões de Paranapanema, Tibagi, Ivaí nos anos de 1844 e 1845.

João Henrique Elliott, s/d., Paris, Imp. Lemercier, dim. 52cm X 57cm, Mapoteca do Itamaraty, Rio de Janeiro, Ref. M6/G73/Inv. 1075, foto Alexis Zelensky.



Mapa 2. Mapa corográfico de parte das províncias de São Paulo e Mato Grosso, mostrando a nova via de comunicação do Porto da Vila de Antonina ao território de Cuiabá e República do Paraguai em consequência das explorações feitas pelos Sertanistas Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott desde o ano de 1844 até os fins de 1847 em serviço do barão de Antonina.

João Henrique Elliott, s/d., Acervo Cartográfico, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ref. Cart 543234.



Mapa 3. Mapa corográfico de parte das províncias de São Paulo e Mato Grosso para mostrar a nova via de comunicação desde o Porto da Vila de Antonina à cidade de Cuiabá. Oferecido ao Ilmo. e Exmo. Sr. Visconde de Monte Alegre por seu amigo o barão de Antonina.

João Henrique Elliott, s/d., 120cm X 73 cm, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, Ref. M17/G2/Inv. 282, foto Alexis Zelensky.

bell.

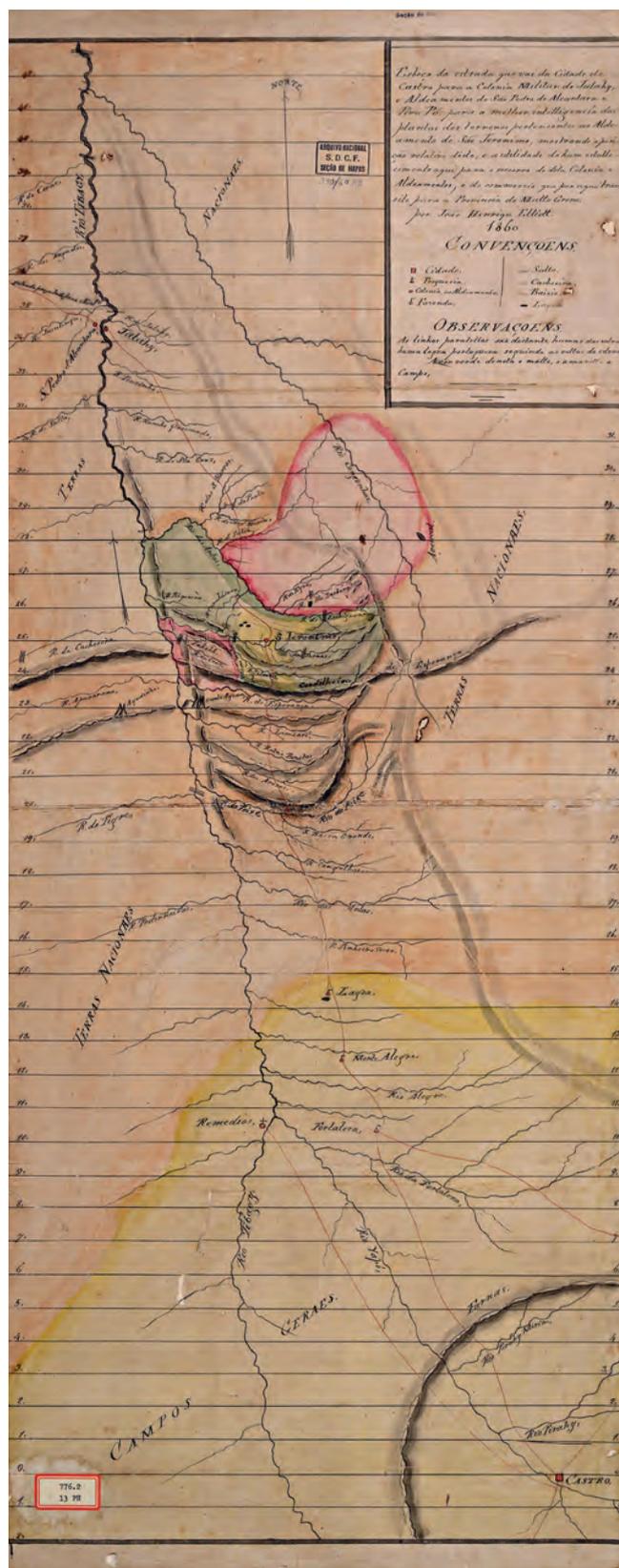


m. 029 - Copia
G.B



Mapa 4. Corográfico da
Província do Paraná.

João Henrique Elliott,
s/d., Arquivo Público
do Estado do Paraná,
Ref. m029.



Mapa 5. Esboço da estrada que vai da Cidade de Castro para a colônia Militar de Jataí, e Aldeamento de São Pedro de Alcântara e Pirapó para a melhor inteligência das plantas dos terrenos pertencentes ao Aldeamento de São Jerônimo, mostrando a posição relativa deste, e a utilidade de um estabelecimento aqui para o socorro de dita colônia e Aldeamentos, e do comércio que por aqui transita para a Província de Mato Grosso.

João Henrique Elliott, 1860, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Ref. BR AN RIO 4Y 0 MAP 680.



Mapa 6. Planta corográfica da fazenda das Congonhas, pertencente ao Exmo. Snr. Barão de Antonina; incluindo também parte dos terrenos dos aldeamentos indígenas de São Jerônimo, e das terras nacionais circunvizinhas.

João Henrique Elliott, 1861, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Ref. BR AN RIO 4Y0 MAP 681.

316. 319. 322. 325. 328. 331. 334. 337.

MAPPA CHOROGRAPHICA DA PROVINCIA DO PARANÁ

*Incluido tambem parte das Provincias circun-
vizinhas, Republica de Paraguay e Confederaçao
Argentina, organizadas com os ultimos delimita-
çoes nos Reis Parana, Uruguay, Uruguay e Spa-
nia por Lopez e Oliva no anno de 1857.*

*Desenhado por Luiz Benigno Elbert, e gravado em
Alta e Baixa por Benigno de Castel. Rio de
Janeiro na Republica de Alvarado de S. Pedro
de Alcantara de 1857.*

CONVENCOENS.

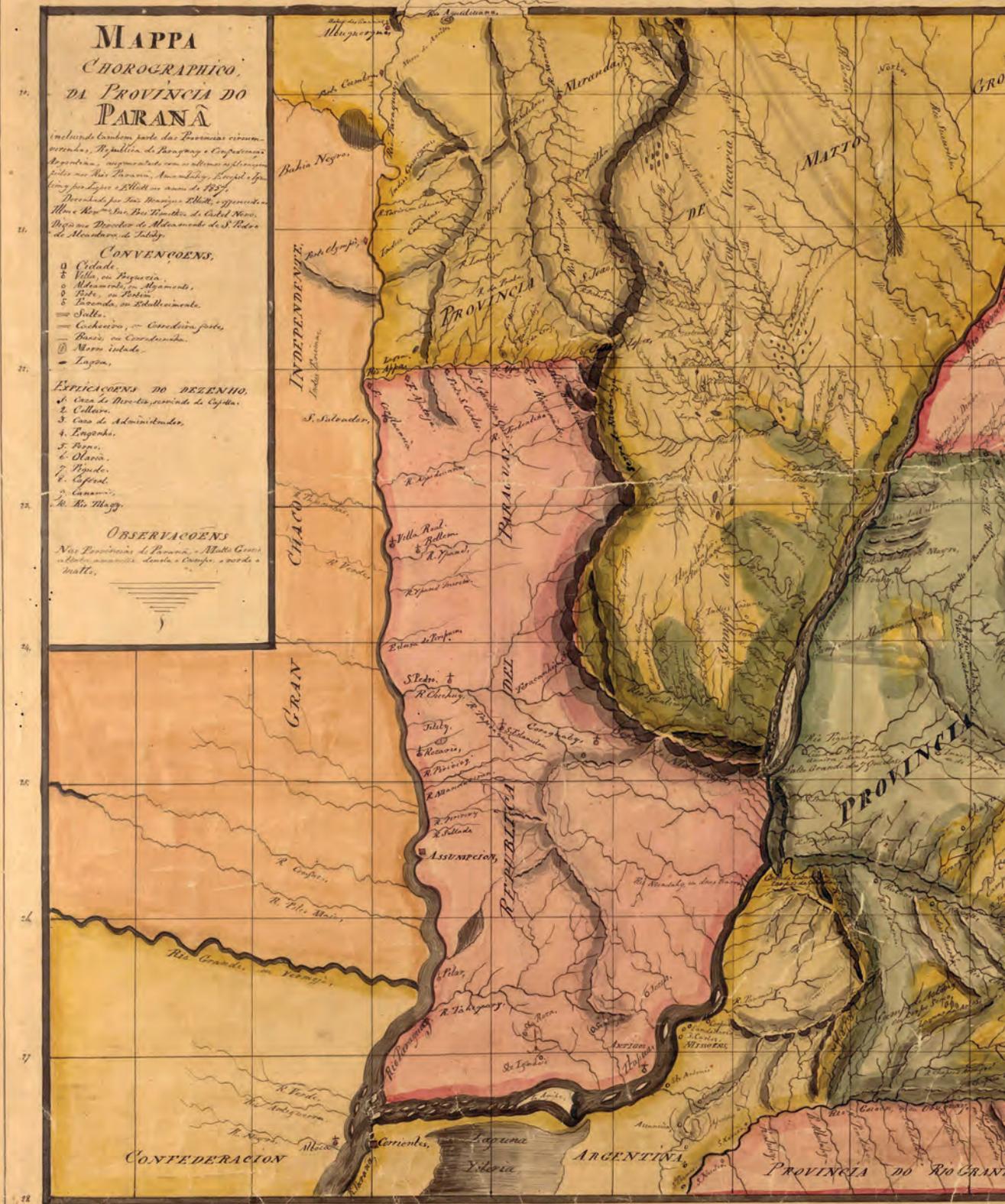
- 0 Cidade.
- 1 Villa, ou Povoação.
- 2 Aldeamento, ou Aldeamento.
- 3 Foz, ou Fozes.
- 4 Barragem, ou Estabelecimento.
- 5 Salto.
- 6 Cochovão, ou Cascatina sobre
Barragem, ou Cascatina.
- 7 Monte isolado.
- 8 Lagoa.

EXPLICAÇÕES DO DESENHO.

- 1 Casa de Direccão, provincia de Curitiba.
- 2 Colheita.
- 3 Casa de Administracão.
- 4 Engenho.
- 5 Fozes.
- 6 Aldeia.
- 7 Fozes.
- 8 Cascatina.
- 9 Lagoa.
- 10 Rio Negro.

OBSERVAÇOENS

*Nas Terras da Provincia de Paraná, e Matto Grosso
e Rio Grande, dadas a Curitiba, e Matto
Grande.*

MAPPA CHOROGRAPHICO da Provincia do PARANÁ

incluindo tambem em parte das Provincias circunvizinhas; Republica de Paraguay e Confederacao de Provinces; mostrando as rotas mais de communicacao entre a Provincia do Parana, e a do Mato Grosso do Sul, a Colonia Militar de Itahyati e Ponta de Miranda, e augmentado com as ultimas exploracoes nos Rios Parana, Yacuytina, Anambaby, e Iguazu, feitas por S. F. Lopez, e J. H. Elliott no anno de 1857. Desenhado por J. M. H. de Siqueira, Elliott, e por elle esboçado de novo. E. M. de S. J. Dr. Thomaz de Souza Ribeiro. Ministro Secretario de Estado dos negocios de Agricultura, Commercio, e Obras Publicas.

1864

CONVENCOES

- Cidade.
- Villa, ou Freguesia.
- Aldeamento, ou Alagamento.
- Forte, ou Fortim.
- ⊕ Saccada.
- Salto.
- Cuchacava, ou Cuchacava parte.
- Barro, ou Cuchacava parte.
- Inga.

Observacoes

Nesta Mappa, a cor verde denota o Mato, ou Arvoreta e Chiriqui nas Provincias de Parana, e Mato Grosso do Sul.

Escala de Leguas
15741199 1/100

776.2
90





Mapa 8. Mapa corográfico da Província do Paraná, incluindo também parte das Províncias circunvizinhas, República do Paraguai e Confederação Argentina, e aumentado com as últimas explorações feitas nos rios Paraná, Ivinheima, Amambai, Escopil e Iguatemi por J. F. Lopes e J. H. Elliott, e por eles oferecido ao Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Antonio Barboza Gomez Nogueira, Digno. Presidente da Província do Paraná.

João Henrique Elliott, 1861, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Ref. BR AN RIO 4Y 0 MAP 25.

Nº 053-B12

Mercatoriana de Paris

MAPPA CHOROGRAPHICO DA PROVINCIA DO PARANÁ

Incluido também parte das Províncias vizinhas, Republica do Paraguay e Confederação Argentina, segundo os limites mais recentes estabelecidos nos Tratados Amigáveis, Brasil e Paraguay de 1802 e 1826, no anno de 1857.
Desenhado por José Henrique B. de S. e gravado por J. de S. no Off. Typ. de S. Pedro de Alcantara de S. Paulo de 1857.
Diretor do Alinhamento de S. Pedro de Alcantara de S. Paulo

CONVENÇÕES

- 1. Cidade
- 2. Villa ou Negueira
- 3. Alinhamento ou Alinhamento
- 4. Foz de Rio
- 5. Foz de Rio ou Estaleiro
- 6. Salto
- 7. Cachoeira ou Corredora de água
- 8. Lago ou Corredora de água
- 9. Lago
- 10. Lago

EXPLICAÇÕES DO DESENHO

1. Casa do Director provincial de Curitiba
2. Cillara
3. Casa de Administrador
4. Engenho
5. Foz de Rio
6. Dama
7. Povoado
8. Casal
9. Curato
10. Rio Verde

OBSERVAÇÕES

Nas Províncias do Paraná e Mato Grosso e em toda a amplitude das terras do Brasil e do Mato

REPUBLICA DO PARAGUAY
CURITIBA - PARANÁ
1857



Antônio de S. Paulo de 1857

Companhia Typ. de S. Paulo de 1857
M. de S. Paulo de 1857

8951



Mapa 9. Mapa corográfico da província do Paraná, incluindo também parte das províncias circunvizinhas, República do Paraguai e Confederação Argentina, aumentado com as últimas explorações feitas nos rios Paraná, Amambai, Escopil e Iguatemi por Lopes e Elliott no ano de 1857. Desenhado por João Henrique Elliott e oferecido ao Ilmo. e Revmo. Snr. Frei Timotheo de Castel Novo, Digno. Diretor do Aldeamento de São Pedro de Alcântara de Jataí.

João Henrique Elliott, s/d.,
Arquivo Histórico do Exército,
Rio de Janeiro, Ref. 06.03.1222.

MAPPA CHOROGRAPHICO DA PROVINCIA DO PARANA

Incluide tambem parte das Pro-
vincias circunvizinhas, Republica da
Paraguay, e Confederacao Argentina,
e augmentado com as ultimas explora-
coes feitas no Rio Parana, Yacoberna,
Amambay, Itequil, e Iguazuy por
J. F. Lopez, e J. H. Elliott no anno de
1837. Dezenhado por Joze Hen-
rique Elliott, e por elle operado as
Almas, Elcano, Sr. Dr. Antonio Bar-
boza Gomez Noguera. Digno
Presidente da Provincia do Parana
1863.

CONVENCOENS

- Capital
- Cidade
- Villa ou Povoação
- Aldeamento, ou Alagamento
- Fazenda
- Foz, ou Torção
- Salto
- Causo, ou Corredora de agua
- Lagoa

OBSERVAÇOENS

Nas Provincias do Parana, e Mato Con-
se a cor verde denota a mata, e a ama-
vello e campo.

EXPLICACOENS de DEZENHO

1. Rio Itaipy.
2. Rio no.
3. Ularica.
4. Engenho.
5. Piquete.
6. Canavieas.
7. Cofazal.
8. Casa de Memoriaaria servindo de Capella.
9. Casa de Administrador, e Colheitas.



776.2
G 8



Mapa 10. Mapa corográfico da Província do Paraná, incluindo também parte das Províncias circunvizinhas; República do Paraguai e Confederação Argentina; mostrando a nova via de comunicação entre a Província do Paraná e a de Mato Grosso desde a Colônia Militar do Jataí até o Presídio de Miranda e aumentada com as últimas explorações nos rios Paraná, Ivinheima, Amambai e Iguatemi feitas por J. F. Lopes e J. H. Elliott no ano de 1857. Desenhado por João Henrique Elliott e por ele oferecido ao Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Domiciano Leite Ribeiro, Ministro e Secretário do Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

João Henrique Elliott, 1864, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Ref. BR AN RIO 4Y 0 MAP 25.



Mapa 11. Planta da 1ª secção da estrada que segue da Província do Paraná para a de Mato Grosso, desde a Fazenda do Vorá (8 léguas, N. NO. da Cidade de Castro) até a Colônia Militar do Jataí, incluindo também parte das propriedades particulares, e terras nacionais circunjacentes; pelo Ajudante da Comissão João Henrique Elliott, 1870.

João Henrique Elliott, 1870, Acervo Cartográfico, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ref. Cart. 11906.



Mapa 12. Planta dos Campos de Xerés da Vacaria desde o Rio Paraná até a Vila de Miranda, mostrando por onde deve seguir a projetada estrada da Província do Paraná para a de Mato Grosso, com as fazendas mais notáveis que existiam antes da invasão paraguaia.

João Henrique Elliott, 1871, Mapoteca, Itamaraty, Rio de Janeiro, Ref. M18/G.2/Inv. 139.

ÍNDICE REMISSIVO

- Água Limpa (barra) 80, 81, 84
Água Parada (córrego) 83
Aguapeí (rio) 38
Agudos (serra dos) 142, 143
Albuquerque 150, 151, 152, 155, 156, 277, 291
Alcino (cunhado do narrador J. F. Lopes) 60, 62
Aldeia Normal de Miranda 152
Aldeia Velha 65, 67
Alegre (Ribeiro) 64
Alonzo (rio) 104, 133, 136
Amambahy-Guassú (rio) 165, 166
Amambai (rio [Samambai-Guaçu]) 225, 227, 229, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 246, 248, 249, 250, 264, 267, 292, 310, 315, 316, 337, 339, 341, 343
Amambai (serra do) 30, 246
Amambai-Guaçu (rio) 232, 267
Amparo (campos do) 102, 104, 121, 135
Angola (capim) 104
Anhanduí (águas do) 149, 233
Anhuac (rio) 154, 155, 167, 169, 173, 266
Anhumas (Ilha das) 252
Anieima (guerreiro indígena [personagem]) 214, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224
Antas (ilha das) 82, 231, 251, 252, 259, 269
Antonina (Porto de) 283, 287, 328, 330, 331
Antônio (índio que desertou da expedição pelo rio Amambai) 267
Antônio (índio que desertou de uma viagem a Cuiabá) 75
Antônio (marido da Catarina) 75
Antonio Américo Pereira da Silva (Cap) 22, 238
Antônio Barbosa da Soledade 60, 73, 150, 165, 261, 293
Antônio Bruno Gonçalves (soldado) 75
Antônio Cardoso 88
Antônio Cardoso (ribeirão de) 87
Antonio Dias Lemos (Sr. furriel) 169, 172
Antônio Ferreira de Sousa 87
Antonio Filipe 161, 169
Antônio Francisco Lopes (pai do narrador) 80, 84, 85, 90
Antonio Gonçalves Barbosa (fazendeiro) 149, 151, 153, 165, 166
Antônio Grande (piloto da prancha) 260
Antônio José Couto (capitão) 90, 91
Antônio José da Silva (capitão) 77, 78
Antônio Pereira Borges 52
Antonio Pereira Borges (alféres) 19, 52, 99, 102
Antonio Vieira (cunhado do narrador J. F. Lopes) 62, 82, 84
Apa (rio) 150, 151, 156, 166, 246, 279, 280, 281, 287, 288, 291, 294, 324
Apapocúva 11, 27, 28, 29, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47
Apertados (corredeira dos) 231, 232, 251
Apitiga (Serra de [ou Margarida Quei]) 324
Apolinário Duro 75
Aporé (rio) 57, 62
Apucarana (ribeirão) 142
Apucarana (serra) 141, 142, 143, 291, 317, 323
Aquidauana (rio) 70, 72, 73, 74, 75, 151, 154, 233, 248
Arapunigá 58
Araraqua-mirim 87
Araras (ilha das) 146, 258, 303
Araribá 34, 38, 41
Arcanjos (antiga redução jesuítico-guarani) 107
Aregua (líder indígena) 184, 185, 187
Aregua (personagem indígena) 186
Areia Branca (ribeirão) 236
Argentina (confederação) 277, 281, 202, 337, 338, 341, 347
Argollo (major) 295
Aricó (filha de Nonoai) 182, 183, 187, 188, 189, 190, 191, 192
Ariranha (ribeiro) 62
Arraias (ribeiro) 66
Assunção 13, 31, 156, 213, 279, 282
Atibaia 85
Atlas do Império do Brazil 21
Aurélio da Costa Portella 135
Azeite (morro do) 75
Balbina Alexandrina da Silva Machado 52, 86
Bananal (rio) 77
Bananal (nome do lugar onde ficava Vila Rica) 77, 108
Bananeiras (salto das) 284
Baptista Prestes (negociante) 200
Baracá (rio [Maracá]) 236, 238, 239, 249, 250
Barão de Antonina (João da Silva Machado) 196, 199, 200, 205, 207, 227, 228, 231, 233, 246, 266, 268, 275, 290, 292, 299, 307, 308, 309, 328, 329, 330, 331, 335
Barão de Monte Alegre 101, 102
Barbosa (porto do) 169, 233
Barbosa (tenente) 73, 80, 150, 165, 171
Bariguy (rio) 22, 277
Barra Grande (rio) 136

Barra Mansa (altos da) 87, 89, 95
 Barreiro (fazenda) 62
 Barreiro (ribeirão do) 65, 66
 Baunilhas (Ilha das) 252
 Bebedor (vertente [córrego]) 82, 241
 Bela Vista (forte paraguaio) 16, 246
 Belém de Guarapuava (freguesia) 106
 Belo (rio) 134, 136
 Benedito de Almeida Torres (Estância da Cachoeira de) 266
 Bento Dias 87, 89
 Beraldo 57
 Bernardo José Pinto Gavião Peixoto 52, 85, 86
 Bexiga (estalagem do; estadia) 86, 92
 Boa Esperança (serra da) 87
 Boa Vista (córrego) 83
 Boa Vista (fazenda) 165
 Bocaina (cachoeira da) 122
 Bogas (rio [Iguateraí-mirim]) 245, 246, 248
 Bolívia 30, 31, 139, 152, 281, 291
 Bom (rio, ribeirão) 104, 133, 136
 Bom Sucesso (rio) 136
 Botocudos (indígenas) 132, 136, 185, 294, 303
 Botuquara (campos de) 279
 Branco (rio) 154
 Brilhante (rio) 153, 154, 155, 159, 160, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 233, 280, 287, 288, 291, 292
 Cabo Fagundes 65
 Cachimbo da Nação (vertentes) 83
 Cachoeira (arroio da) 268
 Cachoeira (rio) 122, 169, 170, 173, 266, 268
 Cachoeira Grande 104, 105
 Cadete Jerônimo 65
 Cadiáu (índios Guaycurú [Kadiweu]) 151
 Caetano da Messina (Frei) 299
 Caiapós 58, 59, 61
 Caijurú (paragem) 61
 Caingangues (índios também conhecidos como Coroados) 303
 Calafetar (ilha do) 239, 249
 Camapuã (localidade [varadouro]) 54, 61, 65, 67, 70, 71, 73, 74, 91, 155, 289
 Camboí (fazenda de) 87, 90, 94
 Camorim (geurreiro indígena [personagem]) 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224
 Campina (ribeirão da) 134, 135, 136
 Campinas Belas 135
 Campo das Laranjeiras 106
 Campo Grande 73, 228, 235
 Campo Grande do Tarumã 74
 Campo Largo (vila de) 279, 287
 Campos de Paiqueré 19, 119
 Campos Gerais de Curitiba 99, 106
 Cananéia (varadouro de) 303
 Candelária (antiga redução jesuítico-guarani) 105, 108
 Cândido Mendes de Almeida 21
 Canga (córrego da) 82
 Cangaçu (cacique) 242, 243
 Cangaçu (ribeirão) 243
 Caocochee (jovem indígena) 175, 182, 183, 187, 188, 189, 190, 191, 192
 Capados (serrinha dos) 278
 Capim Branco 73
 Capivara (cachoeirinha da) 146, 147, 270
 Capivaras (baía das) 232, 259
 Capivari (boca chamada) 75
 Caracará (morro do) 77
 Caracol (cabeceira) 83
 Carajá (índio) 259
 Carambei 287
 Caramujo (firme) 75
 Carandú (monchão) 76
 Carapé (chefe Cayuá) 251
 Carmo (governo da Província do Paraná [Dr.]) 293
 Carvalho (trilha do) 65
 Cascalho (ribeiro) 61
 Cassiano José Martins (Capitão) 257, 258
 Cassiano Martins (capitão) 295
 Castela (dois morros de nome) 76
 Castro (vila, cidade) 102, 143, 144, 154, 177, 278, 279, 287, 292, 303, 305, 334, 344
 Catarina (mulher do Andonio) 75
 Caveiras (morro das) 77
 Caxambú 144, 145
 Cerne (corredeira) 229, 258, 259
 Chaco 31, 151
 Chacrey (rio) 185
 Chaneca (baía) 77
 Chanés (indígenas) 152
 Chapecó (rio) 180, 189, 190, 191, 299
 Chapecó Arengre (rio) 189
 Chavantes (Índios) 21
 Chipre (alusão comparativa à) 152
 Chiquitos 139, 152
 Chocrens (índios) 303
 Chocres (indígenas [provavelmente Xoclen]) 187
 Chopim (rio) 180, 184, 191, 281
 Cinza (fazenda da) 135
 Cinza (rio da) 121, 124, 135, 144, 278, 303
 Cipriano (crioulo) 76
 Claro (ribeirão) 240, 248
 Claro (rio) 135, 238, 241, 249, 303
 Climclim (líder indígena) 184
 Coati (chefe indígena [capitão]) 245

Cobre (rio do) 106
 Comissário Geral das Missões da Ordem 30
 Companhia Social 19, 102, 106
 Comprida (ilha) 98
 Conceição (antiga redução jesuítico-guarani) 107
 Conceição (morro da) 76
 Condá (tribo de) 180
 Congonhas (arroio das) 258
 Congonhas (corredeira) 258
 Congonhas (localidade) 140, 144, 145, 146, 154, 161, 173, 279, 291, 303, 335
 Convés (ribeirão do) 136
 Coré (personagem indígena) 188, 189, 190, 191
 Coroa do Frade (serra do Diabo) 280
 Coroados (entônimo genérico de grupos indígenas do tronco Macro Jê) 107, 130, 136, 164, 199, 203, 233, 259, 261, 270, 280, 291, 303, 308, 311
 Coroados (porto dos) 252
 Corrente (curso-d'água) 63, 64, 79
 Corrientes (província argentina de) 22, 156, 182, 279, 281, 282, 289, 328, 329
 Corumbá de Albuquerque (povoação de) 76
 Corumbataí 86, 89, 94, 104
 Couros (rio dos) 85
 Coxim 70, 72, 73, 155
 Coxipó-Mirim (rio) 78
 Cristal (cachoeira do) 123
 Cubatão (mata do) 85
 Cuiabá 13, 16, 22, 52, 54, 55, 61, 62, 64, 75, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 97, 104, 127, 136, 141, 143, 147, 154, 155, 156, 157, 167, 171, 280, 289, 330, 331
 Cuiabá (rio do) 77, 78, 289
 Cuiabá-Mirim (braço) 78
 Curau (salto) 78
 Curitiba (vila, cidade) 18, 22, 99, 101, 102, 106, 119, 121, 141, 142, 143, 164, 171, 177, 179, 199, 276, 277, 278, 279, 292, 299, 328
 Curram-burg (campos de Palmas) 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190
 Curt Nimuendaju 21, 37
 Curuguaty (povoação paraguaia) 159, 166, 245
 Curumbá (rio Paranaíba denominado Curumbá pelos goianos) 76
 Curumbataí (rio) 86, 89, 94
 Curutuba (braço) 77
 Daboco 71, 72
 Diabo (Serra do) 126, 230, 231, 232, 259, 269, 278, 279, 280, 283, 284, 285, 287, 288
 Divisa (ribeirão) 277
 Domingos Ferreira 87
 Domingos Rodrigues 57
 Dorins (Índios) 21, 130, 136
 Dourados (guarnição) 255
 Dourados (povoação dos [à margens do Rio Paraguai]) 277, 289, 233, 242, 279, 280, 281
 Dourados (rio) 88, 95, 154, 155, 166, 170, 173, 227, 233, 238, 239, 253, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 264, 265, 266, 267, 271, 280, 287, 293, 294, 319
 Dr. Carmo 293
 Dr. Rebouças 277
 Duarte da Ponte Ribeiro 21, 195, 227
 Duarte da Ponte Ribeiro (conselheiro) 227
 Duas Barras (riacho) 61
 Egipapajú (cacique) 203
 Ehrenreich 37, 41
 Eleonora (dona) 84
 Eleutério Nunes 54, 61
 Embiara (personagem [chefe indígena] 213, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223
 Enimas (indíós do Gran Chaco) 151
 Enimás (Índios) 21
 Erê (campo) 281
 Ernesto Young 36
 Escopil (rio) 165, 166, 168, 227, 233, 241, 242, 247, 248, 292, 337, 339, 341
 Escopil (rio [Ijaí]) 238, 241, 248, 249
 Espera (riacho) 58
 Esperança (rio) e 87, 104, 136, 227, 278
 Espinha (porto da) 289
 Fangré (personagem indígena) 186
 Farinha Podre 54, 57
 Fartura (ribeirão da) 87, 88, 89, 90, 141
 Fecho dos Morros (guarnição) 279, 280
 Feio (rio) 38
 Feliciano Peres de Miranda (alfes Sr. de engenho) 78
 Felipe (capitão, indígena) 244, 247
 Felisberto Prates 295
 Ferreira (sítio do) 95, 96
 Ferro (corredeira do) 284, 285, 286
 Figueira (lugar) 299
 Filadélfia 15, 21, 200
 Fleury (presidente) 293
 Folha (paragem) 76
 Foqui (personagem indígena) 186
 Formigueiro (braço do rio Taquari) 76
 Forquilha (fazenda da) 150, 165, 167, 173
 Fortaleza (fazenda da) 135, 143, 154, 173
 Fortaleza (ribeirão) 277
 Francisco Alves de Lima 80
 Francisco Alves de Lima (soldado, camarada) 84, 85, 88
 Francisco Bueno da Silva (tenente, major) 150
 Francisco Correia Mateus (soldado) 80, 80
 Francisco Correia Mateus (soldado, camarada) 84
 Francisco de Almeida (piloto) 75
 Francisco dos Santos 87

Francisco Escravo Sapateiro (escravizado) 58
 Francisco Fernandes 77
 Francisco Goiano 58
 Francisco Gonçalves Barbosa (fazendeiro) 149, 153, 154, 161, 162, 163, 165
 Francisco José de Lacerda e Almeida 107, 139, 155
 Francisco Liberato de Matos (Presidente da Província do Paraná) 257
 Frei Caetano de Messina 20
 Frei Timóteo 18, 20, 22, 257, 259, 292, 299, 307, 337
 Fugidos (córrego dos) 87, 90
 Fundo (córrego) 66, 82
 Furado (ressaca do) 261
 Furnas (da fazenda da Taquara) 278
 Fornos (faxinais dos) 292
 Gabriel Francisco Lopes (irmão do narrador J. F. Lopes) 62, 149, 150, 165
 Gamela 75
 Garcia (sertão dos) 55
 Geraldo (camarada) 81, 82, 84
 Gertrudes Maria de São José de [ilegível] (Sra. Dona) 92
 Goethe 108
 Gonçalves-Alves (árvore) 124
 Gonhandava (campos de) 87, 89, 90, 93, 94
 Goyoen (rio [Uruguai]) 180, 182, 183, 188, 189, 191
 Goyoen-chi (rio) 184
 Graciosa (estrada da) 279
 Grande das Sete Quedas (ilha) 238, 250
 Grécia (alusão comparativa à) 152
 Guachins (índios) 152
 Guaianazes (índios) 303
 Guaicurus, guaycurú, Uaicurus (Índios) 21, 31, 33, 35, 36, 41, 42, 70, 150, 151, 152, 199, 203, 211, 214, 217, 218, 220, 221, 280
 Guairá 13, 19, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 125, 126, 199, 205
 Gualaches e Guanás (Guayanás, por outro nome) 107
 Guanás (aldeamento dos) 152
 Guanás (baía dos) 152, 291
 Guanáz 70
 Guarahy (rio) 264
 Guarani 45, 46, 47, 111, 195, 196, 197, 303
 Guarapuava (vila) 102, 104, 106, 116, 136, 142, 149, 185, 200, 197, 281, 282, 303
 Guarda Nacional 163
 Guatinim (rio [provavelmente o Iguatemi]) 213
 Guató 54, 314
 Guaxi (índios) 70
 Guaxihi (rio [Mbotethehu, Mondego, Miranda]) 166
 Guayanás (país dos) 107
 Guerrerão (personagem indígena) 188, 189, 191
 Guyraverá (cacique do tempo das reduções) 108
 Haicofê (indígena) 184
 Henrique José Pires 295
 Hermógenes Carneiro Lobo Ferreira (Capitão) 180
 Iapó (rio) 135, 277
 Ibyterimbetá (região no antigo Guairá) 107
 Idália (divindade grega alusão comparativa) 152
 Iguazu 22, 35, 106, 180, 199, 238, 279, 281, 282, 284, 293, 303
 Iguazuhy (Capitão, indígena) 267, 315
 Iguajú (filho do cacique Libâneo) 162, 200
 Iguape (cidade de) 36, 37, 303
 Iguaré (rio) 250, 310
 Iguary (rio [Ivinheima ou Ygurey]) 199
 Iguatemi (forte de) 108, 246
 Iguatemi (rio) 41, 159, 164, 165, 166, 168, 199, 201, 206, 225, 227, 228, 229, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 255, 264, 280, 292, 320, 337, 339, 341, 343
 Ilha Verde 122
 Imbaracahy (cacique) 203, 204, 206
 Imbiara (cacique) 203, 213
 Imbirapapá (cacique Cayuá) 203
 Inácio de Vasconcelos Cunha Caldeira 82
 Inácio Furtado 57
 Indaiá-Grande 63
 Indaiazinho (curso-d'água) 62
 Índio Victorino (campina) 106
 Índios Fugitivos (ilha dos) 146
 Inferno Grande (ribeirão) 95
 Inhandarocai (erval) 245
 Inhanduracai (matas do) 163, 201
 Inhohô (campina do) 143, 144, 145, 146
 Inimas (índios) 78
 Iohó (rio) 291
 Ipajmas 70
 Ipegue 70, 71, 152
 Iputá (regato) 232, 250
 Iputá (rio) 243, 245, 248
 Iragui (rio [Ivinheima]) 233
 Itapetininga 33, 36, 37, 114, 161, 199, 232
 Itapeva da Faxina 17, 111, 161
 Itapicaba (ribeirão do) 239
 Itapó (estreito no rio Iguatemi) 240
 Itaporanga 34, 38, 121
 Itapuá 36, 105, 108
 Itapura 94
 Itaqui (rio) 277
 Itararé (rio) 34, 41, 117, 119, 121, 122, 123, 127, 135, 136, 139, 199, 303
 Itararé-mirim (ribeirão) 122
 Itiquira (rio) 79, 289
 Itu 87, 91

Itu-Guaçu (salto no rio Amambai) 237, 238, 315, 316
 Ituperapó (cachoeiras no rio Amambai) 237, 239
 Ivaí (rio) 102, 104, 105, 107, 108, 117, 119, 121, 127, 128, 131, 134, 135, 136, 139, 142, 147, 153, 172, 199, 200, 233, 275, 277, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 290, 291, 303, 311, 329
 Ivinheima (rio) 15, 147, 149, 150, 153, 154, 162, 164, 166, 168, 169, 170, 172, 173, 199, 200, 201, 205, 225, 227, 232, 233, 237, 238, 246, 248, 249, 250, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 268, 268, 278, 280, 281, 283, 284, 288, 291, 292, 293, 295, 310, 339, 343
 Jacaré Grande (rio [Jacareguaçu]) 87, 89, 93, 94, 95
 Jacinto (compadre do narrador J. F. Lopes) 60
 Jacinto Antônio Moreira 74
 Jaguarecatú (rio) 122, 136
 Jaguariaçú 85
 Jaguariaíva (localidade) 122, 279
 Jaguariaíva (rio) 136
 Januário Garcia 60, 64, 82
 Jataí (colônia militar) 35, 140, 195, 200, 201, 202, 213, 227, 258, 277, 278, 279, 286, 287, 292, 299, 303, 334, 343
 Jatibás (ilhas dos) 147
 Jaurizinho (rio) 289
 Jauru 65, 66, 80, 283
 Jesus e Maria (antiga redução jesuítico guarani) 108
 João (guarani chamado das proximidades de Itapetininga) 37
 João (irmão do narrador J. F. Lopes) 58
 João da Silva Machado (Barão de Antonina) 15, 19, 33, 83, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 119, 121, 199
 João de Brito 86, 88
 João de Faria Velho 71, 74, 289
 João Felix da Silva 143
 João Francisco (capitão) 86
 João Henrique Elliott 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 28, 29, 35, 36, 41, 53, 106, 117, 119, 122, 123, 126, 137, 139, 140, 141, 142, 147, 151, 152, 154, 159, 163, 175, 177, 178, 179, 193, 195, 202, 205, 211, 225, 228, 231, 237, 243, 259, 267, 279, 299, 301, 302, 303, 305, 307, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 328, 329, 330, 331, 333, 334, 335, 337, 339, 341, 343
 João José Gomes (capitão comandante de Miranda) 71, 74, 75, 79, 150, 151, 152, 165, 167, 169, 289, 292
 João Luiz Cavalheiro 295
 João Rodrigues Lima 60, 88
 Joaquim 65, 71, 75, 88, 259
 Joaquim do Carmo 87, 89
 Joaquim Francisco Lopes 14, 15, 17, 22, 29, 35, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 59, 62, 79, 86, 92, 93, 96, 119, 121, 122, 123, 135, 137, 139, 141, 149, 150, 157, 159, 160, 165, 178, 201, 225, 227, 228, 229, 253, 255, 256, 257, 262, 263, 264, 268, 271, 273, 275, 276, 277, 294, 295, 330
 Joaquim José Luiz de Sousa (Coronel, presidente da província de S. Paulo) 115
 Joaquim José Pedroso 60
 Joaquim Leite (Sr. alferes) 86, 90
 Joaquim Pinheiro (faxinais de) 292
 José (índio caiapó, ladino) 59
 José (irmão do narrador J. F. Lopes) 58, 60, 61, 81, 84
 José Antônio Pimenta Bueno 54, 55, 75, 78, 79, 80
 José Caetano Metelcor 90
 José Clemente Pereira 101
 José da Silva Leme (cabo) 75, 79
 José de Arruda 263
 José de Campos Negreiros (piloto) 89
 José Francisco Honório Avacaujú 38
 José Furtado 86, 88
 José Garcia Leal 53, 54, 55, 57, 58, 64, 80, 84, 90, 91, 97
 José Gonçalves (camarada) 58, 65, 79
 José Joaquim 88
 José Joaquim de Santa Ana (prefeito de Franca?) 85
 José Joaquim Machado de Oliveira (diretor-geral dos índios da Prov de São Paulo) 34, 41, 111, 193, 195
 José Leocádio de Carvalho 74
 José Maria da Silva Paranhos (ministro das relações exteriores do Império do BR) 227
 José Maria de Macerata (Frei) 152
 José Maria de Miranda 161, 162, 165
 José Marins Loureiro 295
 José Martins Rodrigues 85, 89
 José Muniz de Carvalho 79
 José Pedro Garcia 55, 79, 96
 Kadivéu (Cadiveu) 20
 Kágados (Porto dos) 280, 287
 Kaingang 16, 20, 106, 180
 Kaiowá (Caiuás, Cayuaz) 11, 12, 16, 20, 30, 160, 195, 196, 197, 238, 267
 Ladário (morro do) 76
 Lagoa (riacho) 21, 67, 68, 69, 153, 267
 Lajes (Córrego) 82
 Lambari (córrego) 90
 Lapa (vila) 19, 279
 Laranjeira (arroio) 267
 Laranjeiras (cachoeira das) 147, 161, 229, 230, 252, 259, 270
 Layanás (indígenas) 152, 169
 Lesiário (capitão) 85, 86
 Libânio (cacique Caiuá) 35, 159, 162, 163, 170, 172, 200, 201, 229, 231, 235, 242, 247, 260, 264, 292
 Liguajurú (nome indígena do cacique Libânio) 201
 Loreto (antiga redução jesuítico-guarani) 106, 107, 108, 126, 147, 159, 162, 205, 229, 230, 259, 269, 303, 309

Lourenço (escravizado) 59
 Luís (chefe indígena [capitão]) 245
 Luís José Monteiro (capitão engenheiro) 92, 96
 Luís Pedreira do Couto Ferraz (conselheiro) 227
 Luiz de Cimitile (Frei) 308
 Luiz Pereira de Campos Vergueiro (integrante da expedição, próximo ao Barão de Antonina) 52, 53, 86, 121, 161
 Luy (Capitão indígena) 264, 267
 Macacos (lugar) 260, 303
 Macucos 66
 Major Eustaque 57
 Manal (aldeia do capitão) 121
 Manço (Sr.) 85
 Manoel Antonio de Flores 166
 Manoel Ferreira Lagos (secretário do IHGB) 140, 159
 Manoel Inácio do Canto e Silva 141
 Manoel Valentim Carvalho (morador e negociante na colônia militar do Jataí) 257
 Manuel (irmão do narrador J. F. Lopes) 58, 60
 Manuel Bernardes 57
 Manuel de Almeida 87
 Manuel João de Oliveira (soldado) 75
 Manuel José Hornelas 87, 88, 89
 Manuel Pereira 57, 65
 Manuel Pião (camarada) 58
 Manuel Roiz 88
 Maracajú (serra de) 31, 150, 151, 153, 156, 164, 166, 167, 168, 169, 201, 245, 248, 292
 Maracaju (Serra do) 168, 233, 280, 289
 Maria Rosa do Rosário ([Dona] esposa do cacique Libânio) 163
 Mariano de Bagnaia (Frei) 153
 Marimondo (salto do) 57
 Mário Monteiro de Almeida 21, 57, 165
 Martin del Barco [Centenera] (Clérigo, poeta épico) 107, 108
 Mata (estrada da) 279, 294
 Mata (freguesia da) 15, 289
 Matamata (ribeiro) 73, 74
 Mateus (camarada) 84
 Matias (capitão [cacique]) 240
 Matias (Sr.) 87
 Mato Grosso do Sul (atual estado da federação do Brasil) 11, 12, 13, 14, 16, 22, 30, 32, 57, 61, 62, 166, 200, 227, 228, 235, 255
 Mbotethehu (rio [Mondego]) 166
 Meia Lua (ilha da) 147, 231, 232, 250, 260, 269, 318
 Meio (Cachoeira do) 86
 Meio (ribeirão) 80
 Mel (ilha do) 232, 260
 Melança (Ilha) 252
 Melgaço (morro do) 78
 Mergueira Pantanal (o morro da) 76
 Minas Geraes (província de [Minas Gerais]) 17, 49, 51, 54, 55, 57, 58, 75, 94, 97, 114, 283, 289
 Miranda (Rio) 166, 167, 233, 289, 291, 293
 Mirandeiros (índios) 168
 Mirim (chefe Cayuá) 35, 238, 251, 266
 Mirim (córrego) 82
 Mirim-Urú (irmão do capitão Antônio Urú) 264, 265
 Mium (OBS: Na região de Piracicaba tem um córrego chamado Guamium) 86
 Mogi Mirim (vila) 85
 Mondego (rio) 150, 151, 154, 155, 166, 167, 173, 233, 280, 283, 288, 291
 Mônica (lagoa) 153
 Monte Alegre (córrego) 57
 Monte Alegre (fazenda de) 54, 59, 141, 143
 Monte Alto 54, 55, 57, 58, 59, 84
 Montes Agudos 145, 199
 Montes Monstruosos 66
 Morraria Forte 70
 Morro Azul (ribeirão) 277, 279, 287
 Morro Redondo do Pontal (Fazenda) 85
 Muny (Capitão indígena) 264
 Mutum-í (rio) 239, 250
 N. S. de Loreto de Pirapó (aldeamento de Índios Caiuás e Guaranis) 126, 205, 229, 230, 303, 309
 N. S. dos Prazeres do Iguatemi (forte abandonado) 246
 Naboco Niogo 70
 Narahi (rio) 232, 234
 Navarros (Dr.) 89
 Naxadaxe 70
 Negrinho (rio) 70, 151
 Negro (rio) 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 107, 151, 155, 179
 Nicafim (indígena) 184
 Nicolau Pereira de Campos Vergueiro 53, 86
 Nioaque (localidade) 16, 280, 283, 289, 291, 292, 293
 Nogueira (Presidente da Província do Paraná [Dr.]) 293, 339
 Nonoai (cacique) 182, 183, 184
 Nossa Senhora do Bom Conselho (aldeamento de) 152
 Nossa Senhora do Loreto (colônia indígena) 159
 Nossa Senhora do Remédio (Capela) 135
 Ofrásio Joaquim Inocêncio 86
 Oguauíva 27, 38, 39, 41
 Oguh Reinrev 21
 Onça (córrego da) 83
 Pacca (capitão) 295
 Pacutí (rio [Parapanema]) 232
 Pai-Burgs (liderança indígena) 185
 Paí-Cufá (comandante) 184, 185, 188, 191

Paí-Guaçu (cacique) 35, 234
 Paí-Guaçu (Capitão indígena) 36, 37, 112, 203, 207, 264, 266, 267
 Paí-Mirim (cacique) 235
 Paiquerê (rio) 106, 184
 Palmas (vila) 182
 Palmeira (vila da) 279, 281, 282, 303
 Pântano (Cabeceiras) 57
 Papagaios Novos 279
 Paraguai (Rio) 15, 30, 31, 34, 75, 76, 77, 78, 151, 152, 155, 156, 159, 166, 167, 168, 169, 233, 248, 255, 280, 281, 283, 289, 291, 313, 314
 Paraguai-mirim 76
 Paraná 13, 19, 22, 27, 101, 162, 166, 167, 182, 211, 279, 328, 333
 Paraná (Província) 15, 17, 18, 20, 22, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 41, 55, 80, 81, 88, 89, 90, 91, 96, 97, 98, 103, 105, 106, 107, 108, 119, 123, 126, 127, 141, 142, 147, 151, 231, 232, 237, 243, 257, 259, 266, 264, 267, 268, 271, 277, 279, 281, 282, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 297, 299, 301, 302, 303, 304, 305, 310, 311, 317, 318, 319, 321, 322, 326, 328, 333, 327, 339, 341, 343, 344, 345
 Paraná (rio) 15, 30, 31, 36, 41, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 73, 78, 79, 81, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 117, 123, 124, 135, 136, 139, 141, 143, 147, 148, 153, 154, 155, 159, 160, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 185, 199, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 213, 229, 231, 232, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 248, 250, 260, 264, 269, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 329, 337, 339, 341, 343, 345
 Paranaíba (rio) 55, 57, 58, 60, 62, 84, 90, 94, 95, 96, 97, 148, 289
 Parapanema (rio) 15, 33, 34, 37, 41, 53, 105, 106, 107, 108, 117, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 135, 139, 143, 144, 146, 147, 154, 161, 162, 172, 173, 179, 199, 201, 202, 204, 205, 206, 228, 230, 231, 250
 Pardo (rio) 61, 73, 85, 91, 96, 147, 155, 233, 250, 303
 Passa Cinco (rio) 287
 Pássaros (ilha dos) 146, 303
 Passo dos Guaicurus 242, 248
 Passo Ruim (lugar) 294
 Patos (ribeirão dos) 74, 289
 Patos (rio dos [rio Ivaí]) 136
 Patrício (fazenda do Sr.) 81, 84
 Patrício José Ribeiro (administrador da colônia indígena de N.S. do Loreto) 259, 269
 Paulino (fazenda dos irmãos) 33, 36
 Paulo Rodrigo Soares 162, 165
 Pé de Areia (córrego) 240
 Pederneiras (ribeirão) 141
 Pedra Branca de Amolar (morro) 77
 Pedregulho (lugar) 261
 Pedro (Capitão indígena) 267
 Pedro (contra-piloto) 75
 Pedro de Siqueira Cortes 180, 181
 Pedro Ivo (indígena [capitão]) 35, 247
 Peixe (rio do) 37, 38, 62, 63, 108, 136
 Pelotas (rio) 303
 Periquitos (morro dos) 76
 Perituva 17, 34, 106, 108, 111, 115, 121, 122, 135, 136, 140, 143, 144, 145, 154, 156, 159, 168, 199, 202
 Perón (cacique [capitão]) 241, 242, 247
 Pihuna (porto) 291
 Pindaivá (fazenda) 79
 Pipiriguassu (rio) 281
 Pipiry (rio) 282, 282
 Piquiri (estrada na prov. de Mato Grosso) 55
 Piquiri (fazenda, na prov. de Mato Grosso) 79
 Piquiri (quartel do prov. de Mato Grosso) 65, 79, 80, 289
 Piquiri (rio, na prov. Do Paraná) 64, 79, 105, 106, 107, 108, 205, 289
 Piracicaba (Vila de) 55, 79, 93, 94, 95, 96
 Piráí (rio) 277
 Piraim (boca) 78
 Pirainha 71
 Piraísinho (rio) 277
 Pirajuí (rio) 239, 250
 Pirapó (rio) 108, 121, 126, 127, 135, 147, 162, 201, 202, 204, 205, 230, 231, 232, 251, 259, 270, 278, 291, 303
 Pirizal 70
 Pitanga (engenheiro) 296
 Pitanguí (rio) 277, 287
 Pitos (córrego) 67
 Poção (vertente) 82
 Ponta Grossa (cidade) 99, 102, 104, 121, 279, 284, 285
 Ponte Alta (córrego) 82
 Ponte Alta (rio) 136
 Porcos (povoado) 89, 279, 287
 Porcos (ribeirão dos) 87
 Porquinho (braço) 76
 Porto do Bom Encontro 104, 105
 Porto Feliz 61, 76, 141, 147, 155, 156
 Possauna (rio [Passaúna]) 277
 Potan (regato do) 291
 Potreiro (vertente) 83
 Pouso Alto (córrego) 83
 Prapotangas [sic.] (ribeiro). Deve ser corruptela de Piraputangas 65
 Príncipe (Vila Nova do [Lapa]) 19, 279
 Pupo (povoado) 279
 Queiróz (Sr.) 85
 Quinquinaos (indígenas) 152
 Rabicho (morro) 76
 Ramos (capitão) 243

Raposa (ilha da) 231, 251
 Rebojo (lugar de redemoinhos no Tibagi) 162, 230, 252
 Rebojo da Onça 75
 Revolta Liberal 15
 Ribeira (rio) 278, 303
 Ribeirão-Fundo (córrego) 129, 136
 Ribeirinha (serra da) 136
 Ricardo (Sr.) 87
 Rio da Prata 15, 19, 34, 103, 107, 108, 182, 281
 Rio Grande (rio [formador do Paraná]) 98, 289
 Rio Grande do Sul (província de) 75, 279, 281, 282, 303
 Rio Negro (vila do) 279
 Ripiry (rio) 303
 Rochinha (comandante de uma expedição) 104
 Romão (casa do Sr.) 87
 Romão (indígena, prático da expedição de Lopes ao rio Dourados) 264, 267
 Romualdo (irmão do narrador J. F. Lopes) 60
 Rondinha (rio) 277
 Rua da Praia (Santos) 86
 Rua do Ouvidor 85
 Saloba (riacho) 74, 75, 291
 Salto (no rio Verde) 121, 122, 303, 323
 Sambixuga (ribeirão) 72, 73, 74
 Sangue de Drago (árvore) 122, 266
 Santa Ana (campos de) 57, 58, 59, 60, 62, 80
 Santa Ana do novo sul (arraial de) 84, 91, 96, 97
 Santa Bárbara (campo de [Inhohô]) 143
 Santa Bárbara (riacho de canoa) 58
 Santa Bárbara (ribeirão de) 87, 89, 144
 Santa Catarina (província de) 279, 294, 329
 Santa Cruz (córrego) 82
 Santa Maria (arroio) 267
 Santa Maria (rio) 154, 155, 156, 166, 169, 170, 173, 233, 261, 268, 280, 281
 Santa Quitéria (ribeirão) 58, 60, 81
 Santa Rita (ribeirão) 58, 127
 Santa Rosalinda (estrada de) 280
 Santana do Paranaíba 51, 53, 54, 55
 Santo Antônio (antiga redução jesuítico-guarani) 107, 108
 Santo Antônio (capela de) 78
 Santo Antônio (ribeirão) 168, 233, 281, 282
 Santo Ignácio (antiga redução jesuítico-guarani) 106, 108, 205, 268
 Santo Inácio (aldeamento de) 284
 Santo Inácio (ribeirão) 126, 278
 Santos (vila) 86
 São Bento (arroio) 261
 São Bento (distrito) 87, 89
 São Bento (rio) 149, 153, 233, 268
 São Bento de Araraquara 57
 São Carlos (forte) 156, 166
 São Francisco (barra de) 84
 São Francisco Xavier (antiga redução jesuítico-guarani) 107, 108
 São Francisco Xavier (ilhas de) 108, 146, 161
 São Jerônimo (aldeamento de Coroados) 299, 303, 308, 311, 334, 335
 São Jeronimo (campinas) 144, 145, 154
 São Jerônimo da Serra 15
 São João (rio de) 233, 246, 249, 258, 266, 268, 271
 São João Baptista (capela, localidade) 161, 199, 200
 São João Batista do Rio Verde 34, 37, 112, 159
 São João da Barra (fazenda) 150, 151, 202
 São José (antiga redução jesuítico-guarani) 107
 São José (córrego) 82, 93
 São José (forte espanhol) 150, 156, 166
 São José do Monte Alegre (varadouro e porto) 233
 São Lourenço (rio) 77, 79, 96, 155
 São Paulo 113, 114, 119, 121, 141, 155, 160, 200
 São Paulo (antiga redução jesuítico-guarani) 29
 São Paulo (província de) 111, 112, 119, 120, 140, 141, 157, 168, 172, 179, 181, 195, 199, 201, 279, 303, 323, 330, 333
 São Pedro de Alcântara (aldeamento [de Índios Caiuás e alguns Coroados]) 18, 20, 35, 140, 160, 200, 201, 202, 229, 257, 258, 259, 269, 270, 303, 307, 310, 311, 314, 341
 São Pedro nos Pinhais (antiga redução jesuítico-guarani) 107
 São Tomás (serro) 107
 Sardinha (ribeirão da) 236, 238
 Serra de Araraquara 90
 Serra do Espigão 303
 Serra dos Monos 123
 Sete Ilhas (baixios das) 146, 161, 229, 252, 258, 271
 Sete Lados (morro) 75
 Sete Quedas (cachoeira do rio Paraná) 102, 105, 108, 166, 205, 232, 239, 240, 250, 303
 Sete Voltas (Estância do Barão de Antonina) 169, 267, 278, 280, 325
 Simão Sanches 200
 Simon Sanches 21, 200
 Soldado (ilha do) 258
 Sorocaba 87
 Sucuri (furado [canal]) 76
 Sucuri (ribeirão de) 240, 241
 Sucuriú (Rio) 53, 54, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 73, 80, 91, 141, 289
 Sujo (ribeirão) 82
 Tajahí (matas do) 163, 201
 Takinau (chefe Guaycuru [personagem]) 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223
 Tañyguá 27, 37, 38, 39, 41

Tapanema (salto de) 87
 Tapechengui (arroyo) 237
 Taquari (rio da bacia do Paranapanema) 64, 76, 111, 114, 155, 199
 Taquari (rio da bacia do Rio Paraguai) 156
 Taquaruçú (córrego) 61, 73
 Taquarussú (fazenda do) 165
 Tarumã (ribeiro) 66, 67
 Tayaoba (Cacique da antiga prov. jesuítica do Guairá) 106, 107
 Tayaoba (região no antigo Guairá) 107, 108
 Tayaty (região no antigo Guairá) 107, 108
 Teodoro Moreira de Carvalho 62
 Terena 165
 Terenas (indígenas) 14, 41, 54, 152, 169, 264
 Terrequenheim (povoação paraguaia) 245
 Theodoro Staub 206, 207
 Thereza (colônia) 284, 286
 Thomáz José Muniz (Sr. Major [diretor da colônia militar do Jataí]) 257
 Tibagi 36, 105, 106, 107, 108, 121, 125, 126, 127, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 154, 161, 172, 173, 199, 200, 202, 203, 205, 229, 231, 232, 233, 252, 264, 270, 275, 277, 278, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 291, 292, 293, 294, 295, 303, 329
 Tição de Fogo 75
 Tietê (rio) 15, 40, 52, 53, 55, 58, 61, 83, 84, 86, 87, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 127, 141, 147, 155, 206
 Tigre (corredeira do) 258
 Tigres (ilha dos) 203, 251, 260, 269
 Tinto (rio) 104, 134, 136
 Torre (morro) 91
 Tratado de Amizade, Comércio e Navegação 227, 255
 Três Barras (rio) 76, 136, 150, 153
 Três Pedras (firme) 75
 Tribuna (cachoeira da) 122
 Tucunduva (fazenda de [do Barão de Antonina]) 154
 Tuiá (ilha) 231
 Tuiuiu 231, 251, 259, 269
 Uagaxi 70
 Ubahy (rio = Ivaí) 108, 136
 Uberaba 289
 Umbeva (jovem mulher Cayuá [personagem]) 215, 216, 217, 219, 222, 223, 224
 União (porto da) 279, 281, 282
 Urú (indígena [Capitão Antônio]) 35, 263, 264, 265, 266, 267, 268
 Uruguai (país) 20, 57, 105, 281
 Uruguai (rio [Goyoen]) 180, 182, 183, 282, 303, 311, 329
 Uruí (rio) 233
 Urumbeva (arroyo) 167
 Urupungá 94
 Vacaria (campos da) 147, 148, 153, 154, 200, 233, 235, 237, 238, 239, 241, 246, 247, 249, 280, 281, 287, 291, 325, 345
 Vacaria (rio da) 149, 150, 153, 154, 160, 162, 164, 165, 169, 170, 173, 233, 259, 261, 268, 280, 287, 291
 Vacas (Lagoa das) 267
 Vactong (personagens indígenas) 185, 186, 187
 Vacuriza (inverno) 83
 Val de Lírios (marquês de) 166
 Venâncio José Lisboa (Presidente da Província de São Paulo) 89
 Vênus (divindade grega alusão comparativa) 152
 Verde (ribeirão) 240
 Verde (rio em Mato Grosso) 34, 41, 53, 54, 58, 60, 73
 Verde (rio em São Paulo) 60, 61, 117, 119, 121, 122, 131, 135, 139, 141, 159, 161, 238, 290, 291
 Vergueiro (Sr. Dr.) 52, 53, 86, 122, 124, 125, 126, 127, 131, 132, 133, 135, 144, 199
 Vermelho (rio) 75, 136, 243, 278, 279, 287, 293
 Vicente (escravizado) 58, 60
 Victorino Condá (aldeamento de Coroados) 106, 303
 Vila da Constituição (Piracicaba) 86, 89, 90, 91, 95
 Vila de Araraquara 55, 79, 94, 95, 96
 Vila Franca do Imperador 58, 65
 Vila Rica (antiga cidade espanhola e ruínas de) 108, 199
 Villa Rica 107, 108, 131, 135, 150
 Viri (aldeamento de Coroados) 303
 von den Steinen 37, 41
 von Martius 32, 37, 197
 Vorá (campos de) 277, 279, 344
 Xerez (antiga cidade espanhola) 139, 147, 150, 153, 159, 166, 199, 200, 201, 233, 235, 249, 325
 Ybiticoy (região no antigo Guairá) 107
 Ybiticurú (região no antigo Guairá) 107
 Yneary (rio) 107
 Yopáta (cacique) 177, 184, 185, 187
 Yossegum (indígena) 184
 Ypega (Ipegue) 152
 Ytambaracá (região no antigo Guairá) 107

SOBRE A ORGANIZADORA E OS ORGANIZADORES



Pablo Antunha Barbosa

Graduado em Ciências Sociais e mestre e doutor em Antropologia Social. Atualmente, é professor do Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia (CFCHS/UFSB) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES/UFSB). É pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED, PPGAS-MN-UFRJ) e do Centro de Investigaciones Históricas y Antropológicas (CIHA, Bolívia) e coordenador do Centro de Documentação e Pesquisa Memórias do Sul da Bahia.



Graciela Chamorro

Nasceu no Paraguai em 1958. Vive no Brasil desde 1977. Estudou Música, Teologia e História. Doutorou-se em Teologia, 1996, na EST, São Leopoldo/RS e em Filosofia/Antropologia, em Marburgo, Alemanha, país onde também fez um pós-doutorado, em Romanística. Fez outro pós-doutorado na França, na Universidade de Paris 3. Seu terceiro pós-doutorado foi realizado na UFGD, Dourados – MS.

Em Dourados, MS, de 1983 a 1989 e de 2006 até hoje, pesquisa os povos indígenas. Entre os livros que escreveu e co-organizou estão: *Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul* (2019), *Decir el cuerpo* (2009), *Cuerpo social* (2017), *História Kaiowá* (2015), *Panamibizinho* (2017) e *Dicionário Kaiowá-Português* (2022, 2023). É professora aposentada de História Indígena da UFGD e desde 2015 preside a Associação Cultural Casulo, onde coordena ações artístico-culturais e de pesquisa, sobretudo sobre, entre e com indígenas.



Protasio Paulo Langer

É professor titular na Universidade Federal da Grande Dourados/MS, nos cursos de graduação e pós-graduação em História, onde atua nas disciplinas de História Indígena e História da América Colonial. Nos projetos de pesquisa, pautado em diálogos interdisciplinares, atua em temas relacionados às representações e aos empreendimentos catequéticos/coloniais aplicados aos povos indígenas. Na extensão, atua em projetos para a constituição de um acervo de cultura material, capaz de conferir visibilidade, reconhecimento e protagonismo aos povos indígenas de Mato Grosso do Sul.

Esse livro reedita fontes que foram, por muito tempo, esquecidas, subvalorizadas, publicadas pela metade e, em todos os casos, dificilmente acessíveis ao público hoje; no caso de alguns documentos, é uma primeira edição de fontes que até hoje permaneceram trancadas em vários arquivos brasileiros. Um grande presente, sem dúvida, não apenas para pesquisadores especializados, mas também para o povo de Mato Grosso do Sul em geral e, especialmente, para os povos indígenas dessa região. Como a história não se refere apenas aos tempos antigos, ela também nos ajuda a entender o presente e pode ter um impacto no presente – estou pensando na superação do racismo ou nos problemas territoriais que tanto afetam os povos indígenas do Mato Grosso do Sul hoje. Por sua vez, é o aguçado conhecimento antropológico dos compiladores desta obra que nos permite entender melhor as fontes antigas e apontar seus muitos pontos de interesse. A história ou a antropologia, ou melhor, as duas ao mesmo tempo, em um vaivém constante e cada vez mais rico entre os tempos que foram e os tempos que vivemos hoje: “A incompreensão do presente provém inevitavelmente da ignorância do passado. Mas talvez seja igualmente inútil tentar entender o passado se não soubermos nada sobre o presente”.

Isabelle Combès



SETESC
Secretaria de Estado
de Turismo, Esporte
e Cultura



MINISTÉRIO DA
CULTURA



CFCHS
Centro de Formação em
Ciências Humanas e Sociais



ISBN 978-65-5974-255-4

